A CERÂMICA GREGA NA FACHADA ATLÂNTICA DA PENÍNSULA IBÉRICA

DANIELA FILIPA DE FREITAS FERREIRA

DANIELA FERREIRA

Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (UP), onde se licenciou em Arqueologia, em 2010. Em 2012, obtém, pela mesma instituição, o grau de Mestre com a defesa da dissertação intitulada «Memória coletiva e formas representativas do espaço religioso». No ano letivo de 2014/2015 iniciou o seu doutoramento no programa de História e Arqueologia da Universidade Complutense de Madrid, beneficiando de uma bolsa financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Em novembro de 2019 defende, em provas públicas, a tese «A Cerâmica Grega na fachada Atlântica da Península Ibérica», aprovada com distinção e honras, por unanimidade. Integra, desde 2012, a unidade de investigação e desenvolvimento CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória", e colabora, desde 2015, com o Centro IBERIA GRAECA, sediado na Catalunha, estudando a presença grega na Península Ibérica. É autora, coautora e coeditora de vários livros, capítulos de livros, artigos em publicações científicas, posters e comunicações em conferências. Colaborou na organização de várias exposições de arqueologia e congressos nacionais e internacionais. Integrou vários projetos de investigação em Arqueologia e atualmente desempenha funções como Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AGRADECIMENTOS

O meu sincero agradecimento constitui um preito de gratidão e de homenagem sentida a todos os que me acolheram, orientaram e apoiaram, permitindo a concretização do presente estudo e a minha realização pessoal. Cumpre-me distinguir, em primeiro lugar, o contributo de todos os museus, organizações locais e demais instituições culturais que possibilitaram a observação e a análise dos materiais gregos, revelando uma imediata disponibilidade e um notável espírito de cooperação científica. A sua importância assume, no caso presente, uma valia tão significativa que, sem eles, teria sido impraticável chegar a qualquer resultado digno de menção. Deixo ainda uma sentida palavra de agradecimento pelas constantes palavras de incentivo e pelos sábios conselhos ao corpo docente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Universidade do Porto e ao centro de Investigação CITCEM. Aos colegas investigadores da Universidade do Porto e da Universidade Complutense de Madrid agradeço a partilha de experiências e conhecimentos e todas as manifestações de profunda amizade. Por último, desejo expressar o profundo reconhecimento pelo contributo dos coorientadores científicos da dissertação que forneceu as bases para a concretização da presente obra. Ao Professor Doutor Rui Morais, pelos importantes ensinamentos e princípios de integridade científica que sempre me soube transmitir desde os primeiros momentos. Ao Professor Doutor Ángel Morillo Cerdán agradeço ter acreditado neste projeto e ter contribuído com as suas preciosas sugestões para o trazer a bom porto. Deixo uma última palavra de agradecimento à Fundação para a Ciência e Tecnologia por ter possibilitado a concretização do meu projeto de doutoramento, aqui sintetizado. (Este parágrafo reproduz um excerto da obra previamente publicada: Ferreira, 2012 & 2022, p. 221).

A CERÂMICA GREGA NA FACHADA ATLÂNTICA DA PENÍNSULA IBÉRICA*

DANIELA FERREIRA

*A presente obra reproduz parcialmente a tese apresentada à Universidade Complutense de Madrid, defendida em provas públicas em novembro de 2019, para a obtenção do grau de Doutor em História e Arqueologia, com o título original «La Cerámica Griega en La Fachada Atlántica de la Península Ibérica», projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/ BD/103789/2014). Além de alguns capítulos do Volume I da tese original, optou-se pela não inclusão dos dados apresentados no Volume II. Esta obra reproduz igualmente excertos das seguintes publicações da autora, devidamente assinaladas no corpo de texto: Ferreira, 2012; Ferreira, 2019; Ferreira, 2020a; Ferreira, 2020b; Arruda, Ferreira & Sousa, 2020; e Ferreira, 2022. As estampas, figuras e descrições referentes às cerâmicas gregas procedentes de Castelo de Castro Marim foram previamente publicadas em Arruda, Ferreira & Sousa, 2020.

SUMÁRIO

O tempo passa,

uma,

outra vez,

não pára, não pode parar,

e as coisas ficam cobertas de sucessivas camadas de pó.

Pó velho, poeira venerável.

Maria Judite de Carvalho, Paisagem sem Barcos.

Apresentação

Em *A Cerâmica Grega na Fachada Atlântica da Península Ibérica* procuramos descrever e interpretar o conjunto de dados históricos e arqueológicos disponíveis para o estudo das cerâmicas gregas e das relações comerciais estabelecidas entre o Mediterrâneo Oriental e a fachada atlântica da Península Ibérica, entre os séculos VII e IV a.n.e.

É objetivo desta obra compreender as características e evolução dos intercâmbios comerciais de cerâmica grega em cada comunidade e nos vários momentos da diacronia de ocupação de cada sítio arqueológico. Procuramos igualmente compreender em que circunstâncias estes produtos são utilizados no quotidiano e em contextos funerários e/ou de natureza votiva, e de que forma foram entendidos como objetos de prestígio e consumo de ostentação. Esta análise teve em consideração os diferentes alcances das cerâmicas gregas nas distintas comunidades que, por um lado as recebem de forma mais ou menos direta e continuada, por outro as reinterpretam e assimilam em diferentes graus e de formas diversas.

No sentido de enquadrar a temática em estudo apresentamos, sumariamente, os dados historiográficos e arqueológicos conhecidos e as determinantes geográficas que condicionaram a chegada e obtenção destes produtos.

Para cumprir os objetivos acima referidos, realizamos a análise tipológica e o enquadramento contextual destes bens, através da descrição dos materiais e dos contextos arqueológicos a que se associam. Partimos do estudo individual de cada um dos sítios arqueológicos com registo de importações gregas, valorizando aspetos ligados à fisiografia destes espaços e aos vestígios da ocupação da Idade do Ferro neles identificados. O enquadramento cronológico destes materiais foi possível graças à interpretação da estratigrafia e à análise das associações entre os vasos gregos, outros bens importados de diferentes proveniências e naturezas e as produções cerâmicas de fabrico local/regional.

No que diz respeito à descrição e caracterização das cerâmicas gregas, e atendendo à diversidade de vasos identificados na fachada atlântica da Península Ibérica, estas produções são agrupadas e discriminadas segundo a sua cronologia, origem, técnica decorativa e forma.

Com esta obra foi possível documentar arqueologicamente mais de mil fragmentos de cerâmica grega, distribuídos de forma díspar por quarenta e oito sítios arqueológicos. Analisamos as transformações culturais verificadas no momento da introdução destes bens e as influências exógenas que poderão dela resultar. Estas transformações foram interpretadas à luz dos ritmos e das dinâmicas de importação da cerâmica grega, dando-se particular destaque aos diferentes alcances do comércio destes produtos em cada comunidade e região considerada. São também abordadas questões alusivas ao uso destas materialidades nos hábitos das populações, cultural e geograficamente distantes do local onde estes bens foram produzidos.

Por fim, apresentamos uma série de problemáticas tentando contextualizar criticamente os dados compilados neste estudo, dando uma visão de conjunto da complexidade das relações de intercâmbio estabelecidas nas redes de comércio de produtos orientalizantes com as comunidades sidéricas da fachada atlântica da Península Ibérica. A par desta análise abordamos as questões relacionadas com especificidades locais e/ou regionais que se traduzem em distintas preferências ou dinâmicas de importação, e o modo estas comunidades recebem e interpretam estes bens forâneos.

Palavras-Chave: Vasos Gregos, Idade do Ferro, Relações Comerciais, Aculturação, Fachada Atlântica da Península ibérica.

Introdução

Com a presente obra procuramos dar a conhecer o conjunto de dados históricos e arqueológicos relativos às relações comerciais ocorridas nos séculos VII a IV a.n.e., entre o Mediterrâneo Oriental e a fachada atlântica da Península Ibérica.

De entre as inúmeras expressões dos intercâmbios comerciais e culturais estabelecidos, abordamos especificamente aqueles que se relacionam com a aquisição de produtos cerâmicos gregos e com a interpretação e o uso dado a estes bens. Procedemos assim ao estudo tipológico e ao enquadramento contextual destas cerâmicas, através da descrição dos materiais e dos contextos arqueológicos a que se associam, tendo como objetivo contribuir para o esclarecimento de aspetos ligados à história económica, às relações comerciais e às dinâmicas de aculturação.

O estudo divide-se em três capítulos, procedendo-se no primeiro à caracterização do território e à explanação dos dados disponíveis e das investigações desenvolvidas. Os arqueossítios que registam a importação de produções gregas e os conjuntos materiais são apresentados e discutidos separadamente, ao longo do segundo e terceiro capítulos.

No capítulo 1, "A Cerâmica Grega na Fachada Atlântica da Península Ibérica: breve enquadramento", abordamos o quadro cultural e geográfico que permitiu e potenciou o desenvolvimento dos intercâmbios comerciais. Analisamos sucintamente o papel das fontes literárias clássicas na construção de uma imagem mais aproximada das comunidades que, no decorrer da Idade do Ferro, habitaram a Península Ibérica e observamos de que forma as descrições de viajantes e geógrafos antigos espelham o crescimento das relações estabelecidas entre o Mediterrâneo Oriental e este território. Para o melhor esclarecimento da natureza e características dos intercâmbios comerciais e culturais estabelecidos, analisa-se o legado arqueológico da presença grega na Península Ibérica, abordando sumariamente o contributo dos documentos epigráficos e numismáticos para a compreensão da componente técnica deste processo e da sua dimensão. De seguida, procuramos criar uma imagem mais aproximada do palco onde decorreram essas trocas, compreendendo de que forma a fisiografia do território condicionou ou determinou os diferentes alcances do comércio e da influência grega na fachada atlântica. Foi destacada a importância da implantação litoral e da localização do território na periferia das rotas comerciais mediterrâneas e foi dado particular atenção aos estudos existentes sobre a evolução da orla costeira e sobre o papel dos grandes rios na difusão dos produtos gregos a partir do litoral e para áreas mais interiores. Considerando a longa tradição de estudos de conjuntos de cerâmica grega na Península Ibérica, e as cada vez mais frequentes investigações sobre o real impacto e alcance dos produtos e influencias gregas nas comunidades autóctones, entendemos necessário apresentar uma breve resenha histórica dos trabalhos desenvolvidos por investigadores que se têm dedicado a esta temática, apresentando as principais correntes ideológicas que serviram de base à presente tese e valorizando as mais recentes tendências de investigação. Por último, são apresentados os objetivos, as metodologias e os pressupostos teóricos que fundamentaram o presente estudo.

No capítulo 2, "Territórios e Sítios Arqueológicos", procedeu-se à apresentação dos dados disponíveis relativos aos contextos de achamento de cerâmica grega, procurando assim recuperar a associação ao seu contexto histórico. São contemplados quarenta e oito sítios arqueológicos, ordenados de acordo com a área geográfica onde se localizam, segundo as regiões administrativas do NUTII (Algarve, Alentejo, Área Metropolitana de Lisboa, Centro, Sul e Galiza). A apresentação dos contextos é antecedida de uma visão global da distribuição geográfica dos achados. Para cada um dos arqueossítios são apresentados os materiais gregos identificados, dando-se especial enfoque às problemáticas da receção e uso destes produtos gregos em cada uma das comunidades sidéricas consideradas. Sempre que entendemos ser pertinente, abordamos o estudo das rotas internas de comércio, procurando o esclarecimento de questões ligadas à redistribuição destes bens entre as várias regiões. Para o território correspondente à atual Galiza, e considerando o desenvolvimento de recentes e aprofundados projetos de investigação sobre a temática em análise, é apresentada uma breve síntese dos trabalhos desenvolvidos, acompanhada da descrição dos exemplares cerâmicos gregos identificados nesta área geográfica.

No capítulo 3, “Catálogo e Estudo dos Materiais”, procedeu-se à descrição minuciosa dos exemplares cerâmicos, ordenados segundo cronologia, origem, técnica decorativa e forma. Pretendeu-se, através da sua análise, confirmar ou propor novas cronologias para a produção e uso destes bens e determinar a sua natureza e características. A descrição dos materiais é precedida da apresentação de questões terminológicas ligadas à nomenclatura dos vasos e à metodologia adotada no catálogo. De forma a facilitar a sua leitura optou-se pela ilustração dos exemplares por tipologias, apresentando-se igualmente mapas alusivos à sua redistribuição no território em análise.

Em «Considerações Finais», abordámos criticamente as relações comerciais estabelecidas e as especificidades regionais do território em estudo, abarcando distintos períodos e problemáticas, quer sob o ponto de vista quantitativo, quer qualitativo. Foram também consideradas as questões alusivas ao uso e à influência destes produtos nos hábitos de populações, cultural e geograficamente distantes do seu local de origem. Procurámos ainda abordar as circunstâncias do seu uso na vida diárias destas populações, inclusivamente nos rituais ligados à morte (como recipientes cinerários e/ou recetáculos de oferendas) e o seu significado enquanto objetos de prestígio, de difícil e reduzido acesso, e como símbolos de poder e ostentação. Estes diferentes usos e significados estão naturalmente relacionados com o modo como estas comunidades as interpretam e incorporam de acordo com as tradições culturais.

I. A CERÂMICA GREGA NA FACHADA ATLÂNTICA DA PENÍNSULA IBÉRICA: BREVE ENQUADRAMENTO

1. FONTES CLÁSSICAS GREGAS E DOCUMENTAÇÃO ARQUEOLÓGICA

O primeiro passo para o conhecimento da presença grega no Mediterrâneo coube naturalmente às fontes literárias clássicas. Ainda que escassas, feitas maioritariamente de imprecisos relatos de viagens da autoria de aventureiros gregos e latinos, que no decorrer dos seus empreendimentos prestaram testemunhos pessoais do que observaram ou conheciam, estas descrições compõem o primeiro ensaio da primitiva cartografia do Mediterrâneo. O quadro cultural e geográfico que concebem, mais do que uma imagem do objeto observado, espelha a condição e a cultura dos exploradores, apresentando-se naturalmente moldado pelo seu próprio entendimento do mundo à época conhecido. O testemunho de corógrafos e geógrafos completou a imagem das sociedades mediterrânicas feita, contudo, de narrações incompletas e tanto mais imprecisas quanto mais distante (espacial e temporalmente) se encontrava o objeto retratado.

Para o século VIII a.n.e., não se conhecem alusões à Península Ibérica, ainda que este território fosse palco de precoces contactos com navegantes e comerciantes fenícios e possivelmente gregos. As primeiras menções literárias à colonização grega no Mediterrâneo reportam-se ao período que decorre entre o último terço do século VII a.n.e. e os meados do século VI a.n.e.[1]. Coube ao poeta Estesícoro de Hímera, originário da Magna Grécia, uma das primeiras menções ao rio Tartesso e à riqueza de prata na Península Ibérica. A abastança desta região do sudoeste Peninsular é igualmente narrada por Anacreonte de Teos, que, reproduzindo as informações fornecidas por navegantes foceenses, menciona ainda a longevidade do lendário rei de Tartessos, Argantonio, sem, no entanto, referir o seu nome. Temos acesso a esta informação através do geógrafo e historiador Heródoto, que narra ainda a ligação que o mítico rei terá estabelecido com os foceenses, cedendo-lhes terras para a sua fixação neste território e auxiliando economicamente a construção das suas muralhas.

> "*Os foceenses foram os primeiros gregos a empreender a navegação de longo curso; a eles se deve a descoberta da costa adriática, da Tirrénia, Ibéria e Tartessos. Não navegavam em barcos de carga, mas em navios de cinquenta remos. Depois de chegarem a Tartessos, travaram relações de amizade com o rei local, chamado Argantónio, que aí reinou durante oitenta anos e viveu, ao todo, cento e vinte anos*"
>
> (Tradução de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, 2002, pp. 166-167).

Não obstante a natureza ficcional de algumas das descrições realizadas pelo geógrafo grego, o relato que nos chega sintomatiza a ampliação e a estabilização dos contactos entre os gregos e as populações situadas na Península Ibérica, por intermédio dos foceenses.

Apesar da sua obra datar da segunda metade do século V a.n.e., Heródoto reúne importantes dados sobre momentos mais antigos, colmatando lacunas na informação veiculada pelos autores que o precederam. Contrariamente ao que se verifica com as obras de Hecateu de Mileto ou inclusivamente Herodoro de Heracleia, que chegam até nós de forma fragmentada, as *Histórias* de Heródoto preservam-se integralmente, constituindo fonte relevante para o conhecimento da Ibéria. Conta-nos, no livro IV[2], que o primeiro contacto com este território ocorreu por iniciativa de *Colaeus* da ilha de Samos, ainda no século VII a.n.e., no decurso de uma viagem com o intuito e estabelecer relações comerciais com o Egipto. O conhecido mercador terá sido obrigado a um desvio de rota, em resultado dos intensos ventos que se fazem sentir na costa da Apúlia, conduzindo-o o acaso até ao Sul da Península Ibérica, dando desta forma início aos contactos e relações comerciais entre gregos e Iberos.

1 (Domínguez Monedero, 2012, p. 25).

2 (Heródoto, livro IV, 152).

Como sublinha Adolfo Domínguez Monedero (2012, p. 27), é possível que a fundação de *Massalia* e de *Emporion* tenham cooperado para a disseminação junto dos autores gregos, de importantes informações sobre as comunidades que habitavam a Península Ibérica. Para tal terá contribuído igualmente a participação de hostes mercenárias ibéricas nos exércitos de Cartago, na batalha de Hímera (480 a.n.e.) e nos confrontos entre os gregos da Sicília e os cartagineses (409 a.n.e.)[3].

A estas informações, juntam-se pontuais dados fornecidos por autores gregos que em torno dos séculos V e IV a.n.e., escrevem périplos, geralmente de âmbito geográfico, com escassas alusões a este território que revelam que o mesmo não suscitava particular interesse entre os falantes de grego. É o caso das referências de Pseudo-Escílax e das informações recolhidas através do relato da longa expedição de Píteas, desde a colónia grega de Massília, atual Marselha, aos mares do norte da Europa e às ilhas britânicas. Igualmente procedente de Marselha, também Eutímenes explorou a costa ocidental de África, alcançando possivelmente o Senegal, constituindo as suas descrições um importante repositório de informações de ordem geográfica, sem se debruçar, no entanto, sobre a Península Ibérica.

No decorrer do século III a.n.e., com a chegada de Amílcar Barca, esta região adquire um interesse acrescido junto dos historiadores gregos que acompanhavam os exércitos, fornecendo os seus relatos importantes dados sobre o território e as comunidades que o habitavam.

No decurso da conquista romana e num momento em que o mundo grego estaria já submetido a Roma, são vários os escritores gregos que constroem narrativas tendo como palco a Península Ibérica. Deles conservamos poucos dados, por vezes apenas o nome, estando as suas obras perdidas ou fragmentadas. Estrabão é comumente aceite como o último grande historiador e geógrafo grego que se remete a este território na sua obra monumental *Geographia*. Ainda que de base histórica contestável, no terceiro de um conjunto de 17 livros[4], tece abundantes considerações sobre este território, caracterizando do ponto de vista da geografia física e humana.

Após Estrabão, as alusões a esta região reportam-se maioritariamente a autores romanos. *Pomponius Mela*, com a obra *De Chorographia* / *De situ Orbis*, dá-nos acesso a descrições feita *in loco* de aspetos geográficos e etnográficos de determinadas áreas da Península, não obstante o seu testemunho ser desprovido de critério científico. Também a curta estadia de *Caius Plinius Secundos* na Península resultou em importantes considerações relativas à administração e geografia do território, apresentadas em *Naturalis Historia*. Conhecemos ainda relevantes dados toponímicos através da «Ora Marítima», de *Rufus Festus Avienus*, e das recolhas de relatos e textos antigos e contemporâneos de *Claudio Ptolomeu*, na sua obra *Geographiké Hyphégesis*.

O legado arqueológico grego na Península Ibérica corrobora a visão que nos é dada através das fontes literárias, confirmando a existência de um sistema comercial complexo, perfilhado por gregos, fenícios e ibéricos. Através da epigrafia temos acesso à componente técnica e burocrática deste processo, aproximando-nos dos protagonistas dos empreendimentos mercantis e complementando desta forma a visão subjetiva e genérica das fontes clássicas. As cartas comerciais são disso exemplo, demonstrando a existência de um sistema de trocas de base contratual que serviria de suporte a um estruturado comércio naval. Das que são conhecidas em território peninsular, destacamos a mais completa, procedente de Neápolis de *Emporion*, datada da segunda metade do século V a.n.e. De foro privado, faz uso de uma terminologia própria dos documentos comerciais, particularmente associados às trocas por via marítima, acordando instruções precisas entre os signatários do documento[5].

Fornecendo um leque de informações mais limitado, destacam-se igualmente as inscrições de propriedade e os grafitos comerciais, presentes em abundantes exemplares cerâmicos identificados na Península Ibérica. Também na fachada atlântica encontramos testemunhos deste tipo, destacando-se um fragmento de tigela de fabrico ático, procedente de Lisboa, onde constam vários grafitos executados por diferentes indivíduos, a generalidade correspondendo a marcas realizadas pelos comerciantes da peça, aludindo ao seu valor comercial[6]. Igualmente da bacia do Tejo é proveniente uma das duas peças identificadas em território português contendo grafitos de embarcações de navegação fluvial e oceânica[7], testemunhando uma vez mais o profundo impacto cultural da chegada de populações e produtos exógenos a este território e a importância e dimensão do comércio estabelecido por via marítima.

Os intercâmbios comerciais e os contactos culturais estabelecidos materializam-se, de igual forma, na

3 (Domínguez Monedero, op. cit, pp. 27-28).

4 No livro III, alusivo à Península Ibérica, cita diversas fontes contemporâneas e anteriores que lhe permitem colmatar a não visitação do território.

5 (De Hoz García-Bellido, 2012, pp. 92-102).

6 (Arruda & Sousa, 2019, p. 192).

7 (Batalha & Barros, 2018, p. 65).

descoberta de numismas gregos em território peninsular. Não obstante a reconhecida importância deste elemento no desenvolvimento das atividades de caracter comercial, com reflexo, desde logo, na emissão de moeda por parte das colónias gregas de *Emporion* e *Rode*[8], os numismas são raros na fachada atlântica e, de forma geral, em todo o território peninsular.

Ainda que encontremos vários testemunhos da influência monetária grega no Noroeste[9], as moedas estão, contudo, ausentes no registo arqueológico no centro e Sul do atual território português, reforçando a convicção de que a atividade comercial se fez através da permuta de produtos manufaturados, de luxo (como, por exemplo, cerâmicas, metais e vidros), com matérias-primas mineiras (prata, cobre e estanho) e agrícolas. Ainda que os objetos metálicos manufaturados com origem no Mediterrâneo Oriental sejam presença comum em diversos arqueossítios da Península Ibérica, testemunhando a influência da ourivesaria e torêutica grega nesta região[10], coube à cerâmica o papel primordial para o conhecimento das dinâmicas do intercâmbio comercial e dos contactos culturais estabelecidos. Registada em abundante quantidade e importada de forma continuada e dispersa por todo o território peninsular, retrata os meandros de quatro séculos da história comercial entre dois pontos geográficos localizados nos extremos opostos do Mediterrâneo.

2. CONDICIONANTES GEOGRÁFICAS

A fachada atlântica da Península Ibérica apresenta-se como um território cultural e geograficamente díspar. O clima, flora e fauna refletem a conciliação de influências mediterrânicas e atlânticas, as primeiras mais evidentes no Sul deste espaço, e as segundas presentes sobretudo em regiões localizadas mais a Norte. Possui uma linha de costa ampla e relativamente recortada, com baías, abrigos naturais e zonas de estuário que oferecem, de uma maneira geral, boas condições de navegabilidade e aportagem. Estes atributos naturais, por vezes potenciados pela construção de estruturas de apoio à navegação, foram determinantes para a integração deste território nas rotas comerciais marítimas, condicionando, de forma decisiva, a seleção das várias regiões que integram as redes de intercâmbio de produtos forâneos, como os vasos gregos. Regista-se, por conseguinte, uma relação direta entre a configuração da costa e o acesso e difusão de produtos, sendo a primeira um fator determinante para o estabelecimento de interpostos comerciais ou inclusivamente para a fundação e crescimento das cidades marítimas.

Esta situação foi potenciada pelo facto de, ao contrário do que se verifica no Mediterrâneo, as grandes marés do atlântico implicarem uma natural adaptação das técnicas de navegação e acostagem das embarcações, favorecendo áreas que constituíram portos naturais protegidos[11].

O acesso aos bens e a sua penetração para regiões mais interiores ocorreu, de igual forma, maioritariamente com recurso às vias fluviais. Assim, a generalidade dos cursos fluviais, terão assistido a atividades marítimas e comerciais, assumindo importantes e complexas funções portuárias[12], permitindo a ligação ao interior do território.

Através dos relatos de Estrabão temos acesso a importantes descrições das condições de navegabilidade de alguns dos rios da Península. Além dos acidentes geográficos refere ainda importantes informações sobre as marés e a navegabilidade dos rios. A propósito do estuário do Tejo, descreve:

> *"[...] O Tejo tem de foz uma largura de uns 20 estádios e uma profundidade tão grande que pode ser remontado por barcos de dez mil ânforas de capacidade. Na altura das cheias, produz dois esteiros, nos baixios interiores, a ponto de formar como que um mar de 150 estádios, de tornar a planície navegável e de isolar, no esteiro superior, uma ilha, de cerca de 30 estádios de extensão e com uma largura um pouco menor, muito fértil e com belas vinhas. Esta ilha situa-se junto da cidade de Móron, que se ergue num monte próximo do rio, a 500 estádios de*

8 (Ripollès, 2012, p. 74-81).

9 (Centeno, no prelo).

10 Com destaque para o capacete coríntio recuperado na desembocadura do rio Guadalete, em Cádis, para as estátuas e apliques em bronze identificados em Múrcia e Maiorca, e para os objectos de adorno de ourivesaria de estilo clássico grego de Alicante e Ampúrias (Celestino Pérez, 2012, pp. 103-110).

11 (Mantas, 2000).

12 (Blot, 2003).

distância do mar no máximo, e está rodeada por uma região fértil. A navegação até aí é fácil mesmo para barcos de grande porte numa boa parte do seu trajecto e, no resto, por embarcações de rio. Para cima de Móron a navegação ainda é mais longa. […].”

Estrabão, Geografia, III, 3, 1. Tradução de José Ribeiro Ferreira (*apud* Fabião, 2014, 10).

Se atendermos à localização das cidades marítimas de época romana, como *Balsa* (Luz de Tavira), *Ossonoba* (Faro), *Myrtilis* (Mértola), *Salacia* (Alcácer do Sal), *Scallabis* (Santarém), *Aeminium* (Coimbra), Olisipo (Lisboa) verificamos a coincidência entre estas e os locais que recebem produtos trazidos pelo comércio marítimo e fluvial na Idade do Ferro.

Efetivamente, o transporte por via fluvial e marítima foi, desde cedo uma alternativa viável, e em dados casos preferível, ao transporte terrestre de produtos. Aplica-se em longas distâncias, no âmbito de um comércio de navegação de altura, e em curtas distâncias, de cabotagem, aproveitando e beneficiando as vias fluviais.

Considerando a importância desta implantação litoral no cômputo geral das relações comerciais estabelecidas, torna-se imperativo trazer para a discussão os estudos sobre a evolução da linha de costa portuguesa, sublinhando-se o seu contributo para a criação de uma visão aproximada do território no momento em que a chegada de influências mediterrâneas se faz sentir mais intensamente. De facto, são já vários os trabalhos de investigação conduzidos sobre esta complexa temática, verificando-se, no entanto, profundas assimetrias no conhecimento sobre a totalidade da plataforma continental portuguesa e a sua evolução temporal. As potencialidades deste tipo de estudos têm vindo a ser amplamente exploradas para os territórios a Este do Guadiana, tal como testemunham, por exemplo, os projetos de geoarqueología dialética conduzidos na costa Andaluza[13].

No caso particular da fachada atlântica da Península Ibérica, não obstante se registarem importantes iniciativas de reconhecimento regional, escasseiam trabalhos de pormenor que deem particular enfoque ao período histórico alvo de estudo[14]. Para o presente caso, importa determinar não só as características geomorfológicas e geográficas da costa, como igualmente considerar as condições de navegabilidade, expressas através do estudo dos ventos e das correntes oceânicas. Ao influenciar a localização de ancoradouros e portos de abrigo, são estas as condições que determinam a implantação e crescimento de entrepostos comerciais e de cidades marítimas[15].

Abordando aspetos da geomorfologia, é importante primeiramente sublinhar que a orla costeira atual registou profundas alterações quando comparada com o período em análise. Verificando-se, de forma genérica, uma natural tendência de erosão das protuberâncias da costa, é possível imaginar um desenho do litoral, em época antiga, caracterizado por uma maior complexidade e irregularidade, onde a presença de promontórios, cabos e baías seria mais destacada[16]. Para a criação de uma visão de pormenor dos arqueossítios em análise e da sua implantação na linha de costa, é necessário associar aos escassos

13 Com vista ao estudo das mudanças geomorfológicas das antigas linhas costeiras e da sua relação com os processos socio-históricos. São inúmeros os trabalhos publicados neste âmbito, merecendo particular destaque as investigações conduzidas por Hermanfrid Schubart, Oswaldo Arteaga, Horst D. Schulz y Gerd Hoffmann, Michael Kunst e Anna María Roos, e.g. (Arteaga, Schulz, & Roos, 2008; Arteaga, Hoffmann, Schubart, & Schulz, 1987), os trabalhos de Francisco Borja Barrera, e.g. (Borja Barrera & Ramos Muñoz, 1993), entre muitos outros.

14 O estudo geológico da plataforma continental portuguesa e da evolução da linha de costa foi objeto de análise de inúmeras investigações e projetos marcados pela enriquecedora diversidade de abordagens. Sobre esta temática veja-se, por exemplo, a síntese dos trabalhos desenvolvidos, em Portugal, na última centúria (Dias, Rodrigues, & Magalhães, 1997, pp. 53-66).

15 (Bombico, 2009, p. 57).

16 (*Ibidem*).

estudos da paisagem, os relatos históricos[17] e as evidências proporcionadas pela arqueologia terrestre e subaquática[18]. Veja-se o exemplo do arqueossítio de Monte Molião, onde os vestígios da Idade do Ferro se implantam num cerro proeminente, garantindo o controlo visual sobre a baía de Lagos e sobre uma vasta área de planície que ladeia a Ribeira de Bensafrim. Esta colina localiza-se na margem esquerda da referida ribeira, numa zona muita próxima da sua foz, contudo, estudos geológicos levados a cabo na região demonstram que o estuário da Ribeira de Bensafrim seria, no primeiro milénio, mais largo, apresentando-se a colina de Monte Molião com a configuração de uma península[19]. Igualmente relevante é a notícia da descoberta de estruturas submersas, pré-romanas, localizadas nas imediações da atual área urbana de Bensafrim, correspondendo possivelmente a um contexto de *habitat*[20] relacionável com o assoreamento da foz da Ribeira de Bensafrim e com a consequente formação de um estuário abrigado, periodicamente alagado por águas salgadas[21].

Idêntico modelo de implantação ocorre no arqueossítio de Ilhéu do Rosário, localizando-se os vestígios de ocupação humana numa pequena ilha localizada na confluência da Ribeira de Odelouca e do rio Arade, distando cerca de 6 km da foz deste último[22]. Com uma altitude máx. de 9 metros, permite o controlo pelo lado nascente dos cursos dos rios, entre a foz do Arade, Silves e, para Norte, Monchique. A importância deste curso de água, o grande rio do Barlavento, determinou igualmente a ocupação do Cerro da Rocha Branca, localizando-se os vestígios sidéricos numa península sobranceira à via fluvial, correspondendo ao *terminus* navegável da mesma[23].

Considerando a navegação e navegabilidade um dos aspetos fundamentais ao desenvolvimento do comércio marítimo e fator determinante para o estabelecimento das rotas comerciais torna-se pertinente sublinhar a sua dependência em relação às condições marítimas e meteorológicas, incluindo a ação das marés, o regime de ventos e as correntes marítimas[24]. De cabotagem ou em altura, a navegação recorreu à vela como principal meio de propulsão, estando, por conseguinte, dependente da ação dos ventos para determinar a velocidade das embarcações e a realização de manobras de atracagem e de saída dos portos e abrigos onde os barcos estariam fundeados. São já sobejamente conhecidos, ainda que não consensuais, os estudos desenvolvidos sobre o fenómeno de «upwelling»[25] sugerindo que a costa atlântica ibérica estaria, entre 3000 e 600 anos BP, sujeita a distintas condições oceanográficas daquelas a que hoje assistimos, sendo caracterizadas por regimes de ventos mais fracos, facilitadores da navegação. Esta instabilidade marítima e meteorológica aproximaria assim as condições de navegabilidade da costa atlântica às verificadas no Mediterrâneo, dispensando conhecimento náuticos específicos para navegar neste território[26].

Não obstante a fachada atlântica da Península Ibérica estar plenamente integrada nas redes de abastecimento e trocas de produtos orientalizantes do Mediterrâneo, incluindo a de vasos gregos, a sua localização geográfica periférica constituiu fator determinante para explicar o tipo de bens comercializados neste território, em particular a menor qualidade dos produtos importados[27], quando comparados outros mercados mais exigentes, como, por exemplo, a Etrúria.

Por último, salientámos a abundância de recursos naturais verificada no território em estudo, destacando-se as importantes capacidades produtivas agrícolas e de exploração de recursos marinhos, sendo a região igualmente conhecida, desde a antiguidade pela riqueza de minério.

17 Veja-se o caso da colina de Castelo de Castro Marim, descrita por Frei João de S. José, em 1577, como uma península com ligação a terra apenas pelo seu lado poente (Arruda, 2000a). Na atualidade o cerro apre- senta-se rodeado de sapais, vocacionados para a exploração salineira, que distanciam o acesso direto do Castelo à via fluvial.

18 Veja-se, em exemplo (Avelino, 2015).

19 (Pereira, Dias, & Laranjeira, 1994).

20 (Avelino, op. cit., p. 18).

21 (Arruda *et alii.*, 2011, p. 8).

22 (Barros, 2005, p. 934).

23 Registos demonstram que o rio foi navegável até ao século XV (Arruda, 2007a, p. 124), tendo igualmente permitido o estabelecimento de comunidades romanas dedicadas à indústria da salga e conserva de peixe (Avelino, 2012; 2015, p. 18). É-lhe igualmente apontado funções portuárias, associadas ao período de ocupação romano (Avelino, 2015, p. 19).

24 (Naveiro López, 1991, pp. 115-142).

25 (Soares, 2005, 2011, entre outros; Arruda & Vilaça, 2006, p. 35;

26 (Arruda, 2012, p. 414).

27 (Cabrera Bonet & Perdigones, 1996).

3. BREVE RESENHA HISTÓRICA

A arqueologia grega na Península Ibérica acompanhou de perto os contextos de investigação e de desenvolvimento do pensamento científico aplicado aos estudos históricos. Do fenómeno de colecionismo resultante do movimento neoclássico que marca o despontar do interesse estético e histórico por estas peças, à iniciativa de eruditos e historiadores que, ainda no século XV, procuram estabelecer a conexão entre os materiais e os locais de ocupação grega, passando pelo desenvolvimento da arqueologia filológica, que paulatinamente se descredibiliza dando lugar à valorização das evidências materiais apoiadas em estudos classificatórios e taxonómicos com base em estratigrafia (*).

O grande impulso nos estudos da arqueologia grega peninsular ocorre, no entanto, nas primeiras décadas do século XX, com a discussão dos fenómenos históricos através da leitura e interpretação dos textos clássicos. É neste contexto, que Adolfo Schülten, nas suas investigações sobre Tartessos (1921, 1922), introduz o tema da colonização grega em Espanha, adotando uma abordagem empírica, de base filológica, marcada pelo pressuposto da veracidade absoluta das fontes e pelo entendimento da arqueologia como veículo de confirmação das notícias textuais. A visão representativa do idealismo histórico perfilhada por Schülten foi acompanhada do entendimento da superioridade civilizacional grega e da desvalorização pelo pequeno objeto cerâmico entre as várias expressões de arte e cultura. Idêntico critério metodológico é igualmente seguido por Bosch Gimpera, em «*Problemi della colonizzazione greca in Spagna*» (1929), onde o investigador apresenta a leitura críticas das fontes antigas e a sua confrontação com os dados obtidos por via da arqueologia, como base do discurso histórico da colonização grega de Espanha (*).

O questionamento da veracidade das fontes escritas e a consciência das suas limitações acompanhou desde cedo o movimento filológico, testemunhando-se, ainda que de forma muito incipiente[28], logo em 1925, com a publicação da obra «*The Greeks in Spain*» de Rhys Carpenter, através da qual o investigador procura fazer corresponder os acidentes naturais da paisagem do Levante espanhol a locais de ocupação grega, fundamentando-se em raciocínios de âmbito geográfico. O início das escavações sistemáticas da cidade grega de *Emporion*, em 1908, com Josep Puig i Cadafalch, e a publicação dos achados das campanhas sucessivamente realizadas[29] contribuíram, de igual forma para a criação de uma base sólida de conhecimento arqueológico para a caracterização da presença grega da Península Ibérica.

A descoberta do capacete grego na Ría de Huelva[30] e a integração das coleções de vasos gregos do Museu Arqueológico Nacional de Madrid no projeto internacional *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA)[31], assim como a realização das primeiras escavações sistemáticas nos povoados e necrópoles ibéricas[32], vieram dar um novo impulso para o conhecimento desta área, verificando-se, sobretudo no decorrer dos anos 40 e 50, a proliferação dos estudos sobre a presença grega em Espanha. Novas orientações metodológicas e teóricas são assumidas, destacando-se ainda na década de 40, o papel de António García y Bellido, como a figura maior da investigação sobre a presença grega neste território e impulsionador da adoção de critérios modernos de investigação[33]. A obra que publica em 1948, «*Hispania Graeca*», contribuiu não só a integração da Península Ibérica nos estudos de âmbito mediterrâneo, como possibilitou, através da sua visão global dos testemunhos arqueológicos identificados até à data, abrir novas linhas de investigação[34]. Também Martín Almagro Basch, enquanto diretor das escavações de Ampúrias, contribui para a valorização do testemunho arqueológico como via preferencial para o desenvolvimento dos estudos sobre esta temática.

(*) Este parágrafo reproduz um excerto do artigo previamente publicado: Ferreira, 2020a, pp. 1163-1164

28 Recorrendo-se aos dados arqueológicos para confirmar ou refutar a correspondência entre os acidentes da paisagem atual e topónimos que pudessem corresponder a ocupações antigas.

29 No «*Anuari del Institut d' Estudis Catalans*».

30 Sumariamente publicado, em 1931, no Boletín de la Academia de la Historia por Hugo Obermaier.

31 Com a publicação do primeiro e do segundo fascículos do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, em 1930 e 1934.

32 Onde se documentaram significativos conjuntos de cerâmica grega. E.g., Necrópoles de Tútugi, Toya, El Tossal de Manises, San Miguel de Llíria, entre outras. (Cabrera Bonet & Olmos, 2017, p. 35).

33 Alicerçando a sua investigação em documentos arqueológicos que prescindem das fontes clássicas («Hallazgos griegos en España», 1936), ainda que em «*Hispania Graeca*» (1948) continue a ser dada maior atenção às fontes clássicas comparativamente com os documentos arqueológicos.

34 Cabrera Bonet & Olmos, op. cit., pp. 31-41).

No grande trabalho sobre as necrópoles que publica nos inícios dos anos 50[35] e nos estudos seguintes, recorre ao estabelecimento de tipologias e à ordenação dos materiais de acordo com as análises estratigráficas, afastando-se dos critérios esteticistas e da ditadura das fontes clássicas enquanto elemento primordial para a definição da presença grega na Península Ibérica. Esta corrente metodológica e conceptual, inspirada na arqueologia pré-histórica - que desde o início do século XX desenvolve a descrição empírica dos pequenos objetos, classificando-os evolutivamente e integrando-os em esquemas taxonómicos-, enfrentará continuados movimentos de resistência que perdurarão pelas décadas seguintes e que derivam, em boa parte, da escassez de testemunhos arqueológicos conhecidos à época.

A perceção de que os materiais gregos chegavam por intermédio do comércio púnico-fenício desponta apenas na década seguinte[36], na mesma altura em que se confirma a antiguidade da fundação de Ampúrias, com a publicação do resultado das campanhas de escavação de 1962 e 1963[37], em *Palaiapolis*. Igualmente nesta altura, Maria Helena da Rocha Pereira publica o estudo pioneiro «*Greek Vases in Portugal*» (1962), dando a conhecer importantes testemunhos do colecionismo de vasos gregos em território português, a par do estudo dos escassos exemplares áticos provenientes de contextos arqueológicos, designadamente, seis vasos identificados na Necrópole do Senhor do Olival dos Mártires de Alcácer do Sal[38]. Descobertos os primeiros exemplares em 1874, e ainda que tenham sido prontamente classificados como vasos etruscos, o interesse destas peças impulsionou a realização de escavações sistemáticas na necrópole de Alcácer, conduzidas apenas em 1925 sob a direção de Vergílio Correia[39], abrindo caminho para a definitiva integração do atual território português nos estudos sobre a presença grega no Ocidente.

Os novos dados obtidos com a intensificação dos trabalhos em Ampúrias, a par dos desenvolvimentos arqueológicos em Ullastret e da descoberta de feitorias fenícias no Sul da Península Ibérica, lançaram novos debates sobre as rotas e frequências do comércio de produtos gregos e sobre as características dos materiais importados, obrigando a repensar Tartessos à luz da colonização fenícia. Estes assuntos são desde logo tratados por Glòria Trías Rubiés (1967-1968[40]) que, adotando uma visão conciliadora dos textos clássicos e dos elementos arqueológicos, publica um catálogo documental do conjunto de materiais gregos identificados até à data na Península Ibérica. Ao modo generalista da *Hispania Graeca* de García y Bellido, em «*Cerámicas griegas de la Peninsula Ibérica*», Trías desenvolve uma síntese das problemáticas ligadas ao mundo grego, tendo como ponto de partida os testemunhos materiais cerâmicos, apresentados de forma geográfica e cronologicamente ordenada. O esforço de compilação e sistematização presente na sua obra, ainda que com importantes limitações[41], constitui referência válida para os ensaios tipológicos e estilísticos relativos à presença grega na Península Ibérica até aos dias de hoje. Simultaneamente, a sua ordenação dos testemunhos cerâmicos de acordo com áreas geográficas, permitiu criar as bases necessárias para relançar a discussão sobre a repartição espacial dos achados e repensar as rotas de comércio destes materiais.

Logo em 1970, Lepore procura definir com maior precisão a atividade comercial, analisando os materiais identificados nos *emporia*, e defendendo que o estabelecimento de relações comerciais, sobretudo as inaugurais, foi instituído com a aristocracia indígena. Este assunto é retomado no ano seguinte, no «*Simposio Internacional de Colonizaciones*», onde se discutem as limitações da perspetiva tradicional para abordar os problemas da colonização[42], um termo que deixa de ser utilizado de forma generalizada ainda no decorrer da década de 70. Outras terminologias, como a «cerâmica proto-campaniense» estabelecida por Lamboglia, tornam-se igualmente obsoletas, não obstante o sistema classificatório instituído pelo investigador continuar a ser utilizado por várias décadas, por via da sua articulação com a escola emporitana de Almagro.

35 (Almagro Basch, 1953, 1955). Destacando-se ainda os seus estudos sobre as inscrições gregas, ibéricas e romanas (1952) e a compilação das fontes gregas, romanas e medievais relativas a Ampúrias (1951).

36 (Pellicer Catalán, 1964; Trías, 1967-1968).

37 (Almagro Basch, 1964).

38 Menciona igualmente a descoberta de um pequeno fragmento grego identificado no arqueossítio de Chibanes, publicado pela primeira vez quase cinco décadas antes, por Leite de Vasconcelos (1915, pp. 184, 188).

39 (Correia, 1930a).

40 Ocorrendo em 1967 a publicação do volume I (textos) e em 1968, a publicação do volume II (índices e ilustrações).

41 Destacando-se a não inclusão de determinados conjuntos de cerâmica não figurada, e a desvalorização das problemáticas da receção e uso dos materiais gregos em contextos funerários indígenas.

42 (Morel, 1972).

Nos anos que se seguiram, com a publicação dos conjuntos materiais entretanto identificados[43], abrem--se novas perspetivas sobre os circuitos de distribuição e integração destes objetos exógenos no quadro das estruturas sociais e ideológicas indígenas, reconhecendo-se a penetração de influências culturais orientalizantes até regiões mais interiores. Para o avanço no conhecimento do comércio estabelecido em áreas costeiras, contribuíram ainda a primeira publicação sistemática dos materiais de Ullastret pela mão de Marina Picazo (1977) e o desenvolvimento dos estudos emporitanos[44], possibilitando uma melhor definição dos horizontes de importação de materiais gregos, em particular no atual território da Catalunha. É igualmente neste momento que surgem as primeiras notícias sobre o naufrágio de El Sec[45], não obstante a publicação final do conjunto exumado ocorrer apenas em finais dos anos 80[46].

Com o aumento do volume de materialidades conhecidas, desenvolve-se a tradição dos estudos de conjuntos cerâmicos homogéneos, destacando-se a importante análise dos vasos sobrepintados e de estilo Saint-Valentin[47], das taças áticas da Andaluzia e da cerâmica proveniente da Grécia de Este[48]. Estas análises são acompanhadas de diversos trabalhos de síntese[49] e da realização de encontros científicos com vista à discussão e apresentação de novos dados[50], tendo em comum, uns e outros, o reconhecimento da influência orientalizante sobre as comunidades autóctones que recebem estes produtos.

Para o atual território português, surgem as primeiras notícias sobre testemunhos de vasos gregos no Norte de Portugal, provenientes do Castelo de Castro de Faria[51], um achado verdadeiramente valorizado apenas aquando da descoberta de cerâmica grega em contextos estratigráficos conservados, datados da Idade do Ferro do povoado de Santo Estevão da Facha.

Nos anos 80, multiplicam-se as campanhas de escavação em contextos sidéricos com presença de materiais importados, iniciando-se ou consolidando-se os trabalhos desenvolvidos na Andaluzia ocidental e na região do Levante Peninsular, à medida que prosseguem as campanhas de escavação na Catalunha, com a intervenção na colónia focea sob a direção de E. Sanmartí[52] e o início dos trabalhos em Neápolis. As escavações conduzidas em Huelva[53], Málaga[54], Toscanos[55], Guadalhorce[56], Cástulo[57] e Torre de Doña Blanca[58] confirmam a presença das importações de época arcaica e clássica, lançando novos dados sobre a intensidade e dinâmica do comércio estabelecido e possibilitando novas interpretações para a reconstrução deste processo histórico[59]. A discussão dos velhos debates e das novas descobertas ocorre em 1983, em

43 Como, por exemplo, os vasos de Medellín (Olmos, 1977b).

44 (Jully, 1976a).

45 (Pallarés Salvador, 1974).

46 (Arribas *et alii.*, 1987).

47 (Picazo & Rouillard, 1976).

48 (E.g. Rouillard,1978).

49 (Olmos, 1979; Olmos & Picazo, 1979, entre muitos outros).

50 (E.g. «*Simposio sobre las Orígenes del Mundo Ibérico*», de 1978, e Mesa redonda «*Colonización Griega y Mundo Indígena en la Península*»).

51 Mencionados em Carlos Alberto Ferreira de Almeida «Influências meridionais na cultura castreja». In Revista da Faculdade de Letras. História, série I, vol. 04/05, 1973-1974, p. 201, nota de rodapé nº15, e posteriormente referidos em (Rouillard, 1975, p. 42, nota de rodapé nº 31).

52 (E.g. Sanmartí Grego, *et alii.*, 1986). As escavações conduzidas permitiram determinar a cronologia de diversas construções do período helenístico, assim como aceder a sequências estratigráficas alusivas à ocupação do século V ao século II a.n.e.

53 (E.g. Fernández Jurado & Cabrera Bonet, 1987). Destacando-se a descoberta de uma ólpe de Clitias (Olmos & Garrido, 1982; Olmos, 1982, Olmos & Cabrera Bonet, entre outros) no conjunto de bens importados deste arqueossítio. Além destes, são identificadas outras materialidades áticas, coríntias, lacónias, milésias, sâmias, jónicas e quiotas.

54 (Gran Aymerich, 1987; 1988).

55 (Niemeyer, 1985).

56 (Cabrera Bonet, 1994b).

57 (Sánchez Fernández, 1987).

58 (Cabrera Bonet, 1995).

59 (E.g. Cabrera Bonet & Olmos, 1985; Cabrera Bonet, 1986; Cabrera Bonet, 1987; Fernández Jurado, 1984; 1986; Fernández Jurado & Cabrera Bonet, 1987; Cabrera Bonet, 1988-1989).

Ampúrias, na Mesa Redonda «*Cerámicas griegas y helenísticas en la Península Ibérica*», destacando-se a problemática das imitações de cerâmicas gregas[60]. A discussão foi retomada na Mesa Redonda decorrida em Bordéus, organizada em 1986 por Pierre Rouillard e Marie Christine Villanueva-Puig, com o título «*Griegos e Iberos en el siglo IV a.C. Comércio e iconografia*», abordando-se, uma vez mais, questões ligadas à receção dos vasos gregos[61]. Efetivamente, o tema da relação entre as sociedades indígenas o mundo grego ganha, nesta altura, um novo impulso, com a consolidação do conceito de aculturação e a abertura a novas propostas de interpretação histórica. Destacam-se, neste âmbito, o contributo de Almagro Gorbea e Ricardo Olmos (1981) sobre a imagética grega em contexto ibérico[62] e os trabalhos sobre as imitações ibéricas das formas cerâmicas gregas de Page Del Pozo (1984) e Olmos (1991).

Novos estudos são conduzidos, dando uma visão de conjunto da presença grega neste território[63], e indo ao encontro da especificidade exigida por determinados temas, como o são os aspetos ligados à presença de produtos massaliotas na P.I.[64]. A par da constatação da puridade de temas e problemáticas ligadas à presença grega neste território, verifica-se, neste momento, o alargamento da discussão a novas áreas geográficas, fruto do desenvolvimento de inúmeras campanhas de escavação e da frequente descoberta de novos testemunhos dos intercâmbios estabelecidos. Destacam-se as campanhas arqueológicas realizadas em áreas do interior da Península, particularmente na Extremadura, na zona Sul da Meseta e na Alta Andaluzia, permitindo aprofundar o estudo das redes de comércio e da redistribuição de produtos a partir de povoados litorais.

A publicação das atas da mesa Redonda «*La presencia de material etrusco en la Península Ibérica*» (1991), dos congressos «*Marsella griega*» e «*Marsella y la Galia*», no terceiro volume dos Études Massaliètes (1992), e a realização da mesa redonda «*Griegos e Iberos: lecturas desde la diversidad*» celebrada em 1991[65], em Ampúrias, permitiram abordar o processo comercial de produtos gregos numa perspetiva (cronológica e geográfica) mais ampla e integradora de várias disciplinas, como a epigrafia e numismática.

Em 1991, Pierre Rouillard publica «*Les grecs à la Peninsule Ibérique du VIIIe au IVe siècle avant Jésus-Christ*», apresentando um exaustivo catálogo dos materiais gregos identificados até então, incluindo catorze arqueossítios localizados no atual território português e galego[66]. Tal como Glorias Trías, na sua obra de 1967, também Rouillard se socorre das fontes literárias, em confrontação com os dados arqueológicos para abordar a fisiografia do comércio grego na Península Ibérica. As considerações tecidas pelo autor, em particular as que dizem respeito às dinâmicas de aculturação das culturas indígenas recuperam discursos elitistas, rapidamente suplantados pela emergente consciência de que terão sido as estruturas sociais e políticas indígenas que originaram a demanda de importações gregas por oposição à ideia de que foi o estabelecimento de relações comerciais com o mundo orientalizante a determinar as mudanças nas culturas autóctones. A este propósito, logo no ano seguinte, Carmen Sanchéz (1992) publica o resultado dos trabalhos que desenvolveu sobre o comércio de produtos gregos na Andaluzia Oriental, valorizando a preferência da clientela autóctone por determinados vasos, utilizados com propósitos distintos daqueles que serviram de base à sua produção, correspondendo à interpretação local dada a estas peças. Para a reivindicação do papel de protagonista das sociedades autóctones contribuiu ainda a publicação do resultado das escavações de *Palaiapolis*[67], confirmando a existência de um povoado indígena prévio à chegada dos primeiros comerciantes gregos de *Emporion*, assim como a publicação de P. Cabrera Bonet e M. Santos, «*Cerámicas jonias de época arcaica. Centros de producción y comercialización en el Mediterráneo Occiden- tal*», onde se aborda uma vez mais a problemática da interação entre indígenas e gregos.

Pela parte portuguesa, a década de 70 é marcada pela publicação do conjunto de cerâmica de filiação grega de Castelo de Castro Marim, pela mão de Ana Margarida Arruda. A continuação das intervenções

60 (E.g. Page Del Pozo, 1984, entre muitos outros).

61 Sugerindo-se, por exemplo, a possibilidade de seleção de peças por parte da clientela com base em elementos iconográficos. A reunião teve igualmente como objetivo entre outros, a apresentação do naufrágio El Sec e o resultado das escavações conduzidas em Ampúrias, Málaga, Huelva e Cástulo.

62 (Olmos, 1986, 1987).

63 (E.g. García Cano, 1989).

64 (E.g. Miró, 1989; Rouillard, 1990).

65 Publicada com edição de P. Cabrera Bonet, R. Olmos e. Sanmartí.

66 Designadamente O Neixón, Santo Estevão da Facha, Castelo de Faria, Conímbriga, Alcácer do Sal, Mesas do Castelinho, Azougada, Castelo Velho de Sáfara, Monte Beirão, Fernão Vaz, Garvão, Castelo de Moura, Castro Marim e Cerro da Rocha Banca.

67 (Aquilué, 1999).

neste arqueossítio permitiu não só aumentar o número de peças gregas identificadas em território português, como clarificar o panorama conhecido para a chegada destas produções ao Sul da fachada atlântica da Península Ibérica. Os novos achados foram sendo paulatinamente publicados, em diversos trabalhos[68], realizando-se a publicação da totalidade do conjunto em 2019[69].

Em 2007, realiza-se no Museu Nacional de Arqueologia de Portugal a exposição «*Vasos Gregos em Portugal: Aquém das colunas de Hércules*», que vem dar seguimento, pela parte portuguesa, à exposição «*Los griegos en España: tras las huellas de Heracles*», apresentada no Museu Arqueológico Nacional de Espanha, sete anos antes. O catálogo dela resultante permitiu sintetizar os conhecimentos até então adquiridos sobre esta temática, e simultaneamente divulgar novos achados das campanhas conduzidas ao longo da década de 90.

Mais recentemente, no decorrer das duas primeiras décadas do século XXI, verifica-se a publicação da monografia da colónia de *Rode* (Girona) por Anna Puig e Aurora Martín, assim como a análise dos conjuntos de cerâmica grega da Extremadura[70], do importante complexo ibérico de Coimbra del Barranco Ancho[71], dos arqueossítios de Mas Castellar de Pontós[72], Cancho Roano[73], Calle Zacatín (Granada)[74], e dos materiais recuperados no barco grego de Cala de San Vicenç (Mallorca)[75], entre vários outros locais onde foram recolhidos um número mais reduzido de exemplares cerâmicos gregos. Os novos dados obtidos, em conjunto com a análise dos conjuntos homogéneos[76], e as tentativas de síntese conduzidas por Adolfo Domínguez e Carmen Sánchez[77], Ricardo Olmos[78] e Pierre Rouillard[79], mantiveram até aos dias de hoje o dinamismo que caracteriza a arqueologia grega na Península Ibérica desde os inícios do século XX.

4. METODOLOGIA E OBJETIVOS

A plena integração da fachada atlântica da Península Ibérica nas dinâmicas e redes de comércio mediterrâneo, particularmente o contacto com os agentes de comércio, os seus produtos e ideias, produziu um profundo impacto nas sociedades da Idade do Ferro. Um impacto que registou, contudo, diferentes alcances espaciais, temporais e culturais, variando de acordo com o estágio cultural de cada comunidade e a sua permeabilidade ao exótico e exógeno.

Na presente obra procuramos conhecer com maior detalhe este fenómeno histórico e enquadrá-lo no âmbito mais amplo (Ibérico e Mediterrâneo), através da análise dos conjuntos de cerâmica grega provenientes de numerosas campanhas de escavação conduzidas em quarenta e oito sítios arqueológicos localizados no território alvo de estudo. Estes são analisados à luz dos parâmetros culturais e cronológicos de cada contexto de proveniência, e inseridos no quadro das importações cerâmicas conhecido para cada uma das regiões considerada.

68 (E.g. Arruda, 2003, 2005a/b/c, 2007a, 2007b, 2008a/b, 2009).

69 (Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso).

70 (Jiménez Ávila, 2004).

71 (García Cano & Gil González, 2009). Anteriormente abordado em (García Cano & Page del Pozo, 1988, pp.125-135).

72 (Pons, 2002; Pons *et alii.*, 2016, pp. 13-46).

73 (Gracia Alonso, 2003, pp. 23-46, 2005, entre outros).

74 (Rouillard & De la Torre, 2014, pp. 1-14, Adroher Auroux, Sanchéz Moreno & Torre Castellano, 2016, pp. 5-38; entre outros).

75 (Nieto & Santos, 2008).

76 (E.g. Maite Miró, «*La cerámica ática de figures roges de la ciutat grega d' Emporion*» (2006), onde se compila todos os fragmentos de vasos de figuras vermelhas identificados em Ampúrias desde o início das escavações até à data da publicação.

77 «*Greek Pottery from the Iberian Peninsula: archaic and classical Periods*» (2001).

78 Destacando-se os trabalhos sobre a imagética autóctone e os sistemas iconográficos mediterrâneos.

79 Atas do seminário «*La vajilla ibérica en época helenística: siglos IV al III al cambio de Era*» (2001).

Partimos da análise individual de cada um dos sítios arqueológicos com registo de importações gregas, valorizando aspetos ligados à fisiografia destes espaços e aos vestígios da ocupação sidérica neles identificados. O enquadramento dos materiais foi possível graças à interpretação dos perfis estratigráficos, quando conhecidos, e à análise das associações estabelecidas entre as materialidades gregas, bens forâneos de diferentes proveniências e naturezas e as produções de fabrico local/regional. Na análise dos contextos arqueológicos considerados, atendeu-se igualmente à existência de datações (absolutas ou cronologias relativas) que permitam assegurar uma correta interpretação do quadro cronológico e cultural associado a estes produtos. O estabelecimento de paralelos com outros achados afins, provenientes de estratos data- dos de diversos sítios arqueológicos localizados na Península Ibérica, permitiu acrescentar novos dados à discussão, confirmando ou corrigindo as atribuições cronológicas sugeridas.

Apresentamos assim os contextos que se revelaram permeáveis à introdução inicial de materialidades gregas, e analisamos as transformações culturais verificadas no momento cronológico coincidente com a penetração destes bens e respetivas influências exógenas, sendo ou não delas resultantes. Num segundo plano de análise, e sempre que estejamos perante associações estratigráficas seguras, as referidas transformações foram interpretadas à luz dos ritmos e das dinâmicas de importação da cerâmica grega, dando-se particular destaque aos diferentes alcances do comércio destes produtos de acordo com cada comunidade e região considerada.

Com vista à melhor compreensão destas dinâmicas, procedeu-se a uma análise sumária dos fragmentos gregos identificados, qualificando-os e quantificando-os, e apresentando propostas para a sua definição cronológica, considerando maioritariamente os resultados obtidos a partir das escavações conduzidas na Ágora de Atenas[80]. A referida atribuição cronológica foi sempre acompanhada da análise da proveniência dos materiais, contribuindo a mesma para um melhor enquadramento do comércio de cerâmica grega.

Como vem sendo habitual nos estudos de conjuntos cerâmicos, a quantificação dos conjuntos de cerâmica grega apresentados seguiu os critérios de atribuição de Número Mínimo de Indivíduos (NMI), definidos na reunião de Mont Beauvray[81]. Foram assim levados em consideração os contextos de proveniência dos exemplares cerâmicos, as semelhanças e características dos seus fabricos e o valor mais elevado das diferentes partes morfológicas constituintes de cada tipo identificado.

Entre outros aspetos, será analisada a evolução das relações comerciais de cerâmica grega em cada comunidade e nos vários momentos da diacronia de ocupação de um sítio. Dar-se-á particular destaque às variações nas quantidades e características das cerâmicas gregas em todas as fases de comércio. Procurar-se-á igualmente compreender em que circunstâncias são utilizados no quotidiano e/ ou em contextos funerários (como recipientes cinerários/ recetáculos de oferendas) e qual a aptidão destes produtos como objetos de prestígio, de difícil e reduzido acesso, símbolos de poder, atesourados e utilizados apenas em situações de consumo de ostentação. Esta interpretação teve em conta os diferentes alcances do mundo grego sobre as distintas comunidades que, por um lado os recebem de forma mais ou menos direta e continuada, por outro assimilam e transformam as manifestações culturais gregas em diferentes graus e de formas diversas.

São igualmente abordadas as várias fases de comércio verificadas em cada região, as preferências e gostos locais/regionais e as dinâmicas de importação associadas a estes bens. Sempre que se revelou pertinente, estabeleceram-se comparações com materialidades identificadas em diferentes territórios peninsulares, merecendo particular destaque, pela proximidade geográfica à área em análise e pelas similitudes verificadas nas importações cerâmicas, os territórios correspondentes a atual Andaluzia Ocidental e Extremadura.

80 Através das investigações desenvolvidas pela American School of Classical Studies (Sparkes & Talcott, 1970). Contudo, volvidos quase nove décadas desde o início das escavações neste local, novas áreas tem sido escavadas e novas descobertas feitas, resultando naturalmente na revisão das atribuições cronológi- cas. A volatilidade destes dados foi levada em consideração, valorizando-se, sempre que possível, outros aspetos que permitam confirmar os intervalos cronológicos conhecidos para o fabrico destes produtos.

81 (Arcelin & Tuffreau-Libre, 1998).

ENQUADRAMENTO CULTURAL DOS MATERIAIS IDENTIFICADOS

1. Recuperar a ligação de cada vestígio ao seu contexto arqueológico/histórico
2. Confirmar e/ou corrigir cronologias conhecidas para o comércio e uso destes produtos
3. Compreender o complexo contexto geográfico, político e económico e os sistemas sociais e ideológicos que permitiram a difusão dos produtos gregos.

ESTUDO TIPOLÓGICO DOS MATERIAIS

1. Descrição dos materiais de acordo com critérios uniformes
2. Formulação de dados quantitativos de importações de cerâmica grega em todas as fases de comercialização
3. Discussão dos ele- mentos obtidos.

COMPREENDER O REAL ALCANCE DO FENÓMENO DE HELENIZAÇÃO

1. Contribuir para o estudo da evolução das relações comerciais
2. Contribuir para a verificação de redes de redistribuição destes produtos entre diferentes regiões
3. Contribuir para a reconstituição de sistemas de aculturação, abordando as problemáticas do uso e do entendi- mento destes produtos.

Atendendo às semelhanças verificadas entre os vários sítios arqueológicos, no respeitante à crono-tipologia e técnica das cerâmicas gregas, consideramos pertinente complementar a análise de cada arqueossítio com uma interpretação mais abrangente, de cariz regional e/ou suprarregional. Este segundo nível de leitura, anteriormente adotado por outros investigadores[82], leva em consideração a proximidade geográfica entre os distintos arqueossítios e a partilha de condicionantes geográficas idênticas, tais como a localização costeira ou a proximidade/relação com cursos fluviais, entendidos como veículos de difusão de bens exógenos e condicionadores das dinâmicas de comércio. Baseia-se igualmente na possibilidade de estarmos perante estratégias de povoamento com características análogas e na aparente partilha de preferências de importação entre regiões, que, por sua vez, traduzem gostos/necessidades similares ou um acesso condicionado a determinados produtos. Pretende-se, a par da valorização da singularidade de cada contexto arqueológico, explorar possíveis relações – de cooperação, dependência ou outro - entre distintos locais e compreender a importância das condicionantes geográficas para o estabelecimento de afinidades culturais. A integração problematizada de um determinado sítio arqueológico numa dada região, concorre ainda para uma melhor definição de tendências de consumo partilhadas, e para a exposição de situações de exceção no respeitante às cronologias, formas e características das cerâmicas gregas importadas. Por último, procurar-se-á determinar possíveis dinâmicas entre distintas regiões, assentes na troca e escoamento de produtos indígenas e forâneos entre comunidades geograficamente próximas.

Não se pretende a caracterização integral da ocupação humana sidérica da fachada atlântica da Península Ibérica entre os séculos VI e IV a.n.e., mencionando-se exclusivamente aspetos que concorram para uma melhor compreensão das dinâmicas associadas ao comércio de produtos gregos neste território. Da mesma forma, o que propomos não é a construção de um modelo explicativo do desenvolvimento social e económico dos povoados da Idade do Ferro, mas antes um conhecimento mais aprofundado sobre o impacto do comércio de cerâmica grega nestas comunidades, explorando o seu contributo para mudanças pontuais ou profundas, em cada momento específico da diacronia de ocupação das diferentes comunidades humanas, e tendo em conta a multiplicidade dos fatores que concorrem para sua transformação cultural.

Atendendo ao grande número e à diversidade de vasos gregos identificados na fachada atlântica da Península Ibérica, e de forma a facilitar a análise destas produções, entendemos necessário estabelecer quatro níveis de ordenação das cerâmicas, de acordo com a sua cronologia, origem, técnica decorativa e forma. Numa primeira análise, apresentar-se-ão separadamente as produções de época arcaica das que integram o período clássico. As primeiras testemunham-se exclusivamente através de exemplares de figuras

82 Com variantes no que diz respeito à definição das grandes regiões (Arruda, 1997).

negras e origem coríntia, identificando-se as formas olpe e arýballos. As produções do período clássico, por sua vez, integram fabricos áticos, coríntios e exemplares oriundos de Quios, distinguindo-se, para os primeiros, os vasos decorados com figuras vermelhas dos que se apresentam totalmente revestidos de engobe negro. De acordo com a técnica decorativa adotada, os vasos são agrupados segundo a sua forma, especificando-se, quando pertinente, as variantes morfológicas registadas. Para cada uma das formas, é apresentada uma síntese dos seus atributos, particularmente dos que constituem possíveis indicadores cronológicos da sua produção. Os resultados obtidos a partir do estudo das produções cerâmicas da Ágora de Atenas[83] serviram de base a esta caracterização morfológica, contribuindo assim para melhor definição da sua cronologia de produção e utilização.

Seguidamente, são apresentados e caracterizados os exemplares identificados no território correspondente à fachada atlântica da Península Ibérica, abordando-se primeiramente a representatividade e as particularidades de cada forma nos arqueossítios onde a mesma esteja presente, e num segundo nível, procurar-se-á conduzir uma leitura problematizada do conjunto de testemunhos identificados neste território. Dar-se-á particular atenção aos elementos decorativos presentes nos vasos - simultaneamente de figuras vermelhas e verniz negro-, entendendo-se estes elementos como importantes auxiliares de datação e classificação das cerâmicas gregas. Para tal, recorremos uma vez mais aos conjuntos de cerâmica grega da Ágora de Atenas, devidamente complementados pelos resultados obtidos a partir do estudo dos materiais congéneres identificados no naufrágio da embarcação El Sec[84] e dos demais conjuntos de cerâmica grega proveniente de contextos arqueológicos na Península Ibérica. O texto expositivo de cada forma é acompanhado de um breve catálogo dos testemunhos que nela se integram e das estampas com as ilustrações dos fragmentos e exemplares mencionados.

II. TERRITÓRIO E SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

1. CRITÉRIOS DE APRESENTAÇÃO

O território em estudo foi subdividido em seis regiões, analisadas separadamente. A divisão proposta levou em consideração a impossibilidade do estabelecimento de um critério de demarcação territorial concordante com as unidades culturais vigentes no período temporal em análise, optando-se, em alternativa, por um dos critérios de organização do território peninsular atualmente em vigor[85], e que melhor se adequa às tendências de importação de produtos gregos que vem sendo constatadas nos diversos estudos realizados até ao momento sobre esta temática. Consideramos assim as seguintes unidades territoriais[86]:

Algarve (código NUT PT15). Compreende o litoral algarvio e parte do baixo curso do rio Guadiana, integrado no atual distrito de Faro. Verificou-se a presença de materiais gregos nos seguintes arqueossítios pertencentes a esta região: Castelo de Castro Marim, Alcoutim, Tavira, Faro, Cerro da Rocha Branca, Ilhéu do Rosário, Monte Molião, e Quinta da Queimada.

83 (Sparkes & Talcott, 1970).

84 (Arribas *et alii*., 1987).

85 Optando-se pela aplicação do segundo nível da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), definidas pelo Decreto-Lei n.º 46/89.

86 Os sítios arqueológicos mencionados em cada uma das unidades territoriais consideradas são ordenados de acordo com a sua localização, seguindo de forma preferencial um eixo Este-Oeste.

Alentejo (código NUT PT18). Incorpora os territórios correspondentes ao Alentejo Litoral, Baixo Alentejo, Lezíria do Tejo, Alto Alentejo e Alentejo Central. Verificou-se a presença de materiais gregos nos seguintes arqueossítios pertencentes a esta região: Cabeça de Vaiamonte, Castelo Velho de Sáfara, Cabeço da Azougada, Castelo de Moura, Castelo de Serpa, Mértola, Alto do Castelinho da Serra, Beja, Cerro Furado, Castro Verde, Mesas do Castelinho, Monte Beirão, Garvão, Alcácer do Sal, Alcáçova de Santarém, Cabeço do Guião, Chões de Alpompé e Fernão Vaz.

Lisboa (código NUT PT17). Relativo à atual área metropolitana de Lisboa. Verificou-se a presença de materiais gregos nos seguintes arqueossítios pertencentes a esta região: Povoado de Chibanes, Lisboa, Almaraz e Castelo dos Mouros.

Centro (código NUT PT16). Incorpora os territórios correspondentes ao Médio Tejo, às Beiras e Serra da Estrela, às regiões de Viseu Dão Lafões, Leiria, Coimbra, Aveiro e Oeste. Verificou-se a presença de materiais gregos nos seguintes arqueossítios pertencentes a esta região: Conímbriga e Santa Olaia.

Norte (código NUT PT11**).** Integra a região do Alto Minho, Cávado, Ave, Alto Tâmega, Tâmega e Sousa, Douro, Terras de Trás-os-Montes e Área Metropolitana do Porto. Verificou-se a presença de materiais gregos nos seguintes arqueossítios pertencentes a esta região: Crasto de Palheiros, Castro do Castelo de Faria, Santo Estevão da Facha, Castro de Romariz, Castro do Alto do Coto da Pena, Castro de São Lourenço e Porto.

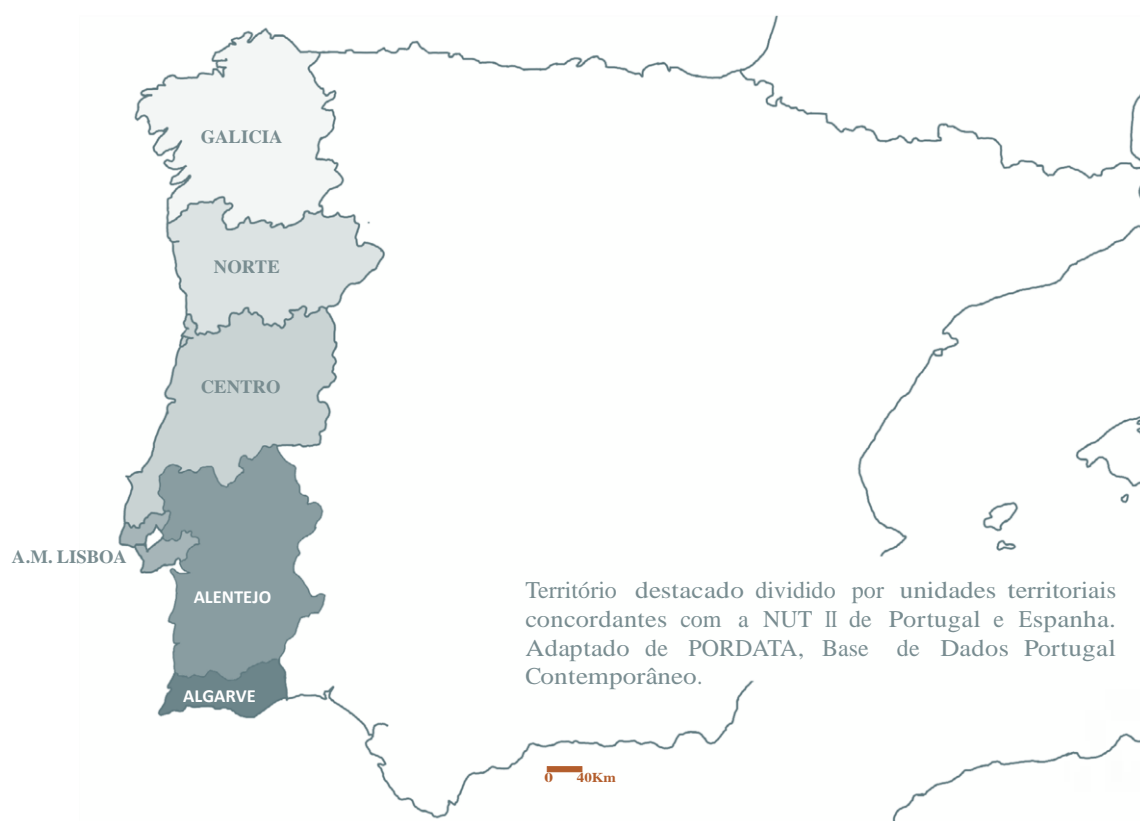
Galiza (código NUT ES11). Integra as províncias de Corunha, Lugo, Ourense e Pontevedra. Verificou-se a presença de materiais gregos nos seguintes arqueossítios pertencentes a esta região: Castromao, Castro Grande de O Neixón, Castro de Elviña; Recarea, Castro de Santa Tegra, e Castro de «A cidade de Caneiro» - Fozara.

Para cada região procedemos a uma breve caracterização da paisagem e à enumeração dos diversos arqueossítios que são alvo de estudo. No que respeita ao território correspondente à atual Galiza, e considerando o desenvolvimento de recentes e aprofundados projetos de investigação sobre a temática em análise, escusamo-nos de apresentar de forma aprofundada os contextos arqueológicos onde se identificaram exemplares gregos, procurando expor de forma sumária os principais estudos desenvolvidos sobre a importação de deste tipo de produtos e sobre as características e cronologias associadas à chegada destes bens ao extremo Norte da fachada atlântica.

Os locais que registam vestígios de ocupação da Idade do Ferro geograficamente dispersos, ainda que possivelmente integrados no mesmo sistema de povoamento, como a colina de Santa Maria de Tavira, a colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa, o centro histórico de Faro, o cerro do Adro de Garvão, Castro Verde, Alcoutim, Alcácer do Sal e o centro histórico de Beja, foram analisados como um conjunto, em alter- nativa à apresentação individual de cada uma das diferentes áreas intervencionadas arqueologicamente.

No caso particular dos sítios arqueológicos de Alcácer do Sal e Castro Verde, com abundantes exemplares de cerâmica grega distribuídos por áreas com funcionalidades e naturezas distintas, optamos ainda por apresentar os materiais de acordo com o arqueossítio específico de proveniência, distinguindo necrópole do povoado de Alcácer do Sal (Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires e Colina do castelo) e os vários complexos arquitetónicos de Castro Verde (Corvo I, Neves I e II).

Para cada arqueossítio é indicado o respetivo distrito, concelho e freguesia em que se localiza. Sempre que possível foi apresentado o CNS (Código Nacional de Sítio)[87], onde consta, além da descrição, bibliografia e indicação dos trabalhos arqueológicos realizados, a localização do sítio, pelo que nos dispensamos de incluir a informação das coordenadas geográficas no presente trabalho.

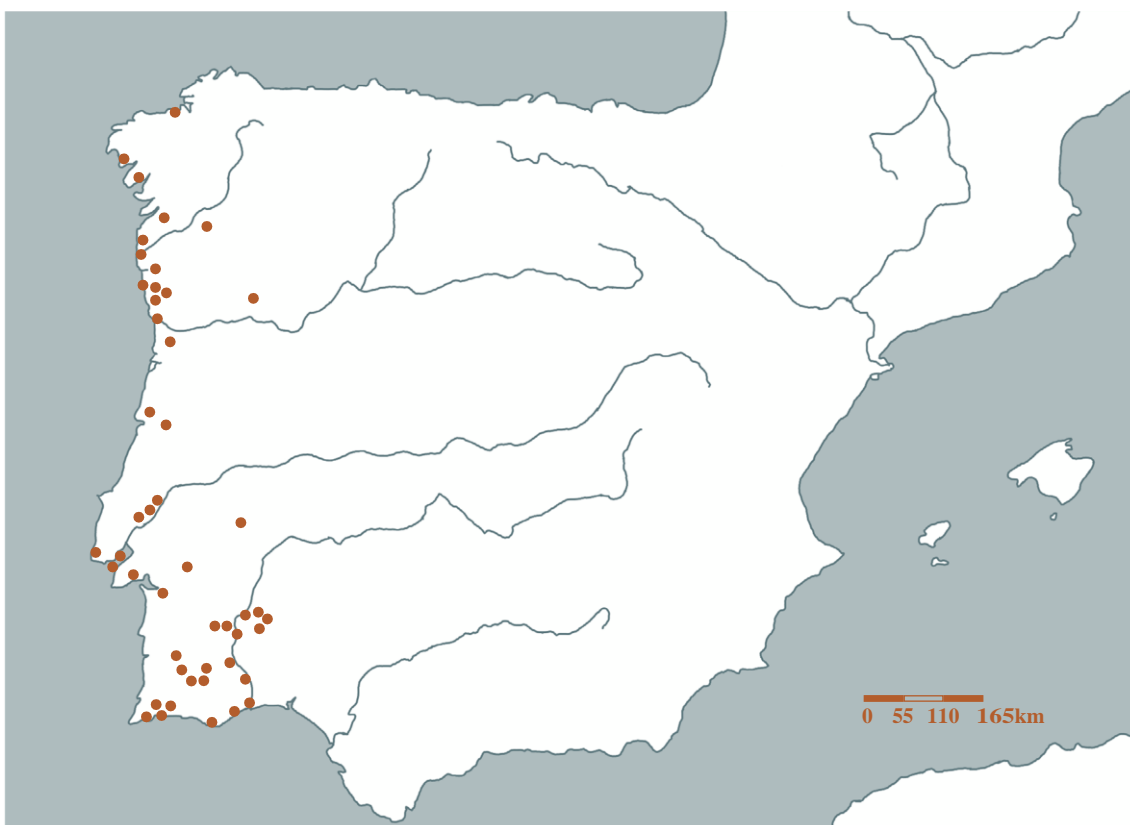
87 Acessível em: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt.

Mapa 1. Mapa com a divisão territorial adotada no presente estudo, concordante com o segundo nível da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUT II).

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E ÁREAS DE ESTUDO

Até ao atual momento, documentam-se arqueologicamente 1122 fragmentos[88] de cerâmica grega no atual território português, distribuídos de forma díspar por quarenta e oito arqueossítios (*vide* tabela 1). Ainda que este tipo de produções encontre testemunhos quer no Noroeste Peninsular, quer no centro e Sul do atual território português, os vestígios gregos identificados reportam-se maioritariamente a espaços li- torais e a áreas geograficamente próximas dos troços navegáveis de cursos fluviais. Esta tendência sugere, desde logo, um abastecimento deste tipo de produções cerâmicas por via do comércio marítimo e fluvial, possivelmente conciliado com percursos terrestres em determinados percursos onde o acesso através dos cursos de águas não fosse possível ou vantajoso.

Os fragmentos gregos são provenientes maioritariamente de contextos de *habitat*, ainda que a sua utilização nem sempre esteja associada ao consumo de alimentos, como parece indicar a tipologia, características e condições de achamento da generalidade dos vasos gregos identificados a Norte do rio Mondego. Encontramos, no entanto, exceções a esta tendência, como o são, entre outros, os casos das necrópoles do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, de Cerro Furado, em Beja, e da Quinta da Queimada, em Lagos, onde este tipo de produções cerâmicas integra contextos funerários. São destes arqueossítios que provêm os exemplares de vasos gregos mais bem conservados, condição que contrasta com o avançado estado de fragmentação que caracteriza a generalidade dos achados de cerâmica grega identificados no território em estudo. O menor manuseamento dos vasos e a sua preservação por via do enterramento explicam esta circunstância, que se traduz, não raras vezes, na conservação de vasos inteiros.

88 Sem colagens entre si, correspondendo a 920 entradas no catálogo de materiais estudados

Mapa 2. Mapa com a localização dos sítios arqueológicos estudados (assinalados a castanho) no território em análise (branco).

Mapa 3. Mapa com a localização dos sítios arqueológicos estudados e a sua relação com os principais cursos fluviais do território em análise.

A área em estudo é caracterizada pela integração de territórios geograficamente díspares, contribuindo para o afastamento ou aproximação cultural de determinados grupos humanos, que por sua vez se reflete em distintas preferências e em desiguais condições de acesso a materialidades forâneas. É igualmente marcado pela forte componente marítima e pelo seu posicionamento periférico na esfera das dinâmicas de comércio do mediterrâneo.

Também nos arqueossítios da Azougada, em Moura, e Neves-Corvo, em Castro Verde, os vasos e os fragmentos gregos identificados surgem desassociados do habitual âmbito doméstico, integrando possíveis contextos votivos e práticas do foro religioso.

As regiões correspondentes ao Algarve, Área Metropolitana de Lisboa e Alentejo, reúnem simultaneamente o maior número de fragmentos cerâmicos gregos e o maior número de arqueossítios com registo de importação deste tipo de produções por área geográfica total considerada. Abordando especificamente os materiais gregos associados a contextos de *habitat*, importa referir que a quantidade considerável de exemplares, a preferência pela aquisição de determinadas formas e o intensivo manuseio destas peças - expresso através do seu avançado estado de fragmentação-, sugerem uma possível utilização dos vasos gregos como parte integrante da baixela de mesa. Cumprindo as funções para os quais foram concebidos, seriam possivelmente utilizados como recetáculos para conter e servir alimentos, integrando o quotidiano das populações, ainda que o seu uso pudesse ser restrito a determinadas ocasiões.

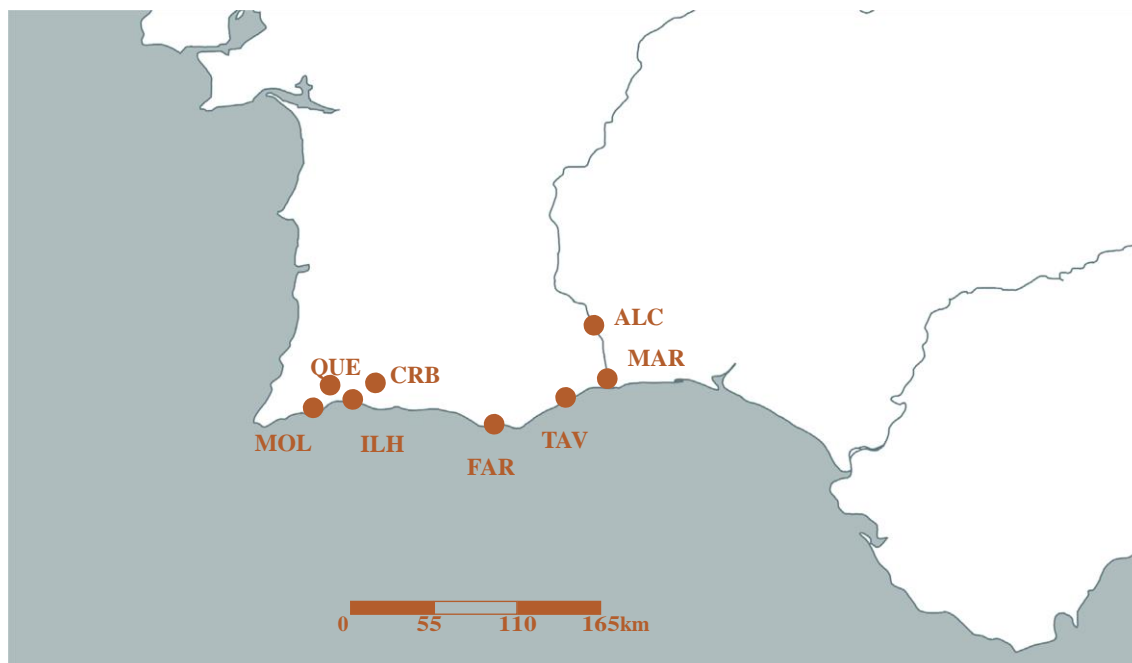
A fachada atlântica do Noroeste Peninsular testemunha diferentes dinâmicas de consumo e utilização deste tipo de produções cerâmicas. Não obstante o número de arqueossítios com vasos gregos identificados ser já considerável, estas produções representam uma diminuta percentagem entre os totais cerâmicos recenseados, limitando-se frequentemente a um ou dois exemplares em cada sítio arqueológico. Nesta região surgem, até ao presente momento, exclusivamente em povoados, frequentemente associados a áreas habitacionais. Tal como ocorre nos âmbitos domésticos do Centro e Sul do atual território português, também no Noroeste os vasos registam uma intensa fragmentação, agravada pela acidez dos solos graníticos característicos desta região, que deterioram pastas e engobes, e dificultam a identificação da forma do vaso, a atribuição do seu pintor e, por extensão, o estabelecimento da sua cronologia de produção.

Ao longo do presente capítulo serão abordados, de forma aprofundada cada um dos contextos onde se registou a importação de produções cerâmicas gregas, assim como as características morfológicas e decorativas dos conjuntos importados, à luz dos diferentes ritmos de chegada destes produtos.

Tabela 1. Número de fragmentos de cerâmica grega identificada em cada um dos arqueossítios analisados.

NUT II	ARQUEOSSÍTIOS	SIGLA	Nº ENTRADAS DE CATÁLOGO
ALGARVE	Castelo de Castro Marim	MAR	315
	Alcoutim - Castelinho dos Mouros e Castelo de Alcoutim	ALC	002
	Tavira – Colina de Santa Maria	TAV	034
	Faro – Centro Histórico	FAR	007
	Cerro da Rocha Branca	CRB	007
	Ilhéu do Rosário	ILH	001
	Monte Molião	MOL	011
	Quinta da Queimada	QUE	002
ALENTEJO	Cabeça de Vaiamonte	VAI	002
	Castelo Velho de Sáfara	CVS	005
	Cabeço da Azougada	AZO	034
	Castelo de Moura	MOU	008
	Cabeço Redondo	RED	002
	Castelo de Serpa	SER	001
	Mértola	MER	178
	Alto do Castelinho da Serra	ACS	002
	Beja - Rua do Sembrano e Centro Histórico	BEJ	007
	Cerro Furado	FUR	002
	Castro Verde – Neves-Corvo	COR	073
	Mesas do Castelinho	CAS	008
	Monte Beirão	BEI	001
	Garvão - Depósito Votivo/Cerro do Adro	GAR	004
	Alcácer do Sal - Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires e Colina do Castelo	SAL	121
	Alcáçova de Santarém	SAN	010
	Cabeço do Guião	GUI	001
	Chões de Alpompé	ALP	003
	Fernão Vaz	VAZ	001
A. M. LISBOA	Povoado de Chibanes	CHI	001
	Lisboa - Colina do Castelo de São Jorge	LIS	023
	Quinta do Almaraz	ALM	003
	Castelo dos Mouros	SIN	001
CENTRO	Conímbriga	CON	001
	Santa Olaia	OLA	004
NORTE	Crasto de Palheiros	PAL	001
	Castro do Castelo de Faria	FAR	004
	Castro das Ermidas	ERM	001
	Castro de Penices	PEN	001
	Santo Estevão da Facha	SEF	032
	Castro de Romariz	ROM	005
	Castro do Alto do Coto da Pena	CCP	001
	Castro de S. Lourenço	LOU	001
	Porto - Morro da Sé	POR	001
GALIZA	Castro de «A cidade de Caneiro» - Fozara	FOZ	001
	Castro Grande de O Neixón	CGN	002
	Castromao	MAO	001
	Castro de Elviña	ELV	002
	Recarea	REC	001
	Castro de Santa Tegra	CST	001

2.1. ALGARVE (NUTII-PT15)

Regista-se a presença de cerâmica grega nos arqueossítios de Castelo de Castro Marim; Alcoutim; Faro e Tavira; Cerro da Rocha Branca e Ilhéu do Rosário (Silves); Monte Molião e Quinta da Queimada (Lagos), todos eles integrados no distrito de Faro.

Mapa 4. Mapa de distribuição dos sítios arqueológicos com presença de materiais gregos na região do Algarve.

Delimitado a Norte por um sistema montanhoso composto pelas serras do Espinhaço de Cão, Monchique e Caldeirão, a região correspondente ao atual Algarve caracteriza-se sobretudo pela sua forte com- ponente marítima, patente no seu limite Sul e Oeste através da ligação ao oceano Atlântico. Destaca-se igualmente pela presença do grande rio do Sul, o Guadiana, atualmente navegável até Mértola[89], numa distância de 68 km.

A grande diversidade morfológica deste território justifica o frequente estabelecimento de sub-regiões, variáveis de acordo com o critério de análise adotado. As mais comuns, baseadas na geografia física, determinam a divisão do Algarve em três grandes áreas territoriais, Serra, Barrocal e Litoral[90]. A primeira unidade mencionada caracteriza-se pela presença de solos xisto-argilosos, pouco férteis em resultado do seu elevado nível de acidez, impermeabilidade e da escassa presença de cursos de água. É nesta região que se situam os pontos mais altos e o relevo mais recortado do Algarve, constituindo uma

89 (Gouvêa, 1938, pp. 83-87).

90 (Gaspar, 1993, p. 175). Em exemplo, Orlando Ribeiro (1963, p. 169) estabelece apenas a diferenciação entre a orla do maciço antigo/ Litoral e a Serra; Medeiros Gouvêa (op. cit., p. 21) divide a região em *Alto Algarve*, *Algarve Calcário* e *Baixo Algarve*; Gonçalves (2009, p. 34), Oliveira (2005) e Infantini (2012, p. 11) optam pela divisão do litoral algarvio em setores *ocidental*, *meridional Oeste* e *Meridional Este*.

barreira física entre o Litoral e a peneplanície alentejana, localizada a Norte[91]. O Barrocal, por oposição, ostenta melhor capacidade agrícola, concordante com solos de composição variada, associados a uma boa capacidade aquífera. Situado entre a Serra e o Litoral, incorpora o território correspondente aos atuais concelhos de Tavira e Lagos, assumindo maior extensão espacial nos municípios de Loulé e Silves[92]. Por último, o Litoral, a estreita e relativamente plana faixa que se estende da foz do Guadiana até Sagres, destaca-se pelos seus solos calcários e argilosos e pela presença de dunas, aluviões e lodo arenoso que advêm dos sedimentos oriundos da erosão das arribas e dos rios. Estes diferentes aspetos geológicos, geomorfológicos e hidroló- gicos apresentam-se como favoráveis à adoção de distintos tipos de economias, que por sua vez traduzem formas desiguais de ocupação do território[93]. O litoral, plano e argiloso potencia a prática de atividades baseadas na pesca e numa agricultura de regadio. O acesso facilitado ao mar, à navegação e comércio constituem potencial para uma economia mais diversificada. Por outro lado, áreas de serra concorrem para o desenvolvimento de atividades ligadas à agricultura de sequeiro e à pastorícia.

Igualmente frequente é a subdivisão do Algarve em *barlavento* e *sotavento*, dependendo esta distinção da influência dos ventos predominantes. Não obstante as fronteiras territoriais desta divisão, assim como de outras, não serem consensuais entre os diversos geógrafos que se dedicam ao estudo dos atributos fisiográficos do Algarve, *grosso modo*, considera-se que a separação física segundo este critério é feita por Faro[94]. Por conseguinte, incorporam o barlavento algarvio, tirando partido da ligação próxima do território ao oceano Atlântico, os sítios arqueológicos com presença de materiais gregos da Quinta da Queimada, Monte Molião, Ilhéu do Rosário e Cerro da Rocha Branca. Os arqueossítios de Alcoutim, Tavira, Faro e Castelo de Castro Marim, registando igualmente materialidades gregas em contextos de ocupação sidérica, integram o supramencionado sotavento algarvio. Ainda que se registem diferenças consideráveis entre estas duas sub-regiões, no respeitante ao relevo, às características dos solos, ao clima e à litologia, é comum a ambas a profusa presença de cursos de água, geralmente navegáveis[95], facilitando a aproximação das regiões mais interiores aos recursos e potencialidades marítimas.

Mais ainda, as boas condições estuarinas que as regiões algarvias oferecem, concorreram para a adoção de estratégias de povoamento que visaram a rentabilização dos recursos litorais, tornando-se este o fator comum aos vários assentamentos humanos sidéricos de localização costeira. É manifesta a preferência pela implantação das comunidades em colinas proeminentes na paisagem, em áreas que permitem um controlo visual do meio envolvente, estando igualmente subjacente a procura do domínio estratégico dos cursos de água[96]. Este modelo de assentamento, propício ao desenvolvimento do comércio marítimo-fluvial, é um dos muitos fatores que explicam o modelo económico que vem sendo defendido para a ocupação sidérica desta grande região do Sul, assente na existência de mercados vocacionadas para a troca de recursos indígenas, provenientes de áreas mais interiores, e de produtos de origem mediterrânea, trazidos por via marítima[97].

Os testemunhos de ocupação sidérica apontados para a região do Sotavento algarvio em nada se distinguem dos supracitados arqueossítios, implantando-se em espaços elevados, geralmente pequenas colinas que permitem o domínio visual da paisagem envolvente. Veja-se o exemplo de Tavira. A ocupação sidérica desenvolve-se na colina de Santa Maria, uma pequena elevação com cerca de 24 metros de altitude, possibilitando o domínio visual de uma vasta área que abarca parte da Serra Algarvia e do Barrocal, a Norte, e, de igual forma, permite o controlo da paisagem litoral. A elevação antecede áreas de sapais e as planícies que compõem as margens do rio Gilão[98]. Este curso de água, com origem na Serra, torna-se particularmente largo junto à sua foz, permitindo o acesso, na atualidade, a embarcações de pequena dimensão num trajeto

91 (Gaspar, 1993, pp. 175-176).

92 (*Ibidem*).

93 Veja-se, por exemplo, Carminda Cavaco (1976) «O Algarve Oriental: as vilas, o campo, o mar», sobre a diferenciação entre as formas de povoamento e de produção agrícola de acordo com a composição geológica e características fisiográficas desta região.

94 (Ribeiro 1963).

95 (Avelino, 2012).

96 Igual tendência continua a registar-se nas centúrias seguintes, verificando-se, durante a ocupação romana da região, uma continuidade na ocupação de cumes naturalmente protegidos, situados na confluência de via fluviais, em localizações propícias ao desenvolvimento do comércio marítimo (Blot, 2003; Bombico, 2009).

97 E.g. (Arruda, 2000c).

98 Igualmente designado de Séquia (Paulo, 2006, p. 24).

que não ultrapassa os dois quilómetros[99]. Tal como em Monte Molião, é possível que esta colina tenha constituído, em Época Antiga, uma península delimitada por duas vastas enseadas, que lhe garantiriam ótimas condições portuárias[100]. Idênticas interpretações têm vindo a ser apontada para Castelo de Castro Marim[101] e Faro[102].

Ainda no respeitante à hidrografia, a região apresenta vários cursos de água, destacando-se as ribeiras de Almargem e da Asseca, formando esta última, na sua confluência com a Ribeira de Alportel, o já mencionado rio Gilão. Este espaço destaca-se igualmente pela sua boa aptidão aquífera, expressa através dos diversos poços de acesso a águas subterrâneas e das várias nascentes de água conhecidas[103].

A ocupação da Idade do Ferro do sítio arqueológico da Quinta da Queimada, albergando um contexto de ocupação funerário, distingue-se dos demais pela sua particular implantação no terreno. Situa-se num planalto aberto e vasto, na confluência das ribeiras de Odiáxere, localizada a nascente dos vestígios arqueológicos, e da ribeira de Bensafrim, localizada a poente. A Sul encontra-se o oceano Atlântico, que dista, na atualidade, cerca de 2 km em relação ao arqueossítio. Os vestígios encontram-se a 28 metros de altitude, em terrenos de areias plio-plistocénicas[104], com um campo visual mais limitado, quando comparado com os restantes sítios abordados.

2.1.1. Castelo de Castro Marim[105]

Faro/Castro Marim/Castro Marim. CNS: 133.

Este sítio arqueológico destaca-se pela ampla área escavada em inúmeras campanhas de campo[106] conduzidas, ainda que se forma descontinuada, desde 1983. Os trabalhos desenvolvidos permitiram identificar vestígios arqueológicos que testemunham uma ocupação humana com início na Idade do Bronze Final[107], ainda que seja a Idade do Ferro a que melhor se encontra documentada, através de abundantes conjuntos materiais, de estruturas arquitetónicas e de unidades estratigráficas relativamente bem conservadas. Os dados arqueológicos recolhidos atestam igualmente a integração de Castelo de Castro Marim nas redes de comércio de produtos do Mediterrâneo Oriental desde a primeira metade do 1º milénio a.n.e., verificando-se o contacto com influências exógenas, concretamente a partir da primeira metade do século VII a.n.e.

À semelhança de outros arqueossítios do Sul do atual território português caracterizados por precoces influências orientais, também Castro Marim parece testemunhar uma fundação indígena confirmada atra

99 (Mattoso, Daveau, & Belo, 1997, p. 86). Sendo a principal via de acesso ao interior, é possível que fosse utilizado como meio para as trocas comerciais entre regiões interiores e litorais (Paulo, op. cit., p. 28).

100 (Maia, 2003b, p. 63).

101 É igualmente possível que o atual cerro com ocupação sidérica tenha sido em Época Antiga, uma ilha que, em época mais recente, e devido ao assoreamento do rio, se converteu numa península (Arruda, 1999-2000, p. 40; Blot, 2003).

102 Alguns autores defendem a possibilidade deste espaço se estabelecer, durante o período de ocupação sidérica, como uma ilha com potencial para a instalação de portos e ancoradouros (Arruda, 2007, p. 122). Os vestígios registados em Faro, implantam-se numa área que corresponde na atualidade, à ria, numa zona de confluência de um número considerável de ribeiras que potenciam a capacidade agrícola da planície envolvente.

103 (Paulo, op. cit., p. 29).

104 (Calado & Gomes, 2006, p. 172).

105 O conjunto de cerâmica grega de Castelo de Castro Marim será publicado brevemente, sendo a autoria da referida publicação da responsabilidade de Ana Margarida Arruda e a coautoria da signatária da presente obra e de Elisa de Sousa. A quantificação e classificação tipológica e cronológica dos conjuntos cerâmicos, a ilustração dos vasos, descrição dos materiais e caracterização dos contextos de proveniência, reproduzem parte da referida publicação.

106 De caráter preventivo e/ou integradas em projetos de investigação (Arruda, 1984a, 1984b, 1984c, 1986a, 1986b, 1996, 1997a, 1997b, 1999-2000, 2000a, 2000b, 2001, 2003b, 2006, 2007a, entre outros).

107 (Oliveira, 2006; 2011).

vés da presença exclusiva de cerâmica autóctone em estratos que se reportam a cronologias mais antigas. Não obstante o mau estado de conservação dos vestígios arquitetónicos e a subsequente dificuldade em caracterizar os primeiros níveis de ocupação deste local, parece verificar-se um fenómeno de ocupação continuada entre a Idade do Bronze e do Ferro, registando-se na fase de ocupação sidérica a destruição ou reutilização das arquiteturas pré-existentes.

Entre os séculos V e III a.n.e. o comércio a longa distância conhece grande expansão[108], verificando-se um decréscimo das importações a partir de meados do século III a.n.e., para serem de novo retomadas, em maior quantidade, apenas a partir da segunda metade do século I a.n.e. Entre os materiais exógenos que chegaram a Castelo de Castro Marim constam um número considerável de exemplares de produções cerâmicas gregas, às quais daremos particular destaque.

Um pequeno conjunto composto de 55 fragmentos de cerâmica de filiação grega foi dado a conhecer à comunidade científica em 1997, pela mão de Ana Margarida Arruda, que reuniu e classificou os achados de seis campanhas arqueológicas de campo decorridas entre 1983 e 1988. A continuação das intervenções permitiu aumentar o número de peças identificadas neste arqueossítio e clarificar o panorama conhecido para a chegada destas produções, confirmando a preferência por determinadas formas e dando a conhecer novos gostos, devidamente associados a um quadro cronológico de importações bem conhecido. Os novos achados foram publicados, ainda que de forma parcial e compartimentada, em diversos trabalhos[109] que trouxeram à luz novos dados relacionados com a cronotipologia destes materiais, procurando-se finalmente, em 2019, levar a cabo a publicação integral do conjunto, discutindo-se as diferentes fases de receção dos produtos gregos e as características de cada uma destas fases[110].

O conjunto de cerâmica grega é composto de 311 fragmentos que correspondem a produções áticas do período clássico. Integra, de igual forma, três indivíduos que atestam a chegada de vasos com origem em Corinto, e possivelmente Quios, ao Sul do território português. Falamos concretamente de dois fragmentos pertencentes a ânforas datadas do século IV a.n.e., e de um fragmento de parede de um *olpe* de figuras negras, testemunho isolado da aquisição de peças de época arcaica. O referido fragmento, publicado pela primeira vez em 2005[111], deverá datar da primeira metade do século VI a.n.e., integrando-se, portanto, no

Coríntio Médio[112]. O exemplar encontra-se em associação estratigráfica com produções de cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, ânforas de tipo R1, com correspondência ao tipo 10.1.2.1 de Ramón Torres (2005) e fíbulas de tipo Acebuchal[113], mencionando-se apenas alguns exemplos que reiteram a supradita atribuição cronológica.

Entre as produções áticas do período clássico, a cerâmica e figuras vermelhas é claramente minoritária, testemunhando-se em apenas 46 fragmentos (31 NMI), por oposição ao predomínio da cerâmica de verniz negro, com 173 fragmentos (145 NMI) classificáveis quanto à forma, 9 fragmentos (8 NMI) decorados, de forma indeterminada, e 49 fragmentos (20 NMI) não decorados e igualmente de forma indeterminada.

No respeitante à cerâmica de figuras vermelhas, destaca-se a prevalência das taças, datando a globalidade do conjunto da primeira metade do século IV a.n.e.[114]. Apenas duas peças, ambas associadas às obras do «Círculo do Pintor de Marlay»[115], poderão reportar-se com segurança a produções do último quartel do século V a.n.e.[116]. Entre os marcadores tipológicos que permitem a identificação das obras deste pintor, destaca-se a representação de pés de figuras humanas com pormenores anatómicos bem defini-

108 (Arruda, 1999/2000, 2000, 2003, 2005, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a, 2008b; Arruda *et alii.*, 2006; Freitas, 2005; Sousa, 2009; Sousa & Arruda, 2010).

109 (Arruda, 2003, 2005a, 2007a, 2007b, 2008a, 2008b, 2009; *VGP*, 2007).

110 (Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso).

111 (Arruda, 2005; *VGP*, 2007).

112 (*Ibidem*; Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso). Correspondendo a um momento de transição entre as Fases III e IV, definidas por Ana Margarida Arruda para a ocupação antiga de Castelo de Castro Marim, e devidamente comprovada através de análises radiométricas (Arruda *et alii.*, 2013).

113 (Arruda & Freitas, 2008).

114 Considerando os dados obtidos a partir do estudo dos materiais provenientes do naufrágio de El Sec (Arribas *et alii*, 1987), da necrópole de Baza (Presedo Velo, 1982) e do depósito de Zacatín (Rouillard, Torre Castellano & Sánchez Moreno, 2017).

115 (ARV2, 1276-82). A referida atribuição é, desde logo, proposta por Ana Margarida Arruda (1997, *VGP*, 2007).

116 (Arruda, 1997; 2007c).

dos, particularidade igualmente registada num dos exemplares do século V a.n.e. de Castelo de Castro Marim. Esta peça encontra paralelo, por exemplo, num fragmento identificado em Neápolis[117], datado de 425-400 a.n.e., correspondendo igualmente a uma taça de pé baixo onde é percetível o mesmo detalhe na representação do pé de um jovem voltado à esquerda, envolto por um himátion. As duas peças atribuíveis ao «Círculo do Pintor de Marlay» foram recuperadas em estratos conservados, intrinsecamente datados da segunda metade do século V a.n.e., corroborando assim a atribuição cronológica supramencionada.

Do conjunto de exemplares de taças de figuras vermelhas do século IV a.n.e., 8 fragmentos apresentam elementos que se assemelham aos marcadores distintivos da obra do «Grupo do Pintor de Viena 116»[118], ainda que apenas em 4 seja possível estabelecer esta relação de forma segura. Os restantes 4 fragmentos, de reduzida dimensão, apresentam elementos passíveis de integração na obra do referido grupo de pintores, não sendo, no entanto, dele exclusivos. Falamos concretamente da representação de volutas e palmetas na superfície externa das taças e de jovens envoltos em mantos, voltados à direita e com o braço estendido, estando as figuras geralmente presentes no medalhão central, na superfície interna do fundo dos vasos.

Por último, merece particular destaque, pela singularidade da sua decoração, o fragmento MAR/017. O referido exemplar apresenta uma possível cena de palestra, da qual se conserva apenas parte da cabeça de uma figura masculina. Ainda que a decoração integre o reportório de temas frequentes do «Grupo do Pintor de Viena 116», o traço utilizado na representação do cabelo e do olho da personagem, afastam-se das características associadas a este Grupo de Pintores. Embora até ao presente momento não tenha sido possível determinar a oficina ou o artista responsável pela decoração deste exemplar de taça de figuras vermelhas, registam-se fortes afinidades decorativas com peças do século IV a.n.e. identificadas na Andaluzia[119].

O conjunto de taças de figuras vermelhas integra igualmente 26 fragmentos cujo avançado estado de fragmentação e de deterioração não permite a atribuição do seu pintor. Apenas sete destes exemplares foram recolhidos em níveis conservados da Idade do Ferro, com destaque para os fragmentos MAR/021 e MAR/033, provenientes do mesmo estrato, podendo corresponder à mesma peça. Sublinhamos ainda a associação de fragmentos de taças de figuras vermelhas, como é o caso da peça MAR/031, a ânforas de tipo Mañá Pascual A4 (variante 11.2.1.3 de Ramón Torres), Tiñosa (variante 8.1.1.2 de Ramón Torres), Pellicer D e produções cerâmicas de tipo Kuass, sugerindo um recuar da datação do estrato de proveniência da mencionada peça ática para data posterior ao final do século IV a.n.e. Por último, no que diz respeito às taças de figuras vermelhas, sublinhamos a possível atribuição cronológica do fragmento MAR/034 aos finais do século V a.n.e., atendendo ao seu contexto estratigráfico de proveniência[120].

Considerando ainda o grande grupo dos recetáculos utilizados para beber, registam-se em Castelo de Castro Marim, 2 fragmentos (2 NMI) de skyphoi de figuras vermelhas. Um dos exemplares (MAR/038) apresenta bordo reto, decorado na superfície externa por uma grinalda de folhas de murta associadas a ramagem sobrepintada a branco. Os trabalhos desenvolvidos sobre esta variante decorada dos *skyphoi*, conduzidos por Pierre Rouillard e Marina Picazo[121], permitem apontar uma datação de finais do século V a.n.e. para o fragmento proveniente do Sul do atual território português. Os exemplares de *skyphoi* deste tipo recolhidos em Cancho Roano confirmam uma vez mais a proposta cronológica sugerida[122].

O conjunto de produções áticas de figuras vermelhas de Castelo de Castro Marim integra igualmente 2 fragmentos (2 NMI) classificados como *pelikai*, ainda que a reduzida dimensão dos exemplares imponha reservas à atribuição tipológica sugerida. Trata-se de uma asa em fita e parte do bojo (MAR/040 e MAR/041), este último decorado na face externa com um motivo frequentemente associado a esta forma, formado por uma fiada de óvalos. Apenas o fragmento de parede é proveniente de um contexto estratigráfico seguro, associado à ocupação sidérica de Castelo de Castro Marim. Faz igualmente parte do conjunto de figuras

117 (ARV2, nº 1279.44; Trías, 1967-1968, p. 144, nº 436, lâm. LXXVIII, 9-10; Jully, 1976, p. 34; Jully, 1982-1983, p. 49, vol. 2; Rouillard, 1991, p. 116, nº 158.2337, lâm. VI, 6-7, fig. 11,1; Miró, 2006, p. 198; 204, fig.489, cat. pp. 155-156, nº 678, lâm. 71).

118 (ARV2, 1406).

119 Castellon del Ceal (Trías, 1967-1968, p. 479, lâm. CCXL).

120 Sendo proveniente do estrato [0078], equivalente ao depósito [0089], datado de forma segura deste período.

121 (Picazo & Rouillard, 1976).

122 (Gracía, 2003, pp. 33-34; 2005, p. 1187).

vermelhas identificadas neste arqueossítio, um fragmento que corresponde a uma lêkythos aribalesca, passível de ser integrada nas produções da primeira metade do século IV a.n.e. Trata-se da parte inferior da peça, apresentando fundo, parede e pé, decorada na superfície externa por elementos geométricos sobrepintados a branco. Ainda que a pequena dimensão do fragmento não permita determinar com segurança a forma a que corresponderia, decorações deste tipo são comuns nas lêkythoi que integram a variante aribalesca, associando-se frequentemente a um padrão reticulado. O referido fragmento é proveniente de um contexto estratigráfico de revolvimento.

Formam igualmente parte do conjunto de cerâmicas de figuras vermelhas quatro fragmentos que, pela sua reduzida dimensão, não podem ser classificados quanto à forma, decoração ou pintor. Três são provenientes de estratos seguros da Idade do Ferro, merecendo particular destaque o já mencionado exemplar MAR/046, associado estratigraficamente à taça do Pintor de Marlay (MAR/002), anteriormente referida.

A cerâmica de verniz negro, com abundantes testemunhos e uma grande variedade de formas, destaca-se entre o conjunto de peças áticas do período clássico de Castelo de Castro Marim. O conjunto integra 262 fragmentos, que correspondem a 182 indivíduos (NMI), reportando-se 74 a formas datáveis do último quartel do século V a.n.e., e os restantes a produções da primeira metade do século IV a.n.e.

Merecem particular alusão, pela grande quantidade de exemplares identificados, as taças de pé baixo. Expressas em 94 fragmentos (74 NMI), distinguem-se as variantes de taça de bordo convexo, de lábio reto e da classe delicada, não sendo possível, em determinados casos, estabelecer a correspondência entre os fragmentos e as supracitadas classificações, permanecendo estes na categorização genérica de taças de pé baixo. As taças de bordo convexo são a variante percentualmente mais abundante, com 65 fragmentos (55 NMI) recolhidos ao longo das diversas campanhas de escavação conduzidas neste arqueossítio. Não obstante terem sido exumadas apenas duas taças deste tipo com perfil completo, é notória a padronização dos marcadores tipológicos associados a esta forma. Os bordos apresentam diâmetros semelhantes entre si, os ressaltos presentes na face interna são, em todas as peças, bem marcados, e os pés, largos e espessos, exibem geralmente uma canelura na superfície externa.

Abordando o seu contexto estratigráfico de proveniência, merece particular destaque a U.E. [0089], onde foram recolhidas dez taças de bordo convexo, associadas a outras taças de pé baixo, nas variantes bordo reto e classe delicada. No mesmo estrato foram igualmente identificados fragmentos de ânforas do tipo Pellicer B/C e Mañá Pascual A4 (variante 11.2.1.3., 11.2.1.4 e 11.2.1.6. de Ramón Torres), reportando-se o conjunto à segunda metade/ finais do século V a.n.e. No decorrer da primeira metade da centúria seguinte, a utilização de taças de bordo convexo parece manter-se, tal como o comprovam a associação dos exemplares MAR/068 e MAR/069 a fragmentos áticos de figuras vermelhas, um dos quais atribuído ao Grupo do Pintor de Viena 116. Além destes, o exemplar MAR/076 associa-se a um fragmento de ânfora do tipo 12.1.1.1 de Ramón Torres, enquadrável no século IV a.n.e., e os fragmentos MAR/095 e MAR/096 são estratigraficamente acompanhados por uma taça da variante classe delicada, por um exemplar de tigela de bordo esvasado e, entre outros, por ânforas do tipo Pellicer B/C, todos eles enquadravam na primeira metade do século IV a.n.e. A utilização deste tipo de taças perdurará, ainda que de forma possivelmente residual, até data posterior ao último quartel do século IV a.n.e., tal como o comprova a associação estratigráfica das taças de bordo convexo MAR/048, MAR/067 e MAR/105, entre outras produções, a fragmentos de cerâmicas do tipo Kuass.

No respeitante às taças da variante classe delicada, foi possível identificar 8 fragmentos (7 NMI) pertencentes a esta forma, um dos quais classificado com reservas[123]. São caracterizados pelos seus pés altos e moldurados e por um ressalto bem marcado na ligação à parede[124]. Um dos fragmentos, o mais completo, apresenta decoração composta de uma fiada de óvalos delimitada por duas caneluras. Pouco frequente na Península Ibérica, este tipo de decoração associado a esta forma de taça em particular, regista-se, por exemplo, em dois fragmentos recolhidos no sítio de Tossal de Sant Miquel - Lliria (València)[125] e nas escavações conduzidas em Cádis[126]. Em Castro Marim, apenas quatro fragmentos deste conjunto foram identificados em contextos seguros da Idade do Ferro. Associam-se a taças de pé baixo de verniz negro (variantes de bordo convexo e bordo reto), ao supramencionado skyphos de figuras vermelhas e a ânforas do tipo Pellicer B/C, todos datáveis de finais do século V a.n.e. Exceção feita ao exemplar MAR/119, estratigraficamente associado, entre outros elementos, a um skyphos de verniz negro (MAR/146) datado da primeira metade da centúria seguinte.

123 Referimo-nos ao fragmento MAR/119, classificado como *kantharoi* (Arruda, 1997, p. 129, fig. 2, nº7), sendo a referida classificação posteriormente revista, passando a integrar, com reservas o grupo das taças da classe delicada (Arruda, Ferreira, Sousa, 2019).

124 Apesar de registarem pequenas variantes entre si no respeitante à proeminência do colo, moldura do pé e da ligação do pé à parede encontram os três o paralelo mais próximo na forma nº 487 da Ágora de Atenas, datada de 430 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 269, fig. 5, pl. 22).

125 Datada de 450-425 a.n.e. (Bonet, 1995, pp. 202, 229, 383, fig. 98,111).

126 Cerro del Prado - Algeciras (Cádis), datada de 425-375 a.n.e. (Rouillard, 1991, p. 718, nº 2.2.5.20).

A decoração do fragmento MAR/112 sugere a mesma integração cronológica, reportando-se à primeira metade do século IV a.n.e.

A terceira variante de taças de pé baixo identificada é testemunhada em 5 fragmentos (5 NMI). Trata-se de peças cujo bordo se liga ao pé através de uma única curvatura, ininterrupta, correspondendo os exemplares de Castelo de Castro Marim às taças «Plain Rim Cup» da Ágora de Atenas[127]. Todos os fragmentos pertencentes a este conjunto foram identificados em estratos conservados da Idade do Ferro. Três deles foram recolhidos na mesma U.E. [0078=0089], já amplamente abordada, podendo corresponder à mesma peça, ainda que não se registem colagens. Datam de finais do século V a.n.e., tal como o fragmento MAR/121, recolhido no estrato [0602]. Associado a uma cronologia posterior, encontramos o fragmento MAR/120, que surge acompanhado de exemplares de cerâmica ática de figuras vermelhas atribuídas ao «Grupo do Pintor de Viena 116».

Os restantes 16 fragmentos (7 NMI) que compõem o conjunto de taças de pé baixo dizem respeito a fundos e pés de exemplares cujas especificidades formais não permitem a determinação da variante a que pertencem. São, por isso mesmo, incorporados na categoria genérica das taças de pé baixo ou «stemless cup», definida pelos estudos conduzidos na Ágora de Atenas. Dez destes fragmentos são provenientes de níveis conservados da Idade do Ferro, estando seis exemplares[128] presentes em estratos datáveis em torno de finais do século V a.n.e. Os restantes integram níveis com presença de cerâmica ática de figuras vermelhas e tigelas da variante pequena de base ampla, entre outros materiais, todos datáveis da primeira metade do século IV a.n.e.

Um reduzido grupo de taças mais pequenas e delicadas, quando comparadas com as taças de pé baixo, incorpora igualmente o conjunto de cerâmicas áticas de verniz negro identificado em Castelo de Castro Marim. Referimo-nos concretamente aos exemplares da forma bolsal, testemunhada neste arqueossítio através de 5 fragmentos (5 NMI), um dos quais classificado com reservas[129]. Apresentam todos vernizes que se destacam dos demais materiais áticos identificados, pela sua boa qualidade, brilho e aderência. As peças caracterizam-se pela marcada concavidade presente na ligação da parede ao pé, na superfície exterior, uma inflexão que surge, por vezes, associada a uma fina banda reservada. A generalidade dos fragmentos corresponde aos marcadores tipológicos conhecidos para esta forma, em particular os que se aplicam a produções de finais do século V a.n.e.[130], destacando-se a presença de uma curvatura única da parede, atingindo o seu diâmetro máximo no bordo, ou imediatamente abaixo dele, por oposição à dupla curvatura que caracteriza as peças produzidas na centúria seguinte[131]. Em Castelo de Castro Marim apenas 3 exemplares de bolsais foram recolhidos em estratos seguros (MAR/141, MAR/144 e MAR/137). O primeiro mencionado associa-se a uma taça da variante de pé baixo, datada de finais do século V a.n.e., e os restantes dois fragmentos poderão corresponder a níveis mais recentes, associando-se às U.E.'s [0588] e [0041], sendo proveniente desta última um fragmento de cerâmica de tipo Kuass.

O conjunto de taças áticas de verniz negro de Castelo de Castro Marim é ainda composto de 7 fragmentos (7 NMI) de skyphoi, 5 dos quais provenientes de níveis conservados da Idade do Ferro. Um dos fragmentos integra a U.E. [0766], onde se identificaram exemplares de taça das variantes bordo convexo e do grupo genérico das taças de pé baixo, assim como recipientes anfóricos do tipo Pellicer B/C e Mañá Pascual A4 – da variante 11.2.1.3 de Ramón Torres-, datando o conjunto de finais do século V a.n.e. Semelhante atribuição cronológica deve ser sugerida para os fragmentos de skyphoi MAR/146 e MAR/150. Os exemplares MAR/147 e MAR/151, pelo contrário, parecem reportarem-se à primeira metade do século IV a.n.e., associando-se, o primeiro, a um fragmento de taça da variante classe delicada e a um exemplar de tigela de bordo esvasado, e o segundo, entre outros, a produções de cerâmicas do tipo Kuass, fazendo recuar a cronologia do estrato a um momento posterior ao final do século IV a.n.e.

Para além das taças, chegam em grande quantidade a Castelo de Castro Marim exemplares de tigelas, tendo sido identificados 44 fragmentos (36 NMI) pertencentes a esta forma. Entre eles, distinguem-se as que apresentam o bordo reentrante e as tigelas de bordo esvasado[132], ou formas 21 e 22 de Lamboglia, correspondentemente. As primeiras, de lábio voltado de forma muito pronunciada para dentro, iniciam

127 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 92, nº 432-433).

128 (MAR/126; MAR/131, MAR/134, MAR/139, MAR/133, MAR/137).

129 Referimo-nos ao exemplar MAR/145.

130 Apresentado paralelo na forma nº 557 da Ágora de Atenas (*Ibidem*, p. 107, nº 532-561, pls. 24, 53, fig. 6, 22).

131 (*Ibidem*, p. 107).

132 «Incurving e outturned rim bowl», segundo a escola anglo-saxónica (*Ibidem*, p. 131).

a sua produção na primeira metade do século IV a.n.e., ainda que se considere a possibilidade de derivarem de uma outra variante, arcaica e menos popular, criada no final do século V a.n.e.[133]. Os fragmentos identificados em Castelo de Castro Marim apresentam bordos com lábio de perfil tendencialmente ovalado, sendo apenas dois classificáveis, de forma segura, como exemplares da variante de bordo reentrante (MAR/157 e MAR158). Cinco outros fragmentos registam um perfil idêntico, apresentando, contudo, diâmetros de bordo reduzidos, que não ultrapassam os 10 centímetros, uma característica que os aproxima da variante de «tigela pequena de base ampla». Dos dois exemplares de bordo reentrante, apenas um se reporta a um nível conservado da Idade do Ferro, associando-se a outros fragmentos que poderão fazer parte da mesma peça (MAR/179 e MAR/180), devendo datar-se da primeira metade do século IV a.n.e.

As tigelas de bordo esvasado, ou forma 22 de Lamboglia, com uma cronologia de produção semelhante às que registam bordo reentrante[134], caracterizam-se pelo lábio ligeiramente engrossado e projetado para fora, e pelo formato largo e raso do seu corpo. Em Castro Marim, a forma testemunha-se através de 12 fragmentos que correspondem a 12 indivíduos (NMI). Do conjunto, oito exemplares apresentam uma banda em reserva, na superfície exterior, imediatamente a seguir ao lábio. Apenas cinco fragmentos foram identi- ficados em níveis conservados da Idade do Ferro, datando da primeira metade do século IV a.n.e., estando outros dois exemplares (MAR/169 e MAR/170) estratigraficamente associados a produções cerâmicas do tipo Kuass, estas últimas fazendo recuar o momento da utilização destes vasos para data posterior ao últi- mo quartel do século IV a.n.e.

Além dos referidos conjuntos de tigelas, foram igualmente recolhidos em Castelo de Castro Marim, 25 fragmentos (17 NMI) que registam forma e decorações idênticas às variantes supramencionadas, mas que não conservam elementos que nos permitam estabelecer uma atribuição formal precisa. Falamos concretamente de fragmentos de pés altos e arqueados e de fundos decorados com motivos estampilhados, características comuns às tigelas de bordo esvasado e à variante de bordo reentrante. Estes exemplares surgem maioritariamente associados a contextos estratigráficos datados da primeira metade do século IV a.n.e., verificando-se, contudo, alguns fragmentos em estratos com presença de produções cerâmicas do tipo Kuass, sugerindo esta última, uma datação posterior ao último quartel do século IV a.n.e.

As variantes de tigelas identificadas apresentam frequentemente decoração estampilhada na superfí - cie interna do fundo. O padrão mais comum compõe-se de palmetas isoladas ou ligadas entre si através de caulículos, dispostas em uma ou duas fiadas. Estes motivos são normalmente complementados de um círculo central inciso e, em alguns exemplares, recorre-se a bandas de óvalos para delimitar o conjunto decorativo, verificando-se a partir de 390/380 a. C., a substituição deste elemento por estrias feitas ao torno (MAR/177, MAR/180 e MAR/181). Os motivos decorativos registados em Castelo de Castro Marim encontram correspondência com peças atribuídas ao «taller Sec-8»; «taller Sec-5» e «taller Sec-2» do naufrágio da embarcação El Sec[135], existindo igualmente uma quantidade considerável de fragmentos para os quais não foi possível estabelecer correspondência.

No respeitante aos cinco fragmentos (5 NMI) da forma tigela na variante «tigela pequena de base ampla», já mencionados, importa referir a sua associação a estratos datáveis da primeira metade do século IV a.n.e., ainda que apenas 3 fragmentos sejam provenientes de níveis conservados da Idade do Ferro.

Os pratos de pratos de peixes são igualmente presença frequente em Castelo de Castro Marim, tendo sido identificados 14 fragmentos (14 NMI). Destaca-se a grande diversidade de soluções tipológicas e decorativas adotadas, registando-se 5 exemplares de lábio pendente e 6 de lábio engrossado. As duas variantes mencionadas apresentam-se, neste arqueossítio, completamente revestidas com verniz negro e a sua forma encontra paralelos nos pratos de peixes identificados no naufrágio da embarcação El Sec, datados da primeira metade do século IV a.n.e.[136]. Do conjunto de exemplares desta forma de Castelo de Castro Marim, 8 foram identificados em níveis conservados da Idade do Ferro, associando-se a estratos da primeira metade do século IV a.n.e., e a níveis onde se recolheram fragmentos de cerâmica de tipo Kuass, remetendo-nos para cronologias posteriores ao último quartel do século IV a.n.e.

Isolados ou em associação estratigráfica com os pratos de peixes, regista-se a presença de 2 exempla- res de pratos da variante de bordo espessado, comumente designada «Jehasse 116»[137], correspondendo a 2 indivíduos (NMI). Trata-se de fragmentos da parte inferior do prato, decorados na superfície interna

---

133 (*Ibidem*, p. 131).

134 Frequentemente encontradas em associação. No naufrágio da embarcação «El Sec», por exemplo, registam ambas idênticas características formais no respeitante aos pés, similaridades no respeitante à qualidade e características do seu verniz e os mesmos motivos decorativos (Arribas *et alii.*, 1987).

135 (*Ibidem*).

136 (*Ibidem*).

137 (Jehasse & Jehasse, 1973).

do fundo com círculos de estrias com fortes afinidades a peças atribuídas ao «taller Sec-11», presente no naufrágio de El Sec[138]. Os pés são baixos, de perfil arredondado, simples, e com as faces interior e exterior convexas. Apenas um dos fragmentos é proveniente de um nível conservado da Idade do Ferro, associando-se a fragmentos cerâmicos de tipo Kuass, entre outras produções exógenas. Com uma menor representatividade no cômputo geral das importações áticas de verniz negro, verifica-se igualmente a presença de kántharoi, sendo possível identificar 3 fragmentos (3 NMI) que podem incluir-se globalmente nesta forma. Não obstante as dificuldades verificadas na classificação tipológica destas peças, deverá tratar-se, no caso dos bordos, de exemplares da forma kántharos de bordo moldurado[139]. Apresentam lábio de sessão triangular-arredondado, com paralelos mais próximo nas peças *kan- tharos*-moulded rim nº 707-708 da Ágora de Atenas[140]. Os fragmentos de pés, de difícil classificação, são moldurados, com mamilo central na superfície externa do fundo e decoração estampilhada na superfície interna do mesmo. Considerando o arqueamento de um dos fragmentos de pé identificado, poderemos estar perante um exemplar de *kantharos* ou *taça-kantharos*. Não obstante a imprecisão tipológica, as suas características formais sugerem que se trata de produções do segundo quartel do século IV a.n.e. A decora- ção presente numa destas peças é composta de vestígios de duas palmetas, curtas e despegadas, exibindo volutas e núcleo central. São unidas por caulículos a um círculo central, apresentando semelhanças com exemplares do «taller Sec-10» do naufrágio de El Sec[141]. Em Castelo de Castro Marim, os testemunhos desta forma são provenientes de contextos de revolvimento.

Com escassos testemunhos verifica-se igualmente a possível presença das formas «caneca», e «saleiro», testemunhadas ambas através de um único fragmento. No primeiro caso, e ainda que a forma caneca tenha origem em finais do século VI a.n.e., os exemplares identificados no território alvo de estudo aproximam-se das características formais verificadas na centúria seguinte, marcadas pelo colo muito pronunciado, pelo perfil côncavo e pela opção de pé com contorno mais simplificado. O fragmento recolhido em Castelo de Castro Marim conserva apenas a parte inferior da peça, que se apresenta plana e reservada na superfície externa, apresentando um ângulo tendencialmente reto na ligação entre a base e o bojo.

A superfície in- terna, com três toscas caneluras, encontra-se igualmente reservada. Regista paralelo com a forma «*mug*» nº 192 da Agora de Atenas, datada de 480 a.n.e. [142], ainda que a referida classificação deva ser entendida com as necessárias reservas que decorrem da ausência de bordo.

Relativamente ao fragmento de possível saleiro, o seu avançado estado de deterioração e fragmentação, não permite determinar de forma exata os atributos deste exemplar e por isso mesmo, também esta classificação dever ser entendida com reservas. Esta peça, de pequena dimensão, facilmente incorporável nos carregamentos de cerâmica provenientes de Oriente, não parece, no entanto, ter suscitado particular aceitação junto das comunidades sidéricas de Castelo de Castro Marim, que preteriram esta forma em detrimento dos recipientes de maior tamanho. O saleiro, ainda que destinado a diversos usos, destaca-se pela sua aptidão enquanto recetáculo de sal e outros condimentos, distanciando-se da preferência pela importação de recipientes concebidos para conter líquidos. Trata-se de um fundo plano, muito espesso e de pequeno diâmetro (inferior a 5 cm), apresentando nas suas extremidades o arranque para o bojo da peça. Regista o seu paralelo mais próximo nos exemplares de «saltcellar» nºs 919 e 923 da Ágora de Atenas[143], ainda que a ausência do bordo não permita determinar com exatidão a qual das tipologias pertenceria. A verificar-se esta correspondência, tratar-se-á de uma produção de finais do século V a.n.e. A referida atribuição cronológica distancia-se, no entanto da datação sugerida pelo contexto estratigráfico do fragmento, correlacionável com a primeira metade da centúria seguinte.

Por último é necessário referir a presença de uma tampa de *lekanis*, recolhida à superfície, e um fragmento de lucerna, este último, correspondendo a parte do bico e reservatório. A pequena dimensão do fragmento não permite a sua reconstituição gráfica ou classificação, dificultando a atribuição de uma cronologia para a produção e chegada deste produto.

Possivelmente associadas ao transporte de vinho, foram igualmente identificados três fragmentos pertencentes a ânfora de origem ática, do tipo «à la brosse». Deste pequeno conjunto, apenas um fragmento foi recolhido num nível conservado da Idade do Ferro, associando-se a outras produções cerâmicas exógenas, algumas das quais áticas, datáveis do último quartel do século V a.n.e. Este conjunto é complementado de

138 (Arribas *et alii.*, 1987).

139 Classificação proposta por (Arruda, 1997, p. 129, fig. 2:6-8).

140 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 117).

141 (Arribas *et alii.*, 1987).

142 (Sparkes & Talcott, op. cit., p. 70; pls. 11, 47, fig. 3).

143 (Sparkes and Talcott, 1970, p. 132, pls. 33-34, 59, figs. 9, 20, 22).

dois outros exemplares, cujas características se distanciam das produções anfóricas áticas[144]. O primeiro diz respeito a um fundo de características formais e fabrico semelhante às produções anfóricas procedentes de Quios, integrando o tipo «P» do naufrágio de El Sec[145]. O segundo fragmento, um bordo de lábio pendente, assemelha-se ao tipo C do referido naufrágio[146], classificação que deve ser entendida com reservas. Outras atribuições são igualmente sugeridas por Ana Margarida Arruda, destacando-se o tipo MGS III de Vandermersch (1994) e o tipo B de Corinto, sublinhando a ausência de caneluras, típicas deste tipo de produções coríntias.

Em Castelo de Castro Marim foi igualmente possível identificar 9 fragmento decorados (8 NMI), correspondendo a fundos e paredes, muito deteriorados, não sendo possível identificar a forma a que pertenciam. Foram ainda identificados 49 fragmentos (20 indivíduos) para os quais não é possível estabelecer uma classificação tipológica, devido ao seu avançado estado de fragmentação e à ausência de indicadores tipo- lógicos, como bordos e pés. Por último, identificaram-se em Castelo de Castro Marim, 31 fragmentos de asas (9 NMI), distinguindo-se apenas as pertencentes às variantes skyphoi/bolsal (8 fragmentos) e taças de variante indeterminada (22 fragmentos).

Tabela 2. Castelo de Castro Marim. Identificação e caracterização simplificada das unidades estratigráficas relativas a contextos conservados da Idade do Ferro com registo de cerâmica ática. São inventariadas as formas áticas identificadas em cada U.E., e são mencionados, quando conhecidos, os materiais de importação que acompanham estratigraficamente os conjuntos áticos. As U.E.'s são apresentadas por ordem de número crescente, mencionando-se no final da tabela os níveis definidos nas escavações realizadas em Castelo de Castro Marim na década de 80. Siglas: FV – Figuras Vermelhas; VN – Verniz Negro.

[0028/0035] Pavimento de argila.

MAR/041 - Pelike (FV)

MAR/170 - Tigela de bordo esvasado (VN)

MAR/240 - Forma indeterminada (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo B/C de Pellicer; produções cerâmicas de tipo Kuass.

[0037] Estrutura

MAR/090 - Taça de bordo convexo (VN)

MAR/273 - Forma indeterminada (VN)

[0041] Enchimento (?)

MAR/144 - Bolsal (VN)

Associação a outros materiais de importação: produções cerâmicas de tipo Kuass

---

[0049] Derrube/ entulhamento

MAR/187 - Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/213 – Tigela pequena de base ampla (VN)

---

144 A atribuição cronológica e tipológica dos exemplares de ânfora identificados é desde logo sugerida por Ana Margarida Arruda, num trabalho em curso, com coautoria da signatária da presente obra e de Elisa de Sousa.

145 (Arribas *et alii.*, 1987, pp. 465-468).

146 (*Ibidem*, pp. 420- 422).

[0051] Enchimento (?)

MAR/189 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

[0068] Enchimento (?)

MAR/199 - Prato de peixes (VN)

[0076] Pavimento

MAR/063 – Taça de bordo convexo (VN)

[0078=0089] – Depósito de características votivas

MAR/034 - Cerâmica ática (FV). Produção mais antiga que as restantes (eventualmente contemporânea das produções do pintor de Marlay)

MAR/047, MAR/049, MAR/051, MAR/055, MAR/058, MAR/060, MAR/070, MAR/072, MAR/077, MAR/089, MAR/093, MAR/100, MAR/106 – Taças de bordo convexo (VN)

MAR/117 – Taça da classe delicada (VN)

MAR/122, MAR/123, MAR/124 – Taças de bordo reto (VN)

MAR/126, MAR/131, MAR/134 – Taças de pé baixo (VN)

MAR/260, MAR/264, MAR/289 MAR/291, MAR/293, MAR/299, MAR/305 – Forma indeterminada (VN)

MAR/314 – Ânfora ática "à la brosse"

Associação a outros materiais de importação: Ânfora de tipo Pellicer B/C e ânforas do tipo Mañá Pascual A4, variantes 11.2.1.3, 11.2.1.4 e 11.2.1.6. de Ramón Torres

[0090] Nível de derrube /entulhamento.

MAR/012 – Taça (FV) – Pintor indeterminado

Associação a outros materiais de importação: Ânfora de tipo Mañá Pascual A4, variante 11.2.1.3 de Ramón Torres

[0110] Derrube/entulhamento

MAR/088 – Taça de bordo convexo (VN)

[0112] Pavimento

MAR/082 – Taça de bordo convexo (VN)

[0375] Enchimento (?)

MAR/0209 - Prato de peixes (VN)

[0380] Enchimento (?)

MAR/127 – Taça de pé baixo (VN)

MAR/136 – Taça de pé baixo (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânfora de tipo Pellicer B/C; cabeças de vidro que representam uma divindade feminina.

[0405] Estrutura/ desmonte da estrutura

MAR/045 - Fragmento de forma indeterminada (FV)

MAR/069 – Taça de bordo convexo (VN)

[0423] Pavimento

MAR/071 –Taça de bordo convexo de verniz negro (VN)

[0482] Enchimento (?)

MAR/076 – Taça de bordo convexo (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânfora tipo 12.1.1.1 de Ramón Torres

---

[0518] Derrube/ entulhamento

MAR/021 – Taça (FV)

MAR/033 – Taça (FV)

[0535] Aterro

MAR/004 – Taça (FV) – Grupo do Pintor de Viena 116

MAR/068 – Taça de bordo convexo (VN)

[0545/0578] Entulhamento de preparação para a construção de um pavimento

MAR/005 – Taça (FV)

MAR/044 – Forma indeterminada (FV)

MAR/128 – Taça de pé baixo (VN)

[0546] Enchimento (?)

MAR/120 – Taça de bordo reto (VN)

[0547] Derrube/entulhamento

MAR/099 – Taça de bordo convexo (VN)

[0570] Derrube/entulhamento

MAR/085 – Taça de bordo convexo (VN)

[0581/0625] Estrutura/ Desmonte da estrutura

MAR/212 – Saleiro (VN)

MAR/298 – Forma indeterminada (asa)

Associação a outros materiais de importação: ânfora de tipo Mañá Pascual A4, série 12 de Ramón Torres.

[0588] Pavimento

MAR/145 – Bolsal (VN)

MAR/243 – Forma indeterminada (VN)

MAR/252 – Forma indeterminada (VN)

[0592] Enchimento (?)

MAR/048 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/239 – Forma indeterminada (VN)

MAR/271 – Forma indeterminada (VN)

Associação a outros materiais de importação: Produções de cerâmica de tipo Kuass; ânforas do tipo Pellicer B/C e D; ânforas do tipo Mañá Pascual A4, séries 11 e 12 de Ramón Torres; e ânforas do tipo Tiñosa (8.1.1.2)

[0593] Nível de derrube/entulhamento.

MAR/007 – Taça (FV) – Grupo do Pintor de Viena 116

MAR/177 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo B/C de Pellicer

---

[0595] Pavimento

MAR/133 – Taça de pé baixo (VN)

[0602] Derrube

MAR/121 – Taça de bordo reto (VN)

[0616] Aterro/derrube

MAR/129 – Taça de pé baixo (VN)

MAR/216 – Tigela pequena de base ampla (VN)

[0650] Pavimento.

MAR/019 – Taça (FV)

MAR/206 – Prato de peixes (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo B/C de Pellicer

---

[0658] Derrube/entulhamento

MAR/150 - Skyphos (VN)

[0679] Enchimento (?)

MAR/038 - Skyphos (FV)

MAR/113 – Taça da classe delicada (VN)

MAR/295 – Forma indeterminada (asa) (VN)

Associação a outros materiais de importação: ânforas de tipo Pellicer B/C e Maña Pascual A4, variante 11.2.1.3. de Ramón Torres.

[0680] Nível de derrube/entulhamento

MAR/066 - Taça de bordo convexo (VN)

[0704] Derrube/entulhamento

MAR/109 – Taça de bordo convexo (VN)

[0734] Área de acumulação de detritos e carvões

MAR/137 - Taça de pé baixo (VN)

MAR/141 – Bolsal (VN)

[0741] Enchimento (?)

MAR/174 - Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/190 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

[0766] Enchimento de uma fossa.

MAR/053 - Taça de bordo convexo (VN)

MAR/065 - Taça de bordo convexo (VN)

MAR/091 - Taça de bordo convexo (VN)

MAR/139 - Taça de pé baixo (VN)

MAR/149 - Skyphos (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo Pellicer B/C; ânforas Mañá Pascual A4, variante 11.2.1.3 de Ramón Torres.

[0773] Aterro pertencente à fase construtiva do depósito [0089].

MAR/001 - Taça (FV)

[0756] Aterro.

MAR/036 - Taça (FV)

Associação a outros materiais de importação: Artefacto de pasta vítrea

---

[1045] Estrutura

MAR/074 - Taça de bordo convexo (VN)

Q. C 04, N. 03

MAR/095 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/096 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/116 – Taça da classe delicada (VN)

MAR/161 – Tigela de bordo esvasado (VN)

MAR/163 – Tigela de bordo esvasado (VN)

MAR/202 – Prato de Peixes (VN)

MAR/247 – Forma indeterminada (VN)

MAR/272 – Forma indeterminada (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas do tipo Pellicer B/C.

Q. E 01, N. 03

MAR/195 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

Q. E 05, N. 03

MAR/102 – Taça de bordo convexo (VN)

Associação a outros materiais de importação: Produções cerâmicas de tipo Kuass.

Q. G 02, N. 03

MAR/156 – Caneca

Cronologia proposta: Indeterminada

Q. G 03, N. 03

MAR/002 – Taça de pé baixo (FV) – Pintor de Marlay

MAR/046 – Forma indeterminada (FV)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo B/C de Pellicer

---

Q. D 03, N. 04

MAR/014 – Taça (FV)

MAR/196 – Prato de peixes (VN)

MAR/198 – Prato de peixes (VN)

MAR/211 – Prato de bordo espessado (VN)

MAR/274 – Forma indeterminada (VN)

MAR/310 – Ânfora

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo B/C de Pellicer; ânforas de tipo Mañá Pascual A4, séries 11 e 12 de Ramón Torres; produções cerâmicas de tipo Kuass.

Cronologia proposta: posterior ao final do século IV a.n.e.

Q. E 02, N. 04

MAR/030 – Taça (FV)

MAR/031 – Taça (FV)

MAR/169 – Tigela (FV)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas de tipo Tiñosa, série 8.1.1.2 de Ramón Torres; ânforas de tipo Pellicer D; produções cerâmicas de tipo Kuass

---

Q. E 03, N. 04

MAR/105 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/151 - Skyphos (VN)

MAR/171 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/176 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/186 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/193 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/197 – Prato de peixes (VN)

MAR/285 – Forma indeterminada (asa) (VN)

MAR/287 – Forma indeterminada (asa) (VN)

Associação a outros materiais de importação: Produções cerâmicas de tipo Kuass; ânforas do tipo Pellicer B/C e D; ânforas do tipo Mañá Pascual A4, séries 11 e 12 de Ramón Torres; ânforas do tipo Tiñosa, série 8.1.1.2 de Ramón Torres.

Q. E 04, N. 04

MAR/050 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/171 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

Q. F 03, N. 04

MAR/067 – Taça de bordo convexo (VN)

Q. D 04, N. 05

MAR/138 – Taça de pé baixo (VN)

Associação a outros materiais de importação: Ânforas do tipo Pellicer B/C.

Q. E 02, N. 05

MAR/208 – Prato de peixes (VN)

Associação a outros materiais de importação: produções cerâmicas de tipo Kuass; ânforas de tipo Tiñosa, série 8.1.1.2 de Ramón Torres; ânforas do tipo Pellicer D.

Q. E 10, N. 05

MAR/086 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/147 - Skyphos (VN)

Q. E 05, N. 05 Aterro

MAR/097 – Taça de bordo convexo (VN)

MAR/111 – Taça de bordo convexo (VN)

Q. E 06, N. 05 Enchimentos de fossas

MAR/059 – Taça de bordo convexo (VN)

Q. D 03, N. 06

MAR/158 – Tigela de bordo reentrante (VN)

MAR/179 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

MAR/180 – Tigela de bordo esvasado ou reentrante (VN)

Q. E 02, N. 07

MAR/119 – Taça da classe delicada (VN)

MAR/146 - Skyphos (VN)

MAR/164 – Tigela de bordo esvasado (V

Apresentadas as produções gregas que integram o reportório de cerâmicas importadas de Castelo de Castro Marim de acordo com a sua classificação tipológica, torna-se pertinente compreender que que forma estes materiais testemunham diferentes ritmos de comércio e uso destes produtos. O fragmento de olpe, concordante com uma produção da 1ª metade do século VI a.n.e., estabelece o momento inicial da aquisição de produtos gregos neste arqueossítio. A escolha de uma forma fechada, destinada a conter e servir líquidos, por oposição ao predomínio das formas abertas como taças, tigelas e pratos, que monopolizam os conjuntos de cerâmica grega numa fase posterior, traduz o caracter de exceção e singularidade destas primeiras importações. Entre a primeira metade do século VI a.n.e. e a segunda metade da centúria seguinte, verifica-se um aparente hiato na chegada deste tipo de bens. É a partir do terceiro e do último quartel do século V a.n.e., que o abastecimento desta produção ocorre em maior escala, verificando-se ao longo dos 75 anos seguintes. Desconhecemos se o início desta fase que corresponde à segunda metade do século V a.n.e., é marcado pela importação, num só momento, de uma quantidade considerável de exemplares gregos, ou se a aquisição deste tipo de produtos terá ocorrido em distintas ocasiões. Considerando a segunda possibilidade, a cronologia para o uso das taças de verniz negro recuaria para os finais do século V a.n.e., acompanhando a chegada dos primeiros exemplares áticos de figuras vermelhas de Castro Marim. Seria este o caso, por exemplo, dos exemplares de taças da classe delicada, identificando-se dois testemunhos desta forma associados a contextos da segunda metade do século V a.n.e. Este tipo de taças são uma criação do terceiro quartel do século V a.n.e., perdurando a sua produção até ao segundo quartel do século IV a.n.e.[147]. À semelhança da variante de taça de bordo côncavo, as taças de classe delicada foram identificadas em diversas intervenções arqueológicas conduzidas em Huelva[148], datando de 450-300 a.n.e.; em Cástulo (410-380 a.n.e.)[149], Ampúrias (420-400 a.n.e.)[150] e Ullastret (425-375 a.n.e.)[151], entre outras. Os exemplares recolhidos em Castelo de Castro Marim encontram paralelo próximo na forma nº 487 da Ágora de Atenas, datada do século V a.n.e., corroborando, uma vez mais a cronologia sugerida pela interpretação estratigráfica.

147 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 102-103).

148 (Rufete Tomico, 2001, pp. 83-84, lâm. 36; Olmos, 1977a, p. 380; Belén *et alii*., 1977, p. 121, fig. 63; Rouillard, 1991, p. 739, 2.2.5.20).

149 (E.g. Sánchez, 1992a, p. 733; Blázquez, 1975a, p. 180, 9, fig. 101, 9, lâm. XXXII, 12).

150 (Trías, 1967-1968, p. 214, lâm. 123, 8-9; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 304).

151 (E.g. Picazo, 1977, pp. 100, 102, nº 293, lâm. XXVIII 2; Maluquer, Picazo & Martin, 1984, p. 42, pl. 40).

A análise das tipologias de vasos que se integram esta fase demonstra claramente a receção exclusiva da forma «taça» nas suas diversas variantes. Sendo as taças de bordo convexo as mais abundantes, registam-se igualmente as variantes da classe delicada e as taças de bordo reto, assim como as do tipo *skyphos* e bolsal. Ainda que os exemplares de verniz negro representem um pouco mais de 90% do conjunto da segunda metade do século V a.n.e., verifica-se também a receção de vasos decorados segundo a técnica de figuras vermelhas, sendo comum a ambas a sua tipologia de taça.

Na primeira metade do século IV a.n.e., verificam-se diferentes dinâmicas na importação das produções cerâmicas gregas. O número de vasos registado neste segundo momento decresce ligeiramente, e o número de taças de verniz negro diminui consideravelmente, passando a representar apenas 79% do conjunto, por oposição aos expressivos 91% que registava na segunda metade da centúria anterior. Esta tendência é particularmente evidente na variante de bordo convexo das taças, ainda que a forma continue a registar-se em níveis arqueológicos da primeira metade do século IV a.n.e.[152]. A par do decréscimo no uso de taças de verniz negro, aumentam os exemplares de taças de figuras vermelhas, verificando-se, no entanto, uma alteração no tipo de peças adquiridas, podendo esta variação exprimir uma mutação de gostos ou decorrer de limitações na oferta deste tipo de produtos. As taças atribuídas ao círculo do Pintor de Marlay, com escassa representatividade no território Peninsular, e motivos decorativos também eles pouco frequentes, dão lugar, na primeira metade do século IV a.n.e., a exemplares do Grupo do Pintor de Viena 116. Caracterizadas pela grande homogeneidade de marcadores formais e decorativos, estas peças destacam-se pela recorrência com que são representados motivos vegetalistas, sendo as palmetas e volutas os mais frequentes, a par da representação de figuras humanas, estas últimas envoltas em himátia, apresentadas de forma isolada ou simultânea nas superfícies interna e externa das taças.

No decorrer da primeira metade do século IV a.n.e. verifica-se a introdução no registo arqueológico dos pratos e tigelas, constituindo estes a novidade na congérie de bens áticos transacionados. Contabilizam-se 25 exemplares deste tipo, passíveis de classificação tipológica e associados a níveis conservados da Idade do Ferro, distinguindo-se as variantes de tigelas de bordo reentrante e esvasado, os pratos de peixes e pratos de bordo espessado. No caso deste último, ainda que o fragmento seja procedente de um estrato associado a materiais cuja produção é posterior ao último quartel do século IV a.n.e., a decoração que apresenta, composta de círculos de estrias, permite-nos datar o fabrico destas peças a partir de 390-380 a.n.e., altura em que este motivo decorativo é adotado. A mesma datação deve ser sugerida para o segundo fragmento desta variante identificado, proveniente de um contexto de revolvimento.

A partir do segundo quartel do século IV a.n.e., deixa de se verificar a importação de vasos gregos, estando estas produções ausentes nos estratos arqueológicos dos dois últimos quarteis do século IV a.n.e. Não obstante, são frequentes as relações estratigráficas entre vários exemplares de cerâmica ática e fragmentos de produções cerâmicas do tipo Kuass, de ânforas do tipo Tiñosa (variante 8.1.1.2 de Ramón Torres); Mañá Pascual A4 (séries 11 e 12 de Ramón Torres), e Pellicer B/C e D, que apontam para uma cronologia de formação da camada necessariamente posterior ao último quartel do século IV a.n.e. É o caso de um fragmento de corresponde a um possível pelikai, uma peça cuja produção ocorre até ao terceiro quartel do século IV a.n.e., sendo particularmente popular nas últimas décadas da centúria anterior, altura em que integra as rotas de comércio da Península Ibérica[153]. Poder-se-ão tratar de materiais residuais, com um período de amortização que se prolonga no tempo, até pelo menos os inícios do século III a.n.e. Em alternativa, poder-se-á considerar o caracter intrusivo das produções cerâmicas de tipo Kuass e das ânforas D de Pellicer e Mañá Pascual A4.

---

152 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 101-102).

153 Veja-se, por exemplo, os testemunhos de pelikai identificados em Ullastret, igualmente decorados com fiada de óvalos (Picazo, 1977, pp. 44 -45, n.º 107, lâm. XI, 2; Maluquer; Picazo & Martin, 1984, p. 26, pl. 17, nº 3); os exemplares recolhidos no arqueossítio de Molí d'Espígil - Lleida (Cura, 2006, p. 77, fig. 84-86); em La Motilla de las Cañas – Ciudad real (Molina *et alii.*, 1983, pp. 312-314, fig. 9, h) e os testemunhos mais antigos desta forma de Empúrias – Girona (E.g.. Miró, 2006, pp. 247-272; De Hoz Garcia-Bellido, 2014, pp. 88-90, 93, nº 91, 98).

Tabela 3. Relação entre formas de cerâmica ática em Castelo de Castro Marim. Assinala-se na tabela o número de vezes em que a coexistência entre as formas se verifica em diferentes unidades estratigráficas.

	Taça (FV)	Skyphos (FV)	Pelike (FV)	Lêkythos (FV)	Taça de bordo convexo (VN)	Taça da classe delicada (VN)	Taça de bordo reto (VN)	Taça de pé baixo (VN)	Bolsal (VN)	Skyphos (VN)	Kántharos (VN)	Caneca (VN)	Tigela de bordo reentrante (VN)	Tigela de bordo esvasado (VN)	Tigela de bordo reentrante/esvasado (VN)	Tigela pequena de base plana (VN)	Pratos de Peixes (VN)	Prato de espessado (VN)	Lekanis (VN)	Lucernas	Ânforas
Taça (FV)	3				3	1	1	2						1	1		2	1			2
Skyphos (FV)						1															
Pelike (FV)														1							
Lêkythos (FV)																					
Taça de bordo convexo (VN)	3				3	2	1	2		3				1	2		2				1
Taça da classe delicada (VN)	1	1			2		1	1		2				2			1				1
Taça de bordo reto (VN)	1				1	1	1	1													1
Taça de pé baixo (VN)	2				2	1	1	2	1	1						1					1
Bolsal (VN)								1													
Skyphos (VN)					3	2		1						1	1		1				
Kántharos (VN)																					
Caneca (VN)																					
Tigela de bordo reentrante (VN)															1						
Tigela de bordo esvasado (VN)	1		1		1	2				1				1							
Tigela de bordo reentrante/esvasado (VN)	1				2					1			1		3	1	2				
Tigela pequena de base plana (VN)								1							1						
Pratos de Peixes (VN)	2				2	1				1					2		1	1			1
Prato de espessado (VN)	1																1				1
Lekanis (VN)																					
Lucernas																					
Ânforas	2				1	1	1	1									1	1			

2.1.2. Alcoutim - Castelinho dos Mouros e Castelo de Alcoutim

Faro/Alcoutim/Alcoutim e Pereiro. CNS: 7439, 2650.

Referenciado como sítio de potencial arqueológico desde a década de 70 do século passado e alvo de um projeto de investigação composto de cinco campanhas de trabalhos de campo, Castelinho dos Mouros assume-se junto dos investigadores que se dedicaram ao seu estudo, como um sítio de ocupação romano-republicano[154]. Caracteriza-se pela existência de uma edificação de estrutura complexa, composta originalmente de três pisos e construções anexas, implantada no topo de uma colina na margem direita do Guadiana.

154 (Maia, 1974a; 1974b, 1978; Gradim, et alii., 2012), onde se apresentam os resultados dos trabalhos de campo conduzidos no âmbito do Projeto de Investigação Internacional, entre 2008 e 2011.

A primeira ocupação conhecida do local recua ao século II a.n.e., data de construção do edifício central, devidamente atestada pela presença de materiais republicanos no primeiro pavimento identificado. Tem uma longevidade curta que não vai além do século I a.n.e., altura em que a necessidade de adaptação a novas exigências económicas e arquitetónicas, para as quais as estruturas fortificadas de pequena dimensão não conseguiam dar resposta, ditou o abandono desta colina[155].

Não obstante esta imediata atribuição cronológica sugerida por todos os investigadores que se dedicaram ao seu estudo, e assente na existência de estruturas e materialidades quase exclusivamente datáveis do século II e I a.n.e., é inegável a existência, neste local, de influências herdadas de época anterior. O recurso a muros de cantos arredondados e a presença de cerâmicas da Idade do Ferro assim o comprovam.

Analisada em profundidade esta herança sidérica, o primeiro dado a ter em conta é a ausência de níveis estratigráficos seguros, prévios à construção do edifício republicano. Todas as materialidades datáveis de uma possível ocupação anterior ao século II a.n.e. são provenientes de estratos interpretados como romanos, com espólio condizente com essa ocupação e encontrados em estratos com relação direta com o edifício central republicano. Entre as materialidades recolhidas contabilizam-se escassos exemplares de cerâmica comum de produção local/regional, a maioria identificada durante o processo de análise do conjunto cerâmico, em data posterior ao final dos trabalhos de campo. Falamos concretamente de um cossoiro decorado com finos pontos incisos e sete fragmentos de uma única peça de forma fechada, decorada com linhas oblíquas incisas sobre um cordão[156]. É comum a ambos terem sido recolhidos em níveis superficiais, demonstrando a inexistente expressão estratigráfica das ocupações anteriores ao século II a.n.e. Mais se acrescenta que são os únicos fragmentos cerâmicos, com exceção do exemplar ático, identificados até ao momento de forma segura como materialidades atribuíveis à Idade do Ferro[157].

Em época posterior às campanhas arqueológicas realizadas, e aquando do tratamento dos materiais recolhidos, foi possível identificar cinco fragmentos de cerâmica grega provenientes deste arqueossítio. Os fragmentos, em associação com a UE [060], terão sido exumados no decorrer da campanha de 2009 e dizem respeito a uma única peça ática de figuras vermelhas, até à data inédita. Desconhece-se a sua proveniência exata, mas sabemos que foram encontrados no exterior do edifício central republicano, em frente à escada pétrea que permitia o acesso ao piso superior, numa área que deverá corresponder a um pátio.

Da unidade de onde são provenientes foram igualmente recolhidos fragmentos de cerâmica comum romana assim com material osteológico indeterminado. Interpretada como camada correspondente ao piso republicano, e localizada imediatamente por cima de níveis romanos e do próprio substrato natural, releva através da presença de material da Idade do Ferro, um claro contexto de revolvimento / deposição secundária[158]. Esta tradição local pré-romana, presente nas fortificações republicanas, não é novidade no Alto Alentejo e Andaluzia verificando-se, por exemplo, em El Castrejón (Escacena del Campo), igualmente num recinto amuralhado com ocupação do século II ao século I a.n.e.[159].

A peça ática de Castelinho de Mouros, composta de três fragmentos de bordo com colagem entre si e dois fragmentos de parede, apresenta a superfície interior completamente revestida de verniz negro e a face externa com vestígios de decoração composta de uma possível representação de um manto. A peque- na dimensão dos fragmentos e o estado de deterioração da sua decoração não permite avançar, de forma segura, considerações sobre o seu pintor ou sugerir uma atribuição cronológica precisa. Correspondendo a uma forma aberta, possivelmente uma taça, caracteriza-se pelo seu bordo, de perfil reto, e pela reduzida espessura da parede.

No sítio arqueológico de Castelo da Vila, localizado a aproximadamente 7,5 Km a Sul do Castelinhos Mouros e igualmente no concelho de Alcoutim, foi identificado um fragmento de um fundo de cerâmica de verniz

---

155 Simultaneamente, inicia-se a ocupação da *villa* romana de Montinho das Laranjeiras, localizado a 1,5 Km a Norte, testemunho de um possível fenómeno de deslocação de populações para diferentes tipos de habitat, mantendo-se, no entanto, a continuidade de ocupação da zona.

156 Número de inventário [08/5, UE 0] e [11/24-3, UE 1], correspondentemente.

157 No decorrer da realização do presente estudo foi ainda possibilitado a observação dos materiais recolhidos no âmbito do PNTA de Laranjeiras II, tendo sido identificados mais alguns fragmentos passíveis de serem atribuídos à Idade do Ferro. Trata-se de cerâmica comum, maioritariamente, encontrada em níveis de ocupação romana e com claro predomínio de materiais de construção.

158 Apesar da colina ter sido alvo de sondagens ilegais, responsáveis por uma intensa perturbação estratigráfica, a área correspondente ao setor 6 não terá sido afetada, datando-se este revolvimento do período de ocupação republicano.

159 (Rufete Tomico, 2009, pp. 4041).

negro pertencente a uma forma indeterminada, igualmente de origem ática. Apresenta decoração estampilhada na superfície interna, composta de uma banda de estrias, uma palmeta com núcleo central e volutas de nove pétalas. A reduzida dimensão do fragmento não permite determinar com segurança a forma a que pertenceria, contudo, o tipo de decoração que apresenta verifica-se com maior predominância nas formas bolsal e tigela (de bordo reentrante ou esvasado), frequentes no Sul do atual território português. À semelhança de Castelinho dos Mouros, também aqui a peça ática está desassociada de níveis estratigráficos seguros que possam corresponder a uma ocupação da Idade do Ferro, não se tendo identificando na região outros núcleos de *habitat* deste período.

A Idade do Ferro em Alcoutim encontra melhor representação na necrópole de cista de Cabeço da Vaca, composta de dois núcleos de enterramento, com possível início de uso no Bronze do Sudoeste e ocupação continuada até ao século IV-V a.n.e.[160].

Os três arqueossítios mencionados, quer pela ausência de estratos fiáveis como acontece em Castelinho dos Mouros e Castelo da Vila ou pela insegurança na datação dos vestígios materiais identificados em Cabeço da Vaca, são insuficientes para clarificar a ocupação pré-romana de Alcoutim e para contextualizar o aparecimento de fragmentos áticos nesta região. Deve, no entanto, ter-se em conta o importante papel do rio Guadiana na chegada destes produtos e a sua presença ao longo da faixa fluvial, em zonas de controlo dos meandros do rio. Esta importância continua a verificar-se em épocas posteriores com a construção nas margens do rio do edifício republicano de Castelinho dos Mouros e da posterior *villa* romana do Montinho das Laranjeiras[161].

Por último, sublinhamos as recentes investigações desenvolvidas sobre os recursos mineiros da região. Alcoutim localiza-se numa área geológica caracterizada pela presença de rochas com veios ricos em filões de minério, prolongando para Sul as jazidas de pirites alentejanas[162]. Esta riqueza mineira é conhecida e aproveitada desde o calcolítico, tal como testemunham os abundantes vestígios da metalurgia do cobre identificados no Cerro do Castelo de Santa Justa (Martinlongo, Alcoutim)[163]. Prospeções recentes permitiram identificar grandes manchas de atividade mineira, igualmente associadas a núcleos de povoamento quer romano quer medieval[164]. O hiato de informação que se verifica quanto ao aproveitamento dos recursos minérios durante a Idade do Ferro acompanha naturalmente o desconhecimento relativo aos espaços de *habitat* desta época. Não deve, no entanto, ser descartada a possibilidade da exploração deste importante recurso, em Alcoutim e durante este período, assim como a utilização dos produtos resultantes da metalurgia como elemento de intercâmbio comercial e criação de riqueza.

Na vizinha província de Huelva, de semelhantes características geológicas, a exploração dos recursos mineiros intensifica-se a partir da Idade do Bronze e Idade do Ferro[165]. O sítio arqueológico de El Castrejón, anteriormente mencionado e com caraterísticas de ocupação semelhantes ao Castelinho dos Mouros é, de igual forma, apontado pelos investigadores que se dedicaram ao seu estudo como local de controlo do território e acesso a áreas mineiras[166]. Fenómeno semelhante pode ser considerado para Alcoutim. Sendo Castelinho dos Mouros e Castelo da Vila locais pouco propícios à prática da agricultura, o controlo das rotas de exploração das minas de cobre, e a consequente circulação dos produtos derivados dessa exploração, poderá ter constituído um importante fator de fixação de populações nestes locais.

160 (Cardoso & Gradim, 2011, entre outros). Tal como o parece comprovar a identificação de um raro punhal de ferro com guarda de prata no encabamento, de pontas de lança em ferro, e de um pingente de cornalina com paralelos em exemplares da Idade do Ferro do Baixo Alentejo.

161 A utilização do Guadiana como via de comunicação e comércio está atestada neste local pela presença de abundante terra sigillata Clara A (Hayes 9A; A/D, C; C/E; D; E), oriunda do Norte de África.

162 (Catarino, 2012).

163 Destacando-se a ocorrência de artefactos metálicos, escórias, cadinhos, moldes e pingos de fundição (Gonçalves, 1989, p. 309).

164 (Catarino, op. cit.).

165 (Pérez Macías, 1996).

166 (Rufete Tomico, 2009).

2.1.3. Tavira – Colina de Santa Maria

Faro/ Tavira/ Tavira (Santa Maria e Santiago). CNS: 22589, 11652, 14212, 11553, 11873, 34297, 22591, 34976.

Os dados de que dispomos para o conhecimento da Idade do Ferro em Tavira são, simultaneamente, escassos e restritos a uma pequena parte central do concelho. As escavações conduzidas nas últimas déca- das ocorreram sobretudo em contextos de acompanhamento arqueológico e trabalhos de preservação de vestígios em meio urbano, com os devidos constrangimentos que caracterizam este tipo de intervenções[167]
. Abordaremos apenas, com maior pormenor, o resultado das campanhas de diagnóstico e escavação realizadas no Convento da Graça, Palácio da Galeria, Solar Corte-Real, Banco Nacional Ultramarino, Pensão Netos, Terreiro do Parguinho, Calçada D. Ana, Parque das Festas e Bela Fria, todos eles localizados na colina de Santa Maria e todos locais de proveniência de materiais gregos.

Não obstante as limitações do registo arqueológico, já apontadas, e a ausência de uma visão espacialmente abrangente deste território, os trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos na área urbana e Centro Histórico, permitiram colocar a descoberto um importante conjunto de materialidades que caracterizam a ocupação desta região durante o 1º milénio a.n.e.

Refira-se antes de mais, que o povoamento sidérico deste território ocorre estratigraficamente em sobreposição a ocupações da Idade do Bronze Final, testemunhadas através de estruturas e fragmentos cerâmicos registados no recinto do antigo Parque das Festas[168], junto à muralha fenícia[169] e no Palácio da Galeria, detetando-se neste último local uma estrutura correspondendo a um possível fundo de cabana associada a materiais de fabrico manual, passíveis de serem atribuídos ao horizonte residual do Bronze Final[170]. Esta ocupação da colina, prévia à chegada e influências orientalizantes, concorre para a valorização do papel das comunidades indígenas no conjunto de influências exógenas e revelam-nos que no momento do contacto com essas populações, o local estava já ocupado, descartando-se assim a possibilidade de fundação por comunidades estrangeiras.

O contacto estabelecido entre esta região, a área mediterrânea e as colónias fenícias ocidentais, caracteriza-se pela sua precocidade, recuando a presença de materiais orientalizantes em Tavira pelo menos à segunda metade do século VIII a.n.e. Situação semelhante ocorre em Castro Marim[171], testemunhando ambos contactos precoces em relação a outros locais do barlavento algarvio.

Até ao momento da chegada dos produtos áticos, os locais de ocupação antiga detetados na colina de Santa Maria registam profundas transformações, a ritmo acelerado. No Terreiro do Parguinho, a ocupação inicial de influência orientalizante é abandonada, procedendo-se ao nivelamento do terreno para dar ori-

167 Ainda como contributo para o conhecimento da ocupação desta região durante a Idade do Ferro, em 2001 foi elaborada a Carta Arqueológica da Freguesia do Cachopo (Maia & Maia, 2001). Nela são listados escassos sítios atribuídos à Idade do Ferro, sem que se adiante importantes informações sobre as suas características e cronologias. Os escassos dados mencionados permitem, no entanto, datar a ocupação da Serra e do Barrocal numa fase tardia da Idade do Ferro, altura em que sofre influências mediterrâneas comprovadas pela presença de materialidade descritas como ânforas «púnicas» (*Ibidem*).

168 (Pinto & Simão, 2009, pp. 29-30). Neste local foi identificado um conjunto de estruturas negativas escavadas na rocha interpretadas como possíveis buracos e poste e valas circulares de cabanas. Ocorrem associadas a cerâmicas alisadas a cepillo (*Ibidem*).

169 (Maia, 2000, p. 3). Detetou-se a presença de uma lareira e materialidades associadas, datáveis do Bronze Final, entre os quais uma taça carenada e uma segunda com ornatos geométricos brunidos (Maia, 2003a, p. 42).

170 (*Ibidem*). Conserva-se o pavimento de terra batida pertencente à cabana e uma estrutura de fogo constituída por blocos de quartzo. Associada a ela foram identificados uma boca de ampolla de origem oriental; fragmentos de ânforas de tipologias fenícias, pratos de engobe vermelho e um «vaso à chardon», todos datáveis dos séculos VIII e VII a.n.e. (Maia, op. cit., p. 42). Estas ocorrências não são exclusivas da colina de Santa Maria, registando-se vários outros fragmentos do Bronze Final no restante território do concelho, incluindo peças de filiação fenícia e os designados «retícula bruñida» (Carriazo & Raddatz, 1960). Os responsáveis pelos trabalhos arqueológicos levados a cabo nos supracitados locais datam a primeira ocupação da colina de Santa Maria entre o ano 1000 e 750 a.n.e. (Maia, 2008a, p. 59). Destacamos ainda a possibilidade de se verificarem vestígios da Idade do Bronze no sítio da Bela Fria (Covaneiro, Cavaco, & Freitas, 2012-2013, p. 201).

171 (Arruda, 2002; 2003).

gem a espaços aparentemente habitacionais[172]. Em data posterior, ainda que indeterminada, ocorre uma nova reformulação das estruturas habitacionais que servirão de palco ao comércio de produtos gregos verificado em finais do século V a.n.e.[173]. A mesma tendência de transformação dos espaços está presente no Antigo Parque das Festas onde estruturas positivas sidéricas são abandonadas para dar lugar a estruturas do tipo fossas e aos designados «poços votivos», igualmente identificados no Palácio da Galeria, estes últimos datados do século VII a.n.e.[174]. Estas alterações verificadas nas construções e nas funcionalidades dos espaços indiciam profundas transformações sociais e culturais. Se numa fase inicial se registam áreas habitacionais com produtos orientalizantes ou até mesmo ocupações pré-orientalizantes, no século VI a.n.e. estes espaços dão lugar a áreas de cariz votivo, com possível culto exercido por comerciantes/navegante, e espaços de enterramento de populações exógenas, como se verifica no sopé da encosta do Convento da Graça[175]. Estas evidências poderão indiciar a presença efetiva de população estrangeira a residir no atual território de Tavira a partir dos inícios do 1º milénio a.n.e.

Ainda sobre o contexto que permite a entrada e difusão de produtos áticos, refira-se a complexa e intensa ocupação da colina de Santa Maria, com vestígios sidéricos identificados numa área de 600 m, delimitados por muralhas[176]. O seu interior alberga espaços habitacionais, identificados no Terreiro do Parguinho e possivelmente na Calçada de D. Ana[177]; espaços de possível cariz religioso, detetados no antigo Parque das Festas e Palácio da Galeria[178]; áreas sepulcrais, presentes no Convento da Graça[179]; espaços destinados ao desenvolvimento de atividades metalúrgicas, atestadas no Palácio Corte Real[180] e atividade de pesca e salga de produtos do mar, esta última identificada no decorrer das escavações do Banco Nacional Ultramarino[181]. As escavações conduzidas sugerem de igual forma um possível cenário de produção anfórica a ocorrer neste local, ainda que se verifique a conciliação desta produção com a importação de ânforas Mañá Pascual e de tipo Tiñosa[182].

Esta continuada e complexa ocupação enquadra-se no modelo de implantação das cidades litorais pré-romanas do Ocidente, nas margens de importantes vias marítimas e fluviais, em locais com boas capacidades portuárias, com condições naturais propícias ao controlo do território. A colina de Santa Maria cumpre esses requisitos, localizando-se na margem direita do rio Gilão, descendo praticamente até ao rio, que desagua numa zona de sapais que comunicam com a Ria Formosa[183].

A muralha identificada[184] complementaria as condições naturais de defesa desta colina, protegendo o seu lado Oriental. Em acrescento, a ocupação sidérica implanta-se num promontório sobranceiro a uma zona onde o mar invade o leito do rio, tornando este último navegável em ocasiões de maré cheia, pelo que a sua implantação corresponderia a um caminho natural de passagem do litoral para territórios do interior, reunindo as condições necessárias para desempenhar um papel de considerável importância no comércio inter-regional. A localização da colina sobre uma curva do rio, atualmente muito pronunciada, garantia igualmente as condições ideais de defesa contra ventos desfavoráveis de Levante, tempestades e possíveis abordagens hostis[185].

No respeitante ao comércio de produtos gregos, num trabalho dedicado às cerâmicas áticas de Tavira, editado em 2003, Pedro Barros menciona a existência de 43 fragmentos provenientes desta região. Este número é, em 2005[186], retificando para 97 indivíduos, considerando as cerâmicas gregas que são provenientes das escavações

172 (Mateus, 2010, pp. 41-42).

173 *(Ibidem)*.

174 (Pinto & Simão, 2009, pp. 70-72).

175 (Covaneiro & Cavaco, 2005).

176 Localizada a meia altura da colina de Santa Maria, numa zona de profundo desnível. Apresenta uma extensão de 13 metros, num dos troços identificados, e uma espessura de 9,5 metros. Detetaram-se duas fases construtivas sobrepostas, ambas enquadradas nos finais do século VIII a.n.e. (Maia, 2003).

177 (Ribeiro & Santos, 2017).

178 (Maia, 2003b; Pinto & Simão, 2009).

179 (Covaneiro & Cavaco, 2003).

180 (Maia, 2003b, p. 66; Arruda, Covaneiro, & Cavaco, 2008, p. 122).

181 (Maia, 2004).

182 (Maia, 2006).

183 (Mattoso, Daveau, & Belo, 1997, p. 86).

184 (Maia, 2000).

185 (Maia, 2003).

186 (Barros, 2005, p. 937).

conduzidas no Banco Nacional Ultramarino, Pensão Netos 1, Palácio da Galeria, Solar Corte-Real e Convento da Graça. Deste conjunto, disperso pelas diversas empresas e investigadores que participaram na sua identificação, apenas foi possível estudar 25 fragmentos, quer através da visualização dos mesmos, quer de desenhos publicados. À referida contabilização apresentada por Pedro Barros, deve acrescentar-se sete fragmentos gregos provenientes dos sítios de ocupação antiga identificados na Calçada D. Ana, Terreiro do Parguinho, no Antigo Recinto das Festas e em Bela Fria.

É do Banco Nacional Ultramarino e da Pensão Netos 1 que provém a maior quantidade de exemplares áticos e, simultaneamente, a maior diversidade de tipologias. É referida a existência de dezoito tipologias identificadas no Banco Nacional Ultramarino e seis na Pensão Netos I[187], ainda que no decorrer do presente estudo, apenas tenha sido possível identificar três formas procedentes do primeiro local mencionado[188] e duas formas procedentes das escavações conduzidas na Pensão Netos[189].

Dos restantes locais é proveniente um número muito reduzido de peças, sempre inferior a quatro fragmentos, podendo estes corresponder apenas a um ou dois indivíduos. Considerando a totalidade do conjunto, predominam as formas abertas, geralmente taças de bordo convexo (TAV/TP/001; TAV/PF/001, TAV/001 a TAV/005), taças de pé baixo de figuras vermelhas (TAV/NT/001, TAV/016 e TAV/BNU/004). Menos frequentes são os skyphos (TAV/006 a TAV/008), as tigelas de bordo esvasado ou reentrante (TAV/ BF/001 e TAV/BF/002) e as lêkythoi aribalescas (TAV/BNU/005; TAV/BNU/003). Foram igualmente documentados, através de um único exemplar estudado, prato de peixes (TAV/BF/003), kratêres-de-sino (TAV/ PF/002), parte de uma lucerna (TAV/019), um kántharos (TAV/CG/002) e, por fim, um exemplar de *askos* (TAV/014), este último raro no panorama das importações gregas da Península Ibérica[190]. Além destes, registam-se 4 fragmentos de paredes totalmente revestidas de verniz negro, pertencentes a formas in- determináveis (TAV/CDA/001; TAV/PF/003, TAV/CG/001 e TAV/015), 1 fragmento de parede de figuras vermelhas de forma indeterminada (TAV/018) e 1 fragmento de asa possivelmente pertencente a uma taça de variante indeterminada (TAV/BNU/006).

À semelhança do que se verifica na generalidade dos arqueossítios do litoral algarvio, também em Tavira a cerâmica de verniz negro é maioritária.

Exceção feita aos supramencionados nove fragmentos de peças de figuras vermelhas que correspondem a quatro taças, duas lêkythoi aribalescas; um exemplar de kratêr, um fragmento de kántharos e, por último, um exemplar indeterminado[191]. No que diz respeito aos motivos decorativos representados, identificam-se palmetas (TAV/NT/001, TAV/016) e mantos (TAV/ BNU/004), no caso das taças; motivos reticulados e compostos de linhas oblíquas, no kántharos e no lêkythos (TAV/CG/001, TAV/BNU/005), respetivamente; e de uma banda de meandros, reportando-se este último motivo ao exemplar de kratêr (TAV/PF/002). Destacamos, por último, o fragmento de forma indeterminada, decorado na superfície externa com pintura a branco (TAV/018).

No respeitante às cronologias de importação de produtos gregos, os exemplares mais antigos registados, revelam-nos o estabelecimento de relações comerciais assentes na aquisição destes bens a partir da segunda metade do século V a.n.e. Assim o parece comprovar a presença de fragmentos de taças de bordo convexo cuja área entre as asas foi deixada em reserva (e.g. TAV/005)[192]. Associado ao início da receção de produtos de origem grega, está igualmente o supramencionado fragmento de kántharos de figuras vermelhas, enquadrado no estilo Saint Valentin e, possivelmente, o fragmento de *askos*, cujas características formais remetem para uma produção da segunda metade do século V a.n.e.[193]. Ainda que as primeiras importações de cerâmica grega pareçam ter uma fraca expressão, sendo possível atribuir a este período uma pequena

187 Com dezoito variedades de formas identificadas no Banco Nacional Ultramarino e seis variedades na Pensão Netos I (*Ibidem*, p. 937).

188 Nomeadamente, um exemplar da forma tigela pequena de base ampla, de taça de figuras vermelhas (TAV/BNU/004) e dois fragmentos correspondendo a lêkythoi aribalescas (TAV/BNU/005 e TAV/ BNU/003).

189 Designadamente uma taça de pé baixo de figuras vermelhas (TAV/NT/001) e taças de bordo convexo de verniz negro (TAV/NT/002 e TAV/NT/003).

190 Os estudos referentes à cerâmica grega de Tavira (Barros, 2005) mencionam igualmente a existência de dois fragmentos de taça-skyphos, um bolsal, um exemplar de kántharos, um prato de bordo espessado e um fragmento de lucerna, sem que os mesmos estejam acompanhados da respetiva ilustração.

191 Apesar de não ter sido possível observar diretamente este exemplar (TAV/018), a publicação do desenho do fragmento (*Ibidem*) levou-nos a incluí-lo no presente estudo.

192 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 101-102).

193 Idêntica associação cronológica é sugerida em (Barros, 2005, p. 937).

quantidade de fragmentos, na mudança de centúria e no decorrer da primeira metade do século IV a.n.e., regista-se um aumento da importação deste tipo de bens, expresso numa maior quantidade de peças e maior diversidade de formas. A importação de taças de bordo convexo, mantêm-se, surgindo agora exemplares de taças de figuras vermelhas. Verifica-se nesta altura, pela primeira vez neste local, o aparecimento de exemplares de verniz negro com decoração estampilhada, com motivos compostos de óvalos, palmetas e banda de estrias (TAV/BNU/001; TAV/012 e TAV/013). Regista-se ainda um exemplar de prato de peixes, uma lêkythos aribalesca, uma variante das lêkythoi cuja produção se populariza em território peninsular na primeira metade do século IV a.n.e.[194]. A chegada de peças áticas a Tavira, à semelhança dos restantes arqueossítios do litoral algarvio, cessa em meados do século IV a.n.e., revelando um intervalo temporal de importações de cerâmica grega que não ultrapassa a duração de um século.

Pelo facto de surgirem indiscriminadamente em locais de *habitat*, funerários e votivos, não é possível determinar em que medida é que a utilização de peças áticas corresponde a hábitos de utilização quotidiana, como parece verificar-me em Castro Marim, ou se adquirem um caracter de bens de prestígio, excecionalmente utilizados como loiças de mesa ou exclusivamente associadas a contextos funerários e/ou religiosos.

Estes testemunhos de comércio de produtos gregos, que chegam ao atual território de Tavira em linha de continuidade com a vinda de produtos, pessoas e influências orientalizantes testemunhada desde o século VII a.n.e., comprova a importância desta região do quadro de relações comerciais sidéricas. Esta importância, sustentada pela posição geográfica estratégica da colina de Santa Maria, prende-se com a capacidade desta região receber e redistribuir bem transacionáveis. Falamos naturalmente não só da receção de produtos exógenos, mas igualmente de matérias-primas, oriundas possivelmente do Baixo Alentejo e Serra Algarvia, passiveis de serem incorporadas no comércio marítimo.

Adossada à face interna da muralha fenícia (na sua primeira face construtiva), foi detetado um forno de cal interpretada por Maria Maia como possível testemunho de práticas de copelação da prata[195]. Igualmente no Solar Corte-Real foi possível detetar a prática da metalurgia da prata, testemunhada através de um conjunto considerável de estruturas de combustão, de instrumentos ligados à atividade metalúrgica, pingos, núcleos de cobre e uma barra de prata[196]. A estes associam-se fragmentos de ânforas, *pithoi* e fragmentos cerâmicos, todos eles datados do século VII a.n.e.[197]. Estando comprovada a prática da metalurgia e a riqueza de minério da ampla região do Baixo Alentejo e Algarve, poder-se-á presumir a comercialização dos produtos resultantes da transformação de minério, estando a sua chegada ao litoral possibilitada por via terrestre ou pelo curso do Guadiana, e o seu escoamento facilitado por via marítima. Os dados disponíveis até ao momento não permitem determinar se a supracitada atividade atingiu uma escala que justificasse a exportação de produtos, por outro lado, não permitem afirmar que a prática perdurou até finais do século V a.n.e. e inícios do IV a.n.e., altura em que ocorrem as trocas comerciais de peças áticas. A verificar-se esta presunção, Tavira assumiria o papel de processador de minério e porto de escoamento e receção de materiais de reconhecido valor económico e social. A presença de abundantes fragmentos de ânfora orientalizante em regiões mais interiores, nas áreas de influência do Guadiana e mesmo na própria colina de Santa Maria, permite supor que a par destas trocas comerciais estaria certamente a comercialização de produtos alimentícios.

Sublinhamos igualmente a existência de um espaço destinado à exploração da pesca e ao processamento de produtos do mar, datado dos séculos VI a III a.n.e.[198]. Estes vestígios, identificados no decorrer dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Banco Nacional Ultramarino, revelam uma vez mais a importância desta atividade no quadro da economia sidérica[199].

Não obstante as inseguranças na caracterização das atividades económicas associadas a esta região,

194 Igualmente deste período poderá ser um bolsal de parede côncava junto ao pé e um skyphos de bordo esvasado (Barros, 2005, p. 937), não tendo sido possível o acesso a estas peças.

195 (Maia, 2000). Próximo desta estrutura foram identificados dois vasos perfurados passíveis de serem atribuídos ao século VII a.n.e.

196 (Maia, 2000, p. 5).

197 (*Ibidem*).

198 (Maia, 2004).

199 Manuela Maia destaca, a este propósito, a natural constatação da existência de prática de exploração de salinas associada à atividade da salga e as boas condições naturais para a produção de sal em todo o Golfo de Cádis ressalvando, no entanto, que não existem vestígios arqueológicos desta prática em Tavira (Maia, 2008a, pp. 62-65).

e em particular ao comércio nela estabelecido, podemos afirmar, com base nas suas características urbanísticas e com destaque para a potente muralha, que Tavira foi, desde finais do século VIII a.n.e., um centro urbano[200]. Parece igualmente claro que dominou a foz e controlou a circulação no rio Gilão, navegável até à base da Serra do Algarve, e a via terrestre que comunicava com a Serra do Caldeirão e com o Baixo Alentejo. Mais ainda, os materiais arqueológicos identificados, com destaque para as cerâmicas áticas, indiciam um forte poder de compra que certamente resulta dos seus recursos e bens de troca comercial, sejam eles resultantes da exploração mineira, de atividades de exploração dos recursos piscícolas ou de excedentes agropecuários[201].

Ainda que tenha sofrido uma forte influência exógena desde finais do século VIII, e que se traduz, por exemplo e como já vimos, na chegada de cerâmica de matriz orientalizante, Tavira foi, na sua origem um povoado pertencente a horizonte da cultura do Bronze Final. É possível, no entanto, que se tratasse de um povoamento com pouca expressão uma vez que, logo, no final do século VIII até ao VI a.n.e., a cerâmica exógena torna-se claramente maioritária quando comparada com a indígena. De igual forma, verifica-se a construção de espaços funérios e de culto de características orientais (e possivelmente para uso exclusivo de populações estrangeiras), sublinhando uma vez mais a forte influência orientalizante que se fez sentir[202]. Entre finais do século V e inícios do século III a.n.e., incluindo o momento de chegada dos produtos áticos, as evidências arqueológicas mostram que este espaço fez uso de um cais de acostagem construído[203], indiciando um papel relevante como porto marítimo, integrado numa rede de portos e com uma posição geográfica que o converte um importante ponto de apoio à navegação de quem parte de Cádis em direção à costa atlântica do Sudoeste peninsular, e vice-versa[204].

Com registos de ocupação até início do século III a.n.e., a colina de Santa Maria testemunha, a partir de então, um aparente hiato de vestígios arqueológicos da presença humana que perdura até época islâmica[205]. Vários são os motivos apontados para este aparente abandono, não sendo possível até ao momento confirmar a sua veracidade arqueológica[206]. Em data próxima destas ausências, verifica-se o início da ocupação humana do Serro do Cavaco, uma elevação localizada a montante de Tavira[207]. Neste aparentemente novo núcleo de povoamento foram recolhidos materiais de época romana republicana, destacando-se vários fragmentos de cerâmica campaniense, paredes finas e ânforas vinárias datáveis dos séculos II e I a.n.e[208]

Sem a realização de escavações que procurem clarificar a sua ocupação, desconhecemos se esta-mos perante um povoado criado durante o processo de conquista, em função de uma estratégia militar, ou um povoado autóctone pré-romano que convive com a ocupação da colina de Santa Maria, certamente o principal núcleo regional à época[209].

---

200 Os registos arqueológicos mostram que a muralha de filiação fenícia deixa de estar funcional em meados do século V a.n.e., um abandono possivelmente associado a uma intensa destruição e incêndio (*Ibidem*).

201 (Barros, 2003, p. 75).

202 (Maia, 2000, p. 190). O achado de um bracelete de ouro maciço a aproximadamente 3 km de Tavira, interpretada como espólio de uma necrópole do Bronze Final e testemunho de uma elite local, parece, no entanto, contrariar esta proposta.

203 (Maia, 2008a, pp. 60-61).

204 (Maia, 2006; 2008b).

205 (Corvo, 2008, p. 20).

206 São sugeridas razões que se prendem com a instabilidade e ataques exteriores, incêndios, questões de insalubridade, doença, e alterações na conceção religiosa. (Fabião, 2003, pp. 77-81).

207 (*Ibidem*).

208 (*Ibidem*).

209 (*Ibidem*).

2.1.4. Faro – Centro Histórico

Faro/Faro/Faro (Sé e São Pedro). CNS: 10916, 30608.

Os trabalhos conduzidos por Teresa Júdice Gamito, na década de 80 do século XX, permitiram confirmar, através de dados arqueológicos, a presumida ocupação pré-romana da atual cidade de Faro. As escavações tiveram lugar no quintal das instalações da polícia judiciária e, mais tarde, os resultados aí obtidos foram corroborados pelas intervenções conduzidas no Museu Lapidar Infante D. Henrique, nos terrenos anexos à referida instituição. Os testemunhos de ocupação sidérica presentes nestes dois locais, aos quais se deve acrescentar os dados obtidos nas escavações recentes na área da Sé (Centro Histórico), testemunham uma ocupação humana localizada numa colina aplanada, de pequena dimensão e baixa altitude, a partir da qual é possível o domínio visual da paisagem envolvente, incluindo a ria de Faro. É admissível que este espaço constituísse, no decorrer do 1º milénio a.n.e., uma ilha com boas condições naturais de ancoradouro[210].

Neste local foram identificados escassos fragmentos de fabrico ático, todos procedentes de níveis de deposição aparentemente secundária, associando-se por vezes a estratos conservados da Idade do Ferro datados do século III a.n.e. Apenas na intervenção arqueológica conduzida no Museu Lapidar foi possível atingir o substrato de base, estando por determinar a existência de níveis mais antigos nas restantes áreas mencionadas.

As escavações levadas a cabo nas instalações da polícia judiciária permitiram identificar níveis pré--romanos conservados, testemunhando uma ocupação humana que recua, pelo menos ao século III a.n.e. Nos estratos superficiais, foram identificadas abundantes materialidades em contexto de revolvimento, incluindo um fragmento de fabrico ático e vários exemplares cerâmicos atribuíveis à I e II Idade do Ferro[211]. O primeiro exemplar mencionado, foi recolhido no nível superficial do setor «D», na unidade estratigráfica D-1 (definida por Teresa Gamito), associando-se a materialidades do período moderno, medieval/ islâmico, e romano imperial[212].

Foi publicado em 2005 por Pedro Barros[213], correspondendo à parte inferior de uma tigela de base ampla (FAR/001). O fragmento apresenta decoração estampilhada na superfície interna do fundo, composta de quatro palmetas de desenho pouco cuidado, localizadas próximas entre si, ainda que não equidistantes. A peça apresenta pé baixo, largo, levemente alteado na face interna, típico desta variante de tigela. Regista paralelos, por exemplo, em Cerro del Santuário – Baza[214], em El Cigarralejo – Múrcia[215] e La Bastida de les Alcusses – Valencia[216], integrando todos os vasos mencionados, decoração composta de quatro palmetas apresentadas no centro da superfície interna do fundo. Datam de 350-325 a.n.e., devendo o referido intervalo cronológico ser sugerido também para o fragmento identificado no litoral algarvio.

As intervenções arqueológicas realizadas no Museu Municipal de Faro vieram proporcionar novos dados sobre a aquisição de produções gregas. Os trabalhos decorreram em 2001 e 2002, sob a direção de Dália Paulo e Nuno Beja[217], e permitiram identificar níveis arqueológicos onde se recolheram materialidades pré-romanas datáveis do século IV a.n.e. O estudo deste conjunto material coube a Ana Margarida Arruda, Patrícia Bargão e Elisa de Sousa[218], tendo a análise dos exemplares áticos sido realizada por Pedro Barros[219]. Considerando a impossibilidade de acesso a estes materiais[220], os dados apresentados têm por base, exclusivamente, os desenhos publicados.

O pequeno conjunto é composto de oito fragmentos, verificando-se reservas em um dos exemplares classificado e publicado como skyphos, cujo perfil se distancia das características morfológicas associadas

210 (Arruda, 2007b, p. 122).

211 (Gamito, 1994).

212 (Gomes, 2016, p. 50).

213 (Barros, 2005, pp. 934-935).

214 (Sánchez, 1992a, p. 443, nº 94, fig. 29).

215 (Cuadrado, 1987, p. 152, 17, fig. 50-17).

216 (Fletcher, Pla & Alcacer, 1965, p. 219; Fig. 5).

217 (Paulo & Beja, 2002, 2003).

218 (Arruda, Bargão & Sousa, 2005, pp. 177-208).

219 (Barros, 2005, pp. 931-945).

220 Foi realizado o pedido formal para o seu estudo à Divisão de Cultura, Museus, Arqueologia e Restauro do Museu Municipal de Faro, em 2016, tendo a referida instituição comunicado que não foi possível recuperar o paradeiro dos dois fragmentos à sua guarda.

às produções gregas[221]. A curvatura da parede, demasiado acentuada, e o espessamento do lábio na face externa afastam-no dos protótipos formais gregos, designadamente dos skyphos tardios[222], com os quais regista maiores semelhanças. Apenas a observação do fabrico e do engobe poderá confirmar a sua classificação como exemplar de produção ática.

Os fragmentos são procedentes de estratos distintos, tendo sido identificados em aparente contexto de deposição secundária. Na unidade estratigráfica [113], um nível conservado da Idade do Ferro, associam-se a materialidades datáveis do século III a.n.e. O conjunto é composto de dois fragmentos de skyphos de figuras vermelhas[223] (FAR/002), correspondendo ambos possivelmente à mesma peça. Além destes, contabilizam-se um fragmento de prato de peixes (FAR/005); parte do bojo de uma lêkythos (FAR/003); um fragmento de tigela pequena de base ampla (FAR/001), um fragmento de tigela de bordo reentrante ou esvasado (FAR/004) e dois fragmentos de forma indeterminável (FAR/006 e FAR/007)[224]. Todos os exemplares são concordantes com produções da primeira metade do século IV a.n.e.

Apenas o exemplar FAR/002 é indubitavelmente pertencente a um vaso decorado com figuras vermelhas, ainda que seja admissível que o fragmento de prato, do qual apenas se conserva parte do reservatório, pudesse integrar a mesma técnica decorativa. A pequena dimensão dos fragmentos não permite a atribuição do seu pintor, identificando-se, no entanto, a representação de pétalas de palmetas. Os restantes exemplares apresentar-se-iam revestidos de verniz negro.

No respeitante ao fragmento de lêkythos, a atribuição da variante tipológica é menos evidente. A forma é pouco usual na Península Ibérica, particularmente no caso dos recipientes revestidos de verniz negro. Considerando a pequena curvatura da parede e o acentuado afunilamento do colo, o fragmento aproxima-se das características morfológicas da variante «black-bodied», definida para os conjuntos de peças análogas procedentes da Ágora de Atenas[225] que, no entanto, apresentam o ombro reservado e complementado de motivos decorativos. Considerando as dificuldades de definição tipológica do fragmento de Faro, entendemos que a classificação proposta deve ser, também ela, entendida com reservas que decorrem naturalmente da impossibilidade de observar esta peça.

Um segundo exemplar de tigela de bordo reentrante ou esvasado terá sido encontrado no decorrer de intervenções arqueológicas conduzidas na Sé Catedral de Faro[226]. Corresponde a parte do pé e do arranque de fundo de uma tigela de bordo reentrante ou esvasado (FAR/008). Desconhecemos as circunstâncias do seu achamento, reportando-se seguramente a um contexto de revolvimento ou deposição secundária.

No decorrer dos referidos trabalhos foi possível identificar outros exemplares associados à ocupação sidérica da colina de Faro, destacando-se abundantes contentores anfóricos datáveis a partir da segunda metade do século IV a.n.e. e exemplares de cerâmicas do tipo Kuass, com particular predomínio das formas 23 e 27 de Lamboglia[227]. Este conjunto, ao qual se acrescenta os fragmentos gregos exumados, sugere que a ocupação da colina de Faro ocorreu num momento tardio da Idade do Ferro, do decurso da primeira metade do século IV a.n.e., atingindo a sua maior extensão na centúria seguinte, altura em que integra plenamente o mercado de produtos de origem mediterrânea[228].

221 (Barros, op. cit., fig. 5, nº4).

222 Tendo como exemplo, entre outros, skyphos análogos procedentes de Toya (Jáén), datados de 375-350 a.n.e. (Sánchez, 1992a, pp. 628-629, nº 453, fig. 101).

223 (*VGP*, p. 145, fig. 81).

224 Não ilustrados (Barros, 2005, p. 935).

225 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 153).

226 (Barros, 2005, p. 934).

227 (Arruda, 2007b, p. 122).

228 (Gamito, 1994; Barros, 2005; Arruda, Bargão, & Sousa, 2005).

2.1.5. Cerro da Rocha Branca

Faro/Silves/Silves. CNS: 462.

O povoado sidérico de Cerro da Rocha Branca implanta-se na margem direita do rio Arade, numa elevação destacada na paisagem, sendo possível que na Antiguidade, este espaço forma-se uma península sobranceira ao referido curso fluvial[229].

Na primeira metade da década de 80 do século XX, o cerro foi alvo de intervenções arqueológicas, constituídas por três campanhas de campo que permitiram esclarecer importantes aspetos da ocupação de um território onde, ainda no século XIX, Estácio da Veiga, identifica um numisma fazendo alusão à ocupação antiga deste espaço[230]. Estas intervenções, conduzidas por Mário e Rosa Varela Gomes e Caetano Beirão, permitiram identificar contextos, estruturas e materiais que comprovam a ocupação da colina no decorrer da Idade do Ferro e do período romano-republicano[231], tendo os vestígios detetados sido integralmente destruídos pouco tempo após a sua descoberta.

A reduzida dimensão da área intervencionada (inferior a 170 m^2), associada à inexistência de desenhos publicados dos perfis estratigráficos que possam ilustrar a sucessão dos vários níveis escavados, geraram naturais incertezas na definição do momento em que ocorre a antropização deste cerro. Não obstante, logo em 1993, Varela Gomes (1993, pp. 79-80) propõe o estabelecimento de quatro fases de ocupação antiga deste espaço, às quais atribui as designações de «orientalizante pleno», «orientalizante evoluído», «orientalizante ibérico» e período «itálico». A primeira corresponderia a uma ocupação entre os séculos VIII-VII a.n.e.[232], associando-se a esta fase, escassos vestígios identificados em «terras removidas pelas terraplanagens», sendo o conjunto artefactual composto de pontuais fragmentos de pratos de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e exemplares anfóricos.

Datações de radiocarbono realizadas a materiais recuperados de uma estrutura de combustão confirmariam, segundo os responsáveis pela intervenção, a proposta de uma ocupação sidérica precoce, em torno do século VIII a.n.e. No estudo onde são publicados estes resultados, é igualmente dada a conhecer uma segunda análise realizada a carvões procedentes do mesmo contexto apontando uma cronologia significativamente posterior à mencionada, obrigando assim à colocação de profundas reservas na definição do momento mais antigo de ocupação do povoado[233].

Com base na análise do conjunto material publicado, Ana Margarida Arruda (1999-2000) propõe uma datação alternativa entre a segunda metade do século VI a.n.e. e a centúria seguinte para os momentos inicias da Idade do Ferro do Cerro da Rocha Branca[234]. A este propósito, merece particular destaque a identificação de testemunhos de pratos de cerâmica de engobe vermelho enquadráveis no tipo P3 definido por Rufete Tomico (1988-1989), associado a cronologias posteriores a 600 a.n.e. Também as características formais verificadas no conjunto anfórico publicado sugerem uma datação entre a segunda metade do século VI e o século V a.n.e.[235]. Estão ausentes as formas arcaicas da cerâmica de engobe vermelho e as ânforas do tipo 10.1.1.1 e 10.1.2.1. de Ramón Torres, não se verificando igualmente as cerâmicas pintadas associadas a cronologias mais recuadas, designadamente as *pithoi* e urnas de Cruz del Negro, confirmando uma vez mais a improbabilidade de uma ocupação anterior a 600 a.n.e.[236].

As escavações aqui conduzidas permitiram identificar vestígios do sistema defensivo do povoado, revelando a existência de duas fases construtivas distintas, a primeira com recurso a blocos de pedra calcária, de grande dimensão, ligados entre si através de argilas. Adossados a esta linha de muralha estariam estruturas de cariz habitacional, de plantas retangulares. Num segundo momento, coincidente com a diminuição

229 (Gomes, 1993, p. 74). Registos demonstram que este rio foi navegável até ao século XV (Arruda, 2007b, p. 124).

230 (*Apud* Gomes, 1993, p. 73-74).

231 (Gomes, Gomes & Beirão, 1986; Gomes, 1993).

232 (*Ibidem*, pp. 82-83).

233 A problemática da datação destes materiais é largamente discutida em (Arruda, 1999-2000, p. 55). Estudos realizados em data posterior vêm afirmar a improbabilidade da antropização deste espaço recuar à cronologia proposta por Varela Gomes, além de confirmarem a discrepância verificadas nas datações de radiocarbono e no faseamento de ocupação sugerido (Arruda, 1999-2000, Arruda, 2000b, Torres Ortiz, 2001, p. 59).

234 (Arruda, 1999-2000, p. 53).

235 Registando, alguns exemplares, afinidades com o tipo 1.4.4.1. de Ramon Torres (*Ibidem*, p. 55).

236 (*Ibidem*, p. 55).

do espaço intramuros, o troço de muralha além de utilizar uma matéria-prima distinta, surge complementado de torres de planta retangular, com interiores ocos[237].

É manifesta a presença de influências e materiais de origem mediterrânea associadas à ocupação sidérica deste local, merecendo particular destaque um pequeno conjunto de cerâmicas gregas que revela que este espaço se encontra integrado nos circuitos comerciais que abastecem as restantes áreas do litoral algarvio. O conjunto é composto de exemplares de fabrico ático, registando um avançado estado de fragmentação e deterioração[238]. Integra três exemplares de taças de figuras vermelhas (CRB/001 a CBR/003), dois dos quais (CRB/001 e CRB/002) registando características estilísticas e fabricos semelhantes, pertencendo muito provavelmente à mesma peça, ainda que não seja possível confirmar a referida associação. Também um fragmento de asa recolhido neste local poderá corresponder à supracitada taça (CRB/004). Não obstante, dado o seu reduzido tamanho e avançado estado de deterioração da pasta e verniz, optou-se por incluí-lo da categoria das «asas indeterminadas». O fragmento CRB/003 corresponde igualmente a uma taça de figuras vermelhas, preservando apenas a parte inferior da parede e o arranque do fundo. Com exceção da asa, todos os fragmentos apresentam decoração na superfície externa, composta por volutas verticais (CRB/001 e CRB/002) e motivos indeterminados (CRB/003). Os exemplares de bordo apresentam a face externa do lábio revestida de verniz negro. Esta característica em particular, juntamente com a representação de volutas, permite sugerir o Grupo do Pintor de Viena 116, como possível autor da decoração destas peças, registando-se paralelos, por exemplo, em vasos procedentes de Cádis[239], Huelva[240] e Jaén[241]. A referida proposta deve, no entanto, ser entendida com reservas, dada a pequena dimensão dos fragmentos e dos motivos conservados. As características formais e estilísticas mencionadas permitem datar estes exemplares entre 400-350 a.n.e.

O conjunto de fragmentos de verniz negro é composto de quatro exemplares apenas[242]. Integra a base de uma tigela de bordo reentrante ou esvasado (CRB/005), conservando, na face interna do fundo, parte da decoração que apresentaria, sendo possível reconhecer vestígios de uma banda de estrias e palmetas. Um segundo fragmento, conservando parte do pé e arranque de parede, poderá corresponder a um bolsal (CRB/006), não sendo, no entanto, possível confirmar a referida classificação.

Regista-se igualmente um fragmento de possível bordo de aba pendente, passível de integrar a forma de prato de peixes (CRB/007) e um fragmento indeterminado, totalmente revestido de verniz negro (CRB/008). As incongruências observadas no faseamento proposto pelos responsáveis pela escavação deste local, impossibilita, no entanto, qualquer tentativa profícua de estabelecimento de relações estratigráficas entre os materiais gregos e os restantes vestígios identificados.

2.1.6. Ilhéu do Rosário

Faro/Silves

Os vestígios arqueológicos foram identificados num ilhéu de pequena dimensão[243], que não ultrapassa os 9 metros de altitude. Localiza-se na confluência da Ribeira de Odelouca com o rio Arade, distando cerca de 6 km da sua foz[244]. Apesar de não assumir uma posição destacada na paisagem, a partir do ilhéu é possível o domínio visual de parte do troço dos referidos cursos fluviais e de considerável extensão da paisagem envolvente.

Em 1878, Estácio da Veiga conduziu escavações neste local, identificando quatro fases distintas de ocupação, que atribui ao neolítico, Idade do Ferro, período romano-republicano e Idade Média[245]. O primeiro

237 (*Ibidem*, 1999-2000, p. 54).

238 (Gomes, Gomes e Beirão 1987, p. 76; Gomes, 1993).

239 (Rouillard, 1991, p. 724, 2.2.4.20, p. 738, 2.2.4.20; nota 19, fig. 22, 1, fig. 61,1).

240 (Olmos, 1977a, p. 382).

241 (Sánchez, 1992a, p. 569-570, nº 344, fig. 75).

242 Considerando a impossibilidade de observar estes fragmentos, a análise que aqui se apresenta resulta exclusivamente da observação de fotografias das peças.

243 «[a ilha] *é pequeníssima, de uns 100 metros, de comprimento, e de menos de metade, de largura […]*» (Vasconcelos, 1918, p. 122).

244 (Barros, 2005, p. 934).

245 (*Ibidem*).

testemunhar-se-ia através de escassas materialidades, designadamente um machado polido e um pendente. Mais frequentes seriam os vestígios materiais que se reportam à ocupação de época romana, integrando entre outros, fragmentos de ânforas da forma Dressel 1, anzóis e uma máscara de sítula em bronze[246]. Associado a esta presença, foram detetados vestígios de construções, incluindo um tanque possivelmente associado a um complexo romano de salga ou conserva de peixe.

Os trabalhos arqueológicos aqui conduzidos permitiram igualmente identificar um pequeno conjunto de vestígios materiais atribuíveis a uma ocupação da Idade do Ferro. De Ilhéu do Rosário é igualmente procedente um único fragmento de cerâmica grega, de fabrico ático, totalmente revestido de verniz negro. Trata-se da parte superior de uma tigela de bordo reentrante, com uma produção enquadrável na primeira metade do século IV a.n.e. Regista um diâmetro de pequena dimensão que, no entanto, é significativamente maior do que o bocal da forma «tigela pequena de base ampla», de perfil semelhante, identificada em vários outros arqueossítios da fachada atlântica da Península Ibérica. Tratar-se-á, portanto, de uma tigela de bordo reentrante de pequena dimensão.

São escassos os dados disponíveis sobre a ocupação da Idade do Ferro deste local, resultando quase exclusivamente da análise do pequeno conjunto de materiais preservados no Museu Nacional de Arqueologia, provenientes das escavações conduzidas ainda no decorrer do século XIX. Desconhecem-se quais- quer relações estratigráficas fiáveis entre os espólios, estruturas e contextos identificados neste lugar, pelo que nos absteremos de apresentar propostas de associação entre o exemplar de cerâmica grega identificado e os restantes materiais. Destacamos, no entanto, a aparente manutenção do gosto pela cerâmica de verniz negro, expressa através da importação de vários exemplares de cerâmica campaniense no decorrer da ocupação romana deste local[247].

2.1.7. Monte Molião

Faro/Lagos/São Gonçalo de Lagos. CNS: 11870.

Ainda que o sítio arqueológico de Monte Molião estivesse, até muito recentemente, associado quase em exclusivo aos vestígios de época romana nele identificados[248], este espaço regista igualmente uma ocupação humana no decorrer da Idade do Ferro. Esta presença ficou comprovada por trabalhos de prospeção conduzidos ainda na década de 80, que permitiram recolher escassos testemunhos materiais datados do século IV a.n.e.[249]. Foi novamente confirmada na década seguinte, no decorrer de uma escavação de emergência conduzida sob a direção científica de Susana Estrela. Neste contexto, foi intervencionada uma pequena área localizada no topo Norte do Cerro, recolhendo-se escassas materialidades associadas à ocupação sidérica, publicando-se os resultados dos trabalhos arqueológicos logo em 1999[250].

Neste local é posteriormente construída uma moradia privada que, juntamente com a abertura de um acesso junto à vertente Este do cerro, resultou na destruição de estruturas e materiais sidéricos e colocou limitações à definição da ocupação da Idade do Ferro desta colina. Intervenções de salvaguarda realizadas no decorrer de 2005 permitiram identificar novas materialidades associadas à presença pré-romana deste espaço, exumadas em níveis de aterro[251]. No ano seguinte foi constituído o projeto de investigação «Monte Molião na Antiguidade – MOM», sob a direção de Ana Margarida Arruda, intervencionando-se no âmbito desta iniciativa, três grandes zonas localizadas no topo e no Sul da colina. Abarcando uma área de aproximadamente 527 m^{2}, escavados em cinco campanhas de campo (de 2006 a 2009 e 2011), os trabalhos permitiram colocar a descoberto vestígios materiais e estruturas concordantes com a ocupação pré-romana deste espaço[252].

246 (Gomes, Cardoso & Alves, 1995, p. 33).

247 (Sousa, 1996, p. 42).

248 (Rocha, 1909; Veiga, 1910; Viana, Formosinho & Ferreira, 1952; Alarcão & Alarcão, 1964).

249 (Arruda, Bargão & Sousa, 2005, p. 205).

250 A propósito das intervenções realizadas em Monte Molião, *vide* (Arruda, *et alii* .2011), entre outros .

251 (Sousa & Serra, 2006).

252 (Arruda, et alii., 2008; Arruda. *et alii*, 2011).

Os primeiros níveis de ocupação registados são datados pela presença de produções cerâmicas do tipo Kuass[253], atribuível às últimas décadas do século IV a.n.e., indiciando uma fundação tardia. Ainda no respeitante ao espólio material, assinala-se a presença de cerâmica de importação e de produção local/ regional, incluindo exemplares de fabrico manual e a torno[254]. Os contentores anfóricos ainda que percentualmente pouco significativos, compõem igualmente o conjunto cerâmico de Monte Molião, registando uma grande diversidade formal, e integrando, entre outros, os tipos B/C e D de Pellicer, Mañá Pascual A4, a série 12 de Ramón Torres, estando todos os exemplares datados entre finais do século IV e o século III a.n.e.[255]. Foram ainda recolhidos artefactos metálicos, líticos e fragmentos de vidro, com destaque para abundantes contas de colar[256].

Em termos arquitetónicos, a ocupação da Idade do Ferro de Monte Molião é caracterizada pelo recurso a modelos pouco frequentes no Sul do atual território português, registando uma técnica construtiva assente na abertura de valas no substrato rochoso calcário com vista ao suporte das estruturas pétreas[257]. A planta dos compartimentos apresenta-se assim completamente escavada no afloramento, sendo possível supor que os alçados dos muros seriam formados de taipa[258]. Foram igualmente identificados dois possíveis buracos de poste, que tudo indica corresponderiam a uma área de alpendre[259]. Num segundo momento de ocupação sidérica da colina, verifica-se o recurso a uma técnica construtiva distinta, baseada na utilização de alçado em calcário e de paredes mais espessas. Os espaços de habitação apresentam frequentemente uma planta quadrangular ou retangular, uma estrutura de combustão e o seu piso é conseguido através do afeiçoamento do substrato geológico e do seu nivelamento através de placas calcárias moídas[260].

No respeitante à cerâmica grega proveniente deste local, as escavações levadas a cabo no âmbito do projeto MOM, permitiram identificar onze fragmentos de reduzidas dimensões[261], sendo possível classificar tipologicamente apenas cinco destes exemplares. O conjunto integra apenas dois vasos de figuras vermelhas, correspondendo a parte de um bordo de um skyphos (MOL/003) e a um fragmento de parede de forma indeterminável (MOL/006). Além destes, registam-se cinco fragmentos que não permitem um enquadramento tipológico, apresentando-se totalmente revestidos de verniz negro (MOL/007 a MOL/011), um dos quais apresentando uma inscrição em caracteres gregos, feitos por incisão, num momento posterior à cozedura da peça (MOL/007)[262].

Formam ainda parte do conjunto, dois fragmentos de forma indeterminada, decorados na superfície interna com palmetas impressas, tendo sido sugerida a sua possível classificação como bolsal e tigela de bordo esvasado ou reentrante263. No decorrer dos trabalhos de campo foi ainda recolhido um fragmento de um kantharos em verniz negro (MOL/002) e um fragmento de askos (MOL/002), possivelmente pertencente à variante *lagynos*, apresentando sobrepintura a branco na superfície externa.

As características formais destas peças sugerem uma produção centrada em torno dos inícios ou meados do século IV a.n.e. Não obstante, a sua relação estratigráfica e a associação a cerâmica do tipo Kuass, presente no primeiro estrato de ocupação, indiciam uma utilização mais tardia deste tipo de materiais. O início da ocupação sidérica do cerro estaria assim datado de finais do século IV a.n.e., reportando-se a esta cronologia a grande maioria dos materiais identificados no decorrer dos trabalhos de campo[264]. A colina regista igualmente uma intensa ocupação no período romano-republicano com destaque para a presença de abundantes materiais oriundos da baía de Cádis[265].

253 (Arruda, *et alii*, 2008, p. 147).

254 (Arruda, *et alii*., 2011, p. 8).

255 (Arruda, *et alii*., 2008, p. 147).

256 (*Ibidem*)

257 (Arruda, *et alii*, 2008; 2011).

258 (*Ibidem*, pp. 141-142).

259 (*Ibidem*, p. 142).

260 (Sousa & Arruda, 2010, p. 955).

261 (Arruda *et alii*., 2008, p. 150; 2011, p. 15).

262 (Arruda, *et alii*., 2011, p. 16).

263 (Arruda, *et alii*., 2011, p. 15-16). Considerando a pequena dimensão dos fragmentos e as reservas colocadas à classificação mencionada, entendemos a sua integração no conjunto dos exemplares indeterminados.

264 (*Ibidem*, 2008).

265 (Arruda *et alii.*, 2008, p. 150).

2.1.8. Quinta da Queimada

Faro/Lagos/Odiáxere. CNS: 26504.

Formado por duas sepulturas escavadas no solo, o arqueossítio da Quinta da Queimada foi interpretado pelos investigadores que de dedicaram ao seu estudo como uma necrópole da Idade do Ferro cuja dimensão real permanece por determinar.

A primeira vala de enterramento, correspondendo a uma sepultura de incineração, apresentava um conjunto de materialidades depositadas de forma ritual, sobre as cinzas resultantes da cremação do cadáver[266]. Entre o espólio identificado contam-se uma conta de colar em ouro; vinte e três contas cilíndricas de riolite; onze cossoiros; fragmentos de duas peças áticas de verniz negro; parte de um vaso de pequena dimensão de «verniz vermelho»; restos de uma faca afalcatada em ferro e fragmentos de ossadas humanas pertencentes a um jovem adulto do sexo feminino.

A segunda vala de enterramento, de inumação, registava exclusivamente material osteológico muito deteriorado. Ambas foram escavadas no solo e não apresentam estruturas pétreas associadas, não sendo possível confirmar se esta ausência resulta unicamente da destruição causada pelos trabalhos agrícolas. A análise do material osteológico inumado indica uma cronologia do século IV-III a.n.e., podendo esta sepultura ser contemporânea ou ligeiramente posterior ao enterramento de incineração, atribuído ao segundo quartel/meados do século IV a.n.e., de acordo com a datação sugerida para o seu espólio, segundo David Calado e Mário Varela Gomes[267].

É da sepultura de incineração que provêm os vestígios cerâmicos gregos, correspondendo a fragmentos de duas tigelas de bordo esvasado (QUE/001 e QUE/002). Apresentam ambas bordo revirado para o exterior e lábio de secção semicircular. A primeira, da qual se conserva apenas bordo e corpo, apresenta ambas as superfícies revestidas de verniz negro. A segunda peça, de perfil completo, exibe uma pequena canelura em reserva, na ligação da base à parede, na superfície externa. O fundo interno apresenta vestígios de uma cartela circular incisa, com decoração composta de banda de estrias. O pé da peça apesenta-se ligeiramente oblíquo e o corpo regista uma dupla curvatura, muito pronunciada. Esta particular característica, assim como o fundo completamente engobado, permite apontar uma datação em torno do século IV a.n.e. para a produção destas tigelas[268].

Considerando que faz parte do espólio um fragmento cerâmico de bordo descrito por David Calado e Mário Varela Gomes (1996, p. 178) como «pequeno vaso de verniz vermelho», e posteriormente classificado por Ana Margarida Arruda e Elisa de Sousa (2010, p. 970) como cerâmica de tipo Kuass», estamos, uma vez mais, perante um contexto onde a cerâmica ática se associa a uma produção mais tardia, de origem gaditana. Efetivamente as referidas investigadoras sublinham o facto de se tratar de um vaso bitroncocóni- co de engobe vermelho, formal e tecnicamente semelhante à forma XV de Niveau. Com uma produção que se inicia em finais do século IV a.n.e., e estando estratigraficamente em associação com os materiais gregos, faz avançar a datação destes últimos para o final do referido período, em substituição do segundo quartel do século IV a.n.e., tal como é sugerido no trabalho de síntese referente à Quinta da Queimada[269].

Um dos exemplares ático revela indícios de contato com fogo, tendo-se conservado partido sobre as cinzas. Sublinhamos que a existência de colagens e de zonas de fratura não erosionadas, indicia que a peça terá sido foi fraturada *in situ*[270].

Ressalvando-se a reduzida dimensão da amostragem, verifica-se a presença exclusiva de cerâmica áti- ca correspondendo a formas abertas, seguindo a tendência da generalidade de sítios com materiais gregos da atual costa Algarvia. Ao contrário do que se verifica nos restantes contextos de necrópole estudados, identifica-se aqui a presença exclusiva de vasos de verniz negro, acompanhando os hábitos de consumo quotidiano desta loiça, sem distinção entre as peças que se selecionam para uso em contextos de *habitat* e de enterramento.

266 A descrição da sepultura e do espólio seguidamente apresentado tem por base a seguinte publicação (Calado & Gomes, 2006).

267 Sugerindo os mesmos o intervalo cronológico de 375-350 a.n.e. (*Ibidem*, p. 171).

268 Com paralelo em (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 128-130).

269 De acordo com a datação de C14 realizada ao espólio osteológico (Calado & Gomes, 2006).

270 (*Ibidem*).

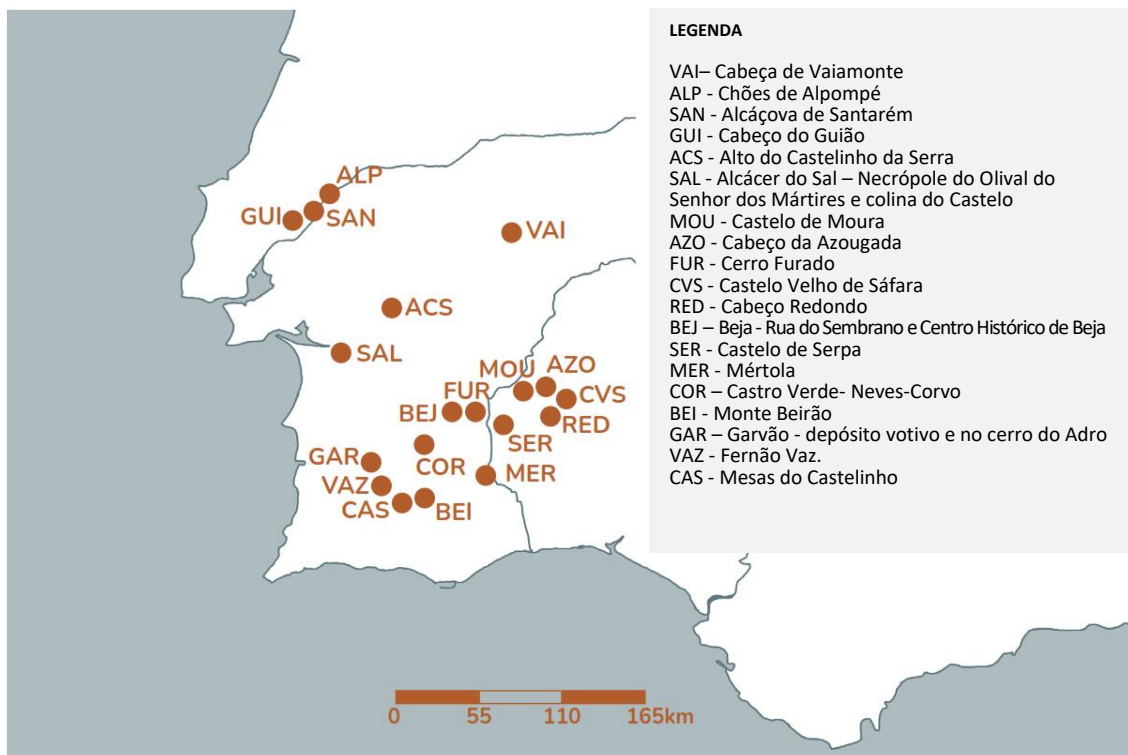
Destacamos ainda a localização costeira da Quinta da Queimada, interpretada pelos investigadores que se dedicam ao seu estudo como local não só de receção de produtos importados, como também centro redistribuidor destes mesmos bens. É necessário sublinhar, contudo, que estamos perante um espaço de natureza funerária e, como tal, esta interpretação não poderá recair sobre o arqueossítio da Quinta da Queimada, mas antes sobre o local de *habitat* ao qual estaria associado.

Não obstante a reduzida quantidade de material ático recolhido até ao momento, locais de enterramento de natureza semelhante à Quinta da Queimada fazem supor a existência de um maior número de sepulturas e, consequentemente, de materiais, tal como se verifica, por exemplo, em necrópoles da mesma cronologia**,** na Andaluzia Oriental, com destaque para Baza[271] e Cabezo Lucero[272] e, em território português, Alcácer do Sal.

271 Das 178 sepulturas identificadas neste local, sete continham tigelas áticas e bordo esvasado, totalizando-se 14 destas peças, às quais se acrescentam aproximadamente, cinco fragmentos resultantes de recolhas superficiais (Presedo Velo, 1982, pp. 270-271).

272 Em 65% das 63 sepulturas identificadas verificou-se a existência de vasos gregos datados do século V e IV a.n.e. Foram recolhidas em várias sepulturas cossoiros e armas, à semelhança do que verificou na Quinta da Queimada (Aranegui et alii., 1993, pp. 49-50).

2.2. ALENTEJO (NUT PT18)

Regista-se a presença de cerâmica grega nos arqueossítios de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portalegre), na Alcáçova de Santarém e Chões de Alpompé (Santarém), em Cabeço do Guião (Cartaxo, Santarém), no Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora), em Alcácer do Sal (Setúbal), nos arqueossítios de Castelo Velho de Sáfara, Cabeço da Azougada, Castelo de Moura e Cabeço Redondo (Moura, Beja), no Castelo de Serpa (Serpa, Beja), em Mértola (Beja) e Castro Verde (Beja), no Cerro Furado e na Rua do Sembrano e Centro Histórico de Beja. Testemunha-se ainda a presença destas produções forâneas em Mesas do Castelinho e Monte Beirão (Almodôvar, Beja), e no depósito votivo e no cerro do Adro de Garvão e Fernão Vaz (Ourique, Beja).

Mapa 5. Mapa de distribuição dos sítios arqueológicos com presença de materiais gregos na região do Alentejo.

A presente região integra 19 dos arqueossítios estudados, distribuídos de forma desigual pelos atuais distritos de Portalegre, Évora, Beja, Setúbal e Santarém. O grande número de locais onde se regista a presença de importações gregas decorre não só do grande alcance deste tipo de bens no referido território, como também da grande área que por ele é abrangida. A região é delimitada a Este pelas comunidades autónomas espanholas da Estremadura e Andaluzia e a Oeste pelo oceano atlântico. Faz ainda fronteira, a Norte e Sul, com as regiões do Centro e Algarve, respetivamente. Subdivide-se em cinco grandes regiões (Alto Alentejo, Alentejo Central, Alentejo Litoral, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo), cada uma delas com distintas características fisiográficas e testemunhando distintos alcances das produções gregas. No Alto Alentejo e Alentejo Central os testemunhos materiais destas cerâmicas são escassos, tal como os sítios com registo destas produções. A interioridade destes territórios e a ausência de cursos de água navegáveis que permitam a ligação ao mar (e aos circuitos comerciais marítimo) constitui uma das principais razões para esta escassez de testemunhos. No Alentejo litoral, ainda que o número de arqueossítios que registam a importação de materiais gregos seja reduzido, destaca-se, contudo, a grande quantidade de vasos identificado em Alcácer do Sal. A sua localização litoral, próxima da desembocadura do rio Sado contribuiu para a maior difusão de produtos forâneos nesta região, conferindo-lhe um maior protagonismo no quadro das trocas comerciais de produtos orientalizantes.

É, contudo, no Baixo Alentejo que encontramos o maior número de povoados sidéricos com registo de cerâmica grega, a generalidade implantada nas margens do rio Guadiana ou nas proximidades das ribeiras

que compõem a bacia hidrográfica desta importante via fluvial, sugerindo uma vez mais um abastecimento e redistribuição dos produtos gregos através do curso de rios navegáveis.

Por último, na Lezíria do Tejo, foram documentados arqueologicamente três locais com registo de importações gregas. Implantam-se nas margens do Tejo, em locais que permitem o controlo visual do referido rio, revelando, tal como mencionado anteriormente, uma ligação próxima com os povoados localizados na desembocadura do rio.

2.2.1. Cabeça de Vaiamonte

Portalegre/Monforte/Vaiamonte. CNS: 1656.

No outeiro de Cabeça de Vaiamonte foram identificados testemunhos materiais que indiciam uma expressiva ocupação pré e proto-histórica deste espaço. Além destes, registam-se importantes vestígios que atestam a possível presença de uma guarnição militar romana em período republicano[273], momento a partir do qual o povoado entra em declínio. Conhecemos estes dados graças aos estudos dos conjuntos materiais que têm vindo a ser conduzidos a partir do final do século XX[274], e que confirmam a existência várias fases de ocupação, algumas das quais atingindo uma dimensão muito significativa. Das campanhas arqueológicas realizadas neste local ao longo de catorze anos, são escassos os resultados publicados, permanecendo desconhecidos os contextos em que os materiais arqueológicos foram exumados.

Formam parte do espólio recolhido, dois exemplares de cerâmica grega, de fabrico ático, entregues à guarda do Museu Nacional de Arqueologia[275]. Um dos fragmentos, conservando parte da base, pertence a uma taça de pé baixo de variante indeterminada (VAI/001). O segundo exemplar corresponderia à parte inferior de uma lêkythos aribalesca (VAI/002), concordante com as formas análogas produzidas no decorrer da primeira metade do século IV a.n.e.

Além das cerâmicas áticas, o povoado da Cabeça de Vaiamonte integra um vasto conjunto de contas vítreas, de origem exógena à região, que poderão confirmar uma vez mais a existência de importações locais de origem mediterrânica. Não obstante esta presença, a inexistência de elementos que permitam uma atribuição contextual segura, associada à dificuldade de delimitação dos âmbitos cronológicos precisos para este tipo de peças, impede o estabelecimento de qualquer associação com a chegada das cerâmicas gregas a este território. Com uma datação mais precisa, e uma produção também orientalizante enquadrável entre os séculos V e IV a.n.e., regista-se a presença de um alábastron de vidro polícromo com núcleo friável[276]. Não foram identificados quaisquer indícios da aquisição de ânforas ibérico-púnicas, uma ausência comum aos povoados mais interiores, dificilmente alcançáveis através da navegação, verificando-se neste local a preferência pela importação de peças de menores dimensões, facilmente transportáveis[277]. A natureza excecional dos vestígios identificados afasta o povoado de Cabeça de Vaiamonte do protótipo de povoado «orientalizante», constituindo a presença de cerâmica grega neste local, um importante testemunho das dinâmicas de importação destas produções em territórios mais interiores.

O cabeço regista ainda uma ocupação calcolítica e escassas materialidades passíveis de serem atribuídas ao Bronze Final, incluindo uma fíbula de mola dupla[278]. Não existe qualquer registo de testemunhos que comprovem que o local terá sido ocupado no decorrer da designada I Idade do Ferro.

2.2.2. Castelo Velho de Sáfara

Beja/Moura/Safara e Santo Aleixo da Restauração. CNS: 12841.

Localizado na margem esquerda do rio Ardila, afluente do Guadiana, o povoado ocupa um esporão rochoso sobranceiro ao referido curso de água, beneficiando de um amplo domínio visual do território en-

273 (Fabião, 1996).

274 (Fabião, 1996, 1998).

275 Designado, à época, Museu Nacional de Arqueologia Leite de Vasconcelos. Em 1997 estariam ainda em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (Arruda, 1997), contudo, no decorrer do estudo dos materiais gregos realizada na referida instituição, no âmbito da presente obra, não foi possível recuperar o paradeiro destes materiais. As informações apresentadas, baseiam-se assim, somente, nos dados disponibilizados pelas publicações que referem este pequeno conjunto de cerâmicas áticas (Fabião, 1996, 1998; Arruda, 1997).

276 (Fabião, 2001, p. 212).

277 (Fabião, 2001, p. 22).

278 (Ponte, 1985).

volvente. Regista vestígios da presença efetiva de populações no Calcolítico Pleno/ Final, voltando a ser ocupado entre meados do século IV a.n.e. e o século I[279].

Não obstante o potencial arqueológico de Castelo Velho de Sáfara ser conhecido desde os anos 70 do século XX[280], as primeiras escavações arqueológicas conduzidas neste local ocorreram apenas no verão de 2018[281], não tendo sido ainda publicados os resultados obtidos. O conhecimento da ocupação humana deste arqueossítio deriva assim, exclusivamente, do estudo dos materiais recuperados à superfície ao lon- go de várias ações de prospeção e do levantamento topográfico das estruturas defensivas remanescentes, conduzido no âmbito de uma dissertação e mestrado realizada sobre a ocupação humana deste local[282]. Sabemos, a partir desta iniciativa, que o povoado preserva parte do sistema defensivo que complementaria as condições naturais de defesa proporcionadas pela sua implantação geográfica, em altitude e com um desnível acentuado a Norte[283]. Ainda que seja desconhecida a cronologia a que se reporta a construção dos seus perímetros amuralhados, é, no entanto, percetível a existência de um aparelho defensivo complexo, composto de várias linhas de muralhas e fossos escavados no afloramento rochoso[284].

A fase de ocupação mais antiga do povoado encontra-se relativamente bem representada através da identificação de cerâmicas áticas[285], mas também de cerâmica de produção local/ regional com decorações passíveis de integrar a «Fase de Apogeu» definida por Berrocal (1992, p. 95). O pequeno conjunto de cerâmica grega recolhido neste local é já bastante conhecido[286], integrando quatro fragmentos de taças de produção ática, decorados com figuras vermelhas. Em avançado estado de fragmentação, conservam escassos elementos decorativos, sendo possível identificar vestígios da representação de um manto no medalhão central de um dos fragmentos (CVS/004), vestígios de uma espiral (CVS/003) e de uma palmeta (CVS/002). Em dois dos exemplares é ainda possível distinguir os círculos reservados que delimitariam o medalhão central (CVS/002, CVS/003). As características formais e decorativas mencionadas permitem integrá-los nas produções do século IV a.n.e., não sendo possível determinar a que pintor estariam associados.

No decorrer da elaboração da sua tese de mestrado «*O Castelo Velho de Safara (Moura), elementos para o seu estudo*» (2010), aquando do levantamento topográfico e a prospeção do terreno realizada nesse âmbito, Teresa Costa recolhe o quinto exemplar de cerâmica ática (CVS/005) conhecido até ao momento neste arqueossítio[287]. O fragmento foi identificado na vertente da ribeira de Safara, nos escombros de um corte em zona próxima à muralha. Corresponde a um fundo e parede de uma taça de figuras vermelhas, conservando ainda parte da decoração que estaria presente no medalhão central e vestígios da decoração apresentada na superfície externa da parede, não sendo, no entanto, possível determinar com segurança nenhum dos motivos representados. O medalhão central é, tal como nos restantes exemplares recolhidos neste local, delimitado por círculos concêntricos em reserva e em verniz negro, apresentados de forma alternada.

Tratando-se de recolhas de superfície, não é possível estabelecer nenhuma correspondência entre as produções áticas e os contextos em que terão sido utilizadas estas peças. Foram igualmente recupera- dos no decorrer dos trabalhos de prospeção, um número muito significativo de exemplares de cerâmica

279 (Soares, Araújo & Cabral, 1985; Soares, 2001; Costa, 2010; entre outros).

280 Altura em que António Monge Soares procedeu a recolhas de superfície e à análise de um corte estratigráfico que resultou de um desmoronamento ocorrido na parte alta da colina. O estudo dos referidos materiais permitiu verificar a existência de duas fases distintas de ocupação deste local, a primeira reportando-se ao Calcolítico Final e a segunda entre os séculos IV a.C. e o século I (Soares, Araújo & Cabral, 1985; Soares, 2001; entre outros).

281 O projeto de estudo do Castelo Velho de Sáfara começou em novembro de 2017, sob a direção de Mariana Nabais e Rui Monge e com a colaboração das University College London e da University College Dublin. À data de entrega da presente obra não tinham sido ainda divulgados os resultados da primeira campanha de campo, pelo que a informação apresentada resulta em exclusivo dos estudos realizados aos materiais arqueológicos recolhidos à superfície (Soares, 2001; Costa, 2010).

282 (*Ibidem*).

283 (Costa, op. cit., p. 5).

284 Os vestígios do sistema defensivo conservados são exaustivamente descritos em (*Ibidem*, p. 10-14), procurando-se definir o perímetro do recinto fortificado, as suas características e as áreas habitáveis no seu interior.

285 (*Ibidem*, p. 76).

286 O conjunto de cerâmica grega foi primeiramente publicado por Monge Soares (2001, p. 62, fig. 8 e 9). Em 2007 integra o catálogo que resultou a Exposição «Vasos em Portugal. Aquém das colunas de Hércules» (2007, fig. 90-93). É novamente descrito em 2010 por Teresa Costa, com incorreções na classificação das peças (Costa, 2010, p. 76).

287 (*Ibidem*, p. 76).

comum produzida local/regionalmente. O estabelecimento de paralelos tipológicos com peças análogas, encontradas em Castelo de Moura, permitiu propor uma datação do século IV a.n.e. para algumas destas produções[288]. Foi igualmente exumado um pequeno fragmento de cerâmica decorada com grafite, datada do século V a.n.e., com origem provável na região do Alto Guadalquivir[289], e o bordo de uma forma aberta com as superfícies revestidas de engobe vermelho, semelhante a uma outra procedente de Azougada, de produção local/ regional[290]. Em menor quantidade, foram identificados exemplares de cerâmica pintada, cerâmica estampilhada, cerâmica cinzenta e ânforas «ibero-púnicas»[291].

Nos inícios do século XX, Leite Vasconcelos menciona a aquisição de um *thymiaterion* procedente de Safara[292], desconhecendo-se o seu contexto de proveniência exata. Tem vindo a ser sugerida a sua associação ao povoado de Castelo Velho[293], ou, inclusivamente, à ocupação sidérica da Azougada[294], não sendo, no entanto possível asseverar qualquer uma das procedências sugeridas. Trata-se de um pequeno queimador em bronze, de matriz orientalizante, datado entre a primeira metade do século VII a.n.e e a centúria seguinte, registando paralelos de origem fenícia/ cipriota[295]. Não obstante as inseguranças relativas ao seu local de procedência, a sua descoberta em Moura sugere a existência de uma ocupação sidérica, ainda inédita, datada entre os séculos VII-VI a.n.e. em lugar incerto do atual concelho[296].

O povoado sidérico de Castelo Velho de Sáfara ocuparia geograficamente o interflúvio da ribeira de Safara com o rio Ardila, sendo possível, a partir deste local, o controlo visual do curso médio do rio. Integra por isso mesmo, a classificação de Luís Berrocal (1992), de castro «de ribeiro» ou «ribeirinho», o tipo de implantação mais comum entre os territórios do sudoeste Peninsular de matriz celtizante, particularmente entre os que se articulam com a bacia hidrográfica do rio Ardila.

Localiza-se igualmente próximo de importantes jazidas mineiras, sendo admissível a sua exploração do decorrer da Idade do Ferro. Os dados arqueológicos disponíveis, designadamente a análise de alguns elementos cerâmicos recolhidos à superfície, contendo resíduos metálicos, atestam a prática de atividades metalúrgicas no povoado. Verificam-se indícios, quer para a metalurgia do cobre no decorrer da ocupação do Calcolítico Final/ Pleno, quer no decorrer da II Idade do Ferro ou em época romana[297]. De igual forma, regista-se a prática da metalurgia da prata com recurso à técnica de copelação, testemunhada através de um fragmento[298] que se reporta à ocupação da Idade do Ferro ou de época romana.

2.2.3. Cabeço da Azougada

Beja/Moura/Moura (Santo Agostinho e São João Baptista) e Santo Amador. CNS: 2537.

Os vestígios de ocupação antiga localizam-se num cabeço de pequena dimensão, sobranceiro à foz do rio Ardila, na margem esquerda do Guadiana. Apresenta boas condições naturais de defesa garantidas pelas vertentes abruptas, suavizadas apenas no flanco Este da colina. Os seus ocupantes beneficiariam de um amplo controlo visual do território envolvente, em particular da foz do rio Ardila e de parte do curso dos rios Ardila e Guadiana.

O cabeço foi alvo de trabalhos arqueológicos entre 1943 e 1951[299], por iniciativa de Manuel Heleno e José Fragoso, não se tendo, no entanto, procedido à escavação da totalidade do espaço ocupado. As intervenções aqui conduzidas permitiram identificar estruturas, assim como um abundante conjunto material

288 (Soares, 2017, p. 181).

289 Trata-se de um pequeno recipiente aberto, de tradição local/regional, decorado com faixas grafitadas, apresentadas de forma alternada com bandas vermelhas. (Soares, 2001, p. 61, figura 7, nº 51).

290 (Costa, 2010, Estampa XXI, nº 555). O exemplar foi recolhido por Monge Soares, em 1979 (Soares, Araújo e Cabral, 1985, p. 87 e 88, Fig. 2).

291 (Costa, 2010).

292 (Vasconcelos, 1924, p. 34 e 35, fig. 6 e 7; Almagro-Gorbea, 1977, p. 245-47; Silva & Gomes, 1992, p. 263-D).

293 (Gamito, 1988, p. 26 e 27; Costa, 2010, p. 105).

294 (Berrocal-Rangel, 1994, p. 34).

295 (Almagro-Gorbea, 1977, pp. 245-247; Silva & Gomes, 1992, p. 159).

296 A sul de Sáfara foi igualmente identificado ume espeto em bronze, recuperado no sítio das Cortes (Lima, 1984, p. 242), passível de corresponder ao mesmo período de ocupação e local de origem do *thymiaterion* mencionado.

297 (Soares, Valério & Araújo, 2005, p. 216).

298 (Soares, Valério & Araújo, 2005, p. 216).

299 Com um interregno entre 1948 e 1951 (Antunes, 2008, p. 328).

associado a uma ocupação sidérica. Os dados obtidos a partir desta escavação são escassos[300] encontrando-se os materiais recolhidos, desprovidos de qualquer associação estratigráfica. Exceção feita a escassos exemplares procedentes de contextos de vala, cuja implantação no cabeço é atualmente desconhecida, para os quais foram indicadas as profundidades relativas a que se encontravam. Não obstante a escassez de informações disponíveis, no decorrer da última década o espólio da Azougada foi integrado, ainda que de forma parcial, em várias publicações que visaram a análise de determinadas produções cerâmicas e a interpretação das funcionalidades e natureza deste espaço[301].

Entre os materiais recuperados, constam produções de cerâmica grega, cerâmica pintada e de engobe vermelho, esta última produzida local/regionalmente, identificando-se exemplares de pratos e taças. Exceção feita a um fragmento de *oinochoe*, de provável fabrico exógeno, atribuível ao século VI a.n.e.[302]. A cerâmica cinzenta está igualmente presente, tal como a cerâmica de fabrico manual, predominando em ambas as produções os exemplares de formas abertas[303]. Regista ainda exemplares de cerâmica decorada com bandas negras grafitadas, adotando assim uma técnica decorativa típica das comunidades sidéricas da região[304], ainda que em Azougada estas produções registem elementos distintos dos restantes povoados da bacia hidrográfica do Ardila. Todos os materiais publicados até à presente data, são concordantes com uma ocupação humana correspondente a um intervalo cronológico entre meados do século VI a.n.e.[305] e a primeira metade do século IV a.n.e., não estando, contudo, definido com segurança o momento inicial de ocupação do cabeço.

A par do conjunto cerâmica, foram recolhidos abundantes exemplares metálicos, vítreos, líticos e um pequeno conjunto de 20 ossos trabalhados[306]. São todos procedentes da área onde se identificaram estruturas formadas por muros com embasamento pétreo e paredes em tijolo de adobe[307]. Adotam um modelo arquitetónico e urbanístico habitual em locais que recebem influências orientalizantes, apresentando plantas retangulares, aparentemente ordenadas em torno de um espaço central[308]. Não foram identificadas estruturas defensivas construídas, afastando-se, por conseguinte, este espaço do protótipo de povoado fortificado, contrariamente ao que havia sugerido Lima (1942; 1943a; 1943b; 1951). Foi igualmente interpretado como área de necrópole[309] e santuário[310], considerando-se, neste último caso, a pluralidade de funções desempenhadas pelos espaços com vocação religiosa da Idade do Ferro[311]. A descoberta de um *thymiaterion*[312], de um «smithing god»[313], ambos em bronze, assim como a própria presença de cerâmica ática contribuí para esta tese, sendo admissível a utilização desta última, em práticas de banquetes ritualizados. Foi, a este propósito, descrito como «santuário-guia da navegação periférica Tartéssica»[314], valorizando-se a sua articulação a dois possíveis cursos fluviais entendidos como importantes rotas de circulação de pessoas e bens.

Em 2016 o local voltou a ser alvo de intervenções arqueológicas, dirigidas por Rui Soares, no âmbito do seu projeto de doutoramento. Os dados obtidos foram, até à presente data, apenas parcialmente divulgados[315].

O conjunto das produções gregas identificadas no cabeço da Azougada é composto de várias dezenas de fragmentos, atualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu Municipal

300 Restringindo-se à publicação de ilustrações de algumas das peças recolhidas (Lima, 1942; 1943a; 1943b; 1951).

301 (Schüle, 1969; Beirão & Gomes, 1985; Gamito, 1988a; 1988b; Arruda *et alii.*, 1995; Fabião, 1992, pp. 175-177; 1998, p. 260; Berrocal-Rangel, 1994, pp. 172 e 209; Gomes, 1993; Antunes, 2005a, 2005b, 2008; Soares, 2012; 2017).

302 (Antunes, 2008, p. 329).

303 (*Ibidem*, p. 329).

304 (Soares, 2017).

305 (Antunes, 2008, p. 329).

306 (Nabais & Soares, 2017, p. 931)

307 (*Ibidem*, p. 931).

308 (Soares, 2017, p. 181).

309 (Schüle, 1969; Gamito, 1988a).

310 (Gomes 1993; Antunes, 2008, p. 328).

311 (Antunes, 2008, p. 328).

312 (Jiménez Ávila, 2002, p. 110; Naval & Soares, 2017).

313 (Gomes, 1983).

314 (Antunes, 2008, p. 332).

315 (Nabais & Soares, 2017, pp. 263-301).

de Moura[316]. Foram analisados no presente estudo, 35 exemplares que correspondem a 28 fragmentos decorados com figuras vermelhas (AZO/001 a AZO/028) e 6 peças totalmente revestidas de verniz negro (AZO/029 a AZO/034).

Todos os exemplares de figuras vermelhas estudados correspondem a produções atribuíveis à primeira metade do século IV a.n.e., integrando 27 fragmentos de taças (AZO/001 a AZO/005 e AZO/007 a AZO/028), correspondendo a 14 indivíduos (NMI) e 1 fragmento de kratêr (AZO/006). O pequeno conjunto de taças, com grande homogeneidade nos fabricos e nas características morfológicas das peças, regista semelhanças estilísticas entre a decoração apresentada em 13 fragmentos e o reportório do Grupo do Pintor de Viena 116 (AZO/001 a AZO/005, AZO/007; AZO/008; AZO/010; AZO/011; AZO/015; AZO/017, AZO/025 e AZO/28). Verificam-se abundantes representações de jovens envoltos em himátia, um motivo frequente nas obras do referido grupo, identificando-se em todas as figuras o característico ponto pintado a negro presente nas suas faces (AZO/001 a AZO/003; AZO/011). O caimento das vestes é representado com o recurso a finos traços pintados a negro, sobrepostos de curtas e espessas pinceladas, apresentadas maioritariamente na zona das omoplatas e braços. As palmetas e espirais são igualmente recorrentes, identificando-se as primeiras nos fragmentos AZO/001; AZO/002; AZO/004, AZO/015 e AZO/028 e constando o segundo motivo nos exemplares AZO/005; AZO/007; AZO/008 e AZO/010. Nas faces internas das paredes são comuns os motivos reservados ou sobrepintados a branco, identificando-se caules (AZO/001, AZO/003) e folhas de hera (AZO/001).

Os restantes exemplares, de pequeníssima dimensão, conservando escassos vestígios de motivos decorativos, não permitem a classificação segura do seu pintor, sendo, no entanto, admissível a sua correspondência com a obra do Grupo do Pintor de Viena 116. Integram, à semelhança dos fragmentos supra- mencionados, possíveis representações de mantos (AZO/009; AZO/016; AZO/018; AZO/026 e AZO/027) e palmetas (AZO/012; AZO/013; AZO/020). Por último, nos exemplares AZO/014; AZO/019 e AZO/021 a AZO/024, a pequena dimensão dos fragmentos não permite reconhecer nenhum motivo identificável.

Distingue-se do conjunto, um pequeno fragmento de parede com decoração composta de uma banda de meandros presente na face externa.

A curvatura, inclinação e espessura da parede, assim como o motivo decorativo nela representado, permite sugerir a classificação deste exemplar como kratêr de variante indeterminada. Não obstante, a presença de verniz negro na face interna, coloca necessárias reservas à referida atribuição tipológica.

Contrariamente à homogeneidade cronológica dos exemplares de figuras vermelhas recolhidos no cabeço da Azougada, o conjunto de peças revestidas de verniz negro testemunha a possível existência de duas fases temporalmente distintas de importação de produções áticas. O conjunto é composto de exemplares de taças de bordo convexo (AZO/029, AZO/030), um skyphos (AZO/031), um bolsal (AZO/033), uma tampa de *lekanis* (AZO/034) e um fragmento de tigela de bordo esvasado (AZO/032). As duas primeiras formas mencionadas apresentam características concordantes com as produções de finais do século V a.n.e. O fragmento de skyphos, do qual apenas se conserva o bordo, o arranque da parede e o arranque de uma das asas, apresenta uma curvatura contínua no perfil, característica dos exemplares mais antigos desta forma. Também o conjunto de fragmentos de taças de bordo convexo regista exemplares em que a face externa do pé e a área entre as asas foi deixada em reserva, ambos indicadores de uma produção em torno dos finais do século V a.n.e. Ao contrário do que sucede com as peças áticas fabricadas na centúria seguinte, os materiais do século V apresentam, genericamente, um bom estado de conservação, preservando-se inclusivamente peças completas. Esta circunstância poderá ser explicada se atendermos à interpretação da Azougada como santuário sidérico, onde os vasos gregos poderão ter integrado práticas de consumo ritualizadas. Verificando-se a presença de produções áticas do século IV a.n.e., não parece admissível que a conservação de peças completas, possivelmente mais antigas, se relacionasse com um fenómeno de abandono do cabeço.

O conjunto de cerâmicas gregas da Azougada é igualmente composto por exemplares que integram cronologias de produção mais recentes, enquadradas na primeira metade do século IV a.n.e. Falamos concretamente do fragmento de tigela de bordo esvasado e da base de um bolsal decorado com palmetas impressas na superfície interna do fundo. Também um fragmento de tampa de *lekanis*, registando um ângulo acentuado entre o bordo e a parede, pode remeter-se para os inícios da mencionada centúria.

Igualmente atribuíveis aos séculos V e IV a.n.e., registam-se um conjunto significativo de exemplares cerâmicos decorados com grafite[317], já mencionados, assim como fragmentos de cerâmica de produção local/ regional, fabricada manualmente e com recurso a torno, com evidentes semelhanças formais e de fabrico com peças recolhidas em Castelo de Moura[318]. Além destes, serão igualmente contemporâneos das produções

316 Do conjunto, apenas foi possível o estudo do espólio à guarda do MNA. No decorrer do período de elaboração da presente obra, o Museu Municipal de Moura encerrou ao público, não tendo sido possível o acesso ao acervo aí depositado.

317 (Antunes, 2005b; 2009; Soares, 2017, entre outros).

318 (Soares, op. cit.).

áticas, exemplares de cerâmica cinzenta, designadamente pratos e vasos carenados, e produções de engobe vermelho, destacando-se um exemplar que reproduz a forma ática de taça de bordo convexo.

2.2.4. Castelo de Moura

Beja/Moura/Moura (Santo Agostinho e São João Baptista) e Santo Amador. CNS: 152.

Beneficiando de uma posição estratégica, com boas condições de visibilidade e controlo da paisagem envolvente que resultam da sua posição elevada na paisagem, o povoado identificado na colina do Castelo de Moura regista uma intensa ocupação humana em meados do 1º milénio[319]. O cabeço onde se implanta, caracteriza-se pela presença de nascentes de água abundante[320], que associadas à boa aptidão agrícola dos terrenos envolventes dotam este espaço de boas condições de habitabilidade. Localiza-se na margem esquerda do rio Guadiana, do qual dista cerca de 4km, próximo do rio Ardila e numa posição encaixada entre o rio Brenhas, afluente deste último, e a ribeira das Lavadeiras[321]. Nas imediações identificaram-se os povoados sidéricos do castro da Azougada, Cabeço Redondo e de Castelo Velho de Sáfara, a menos de uma vintena de 20 km de distância, todos eles ocupados no decorrer do século IV a.n.e., decorrendo desta proximidade uma possível articulação entre os povoados[322].

As intervenções arqueológicas conduzidas por Jorge Pinho Monteiro, José Olívio Caeiro e Paloma Martín Amorós, em 1980 e 1981, e os trabalhos de campo mais recentes, particularmente os dirigidos por José Gonçalo Valente, confirmam a presença, neste local, de abundantes materialidades associadas a níveis conservados da Idade do Ferro.

É parte integrante do espólio exumado, um importante conjunto de produções áticas datado da primeira metade do IV a.n.e., o horizonte temporal de ocupação mais recuado registado neste local[323]. Os escassos dados arqueológicos disponíveis para o período decorrido entre a segunda metade do século IV a.n.e. e a centúria seguinte, sugerem que, após um breve momento inicial de ocupação intensa, a colina assistiu a um aparente hiato ocupacional, do qual recupera apenas em finais do século III a.n.e.[324].

As intervenções arqueológicas realizadas, particularmente as decorridas entre 1980 e 1981, permiti- ram identificar dezassete níveis estratigráficos, presentes na sondagem aberta nas proximidades da torre de Salúquia[325]. Os contextos da Idade do Ferro estão presentes nos níveis 17 a 7, seguidos do estrato 6, com materiais de cronologia romana que se reportam ao século II d.C.[326]. Foi identificada cerâmica grega[327] no nível inferior, à cota de -4,87 metros, correspondendo a uma taça de figuras vermelhas produzida na primeira metade do século IV a.n.e.[328]. Atribuíveis a idêntica cronologia registam-se um fecho de cinturão em bronze e ferro, cerâmica pintada em bandas e recipientes cerâmicos de produção local/ regional com perfis concordantes com a supracitada cronologia[329]. Estes contextos são sucintamente descritos no relatório da primeira campanha de escavações no Castelo de Moura, que aqui transcrevemos:

> «*Os níveis 7-15 entregam cerâmicas de superfícies cinzentas escuras a negras, bem alisadas, com pastas depuradas, cinzentas escuras, em formas de potes altos e fechados, com*

319 (Beirão e Gomes, 1983, p. 230; Arruda, 1994, p.139; Macias, 1994, p. 674; Alarcão, 1996, p. 31, Soares, 2012).

320 (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 35).

321 (*Ibidem*, p. 35).

322 (*Ibidem*, 2016, p. 37).

323 Não obstante Jorge Pinho Monteiro, responsável por algumas das campanhas de campo conduzidas neste local, mencionar a descoberta de materiais atribuíveis ao calcolítico e Neolítico Final, uma presença não confirmada por nenhuma das campanhas arqueológicas conduzidas desde então, ou pelos estudos posteriormente realizados sobre os materiais recolhidos na colina (*Ibidem*, 2016, p. 38).

324 (*Ibidem*, p. 38).

325 Uma segunda sondagem realizada no interior da alcáçova não permitiu identificar os níveis mais antigos de ocupação (*Ibidem*). O resultado das intervenções de 1980 e 1981 não foi até à presente data, publicado.

326 (*Ibidem*).

327 (*Ibidem*).

328 Em (Arruda, 1997), refere-se a descoberta, em 1981, de três fragmentos de taças áticas de verniz negro, de reduzida dimensão, não permitindo a classificação quanto à forma a que pertenceria. As publicações mais recentes, que dão conta dos materiais exumados por Jorge Pinho Monteiro, são omissas em relação aos exemplares supramencionados.

329 (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 38).

bordos revirados, colos estrangulados e ombros bem marcados; cerâmicas pintadas com bandas e círculos concêntricos a vermelho avinhado sobre fundos alaranjados e cerâmicas de engobe vermelho, [...]. A partir do nível 16, nota-se uma alteração na tipologia dos materiais, rareando as cerâmicas lisas, com superfícies escuras bem alisadas e aumenta o número de cerâmicas de engobe vermelho, que se tornam bastante frequentes; aumenta também embora em menor percentagem, a quantidade de cerâmicas pintadas, agora mais representadas por bandas largas vermelho avinhadas (diminuem os exemplares com bandas estreitas, muito finas e com círculos concêntricos). [...] O nível 16 entrega uma fíbula anular hispânica. O nível 17 fornece um fragmento de cerâmica grega, de verniz negro, com figuras vermelhas. Os materiais indicam, assim, contextos dos sécs. III/II para os níveis 7-15, devendo a estrutura 3, com muro argamassado e paredes de adobe pertencer ao pleno séc. III a.C. Os níveis 16-17 podem ser atribuídos com base na fíbula e no fragmento de cerâmica grega, aos sécs. V/IV (...)»

In Relatório da 1ª campanha de escavações no Castelo de Moura.
(Monteiro, Caeiro e Amorós, 1980-1981).

«*(...) Os níveis 7 a 14 mostram uma impressionante sucessão de ocupações da 2ª Idade do Ferro, com diversos pavimentos de barro e argamassa e muros de adobe, derrubados. Os níveis inferiores podem, provisoriamente, ser atribuídos aos finais do século V e os princípios do IV a.C., devido à presença de cerâmica grega de figuras vermelhas e ao aparecimento de uma fíbula anular hispânica, de tipo corrente em contextos do séc. IV. Os níveis superiores forneceram cerâmica pintada com motivos vermelhos avinhados sobre fundo laranja, potes de pastas e superfícies negras, colos estrangulados e bordos revirados e enrolados e formas muito evolucionadas que se podem situar nos sécs. II/I a.C., com as reservas devidas ao facto do material se encontrar ainda em estudo. Aos níveis inferiores pertence um muro de adobes, assente sobre fundações com blocos e lages de calcário. Aos níveis médios corresponde outro muro, com aparelho de pedra, posteriormente reconstruído e re-aproveitado em época romana. Nos níveis superiores integram-se duas estruturas de habitação, com muros de pedra, que se continuam para oeste, por área não escavada.*»

In Projeto da campanha de escavações no Castelo de Moura em 1981 - Descrição sumária da 1ª campanha (Monteiro, Caeiro e Amorós, 1980-1981).

Trabalhos arqueológicos posteriores, dirigidos por José Gonçalo Valente, permitiram aumentar o número de testemunhos de importações áticas conhecido. Nas escavações realizadas na alcáçova, não obstante não terem sido identificados contextos conservados da Idade do Ferro, foi recolhido um exemplar de cerâmica grega associado a abundantes materiais de cronologia islâmica[330]. O exemplar é procedente da unidade estratigráfica [240], correspondendo a um nível de enchimento.

Nos três volumes da publicação «Castelo de Moura, Escavações Arqueológicas 1989-2013», da autoria de Santiago Macias, Vanessa Gaspar e José Gonçalo Valente (2016), é mencionada a descoberta, fora do âmbito das escavações arqueológicas conduzidas no Castelo de Moura, mas recolhido neste local, de um fragmento de taça ática de figuras vermelhas (MOU/002). No ano seguinte, Rui Soares sugere a integração do referido fragmento no conjunto de materiais recolhido por José Gonçalo Valente, nas escavações efetuadas no Posto de Receção ao Turista do Castelo de Moura, em 2011. Além deste, o investigador menciona a existência de «várias dezenas de fragmentos de cerâmica grega»[331] exumados na supradita intervenção arqueológica[332]. Ainda que grande parte do conjunto permaneça inédito[333], Rui soares publica, em 2017, oito fragmentos gregos procedentes deste arqueossítio, correspondendo cinco a vasos de figuras vermelhas e três a vasos totalmente revestidos de verniz negro. Neste local recolheram-se, de igual forma, abundantes fragmentos de ânforas de produção local e regional, assim como potes e talhas com pinturas em bandas de cor vermelha, alguidares de perfil em «s» e pratos carenados.

Formam parte do conjunto de cerâmicas áticas dois exemplares de taça de pé baixo de figuras vermelhas (MOU/001 e MOU/002), registando decoração no medalhão central, composta de uma figura humana

330 (*Ibidem*, 2016).

331 (Soares, 2017, p. 180).

332 A publicação da coautoria de José Gonçalo Valente, onde se descreve com detalhe os materiais e os contextos escavados até 2013, não menciona a recolha de nenhum fragmento de cerâmica grega na intervenção do posto de turismo (Macias, Gaspar & Valente, 2016).

333 (Valente e Soares, no prelo).

envolta em himátion. O primeiro exemplar, conserva apenas a parte inferior do fundo interno e do motivo decorativo identificado. O fragmento MOU/002, além da figura humana, exibe a representação de um possível disco. A decoração regista afinidades com o reportório de taças do Grupo do Pintor de Viena 116[334], integrando as produções da primeira metade do século IV a.n.e. Além destes, foi recolhido um fragmento de skyphos igualmente com decoração de figuras vermelhas (MOU/003). Apresenta lábio revirado para forma, formando uma dupla curvatura na parede, característica das produções do século IV a.n.e. Possui decoração na face externa, composta de uma banda de óvalos, apresentada no bordo; da parte superior de uma figura humana envolta em himátion; de vestígios da representação de uma espiral e de um arýballos. Foi sugerida a sua correspondência com a obra do Grupo do Pintor Fat Boy[335], contudo, a natureza comum dos motivos representados coloca necessárias reservas à atribuição proposta.

Integram igualmente o conjunto de cerâmicas áticas de Castelo de Moura, dois fragmentos de kratêres exibindo decoração na face externa (MOU/004 A e B). Ainda que não tenha sido possível observar os exemplares, o desenho das peças sugere que se trata de dois vasos distintos, considerando que pertenceriam ambos ao arranque do bojo e que apresentam diferentes curvaturas e bandas reservadas na face interior com distintas espessuras[336]. O diâmetro registado, a curvatura e a existência de decoração no arranque do bojo são concordantes com a forma kratêr-se-sino. A presença de uma banda em reserva na face interna da parede, frequente nos exemplares desta forma identificados na fachada atlântica da Península Ibérica, concorre igualmente para a referida atribuição tipológica. Foi sugerida a sua atribuição ao Pintor dos Tirsos Negros, com abundantes testemunhos na Península Ibérica, maioritariamente datados entre 375-350 a.n.e. A pequena dimensão dos motivos conservados e a sua natureza comum, coloca necessárias reservas à referida classificação. De facto, a representação de sátiros e possíveis cenas dionisíacas, como a que aqui se apresenta (MOU/004), são comuns a vários pintores com obra testemunhada na fachada atlântica da P.I.

O conjunto de exemplares gregos de Castelo de Moura é igualmente composto de um exemplar de uma tigela de bordo reentrante (MOU/005) e um exemplar de bordo esvasado (MOU/006), exibindo ambos decoração estampilhada na face interna. Além destes, integra um fragmento de um prato de bordo espessado liso, comumente designado de prato da forma «Jehasse 116» (MOU/007). As três formas mencionadas integram as produções da primeira metade do século IV a.n.e.

Estando ainda inéditos os contextos de descoberta das mencionadas cerâmicas, e considerando que a publicação onde se descreve e caracteriza as unidades estratigráficas que forneceram estes materiais[337] é omissa de referências a produções gregas, desconhecemos se as mesmas integram contextos conservados da Idade do Ferro. Não obstante, o conjunto é cronologicamente homogéneo, e concordante com os restantes achados sidéricos de Castelo de Moura, confirmando a ocupação deste espaço no decorrer da primeira metade do século IV a.n.e. e a sua integração nos circuitos de comercialização de bens orientalizantes, designadamente, de cerâmica grega. A descoberta destas produções e outras materialidades concordantes com a ocupação da Idade do Ferro em áreas distintas da área do castelo, e distantes entre si, sugerem a ocupação de um amplo espaço e a existência, neste local, de um povoado de grandes dimensões[338].

2.2.5. Cabeço Redondo

Beja/Moura/ Sobral da Adiça. CNS: 7092.

Identificado por José Fragoso de Lima no decorrer de uma visita que realizou ao local em 1942[339], o arqueossítio de Cabeço Redondo foi, desde então, alvo de diversas interpretações que o associam a contextos de enterramento e *habitat* das mais diversas cronologias. Em 1990, é alvo de uma destruição parcial realizada no decorrer de trabalhos agrícolas, tendo-se procedido ao desmonte da elevação artificialmente

334 Desde logo sugerida em (Soares, 2017).

335 (*Ibidem*).

336 Sugerindo Rui Soares, tratar-se de uma única peça, correspondendo os fragmentos aos lados A e B do bojo.

337 (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 38).

338 (Soares, 2012, p. 10-11).

339 (Lima, 1988, p. 29).

construída, onde se implantava o povoado[340]. No decorrer das duas décadas seguintes, o potencial arqueológico do local continuou a registar sucessivas perdas, procedendo-se, finalmente em 2011 ao estudo da ocupação humana antiga do local, com a realização de intervenções arqueológicas.

As duas sondagens realizadas[341] permitiram identificar cerca de 1.30 metros de estratigrafia preservada[342], associada a diversas estruturas e pavimentos, e a um significativo conjunto de materiais, incluindo vasos completos. Não obstante terem sido reconhecidos níveis de ocupação antiga preservados em toda a área de ambas as sondagens, por limitação de tempo disponível para a realização dos trabalhos, apenas foi escavada totalmente a sondagem nº 2, onde foi possível identificar um faseamento cronológico composto de diversas etapas construtivas.

Os responsáveis pelos trabalhos de campo estabeleceram quatro grandes fases de ocupação, que designaram de Fase I a III e Fase de destruição Moderna, correspondendo esta última aos estratos resultantes da destruição efetuada em 1990. A fase I corresponderia ao momento mais antigo de ocupação identificado, dividindo-se em vários momentos que reproduzem ações de construção, reestruturação e destruição. Distingue-se da fase II, que por sua vez se diferencia da fase seguinte, pelo reconhecimento de ações de aterro e desmonte de estruturas, seguidos da construção de novos espaços[343]. As três fases definidas correspondem ao século V a.n.e.[344], não havendo registo de ocupações anteriores ou posteriores à referida centúria. A proposta de cronologia apresentada enquadra-se, segundo Monge Soares (2012) na datação sugerida para todos os materiais recolhidos, quer no âmbito de prospeções de superfície após os momentos de destruição do povoado, quer no conjunto artefactual identificado no decorrer das escavações arqueológicas realizadas.

No respeitante à arquitetura, foram identificados diversos muros preservados, interpretados como pertencentes a uma única construção, de dimensão indeterminada. Os muros apresentam reduzida espessura (1m de largura máx.), indicando assim que se tratariam, provavelmente, de paredes interiores[345]. Ainda que a pequena largura da sondagem realizada (1 metro) não tenha permitido identificar compartimentos, a construção revela uma tendência de ortogonalidade de possível raiz mediterrânica[346]. Os muros compõem-se de embasamento pétreo, tendo sido, no entanto, igualmente identificados tijolos de adobe *in situ*, possíveis indicadores da existência de paredes feitas exclusivamente de tijolos[347]. No espaço construído, foram detetados cinco pavimentos consecutivos, que revelam que o edifício foi profusamente remodelado em várias fases construtivas inseridas no século V a.n.e. Todos os pavimentos são formados por argila compactada, associada a pequenos fragmentos de xisto[348].

Não obstante a pequena dimensão da área intervencionada e a indefinição dos limites do possível edifício identificado, foi sugerida sua interpretação como edifício «monumental» singular, com paralelo em núcleos habitacionais, rurais, identificados na zona do Guadiana Médio[349]. Além da possível natureza do edifício, do tipo de construções presentes e da cultura material, o povoado de Cabeço Redondo partilha de características observadas em outros locais de ocupação sidérica do Baixo e do Médio Guadiana, designadamente a implantação em locais próximos de linhas de água e em zonas de planície relativamente férteis,

340 Ainda que tenham sido recolhidos materiais arqueológicos por parte de trabalhadores agrícolas, atualmente em depósito do Museu Municipal de Moura, não foram realizados estudos, à época, que permitissem contribuir para o conhecimento da natureza e cronologia da ocupação deste espaço. Não se tendo procedido à marcação dos fragmentos recolhidos com o seu local de procedência, não é possível, atualmente diferenciar as peças procedentes do arqueossítio de Cabeço Redondo de materiais recolhidos em outras escavações realizadas no concelho de Moura (Soares, 2012, p. 4).

341 Designadamente, a sondagem 1, no sentido Norte-Sul, e a sondagem 2, no sentido Este-Oeste. Registaram ambas 24 metros de comprimentos e 1 metro de largura e foram realizadas com vista ao diagnóstico da destruição causada, à averiguação da existência de estratos preservados à determinação da extensão do arqueossítio (*Ibidem*).

342 (*Ibidem*, p. 5).

343 (*Ibidem*, p. 5).

344 (*Ibidem*, p. 41).

345 (*Ibidem*, p. 37).

346 (*Ibidem*, p. 39).

347 (*Ibidem*, p. 37).

348 (*Ibidem*, p. 34-35).

349 Considerando a presença de montes de terra artificial que resultam da erosão das paredes de adobe de um edifício monumental (*Ibidem*, p. 98-99).

localizando-se nos terrenos ao longo de interflúvio da Ribeira da Toutalga e a Ribeira de São Pedro, ambas afluentes do rio Ardila[350].

O local terá sido abandonado ainda no século V a.n.e., considerando a ausência de materiais posteriores à referida centúria[351], coincidindo a decadência deste espaço, com o momento em que, aparentemente, se inicia a ocupação da Azougada. Monge Soares (2012), responsável pelos trabalhos de campo conduzidos neste local, defende, no entanto que, não obstante o cessar da ocupação deste local, o final do século V a.n.e. representaria igualmente o momento de apogeu da sua ocupação, verificando-se neste período um possível crescimento da capacidade económica dos seus habitantes, que se traduz na remodelação do espaço edificado. Este crescimento justificar-se-ia, pelo aumento da capacidade produtiva da exploração agrícola, por sua vez, atestado por um aumento do número de grandes recipientes de armazenagem identificados, por comparação com as fases iniciais do povoado.

O conjunto artefactual identificado, estudado por Rui Monge Soares (2012), é formado maioritariamente por produções locais/ regionais, incorporando escassos fragmentos de proveniência exógena. Uns e outros encontram-se muito fragmentados e rolados, não permitindo, na maior parte dos casos, reconstituir a forma e determinar o seu diâmetro[352].

No que diz respeito à cerâmica grega, Rui Monge Soares refere a identificação de apenas dois fragmentos (1 NMI), correspondendo a um bordo e uma asa, que sugere pertencerem a um exemplar de taça de bordo convexo/ «taça cástulo»[353]. É proposta uma datação de finais do século V a. C. para os referidos exemplares, baseando-se o autor exclusivamente no facto das produções do século V a.n.e. serem mais abundantes que as da centúria anterior[354]. Foram recolhidos nas U.E.'s [1] e [2][355], correspondendo à fase de destruição moderna do arqueossítio, associados ao seguinte contexto:

> «[Identificado nas] *terras da destruição que foram dispersas em redor do Cabeço Redondo, e a lavoura continuada desde então, criam um estrato com cerca de trinta a quarenta centímetros de espessura, representado pelas U.E.[1] e U.E.[2].*»
>
> In «Anexos, Quadro V Momentos das Fases estratigráficas do Cabeço Redondo» (Soares, 2012).

Dada a possibilidade de observar os exemplares, a presente análise baseia-se exclusivamente nas ilustrações publicadas[356], não sendo possível, a partir delas, certificar que se trata efetivamente de uma produção grega ou confirmar a sua classificação como taça de bordo convexo ou a datação do século V a.n.e. para a sua produção. O fragmento de bordo, fraturado imediatamente a seguir ao lábio, não conserva, no entanto, o ressalto característico das taças de bordo convexo. O espessamento da parede, igualmente característico desta variante, não parece estar presente colocando dúvidas relativamente à proposta de classificação sugerida por Monge Soares (2012). Ainda que não seja possível determinar a variante a que pertenceria, trata-se seguramente de um exemplar de taça[357]. Considerado um dos elementos determinantes para o estabelecimento da cronologia de ocupação de Cabeço Redondo, as inseguranças na determinação da cronologia de produção deste exemplar e na própria variante de taça a que pertenceria, colocam necessárias reservas quanto à proposta do século V a.n.e. como data de abandono de Cabeço Redondo, de- vendo ser considerado um possível alargamento da datação sugerida à primeira metade do século IV a.n.e.

2.2.6. Castelo de Serpa

Beja/Serpa/Serpa (Salvador e Santa Maria). CNS: 2543.

Os trabalhos arqueológicos conduzidos na década de 80 do seculo XX, sob a direção António Monge Soares e José Braga (1986), e posteriormente, em 2004, por iniciativa da Camara Municipal de Serpa[358],

350 (*Ibidem*, p. 98).

351 (*Ibidem*, p. 99).

352 (*Ibidem*, p. 41).

353 (Soares, 2001, p. 77).

354 (Soares, 2012, p. 78). Não se mencionando, no entanto, a possibilidade de uma datação do século IV a.n.e. para os referidos exemplares.

355 Corresponde à fase 14 da ocupação, definida pelos responsáveis pelos trabalhos de campo.

356 (Soares, 2012, Estampa XLVIII).

357 Classificada como taça da variante genérica de «pé baixo».

358 (Antunes *et alii.*, 2012, p. 444).

permitiram identificar escassas materialidades que sugerem que a área onde atualmente se implanta o Castelo de Serpa, foi ocupada durante o Calcolítico e a Idade do Bronze. Desprovidos do seu contexto primário, estes achados são, no entanto, insuficientes para caracterizar a presença humana na área do atual castelo no decorrer destes períodos, podendo a mesma, não corresponder a uma ocupação continuada e efetiva de populações.

Os vestígios arqueológicos disponíveis para a Idade do Ferro, além de mais abundantes, reportam-se a contextos primários, possibilitando uma leitura mais esclarecedora sobre a ocupação humana de mais um povoado sidérico localizado na margem esquerda do Guadiana.

As escavações conduzidas por António Monge Soares e José Braga, em 1986 e 1987, designadamente o corte 3 no interior do Castelo, permitiu a identificação de estratos cronologicamente enquadráveis entre os séculos IV e III a.n.e., considerados os limites cronológicos da ocupação sidérica deste local[359]. Associado a estes níveis, foi identificado o troço de um muro de taipa assente em alicerces pétreos, correspondendo possivelmente a parte de uma habitação. É neste contexto que se verifica o aparecimento de um fragmento de cerâmica de fabrico ático (SER/001), concorrendo este exemplar para a melhor definição da data de utilização da estrutura habitacional. Trata-se de um fragmento de pequena dimensão, totalmente revestido de verniz negro, correspondendo possivelmente a uma forma aberta. O seu avançado estado de fragmentação não permite tecer considerações sobre a forma a que pertenceria. Juntamente com a cerâmica grega, foram identificados exemplares de cerâmica estampilhada, cerâmica pintada, com possível origem ibérica ou turdetana, assim como vasos com decoração incisa e janelas triangulares[360].

As intervenções arqueológicas realizadas em 2004 possibilitaram um melhor esclarecimento dos limites cronológicos associados à ocupação sidérica, propondo o segundo quartel/ meados do século VII a.n.e. como data provável para o início da ocupação, prolongando-se a mesma, de acordo com o conjunto mate- rial recolhido, até os finais do século VI/ inícios do século V a.n.e.[361]. Ainda que muito circunscritas no espaço, as escavações permitiram identificar materialidades exógenas à região, destacando-se dois fragmentos de ânforas do tipo 10.1.2.1 de Ramón Torres (1995, p. 231), enquadrável no segundo quartel/ meados do século VII a.n.e e meados da centúria seguinte[362].

O povoado sidérico de Serpa implantar-se-ia num cabeço localizado na margem esquerda do rio Guadiana, do qual dista cerca de 7 km, e na proximidade dos seus afluentes, as Ribeiras de Enxoé e Limas. A sua localização numa área elevada do terreno, na peneplanície alentejana, dotou o povoado de boas condições naturais de controlo visual da paisagem envolvente. Dista menos de um dia de viagem a pé de Mértola, localizando-se próximo de Castelo de Moura, situado mais a Norte, onde também foram identificados fragmentos gregos.

2.2.7. Mértola

Beja/Mértola/Mértola. CNS: 40, 19372, 4903, 1202.

A localização de Mértola, na margem do rio Guadiana, na zona em que este deixa de ser navegável para o interior alentejano, foi determinante para a fixação e crescimento de comunidades humanas no decorrer da Idade do Ferro e dos períodos subsequentes. O fácil acesso aos produtos comercializados nas rotas do Mediterrâneo por via fluvial e a proximidade com áreas de grande potencial para a exploração mineira[363] e com a região cerealífera de Beja, dotaram Mértola de boas condições para se afirmar como importante centro de receção e redistribuição de produtos. A atividade mercantil desenvolvida neste local beneficiou igualmente da implantação do povoado numa área elevada, parcialmente flanqueada pelo rio Guadiana e pela ribeira de Oeiras, dotando este espaço de boas condições naturais de defesa.

As investigações e campanhas de trabalhos arqueológicos desenvolvidas no decorrer das últimas décadas em diferentes espaços da cidade, com particular incidência na área urbana da designada Vila Velha de Mértola, permitiram identificar importantes testemunhos relacionados com a ocupação desta região no decorrer da Idade do Ferro. Além dos vestígios arquitetónicos conservados, com destaque para a muralha construída, foram recolhidos abundantes conjuntos materiais que confirmam a existência de um povoado com dimensão considerável. A par da importante presença de produções cerâmicas locais, têm vindo a ser recolhidos abundantes materialidades exógenas que confirmam a integração deste território nas rotas de produtos orientalizantes. Formam parte do conjunto cerâmico de importação 178 fragmentos de cerâmica

359 (Braga & Soares, 1981; Soares & Braga, 1986).

360 (Soares & Braga, 1986, p. 177-196).

361 (Antunes *et alii.*, 2012, p. 444; 2013, p. 337).

362 (Antunes, 2012, p. 338).

363 (Alarcão, 1985).

grega identificados no decorrer de várias sondagens e escavações aqui conduzidas. Os referidos materiais foram identificados em diferentes campanhas de trabalhos arqueológicos, em locais próximos entre si, designadamente na encosta do castelo; na zona da alcáçova; nos trabalhos decorridos no «quintal da Sra. A. J. Pereira»; no Rossio do Carmo; na «Casa do Pardal»; Biblioteca Municipal; Largo da Igreja e Rua 25 de abril. Além dos exemplares provenientes dos arqueossítios mencionados, regista-se um número considerável de fragmentos identificados em recolhas avulsas de superfície e fragmentos, em depósito no gabinete de arqueologia de Mértola, que não conservam indicação de contexto de proveniência.

As referidas cerâmicas gregas associam-se, na generalidade dos casos, a contextos de revolvimento de épocas posteriores. Exceção feita aos vestígios identificados nas obras de alargamento da Biblioteca Municipal de Mértola, onde se registaram estratos bem conservados da Idade do Ferro, com estruturas e materiais que concorrem para o melhor esclarecimento da ocupação sidérica deste território[364]. A área intervencionada dista cerca de 500 metros da atual Igreja Matriz e da zona da Alcáçova, ambos locais de proveniência de produções cerâmicas deste tipo. O espaço correspondeu a um antigo quintal de cultivo de uma pequena horta, abandonado em data incerta, e encontra-se inserido dentro das muralhas medievais, junto à Porta da Vila/Porta de Beja, uma das entradas na cidade. Os trabalhos conduzidos em 2003, 2005 e 2006, permitiram identificar diversos níveis de ocupação, com início no século V a.n.e. e que perduram até época moderna. É, no entanto, possível que a ocupação deste local recue a momentos anteriores à mencionada data, tendo sido detetada a parte superior de um edifício pétreo de grande envergadura numa cota inferior ao contexto sidérico mencionado. O referido edificado não foi escavado, ficando por apurar a cronologia da sua construção e ocupação.

Relacionável com a ocupação da Idade do Ferro, foi identificado um troço de muralha, reutilizado e parcialmente destruído no momento da construção dos sistemas defensivos de época romana, islâmica e, mais tarde, no decorrer da construção da muralha medieval da Vila. Em estratos associados à muralha sidérica, foram recolhidos exemplares cerâmicos exógenos e endógenos. Destaca-se pela sua abundância, os testemunhos anfóricos de origem púnica, gaditana e cartaginesa, assim como as produções cerâmicas gregas. Logo no seguimento da sondagem realizada em 2003 foi recolhido um fragmento de uma taça de

pé baixo, de fabrico ático, totalmente revestido de verniz negro (MER/168). O exemplar é procedente de um claro contexto de revolvimento de época medieval/ moderna.

No âmbito das intervenções realizadas em 2005 e 2006, durante a escavação da vala [225] - aberta com o intuito de documentar a fundação da muralha da Idade do Ferro - U.E. [188] -, foram recolhidos dois novos testemunhos (MER/039, MER/150]. É possível que ambos os fragmentos correspondam à mesma peça, designadamente, uma taça de bordo convexo, da qual apenas se conserva parte de uma das asas e da parede, apresentando o ressalto bem marcado na superfície interna, característico desta forma. O es- trato, bem conservado, contém materiais exclusivamente da Idade do Ferro, incluindo cerâmicas de pastas escuras e superfícies muito brunidas, provavelmente de produção local. É sucedido de um outro nível com a abundante presença de cerâmica campaniense A, assim como de cerâmicas pintadas em bandas, e espólio anfórico do período tardo republicano.

Da U.E. [124] é procedente um fragmento de fundo de tipologia indeterminada (MER/ 121), correspondendo a uma forma aberta, possivelmente uma taça. O exemplar foi recolhido num espaço bem delimitado, localizado entre o torreão romano-republicano e a muralha do mesmo período, no embasamento da qual foram detetadas cerâmicas da Idade do Ferro. Ainda que não tenha sido possível determinar a função deste espaço, nele foram recolhidos abundantes materiais cerâmicos, incluindo exemplares anfóricos, cerâmicas campanienses e cerâmica comum romana, demonstrando tratar-se de um contexto igualmente do período romano-republicano. Idêntica circunstância verifica-se para os fragmentos áticos MER/149 e MER/026, o último correspondendo possivelmente a um kratêr. O exemplar foi identificado na U.E. [121], tratando-se de uma fossa (nº3) encostada junto à referida muralha, com abundantes materiais de época romana e pré-romana, incluindo exemplares anfóricos, cerâmica campaniense e cerâmica pintada em bandas.

Sob os níveis do período islâmico, em contextos de difícil interpretação devido à complexa sobreposição de várias estruturas e à extensão dos estratos para além dos limites da área de escavação, foi recolhido um fragmento de cerâmica grega de figuras vermelhas (MER/015). É proveniente do estrato [U.E. 102], considerado de ocupação tardo-romana, tratando-se de um pavimento constituído por lajes e terra batida, não se tendo determinado se corresponderia a um compartimento ou a um arruamento. Também o exemplar MER/114 foi recolhido num espaço encostado à muralha medieval de época islâmica [U.E. 057], associando-se a um contexto tardo-romano[365].

É, no entanto, das intervenções mais antigas que provém o maior volume de cerâmicas gregas identificadas. Na encosta do Castelo, realizaram-se trabalhos arqueológicos no decorrer das décadas de 80 e 90, numa parte considerável da área localizada entre a muralha Norte e a entrada do atual cemitério. Não obstante a grande extensão da área escavada, as intervenções procuraram maioritariamente a definição dos

364 (Palma, 2009; 2016).

365 Desconhecemos a proveniência do exemplar (MER/120).

níveis islâmicos, não se aprofundando o suficiente que permitisse o esclarecimento da ocupação sidérica testemunhada a partir dos materiais que pontualmente surgiram no registo arqueológico. Idêntica circunstância verificou-se na intervenção na zona da Alcáçova, identificando-se fragmentos gregos em estratos de revolvimento superficial e em contextos de deposição secundária, relacionados com a necrópole cristã, o bairro islâmico e as construções do período romano.

Em 1992, foram feitas recolhas de superfície em terrenos privados na propriedade de A. J. Pereira, que permitiram identificar três fragmentos, pertencentes possivelmente à mesma peça. Trata-se de parte do bordo de uma taça de bordo convexo (MER/033) e parte da parede e do pé de uma forma aberta indeterminada (MER/059, MER/148). Poucos anos depois, em 1995, o Campo Arqueológico de Mértola procede à escavação de emergência de terrenos particulares, conhecidos como «Casa do Pardal», localizados à entrada de Mértola, muito próximos das recolhas de 1992. Os trabalhos arqueológicos realizados permitiram definir três cortes estratigráficos de grandes dimensões e as limpezas de algumas secções de perfil permitiram recolher abundantes materialidades, fazendo parte delas um importante conjunto de cerâmicas gregas composto de 33 fragmentos, correspondendo a taças, kratêres, tigelas, pratos e lucernas.

Nas escavações mais recentes, realizadas em 2002, na Rua 25 de Abril, foram identificados dois fragmentos áticos pertencentes possivelmente à mesma peça. Trata-se de parte do bordo e da parede de uma taça de bordo convexo (MER/048 e MER/146), recolhidos ambos na sondagem XV, U.E.'s [302] e [402], respetivamente. Também em 2003, no largo da Igreja Matriz, foi identificado um fragmento de pé de uma taça de pé baixo, de fabrico ático (MER/060). O exemplar foi recolhido num contexto secundário, na vala nº 3, correspondendo à unidade estratigráfica [019].

Fora do recinto amuralhado, recolheram-se materiais no decorrer das intervenções arqueológicas no Rossio do Carmo. Neste local, sob o pavimento do anexo Sul da basílica cristã[366] foi identificado em contexto de deposição secundária, um fragmento de parede de uma taça bordo convexo. Numa intervenção posterior, na sondagem III e unidade estratigráfica [131], foi recolhido um fragmento de parede de uma possível ânfora grega. O exemplar apresenta a face interna reservada e a superfície externa revestida de engobe negro, semelhante ao revestimento característico das ânforas «a la brosse». Possui pasta com cerne de cor cinzenta e extremidades de cor rosada. A pequena dimensão do fragmento coloca, no entanto, necessárias reservas quanto à classificação apresentada.

Considerando a proximidade entre os vários locais de proveniência de materiais gregos, assim como a escassez de contextos bem conservados da Idade do Ferro e a similitude nas formas de cerâmica grega identificadas nos diversos locais, entendemos vantajosa a análise conjunta de todos os vestígios gregos, por oposição ao estudo individualizado de cada um dos conjuntos identificados nos vários arqueossítios supramencionados.

Dos 178 fragmentos recolhidos, 29 fragmentos são decorados com figuras vermelhas, estando os restantes 149 fragmentos totalmente revestidos de verniz negro. Predominam os vasos de formas abertas, designadamente as taças, tigelas e pratos. Além destes, registam-se igualmente seis fragmentos que poderão corresponder a kratêres, dois exemplares de *lekythoi* e possivelmente três exemplares de lucernas.

Do pequeno conjunto de figuras vermelhas, 21 fragmentos correspondem a taças de pé baixo. Apresentam todos reduzida dimensão, dificultando a leitura dos motivos decorativos e, consequente a determinação do seu pintor e da cronologia para a sua produção. Possuem bordos retos ou ligeiramente revirados para fora, com um estreitamento pouco pronunciado na face interna. Em três exemplares (MER/004, MER/006 e MER/008) são visíveis ressaltos na superfície interna da parede, a assinalar a transição para o fundo. Os pés são baixos, anelares e moldurados, semelhantes aos que encontramos, por exemplo, em Castelo de Castro Marim. Entre os motivos decorativos mais comuns, constam as representações de palmetas e espirais (MER/009; MER/010 e possivelmente MER/001, MER/003; MER/006) e vestígios da representação de mantos ou himátia, que envolveriam jovens (MER/002, MER/008 e possivelmente MER/005 e MER/019), apresentados geralmente a decorar o fundo interno. Os fragmentos conservados de fundo possuem, de forma recorrente, círculos concêntricos em verniz negro e reservados, apresentados de forma alternada, a delimitar um medalhão central (MER/001, MER/004, MER/006, MER/008, MER/013 e MER/015). Nos exemplares MER/009 a MER/011 são visíveis motivos vegetalistas sobrepintados a branco, na face interior do bordo, destacando-se a representação de ramagem de hera (caules e frutos).

A pequena dimensão dos fragmentos e dos elementos decorativos conservados dificultou a identificação dos pintores. Os motivos representados são frequentes no reportório do Grupo do Pintor de Viena 116, com abundantes testemunhos no território em estudo, não sendo, no entanto, dele exclusivos, razão que nos leva a considerar o pintor destes exemplares como indeterminado[367]. Exceção feita aos exemplares que conservam ressalto na face interna da parede, tal como mencionamos anteriormente, particularidade verificada nas taças que se reportam ao Grupo do Pintor de Viena 116. As características da forma e

366 (Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 132).

367 Em (Arruda, Barros e Lopes, 1998, p. 127) considera-se o fragmento MAR/005 como exemplar da obra do Grupo de Viena 116.

decoração presentes em todos os exemplares conservados permitem integrar as taças gregas identificadas em Mértola nas produções áticas da primeira metade do século IV a.n.e.

No conjunto destaca-se o fragmento MER/017, pelo caracter excecional do motivo decorativo apresentado no medalhão central. Correspondendo a um fragmento de fundo com arranque de pé e parede, é possível identificar na face interna do fundo, vestígios da representação de uma espiga, um motivo sem paralelos na fachada atlântica da Península Ibérica. Encontramos representações similares, por exemplo, em Ampúrias (Neápolis), num skyphos do estilo de Saint-Valentin, associado ao Círculo do pintor de Marlay, datado de 450-400 a.n.e.

O pequeno conjunto de exemplares de figuras vermelhas integra igualmente um fragmento de bordo de uma taça skyphos, apresentando decoração na face externa do bordo composta de um possível motivo em espiral (MER/022). O exemplar exibe bordo esvasado, característico das produções da primeira metade do século IV a.n.e. Idêntica forma e decoração pode ser encontrada em exemplares recolhidos em Alcácer do Sal e Lisboa, mencionando apenas alguns exemplos. Com idêntico enquadramento cronológico, regista-se um fragmento correspondendo à parte inferior de uma *lekythos* aribalesca, com decoração presente na face externa da parede e pé, com composição de reticulado negro e pontos sobrepintados a branco (MER/028).

Registam-se igualmente seis fragmentos pertencentes a kratêres, dois dos quais correspondendo a um kratêr-de-colunas. O primeiro (MER/024), integra a parte superior de uma das asas do vaso, que assumiria uma posição horizontal, suportada por um elemento vertical do qual não se conservam vestígios. Possui, na parte destinada a ficar voltada para cima, decoração composta de vestígios de uma palmeta. Um segundo exemplar corresponde a um fragmento de parede decorado na face externa com um motivo que representa a parte inferior de vestes longas de uma figura feminina (MER/025). A forma e técnica decorativa empregue nos dois exemplares registados, permite integrá-los nas produções de 475-425 a.n.e.

Forma ainda parte integrante do conjunto, um fragmento correspondendo possivelmente a um kratêr--de-sino (MER/023). Apresenta bordo esvasado, de perfil redondo e levemente saliente, e na face interna é possível identificar vestígios de uma banda reservada, característica dos kratêres-de-sino recolhidos no território em análise. Ainda que a pequena dimensão do fragmento não permita determinar com segurança

o diâmetro de abertura, regista um bocal largo, seguramente superior a 20 centímetros de diâmetro. O conjunto de cerâmicas gregas de Mértola é ainda composto de um fragmento de asa de perfil oval, alongado, com configuração e dimensões compatíveis com a forma kratêr-de-sino (MER/166). Corresponderiam ambos a produções da primeira metade do século IV a.n.e.

Além destes exemplares, registam-se dois fragmentos de parede de pequena dimensão (MER/026 e MER/027), cuja espessura e inclinação permitem sugerir a sua classificação com kratêres. Conservam ambos decoração na face externa composta da representação de figuras humanas, sendo possível identificar vestígios de um manto (MER/026) e parte do tronco e da cabeça de uma personagem masculina barbada (MER/027). Ainda que apenas tenha sido possível determinar com segurança o diâmetro de um dos fragmentos, ambas as peças corresponderiam a vasos de grande dimensão. Considerando a existência de diferentes variantes de kratêres no território em análise, e a reduzida dimensão dos fragmentos e dos motivos conservados, não é possível determinar o tipo de vaso a que pertenceriam, sendo no presente estudo classificados como kratêres indeterminados.

No conjunto de cerâmicas de verniz negro, com 149 fragmentos, predominam as taças, distinguindo-se as variantes de bordo convexo e bordo reto. Formam igualmente parte deste conjunto 10 fragmentos de bases de taças de pé baixo que não permitem, no entanto, a determinação da variante a que pertenceriam, ainda que o grande número de fragmentos da parte superior de taças de bordo convexo indicie que estamos perante fragmentos pertencentes a taças desta variante.

Além destes exemplares, foram recolhidos 3 fragmentos de skyphoi (MER/065 a MER/067) e 1 fragmentos de taça-skyphos (MER/064), esta última correspondendo ao tipo «heavy hall» definido pelos conjuntos da Ágora de Atenas[368] As características morfológicas identificadas em todos os fragmentos permitem integrá-los nas produções da primeira metade do século IV a.n.e., não ultrapassando 380 a.n.e., no caso particular das taça-skyphos, altura em que cessa o fabrico desta variante[369].

Foi igualmente identificado um único exemplar de uma lêkythos (MER/068), totalmente revestido de verniz negro. Corresponde a parte do bojo e ao arranque do gargalo da variante «squat lêkythos black and plain» definida pelos estudos da Ágora de Atenas[370], com uma produção posterior a 450 a.n.e.

Além das taças, chegam em grande quantidade a Mértola exemplares de tigelas, tendo sido identificados 33 fragmentos pertencentes a esta forma. Entre eles, distinguem-se as que apresentam o bordo reentrante e as tigelas de bordo esvasado, ou formas 21 e 22 de Lamboglia, correspondentemente. As primeiras, de lábio voltado de forma muito pronunciada para dentro, iniciam a sua produção na primeira metade do século IV a.n.e., testemunhando-se aqui em 7 fragmentos (MER/069 a MER/075).

368 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 111).

369 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 111).

370 (*Ibidem*).

Uma outra tigela (MER/102) regista um perfil idêntico, apresentando, contudo, um diâmetro de abertura reduzido, que não ultrapassa os 10 centímetros, uma dimensão que o aproxima da variante de «tigela pequena de base ampla».

As tigelas de bordo esvasado, ou forma 22 de Lamboglia, com uma cronologia de produção semelhante às que registam bordo reentrante, caracterizam-se pelo lábio ligeiramente engrossado e projetado para fora e pelo formato largo e raso do seu corpo. Os exemplares de Mértola aproximam-se formalmente das tigelas de bocal mais aberto, datadas a partir da segunda metade do século IV a.C, registando-se 3 fragmentos deste tipo (MER/077 a MER/079).

Além dos referidos conjuntos de tigelas, foram igualmente recolhidos em Mértola, 21 fragmentos (MER/080 a MER/101) que registam forma e decorações idênticas às variantes supramencionadas, mas que não conservam elementos que nos permitam estabelecer uma atribuição formal precisa. Falamos concretamente de fragmentos de pés altos e arqueados e de fundos decorados com motivos estampilhados, características comuns às tigelas de bordo esvasado e à variante de bordo reentrante. No respeitante à decoração, o padrão mais comum compõe-se de palmetas isoladas ou ligadas entre si através de caulículos. Estes motivos são normalmente complementados bandas de óvalos (MER/080, MER/093) e bandas de estrias (MER/089, MER/095, MER 097 a MER/101). Além do supracitado fragmento da forma tigela na variante «tigela pequena de base ampla», já mencionado, regista-se um segundo testemunho desta forma (MER/103), correspondendo à parte inferior de uma peça com decoração na face interna composta de vestígios de uma palmeta.

Os pratos de peixes estão igualmente presentes tendo sido identificados 4 fragmentos (3 NMI) pertencentes a esta forma. Ainda que em reduzido número, o conjunto integra exemplares tipologicamente diversificados, registando-se um fragmento de lábio pendente e dois de lábio engrossado. Apenas o fragmento de lábio pendente apresenta uma banda em reserva na ligação do lábio à parede da peça, estando os demais fragmentos completamente revestidos com verniz negro. Regista-se igualmente um fragmento de fundo, passível de integrar esta forma. Apresenta as faces internas e externa totalmente revestidas de verniz negro, e uma canelura reservada na superfície de apoio. O conjunto regista características formais concordantes com os pratos de peixes produzidos na primeira metade do século IV a.n.e.

Dois fragmentos de fundo decorados na superfície interna com círculos de estrias, poderão ainda corresponder a pratos da variante de bordo espessado, comumente designada «Jehasse 116»[371]. A decoração conservada regista fortes afinidade a peças atribuídas ao «taller Sec-11», presente no naufrágio de El Sec[372].

O conjunto de produções áticas de Mértola integra ainda 3 fragmentos de lucernas, tendo sido possível proceder à observação de dois destes exemplares. O terceiro fragmento é mencionado em um artigo da autoria de Ana Margarida Arruda, Pedro Barros e Virgílio Lopes (1998), onde se refere a existência de um fragmento de parede, não ilustrado, que não permite classificação tipológica e cronológica. Os restantes dois exemplares (MER/100 e MER/101) correspondem a dois bordos com arranque de bico. O fragmento MER/100 pertence uma lucerna de paredes altas, com canelura pronunciada na separação entre o bordo e a parede. Apresenta bico largo e estreito, semelhante às lucernas do tipo 25 (A e B) da Ágora de Atenas[373], e ao tipo VII de Corinto[374], sendo admissível uma datação de meados do século IV a.n.e. para este exemplar. O fragmento MER/101, corresponde igualmente a uma lucerna de paredes altas. O bordo é plano e revirado para o interior e exibe duas caneluras no disco, assemelhando-se à forma 23 A da Ágora de Atenas e à forma VI de Corinto. Ambas datam a sua produção entre o terceiro quartel do século V a.n.e. e o primeiro quartel da centúria seguinte.

Possivelmente associadas ao transporte de vinho, foi igualmente recolhido um fragmento pertencente a uma ânfora de origem ática, do tipo «à la brosse», já mencionada.

Em Mértola foi igualmente possível identificar 35 fragmento decorados, correspondendo a fundos e paredes, muito deteriorados, não sendo possível identificar a forma a que pertenciam. Por último, identificaram-se 15 fragmentos de asa, distinguindo-se as pertencentes às variantes skyphoi (1 fragmento), a taças de variante indeterminada (15 fragmentos) e asas indeterminadas (2 fragmentos). Além destes, registam-se 14 fragmentos de paredes de tipologia indeterminada, a generalidade pertencente a formas abertas, apresentando-se totalmente revestidos de verniz negros nas faces interna e externa das paredes.

371 (Jehasse & Jehasse, 1973).

372 (Arribas *et alii.*, 1987).

373 (Howland, 1958).

374 (Broneer, 1930).

2.2.8. Alto do Castelinho da Serra

Évora/Montemor-o-Novo/Nossa Senhora da Vila, Nossa Senhora do Bispo e Silveiras. CNS: 6668.

Não obstante as intervenções realizadas neste local por Colin Brian Burgess e Virgílio Hipólito Correia não terem sido extensivas, resumindo-se a algumas sondagens conduzidas em 1990 e 1991[375], os trabalhos permitiram recuperar dois exemplares de produções cerâmicas gregas de fabrico ático, correspondendo a dois fragmentos de taças de bordo convexo[376]. Estes achados, juntamente com outras materialidades indubitavelmente associadas a uma ocupação da Idade do Ferro, permitiram sugerir uma ocupação deste espaço datada entre a segunda metade do século V/ início da centúria seguinte e, pelo menos, os finais do século III a.n.e.[377].

Os contextos sidéricos sobrepõem-se estratigraficamente a uma ocupação inicial da Idade do Bronze Final, testemunhada através da presença de exemplares de cerâmica com ornatos brunidos, sugerindo a presença humana efetiva neste local em torno do século VIII a.n.e.[378]. Esta ocupação apresenta-se imediatamente sobreposta à rocha de base, e a relativamente grande quantidade de materiais recuperados, associados ao tamanho considerável dos fragmentos sugere que estes contextos se mantiveram relativamente bem conservados.

Não obstante o bom estado de preservação destes testemunhos, verificou-se a convivência entre produções cerâmicas com decorações e formas típicas do Bronze Final e de materiais associados à ocupação da Idade do Ferro, não estando claro se existe distinção estratigráfica entre estas duas ocupações[379].

Nos níveis onde se recolheram os exemplares gregos, foram igualmente identificadas produções cerâmicas de engobe vermelho, cerâmicas cinzentas finas polidas e outros exemplares indeterminados produzidos a torno. O gosto pelas produções de engobe negro manteve-se no decorrer dos séculos seguintes, verificando-se a importação de cerâmica campaniense, revelando igualmente que este espaço foi registou a presença humana numa terceira fase coincidente com o período de ocupação romana[380].

2.2.9. Beja – Rua do Sembrano e Centro Histórico de Beja

Beja/Beja/Beja (Santiago Maior e São João Baptista). CNS: 2670, 21374.

Os trabalhos arqueológicos de cariz preventivo conduzidos na Rua do Sembrano desde a década de 80 do século XX, permitiram identificar diversas estruturas e materiais associados à ocupação sidérica do atual centro histórico da cidade de Beja. A presença de um extenso núcleo populacional neste território já havia sido sugerida por diversos investigadores[381], tendo sido mais recentemente confirmada através da identificação de materiais associados a uma ocupação da Idade do Ferro, recuperados em vários pontos do centro urbano da cidade[382]. As escavações decorridas na rua do Sembrano, fornecendo novos e importantes dados que contribuíram para o melhor esclarecimento das dinâmicas de povoamento pré-romano da região, clarificando as cronologias e natureza da ocupação antiga deste espaço. Os vestígios identificados foram recolhidos numa das vertentes da colina de Beja[383], sugerindo que o povoado se desenvolveria na parte superior da referida elevação, numa posição destacada na paisagem e com amplo controlo visual do território envolvente.

Nas campanhas arqueológicas mais antigas, decorridas ao longo das décadas de 80 e 90 do século XX, foi identificado um importante conjunto de estruturas que integrariam um edifício termal, em funcionamento entre os séculos II e IV a.n.e.[384]. Sob o conjunto de época romana, foram recolhidos materiais associados

375 Os trabalhos foram realizados no âmbito do «Projecto de Prospeções Luso-Britânico: Evora Archaeological Project»

376 (Arruda, 1997, p. 91).

377 (Gibson *et alii.*, 1998).

378 (*Ibidem*).

379 (Arruda, 2008b, p. 358).

380 (Mataloto, 1999, pp. 333-362).

381 (E.g. Fabião, 1998).

382 Designadamente nas escavações realizadas na praça das Armas do Castelo e no Conservatório de Música (Lopes, 2003).

383 (Grilo, 2007, p. 262).

384 (Correia & Oliveira, 1988, 1991, 1993, 1994).

à ocupação sidérica deste espaço, identificando-se de igual forma, parte de uma estrutura de grande envergadura interpretada como troço de muralha[385]. As limitações colocadas a uma intervenção arqueológica em meio urbano não permitiram avançar nas considerações sobre a ocupação antiga da colina de Beja[386], não obstante, no decorrer dos trabalhos, foram identificados exemplares cerâmicos de fabrico ático, além de um significativo conjunto de cerâmicas estampilhadas associadas igualmente à ocupação sidérica deste local.

No respeitante aos exemplares áticos, registam-se três fragmentos de pequena dimensão de taças de figuras vermelhas, correspondendo a fundos e paredes (BEJ/002 - BEJ/004). Dois dos fragmentos conservam decoração na face interna do fundo, sendo percetível parte do medalhão central, num dos casos, delimitado por círculos concêntricos em verniz negro e reservados, apresentados de forma alternada (BEJ/003). O exemplar BEJ/002 conserva vestígios da representação de um manto, que poderia corresponder ao himátion que envolve um jovem, um motivo comum neste tipo de peças. É igualmente possível reconhecer vestígios da representação de palmetas, nas superfícies externas das paredes dos vasos BEJ/003 e BEJ/004. Além destes exemplares, foi igualmente possível identificar um fragmento de pé e arranque de fundo e parede de um bolsal (BEJ/007). Totalmente revestido de verniz negro, apresenta vestígios uma banda de estrias na superfície interna do fundo. As características formais e o motivo decorativo identificado permitem datar este exemplar entre 400-350 a.n.e.

Em 2003, foram retomadas a escavações com vista à musealização da Rua do Sembrano[387], intervindo-se uma área espacialmente circunscrita. Os níveis da Idade do Ferro foram identificados em zonas pontuais do Setor de Escavação «I», na Rua do Sembrano, e nas sondagens 1 e 3 realizadas no Setor II, na praça localizada entre o Setor I e o Largo de S. João.

No setor I foram definidas três grandes fases de ocupação sidérica. A primeira, correspondendo ao primeiro momento construtivo, integra dois troços de muros pétreos, perpendiculares, prévios à construção do sistema defensivo. O contexto foi designado de Ambiente 1 e confirma a utilização de construções de planta ortogonal, de funcionalidade e dimensão indeterminadas. Os materiais associados a este nível, ainda que escassos, atestam a presença de cerâmicas manuais com decoração plástica e incisa e de cerâmicas com pintura bícroma e monocroma, de tradição Ibero-turdetana[388].

Num momento posterior, datado do século IV a.n.e., verifica-se a construção de uma linha do aparelho defensivo do povoado, testemunhada através de um troço de muralha identificado nos setores I e II. Formada de duas fiadas de blocos pétreos de grande dimensão e preenchida internamente de blocos menores, regista uma espessura de 3 metros e estende-se ao longo de 25 metros, continuando para além dos limites da área escavada. Apresenta uma orientação NO-SE e assentaria sobre espessos alicerces pétreos, dispostos num terreno previamente regularizado, integrando soluções de escoamento de águas[389]. Na face interior da muralha, identificaram-se vestígios de estruturas de construção precária e, associado ao estrato de utilização das construções (U.E. [165]), presente, quer no setor I como no setor II, recolheu-se um abundante conjunto de materiais. Integram este conjunto, além de cerâmica pintada em bandas e cerâmica manual de produção local, um exemplar de cerâmica ática de figuras vermelhas (BEJ/001). Corresponde ao arranque de fundo e parede de uma taça, conservando decoração na superfície interna e externa, sendo possível reconhecer parte do motivo que integraria o medalhão central e, na face externa, vestígios da representação de palmetas.

385 (Fabião, 1998, Lopes, 2003)

386 (Berrocal-Rangel, 1992; Arruda, 1997, Fabião, 1998).

387 (Grilo, 2007, p. 262).

388 (*Ibidem*).

389 (*Ibidem*, p. 263).

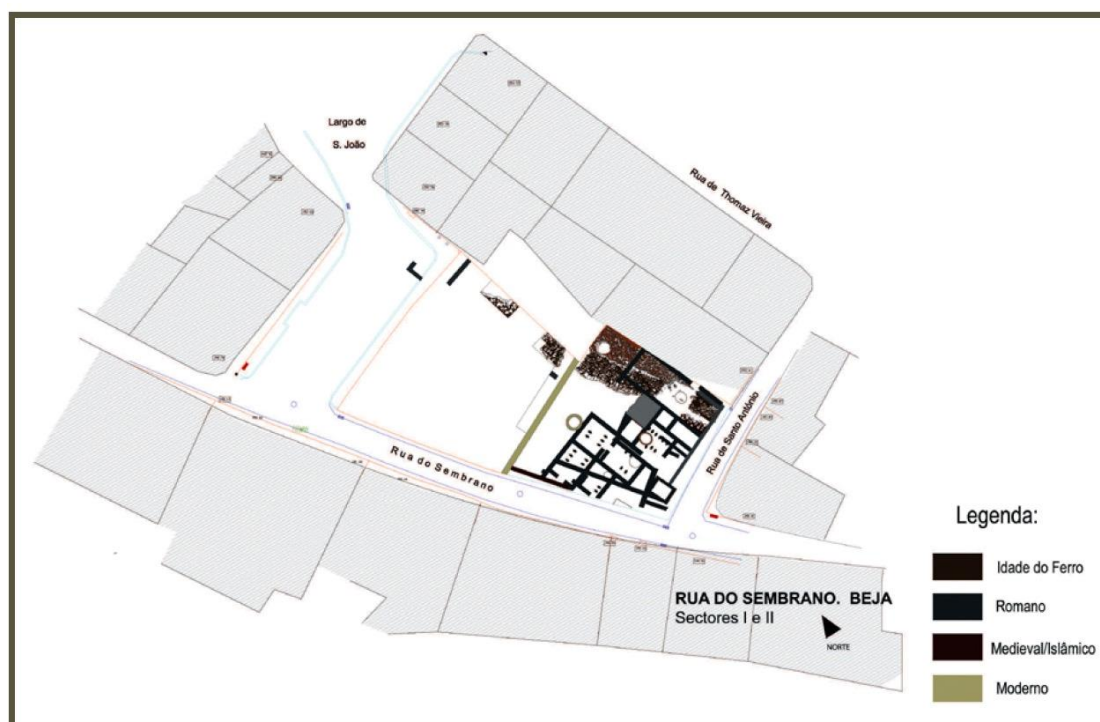



Figura 1. Implantação dos setores I e II e planta das estruturas identificadas. (Adaptado de Grilo, 2007, fig. 2).

As formas cerâmicas identificadas (alguidares, bacias, tigelas, potes, copos, etc.)[390] permitem sugerir uma funcionalidade habitacional para este espaço. Sobre a unidade de utilização correspondente à estrutura [165] foi erguida uma nova construção, definindo duas áreas distintas (designadas de Ambientes 2 e 3). Estes novos espaços, foram alvo de várias reformulações, verificando-se a construção de novos pavimentos associados a cerâmica pintada em bandas e cerâmica cinzenta fina. Num destes estratos (U.E.'s [048] e [047] do ambiente 2) foi recolhido um fragmento classificado como «imitação de cerâmica ática»[391]. A ausência de fotografia do fragmento ou da descrição da sua pasta e engobe, não permite determinar se estamos perante mais um exemplar de cerâmica ática ou um fragmento que imita a referida produção, com origem desconhecida.

390 (*Ibidem*, p. 263).

391 (*Ibidem*, p. 264).

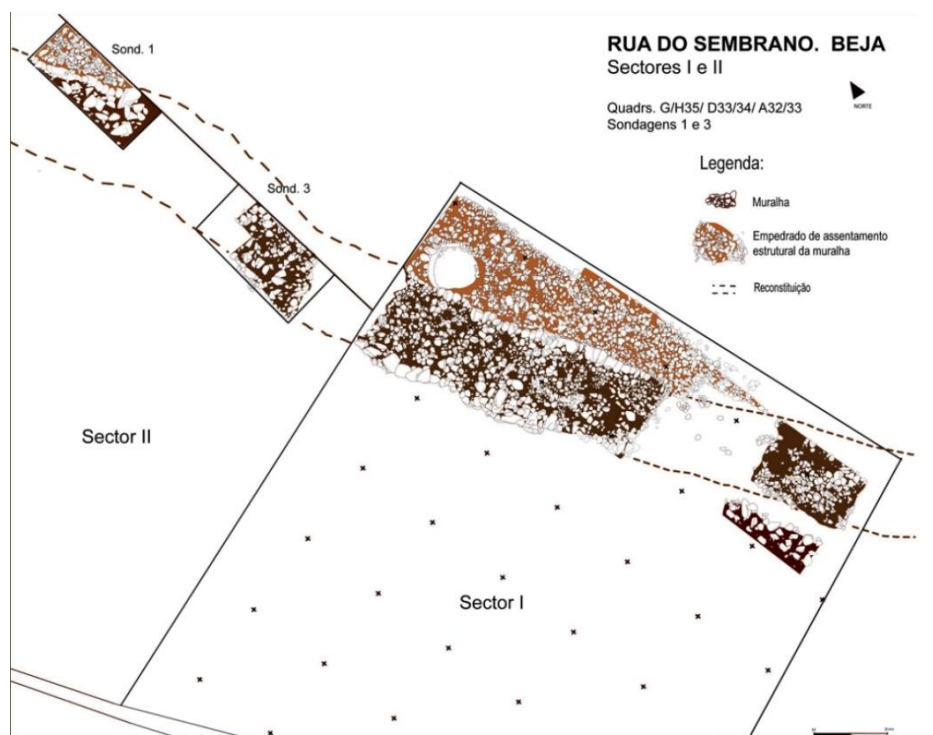



Figura 2. Planta da estrutura defensiva sidérica (Adaptado de Grilo, 2007, fig. 5).

O «Ambiente 3», muito afetado pelas construções posteriores testemunha a construção de uma estrutura composta de uma «fiada de blocos pétreos, dispostos em redor de um bloco central colocado horizontalmente»[392]. Ainda que não tenha sido possível determinar a funcionalidade desta construção, foi sugerido um possível uso deste espaço como altar ritual doméstico[393], contribuindo para esta tese a descoberta de duas esculturas coroplásticas representando um equídeo e a cabeça de um carneiro. Está por determinar uma possível relação entre este espaço e os exemplares de cerâmica ática recolhidos neste local, podendo estes últimos, estar igualmente relacionados com um contexto de natureza religiosa.

Os níveis seguintes identificados no registo arqueológico registam um forte revolvimento que resultou na construção dos alicerces das construções de época romana[394], estando por determinar de que forma se processou a transição entre o século IV a.n.e. e o início da ocupação romana deste local.

No conjunto de cerâmicas áticas exposto no Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, alem dos exemplares gregos supramencionados, encontra-se um fragmento de fabrico ático, muito fraturado e deteriora- do, conservando apenas uma pequena área revestida de verniz negro na superfície externa. Considerando a grande espessura que regista, é possível que se trate de um fragmento de kratêr, uma proposta tipológica que deverá ser entendida com reservas, dada a impossibilidade de observar o fragmento fora da vitrina onde se encontra exposto. No decorrer do presente trabalho, foi-nos dado a conhecer um quinto exemplar de taça de figuras vermelhas, igualmente procedente da colina de Beja. Não estando publicadas as con- dições de achamento deste exemplar, desconhecemos possíveis relações com as cerâmicas gregas supra- mencionadas e com os restantes vestígios de ocupação sidérica identificados em Beja. Trata-se da parte inferior de uma taça de figuras vermelhas de pé baixo (BEJ/005), apresentando vestígios de decoração no medalhão central composta da possível representação de uma cabeça feminina. Representações deste tipo integram igualmente o reportório do Grupo do Pintor de Viena 116, reportando-se a um intervalo crono- lógico entre 400-350 a.n.e.

392 (*Ibidem*, p. 264-265).

393 (*Ibidem*, p. 265).

394 (*Ibidem*, p. 264).

2.2.10. Cerro-Furado

Beja/Beja/Baleizão. CNS: 1985.

Conhecido desde 1968[395], o arqueossítio de Cerro Furado corresponde a um povoado de grande extensão, abarcando na sua dependência uma necrópole homónima. Foi ocupado desde pelo menos o século IV a.n.e., registando, de igual forma, uma presença efetiva de populações em período romano tardo-republicano[396]. Tanto o povoado como a necrópole foram alvo de sucessivas destruições, a maioria produzida com vista à obtenção de peças arqueológicas de valor comercial. A que registou o maior impacto destrutivo, particularmente sobre a necrópole, ocorreu em 2006, alterando irremediavelmente a estratigrafia deste local. Dela resultou seguramente o desaparecimento de objetos[397] relevantes para a compreensão da cronologia de ocupação deste espaço, e para a caracterização da cultura material, dos rituais e das práticas de enterramento da comunidade humana que ocuparia a região.

Foi na sequência das destruições infligidas, que afloraram à superfície inúmeros materiais arqueológicos, entre os quais dois exemplares de vasos gregos de particular interesse para o presente estudo. Procurando minimizar o impacto destrutivo causado pelas pilhagens e vandalismo, através da recuperação e documentação dos materiais e estruturas preservados, a tutela do património arqueológico determinou a realização de pontuais intervenções de salvaguarda neste local[398], resultando delas importantes dados, ainda que escassos, relativos aos rituais de enterramento aqui praticados.

O arqueossítio localiza-se na margem esquerda do Guadiana, integrando uma área territorial ampla, com aproximadamente 30 hectares, formada de núcleos dispostos ao longo de vários e sucessivos cabeços[399]. O barranco dos Castelos formaria o limite Norte do espaço habitado em época sidérica, estendendo-se o povoado até às margens do rio Guadiana. Tratar-se-ia de um povoado fortificado, com pelo menos uma linha de muralhas, complementadas de torreões e fossos de possível cariz defensivo[400].

A necrópole localizar-se-ia num dos caminhos que permitiria o acesso ao povoado, ocupando os dois flancos da via, numa extensão de cerca de 3000 m^2[401]. Tal como referido, são parcas as informações conhecidas sobre as práticas funerárias aqui realizadas. Os dados documentados durante os trabalhos de salvaguarda[402], confirmam, no entanto, a prática de cremação em urna. Os recipientes fúnebres recuperados foram produzidos em cerâmica e exibem perfis ovoides ou globulares, contendo cada uma das urnas identificadas um único individuo[403]. O espólio recuperado, muito fragmentado em resultado da utilização de maquinaria agrícola para revolvimento de terras, inclui exemplares cerâmicos, escassas peças metálicas, distinguindo-se apenas uma fíbula de tipo anular hispânica[404] e abundantes fragmentos osteológicos associados ao contexto de enterramento.

Integram o conjunto cerâmico identificado, dois exemplares de produções áticas. Os materiais foram primeiramente dados a conhecer em 2012, por Ana Margarida Arruda e Maria da Conceição Lopes (2012), através de descrições detalhadas da forma e decoração presente nestas peças e da problematização da sua cronologia de produção, do seu contexto de aquisição e da funcionalidade que lhes foi atribuída. Ambos os vasos apresentam perfis quase completos, não obstante o seu avançado estado de fragmentação. Nas superfícies externas é possível reconhecer vestígios da decoração que exibiriam, estando a pintura, no entanto, muito deteriorada.

A primeira peça analisada, corresponde a um kratêr-de-sino de figuras vermelhas (FUR/001). Muito deteriorado, conserva apenas o bojo, o arranque de uma das asas e pequenas porções do bordo. Exibe decoração na face externa, muito desgastada, sendo possível reconhecer a representação de uma cena dionisíaca, presente na face A, e uma possível cena de palestra a decorar a face B da peça. A decoração regista afinidades estilísticas com a obra do grupo do Pintor de Telos, concretamente do pintor dos Tirsos

395 (Ribeiro & Ferreira, 1971).

396 (Arruda & Lopes, 2012, p. 403).

397 Uma parte desses materiais integraram coleções privadas (*Ibidem*, p. 403).

398 (Gonçalves, Costa & Angelucci, 2007).

399 (Lopes, 2003). Maria Conceição Lopes (2003), em finais do século XX desenvolveu trabalhos sobre a região, contribuindo para o melhor entendimento das áreas ocupadas, particularmente em período romano, mas também sobre a ocupação pré-romana.

400 (*Ibidem*).

401 (*Ibidem*).

402 Gonçalves, Costa & Angelucci, 2007).

403 (*Ibidem*, pp. 24-25).

404 (Arruda & Lopes, 2012, p. 404).

Negros. As características formais e estilísticas permitem integrar este exemplar de fabrico ático, nas produções de 375-350 a.n.e.[405]

O segundo exemplar identificado na necrópole de Cerro Furado corresponde a um skyphos, igualmente decorado com figuras vermelhas (FUR/002). O verniz, praticamente ausente, impossibilita, no entanto, a identificação dos motivos representados. Foi sugerida a sua integração na obra do Grupo do Pintor Fat Boy[406], considerando as características formais identificadas, aliadas à identificação de linhas horizontais e verticais de verniz negro, indiciadoras da representação de duas personagens, uma cena característica do referido grupo de pintores. Não obstante as dificuldades de identificação do pintor, as características formais e estilísticas sugerem que estamos perante uma peça produzida em torno de 350 a.n.e.[407]

Desconhece-se o uso dado a estas peças, podendo as mesmas ter sido utilizadas quer como oferendas, à semelhança do que parece verificar-se comos materiais gregos da Quinta da Queimada, quer como urnas funerárias, tal como se regista em Alcácer do Sal e em vários outros contextos de necrópoles na Andaluzia[408]. Merece particular destaque o facto de ambas as peças corresponderem a produções decoradas com figuras vermelhas, uma opção verificada em outros contextos de enterramento no território em análise, não sendo, no entanto, uma associação exclusiva, como se verifica, uma vez mais, com o caso excecional da Quinta da Queimada.

2.2.11. Castro Verde – Neves-Corvo

Beja/Castro Verde/Santa Bárbara de Padrões. CNS: 2853, 20317.

No decorrer da década de 80 do século XX foram conduzidos os primeiros trabalhos arqueológicos na área do couto mineiro de Neves-Corvo, promovidos pela SOMINCOR[409]. As iniciativas de prospeção e escavação realizadas permitiram colocar a descoberto várias estruturas e recolher abundantes materialidades associadas a uma ocupação da Idade do Ferro. Coube a Maria e Manuel Maia o estudo destes achados[410], tendo os referidos investigadores identificado vários núcleos de interesse arqueológico interpretados como espaços de natureza funerária, sagrada e habitacional. Os dados obtidos, fracamente divulgados, tiveram escassa visibilidade no círculo académico, situação que só se alterou nos inícios do século XXI, momento a partir do qual passam a integrar estudos mais abrangentes sobre contextos votivos e funerários da Idade do Ferro. Não obstante, as informações conhecidas sobre este espaço são reduzidas[411], cingindo-se à divulgação de plantas e de escassos testemunhos materiais, a generalidade correspondendo a peças importadas, caracterizadas pela sua singularidade e valor estético. Integram o lote de materiais publicados, um pequeno conjunto de taças de fabrico ático, designadamente taças de bordo convexo, que permitem constatar que o povoado estaria ocupado no intervalo cronológico entre os finais do século V a.n.e. e os inícios da centúria seguinte. Por outro lado, permite igualmente testemunhar o estabelecimento de intensos contactos com o mundo orientalizante, cuja influência se reproduz também nas técnicas construtivas adotadas e na natureza e características dos espaços descobertos.

Os vários núcleos arqueológicos identificados implantam-se em colinas de baixa altitude, de pequena dimensão, com fracas condições naturais de defesa e de domínio visual do território envolvente. Não há registo da existência de qualquer tipo de estrutura defensiva. Esta particularidade, pouco comum nos espaços de *habitat* que recebem influências orientalizantes no decorrer do século V e IV a.n.e., e em momentos anteriores, confere a Neves-Corvo um interesse acrescido como caso de estudo das estratégias de povoamento sidéricas, concorrendo igualmente para a problematização da funcionalidade dos espaços aqui identificados. É admissível que o contacto com produtos e influências exógenas tenha, também em Neves-Corvo, beneficiado das facilidades oferecidas pelo rio Guadiana[412] para o transporte destes elementos, permitindo o estabelecimento de relações comerciais ou de outra índole entre áreas mais interiores e os povoados do litoral, com acesso facilitado aos mercados comercias do mediterrâneo.

405 A atribuição cronológica apresentada é, desde logo, sugerida em (*Ibidem*), propondo as autoras uma datação em torno de 350 a.n.e., com base na análise da forma e dos motivos decorativos conservados.

406 (*Ibidem*, 2012).

407 A atribuição cronológica apresentada é, desde logo, sugerida em (*Ibidem*), com a qual concordamos.

408 (E.g. Rouillard, 1991).

409 Sociedade Mineira de Neves-Corvo.

410 (Maia, 1987; 1988; entro outros).

411 Estando, à presente data, a ser desenvolvida uma tese de doutoramento sobre a ocupação sidérica de Neves-Corvo.

412 (Arruda, 1994).

Do conjunto de núcleos de interesse arqueológico de Neves-Corvo, daremos particular destaque a Corvo I, Neves I e Neves II, locais de proveniência de produções cerâmicas de fabrico ático. Para todos estes espaços foram defendidas distintas interpretações no que concerne à sua funcionalidade e que resultam, em grande medida, da inexistência de trabalhos aprofundados, de cariz monográfico, descritivos e ilustrativos da totalidade das estruturas e materiais exumados no decorrer das intervenções arqueológicas.

2.2.11.1. Corvo 1

É um dos espaços que reúne maior consenso junto dos investigadores que sobre ele debruçam os seus estudos, estando terminantemente reconhecida uma vocação religiosa para o edificado colocado a descoberto. Maria Maia, responsável pela execução dos trabalhos conduzidos neste local[413], apresenta-o como um «[…] *santuário, com áreas especializadas, ou seja, compartimentos dedicados ao armazenamento de cereais, outros à moenda, outros à habitação e a sua zona central, ao culto*»[414], defendendo o estabelecimento de paralelos entre este arqueossítio e o palácio-santuário de Cancho Roano. Esta interpretação foi desde logo sugerida pela investigadora, ainda na década de 80, conferindo, no entanto, maior relevância à função residencial, igualmente aqui registada.

Não tendo sido escavado totalmente[415] foi, no entanto, possível identificar uma construção, composta de vários compartimentos de planta retangular, ordenados em torno de um pátio central, sendo admissível que esta última área se apresentasse a céu aberto[416]. No decorrer dos trabalhos arqueológicos foram recolhidos materiais de distintas naturezas, aparentemente distribuídos de forma tipologicamente ordenada, sugerindo a adjudicação de uma função específica a cada um dos compartimentos identificados. Assim, com base na sua análise, foi possível propor a utilização de dois compartimentos para o desempenho de atividades ligadas à moagem, estando outros dois espaços destinados a habitação, um compartimento associado à atividade pecuária e, por fim, um espaço destinado ao culto[417]. Este último, de menores dimensões, apresentar-se-ia, segundo os responsáveis pela sua escavação, aparentemente fechado, integrando um pavimento composto de um mosaico formado por blocos de quartzo[418]. Contribuindo para a mencionada interpretação, foi possível identificar em área central deste espaço, um *kernos* de fabrico manual. Além destes elementos, foram igualmente recolhidos em várias áreas do edifício recipientes em vidro policromo, contas de pasta vítrea, algumas das quais oculadas e exemplares anfóricos atribuíveis ao tipo 11.2.1.4 de Ramón Torres[419] estando, no entanto, estes materiais ainda inéditos.

Por último, destacamos a descoberta, neste espaço, um espeto de ferro associado a uma estrutura do tipo altar-lareira[420]; e de exemplares de terracotas zoomorfas, elaboradas em pedra e argila, integrando representações esquemáticas de animais, incluindo um cavalo montado por um cavaleiro[421], assim como representações antropomórficas, destacando-se uma cabeça adornada com chapéu de aba larga e copa com formato de cone[422].

413 (Maia, 1988, Maia & Maia, 1986, 1996).

414 (Maia, 2008b, p.362).

415 Tendo sido intervencionada cerca de metade da colina onde se detetaram vestígios de ocupação antiga, designadamente, o lado ocidental deste espaço (Maia, 2008b, p. 362).

416 Considerando, por exemplo, a existência de um lajeado (Arruda, 2001, p. 278).

417 (Maia, 1988, Maia & Maia, 1996).

418 (Maia, 1988, p. 36; Maia & Maia, 1996, p. 87).

419 (Maia & Corrêa, 1985; Maia, 1988; Maia & Maia, 1996).

420 (Maia, 2008b, p. 353).

421 (Arruda, 2001, p. 279).

422 (Maia & Maia, 1996, p. 88).

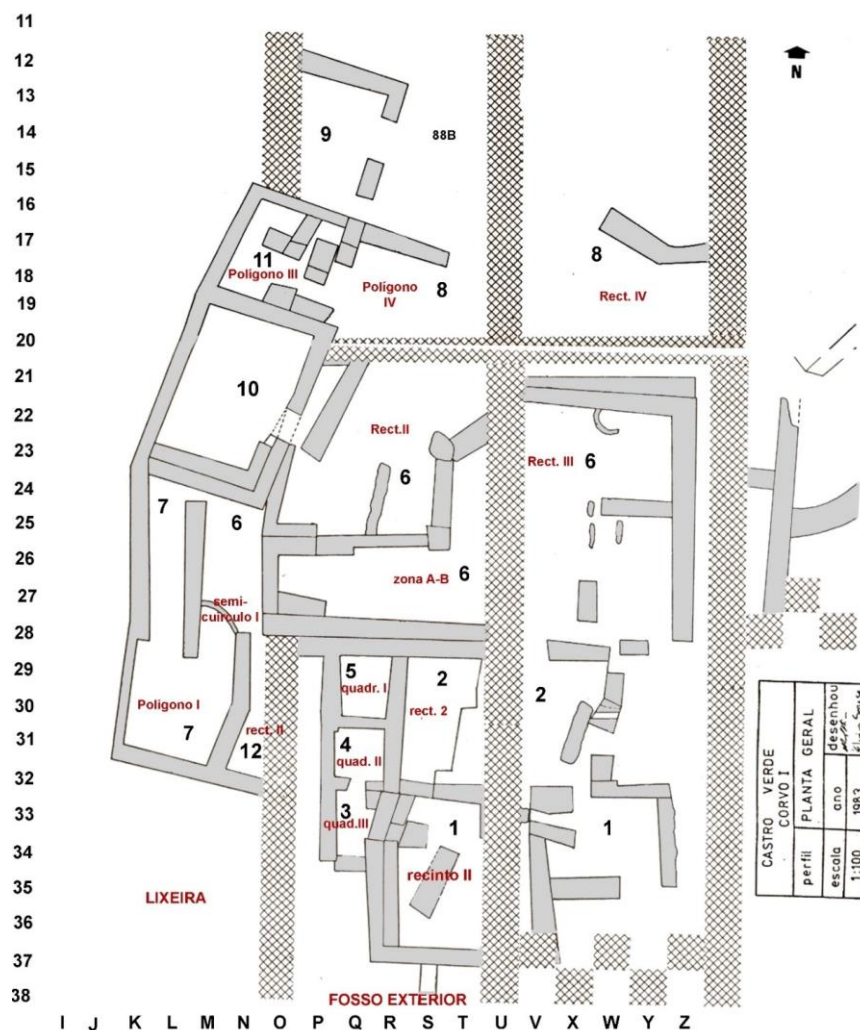



Figura 3. Planta de Neves Corvo (1983), com a indicação dos compartimentos identificados. Fonte: dossier de escavação de Maria Maia (adaptado).

No respeitante ao conjunto de materiais gregos, encontramos exemplares nos compartimentos 6 (retângulo II), 8 (polígono IV/ Retângulo IV) e 11 (Polígono III), assim como no Fosso Exterior e na área exterior dos compartimentos 7 a 11. Além destes, dois exemplares atualmente expostos na coleção permanente do Museu da Lucerna (Castro Verde) são procedentes de Corvo I, não tendo sido possível aferir a proveniência exata destes materiais. O conjunto apresenta-se muito fraturado e deteriorado, devido ao desgaste causa- da pelos solos ricos em minério, apresentando pastas e engobes muito corroídos.

Áreas (Designações apresentadas nos Relatórios de Escavação)	Compartimentos	Cerâmica grega		
		Número de fragmentos	NMI	Formas identificadas
Lixeira	Lixeira	-	-	-
Fosso Exterior	Fosso Exterior	99	7	Taças de bordo convexo; Forma indeterminada
Recinto II	1	-	-	-
Retângulo I	2	-	-	-
Quadrado 3	3	-	-	-
Quadrado 2	4	-	-	-
Quadrado 1	5	-	-	-
Retângulo II/Recinto VI/ Retângulo VI	6	35	6	Taças de bordo convexo
Polígono I	7	-	-	-
Polígono IV/Retângulo IV e III	8	93	8	Taças de bordo convexo; Formas indeterminadas
Não atribuído	9	-	-	-
Recinto da Ânfora/Recinto X	10	-	-	-
Polígono III /Recinto XI	11	1	1	Taça de pé baixo
Polígono II	12	-	-	-
No exterior dos Compartimento 7 a 11		11	4	Taças de bordo convexo
Sem referência – Em exposição		2	2	Taça de bordo convexo Unguentário
	TOTAL	241	28	

2.2.11.1.1. Fosso Exterior

Foram contabilizados um total de 99 fragmentos sem colagem entre si, distinguindo-se 6 bordos e 6 bases de morfologias distintas. Todos os bordos e cinco das bases peças pertencem à forma taça de bordo convexo, apresentando características e dimensões similares. Do conjunto, de grande homogeneidade tipológica, apenas se distingue um fragmento de pé e arranque de fundo, cujas características, designadamente o diâmetro e perfil do pé, se afastam dos protótipos conhecidos para as taças de bordo esvasado. Apresenta similitudes com as bases dos skyphoi, ainda que o avançado estado de deterioração do exemplar, suavizando possíveis molduras presentes na face externa do pé, imponha as necessárias reservas à classificação proposta. A verificar-se a classificação como skyphos, registam-se assim seis bordos distintos de taças de bordo convexo e uma base de distinta tipologia, totalizando assim sete indivíduos (NMI) recolhidos neste espaço.

Não estão disponíveis dados suficientes que nos permitam datar, com base no seu contexto de proveniência, o uso destas peças. Sabemos, contudo, que serão todas procedentes da camada 4, definida pelos responsáveis de campo, associadas genericamente às quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40 e T38-40. A referida camada assenta diretamente sobre o substrato geológico, localizando-se o «Fosso Exterior» próximo do compartimento 1. Não estando claro se a deposição das peças ocorreu num momento único ou ao longo de um período de tempo mais alargado, a sua presença permite, no entanto, datar este espaço entre os finais do século V a.n.e. e os inícios da centúria seguinte. Os exemplares apresentam as faces externas dos pés com distintas opções decorativas - duas em reserva, duas revestidas de verniz negro e duas indeterminadas), que correspondem a diferentes enquadramentos cronológicos dentro do intervalo temporal mencionado.

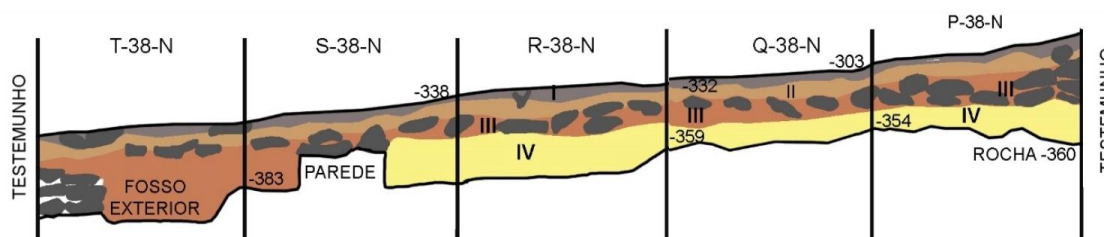



Figura 4. Perfil estratigráfico apresentados nos registos de campo. Da autoria de Maria e Manuel Maia (adaptado). Tintagem a cargo da signatária da presente obra.

Camada 4 do Fosso Exterior – Adaptado do dossier de escavação (autoria de Maria Maia).

Ficha de estação Nº 118
Data de início da escavação: 25.10.1983
Camada: 4
Profundidade Inicial: -3.37 metros
Composição: horizontal
Cor: amarela, castanha e clara
Dureza: branda
Textura: compacta, barrenta, com pedra miúda
Estruturas: com estruturas
Espólio: com espólio
Quadrados: P38; Q38; R38; S38; P39; Q39; R39; S39; P40, Q40; R40; S40
Sumária descrição dos materiais identificados (adaptado):
- Abundantes fragmentos de ânfora de pasta laranja indeterminada, e de pasta de cor cinzenta e fabrico grosseiro, indeterminada;
- Abundantes fragmentos de cerâmica comum de fabrico local ou regional de cor castanha e negra, indeterminada. Integra um exemplar com decoração cordada;
- Abundantes fragmentos de cerâmica comum fabricada com a torno
- Abundantes fragmentos de origem exógena, indeterminada, fabricados a torno, de pastas de cores claras (bege e rosa) e bem depuradas;
- Fragmentos de cerâmica cinzenta de fabrico local ou regional (prato e formas indeterminadas)
- Abundantes exemplares de cerâmica grega, muito pequenos e rolados
- Cabeça em cerâmica de fabrico local ou regional, com pasta de cor castanha;
- Objetos indeterminados, de pequena dimensão, em ferro;
- Fragmento de possível pulseira (?) em ferro;
- 3 Contas de colar em chumbo;
- Arame/ frio em cobre;
- Alábastron de pasta vítrea

2.2.11.1.2. Exterior dos compartimentos 7 a 11

Foram identificados nesta área de escavação 11 fragmentos que correspondem à base de 4 exemplares de morfologia distinta, totalizando assim 4 indivíduos (NMI). Distinguem-se igualmente três fragmentos de bordo que correspondem a duas peças distintas. Todos os exemplares pertencem à forma «taça de bordo convexo».

As faces externas dos pés apresentam-se revestidas de verniz negro. As superfícies de apoio do pé são, em dois dos fragmentos, reservadas, não sendo possível confirmar a ausência de verniz nos restantes exemplares devido ao seu avançado estado de deterioração. Apenas a face interna de um dos fragmentos de pé apresenta um revestimento integral em verniz negro, e tal como se verifica na análise das opções decorativas das superfícies de apoio, também aqui, a deterioração do verniz não permite aferir a existência de áreas em reserva na face interna de duas das bases identificadas. O quarto exemplar, apresenta a face interna apenas parcialmente revestida de verniz negro.

Todos os exemplares foram identificados na 3ª camada definida pelos responsáveis pelos trabalhos de campo, tendo sido recolhidos nove dos fragmentos, em área indeterminada, a Norte do comparti-mento 8 e 9, nas quadrículas Y13/14, V10, Z12 e T13, e dois a Oeste dos compartimentos 7/9/10/11, na quadricula H17.

2.2.11.1.3. Compartimento 11

Foi identificado neste espaço, um único exemplar de fabrico ático. Corresponde a um fragmento de parede, de pequena dimensão, de forma aberta, indeterminada. Apresenta uma espessura máx. de 0,7 cm e encontra-se revestido nas faces internas e externa por verniz negro. É admissível a sua classificação como taça de bordo convexo, a forma com um maior número de testemunhos identificados neste arqueossítio, contudo, a pequena dimensão do exemplar não permite um enquadramento tipológico seguro. É procedente da camada 4, definida pelos responsáveis pela escavação do local, tendo sido recolhido na quadrícula N17.

2.2.11.1.4. Compartimento 6

São procedentes deste compartimento 35 fragmentos de fabrico ático, 11 dos quais correspondem a fragmentos de bordo. As semelhanças verificadas nos fabricos e diâmetros destes exemplares, permitem distinguir 6 morfologias distintas (6 NMI). Além destes, registam-se três fragmentos de base, apresentando a superfície de apoio do pé em reserva e as faces externas revestidas de verniz negro. Todos os fragmentos pertencem a taças de bordo convexo, tendo sido identificados nas camadas 3 e 4 do compartimento 6.

2.2.11.1.5. Compartimento 8

Foram identificados nesta área 77 fragmentos de cerâmica grega de fabrico ático. Não obstante o avançado estado de deterioração e fragmentação de todos os exemplares, foi possível determinar uma correspondência a três taças de bordo convexo, um possível skyphos, e duas formas indeterminadas. Estabeleceu-se as seguintes associações entre os distintos fragmentos, com base na identificação de colagens, nas semelhanças registadas nos perfis, diâmetros e características das pastas e vernizes.

Os restantes fragmentos não mencionados correspondem a paredes e asas de pequeníssima dimensão, pertencentes a formas indetermináveis (16 fragmentos).

NMI e Forma	Ref.	Camada	Descrição sucinta
1 Taça de bordo convexo	COR/CI/001 COR/CI/002 COR/CI/003 COR/CI/005	3ª	6 Frag. pertencentes à mesma peça (2 bordos); 7 Frag. pertencentes à mesma peça (2 bordos e 2 bases); 27 Frag. pertencentes à mesma peça (8 bordos); 1 Frag. de base.
1 Taça de bordo convexo	COR/CI/004	4ª	18 Frag. pertencentes à mesma peça (4 bordos e 1 base).
1 Taça de bordo convexo	COR/CI/007	3ª	2 Frag. pertencentes à mesma peça.
1 Taça de bordo convexo	COR/CI/006	3ª	12 Frag. pertencentes à mesma peça (1 bordo). Muito deteriorado, não permite realizar desenho ou determinar possíveis correspondências com os restantes indivíduos registados.
1 Saleiro	COR/CI/035	4ª	1 Frag. (1 base)
1 Taça de bordo convexo	COR/CI/037	3ª	2 Frag.
1 Taça de bordo convexo	COR/CI/038	3ª	2 Frag. (1 bordo).

A homogeneidade do conjunto de exemplares gregos de Neves-Corvo é quebrada apenas no compartimento 8, onde foi recolhido um exemplar de distinta tipologia (COR/CI/035). O exemplar C39 apresenta pé de perfil tendencialmente oval e pequena dimensão, registando 5,2 cm de diâmetro e cerca de 1 cm de altura. As faces interna e externa apresentam-se revestidas de verniz negro, tendo o fundo externo sido deixado em reserva. A superfície interna da peça (fundo e parede) foram totalmente revestidas de verniz negro, sugerindo assim que se trata de uma forma aberta. O arranque da parede sugere que estas se projetavam ligeiramente para fora, distanciando-se assim das bases registadas nos skyphoi. A pequena dimensão e as características morfológicas do fragmento sugerem uma possível correspondência a uma tigela pequena, não concordante, no entanto, com os exemplares de base ampla. A classificação como saleiro, parece-nos, no entanto, mais provável, registando-se similitudes com o exemplar nº 949 da Ágo-

ra de Atenas[423]. Ambas as propostas deverão ser encaradas com reservas, uma vez que não foi possível identificar um paralelo próximo exato para o fragmento em estudo. O verniz distingue-se claramente dos demais exemplares encontrados em Neves-Corvo, pela sua boa qualidade, acentuando assim a natureza excecional deste exemplar. É procedente da 4ª camada, tendo sido recolhido na quadrícula U19.

2.2.11.2. Neves I

Os vestígios de ocupação antiga implantam-se, tal como em Corvo I, numa pequena colina, de baixa altitude, ocupando a totalidade do seu topo e a parte superior das suas vertentes. Os trabalhos aqui conduzidos permitiram identificar uma estrutura de planta complexa[424], composta de compartimentos justapostos de configuração retangular. As edificações obedecem a uma técnica construtiva semelhante à registada em Corvo I, recorrendo a um embasamento composto de pedras de média dimensão ligadas através de sedimentos argilosos, sobre o qual assentavam paredes de taipa ou adobe[425]. O espaço construído articula-se em função de um recinto central, onde se recolheram dois possíveis «larnakes», fabricados com recurso a argila pouco depurada. O local foi inicialmente interpretado pelos responsáveis pela sua escavação como necrópole de incineração[426], considerando, entre outros aspetos, a presença de cinzas, carvões e ossadas dentro de um dos recetáculos identificados, uma tese prontamente contestada[427].

O segundo larnax apresentava-se envolto de uma estrutura e, junto a ele e no seu interior, foi recolhido um exemplar de taça de verniz negro, possivelmente relacionado com o ritual de libação fúnebre. Além deste vaso, foi igualmente identificado um anforisco ou alábastron de matriz orientalizante, fabricado local- mente, assim como um contentor anfórico de tradição púnica albergando cereais carbonizados.

Vasos de grandes dimensões foram dispostos nos cantos do edificado e sobre a soleira da porta que permite a ligação entre o átrio e a sala de planta retangular, de maiores dimensões. Também no compartimento contíguo à sala dos larnakes, se identificou um grande pote, de fabrico local, protegido por uma estrutura que o envolve.

Mais recentemente, Maria Maia (2008, p. 352), reforça a sua interpretação inicial de Neves I como necrópole onde se depositariam as cinzas de sacerdotes ou chefes. Sugere a este propósito, a ocorrência de um fenómeno de assimilação e interpretação de bens e arquiteturas exógenas e a sua integração na cultura local[428], sublinhando o facto das «larnakes» de Neves I serem peças móveis por oposição aos alteares fixos com formato de «pele de boi» presentes em alguns santuários sidéricos conhecidos. Considerando esta premissa, a referida investidora opta pela designação alternativa de «caixa», em detrimento de «larnax», equiparando-a ao «capeamento (...) de alguns cipos funerários do período romano»[429].

A reiterada interpretação de Maria Maia surge como resposta às sucessivas teses que, desde os inícios do século XX, conferem a Neves I uma vocação liminarmente religiosa[430], considerando para tal, entre outros aspetos, o estabelecimento de paralelos para a prática da colocação de grandes vasos nos cantos dos edificados nas câmaras funerárias fenícias e ibéricas[431] e as similitudes na forma de uma das tampas de «larnax» com uma peça análoga encontrada no «palácio-santuário» estremenho de Cancho Roano[432]. Ambos os sítios partilham ainda idênticas características de implantação no terreno, localizando-se em áreas de cota baixa, planas, com reduzido domínio visual sobe o território envolvente[433].

Sobre a sobreposição estratigráfica das duas estruturas do tipo caixa ou larnax e o seu possível significado cronológico e funcional, as interpretações variam de acordo com a natureza que é conferida a este edificado. Ana Margarida Arruda (2001) estabelece uma relação com os larnakes identificados em Cancho Roano, igualmente em sobreposição, que resultaria da deterioração da estrutura mais antiga, sujeita a altas

423 (Sparkes & Talcott, 1970).

424 (Maia, 1987, p. 229).

425 (Maia, 1987, p. 229).

426 «(…) *necrópole de incineração muito sui generis* (…)» (Maia & Maia, 1986, p. 8; Maia, 1988; 1987).

427 (Arruda, 2001, p. 279).

428 (Maia, 2008b, p. 356).

429 (*Ibidem*).

430 (E.g. Arruda, 2001; Celestino Pérez, 1994; Arruda & Celestino Pérez, 2009; Gomes, 2012; entre outros).

431 (Arruda, op. cit., p. 280).

432 «A forma de "lingote cipriota", ou de pele de boi estendida, que a tampa do larnax mais recente reproduz (peça A) é exatamente a mesma que se observa no altar do Edifício B daquele sítio estremenho (Celestino Pérez, 1994, p. 229).» (Arruda, 2001, p. 281).

433 (*Ibidem*, p. 281).

temperaturas, e a reposição de uma nova estrutura, no mesmo lugar. A este propósito, Maria Maia (2008) relembra que as peças são móveis, e não fixas como ocorre no arqueossítio estremenho, sendo possível remover a estrutura danificada, estando assim comprovado que a sua manutenção no local constituiu um ato intencional, resultando do simbolismo da peça e/ou do seu conteúdo. A mesma dualidade de interpretações verifica-se na interpretação do espólio associado a estas estruturas, particularmente no caso da ânfora contendo cereais carbonizados e das figuras de barro representando animais, consideradas como ex-votos[434] ou «oferenda funerária de alimento»[435].

Figura 5. Planta de Neves I (segundo Maia e Maia, 1986, p. 37), tintado e adaptado pela signatária do presente estudo.

O conjunto de cerâmicas grega de Neves I é composto de 76 fragmentos que correspondem a 24 indivíduos (NMI) de fabrico ático. Do conjunto, 64 fragmentos (17 NMI) correspondem a exemplares de taças de bordo convexo e 12 fragmentos (7 NMI) pertencem a bases, paredes e asas de taças de pé baixo, sendo admissível também nestes casos, a classificação como taças de bordo convexo, ainda que a referida classificação não seja segura. Os exemplares são procedentes dos setores «S. SW», «R. IX», «Sepultura V», «R.III», «R.A.» e «Compartimento 1», associando-se ao primeiro o maior número de testemunhos identificados (62 fragmentos, 17 NMI). Os restantes setores registam apenas 1 indivíduo cada, com exceção do «R.IX», onde se recolheram 3 indivíduos.

Em todos os setores, as taças encontram-se muito fraturadas, exibindo um grande desgaste nas pastas e vernizes. Esta circunstância, associada à semelhança nas pastas e perfis de todos os testemunhos, colocou naturais dificuldades à determinação do número mínimo de indivíduos aqui presentes. Ainda assim foi possível distinguir particularidades nos vernizes e diferenças nos diâmetros, que permitiram agrupar fragmentos que, de outra, forma corresponderiam a indivíduos distintos. A diferenciação obedeceu igualmente à distribuição dos fragmentos pelas distintas unidades estratigráficas. No seguinte quadro são apresentadas as correspondências estabelecidas entre os vários fragmentos, com vista à definição do número de indivíduos presente em cada setor, camada e U.E.

434 (*Ibidem*, p. 280-281).

435 (Maia, 2008b, p. 356).

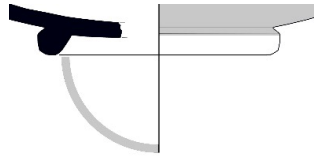
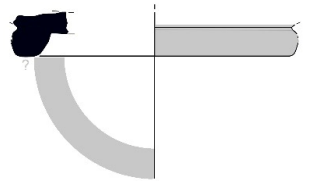
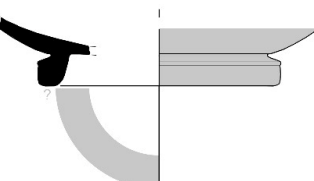
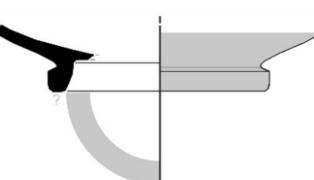
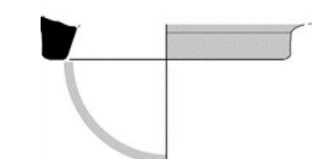
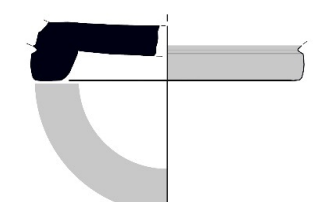
Setor S. SW / Retângulo VIII / Compartimento 15					
CAMADA 2					
U.E.	**Exemplar**	**Parte constituinte**	**Nº Frag.**	**NMI**	**Forma**
[440]	COR/NI/010	Bordo	1	1	Taça de bordo convexo
[442]	COR/NI/012	Bordo	6	1	Taça de bordo convexo
[442]	COR/NI/001 COR/NI/002 COR/NI/003 COR/NI/016 COR/NI/017 COR/NI/022	Bordo Bordo Arranque de Bordo Bordo Parede Base	1 1 1 1 1 3	1 Semelhanças evidentes no verniz.	Taça de bordo convexo
[445]	COR/NI/008	Perfil Completo	1	1	Taça de bordo convexo
[446]	COR/NI/037 COR/NI/038	Base Parede	2 1	1	Taça de pé baixo
-	COR/VRN/001	Asa e parede	1	-	Taça de bordo convexo
-	COR/VRN/002	Asa e parede	5	-	Taça de bordo convexo
		TOTAL	25	5	

CAMADA 3					**Forma**
[089]	COR/NI/030 COR/NI/031	Base Parede	3 1	1	Taça de pé baixo
[089]	COR/NI/032	Base	1	1	Taça de pé baixo
[090]	COR/NI/011 COR/NI/018 COR/NI/019	Arranque de bordo Asa Parede	1 3 1	1	Taça de bordo convexo
[095]	COR/NI/033 COR/NI/034 COR/NI/035	Parede Parede Parede	1 1 1	1	Taça de bordo convexo
[096]	COR/NI/023	Base	5	1	Taça de bordo convexo
[097]	COR/NI/020 COR/NI/024	Bordo Base	1 1	1	Taça de bordo convexo
[098]	COR/NI/006	Bordo	1	1	Taça de bordo convexo
[099]	COR/NI/029	Base	1	1	Taça de pé baixo
[100]	COR/NI/039	Parede	1	1	Taça de pé baixo
[102]	COR/NI/005	Bordo	8	1	Taça de bordo convexo
[-]	COR/NI/025	Base	4	1	Taça de bordo convexo
[-]	COR/NI/009	Bordo	2	1	Taça de bordo convexo
		TOTAL	37	12	

Setor Retângulo IX / Compartimento 12					
CAMADA 2					
U.E.	**Exemplar**	**Parte constituinte**	**Nº Frag.**	**NMI**	**Forma**
[027]	COR/NI/021	Base	3	1	Taça de bordo convexo
	COR/NI/013	Asa	1		
	COR/NI/014	Bordo	1		
	COR/NI/015	Asa	1		
[078]	COR/NI/036	Asa	1	1	Taça de pé baixo
[Sep.1]	COR/NI/027	Asa	1	1	Taça de pé baixo
		TOTAL	8	3	

Setor Sepultura V					
CAMADA 3					
U.E.	**Exemplar**	**Parte constituinte**	**Nº Frag.**	**NMI**	**Forma**
[110]	COR/NI/004	Arranque de bordo	2	1	Taça de bordo
		TOTAL	2	1	

Setor Retângulo III / Compartimento 9					
CAMADA 4					
U.E.	**Exemplar**	**Parte constituinte**	**Nº Frag.**	**NMI**	**Forma**
[-]	COR/NI/009	Bordo	2	1	Taça de bordo convexo
		TOTAL	2	1	

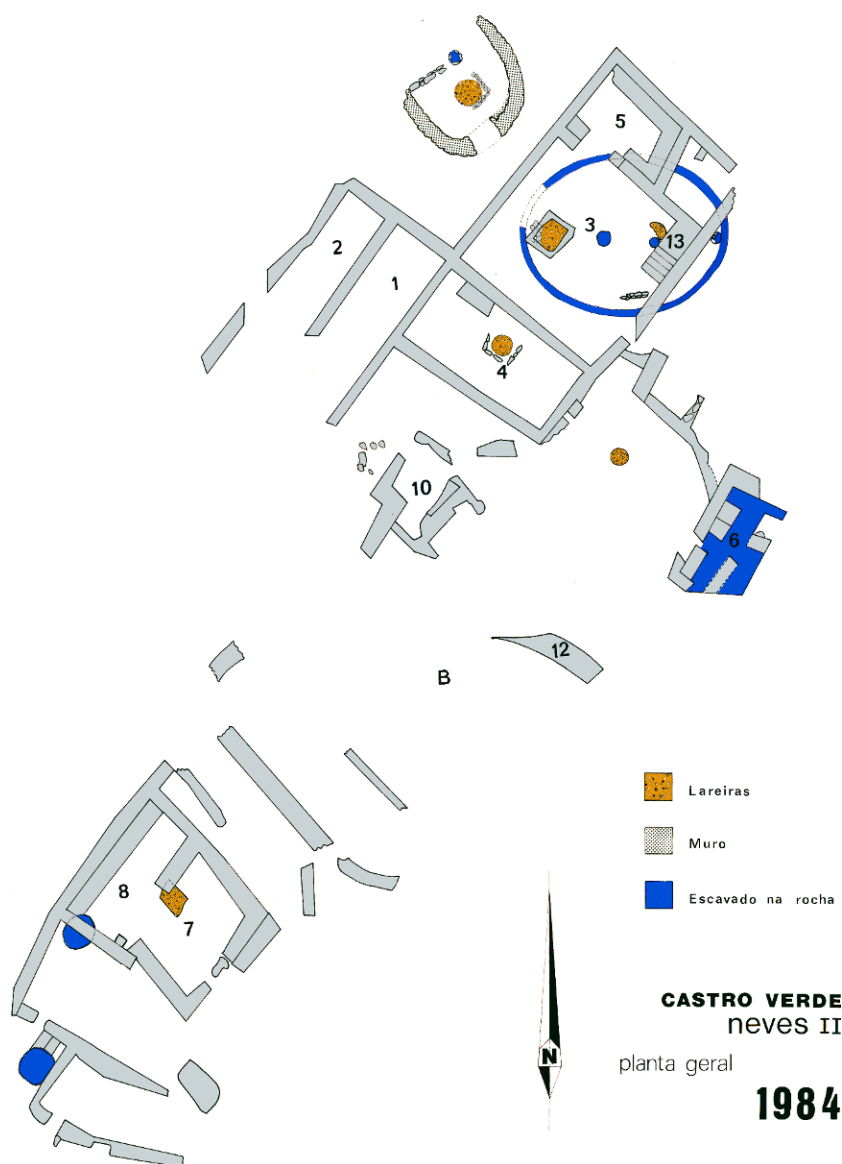
Setor Sepultura 1 / Compartimento 1					
CAMADA 4					
U.E.	**Exemplar**	**Parte constituinte**	**Nº Frag.**	**NMI**	**Forma**
[-]	COR/NI/026	Parede	1	1	Taça de bordo convexo
		TOTAL	1	1	

Setor Recinto Ânfora / Compartimento 5					
CAMADA 4					
U.E.	**Exemplar**	**Parte constituinte**	**Nº Frag.**	**NMI**	**Forma**
[-]	COR/NI/028	Asa	1	1	Taça de bordo convexo
		TOTAL	1	1	

Os exemplares identificados testemunham a adoção de diferentes opções decorativas, sem que seja possível estabelecer uma interpretação cronológica entre elas considerando a ausência de dados publicados sobre os contextos de recolha.

OPÇÕES DECORATIVAS PRESENTES NAS BASES	EXEMPLAR	ILUSTRAÇÃO
Superfície de apoio do pé em reserva; Face externa do pé total ou parcialmente em reserva; Face interna do pé revestida de verniz negro; Face externa do fundo reservada	COR/NI/008\	
Não permite determinar a presença de verniz na superfície de apoio do pé; Faces interna e externa do pé revestidas de verniz negro; Face externa do fundo total ou parcialmente revestido de verniz negro.	COR/NI/024	
	COR/NI/021	
	COR/NI/025	
Faces interna e externa do pé revestidas de verniz negro; Superfície de apoio em reserva; Face externa do fundo em reserva	COR/NI/022	
Faces interna e externa do pé revestidas de verniz negro; Superfície de apoio em reserva; Não conserva fundo	COR/NI/023	
Superfície de apoio e faces interna e externa do pé revestidas de verniz negro. Fundo externo em reserva.	COR/NI/032	

2.2.11.3. Neves II

Contrariamente ao que se verificou em Corvo I e Neves I, em Neves II procedeu-se à escavação integral dos vestígios de ocupação antiga. Os trabalhos aqui conduzidos permitiram identificar dois edificados ou núcleos, distando cerca de sete metros entre si. Em ambos foram detetadas construções de planta retan- gular, justapostas, formadas por muros com embasamento pétreo e paredes de taipa ou adobe[436]. Um dos núcleos apresenta ainda um pequeno átrio, que antecede as restantes estruturas.

Sobre a funcionalidade deste espaço, tal como em Neves I, não se verifica um consenso entre os vários investigadores que sobre ele debruçam os seus estudos. Foi descrito como «[…] *um conjunto de estruturas habitacionais que (…) parece merecer a designação de «povoado», no sentido do actual "monte". […] o seu conjunto me parece ser resultante da justaposição de vivendas unifamiliares, geralmente compostas por um compartimento retangular grande, com lareira estruturada e outro menor, destinado a armazém. Um espaço interpretável como pátio agrícola e logradouro, além dos dois compartimentos (1 e 2) em que não recolhemos espólio (exceto a placa escrita) seriam as únicas partes comuns do complexo*». [437]. Não obstante a referida interpretação, reconhece-se a existência de uma zona de culto[438], correspondendo a um com- partimento aberto ao exterior. A vocação de culto foi amplamente valoriza por outros investigadores, que interpretam Neves II, à semelhança de Neves I e Corvo I, como santuário[439]

436 (Maia, 1988, pp. 26-32).

437 (Maia, 2008b, pp. 326 e 358).

438 (*Ibidem*, p. 354).

439 (Arruda & Celestino Pérez, 2009, p. 38).

Figura 6 Planta de Neves II (segundo Maia e Maia, 1986, p. 29). Adaptado e tintado pela signatária do presente estudo.

Além destes vestígios, foram detetados em níveis inferiores, estruturas do tipo cabana, de planta circular e alicerces escavados na rocha, tendo sido interpretadas pelos responsáveis pelos trabalhos de campo, como testemunhos de uma ocupação do Bronze Final[440]. É parte integrante desta ocupação uma construção assente diretamente sobre uma base de pedra, que poderá coexistir com o edificado de época sidérica[441].

A análise dos estratos identificados e do espólio a eles associados permitiu definir três momentos de ocupação no decorrer da Idade do Ferro, recolhendo-se, no segundo, entre outros elementos, exemplares anfóricos atribuídos a meados ou finais do século V a.n.e.[442], assim como abundantes fragmentos de cerâmica de fabrico ático. Do último nível de ocupação é procedente uma placa epigrafada com escrita do Su- doeste[443]. Desconhece-se se esta peça pertenceria a uma área de necrópole, estando aqui reutilizado como possível elemento construtivo ou se, de facto, teria no povoado o seu contexto primário[444].

Também neste local foram identificados exemplares gregos, recolhidos no decorrer da campanha de campo de 1984, nas camadas 4 e 5 da quadrícula P32 (compartimento 3)[445]. Todos os fragmentos registados, em avançado estado de deterioração, foram depositados num saco único, acompanhados de duas etiquetas com a menção da sua proveniência. Não tendo sido alvo de marcação, não é possível distinguir os exemplares recolhidos na camada 4 e os que são provenientes da camada 5.

Figura 7. Fotografia do estado atual do conjunto de fragmentos de fabrico ático recolhidos em Neves II.

A intensa fragmentação do conjunto impossibilita qualquer tentativa de contabilização do número total de fragmentos. Distinguem-se claramente um arranque de bordo, uma asa e um fragmento de base de maiores dimensões e mais bem preservados. Os restantes fragmentos correspondem a pequeníssimas porções de parede, algumas das quais conservando o ressalto na face interna, característico das taças de bordo convexo. Considerando a quantidade de fragmentos recolhidos, e as partes constituintes da peça identificadas, pensamos tratar-se de um único exemplar de taça.

440 (Maia, 2008b, p. 354).

441 (*Ibidem*, p. 354).

442 (Maia, 1988)

443 (Maia & Corrêa, 1985).

444 (Arruda, 2001 p. 275).

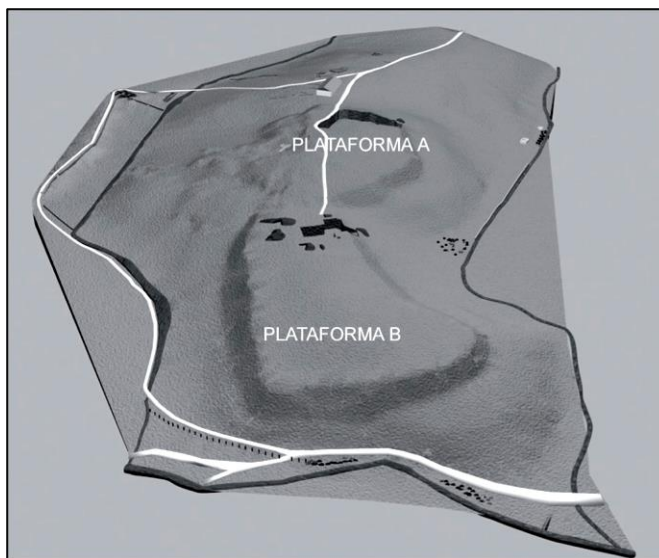
445 O caderno de campo da autoria de Maria Maia refere igualmente a descoberta de três fragmentos na camada 3 da quadrícula P31, não tendo sido, no entanto, identificados no decorrer do presente estudo.

2.2.12. Mesas do Castelinho

Beja/Almodôvar/Santa Clara-a-Nova e Gomes Aires. CNS: 4263.

Ocupando uma posição sobranceira à Ribeira de Mora, subsidiária do rio Mira, o povoado de Mesas do Castelinho situa-se num pequeno planalto encoberto na paisagem, com fraca aptidão natural de defesa. Localiza-se numa região de fronteira entre a serra algarvia do Caldeirão e a peneplanície alentejana, ocupando duas plataformas contíguas, uma superior (A) e uma inferior (B)[446], complementadas de uma outra, estreita e posicionada numa cota mais baixa, rodeando o lado ocidental do talude[447]. Circundado pelas elevações serranas pelos lados Sudoeste e Sudeste, apenas permite o controlo visual do território envolvente, a Noroeste e Nordeste, onde a paisagem se abre para dar lugar aos campos de Ourique.

Considerando a fraca capacidade agrícola atualmente reconhecida para este território, o pequeno caudal da Ribeira de Mora, assim como a ausência de dados que indiquem uma possível exploração dos recursos minérios[448], tem vindo a ser apontada a implantação do povoado numa área próxima de uma via natural de passagem como justificante para a fixação de comunidades humanas neste local[449].

Fundado em finais do século V a.n.e. ou inícios da centúria seguinte, comportou ainda no decorrer da Idade do Ferro, um volume considerável de construções que ocupariam mais de 3 hectares de terreno[450]. Em 1975 foi sugerida a possível presença humana neste local, no decorrer da Idade do bronze[451], uma ocupação que não se confirmou nas várias campanhas de escavação conduzidas ao longo de mais de vinte anos[452]. Os referidos trabalhos de campo não permitiram determinar com segurança a origem da comunidade que, no decorrer do século V/IV a.n.e. ocupou este espaço, sublinhando-se, no entanto, a coincidência da sua fundação, com o declínio de núcleos habitacionais como o de Neves-Corvo, podendo ter-se verificado um fenómeno de deslocação de populações[453]. Mencionamos a este propósito, um dos principais aspetos de continuidade em relação ao povoado de Neves-Corvo, designadamente a manutenção da importação de produções de matriz orientalizante, incluindo exemplares de cerâmica grega, desconhecendo-se, no entanto, se ambos os povoados coexistiram temporalmente[454].

446 (Guerra & Fabião, 2010, p. 464). A topografia regular das áreas delimitadas pelos taludes, que resulta do facto das antigas construções terem desempenhado um significativo papel na retenção de terras, forma uma configuração do terreno semelhante a «mesas», dando assim o nome a este lugar de Mesas de Castelinho.

447 (Estrela, 2010, p. 3).

448 (Le Beau, 1994). Ainda que seja possível admitir a existência de fornos ligados à produção metalúrgica num pequeno setor do povoado (Fabião *et alii*., 2007, p. 11).

449 (Guerra & Fabião, op. cit., p. 459, 476; Estrela, 2010). Considerando as dificuldades de travessia da serra do caldeirão na ligação do Algarve ao Alentejo (Guerra & Fabião, op. cit., p. 461).

450 (*Ibidem*, p.459).

451 (Schubert, 1975).

452 (Guerra & Fabião, op. cit., p. 459).

453 (*Ibidem*, p. 461).

454 (*Ibidem*, p. 462).

Figura 8. Plataforma A e B de Mesas do Castelinho com indicação de áreas com vestígios identificados. (Adaptado de Guerra & Fabião, 2010, p. 465, fig. 2).

Os trabalhos arqueológicos conduzidos neste local permitiram identificar, além dos abundantes vestígios associados à presença humana efetiva de populações em época romana e islâmica, importantes conjuntos artefactuais e estruturas que nos permitem traçar um quadro geral da ocupação deste espaço a partir do século V/ IV a.n.e. Os dados arqueológicos recolhidos, particularmente, as estruturas identificadas nos setores A2 e A3 da plataforma superior do povoado, revelam a existência de uma área construída, organizada de forma tendencialmente radial. Fechada sobre si mesma, era composta de compartimentos dispostos sequencialmente, formando, através da conjugação das paredes traseiras, um muro ou «parede cega»[455], com possível cariz defensivo. Ainda que não se verifique a construção, neste local, de um sistema amuralhado convencional, o referido muro foi, em determinados troços do setor A3, reforçado por uma nova parede exterior, utilizando-se blocos de pedra para preencher o espaço entre ambos os muros. Os compartimentos escavados, de planta retangular, conservam vestígios que sugerem que estas construções teriam mais do que um piso[456] e a ausência de um arranjo urbano da área interior definida pelas mencionadas construções, indica que o a área interna do povoado não estaria edificada[457].

Na plataforma B, ainda que se verifique, de igual forma, a construção de compartimentos justapostos, tendencialmente fechados para o exterior, a capacidade defensiva criada por esta opção urbanística, parece ter sido complementada de um pano de muralha, espesso, mas de dimensão indeterminada. Não obstante ter sido alvo de uma intensa destruição no decorrer do século XX, conservam-se os níveis fundacionais de uma muralha pétrea, associada a nível de ocupação pré-romana. A referida estrutura associa-se a contextos sidéricos, não sendo, contudo, possível determinar se a sua construção ocorre no momento inicial de ocupação deste espaço, ou se, em alternativa, a fortificação do povoado apenas se verifica num momento mais avançado da Idade do Ferro[458]. Os espaços habitacionais identificados nesta plataforma inferior apresentam, tal como nos setores A2 e A3, plantas retangulares. Caracterizam-se ainda por apresentarem alicerces pétreos e paredes em taipa ou adobe[459].

Foi pela primeira vez reconhecida a existência de cerâmica grega em Mesas do Castelinhos em meados dos anos 50 do século XX[460], tendo sido recolhido nesta ocasião uma taça de verniz negro[461], posteriormente classificada por Manuela Delgado (1971, pp. 406-407) como taça do tipo 24A de Lamboglia, pré-campaniense, datada entre os séculos IV e III a.n.e. A peça é novamente mencionada por C. J. Ferreira (1992, p. 20; 1994, p. 99) e, em 1997 Ana Margarida Arruda, refere uma vez mais a sua descoberta, remetendo para a publicação de Manuela Delgado, e classificando-o como variante B da forma 24 de Lamboglia[462].

O exemplar (CAS/006) corresponde a uma taça de pequena dimensão, conservada inteira, apresentando parede hemisférica e bordo reentrante. O pé, anelar, exibe as faces interna e externa levemente encurvadas, não apresentando a canelura na superfície de apoio, característica comum aos exemplares da forma 24A. Igualmente pouco frequente à supracitada forma é a apresentação de todas as superfícies do pé totalmente revestidas de verniz negro. Regista ainda um mamilo central na face externa do fundo, muito acentuado. As mencionadas características, particularmente as paredes espessas, aproximam-no da forma «saleiro» definida pelo estudo do conjunto de cerâmicas áticas da Ágora de Atenas, apresentando afinidades formais com o exemplar nº 949 da variante «footed» do referido estudo[463], datado do segundo/ terceiro quartel do século IV a.n.e. A peça nº 876 da referida publicação, referente à forma
«pequena tigela», apresenta características formais idênticas, diferenciando-se do exemplar de Mesas do Castelinho, por apresentar paredes de menor espessura e bordo de lábio levemente espessado. O exemplar foi recolhido à superfície, juntamente com outras materialidades associadas à ocupação sidérica de Mesas do Castelinho[464].

455 (*Ibidem*, p. 466).

456 (*Ibidem*, p. 467).

457 (*Ibidem*, p. 467).

458 (*Ibidem*, p. 470-471).

459 (*Ibidem*, p. 472).

460 (Viana, Ferreira & Serralheiro, 1956, p. 468, Est. I-4).

461 Além de outras materialidades associadas à ocupação sidérica, romana e islâmica deste espaço (*Ibidem*, 1956).

462 A classificação como variante B foi seguramente um lapso, uma vez que a autora se baseia na publicação de Manuela Delgado (Arruda, 1994, p. 140; Arruda, 1997, p. 94).

463 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 137).

464 (Viana, Ferreira & Serralheiro, op. cit., p. 468, Est. I-4).

No decorrer dos trabalhos de campo conduzidos neste local por Amílcar Guerra e Carlos Fabião, identificou-se um pequeno conjunto de cerâmicas gregas, composto de oito fragmentos (CAS/001 a CAS/005 e CAS/007 a CAS/009), correspondendo todos a produções áticas. Destes, apenas dois (CAS/003 e CAS/004), estão associados a contextos conservados da Idade do Ferro, tendo os restantes sido recolhidos em níveis superficiais ou em contextos de deposição secundária, associados a uma ocupação cronologicamente posterior.

Proveniente de um contexto conservado da Idade do Ferro regista-se um exemplar de uma taça de pé baixo (CAS/003) e um fragmento de fundo de forma indeterminada (CAS/004). O primeiro, foi recolhido na U.E. [208] do setor A1, correspondendo a um contexto de derrube reutilizado como aterro, situado a Sul das construções do século I a.n.e., preservadas no registo arqueológico[465]. Localiza-se sob o estrato [246], onde se recolheu um fragmento de ânfora datado entre a segunda metade do século IV e de finais da centúria seguinte[466]. Ainda que não seja possível determinar a que variante de taça de pé baixo pertenceria[467], apresenta ambas as faces do pé revestidas de verniz negro e com perfil côncavo-convexo, indicando uma cronologia possivelmente em torno da primeira metade do século IV a.n.e. O exemplar foi recolhido num compartimento de funcionalidade indeterminada, sofrendo a escavação deste espaço profundas limitações que resultaram da necessidade de musealização das estruturas cronologicamente sucedâneas.

O segundo exemplar, bastante deteriorado, não permite uma atribuição tipológica segura. Foi sugerida a sua classificação como taça «cástulo»[468], contudo, as posições do arranque do pé e da parede apresentam maior afinidade com a forma *skyphos*, destacando-se as semelhanças com os exemplares de figuras ver- melhas recolhidos em Alcácer do Sal (e.g. SAL/001). O fragmento é proveniente da U.E. [376], correspon- dendo a um depósito de derrube do Ambiente VIII do Setor B2[469]. Antecede estratigraficamente um nível de utilização da Fase I, definida para a ocupação sidérica deste arqueossítio e datada do século II a.n.e.[470]. Associa-se a um espaço de cariz habitacional[471].

Outros dois fragmentos (CAS/007 e CAS/008), de difícil classificação tipológica, foram identificados na Plataforma A (setores A1 e A2), em depósitos cronologicamente posteriores à ocupação sidérica deste espaço. Correspondem a bordos de formas indeterminadas, apresentando-se totalmente revestidos de verniz negro. Foram recolhidos nas U.E.'s [1] e [230], esta última correspondendo a um nível de ocupação romano-republicano.

No enchimento do fosso que integra a fortificação islâmica, foi identificado o único fragmento de cerâmica de figuras vermelhas (CAS/001) recolhido neste local até à presenta data. Foi prontamente atribuído ao pintor de Viena 116[472], conservando decoração na face externa, composta de vestígios da representação de um manto. A pequena dimensão do fragmento e a natureza comum do motivo representado, impõe necessárias reservas à atribuição proposta. Regista, no entanto, características formais e estilísticas concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e. Foi identificado no decorrer da campanha de campo de 1992, na U.E. [29] do Setor A1, em contexto secundário concordante com a ocupação medieval/ islâmica deste espaço.

Além destes, no âmbito do presente estudo, foi possível observar três outros exemplares de cerâmica grega, correspondendo a um fragmento de asa (CAS/005), já mencionado em outras publicações[473], e dois fragmentos pertencentes a parede e bordo. O fragmento de asa apresenta uma espessura e uma inclinação concordante com as taças skyphos, ainda que a pequena dimensão da peça coloque necessárias reservas à classificação tipológica sugerida. Foi recolhido na U.E. [122] do setor A1, no decorrer da campanha de trabalhos arqueológicos de 1992.

O fragmento de parede (CAS/009) pertence a uma forma aberta, possivelmente uma taça da variante de bordo reto, considerando que não conserva o ressalto típico das taças de bordo convexo. A pequena dimensão do fragmento, impõe, no entanto, reservas quanto à proposta sugerida. Foi identificado na campanha de campo de 1994, na U.E. [188] do Setor A1, inserido no Ambiente XII. Idêntica classificação tipo- lógica deve ser sugerida para o fragmento de bordo identificado (CAS/002). Apresenta um perfil oval, uma curvatura contínua na ligação da parede ao bordo semelhante às taças de bordo reto do tipo «plain rim»

465 (Estrela, 2012, p. 33-34).

466 (Filipe, 2010).

467 Foi sugerida a sua classificação como taça de variante «plain rim» ou «cástulo» por Ana Margarida Arruda (1997, p. 94-95) e como «cástulo» por Susana Estrela (2012, p. 33).

468 (Estrela, 2010, p. 34).

469 (Estrela, 2012, p. 34).

470 (*Ibidem*, p. 35).

471 (*Ibidem*, 2012, p. 35).

472 (Arruda, 1997; Estrela, 2012).

473 (Arruda, 1997).

definido pelo estudo dos materiais gregos da Ágora de Atenas. Foi recolhido no decorrer da campanha de campo de 2005, na U.E. [290] do setor B3, correspondendo ao ambiente «Rua 1».

Em Mesas do Castelinho foram igualmente identificados dois fragmentos considerados contemporâneos da chegada das produções áticas, de procedência desconhecida, que reproduzem formas cerâmicas gregas[474], designadamente dois fragmentos de tigelas de bordo reentrante. Sem aplicação do verniz característico das produções gregas, apresentam cozeduras redutoras e superfícies alisadas. Ambos os fragmentos provêm de níveis sidéricos conservados, cronologicamente enquadrado entre a primeira metade do século IV a.n.e. e dos finais da centúria seguinte. Associado a contextos cronologicamente posteriores, identificaram-se três fragmentos de cerâmica de tipo Kuass[475], correspondendo igualmente a tigelas de bordo reentrante.

Tem sido sugerida uma similitude na importação da cerâmica grega entre os núcleos de povoamento de Neves-Corvo e Mesas do Castelinho, considerando que, em ambos se verifica a importação de taças «cástulo»[476]. A natureza homogénea do conjunto de produções áticas presente em Neves-Corvo, com total ausência de exemplares de figuras vermelhas, e a insegurança na classificação como «cástulo» das peças recolhidas em Mesas do Castelinho, impossibilitam comparações desta natureza.

Os estudos dos materiais anfóricos recolhidos neste local[477], revela a existência de produções exógenas à região, possivelmente contemporâneas da chegada dos produtos áticos. É o caso dos exemplares pertencentes à variante 11.2.1.0, 8.2.1.1 e 8.1.1.2. de Ramón Torres (1995). Registam-se igualmente testemunhos de ânforas de produção local ou regional, inspiradas nos modelos importados[478], indicando um possível estabelecimento de relações comerciais com diferentes comunidades que ocupariam esta região mais interior do atual território português[479].

2.2.13. Monte Beirão

Beja/Almodôvar/Almodôvar e Graça dos Padrões. CNS: 3161.

O arqueossítio de Monte Beirão regista um único exemplar de cerâmica grega, recolhido à superfície[480]. Trata-se de um conjunto de fragmentos com colagem entre si, correspondendo à parte inferior de uma ânfora, conservando o bico e parte significativa do bojo. O perfil regista afinidade com os contentores anfóricos do tipo N do naufrágio de El Sec[481], produzidos na primeira metade do século IV a.n.e.[482].

O exemplar é procedente de um pequeno cabeço, onde Caetano Mello Beirão terá identificado vestígios de um possível núcleo habitacional ocupado no decorrer da Idade do Ferro. Refere o investigador a existência, neste local, de um compartimento onde são visíveis restos de uma lareira com fragmentos cerâmicos associados[483] entre os quais «uma ânfora massaliota, dos séculos VII-V» e um fragmento de bordo de um recipiente de armazenamento de grandes dimensões[484]. São igualmente procedentes deste arqueossítio um espeto em bronze, assim como fragmentos de cerâmicas ibero-púnicas[485]. A ausência de intervenções arqueológicas neste local, além da possível decapagem superficial de Caetano Beirão, não permite avançar considerações sobre a ocupação antiga deste espaço, sendo a própria localização do arqueossítio alvo de discussão.

474 (Estrela, 2012, p. 36).

475 (*Ibidem*, p. 39).

476 (Guerra & Fabião, 2010, p. 462-463).

477 (Filipe, 2010).

478 (*Ibidem*, 2010, p. 82).

479 (Filipe, 2010, p. 82).

480 (Beirão & Gomes, 1980; Beirão, 1986, fig. 7a).

481 A referida classificação foi desde logo sugerida por Ana Margarida Arruda (1997, p. 93). Na publicação onde é *primeiramente* referido (Beirão & Gomes, 1980), foi classificado como fragmento de ânfora de tipo Bon Porté I, datada de Época Arcaica. Em publicação posterior volta a referir este exemplar, enquadrando-o nas produções do século VII a V a.n.e. (Beirão, 1986, p. 51).

482 (Arribas *et alii*, 1987).

483 (Beirão, 1972b, p. 203).

484 (Silva & Gomes, 1992, pp. 142-143).

485 (Beirão, 1986; Beirão & Gomes,1980).

Em 1995, os vestígios sidéricos estariam já atulhados[486], e em campanhas de prospeção realizadas em 2006, não se identificaram quaisquer vestígios de ocupação antiga.

2.2.14. **Garvão** – Depósito Votivo/ Cerro do Adro

Beja/Ourique/Garvão e Santa Luzia. CNS: 2954, 15963.

Os vestígios da ocupação humana localizam-se numa elevação amesetada conhecida como cerro do Castelo de Garvão[487]. É neste local que, em 1982, no decorrer de obras de saneamento básico, se identifica um importante espaço de cariz votivo datado da 2ª Idade do Ferro[488]. No seguimento desta descoberta, o local foi alvo de uma escavação de emergência que permitiu identificar uma fossa aberta no substrato rochoso, de configuração ovalada, associada a abundante espólio material, colocados de forma ordenada no seu interior.

Os arqueológos responsáveis pelo seu estudo, interpretaram-no prontamente como possível *bothros* ou *favissa*, em utilização nos finais do século III a.n.e., correspondendo a um depósito secundário associado a um santuário. A estrutura não revelou reformulações arquitetónicas significativas, levando os responsáveis pela sua escavação a considerar uma única fase de uso deste espaço. Associado às estruturas, foram identificadas diversas materialidades concordantes com o século IV e III a.n.e., incluindo exemplares cerâmicos gregos[489]. Estes materiais, juntamente com outros de possível origem mediterrânea e da Meseta, terão constituído oferendas votivas a uma ou mais divindades por determinar. Integram o conjunto, diversos objectos metálicos, incluindo placas oculadas de ouro e prata, recipientes de vidro policromo e uma hemi-dracma de Gades[490], esta última particularmente relevante para o estabelecimento da cronologia de uso desta estrutura. No nível inferior do depósito foram depositados, entre outros elementos, o crânio de um individuo do género feminino, com vestígios de uma trepanação que possivelmente lhe causou a morte, podendo tratar-se de um cenário de sacrifício humano fundacional da estrutura[491].

Os exemplares gregos corresponderiam a peças de fabrico ático, de verniz negro, apresentando-se muito fragmentados e deteriorados. A pequena dimensão dos fragmentos conservados não permite sugerir uma classificação tipológica para estas peças[492]. Associando-se a materialidade genericamente datadas do século III a.n.e., é possível que correspondam a produções da primeira metade do século IV a.n.e., não sendo inédito a presença de peças mais antigas em contextos votivos posteriores.

Os vestígios localizam-se a meia encosta da vertente Leste do cerro, a partir do topo do qual é possível o domínio visual do território envolvente. Trabalhos de escavação conduzidos em outras áreas da referida elevação, em 2002 e 2003, permitiram aumentar o número de testemunhos conhecidos da importação de cerâmica grega neste local. No âmbito das referidas iniciativas de escavação foi exumado um fragmento de cerâmica de fabrico ático em um nível de regularização e preparação do terreno para a construção de um conjunto arquitetónico da Idade do Ferro[493]. O conjunto é composto de uma estrutura defensiva à qual estariam adossados três edificados com ligação a uma área de circulação. Foi sugerida uma funcionalidade habitacional para este espaço, podendo um dos edifícios relacionar-se, no entanto, com o exercício do pro- cessamento e trabalho de metais[494].

O fragmento corresponde a uma taça de figuras vermelhas, datando da primeira metade do século IV a.n.e., tendo sido sugerida a sua integração na obra do Pintor de Viena 116[495]. Os materiais associam-se a um espaço interpretado como povoado fortificado, podendo o recinto amuralhado estender-se até à plata-

486 (Ferreira *et alii*, 1995).

487 (Beirão *et alii.*, 1987).

488 (*Ibidem*, 1987; Correia, 1995 a/b).

489 (*Ibidem*, 1985).

490 (*Ibidem*, 1985).

491 (*Ibidem*, 1985).

492 (Arruda, 1997, p. 94). As considerações tecidas sobre os exemplares procedentes de Garvão, resultam exclusivamente da publicação dos desenhos e descrições dos mesmos, não tendo sido possível, no âmbito do presente trabalho, observar estas peças. Desconhece-se o número total de fragmentos indeterminados recolhidos neste local.

493 (Nunes da Ponte, 2000, 2010, 2012).

494 (Nunes da Ponte, 2012).

495 (*Ibidem*).

forma onde se localiza o depósito votivo de Garvão[496].

No decorrer de trabalhos de prospeção e recolhas de superfície realizadas no Cerro do Forte terão sido identificados dois novos fragmentos de cerâmica ática de figuras vermelhas. Correspondem igualmente a taças de figuras vermelhas, sendo, para um dos fragmentos, sugerida a sua correspondência à obra do Pintor de Viena 116[497]. Tal como o exemplar anteriormente referido, também estes fragmentos deverão datar da primeira metade do século IV a.n.e.

2.2.15. Alcácer do Sal

Setúbal/Alcácer do Sal/Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo e Santiago) e Santa Susana. CNS: 159, 22918.

2.2.15.1. Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires

A ocupação antiga deste local foi identificada no seguimento de trabalhos agrícolas, que colocaram a descoberto um conjunto de materiais, alguns dos quais inteiramente conservados e de reconhecido valor estético, incluindo vários exemplares de produções cerâmicas gregas. O espólio foi prontamente publicado por Possidónio da Silva, em 1875, despertando o interesse da comunidade científica nacional e internacional, e abrindo caminho para novas investigações que incidiram não só sobre a área de enterramento, como sobre o povoado que a ela se associa.

No decorrer da segunda década do século XX, realizam-se as primeiras ações de escavação deste local, sob a direção de V. Correia, que permitiram dar a conhecer as estruturas e as práticas sepulcrais aqui testemunhadas. Ainda que o resultado destas iniciativas nunca tenha sido publicado com profundidade suficiente[498] que possibilite a caracterização cronológica dos contextos escavados, o importante mobiliário funerário recolhido, permitiu por si só, produzir importantes considerações sobre a natureza e cronologia associada aos enterramentos.

Os trabalhos arqueológicos foram novamente retomados, sob a direção de A. Cavaleiro Paixão, procedendo-se a escavações no final das décadas de 60 e 70 e nos inícios da década de 80 do século XX. Conhecemos em maior detalhe os resultados das primeiras campanhas, por via da sua integração na tese de licenciatura de Cavaleiro Paixão (1970), exclusivamente dedicada a este arqueossítio, estando, no entanto, os dados obtidos com as restantes intervenções circunscritos à análise de apenas um dos sepulcros escavado[499].

O conjunto material recolhido, particularmente as produções cerâmicas gregas, foram alvo de inúmeros estudos ao longo das oito décadas que sucederam a descoberta deste local, sem que, no entanto, se procedesse a uma análise integral e abrangente deste espólio. A própria autenticidade destes exemplares foi alvo de aceso debate entre a comunidade científica ao longo de meio século, desde que, em 1875, Possidónio da Silva divulga os primeiros achados, até à confirmação da sua autenticidade e origem grega por John Beazley, entretanto consultado por Virgílio Correia (1925a). Com a publicação de Maria Helena da Rocha Pereira (1962), «Greek Vases in Portugal», o debate é definitivamente sanado, reconhecendo-se a sua procedência ática sustentada pelo estudo aprofundado e metódico dos exemplares. Nos anos que se seguiram, estes materiais despertam o interesse de inúmeros investigadores, que sobre eles tecem importantes considerações, à medida que prosseguiam os trabalhos de campo na necrópole[500]. Finalizadas as escavações de Cavaleiro Paixão, nos inícios da década de 80 do século XX, o conjunto de vasos gregos é integralmente estudado e publicado por Pierre Rouillard, Cavaleiro Paixão, Marie-Christine Villanueva--Puig e J. L. Durand (1988-89), dando-se a conhecer 41 exemplares de figuras vermelhas e verniz negro. Nos anos que se seguirão são realizados inúmeros trabalhos de síntese sobre estes materiais com base nas

496 (Nunes da Ponte, 2010).

497 (Nunes da Ponte 2000, p. 135, 2012, p. 48). As considerações tecidas sobre os exemplares procedentes de Garvão, resultam exclusivamente da publicação dos desenhos e descrições dos mesmos, não tendo sido possível, no âmbito do presente trabalho, observar estas peças.

498 Limitando-se a breves descrições dos trabalhos realizados e dos materiais recolhidos (Correia, 1925; 1928; 1930 a/b).

499 (Paixão, 1983).

500 (E.g., Trías, 1967).

informações até então publicadas[501].

O número de peças conhecidas aumenta nos inícios do século XXI, após a identificação de um vaso de figuras negras procedente de Alcácer do Sal, e depositado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia. O exemplar foi estudado por Ana Margarida Arruda (2006, pp. 135-136), que o classifica como taça do tipo C definido por J. Beazley, comumente designado «floral band-cup», datável da primeira metade do século V a.n.e.

Mais recentemente, Francisco Gomes, no decorrer de estudos conduzidos nas reservas de materiais arqueológicos de Alcácer do Sal, à guarda da Direção Regional de Cultura do Alentejo, identificou oito novos testemunhos gregos procedentes da Necrópole[502]. Correspondem a exemplares de figuras vermelhas e verniz negro, integrando um prato de peixes; quatro bordos e uma base de prato de bordo espessado; uma taça de bordo reto; e um fundo decorado, possivelmente pertencente a uma tigela de bordo reentrante ou esvasado.

Estes materiais integram o horizonte tardio da Idade do Ferro da necrópole, sendo utilizados simultaneamente como contentores cinerários e mobiliário fúnebre. Os primeiros, associam-se a práticas de incineração, albergando os restos da cremação. Seriam depositados, juntamente com o restante mobiliário fúnebre, em fossas escavadas no solo, desprovidas de qualquer tipo de estruturas construídas[503]. Apenas os exemplares de kratêres entre o conjunto de procedência grega, parecem aqui, assumir a funcionalidade de urnas, não sendo, no entanto, exclusivos neste uso. Cada contexto de enterramento incluía igualmente pequenos vasos de natureza diversa, geralmente em número de um ou dois exemplares, assim como objectos usualmente ligados à atividade têxtil, assumindo aqui uma natureza ritual, e peças de adorno e armamento, estas últimas, apresentadas de forma adulterada e deformada[504].

O conjunto de vasos gregos é assim composto de 51 indivíduos, incluindo 1 exemplar de figuras negras, 26 de figuras vermelhas e 23 de verniz negro. O exemplar de figuras negras de Alcácer do Sal (SAL/001) conserva parte do bordo, do corpo e de uma das suas asas. Apresenta o bordo totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa e, sob este exibe uma banda em reserva, complementada de motivos florais. Em área próxima do fundo, apresenta vestígios de uma segunda banda negra que formaria o limite inferior do friso decorado. Da banda decorada, localizada na parede da peça, ao nível do arranque das asas, preserva-se vestígios de palmetas e flores de lótus. Apresenta características formais e decorativas que nos permitem integrá-lo no grupo das taças de faixas da sub-variante taça de faixa floral, produzidas entre finais do século VI e inícios do século V a.n.e.

Integram o conjunto de figuras vermelhas, quatro fragmentos de taças de pé baixo (SAL/002 a SAL/005), três das quais com características formais e estilísticas concordantes com a obra do Pintor de Viena 116 (SAL/002 a SAL/004). Apresentam decoração composta de palmetas e da representação de jovens envoltos em himátia.

Além destes fragmentos, foram identificados dois vasos com perfil quase completo de skyphoi (SAL/006 e SAL/007). A decoração apresentada nas duas peças é similar, retratando uma cena de palestra em ambas as faces de cada um dos vasos, com jovens envoltos em himátion, posicionados frente-a-frente. A composição decorativa encontra paralelo nos trabalhos do Grupo do Pintor Fat Boy e os motivos decorativos e as características morfológicas verificadas permitem enquadrar as peças nas produções de skyphoi de 375-300 a.n.e[505].

As pelikai encontram-se igualmente testemunhada neste local, registando-se três exemplares desta forma (SAL/018 a SAL/20). A morfologia de um dos vasos (SAL/018), designadamente a proporção entre o diâmetro de abertura e da base, e a decoração conservada - o tema dionisíaco, a simplicidade decorativa e a natureza dos motivos representados-, permite-nos integrar a peça nas produções áticas de 375-350 a.n.e. Os restantes vasos (SAL/019 e SAL/020), menos bem conservados, apresentas tamanho e proporções semelhantes ao exemplar anterior. A decoração, muito desgastada, não reúne elementos que permitam sugerir o pintor destes exemplares. Não obstante, a forma e os elementos decorativos conservados permitem sugerirem uma datação entre 400 e 350 a.n.e. para estes vasos.

O conjunto de exemplares da forma kratêr-de-sino, mais numeroso, reúne dez exemplares (SAL/008 a SAL/017). Genericamente em bom estado de conservação, tal como é frequente nos vasos identificados em contextos de enterramento, traduzem a chegada ao território em análise, de peças de diferentes artistas. Quatro destes vasos são atribuídos ao Grupo do Pintor de Telos, três destes associando-se à obra do Pintor dos Tirsos Negros (SAL013 e SAL/008 a SAL/010). O primeiro, regista características formais e

501 (Fabião, 1998, pp. 350-366; Arruda, 1999-2000, pp. 72-86).

502 (Gomes, 2017).

503 (Correia 1928).

504 (Correia, 1928, p. 173).

505 (Rocha-Pereira, 1962; Trías, 1967-1968, Rouillard *et alii*., 1988-1989; Arruda, 1997).

uma composição decorativa habitual nas produções de 400-350 a.n.e., reportando-se os três exemplares atribuídos ao Pintor dos Tirsos Negros **às** produções de 375-350 a.n.e. Os exemplares SAL/011 e SAL/012 apresentam decoração concordante com o reportório do Grupo do Pintor de Viena 1025[506], não sendo possível para os restantes fragmentos estabelecer uma correspondência segura com a obra de um pintor ou grupo de pintores.

Por último no que diz respeito aos vasos de figuras vermelhas, registam-se igualmente a presença sete exemplares de pratos de peixes (SAL/021 a SAL/027). Apresentam todos decoração com temática marinha, retratando diferentes espécies de peixes. Possuem todos bordos de aba pendente decorada com ondas encrespadas, um motivo frequente neste tipo de peças.

O conjunto de cerâmicas de verniz negro da Necrópole de Alcácer do Sal é composto de 23 exemplares[507]. Integra um fragmento de taça de bordo reto (SAL/028), três exemplares da forma bolsal (SAL/029 a SAL/031), nove fragmentos de tigelas de bordo reentrante ou esvasado (SAL/032 a SAL/040), nove exemplares de pratos de bordo espessado (SAL/041 a SAL/049) e um fragmento decorado de forma in- determinada (SAL/050). O conjunto apresenta características formais e decorativas concordantes com as produções do primeiro quartel do século IV a.n.e.[508]

2.2.15.2. Colina do Castelo de Alcácer do Sal

Distando um quilómetro da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, implantar-se-ia o povoado de Alcácer do Sal. A colina onde se implanta o castelo de Alcácer do Sal regista uma expressiva ocupação humana no decorrer da Idade do Ferro, testemunhada através de abundantes materialidades associadas a estruturas que testemunham um povoamento de matriz tendencialmente urbana.

Os vestígios localizam-se numa colina destacada na paisagem, próxima de um rio navegável, propicio ao desenvolvimento de relações comerciais por via marítima e fluvial. A integração deste território nos circuitos comerciais do mediterrâneo testemunha-se através de abundantes exemplares exógenos à região.

São provenientes da colina do Castelo de Alcácer do Sal, 70 fragmentos sem colagem entre si, correspondendo a cerâmicas de fabrico ático. Destes, 40 fragmentos correspondem a exemplares decorados com figuras vermelhas, apresentando-se os restantes 30 fragmentos totalmente revestidos de verniz negro. O primeiro conjunto mencionado, integra 36 fragmentos de taças (SAL/054 a SAL/065, SAL/067 a SAL/083, SAL/087 a SAL/090, SAL/094 a SAL/095 e SAL/116), identificando-se 14 bordos e 5 bases, 4 das quais de perfil claramente distinto. O conjunto apresenta-se muito fraturado e deteriorado, dificultando a identificação dos motivos decorativos e consequentemente do pintor destes exemplares. Não obstante a pequena dimensão dos fragmentos, não se verificam exemplares com características formais e estilísticas que se reportem à segunda metade do século V. Os fragmentos SAL/074, SAL/116, SAL/071 e SAL/072 podem ser atribuídos à obra do Grupo do Pintor de Viena 116, apresentando o primeiro decoração composta da representação de um jovem com o característico ponto negro na face. Os restantes fragmentos exibem o ressalto na parede interna da parede, na ligação da parede ao fundo, igualmente característico da obra do referido Grupo de Pintores.

O conjunto de vasos de figuras vermelhas é igualmente formado de quatro fragmentos possivelmente pertencentes a kratêres-de-sino (SAL/091-SAL/093 e SAL/110), sendo a referida atribuição segura apenas para três destes exemplares. Apresentam todos a característica banda em reserva na face interna da parede. Não é possível determinar se correspondem a três ou quatro exemplares, uma vez que só em dois fragmentos foi possível determinar o diâmetro e em outros dois não se conserva a espessura total da banda reservada presente na face interna. São oriundos de três setores de escavação distintos, podendo por isso mesmo, corresponder a três indivíduos (3 NMI), ainda que apenas se conserve um possível fragmento de bordo (SAL/110). Ainda que o mencionado fragmento apresente uma espessura e formato concordante com a forma kratêr de-sino, a sua pequena dimensão e avançado estado de deterioração coloca, no entanto, profundas reservas à referida proposta.

O conjunto de exemplares de verniz negro integra uma maior diversidade formal. É composto de quatro fragmentos de taças de bordo convexo (SAL/104, SAL/106, SAL/100 e SAL/125), três de taças de bordo reto (SAL/099, SAL/101 e SAL/103), e seis da Classe Delicada (SAL/097 a SAL/098, SAL/107, SAL/123 e SAL/129 A e B). Além destes, identificaram-se dois exemplares de bases de taças que não permitem um enquadramento tipológico mais preciso, tendo sido genericamente classificados como exemplares de taças de pé baixo (SAL/096 e SAL/102). Foram igualmente identificados sete fragmentos de paredes, arranques de fundos e pés, de possíveis taças de variante indeterminada (SAL/109, SAL/113, SAL/115, SAL/121,

506 (Rouillard *et alii*., 1988-1989).

507 (*Ibidem*, 1988-1989; Arruda, 1997; Gomes, 2017).

508 (Rouillard *et alii*., 1988-1989, pp. 77-78).

SAL/132, SAL/137 a SAL/138) e quatro fragmentos de asas, de perfil oval, igualmente concordante com a forma de taça (SAL/126, SAL/128, SAL/ 130 e SAL/133).

Integram o conjunto de taças de bordo convexo, três bordos (SAL/106; SAL/125; SAL/100) e um fragmento de parede (SAL/104). Este último, recolhido em um setor de escavação distinto dos restantes exemplares, poderá corresponder ao quarto exemplar desta forma identificado neste arqueossítio. Todos os fragmentos correspondem aos protótipos de taças de bordo convexo da Ágora e Atenas[509], encontrando paralelos abundantes em diferentes arqueossítios do território em análise. Não conservando bases ou áreas de arranque de asas, não permitem um enquadramento cronológico preciso, remetendo-se genericamente para as produções balizadas entre o segundo quartel do século V e à primeira metade do século IV a.n.e. Encontramos a mesma limitação nos exemplares de taças de bordo reto, não sendo possível determinar a sua correspondência à segunda metade do século V a.n.e ou à primeira metade da centúria seguinte. Todos os exemplares possuem bordo de perfil oval, encontrando-se totalmente revestidos de verniz negro.

O pequeno conjunto de fragmentos de taças da Classe Delicada é formado de um fragmento de pé (SAL/123), moldurado e elevado, característico dos exemplares desta forma identificados na Ágora de Atenas[510], datados entre finais do terceiro quartel do século V e o início do primeiro quartel da referida centúria. Além destes, registam-se quatro exemplares de parede (SAL/ 097, SAL/098, SAL/129A e SAL/129B), podendo dois destes corresponder à mesma peça (SAL/129 A e SAL/129 B). Apresentam todos ressaltos na face interna da parede, encontrando-se totalmente revestidos de verniz negro. O exemplar SAL/129 A conserva vestígios da decoração que apresentaria, identificando-se linhas incisas intercessionadas. Encontramos decoração similar no fragmento MAR/112, procedente de Castelo de Castro Marim, reportando-se ambos a produções decorrer da primeira metade do século IV a.n.e. Por último, integramos no grupo das taças de Classe Delicada, o exemplar SAL/107. Apresenta bordo de perfil ligeiramente envasado, afasta-se dos exemplares de taça de bordo convexo e de bordo reto identificados neste local, e aproximando-se formalmente das taças da Classe Delicada. A ausência de outros marcadores tipológicos particulares desta forma (como o ressalto, decoração específica ou o formato do pé) coloca, no entanto, as necessárias reservas à classificação proposta.

Foram igualmente recolhidos na colina do Castelo de Alcácer do Sal um único fragmento correspondendo à base de um saleiro (SAL/119) e, por fim, nove fragmentos correspondendo a um ou dois exemplares de tigela (SAL111 a SAL/112). O exemplar SAL/111 integra quatro fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo à parte superior de uma tigela de bordo esvasado. Apresenta lábio revirado para o exterior do vaso e uma fina banda reservada imediatamente a seguir a este, na face externa da peça. No mesmo setor foram recolhidos cinco fragmentos com colagem entre si, pertencente à parte inferior de uma tigela de bordo reentrante ou esvasado. Apresentam decoração na face interna do fundo e uma banda reservada na ligação da parede ao pé, na superfície externa. O facto de terem sido identificados no mesmo setor e de se tratar dos únicos fragmentos desta forma identificados na colina no Castelo de Alcácer do Sal, permite sugerir que, também os fragmentos de base pertenceriam a uma taça de bordo esvasado, correspondendo juntamente com o exemplar SAL/112, possivelmente de uma única peça.

Na colina do Castelo de Alcácer do Sal foram igualmente recolhidos dois fragmentos de exemplares da forma bolsal (SAL/118, SAL/124). Apenas o primeiro exemplar exibe uma banda reservada na ligação da parede ao pé, na superfície externa da peça, estando o ressalto típico desta forma totalmente revestido de verniz negro no vaso SAL/124. Os exemplares assemelham-se morfologicamente aos bolsais identificados em Castelo de Castro Marim.

509 (Sparkes & Talcott, 1970).

510 (*Ibidem*, p. 98-105).

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/054	H	2513
Figuras vermelhas	Taça	SAL/055	D	2518
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/056	A	2516
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/057	I	2069
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/058	I	2106
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/059	I	2108
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/060	I	2107
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/061	Depósito de Água	-
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/062	Depósito de Água	-
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/063	F	S/N
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/064	G	2084
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/065	G	2511
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/067	B	2099
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/068	I	2074
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/069	F	2096
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/070	F	2097
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/071	B	580.1; 2; 3 (Mais fragmentos em exposição NMC)
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/072	O	2350
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/073	H	2001
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/074	F	2101-2102
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/075	A	2531
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/076	F	2120
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/077	F	2072
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/078	F	2525
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/079	C	2523
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/080	L	2526
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/081	F	2082
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/082	F	2092
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/083	L	2110
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/087	L	2528
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/088	I	2109
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/089	F	2078
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/090	A	2502
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/094	D	2510
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/095	F	2524
Figuras Vermelhas	Taça	SAL/116	D	2509

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Figuras Vermelhas	Kratêr	SAL/091	I	2520
Figuras Vermelhas	Kratêr	SAL/092	C	2076
Figuras Vermelhas	Kratêr	SAL/093	C	2077
Figuras Vermelhas	Kratêr (?)	SAL/110	A	2515

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Taça de bordo convexo	SAL/100	I	2067
Verniz Negro	Taça de bordo convexo	SAL/104	L	2514
Verniz Negro	Taça de bordo convexo	SAL/106	C	585
Verniz Negro	Taça de bordo convexo	SAL/125	C	2088

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Taça da Classe Delicada	SAL/097	I	2095
Verniz Negro	Taça da Classe Delicada	SAL/098	I	2094
Verniz Negro	Taça da Classe Delicada	SAL/107	D	2089
Verniz Negro	Taça da Classe Delicada	SAL/123	Q	2522
Verniz Negro	Taça da Classe Delicada	SAL/129A	B	2100
Verniz Negro	Taça da Classe Delicada	SAL/129B	B	2098

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Taça de bordo reto	SAL/099	D	2122
Verniz Negro	Taça de bordo reto	SAL/101	J	2113
Verniz Negro	Taça de bordo reto	SAL/103	C/J	2519

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Taça de pé baixo	SAL/096	I	2517
Verniz Negro	Taça de pé baixo	SAL/102	D	1999

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Tigela de bordo reentrante ou esvasado	SAL/111	D	2115+2507+2504
Verniz Negro	Tigela de bordo esvasado	SAL/112	D	2503+2121

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Bolsal	SAL/118	Depósito de Água	-
Verniz Negro	Bolsal	SAL/124	O	2512

ESTILO DECORATIVO	FORMA	CÓDIGO DE PEÇA	SETOR	Nº INVENTÁRIO DRCA
Verniz Negro	Saleiro	SAL/119	L	1059

Verniz Negro	Indeterminado	SAL/109	I	2521
Verniz Negro	Indeterminado	SAL/113	D	2506
Verniz Negro	Indeterminado	SAL/121	B	2529
Verniz Negro	Asa/Indeterminado	SAL/126	A	2081
Verniz Negro	Asa/Indeterminado	SAL/128	J	2114
Verniz Negro	Asa/Indeterminado	SAL/130	Disperso	2073
Verniz Negro	Indeterminado	SAL/132	C	2071
Verniz Negro	Asa/Indeterminado	SAL/133	I	2070
Verniz Negra	Indeterminado	SAL/136	F	SN
Verniz Negro	Indeterminado	SAL/137	F	SN
Verniz Negro	Indeterminado	SAL/138	D	2508

2.2.16. Alcáçova de Santarém

Santarém/Santarém/União de Freguesias da cidade de Santarém. CNS: 85.

Os trabalhos arqueológicos conduzidos na área da Alcáçova permitiram identificar, além de uma ampla e intensa ocupação do período romano e medieval deste espaço, a presença efectiva de populações no decorrer da Idade do Ferro[511]. Os vestígios localizam-se num planalto sobranceiro ao rio Tejo[512], assumindo uma posição destacada na paisagem que confere aos seus ocupantes um amplo domínio visual do território envolvente. A sua implantação numa cota elevada, com encostas relativamente recortadas sobre o curso água, dota igualmente este espaço de excelentes condições naturais de defensibilidade[513].

As sondagens e escavações aqui conduzidas ao longo de várias décadas, desde 1979, permitiram identificar um expressivo conjunto de materiais cerâmicos, metálicos e vítreos, composto de milhares de fragmentos atribuíveis à Idade do Ferro. Além destes testemunhos, foram detetados os alicerces de várias estruturas, maioritariamente de natureza doméstica, exibindo plantas quadrangulares e retangulares[514]. As dificuldades inerentes à escavação de uma área urbana, intensamente ocupada ao longo de uma ampla diacronia, colocaram, no entanto, profundas limitações à definição da organização espacial dos espaços edificados no decorrer da ocupação sidérica. Não obstante, foi possível identificar vários embasamentos pétreos e paredes formadas de taipa ou tijolos de adobe, assim como pavimentos de terra batida e estruturas de combustão[515]. Tanto o conjunto artefactual como as técnicas construtivas adotadas revelam uma marcada influência orientalizante, indicadora da presença de navegadores fenícios neste território desde pelo menos o final do século VIII a.n.e. ou os inícios da centúria seguinte[516].

O local regista uma ocupação prévia, concordante com o final da Idade do Bronze[517], verificando-se uma tendência de continuidade entre as produções cerâmicas deste período e dos séculos subsequentes,

511 Os resultados das intervenções conduzidas neste local foram publicados em Arruda, 1984 a/b/c, 1986, 1987, 1993, 1999-2000, 2002; Arruda & Almeida, 1998, 1999; Arruda & Catarino, 1982; Sousa & Arruda, 2018, entre outros.

512 (Arruda, 1999-2000, p. 137).

513 (*Ibidem*, pp. 137-138).

514 (*Ibidem*, pp. 139).

515 (Arruda, 2018, p. 114).

516 (Sousa & Arruda, 2018). Apoiadas em datações de radiocarbono realizadas a carvões recolhidos nos níveis correspondentes à primeira fase de ocupação sidérica registada e na análise das características for- mais e estilísticas dos materiais identificados (Arruda, 1993, p. 198).

517 (Arruda, 1993; 1999-2000; Arruda & Sousa, 2015). Tendo sido identificados níveis conservados deste período (Arruda & Sousa, 2015).

designadamente ao nível dos protótipos formais[518]. Efetivamente, os primeiros contextos sidéricos estratigraficamente sobrepostos a níveis conservados da Idade do Bronze[519] integram um abundante conjunto de cerâmica de produção manual, com prevalência das formas abertas, particularmente de tigelas de paredes côncavas ou retilíneas e de taças carenadas. Esta produção vai estar presentes ao longo de todas as fases de ocupação humana da Idade do Ferro, perdendo, no entanto, o seu estatuto de maioritária aproximadamente a partir dos finais do século VIII a.n.e. Já no decurso do século VI a.n.e. os exemplares de fabrico manual compõem menos de 10% do conjunto cerâmico recenseado, uma diminuição dos testemunhos que é acompanhada de uma tendência de simplificação do perfil das taças carenadas e do surgimento de novas formas do tipo bacia/ alguidar, juntamente com pequenos vasos de bordo vertical[520].

A cerâmica cinzenta, seguindo uma tendência contrária à que se verifica nas produções manuais, regista um evidente aumento da sua representatividade no registo arqueológico à medida que se avança para momentos mais tardios da Idade do Ferro[521]. Tal como as restantes produções cerâmicas identificadas, também esta reproduz formas preferencialmente abertas, destacando-se as tigelas de perfil semi-hemisférico, as taças com carenas pouco pronunciadas e os pratos, estando estas presentes desde os primeiros estratos sidéricos e até aos momentos finais da Idade do Ferro. No decorrer do século VI a.n.e., o reportório de formas de cerâmica cinzenta passa igualmente a incluir pequenos potes de perfil em «S», um fundo de um possível vaso trípode[522] e a forma *pithos*[523].

O conjunto artefactual da alcáçova de Santarém é ainda composto de abundantes exemplares de cerâmica de engobe vermelho. Esta produção está presente desde o primeiro momento de ocupação sidérica[524], maioritariamente representada através de pratos. No decorrer da segunda metade do século VI a.n.e., a forma passa a registar bordos mais aplanados, característicos dos modelos mais tardios, verificando-se igualmente o aparecimento, neste período, de vasos de pequena dimensão de tipo unguentário[525]. Num momento mais avançado, designadamente a partir do século V a.n.e., quando terá ocorrido a importação de cerâmica grega, a cerâmica de engobe vermelho é quase inexistente[526].

No caso particular da cerâmica pintada em bandas, esta produção está igualmente presente em Santarém, identificando-se, entre outros, escassos exemplares que podem corresponder a urnas «tipo Cruz del Negro»[527]. Também os *pithoi* registam abundantes exemplares neste local, estando presentes em todos os estratos sidéricos identificados[528], ainda que sejam relativamente raros nos contextos mais antigos. Os exemplares recolhidos em níveis datados entre os séculos V e III a.n.e. afastam-se, no entanto, dos protótipos morfológicos e decorativos dos clássicos de *pithoi*, apresentando, entre outros aspetos, bandas pintadas com um tom de vermelho mais escuros que os exemplares da primeira metade do I milénio a.n.e.[529].

Associada à primeira fase da ocupação sidérica do povoado, foi identificado igualmente um pequeno conjunto de cerâmica comum de produção a torno que inclui exemplares de produção local/ regional, testemunhado predominantemente através de tigelas de perfil hemisférico e vasos de perfil em «S»[530], assim como um fundo cujas características de fabrico indicam uma origem exógena, tendo sido sugerida a sua possível proveniência na costa de Málaga[531].

Os testemunhos anfóricos**,** ainda que escassamente representados, integram, entre outros, exemplares com correspondência ao tipo 10.1.2.1 de Ramón Torres, com provável origem na costa de Málaga[532], as-

518 (Arruda, 2018, p. 113). Verificando-se, no entanto, uma clara diferenciação no quadro decorativo, com o desaparecimento de motivos e técnicas de influência mesetenha e a introdução de pintura de tonalidade vermelha e branca na superfície dos vasos (Arruda 1999-2000).

519 Identificada na campanha de escavação conduzida em 2001 (Arruda & Sousa, 2015).

520 (Sousa & Arruda, 2018, p. 74).

521 (*Ibidem*, p. 71).

522 (*Ibidem*, p. 72).

523 Esta produção continua a estar presente nos níveis do século III e II a.n.e., ainda que não em tão grande quantidade como nas centúrias anteriores. (Arruda, 1999-2000, p. 196-197).

524 (Arruda, 1999-2000, p. 185).

525 (Sousa & Arruda, 2018, p. 76).

526 (Arruda, 1999-2000, p. 184).

527 (Sousa & Arruda, 2018, p. 63).

528 (Arruda 1999-2000, p. 191-193).

529 (*Ibidem*, p. 194).

530 (Sousa & Arruda, 2018, p. 63).

531 (*Ibidem*, p. 63).

sociados a uma ocupação da primeira metade do século VII a.n.e. Alguns fragmentos poderão igualmente corresponder ao tipo 10.1.1.1 de Ramón Torres, datável do segundo quartel do século VIII e do primeiro terço da centúria seguinte[533]. Além destes, foram detetados exemplares da forma B/C e D de Pellicer, o último associado aos contextos mais tardios da Idade do Ferro e a níveis romano-republicanos de Santarém[534]. Com escassa representatividade no registo arqueológico, registam-se ainda fragmentos do tipo 12.1.1.1 de Ramón Torres, procedentes de níveis de revolvimento.

Também a cerâmica grega está presente neste local, ainda que escassamente representada, considerando a abundância de testemunhos cerâmicos e de outra natureza, associados à ocupação sidérica deste espaço. O pequeno conjunto é composto de dez fragmentos de fabrico ático, nove dos quais de figuras vermelhas. Dois deles foram mencionados em 1997[535] e escassos anos depois, o número de testemunhos desta produção é alargado para cinco fragmentos, todos atribuídos a contextos de deposição secundária[536]. A desassociação dos fragmentos a estratos conservados da Idade do Ferro, resulta da profunda ação destrutiva das construções de época romano-republicana e dos períodos subsequentes, com particular destaque para a construção dos silos subterrâneos medievais, abundantemente presentes em diversas áreas da alcáçova[537]. As perturbações na estratigrafia e nas construções fizeram-se sentir particularmente nos níveis mais tardios, concordantes com a chegada de produtos gregos a Santarém. Não obstante, mate- riais relacionáveis com a II Idade do Ferro foram recuperados em várias áreas da alcáçova[538].

Os dez exemplares de cerâmica de fabrico ático identificados correspondem a três fragmentos de bordo (SAN/001, SAN/002 e SAN/004) e dois de parede de taças de figuras vermelhas (SAN/003 e SAN/005); um fragmento de asa classificado, com reservas, como pertencente a uma taça de figuras vermelhas (SAN/009); três fragmentos de kratêres (SAN/006 a SAN/008), um dos quais pertencendo ao pé de um destes vasos (SAN/006); e, por fim, um fragmento de parede indeterminado, revestido de verniz negro (SAN/010)[539].

Todos os fragmentos apesentam pequena dimensão, não sendo possível determinar o seu pintor. Um dos exemplares de taça, de maiores dimensões, conserva decoração na face externa, composta de vestígios de uma possível voluta (SAN/001), sendo igualmente visível, num segundo fragmento (SAN/002), finas linhas de cor negra que poderão corresponder à representação das pregas de um manto. Não obstante a representação de cenas constituídas por volutas e jovens envoltos em *himátia* ser frequente no reportório do pintor de Viena 116, com amplos testemunhos no território em análise, a morfologia incomum do bordo de uma das taças (SAN/001), quando confrontada com os demais exemplares atribuídos a este Grupo, sugere a sua associação a um artista distinto. Contribui igualmente para esta tese, a identificação de uma banda reservada na parede interna da taça SAN/001, uma característica pouco usual nos exemplares da obra do Grupo do Pintor de Viena 116.

Os fragmentos de kratêres identificados, apresentam todos pequena dimensão, dificultando a sua classificação tipológica e impossibilitando a atribuição do seu pintor. Apenas o fragmento de pé (SAN/006), permite sugerir a classificação desta peça como kratêr-de-sino, considerando a identificação de uma banda reservada, típica dos exemplares desta forma recolhidos na fachada atlântica da Península Ibérica.

Por último, regista-se um exemplar de pequeníssima dimensão, apresentando verniz muito deteriorado que, parece, no entanto, revestir totalmente as faces interna e externa do fragmento. Considerando a ausência, até ao presente momento, de testemunhos áticos de verniz negro, é possível que o exemplar SAN/0010 corresponda a uma fração não decorada de uma peça de figuras vermelhas. Não obstante, segundo o critério adotado no presente estudo, é aqui classificado, com reservas, como forma indeterminada de verniz negro.

Presentes em todos os estratos da ocupação sidérica deste local, registam-se vários fragmentos cerâmicos possivelmente relacionados com atividades metalúrgicas[540]. Fabricados à mão, apresentam pastas

533 (Arruda 1999-2000, p. 206).

534 (Bargão, 2015, p. 751-752).

535 Referindo-se a descoberta de um fragmento correspondente a um kratêr, proveniente de um nível de revolvimento de época muçulmana, e uma taça de figuras vermelhas, esta última identificada num contexto conservado da Idade do Ferro (Arruda, 1997).

536 (Arruda, 1999-2000, p. 212).

537 (*Ibidem*, p. 139).

538 (*Ibidem*).

539 No decorrer do desenvolvimento do presente estudo, apenas foi possível observar oito dos mencionados exemplares, pelo que as considerações produzidas sobre dois dos fragmentos de taças de figuras vermelhas (SAN/004 e SAN/005) resultam exclusivamente da consulta das publicações que os mencionam.

540 (Sousa & Arruda, 2018, p. 64).

grosseiras e superfícies perfuradas[541], refletindo, pela sua abundância, a importância desta atividade no quadro económico das comunidades que ocuparam este território no decorrer da Idade do Ferro, estando, no entanto, por determinar a natureza dos metais trabalhados.

Com uma menor representatividade no conjunto artefactual, regista-se um fragmento de lucerna de possível origem forânea à região. Este exemplar surge associado a um momento inicial de ocupação da Idade do Ferro, registando-se ainda outros dois fragmentos de origem indeterminada que se associam aos contextos sidéricos mais tardios. No respeitante aos objetos de adorno, destacamos a recolha, em níveis datados entre finais do século VII e o seculo V a.C, de três contas de pasta vítrea azul, uma das quais oculadas[542].

A breve síntese dos materiais recolhidos no planalto da alcáçova retrata a ausência de abruptas ruturas na cultura material, desde o início do I milénio a.n.e. até ao período de ocupação romana. A homogeneidade visível nos materiais recolhidos em todos os níveis escavados é particularmente manifesta na subsistência ao longo de mais de cinco séculos, das produções registadas nos primeiros momentos da ocupação sidérica, verificando-se, no entanto, variações nas percentagens com que surgem representadas no registo arqueológico e nas suas características morfológicas, através da complexificação ou simplificação das formas e dos tratamentos de superfície.

A identificação de vestígios materiais e estruturas enquadráveis na Idade do Ferro na maior parte das zonas intervencionadas no planalto, indica que estamos perante um povoado de dimensão considerável, com uma extensão de aproximadamente 4 hectares[543]. Apenas na sondagem aberta na Avenida 5 de outubro não se detetou vestígios concordantes com esta ocupação, tendo sido sugerida a possibilidade, ainda que com reservas, deste espaço corresponder a uma área fora dos limites do povoado[544].

2.2.17. Cabeço do Guião

Santarém/Cartaxo/Cartaxo e Vale da Pinta. CNS: 30564.

Os trabalhos de acompanhamento e subsequente escavação arqueológica, conduzidos no arqueossí- tio de Cabeço Guião, permitiram identificar contextos, estruturas e materiais que atestam uma ocupação humana efetiva deste espaço no decorrer da Idade do Ferro.[545] O sítio onde foram identificados vestígios localiza-se numa pequena elevação, a partir da qual é possível aceder visualmente, e em todas as direções, ao território circundante constituído por terrenos de considerável aptidão agrícola e pelo vale do rio Tejo.

Com uma área total de 400 m², os trabalhos de escavação permitiram documentar dois momentos de ocupação distintos[546], ambos integrados no século IV a.n.e., correspondendo a duas fases construtivas, sequenciais, com abundante material arqueológico identificado.

O espaço construído, presente em ambas as fases, parece definir um conjunto arquitetónico de natureza habitacional. Os compartimentos identificados exibem planta regular formada por muros retilíneos[547]. Isolados ou em articulação, apresentam geralmente, no seu interior, uma lareira tendencialmente central formada de placas de argila assente sobre uma fina camada de fragmentos cerâmicos. Possivelmente articulados com a fase de ocupação sidérica mais antiga identificada, estão dois troços de muro localizados no lado Nordeste da área intervencionada. De pequena dimensão, são, tal como as construções posteriores, formados de pedras calcárias intrincadas[548].

O espólio, numeroso, integra maioritariamente produções cerâmicas, identificando-se igualmente um pequeno conjunto de metais composto, entre outros elementos, de objetos de adorno, um espeto de carne e uma fíbula anular hispânica[549]. A par destes materiais, foram identificados dois exemplares em vidro,

541 (Arruda, 1999-2000, p. 215).
542 (*Ibidem*, p. 216).
543 (Arruda, 1999-2000, p. 219).
544 (*Ibidem*, p. 218).
545 O resultado dos trabalhos arqueológicos conduzidos neste local foi publicado em (Arruda et *alii*. 2017).
546 Correspondendo às U.E.'s [1] e [5]. (*Ibidem*, 2017).
547 (*Ibidem*, p. 321).
548 (*Ibidem*, p. 322-323).

correspondendo a uma conta de colar e um *amphoriskos*[550].

É da U.E. [1] que provém o único fragmento de produção ática identificado neste local, correspondendo ao bordo de um bolsal[551]. As características morfológicas do fragmento, designadamente a curvatura única entre o bordo e a parede, assemelham-se aos exemplares de características análogas identificados na Ágora de Atenas[552], datados do último quartel do século V a.n.e.

Além deste, na referida unidade, recolheram-se 717 fragmentos cerâmicos[553]. Do conjunto, aproximadamente cinco centenas de fragmentos correspondem a exemplares de cerâmica comum de mesa e cozinha, produzida a torno. Incorporam, além das produções locais, abundantes exemplares de registam formas e fabricos semelhantes a produções originárias na atual área urbana de Lisboa, sendo admissível que os fragmentos de Cabeço Guião sejam provenientes deste local. Idêntica origem foi sugerida para 70 fragmentos de ânfora identificados, verificando-se paralelos com abundantes exemplares produzidos no estuário do Tejo, entre o século VII/inícios do IV a.n.e.[554]. Apenas um fragmento de bordo de ânfora cons- titui exceção a esta procedência regional, podendo admitir-se o seu fabrico na área do Guadalquivir[555].

Formariam ainda parte da baixela de mesa e cozinha de Cabeço Guião, 88 fragmentos de cerâmica cinzenta, destacando-se pelo seu predomínio, os exemplares das formas tigelas e potes. Alem destes, registam-se um fragmento de bordo de cerâmica de engobe vermelho, com semelhanças tipológicas em produções afins identificadas no estuário do Tejo[556] e escassos exemplares de cerâmica local produzida manualmente.

A U.E. [5], interpretada como possível testemunho da existência de uma ocupação sidérica mais antiga, apresenta evidentes semelhanças com a unidade [1] no que ao conjunto artefactual recolhido diz respeito[557]. A uniformidade com o momento posterior está, desde logo, presente nos diferentes grupos cerâmicos e produções identificadas, nas proporções com que surgem testemunhados no registo arqueológico, nas tipologias, fabricos e possíveis procedências destes materiais. Mais uma vez, a ligação próxima a Lisboa e ao estuário do Tejo é manifesta[558], quer na cerâmica comum, quer nos exemplares anfóricos. Também as produções de cerâmica cinzenta e engobe vermelho foram detetadas, a primeira confirmando o predomínio das formas de pote e tigela, e a segunda testemunhada, tal como na U.E. [1], através de um único exemplar com provável origem no Estuário do Tejo. Esta unidade distingue-se do estrato ulterior pela inexistência de cerâmica ática, não sendo, no entanto, esta ausência significativa se for considerada a descoberta de um único fragmento grego em toda a área intervencionada.

Todos os artefactos que compõem o conjunto cerâmico mencionado, ao qual se acrescenta, entre outros, os já referidos exemplares vítreos e metálicos, coexistem em contextos do século IV a.n.e.[559], ainda que a produção de alguns deles possa recuar um momento anterior, como ocorre, por exemplo com o bolsal ático. As datações de radiocarbono realizadas a carvões recolhidos numa das lareiras detetada na última fase de ocupação permitiram clarificar e afinar a cronologia proposta, apontando uma ocupação posterior a 358 a.n.e. Atendendo a estes dados, foi proposto o momento concordante com os primeiros anos do século IV a.n.e.[560], como data para o início da ocupação sidérica deste espaço, perdurando a mesma aproximadamente cinquenta anos[561].

A análise das estruturas e materiais identificados sugere que estamos perante um espaço de natureza habitacional, de pequena dimensão. Os restos faunísticos detetados documentam a possível prática de atividades do tipo agropecuárias[562] e a natureza do conjunto artefactual, com particular destaque para a presença de produções extrarregionais, indicia uma relativa capacidade económica dos seus ocupantes.

550 (*Ibidem*, p. 353).

551 Classificação primeiramente sugerida em (*Ibidem*), com a qual concordamos.

552 (Sparkes and Talcott, 1970, 107).

553 (Arruda et *alii*. 2017, p. 324).

554 Ainda que se encontrem exemplares de uma destas produções, em Lisboa, em níveis dos finais do século II (*Ibidem*, p. 325).

555 (*Ibidem*, p. 325).

556 (Sousa, 2014, p. 125-335).

557 (Arruda et *alii*. 2017, p. 335-348).

558 (*Ibidem*, p. 335-348).

559 (*Ibidem*, p. 358-359).

560 (*Ibidem*, p. 359).

561 (*Ibidem*, p. 359).

562 (*Ibidem*, p. 354-358).

2.2.18. Chões de Alpompé

Santarém/Santarém/São Vicente do Paul e Vale Figueira. CNS: 245.

Os vestígios da ocupação antiga de Chões de Alpompé localizam-se numa ampla plataforma planáltica, abrangendo uma extensão de cerca de 20 hectares. Não obstante registar uma altitude de um pouco menos de 100 metros, assume uma posição destacada na paisagem, garantida pelo manifesto recorte do planalto e pela sua localização sobranceira ao rio Alviela. São estas condições de implantação que conferem aos ocupantes do Chões de Alpompé, um amplo domínio visual da paisagem envolvente, situação com óbvias vantagens do ponto de vista da defensibilidade deste espaço. Localiza-se a escassa distância do rio Tejo, distando um pouco mais de cinquenta quilómetros da sua foz.

À data de realização da primeira campanha de escavação, em 2015, eram já conhecidos abundantes materiais procedentes neste local, recolhidos no âmbito de prospeções e escavações clandestinas conduzidas desde pelo menos os inícios de 1950. O primeiro conjunto de artefactos que se reporta a este espaço foi publicado por Amorim Girão e J. Bairrão Oleiro (1953)[563], responsáveis pela identificação da presença humana em época antiga deste local.

Em 1968, G. Zbyszweski, O. Ferreira e C. Santos[564], acrescentam novos dados sobre a ocupação de Chões de Alpompé, integrando-o no âmbito da conquista romana do ocidente peninsular. Foi efetivamente a problemática ligada ao papel deste espaço no quadro da presença militar romana, que ocupou a generalidade das menções feitas no decorrer das décadas seguintes, discutindo-se a possível correspondência deste local com o aglomerado de Móron, referido por Estrabão (*Geographica*. III.3.1), onde Décimo Júnio Bruto terá estacionado o seu exército. Ainda que outros autores tenham sugerido localizações alternativas para o estabelecimento romano[565], a correspondência entre a distância de Chões de Alpompé ao mar e as indicações do geógrafo grego a este respeito, assim como a presença de taludes nos limites do planalto sugerindo a existência de fortificações de natureza desconhecida[566], sustentam a tese de que este local desempenharia um importante papel durante a mais antiga expedição militar romana conhecida para o ocidente peninsular[567]. Esta problemática, assim como o abundante conjunto material identificado neste local, associado à ocupação romana, ultrapassa o âmbito do presente estudo, não sendo, portanto, aqui aprofundado.

Sobre a ocupação pré-romana de Chões de Alpompé, os dados disponíveis são já muito significativos. Além dos materiais recolhidos à superfície no decorrer do século XX[568], indicadores da presença humana efetiva de populações no planalto no decorrer da Idade do Ferro, as campanhas de campo realizadas em 2015 e 2016 permitiram identificar contextos conservados deste período que concorrem para o melhor enquadramento do conjunto artefactual conhecido.

Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se em 2014, com a realização de prospeções no local[569]. A identificação de materialidades associadas à ocupação sidérica deste espaço justificou a realização de sondagens de diagnóstico, iniciadas em 2015, sob a direção científica de Ana Margarida Arruda. Foram reconhecidas sequências estratigráficas bem conservadas, associadas a uma ocupação da Idade do Ferro, nas sondagens 2 e 3[570]. A sua escavação permitiu, além de recolher um significativo conjunto artefactual, identificar diversas estruturas, de possível âmbito doméstico[571], associadas a duas grandes fases de ocupação, a mais antiga, datável entre os séculos VII/ VI a.n.e., e a mais recente, reportando-se aos séculos IV e III a.n.e.

Correlacionável com a ocupação mais antiga, identificaram-se duas estruturas negativas de difícil in-

563 (Girão & Bairrão Oleiro, 1953).

564 (Zbyszweski, Ferreira & Santos, 1968).

565 E.g., a atual cidade de Santarém (Mendes Corrêa, Vasco Mantas) e as imediações de Almorol (Schulten).

566 (Fabião, 2002, p. 149).

567 São vários os estudos que discutem esta possível associação, destacando-se Kalb, F. e Hock, M. (1988). Moron. Conímbriga 27, pp. 189-201 e Ruivo, J. (1999), Moedas do acampamento romano-republicano dos Chões de Alpompé (Santarém), Em R. Centeno, M. García-Bellido e G. Mora (eds.), *Rutas, Ciudades y Maneda en Hispania. Actas del II Encuentro Peninsular de Numismática antigua*, pp. 101-110. Porto (1997), Madrid, CSIC.

568 Destacando-se a publicação um fragmento de cerâmica ática e um pequeno de conjunto de exemplares anfóricos (Zbyszweski, Ferreira & Santos, 1968; Diogo, 1993).

569 (Arruda et *alii*., 2018).

570 (*Ibidem*, p. 206).

571 (*Ibidem*, 2018, p. 206).

terpretação funcional[572], apresentando-se ambas entulhadas com materiais datáveis dos séculos VII/VI a.n.e.[573]. Os responsáveis pela sua escavação sugerem a possibilidade de uma destas estruturas corresponder a uma «fossa de evacuação de detritos domésticos»[574], uma interpretação que não se coaduna com o possível revestimento com blocos de argila presente na segunda estrutura, interpretada como possível fundo de cabana[575].

Os níveis mais antigos estão presentes apenas na sondagem 3[576], sendo datados por um conjunto de materialidade de cariz orientalizante, com claras semelhanças com o espólio identificado na Alcáçova de Santarém[577]. Predominam os exemplares de cerâmica comum, em particular a forma de tigela, caraterizados pelo perfil de formato semi-hemisférico e pelo bordo engrossado na face interna. As exceções compõem-se de peças com vestígios de exposição ao fogo e pastas tendencialmente mais grosseiras. A maioria dos exemplares que compõe o conjunto de cerâmica comum recolhido neste local, regista fabricos similares a produções identificadas na foz do estuário do Tejo, podendo ser provenientes deste espaço. A mesma origem pode ser atribuída ao único exemplar anfórico aqui recolhido, pertencente ao grupo das ân- foras do tipo 1 do estuário do Tejo[578]. Regista-se igualmente a presença de vasos *pithoi*, com revestimentos de engobe ou aguada esbranquiçada com pintura de bandas vermelhas[579]. A cerâmica cinzenta encontra abundantes testemunhos neste local, destacando-se os exemplares de tigela e pequenos potes[580]. Tal como em Cabeço Guião, também aqui os vasos de engobe vermelhos são escassos, testemunhando-se nesta fase através de um único exemplar. Mais uma vez a cerâmica de engobe vermelho, tal como a cerâmica cinzenta e a cerâmica pintada, apresentam características semelhantes a produções análogas detetadas na foz do estuário do Tejo[581]. A exceção a esta tendência regista-se apenas em alguns exemplares de cerâmica comum, de fabrico mais grosseiro, podendo corresponder a produções locais. A cerâmica de fabrico manual está, tal como na Alcáçova de Santarém e Cabeço Guião, pouco representada no registo arqueológico.

Associado a um momento posterior de ocupação, identificaram-se pisos de terra batida, sobre os quais assentavam lareiras de pequena dimensão. De formato tendencialmente circular, são compostas de placas de argila e fragmentos cerâmicos, por vezes assentes sobre pequenos seixos. Associados à lareira mais antiga, recolheram-se abundantes exemplares cerâmicos datáveis de meados do 1º milénio a.n.e.[582]. O conjunto artefactual integra um exemplar anfórico correspondendo ao tipo 2 definido para os conjuntos identificados no estuário do Tejo[583]. A presença abundante de cerâmica comum e cerâmica cinzenta, mantem-se, à semelhança da fase anterior, continuando a predominar as formas de tigela, potes e panelas, esta última concernente apenas à cerâmica comum. Também neste contexto são manifestas as semelhanças no fabrico destes exemplares com peças análogas identificadas na foz do estuário do Tejo, sendo, no entanto, mais abundantes neste momento as produções com possível origem local[584]. Nos níveis cronologicamente mais recentes, mantem-se a esta tendência, tornando-se as produções locais claramente maioritárias quando comparadas com os fabricos com possível origem no estuário do Tejo. A acompanhar esta tendência, verificam-se importantes alterações na sua produção, passando a cerâmica comum local a registar uma maior diversidade for- mal e pastas tendencialmente mais grosseiras. Esta fase de ocupação, datada entre o século IV-III a.n.e.[585], regista igualmente um decréscimo dos testemunhos de cerâmica cinzenta, comprovando uma vez mais a quebra na aquisição de produtos com provável origem na foz do estuário do Tejo e, por extensão, a diminuição da matriz orientalizante tão presente nos estratos mais antigos de Chões de Alpompé.

Esta aparente rutura, assente na diminuição das relações comerciais com a área mais litoral é, no

572 (*Ibidem*, p. 211).

573 (*Ibidem*, p. 211).

574 (*Ibidem*, p. 211).

575 (*Ibidem*, p. 211).

576 (*Ibidem*, p. 212).

577 *Vide* «Alcáçova de Santarém».

578 (Sousa & Pimenta, 2014).

579 Menos frequentemente surgem peças com pintura vermelha e negra formando um padrão reticulado (Arruda *et alii.*, 2018, p. 212).

580 (*Ibidem*, p. 212-213).

581 (*Ibidem*, p. 214).

582 (*Ibidem*, p. 214).

583 Semelhante ao exemplar nº 79 da publicação de (Sousa & Pimenta, 2014).

584 (Arruda *et alii*. 2018, p. 214).

585 (*Ibidem*, p. 214).

entanto, contrariada pelo surgimento no registo arqueológico de dois exemplares de cerâmica grega[586]. Falamos concretamente de dois fragmentos de bordo pertencentes a duas taças de figuras vermelhas, datáveis da primeira metade do século IV a.n.e. Os fragmentos, muito deteriorados, conservam apenas vestígios de decoração na face externa, compostos de motivos indeterminados. Foi sugerida a sua atribuição, com reservas, ao Grupo do Pintor de Viena 116[587]. Entendemos, no entanto, que a pequena dimensão dos motivos conservados não permite a referida associação.

Um terceiro fragmento de cerâmica ática foi recolhido durante prospeções conduzidas no planalto, em 1967, pela equipa dos serviços geológicos[588]. Trata-se de um fragmento de asa, classificado como pertencente a uma taça de fabrico ático. O avançado estado de fragmentação e deterioração do exemplar, não permite, no entanto, confirmar a referida atribuição tipológica, integrando assim, no presente estudo, o grupo de peças de forma indeterminada[589].

2.2.19. Fernão Vaz

Beja/Ourique/Ourique. CNS: 3153.

Os testemunhos de ocupação antiga de Fernão Vaz, identificados em 1970[590], localizam-se num cabeço xistoso sobranceiro ao rio Mira. O local foi alvo de escavações arqueológicas conduzidas ao longo das décadas de 70 e 80 do século XX, que permitiram recolher abundantes materiais associados à ocupação sidérica deste espaço e colocar a descoberto parte de um edificado de planta retangular datado do mesmo período. O referido edifício, com uma única fase de ocupação estratigraficamente registada, integra um pátio, corredor e compartimentos de dimensões variáveis, situando-se os mais pequenos a Oeste da zona de entrada[591]. Na área Norte da construção, os compartimentos distinguem-se dos demais, por registarem uma planta alongada, internamente dividida por pequenos segmentos de muros transversais[592]. Feita com recurso a muros de taipa assente em alicerces pétreos, a estrutura apresentaria uma cobertura formada por elementos vegetais, não se verificando indícios de ser sido sujeita a remodelações no decorrer do seu tempo útil de utilização. Caetano Beirão e Virgílio Hipólito Correia[593], responsáveis pela escavação do local, advogam nos seus estdos iniciais, a utilização deste espaço para fins de armazenamento[594], uma tese que sofre sucessivas revisões[595] que espelham a singularidade deste espaço no contexto da Idade do Ferro regional em que se insere.

O primeiro quartel do século VII a.n.e. tem vindo a ser apontado como data provável para a construção desta estrutura de planta regular[596], uma proposta que não está, no entanto, isenta de objeção. Num

586 Publicados em (Ibidem, p. 216). É igualmente referida a existência de uma asa pertencente possivelmente a uma taça de fabrico ático (Zbyszewski, Ferreira e Santos, 1968, p. 51) não tendo, no entanto, sido possível confirmar a referida classificação.

587 (Arruda & Sousa, 2019).

588 (Zbyszweski, Ferreira & Santos, op. cit., p. 51).

589 Em (Pimenta & Arruda, 2014, p. 389) refere-se a descoberta de um fragmento de taça de figuras vermelhas, à data inédito, recuperado no planalto por João Catarino. Considerando a ausência de demais publicações que mencionem o fragmento e a inexistência de referências ao exemplar no artigo de síntese da ocupação de Chões de Alpompé (Arruda et alii., 2018) optou-se por não o incluir no presente estudo.

590 (Beirão, 1972a, pp. 202-204).

591 (Beirão, 1986, Correia, 1995).

592 (Beirão, op. cit.; Beirão & Correia, 1991).

593 Que colabora nos trabalhos a partir de 1986 (Beirão & Correia, 1991, p. 7).

594 (*Ibidem*). Considerando a identificação de um número significativo de recipientes de armazenamento num dos compartimentos do edifício (Beirão & Correia, 1994). É igualmente sugerida a utilização do espaço para a prática de olaria, testemunhada no registo arqueológico através da identificação de uma grande quantidade de argila depurada (Beirão & Correia, 1994, p. 287), e como lugar central, comparável ao palácio-santuário de Cancho Roano (Beirão & Correia, 1994, p. 4) e santuário ou local de depósito de objetos rituais (Correia, 1999).

595 É igualmente sugerida a utilização do espaço para a prática de olaria, testemunhada no registo arqueológico através da identificação de uma grande quantidade de argila depurada (Beirão & Correia, 1994, p. 287) e como lugar central, comparável ao palácio-santuário de Cancho Roano (Beirão & Correia, 1994, p. 4) e/ou santuário ou local de depósito de objetos rituais (Correia, 1999).

596 (Correia, 1999).

momento posterior, um incêndio profusamente testemunhado no registo arqueológico ditaria o abandono deste espaço[597].

Datações de radiocarbono realizadas em amostras carbonizadas de madeiras e ramagens, recolhidas durante os trabalhos de campo, e que formariam parte da cobertura do edifício, apontam o segundo quartel do século V a.n.e. (477cal. a.C.) como data-limite máx. para a ocorrência do incêndio[598]. O material arqueológico recolhido foi considerado concordante com os limites temporais propostos[599], salvo pontuais exceções, entre as quais, um exemplar de fabrico ático de particular interesse para o presente estudo.

Em 1991, Caetano Beirão menciona a descoberta, neste local, de uma taça grega da variante de bordo convexo, recolhida num dos compartimentos alongados (comp. nº 4) do edifício da Idade do Ferro[600]. A referida divisão, escavada entre 1985-86, integrava um significativo conjunto de materiais dispostos de forma aparentemente organizadas[601], com recipientes cerâmicos de maior dimensão colocados no fundo do compartimento e vasos mais pequenos dispostos junto à sua entrada. Formam parte do conjunto, entre outros materiais, exemplares produzidos regionalmente de cerâmica cinzenta fina polida[602] e a supramencionada taça de fabrico ático. Uns e outros foram recolhidos no nível de incêndio, concorrendo assim para o estabelecimento do momento de abandono do edificado.

Datando a produção de taças áticas deste tipo da segunda metade do século V a.n.e.[603], altura em que são fabricados em Atenas os primeiros exemplares, a sua presença em Fernão Vaz coloca naturais dúvidas quanto à datação proposta pelas análises de radiocarbono, indiciando uma ocupação do local num momento posterior, entre a segunda metade do século V a.n.e. e a primeira metade da centúria seguinte. Esta problemática foi amplamente discutida pelos responsáveis pela escavação do povoado[604], sugerindo os mesmos a possibilidade de estarmos perante uma produção grega mais antiga, uma tese que prontamente suscitou contestação[605]. Em alternativa, é defendida uma ocupação entre meados do século VI a.n.e. e meados da centúria seguinte, sublinhando-se as limitações registadas nas datações de radiocarbono levadas a cabo[606], destacando-se particularmente a falta de acuidade nos dados obtidos em resultado do «efeito de madeira antiga».

Além dos mencionados exemplares cerâmicos, os trabalhos arqueológicos conduzidos permitiram igualmente identificar um significativo conjunto cerâmico de produção manual, a par de um reduzido número de recipientes fabricados a torno[607], do qual fazem parte as cerâmicas cinzentas finas polidas, supramencionadas, assim como os testemunhos de produções exógenas à região, como é o caso de um exemplar revestido de engobe vermelho e um *pithos* de bordo horizontal e asas bífidas[608]. Os objetos metálicos estão igualmente presentes neste local, destacando-se um espeto em bronze epigrafado com caracteres da escrita do Sudoeste, recolhido em 1966 e referenciado pela primeira vez, em 1971, nas II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses[609].

Além do fragmento grego correspondendo a uma taça de bordo convexo, terão sido identificados em Fernão Vaz outros dois possíveis testemunhos da importação de cerâmica ática. Em 1994, Caetano Beirão e Virgílio H. Correia referem a existência de «*mais dois fragmentos de cerâmica engobada a negro, provavelmente ática*», que não permitem, no entanto, a análise formal. Em 1997, Ana Margarida Arruda, na breve síntese que elabora sobre este arqueossítio menciona a descoberta, no decorrer de uma das

597 (Beirão & Correia, 1994, p. 293)

598 Sugerindo assim que o edifício teria uma longevidade de dois séculos (Beirão & Correia, 1991).

599 (Beirão & Correia, 1991).

600 Trata-se do compartimento nº 4, definido pelos responsáveis pela escavação, correspondendo a uma das divisões alongadas localizada mais a sul (Beirão & Correia, 1994, p. 286).

601 (Correia, 1999, p. 26).

602 (Beirão & Correia, 1994, p. 291).

603 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 101).

604 (Beirão & Correia, 1991).

605 (Arruda, 2001). Uma contestação sustentada na improbabilidade de uma construção em taipa com as características verificadas em Fernão Vaz, ter uma durabilidade de 250 anos; na inexistência de mate- riais que permitam cabalmente datar a ocupação do local do século VIII a.n.e.; e na identificação de uma cerâmica ática, produzida em data posterior à cronologia proposta para o abandono do edifício (Arruda, 2001, pp. 221).

606 (Soares & Arruda, 2016, pp. 247),

607 (Beirão & Correia, 1994, p. 288).

608 (Beirão & Correia, 1994, p. 292, Fig. 4, n.º8).

609 (Beirão, 1972a, p. 202-204).

campanhas de prospeção do povoado, de um fragmento ático de forma indeterminada. Mais tarde, a mesma investigadora[610] indica que o referido fragmento, juntamente com o exemplar de bordo convexo, seria proveniente do nível de incêndio, estando, portanto, arqueologicamente contextualizado. Nas descrições e inventários de materiais provenientes de Fernão Vaz, realizadas após 1994, Caetano Beirão e Virgílio Correia (1999, 1999b) apenas referem a existência de um exemplar de taça ática proveniente deste local. Perante a impossibilidade de acesso a este material e considerando as inconsistências na enumeração dos fragmentos gregos identificados, a ausência de desenho das peças, assim como a informação de que se trataria de exemplares que não permitiriam a classificação formal, apenas consideramos no presente estudo, para efeitos de inventário, a identificação de um único testemunho de cerâmica grega proveniente deste arqueossítio. Conservando apenas o bordo e o arranque da parede, não é possível afirmar cabalmente que se trata de uma produção da segunda metade do século V a.n.e., podendo o seu fabrico ocorrer na primeira metade da centúria seguinte.

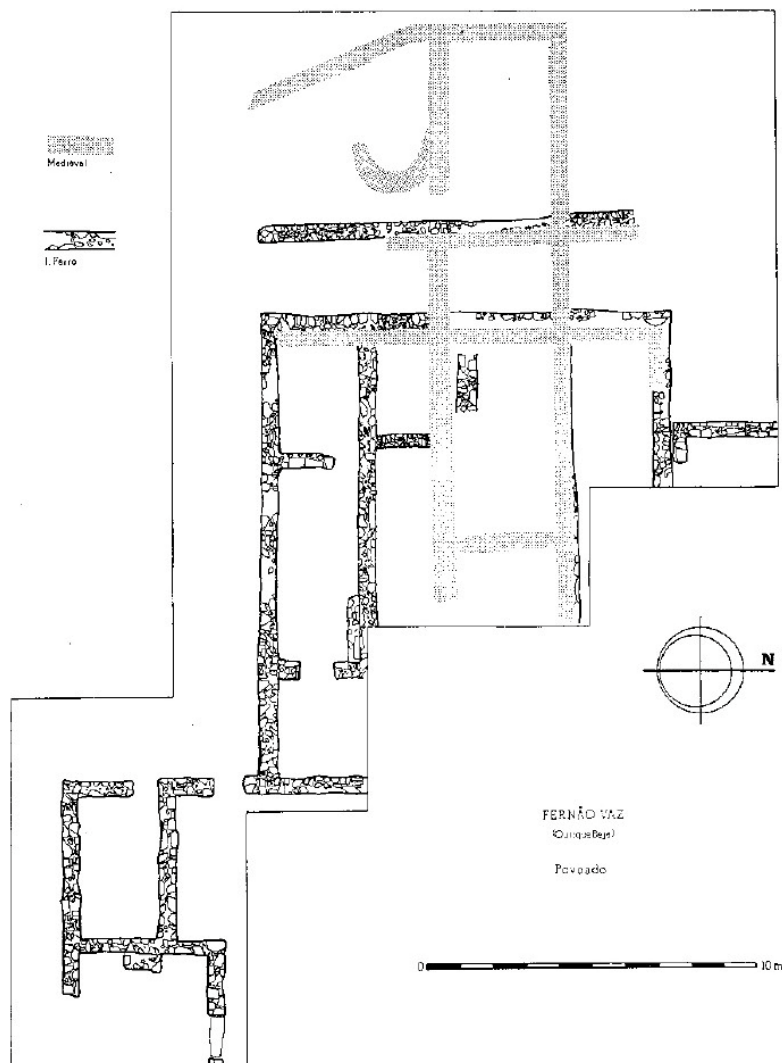



Figura 9. Planta esquemática das estruturas sidéricas de Fernão Vaz (adaptado de Beirão & Correia, 1991).

Por último, referimos as considerações tecidas por Virgílio Hipólito Correia (2007), relativas ao pequeno fragmento de taça recolhido no estrato de destruição do edifício sidérico. Procurando corroborar a cronologia sugerida pelas datações de radiocarbono, o investigador e promotor

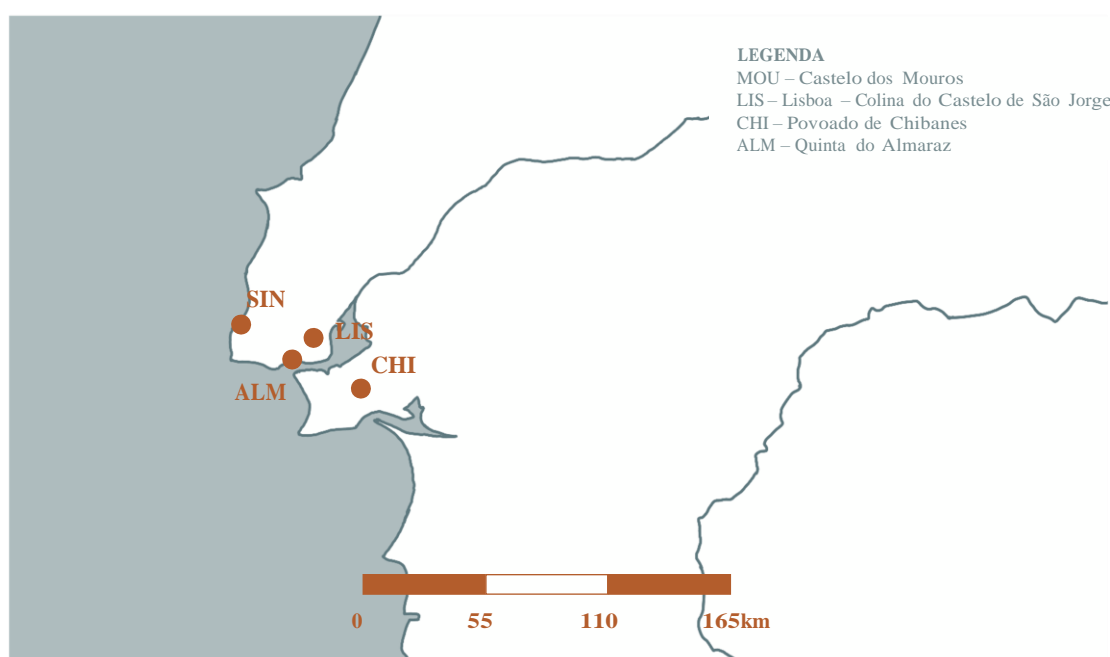
610 (Arruda, 2001).

dos trabalhos de campo conduzidos neste local, sugere a possibilidade do exemplar grego[611] mencionado corresponder a uma taça da «Classe Delicada», centrando-se a sua datação em 480 a.n.e., correspondendo assim aos limites cronológicos definidos por radiocarbono para o abandono deste espaço. Não obstante a pequena dimensão do fragmento, as características do seu perfil, não são concordantes com a classificação tipológica proposta.

Tem vindo a ser sugerida uma manifesta orientalização do povoado de Fernão Vaz, uma tese sustentada no conhecimento e aplicação de um plano construtivo axializado e regular na construção do edifício no segundo quartel do século VII a.n.e.[612]. Ainda que a referida data não reúna consenso, podendo o momento de ocupação sidérica remeter-se ao século VI a. C., a aplicação desse tipo de planificação das construções não é exceção, registando-se paralelos para a disposição e características do edifício de Fernão Vaz, por exemplo, nos armazéns de Toscanos e Abul[613]. Este possível reflexo do estabelecimento de contactos orientalizantes não encontra, no entanto, correspondência com a realidade material, registando-se escassos exemplares com possível origem exógena à região.

A cerca de 100 metros de Fernão Vaz, localiza-se uma necrópole composta de trinta e seis sepulturas datáveis entre os séculos VIII e IV a.n.e. Deste arqueossítio apenas se recuperaram escassos testemunhos materiais, incluindo contas de pasta vítrea oculadas e uma placa de xisto decorada, não se tendo registado produções cerâmicas gregas associadas a estes enterramentos. A ausência de dados seguros para a datação da necrópole não permitiu, no entanto, demonstrar de forma cabal, a possível relação de contemporaneidade entre estes dois locais epónimos. Igualmente nas proximidades, localizam-se os povoados do Cortadouro e de Vaga da Cascalheiras[614], ambos possivelmente relacionados com a exploração mineira da região[615].

2.3. ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA (NUTII-PT17)

Regista-se a presença de cerâmica grega nos arqueossítios de Castelo dos Mouros (Sintra, Lisboa), da Colina do Castelo de São Jorge (Lisboa), da Quinta do Almaraz (Almada, Setúbal) e do povoado de Chibanes (Palmela, Setúbal).

Mapa 6. Mapa de distribuição dos sítios arqueológicos com presença de materiais gregos na área metropolitana de Lisboa.

611 (Correia, 2007, p. 192).

612 (Correia, 1999).

613 (Correia, 1999, p. 27).

614 (Correia, 1993, nº 42 -43).

615 (Beirão, 1986). Considerando a existência de uma jazida mineira, localizada a 300 km do edificado de Fernão Vaz, explorada já no calcolítico e no decorrer da Idade do Ferro (Silva & Soares, 1977)

Os arqueossítios referidos distribuem-se por ambas as margens da desembocadura e estuário do rio Tejo, registando-se a presença de cerâmica grega em dois locais implantados na península de Lisboa e outros dois localizados a Sul do Tejo, na Península de Setúbal. Ocupam a área mais proeminente da linha de costa do atual território português, quebrando o traçado tendencialmente retilíneo da costa portuguesa.

A paisagem que compõe este território sofreu uma intensa transformação em resultado da pressão demográfica e urbanística registada na história antiga e recente da cidade de Lisboa e da sua periferia. Esta transmutação da paisagem, além de dificultar a caracterização deste território no decorrer da Idade do Ferro, criou importante dificuldades à conservação e identificação dos vestígios antigos, particularmente os que estão ligados à ocupação sidérica da região. As intervenções arqueológicas realizadas, quase exclusivamente em meio urbano e com cariz preventivo e de salvaguarda, colocaram assim naturais entraves à criação de uma imagem integrada das estruturas que pontualmente vão sendo descobertas em diferentes pontos deste território.

A fisiografia da região é marcada simultaneamente pela sua localização costeira e pela articulação com as redes hidrográficas do Tejo e do Sado, formadas por amplos estuários e pelas planícies aluviais, assim como por várias ribeiras que conferem a este território uma grande potencialidade para a exploração agrícola e dos recursos fluviais, além dos marinhos. A relação próxima com o rio Tejo, importante via de circulação e de acesso a áreas mais interiores, justifica o estabelecimento de relações próximas com os povoados de Chões de Alpompé, Cabeço Guião e Santarém, arqueologicamente comprovadas pela presença de produções cerâmicas (entre outras) análogas às que encontramos em áreas localizadas na desembocadura do rio.

A costa é caracterizada pela presença de arribas escarpadas, intercaladas com pequenas faixas de areal, parte das quais formada nas desembocaduras dos cursos de água. Formam parte da região a serra de Sintra e a serra da Arrábida, os dois grandes marcos orográficos localizados em ambas as margens do Tejo, um dos quais com registo da presença de cerâmica grega.

2.3.1. Povoado de Chibanes

Setúbal/ Palmela/ Palmela. CNS: 635.

A associação de um fragmento de cerâmica grega ao castro de Chibanes é problematizada, pela primeira vez, em 1997, mencionando Ana Margarida Arruda a existência de um exemplar de produção ática no inventário do Museu Nacional de Arqueologia[616], pertencente à coleção de António Inácio Marques da Costa, promotor dos primeiros trabalhos de escavação conduzidos em Chibanes. A referida associação baseia-se na indicação fornecida por Marques Costa, relativa ao aparecimento, no decorrer das escavações, de cerâmica depurada com pintura brilhante de coloração negra ou vermelha[617], sugerindo A. M. Arruda poder tratar-se do supracitado fragmento ático atribuído à procedência genérica de «Setúbal»[618]. A referida investigadora sublinha igualmente a alusão de Leite Vasconcelos à descoberta de um fragmento de cerâmica grega em Chibanes[619], reforçando assim a associação sugerida. A mesma proposta havia sido indicada, logo em 1962, por Maria Helena da Rocha Pereira[620].

As publicações onde primeiramente são dados a conhecer os resultados das intervenções de Marques Costa[621], assim como o conjunto artefactual recolhido nesse âmbito, foram revisitadas e reinterpretadas por diversos investigadores. Em 1959, procurando associar Chibanes a *Cetóbriga*, F. Bandeira Ferreira problematiza o momento de abandono do arqueossítio, procedendo para tal à revisão dos materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia. Confrontando o texto publicado em 1910 por Marques

616 (Arruda, 1997, p. 88).

617 (Costa, 1910, p. 60).

618 (Arruda, 1997, p. 88). A mesma descrição de Marques da Costa é associada à possível descrição das cerâmicas campanienses estudadas por Manuela Delgado em (Fabião & Guerra, 1996). Mais recentemente foi sugerida a existência de um lapso no inventário do Museu Nacional de Arqueologia, devendo a indicação de proveniência de «Setúbal», corresponder, na realidade a «Algarve» (Luís, 2003, p. 34).

619 (Vasconcelos, 1915, p. 184).

620 «Near Setúbal, at Chibanes, a small fragment was turned up (quoted by Leite de Vasconcelos, História do Museu Etnológico Português (1893-1914), Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, pp. 184 and 188). (Rocha-Pereira, 1962)

621 (1906, 1908, 1910).

Costa, com as materialidades conservadas na referida instituição, coloca dúvidas quanto à proveniência de algumas das peças, classificando produções até então inéditas[622]. Manuela Delgado, em 1971, no decorrer da elaboração de um artigo de síntese sobre a cerâmica campaniense em Portugal, revê uma vez mais o espólio recolhido por Marques Costa, abrangido pela indicação de proveniência genérica de «Setúbal». Formam parte integrante do conjunto analisado pela investigadora, além de exemplares de cerâmica campaniense A e B, um fragmento que classifica como «cerâmica precampaniense», reportando-se a produções áticas. O vaso é identificado como pertencente à forma 21/22 de Lamboglia e atribuído à segunda metade do século IV a.n.e.[623] .

O fragmento corresponde a um fundo de uma tigela de bordo reentrante ou esvasado, revestido de verniz negro. Tal como mencionado, são desconhecidas as condições da sua descoberta ou qualquer associação entre o fragmento e os contextos, materiais e estruturas identificadas em Chibanes. Tratando-se de uma produção da primeira metade do século IV a.n.e., é concordante com a primeira fase de ocupação sidérica identificada para este espaço.

O povoado de Chibanes localiza-se na Serra do Louro, um promontório destacado na paisagem da Península de Setúbal. A sua implantação delimitada a Norte e a Sul por acentuados declives, garantiu-lhe boas condições naturais de defesa, possibilitando, de igual forma, o controlo visual da paisagem envolvente, particularmente da planície aluvial do Tejo e do Vale dos Barris. Os trabalhos arqueológicos realizados deste local identificar finas sequências estratigráficas que compõem três grandes momentos de ocupação. O primeiro, reportando-se ao II milénio a.n.e. integra materiais, estruturas e contextos datáveis do Calcolítico e do Bronze Antigo. O estudo dos níveis estratigráficos identificados no Castro permitiu a Carlos Silva e Joaquina Soares (2012, 2014) definirem quatro horizontes cronológico-culturais associados a esta ocupação, testemunhados através de um abundante conjunto artefactual que, entre outros aspetos, indicia a prática da metalurgia do cobre a partir de meados do III milénio a.n.e.[624].

Após um período de mais de 1500 anos de abandono, a crista de Chibanes volta a ser ocupada entre os séculos IV/ III a.n.e. e a primeira metade do século II a.n.e. Tal como na fase anterior, também no decorrer da ocupação sidérica, se verificou a construção de um sistema amuralhado que complementaria as boas condições naturais de defesa oferecidas pelo terreno. A muralha erigida na encosta virada a Norte, apresentar-se-ia guarnecida de torres subcirculares e registaria uma extensão de cerca de 200 metros[625], seguindo um traçado arciforme semelhante ao da muralha calcolítica. Na área intramuros, verificou-se a construção de várias estruturas de possível natureza habitacional, algumas das quais adossadas à muralha. Apresentam planta retangular ou quadrangular[626], com cobertura composta de elementos vegetais[627] e paredes de alvenaria argamassada e pavimento de terra batida[628]. Associa-se a este momento de ocupação do povoado, um importante conjunto artefactual composto maioritariamente de cerâmica comum local/ regional, verificando-se pontuais influências mediterrâneas, testemunhadas, por exemplo, através da presença de produções anfóricas ibero-púnicas[629].

No período entre a segunda metade do século II a.n.e. e o terceiro quartel da centúria seguinte, verifica-se uma terceira fase de ocupação marcada por pontuais estadias, verificando-se a reutilização de estruturas contruídas em época anterior.

A localização do povoado numa crista da serra do Louro, sobranceira a um vale de grande capacidade agrícola, assim como à Ribeira da Corva e à planície aluvial do Tejo, garantiriam boas condições de habitabilidade a este espaço, que se refletem numa ocupação humana significativa do local, com uma extensão total de 200 metros e 0,7 hectares[630]. Não obstante distar, na atualidade, cerca de 5km da linha de costa, a sua localização na península da Arrábida, próxima do estuário do Sado, garantiria ao povoado um aces-

622 (Silva & Soares, 2012).

623 (Delgado, 1971, p. 405, Est. 1).

624 (Silva & Soares, 2012, p.75).

625 (Silva & Soares, 2014, p. 109). Corrigindo a proposta de 300 metros, apresentada em (*Ibidem*).

626 (*Ibidem*, 2014, p, 109).

627 (Silva & Soares, 2012).

628 (Cardoso, 2004, p. 278).

629 (Silva & Soares, 2012, pp. 80-81).

630 (Silva & Soares, 2014 p. 106).

so facilitado aos circuitos de comercialização de produtos orientalizantes. Considerando a presença de cerâmica ática neste local, é possível que a sua ocupação sidérica recue à primeira metade do século IV a.n.e., afinando assim a proposta de reocupação sidérica tardia deste espaço entre os séculos IV/III a.n.e.[631]. O restante conjunto de materialidades da Idade do Ferro recolhido em Chibanes, ainda que cronologicamente homogéneo e enquadrável entres os séculos III e I a.n.e.[632], regista exceções que indiciam uma ocupação temporalmente mais recuada e com afinidades culturais mediterrâneas e levantinas. É o caso, possivelmente, de uma fíbula de mola em bronze atribuível ao século VII a.n.e.[633]. e de uma tampa de urna de orelhas perfuradas com equivalência a outros exemplares de produção e características análogas, encontrados em contextos de necrópoles, datados entre o século VI e a 2ª metade do século III a.n.e.[634]. Não obstante as inseguranças sentidas na definição do momento de reocupação sidérica deste espaço, parece claro que o conjunto material identificado se afasta da marcada influência grega e púnica presente, por exemplo, em Alcácer do Sal e na área urbana de Setúbal[635].

2.3.2. Lisboa – Colina do Castelo de São Jorge

Lisboa/Lisboa/Santa Maria Maior. CNS: 1950, 1101, 3229, 30148, 16194.

Os inúmeros trabalhos arqueológicos conduzidos na área urbana de Lisboa, no decorrer das últimas décadas, permitiram identificar uma ampla ocupação deste espaço no decorrer da Idade do Ferro, confirmando assim os estudos que desde há muito tempo vinham dando conta da existência de um povoado proto-histórico de importância e dimensão indeterminada.

De entre o amplo espaço intervencionado na cidade, destaca-se, pelo grande interesse dos dados que forneceu, a área da colina do Castelo de São Jorge. Com vestígios da presença humana efetiva ao longo de uma grande diacronia, regista reocupações e construções sucessivas que, não raras vezes, determinam a destruição de estruturas e contextos mais antigos[636]. Não obstante estas limitações, foram identificados níveis pré-romanos, entre outros locais, no Castelo de São Jorge[637]; na área do teatro romano; Largo das Portas do Sol; Termas dos Cássios[638]; BCP/Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros[639] e na Sondagem n.º 31 da Rua dos Correeiros[640]; na Sé Catedral de Lisboa[641]; Rua de São Mamede nº15; Rua de São João da Praça (sondagem 2)[642]; Casa dos Bicos[643], Pátio da Sr.ª de Murça; Travessa do Chafariz d'el Rei e na Rua dos Douradores.

Esta dispersão de testemunhos, sugere que o povoado sidérico implantar-se-ia desde o topo da colina

631 (Silva & Soares, 2012, 2014).

632 Integrando, por exemplo, fíbulas de La Tène II e III e fíbulas anulares hispânicas enquadráveis nas produções do século II-I a.n.e., além de exemplares de cerâmica estampilhada, cerâmica pintada em bandas, um abundante conjunto de cossoiros (Cardoso, 2004, p. 276) e a supramencionada cerâmica campaniense de produção A tardia e B (Delgado, 1971).

633 (Cardoso, 2004, p. 277).

634 (Beirão & Gomes, 1983, fig. 14, nº7; Cardoso, 2004, p. 277).

635 (Silva, 2001, p. 83; Cardoso, 2004, p. 282).

636 Assim, os trabalhos desenvolvidos nesta grande área estão frequentemente sujeitos às limitações importas pela preservação de estruturas recentes e pela subsequente impossibilidade da escavação de níveis mais antigos; pela dificuldade de escavar contextos em área suficiente que permitam a definição de conjuntos arquitetónicos e o entendimento do ordenamento do espaço; e por circunstâncias frequentes de revolvimentos e de recolha de materiais em contexto de deposição secundária.

637 (Gomes *et alii.*, 2003)

638 (Amaro, 1993).

639 (AA.VV., 1995).

640 (Fernandes, 1997).

641 (Amaro, op. cit.).

642 (Pimenta, Calado & Leitão, 2005).

643 (Amaro, 2002).

até zona próxima do Tejo, ocupando preferencialmente as vertentes virada ao curso do rio[644]. A sua posição num morro de cota elevada, garantiria aos seus ocupantes um amplo controlo visual da paisagem envolvente, incluindo de parte do curso e do seu estuário do Tejo. A colina regista igualmente boas condições de defensibilidade[645], um aspeto partilhado pela generalidade dos arqueossítios abordados no âmbito do presente estudo. Ainda que as campanhas arqueológicas conduzidas um pouco por toda a colina apenas forneçam dados parcelares, sugerem, no entanto, a existência de um povoado de grande dimensão, que acompanha os meandros do relevo da encosta, adaptando-se às características do terreno[646].

O abundante conjunto material recolhido nestes locais, tal como as características identificadas nos espaços edificados, atestam uma forte ligação ao Sul da península e ao mundo mediterrâneo, reconhecendo-se claras influências orientalizantes[647]. Esta ligação vai estar presente a longo de toda a ocupação sidérica da colina, registando, no entanto, diferentes intensidades e características. Abordaremos no presente estudo, apenas as intervenções onde foram recolhidos exemplares de cerâmica grega, dando particular destaque aos estratos de proveniência destas produções e às materialidades de origem exógena ou endógena a elas associadas.

A intervenção arqueológica de emergência conduzida na Rua de São João da Praça, na encosta oriental do morro do Castelo permitiu identificar níveis preservados da Idade do Ferro, testemunhando uma ocupação que recua, segundos responsáveis pelos trabalhos de campo, a meados do século III a.n.e. e que se prolonga, de forma aparentemente continuada, até época republicana[648]. Na camada 12, interpretada como o terceiro momento de ocupação deste espaço, foi recolhido um fragmento de cerâmica ática[649], correspondendo a uma taça de figuras vermelhas. O fragmento reporta-se, no entanto, a um contexto de deposição secundária, associando-se, entre outros, a exemplares de cerâmica campaniense. Na referida intervenção não foi possível atingir os níveis de base[650], sendo admissível a existência de contextos mais antigos, data- dos possivelmente da primeira metade do século IV a.n.e., aos quais se associará o exemplar grego identificado. A escavação revelou ainda, sob os estratos do período romano-republicano, a existência de muros retos, com embasamento de pedra ligada com argilas. Entre o espólio identificado consta um exemplar de cerâmica cinzenta cuja forma poderá imitar as taças áticas de bordo convexo de verniz negro[651].

As escavações realizadas na rua dos Correeiros forneceram novos e importantes dados sobre os contextos de aquisição e utilização de produções gregas. Neste local foi identificado um único fragmento de fabrico ático que corresponde apenas a 0,03% do conjunto total de materiais recenseados, atribuíveis aos contextos da Idade do Ferro[652]. O exemplar integra um estrato conservado de cronologia sidérica[653], onde foram igualmente recolhidos 25 exemplares cerâmicos (NMI), correspondendo a produções de cerâmica comum (20 NMI), cerâmica cinzenta (2 NMI)[654] e contentores anfóricos (2 NMI). Compõem o conjunto de exemplares de cerâmica comum, fragmentos de tigelas de perfil simples e hemisférico, alguidares de bordo com perfil prolongado e arredondado e potes e panelas de bordo simples, esvasado ou pendente - grupos1A, 5Ca, 10, 10Aa, 10Ba e 10Da de Elisa Sousa (2004). A cerâmica cinzenta testemunha-se a partir de dois exemplares de tigelas profundas, de perfil simples, tendencialmente hemisférico e troncocónico[655] .

No respeitante aos exemplares anfóricos, registam-se um fragmento de bordo de formato ovalado, cuja forma se encontra representada, neste local, através 34 indivíduos[656]. Ânforas deste tipo estão igualmente -

644 Sendo possível que, no decorrer da Idade do Ferro, os braços do rio submergissem grande parte do sopé da colina (Arruda, 1999-2000, p. 113), formando uma península.

645 (Arruda, 1999-2000, p. 114).

646 (Arruda, 1999-2000, p. 129; Arruda, 2002).

647 (Amaro 1993, Arruda, 2002).

648 (Pimenta, Calado & Leitão, 2005).

649 (*Ibidem*, p. 321).

650 (*Ibidem*, p. 319).

651 (Calado, 2008, fig. 5).

652 Composto de 4239 fragmentos cerâmicos classificáveis (Sousa, 2014, p. 87).

653 Procedente da camada 44 - Compartimento 7 (*Ibidem*, p. 112).

654 (*Ibidem*, p. 198).

655 Correspondendo à seria 1, grupo 1A. (Sousa, 2014, p. 133).

656 O segundo fragmento corresponde a uma ânfora de forma indeterminada (Sousa, 2014, p. 100).

registada, entre outros locais, na escavação da Sé de Lisboa[657] e de Chões de Alpompé[658], onde surgem atribuí- das a um intervalo cronológico entre a segunda metade do século VI a.n.e. e o século IV a.n.e.[659], sendo, em Lisboa, datadas pela presença de um exemplar de produção grega, correspondendo a uma taça de bordo convexo atribuível aos finais do século V a.n.e. / primeira metade da centúria seguinte.

A análise da estratigrafia registada na Rua dos Correeiros permitiu identificar duas fases arquitetónicas e cinco momentos de ocupação da Idade do Ferro, designados de «A» a «E», sendo a fase «A» o momento mais antigo documentado[660]. O fragmento grego associa-se à fase «D», coincidindo com o momento em que ocorre a construção de uma estrutura de combustão, interpretada como possível forno cerâmico, e a edificação de três compartimentos, incluindo o «2» e «6» representado na figura abaixo.

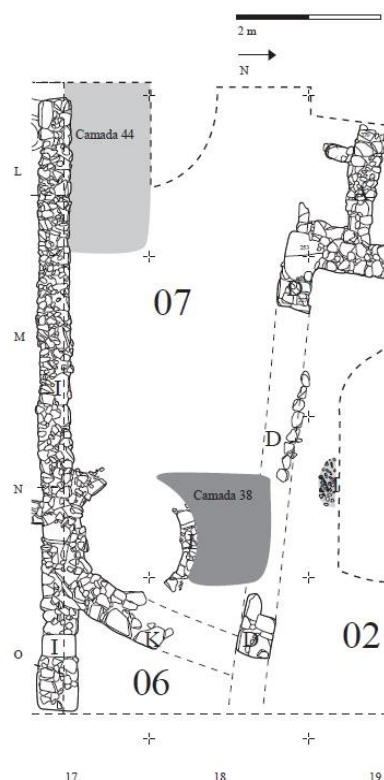



Figura 10. Localização da camada 44, nível de procedência do exemplar grego, no compartimento 07. Adaptado de (Sousa, 2014, fig. 46).

As construções apresentam, em todas as fases, paredes presumivelmente de taipa e um embasamento pétreo composto de pedra de média dimensão unida por sedimento argiloso[661]. As mesmas características são identificadas num dos espaços musealizados da Praça Nova, concordantes com a ocupação sidérica da colina[662]. Alguns dos compartimentos possuem lareira no interior, sugerindo uma possível funcionalidade habitacional[663] que não está, no entanto suficientemente comprovada. Foi igualmente sugerida uma

657 (Arruda, 2000, Est. 26, nº 3).

658 (Diogo, 1993, p. 225, nº 18).

659 (Sousa, 2014, p. 100).

660 (*Ibidem*, p. 81).

661 (Sousa, 2014, p. 85).

662 (*Ibidem*, p. 86).

663 Atribuídos a um intervalo cronológico genérico entre o século VII e III a.n.e. (*Ibidem*, p. 86).

possível função ligada a atividades produtivas, considerando a construção de um forno no momento de utilização da cerâmica ática, ou ainda uma função portuária, valorizando para esta tese a baixa altitude em que se implantam estas construções[664].

Não obstante, ser a intervenção da rua dos Correeiros, a que forneceu um maior volume de dados, possibilitados pela integração das materialidades nos seus contextos de utilização primários, o maior número de exemplares gregos é proveniente dos trabalhos arqueológicos realizados no Castelo de São Jorge, designadamente na Praça Nova do Castelo[665]. Registam-se igualmente testemunhos de produções gregas na Rua das Flores, Rua do Recolhimento e Rua Santa Cruz, igualmente integradas na freguesia do Castelo de São Jorge. A ausência de estudos sobre os materiais e arquiteturas identificadas nestes contextos, impede, no entanto, o estabelecimento de associações entre as cerâmicas gregas aqui recolhidas e as restantes materialidades associadas à ocupação da Idade do Ferro de Lisboa. Sabe-se, no entanto, que terá sido identificado no decorrer das escavações do Castelo de São Jorge, um importante conjunto de cerâmicas de engobe vermelhas e de produções de cerâmica pintada em bandas polícromas, desprovidas de qualquer associação contextual conhecida[666]. Associam-se à ocupação sidérica deste espaço, vinte fragmentos de cerâmica grega, pertencendo 14 a exemplares decorados com figuras vermelhas, 4 a fragmentos de verniz negro e 2 a fragmentos de asas de forma indeterminada.

Figura 11. Distribuição das intervenções no casco histórico de Lisboa onde se identificaram níveis de ocu- pação ou espólio da Idade do Ferro: 1 a 6, Castelo de São Jorge;7, Termas dos Cássios; 8, Rua de São Ma- mede n.º 15; 9, Teatro Romano; 10, Sé Catedral; 11, Casa dos Bicos; 12, Pátio da Sr.ª de Murça; 13, Sond. 2 da Rua de São João da Praça; 14, Travessa do Chafariz d'el Rei; 15, BCP (NARC); 16 Sondagem 31 da Rua dos Correeiros. A seta indica a Rua dos Douradores. Adaptado de (Calado, 2008, Figura 1).

664 (*Ibidem*, p. 86).

665 (AAVV, 2008, p. 46; Sousa, 2014, Arruda & Sousa, 2019)

666 (Arruda, 1999-2000, p. 128).

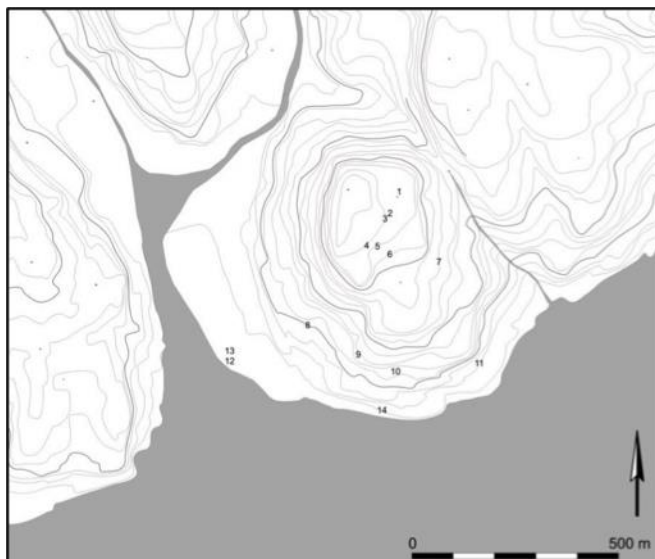



Figura 12. Planta topográfica da cidade de Lisboa com a reconstituição hipotética da linha de costa. Adaptado de (Pimenta, Calado & Leitão, 2005, Fig. 4).

Além destes, há notícias do aparecimento, do decorrer das intervenções arqueológicas conduzidas na Rua de São Mamede ao Caldas (no Núcleo Museológico do Teatro Romano), de um exemplar de cerâmica grega, designadamente um fragmento de skyphos[667]. O referido exemplar, assim como o restante espólio identificado neste local estaria descontextualizado, não se verificando a identificação de construções ou estruturas relacionadas com a ocupação da Idade do Ferro[668]. Não tendo sido, até ao presente momento, publicada nenhuma descrição ou registo gráfico e fotográfico do fragmento, não é assim possível aferir se estamos perante uma produção efetivamente ática, razão pela qual não o incluímos na contabilização de exemplares gregos procedentes de Lisboa.

Não obstante registar uma intensa ocupação da Idade do Ferro e um número considerável de testemunhos materiais de marcado cariz mediterrânico, que comprovam a integração da região nas rotas de comércio mediterrâneas, o conjunto de cerâmicas gregas recolhido na área urbana de Lisboa é composto de um pequeno número de exemplares, integrando apenas 24 fragmentos. Correspondem todos a fabricos áticos, predominando as decorações de figuras vermelhas em relação aos exemplares revestidos de verniz nego. Apresentam-se muito fragmentados, dificultando a sua classificação tipológica, cronológica e a atribuição de pintores. Não obstante, a generalidade do conjunto reporta-se a um intervalo cronológico que abarca os últimos anos do século V a.n.e. e a primeira metade da centúria seguinte. Vinte destes fragmentos são procedentes do Castelo de São Jorge. Com apenas um fragmento identificado, esta produção encontra testemunhos na Rua Augusta (LIS/RA/011), Rua de São João da Praça (LIS/RSJ/022)[669], e na Rua dos Correeiros (LIS/RC/023).

Predominam os exemplares da forma taça de figuras vermelhas (LIS/CSJ/001 a LIS/CSJ/005, LIS/ CSJ/019 e LIS/RSJ/022) não sendo, na generalidade dos casos, possível identificar os motivos decorativos presentes quer na face externa das suas paredes, quer no medalhão central. Este último, surge, de forma recorrente, delimitado por círculos concêntricos reservados e em verniz negro, apresentados de forma al- ternada (LIS/CSJ/002 a LIS/CSJ/005). Identificam-se igualmente linhas reservadas que poderão corresponder à representação de palmetas, presentes nas faces externas das paredes (LIS/CSJ/001, LIS/CSJ/002, LIS/ CSJ/004). Apenas num dos fragmentos (LIS/CSJ/005) foi possível verificar a inclusão de motivos sobrepintados a branco, presentes na superfície interna da taça, correspondendo a ramagens de hera, com a representação de frutos e caules. A pequena dimensão dos motivos preservados coloca profundas limitações à determinação do pintor ou grupo de pintores que decoraram estas peças. Ainda que escassos, os motivos

667 (Calado, 2008, p. 10).

668 (*Ibidem*, nº 1.5)

669 (Pimenta, Calado & Leitão, 2005, p. 321).

decorativos são, no entanto, concordantes com a obra do Grupo do pintor de Viena 116, com abundantes testemunhos no território em análise. A referida atribuição deve ser entendida com profundas reservas, razão pela qual integramos estes fragmentos na categoria de «taças de pintor indeterminado». Apresentam características formais e estilísticas concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e.

O conjunto de exemplares de figuras vermelhas integra igualmente três fragmentos de kratêres, dois deles passíveis de integrarem a forma «kratêr-de-sino», não obstante a pequena dimensão do exemplar LIS/CSJ/009 impor, no entanto, as necessárias reservas à atribuição proposta. O terceiro fragmento corresponde, possivelmente, a parte de uma asa pertencente a um kratêr-de-colunas (LIS/CSJ/008). Na face externa de um dos fragmentos de parede é possível observar parte da decoração figurativa representada, conservando-se parte do tronco e do braço de uma figura humana, segurando um bastão (LIS/CSJ/009). O segundo fragmento (LIS/CSJ/007) apresenta, igualmente na superfície externa, duas personagens afrontadas, a da direita em posição sentada e a da esquerda em pé. Em ambos os exemplares, a decoração integra pintura sobrepintada a branco, ainda que no fragmento LIS/CSJ/007, esta esteja restrita a uma simples linha ondulada representada sobre o panejamento da personagem feminina. Foi sugerida, com reservas, a integração de ambos os fragmentos na obra do Grupo do Pintor de Telos[670]. Consideramos que apenas o exemplar LIS/CSJ/007 reúne elementos distintivos que sustentem a referida atribuição, designadamente, a semelhança estilística verificada na representação da mão da figura da esquerda com reproduções semelhantes da obra do reportório deste grupo de pintores. Integram ambos características formais e estilísticas concordante com primeira metade do século IV a.n.e.

Igualmente procedente do Castelo de São Jorge é um fragmento de skyphos de figuras vermelhas (LIS/CSJ/006). O exemplar exibe decoração na superfície externa composta de vestígios da representação de uma voluta vertical. As suas características morfológicas e estilísticas permitem enquadrá-lo nas produções de forma análoga da primeira metade do século IV a.n.e. tal como se verifica com as taças e kratêres recolhidos neste local. Considerando a dimensão e características da voluta representada, foi sugerida a atribuição desta peça à obra do Grupo do pintor Fat Boy[671], proposta com a qual concordamos.

A forma lekanis encontra-se também aqui representada, através de dois exemplares (LIS/CSJ/012 e LIS/RA/011). O primeiro, correspondendo a um fragmento do bordo de uma tampa, apresenta decoração muito deteriorada, não sendo possível identificar os motivos representados[672]. Os trabalhos arqueológicos conduzidos na Rua Augusta permitiram a identificação do segundo exemplar pertencente a esta forma (LIS/RA/011). Apresenta bordo de perfil vertical seguido de espessamento da parede, destinado ao encaixe da tampa. Preserva ainda uma das protuberâncias laterais, vertical e de perfil tubular, e na superfície externa são ainda visíveis vestígios de decoração em figuras vermelhas, composta de um motivo indeterminado, possivelmente parte de uma palmeta vertical. As características morfológicas e estilísticas permitem enquadrar ambos os fragmentos nas produções de lekanides da primeira metade do século IV a.n.e.

O conjunto integra ainda um fragmento de difícil classificação tipológica, correspondendo seguramente a uma forma fechada, possivelmente uma pelike[673] (LIS/CSJ/010). Possui decoração na superfície externa composta de uma banda de óvalos, separados por pontos, registando-se manifestas semelhanças com os exemplares desta forma recolhidos em Alcácer do Sal, atribuídos ao pintor dos Tirsos Negros e datados de 375-350 a.n.e. Igualmente de difícil classificação são os fragmentos (LIS/CSJ/013 e LIS/CSJ/014), seguramente correspondendo a formas abertas, possivelmente taças. Nenhum dos mencionados exemplares conserva motivos decorativos identificáveis.

O conjunto de fragmentos de verniz negro procedente de Lisboa é bastante mais reduzido quando comparado com os fragmentos decorados com figuras vermelhas recolhidos neste local. Além de dois exemplares de taças de bordo convexo, o primeiro procedente do Castelo de São Jorge[674] (LIS/CSJ/015) e o segundo da Rua dos Correeiros (LIS/RC/023)[675], foi igualmente identifica- do um exemplar da forma bolsal (LIS/CSJ/016). Os primeiros apresentam características morfológicas passíveis de integrar as produções de finais do século V a.n.e. e início da centúria seguinte. No caso particular do bolsal, o exemplar regista uma forma e decoração concordante com as produções

670 (Arruda & Sousa, 2019, p. 189).

671 (*Ibidem*, p. 189).

672 É, contudo, admissível que se tratasse de uma banda de óvalos ou ondas, sendo estes os motivos mais comuns associados ao bordo das tampas de lekanis.

673 Foi igualmente sugerida a sua classificação com fragmento de hýdria.

674 (Arruda & Sousa, 2019, p. 191).

675 (Arruda, 1997; Sousa, 2014). Anteriormente classificado como «Vicup» (Arruda, 1997)

da primeira metade do século IV a.n.e. Além destes, foi recolhido um fragmento de pequena dimensão, exibindo decoração estampilhada composta de um círculo concêntrico e palmetas. Foi proposto[676] o estabelecimento de paralelos entre os motivos aqui representados e a decoração do «taller 3» do naufrágio de El Sec[677], presente em tigelas de bordo reentrante e esvasado, classificação com a qual concordamos. Na superfície externa do fragmento conservam-se caracteres analisado de forma profundada por Ana Margarida Arruda e Elisa de Sousa, com a colaboração de José Angel Zamora. Integraria grafitos executados por diferentes indivíduos, a generalidade correspondendo a marcas realizadas pelos comerciantes da peça, aludindo ao seu valor comercial. O último grafito representado, sobreposto aos restantes, de difícil interpretação, poderá corresponder a uma marca de propriedade, ainda que não integre as características típicas deste tipo de cunhos[678]. O conjunto de grafitos foi descrito da seguinte forma:

> « [...] *The ones in yellow are not grapheme; they seem to intercross one another, in an attempt to reproduce basic geometric figures, and were apparently the last ones to be engraved. Its interpretation is not an easy task, considering they do not fit into what is usually recognized as property marks. [...] The markings in red are thicker and one of them seems to engrave a Punic sign, specifically a Beth [...] The ones indicated in blue are isolated and could be cursive letters, although it is not entirely clear. The ones in green, also isolated, most likely correspond to mercantile marks or signs, and probably indicate a value or number, given their disposition*»
>
> (Arruda & Sousa, 2019, 192).

Por último, o conjunto de cerâmicas gregas procedente de Lisboa integraria, um fragmento de um askos. O exemplar apresenta-se totalmente revestido de verniz negro, podendo, no entanto, corresponder a um exemplar decorado com figuras vermelhas. De pequena dimensão, não permite determinar a que variante pertenceria e, consequentemente, não é possível propor um enquadramento temporal fino para a sua produção. Um intervalo cronológico entre os finais do século V e a primeira metade da centúria seguinte é, no entanto, admissível[679].

2.3.3. Quinta do Almaraz

Setúbal/Almada/Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas. CNS: 6579.

O povoado sidérico da Quinta da Almaraz implanta-se na encosta Sul de um esporão localizado na margem esquerda do rio Tejo, em posição sobranceira ao referido curso de água, próximo do lugar onde este desagua no oceano Atlântico. O local regista boas condições naturais de defesa, garantidas pelas suas arribas e encostas de declive acentuado, articuladas com a sua altitude em cota elevada. Os seus ocupantes beneficiariam igualmente de um amplo domínio sobre o território envolvente, controlando visualmente um vasto espaço, em todas as direções, incluindo a foz e o estuário do Tejo. Ainda que a generalidade dos vestígios de ocupação antiga se localizem na zona mais alta do esporão, na parte baixa de uma das suas encostas, junto ao rio, foram identificadas estruturas compreendidas como possível cais pré-romano, dotado de espaços de armazenamento[680]. Não obstante os escassos dados arqueológicos colocarem reservas à referida interpretação, o local onde se reconheceram vestígios apresenta excelentes condições de ancoragem e de porto natural de abrigo, podendo o povoado estender-se, com ou sem áreas construídas, até este lugar[681].

---

676 (Arruda & Sousa, 2019, p. 192).

677 (Arribas *et alii.*, 1987, pp. 207-209).

678 (Arruda & Sousa, 2019, p. 192).

679 Desde logo, sugerido em (Arruda & Sousa, 2019, p. 191).

680 (Barris & Henriques, 1988, p. 102; Barros, 1998).

681 (Barros & Henriques, 2002b).

A ocupação antiga deste espaço foi reconhecida, pela primeira vez, em 1986, por Luís Barros e José M. Sousa, desenvolvendo-se, a partir de 1988, várias campanhas de trabalhos arqueológicos que revelaram uma longa e intensa presença humana no decorrer do 1º milénio a.n.e.[682]. Efetivamente, o esporão parece ter sido ocupado, de forma aparentemente continuada, desde o calcolítico e ao longo da Idade do Bronze e do Ferro, registando-se de igual forma materiais enquadráveis no período romano-republicano[683]. Apenas os vestígios sidéricos surgem associados a estratos conservados, correspondendo ao momento de ocupação mais intensa deste espaço. Nas imediações do esporão, foram identificados pequenos núcleos de povoamento possivelmente contemporâneos do povoado de Almaraz, levando alguns autores a defender a inclusão de todos estes espaços numa rede de povoamento composta de núcleos habitacionais com possíveis relações entre si[684].

As intervenções arqueológicas realizadas no esporão permitiram identificar abundantes estruturas de cariz habitacional e defensivo. As primeiras, revelam uma clara influência orientalizante, que se traduz numa marcada tendência de ortogonalidade presente nas construções, com muros de traçado retilíneo, construídos com embasamento de pedra calcária e paredes de adobe[685]. No interior dos compartimentos, estariam pavimentos de argila cozida, identificando-se, de igual forma, uma estrutura de combustão formada de placas de barro sobre fragmentos cerâmicos dispostos horizontalmente[686].

Com uma funcionalidade imprecisa, verifica-se igualmente a presença de um fosso que circunda parcialmente o povoado. Apresenta perfil em «U» e «V»[687] e uma dimensão variável ao longo dos troços escavados, oscilando entre os 3,8 a 3 metros de largura e 3,5 a 2 metros de profundidade[688]. São várias as interpretações sugeridas para esta estrutura[689], sendo apenas seguro que terá, a dado momento, servido de zona de depósito de lixos, levando ao seu progressivo preenchimento. A interpretação estratigráfica da sua escavação revela que a colmatação da estrutura terá ocorrido a um ritmo acelerado no decorrer do século VII a.n.e., possivelmente em resultado da expansão do povoado[690]. Estudos mais recentes[691], sugerem, pelo contrário, um enchimento do fosso lento e progressivo, ao longo do século VII a IV a.n.e. Ambas as hipóteses não estão isentas de contradições, sendo manifesta em todas as análises conduzidas, as dificuldades decorrentes da leitura estratigráfica elaborada a partir da escavação desta estrutura. Nas imediações do fosso, foram igualmente detetados possíveis troços de uma muralha da Idade do Ferro, de características pouco usuais no território em análise[692].

A data mais antiga apontada para a ocupação sidérica deste espaço levanta importantes questões cronológicas sobre o momento em que ocorrem as primeiras manifestações orientalizantes na fachada atlântica da Península Ibérica. Para o esclarecimento desta problemática, além da delimitação temporal que resulta da análise do conjunto artefactual recolhido no fosso, devidamente apoiada em datações de radiocarbono, merece particular destaque os dados obtidos para uma fossa de detritos identificada no quadrado U45/3. A análise estratigráfica realizada[693] permitiu definir três momentos distintos associados à construção e utilização desta estrutura. O primeiro, prévio à construção da própria vala, estaria datado entre finais do século IX e os inícios do século VIII a.n.e.[694]. Com base nas referidas análises, Barros e Soares (2004) defendem a presença de influências orientalizantes no povoado de Almaraz a partir da segunda

682 (Olaio, 2018, p. 125).

683 Registando-se a presença de exemplares anfóricos, cerâmica campaniense, terra sigillata itálica e lucernas (Barros, 2001, p. 13; Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993, p. 146; Barros & Henriques, 2002b).

684 Possivelmente na dependência de Almaraz (Arruda, 1999-2000, p. 113; Cardoso, 2004, p. 231).

685 (Barros, 1998, p. 36).

686 (*Ibidem*, p. 36).

687 Por vezes com uma caleira no fundo (Barros & Soares, 2004, p. 399).

688 (Barros & Henriques 2002ª, pp. 296-297).

689 Em (Olaio, 2018, p. 129) é apresentada uma breve síntese das principais hipóteses interpretativas, que incluem escavação do fosso para fins de obtenção de matéria-prima para construção, o desempenho de funções delimitadoras e defensivas e a sua utilização como canal de distribuição e drenagem de água.

690 (Barros, 2001; Barros & Soares, 2004, p. 340).

691 (Olaio, 2015, p. 92).

692 Assentes sobre o substrato rochoso, formados por blocos de pedra de pequena e média dimensão, que compõem muros de pequena espessura. (Cardoso, 1990, p. 120).

693 (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993, pp. 146-151).

694 A fossa cortaria uma estrutura antiga, à qual se atribui a datação proposta (Barros & Soares, 2004, p. 351).

metade do século IX a.n.e.[695]. O referido enquadramento cronológico foi problematizado e contestado por diversos investigadores[696], sublinhando-se as incoerências da análise estratigráfica, as limitações das datações de radiocarbono realizadas e a ausência de materiais que corroborem as cronologias mais antigas sugeridas para Almaraz[697].

Relativamente ao conjunto material identificado, têm sido realizados diversos estudos que procuram dar a conhecer, ainda que de forma isolada, algumas das produções cerâmicas aqui presentes[698]. A par destes, desenvolveram-se análises dos conjuntos artefactuais recolhidos em algumas das estruturas escava- das do povoado[699], estando por realizar a análise conjunta da totalidade dos testemunhos detetados. Mais de metade dos materiais foram recolhidos no fosso, sendo os restantes provenientes da área de habitação, da fossa de detritos e de limpezas de superfície[700].

Destaca-se, pela sua abundância, a cerâmica de engobe vermelho[701], integrando a generalidade dos exemplares recolhidos a categoria de «loiça de mesa», reportando-se a formas abertas, com predomínios dos pratos e taças. As taças registam duas variações principais no respeitante à forma, verificando-se a presença de exemplares com carena pronunciada e paredes bicôncavas e peças com carenas menos acentuadas e paredes convexas. Tanto os exemplares de paredes convexas como os pratos de engobe vermelho registam paralelos em produções análogas identificadas em Huelva[702]. No respeitante aos pra- tos, foram igualmente detetados exemplares de pratos de peixes, datáveis de finais do século VII a.n.e. ou inícios da centúria seguinte[703]. De uma maneira geral, o conjunto apresenta características individualizadoras, dissemelhantes dos restantes arqueossítios orientalizantes da Península Ibérica, registando, no entanto, correspondências com o conjunto identificado no claustro da Sé de Lisboa, podendo ambos provir do mesmo centro produtor[704].

Também nas produções de cerâmica cinzenta[705] verificamos a mesma dinâmica. O conjunto de Almaraz reproduz maioritariamente três formas, incluindo os pratos de bordo esvasado e pé destacado[706], assim como «taças em calote» e taças pequenas de bordo esvasado e corpo hemisférico ou de carena[707]. Tal como ocorre com as produções de engobe vermelho, esta forma de taça é pouco usual nos sítios orientalizantes da Península Ibérica, registando, no entanto, semelhanças com exemplares identificados na escavação da Sé, em Lisboa[708] e com peças procedentes da Alcáçova de Santarém[709]. O conjunto de cerâmica a torno de Almaraz é igualmente composto de alguns fragmentos que integram as produções de cerâmica pintada em bandas policromas e bícromas e cerâmica fosca, esta última testemunhada através de exemplares de panelas[710]

695 (Barros & Soares, 2004, p. 351).

696 (e.g. Arruda, 1999-2000, p. 108-111; Henriques, 2006, pp. 37-40; Sousa, 2014, p. 27).

697 (Arruda, 2005b, pp. 283-285).

698 (Barros & Henriques, 2002a, 2002b; Arruda, 1999-2000, p. 103-105).

699 E.g. Materiais recolhidos na fossa de detritos (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993, Henriques, 2006) e no fosso sul do povoado (Batalha & Barros, 2018).

700 (Olaio, 2018, p. 133).

701 Destacando, pela sua maior representatividade no registo arqueológico, o conjunto recolhido na fossa de detritos (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993, Arruda 1999-2000, pp. 104-108) e do fosso Sul, junto à muralha (Batalha & Barros, 2018, p. 55).

702 (Batalha & Barros, 2018, p. 55).

703 (Batalha & Barros, 2018, p. 55).

704 (*Ibidem*, 2018, p. 57). Os produtos poderão ter sido assim adquiridos em portos comerciais próximos, não representando a presença efetiva de populações fenícias neste local (*Ibidem*, 2018, p. 66).

705 O conjunto é estudado de forma aprofundada em (Henrique, 2006).

706 Semelhantes aos exemplares de engobe vermelho identificados (Batalha & Barros, 2018, p. 61) com paralelos em exemplares recuperados em Abul B (*Ibidem*, 2018, p. 55).

707 (*Ibidem*, 2018, p. 61).

708 Correspondendo à forma 3 de (Arruda Vallejo Sanchez & Freitas, 2000, pp. 36-37).

709 (Batalha & Barros, 2018, p. 61).

710 (*Ibidem*, 2018, p. 54)

semelhantes às recolhidas em Alcácer do Sal[711]. As urnas «Cruz del Negro», igualmente detetada, entre outros locais, em Santa Olaia, Lisboa e Alcácer estão também presentes neste arqueossítio[712].

As produções anfóricas identificadas[713] registam uma presumível origem local/ regional[714] , correspondendo ao fabrico e tipologia de exemplares detetados na Rua dos Correeiros, em Lisboa[715], possivelmente produzidos na área do estuário do Tejo a partir do século VIII a.n.e.[716]. Apenas um pequeno número de vasos deverá ser oriundo de centros de produção instalados em áreas mais longínquas, possivelmente Cádis ou Málaga[717]. Correspondem a exemplares de Pellicer D (4.2.2.5 de Ramón Torres) e à série 10 de Ramón Torres (10.1.1.1 e 10.1.2.1), estes últimos datados entre o segundo quartel do século VIII e meados do século VI a.n.e.

A cerâmica de fabrico manual está igualmente presente no registo arqueológico, ainda que escassamente representada, testemunhando-se maioritariamente através de grandes recipientes de armazenamento, designadamente grandes potes de fabrico e acabamento grosseiros. Integra ainda dois fragmentos decorados com ornatos brunidos, possivelmente provenientes da ocupação do final a Idade do Bronze de Almaraz[718].

Com uma menor representatividade no registo arqueológico, deteta-se a presença de exemplares de cerâmica grega, testemunhada através de três fragmentos. O primeiro, regista características formais e decorativas que correspondem aos modelos adotados simultaneamente para as formas olpe e Oinochoe, não sendo possível, com segurança, especificar a qual destas categorias pertenceria. Apresenta decoração na superfície externa composta de rosetas de distintas dimensões, uma linha tendencialmente circular e um possível motivo floral. As características estilísticas identificadas permitiram sugerir a sua integração na obra do Grupo de Pintores «OAO»[719]. A pequena dimensão do fragmento e o reduzido número dos motivos decorativos conservados coloca, no entanto, as necessárias reservas à atribuição proposta. Não obstante as inseguranças quanto à atribuição do pintor, as características formais e decorativas mencionadas permitem datar a sua produção do primeiro quartel do século VI a.n.e. O exemplar foi recolhido no quadrado K29, na camada mais antiga identificada na fossa (contexto «Alm 11»), juntamente com fragmentos de ânforas dos tipos 1, 2 e 4 do Tejo[720], fragmentos de pratos e taças de cerâmica de engobe vermelho[721], vasos com pintura em bandas vermelhas[722] e fragmentos de cerâmica cinzenta. O conjunto material foi genericamente atribuído a um intervalo cronológico entre o século VI e V a.n.e.[723]. O contexto de achamento foi descrito por Cardoso (2004) da seguinte forma:

> «a *abertura da fossa, nas camadas miocénicas que constituem o substrato local; a sua execução cortou uma camada imediatamente mais antiga (contexto Alm 11)», a qual forneceu diversos fragmentos de cerâmica de verniz vermelho (pratos e taças carenadas), taças de cerâmica cinzenta, em calote e carenadas, uma pinça de bronze e ânforas das formas R.2.1.1.1., 3.1.1.1. e 10.1.2.1.; as datas de radiocarbono obtidas situam esta primeira ocupa- ção da Idade do Ferro nos finais do século IX / inícios do século VIII a.C.*»
>
> (Cardoso, 2004, p. 229, nº 1)

711 (Silva *et alii*., 1980-1981).

712 (Batalha & Barros, 2018, p. 64).

713 (Olaio, 2018)

714 (Arruda, 1999-2000; Pimenta, 2005)

715 Com 276 NMI correspondendo ao tipo 1 do Tejo; 2 NMI do tipo 2 do Tejo; 133 NMI tipo 3 do Tejo; 19 NMI do tipo 4 do Tejo; 5 NMI do tipo 7 do Tejo.

716 (Sousa, 2014; Sousa & Pimenta, 2014).

717 (Olaio, 2018, p. 142).

718 (Batalha & Barros, 2018, p. 54). Além destes, foi identificado um pequeno púcaro de cozedura oxidante, não se registando paralelos para esta peça (*Ibidem*, 2018, p. 55).

719 (Arruda & Sousa, 2019).

720 (Olaio, 2015, p. 79).

721 (Barros & Henriques, 2002a, p. 308-309).

722 (*Ibidem*, 2002a, p. 311).

723 (Olaio, 2015, p. 79-80).

O segundo exemplar identificado corresponde a um pequeno fragmento de fundo, de um arýballos. Na superfície externa exibe decoração delida, composta de motivos em forma de lágrima, que partem da base e irradiam em direção à pança. A curvatura pronunciada da base e a ausência de pé, permitem-nos integrar o fragmento na variante *aryballos* globular[724], datável entre 600-525 a.n.e.[725]. O exemplar é procedente dos quadrados J28/2, tendo sido identificados, no mesmo contexto, fragmentos de ânforas do tipo 1, 2, 4 e 6 do Tejo, atribuídos a um intervalo cronológico entre o século VI a.n.e. e os séculos IV/III a.n.e.[726]. O contexto de proveniência é descrito da seguinte forma:

> «*Primeira fase de enchimento da fossa (contexto Alm 12), igualmente datado pelo radio-carbono dentro dos parâmetros acima referidos* [para o exemplar grego supramencionado]. *Entre os materiais arqueológicos devem destacar-se os pratos de verniz vermelho, com lar- guras do bordo variáveis entre 30 e 55 mm, taças carenadas de engobe vermelho, taças de cerâmica cinzenta, igualmente carenadas ou em calote, e ânforas das formas R.10.1.1.1. e*
> *10.1.2.1.*»
>
> (Cardoso, 2004, p. 229, nº 2)

Além destes exemplares do período Coríntio, foi identificado um fragmento de cerâmica do período Clássico e de fabrico ático[727]. De pequena dimensão, não permite a identificação da forma a que pertenceria, aparentando, no entanto, corresponder a uma peça totalmente revestida de verniz negro. Foi identificado no quadrado U45/3, interpretado como fossa de detritos. É procedente do «plano 6», também designado de «Alm 6», correspondendo ao nível de enchimento mais recente da fossa. Ainda que esta sondagem seja a que reúne um maior volume de informações estratigráficas publicadas, a forma como foi escavada gerou naturais incongruências cronológicas que levaram diferentes investigadores a distintas interpretações, todas elas sujeitas a profundas reservas. Destacamos particularmente, o exercício interpretativo de Susana Henrique (2006) e Barros e Soares (2004), que estabelecendo várias fases de enchimento da fossa, associam o fragmento ático a um nível de meados do século VIII a meados do IV a.n.e.[728]. Surge estratigraficamente relacionado com, entre outros materiais, cerâmica cinzenta tardia - esta última enquadrável entre o século V e a transição para o IV a.n.e.[729]-, e ânforas produzidas no século V a.n.e. ou na centúria seguinte[730].

Por último, mencionamos o aparecimento, neste local, de um escaravelho em faiança[731], datado entre os séculos VII-V a.n.e.[732], estratigraficamente associado a um fragmento de alabastro[733], e de um pequeno conjunto de vidros, integrando dois bordos de pequenos recipientes e alguns exemplares de contas de colar, incluindo contas oculadas e discoides com gomos em vidro azul[734].

Além do extenso conjunto cerâmico, foram igualmente detetados no povoado de Almaraz, particularmente na área do fosso e da fossa de detritos, uma grande quantidade de vestígios metalúrgicos, incluindo fragmentos metálicos, restos de fundição, cadinhos, algaravizes e outros testemunhos da prática da metalurgia[735]. Os vestígios recuperados abrangem vários tipos de produção que vão das ligas de cobre e ferro ao ouro e prata, testemunhadas numa longa diacronia, com início no Bronze Final e que se prolonga por toda

724 (Ure, 1934, p. 16).

725 Foi sugerida a sua datação entre 600-575 a.n.e. (Arruda, 2007, p. 135), uma baliza cronológica que consideramos demasiado fechada, face às características estilísticas e formais do exemplar grego.

726 (Olaio, 2015, p. 78).

727 (Barros & Soares, 2004, p. 339).

728 (Barros & Soares, 2004, p. 341).

729 (Henriques, 2006, p. 82).

730 (Olaio, 2015, p. 88).

731 (Cardoso, 2004, p. 229).

732 (Almeida e Araújo, 2009).

733 (Barros, 1998, p. 40; Cardoso, 2004, p. 237).

734 (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993).

735 (Araújo et alii., 2004; Valério et alii., 2003; Melo et alii., 2005).

a ocupação sidérica e possivelmente além desta[736]. Estes testemunhos, juntamente com a identificação de camadas de cinza, objetos em ouro, escórias abundantes, e vestígios de minério, sugerem a existência de várias oficinas de fundição[737], indiciando a grande importância desta atividade na economia do povoado, podendo a mesma ter constituído fator determinante para a sua integração nos circuitos comerciais do mediterrâneo. Para tal contribuiu igualmente a localização privilegiada do povoado, controlando a foz do rio Tejo e o acesso a áreas interiores e às rotas do atlântico e mediterrâneo. A importância e dimensão do comércio estabelecido por via marítima encontra-se confirmada, desde logo, através da identificação de peças grafitadas com a representação de embarcações[738]. Estes testemunhos, juntamente, com a natureza e características dos espólios recolhidos e das arquiteturas identificadas, testemunham o profundo impacto cultural da chegada de populações e produtos exógenos a este território, particularmente nos momentos iniciais de contacto.

2.3.4. Castelo dos Mouros

Lisboa / Sintra / Sintra (Santa Maria e São Miguel, São Martinho e São Pedro de Penaferrim). CNS: 35.

O cume rochoso onde no decorrer do século IX se erigiu o Castelo dos Mouros, foi alvo de inúmeras campanhas arqueológicas realizadas a partir de 1981, e ao longo de quase toda a década de 90 do século XX[739], verificando-se as últimas entre 2009 e 2013[740]. Os trabalhos de escavação, conduzidos em diversos setores do castelo, permitiram colocar a descoberto distintas realidades arqueológicas e identificar uma ampla diacronia de ocupação deste local.

Os vestígios localizam-se no ponto mais elevado da Serra de Sintra, numa posição destacada na paisagem, possibilitando aos seus ocupantes o controlo visual do território envolvente. As boas condições naturais de defensabilidade deste espaço constituíram a razão principal para a edificação do Castelo, sendo igualmente determinantes para a ocupação deste espaço em momentos anteriores à época medieval. Não obstante o cume e as encostas da serra serem formadas de grandes blocos graníticos, de escassa aptidão para o desenvolvimento de atividades agrícolas, o local apresenta-se significativamente abastecido por diversas linhas de água e fontes naturais[741] que lhe conferem boas condições de habitabilidade.

Além de diversas estruturas relacionadas com a ocupação medieval[742], os trabalhos arqueológicos realizados permitiram detetar importantes vestígios que atestam uma efetiva ocupação humana deste espaço no decorrer da Idade do Bronze[743]. Á semelhança dos restantes povoados fortificados identificados na região do Ribatejo e da Estremadura portuguesa[744], também na serra de Sintra, se regista a instalação de comunidades em cotas elevadas do território. O local terá sido abandonado ainda no decorrer do Bronze Final[745].

Ainda que não tenham sido identificadas estruturas concordantes com uma ocupação sidérica deste espaço no decorrer dos trabalhos arqueológicos foram detetados, em contextos de revolvimento e de recolha superficial, escassas materialidades atribuíveis à Idade do Ferro[746]. O pequeno conjunto integra um vaso

736 (Melo *et alii.*, 2005).

737 (*Ibidem*, 2005, p. 698).

738 Além do exemplar que se conhece para a bacia do Tejo, encontramos em Almaraz a representação de um barco de navegação fluvial e outro de navegação oceânica (Batalha & Barros, 2018, p. 65).

739 Designadamente em 1981, 1993-1995, 1998-2000.

740 (Sousa 2014-2015, pp. 1113-121).

741 (Coelho, 2000, pp. 207-225).

742 (Sousa, 2015, p. 119).

743 (Cardoso, 1997-1998; Sousa. s/d, pp. 169-187).

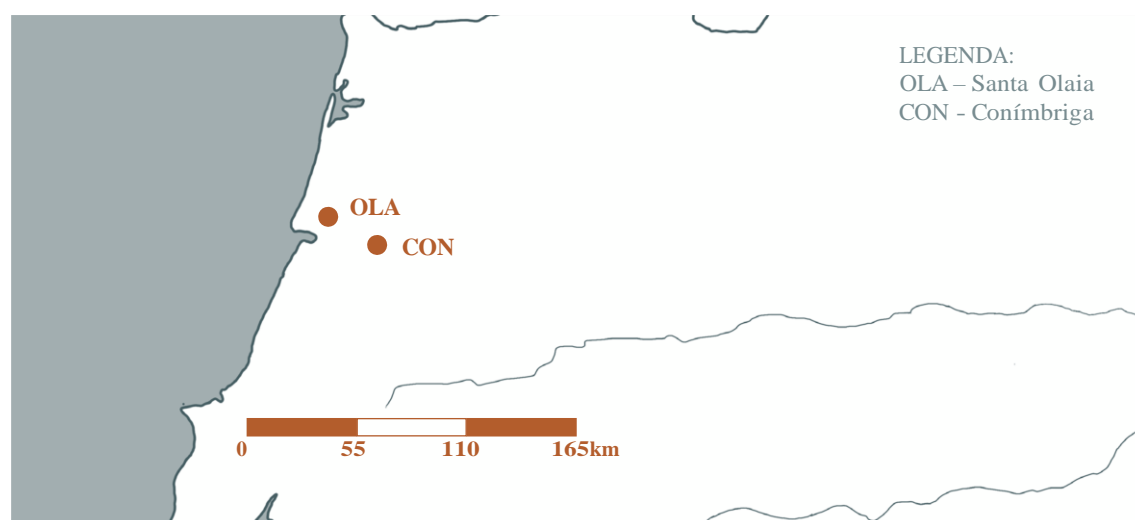
744 (Arruda *et alii.*, 2017, p. 80).

745 (Cardoso & Sousa, 2014, p. 361-374).

746 Parte das quais em depósito no Museu de Odrinhas (Sousa, 2014, p. 42).

em pasta vítrea[747] e um fragmento de ânfora passível de integrar o tipo 3[748], definido para as produções anfóricas do estuário do Tejo. Corresponde a um bordo esvasado, de perfil oval-triangular. Os abundantes exemplares de forma análoga, recolhidos na Rua dos Correeiros, em Lisboa, permitem enquadrar a sua produção do testemunho de Castelo dos Mouros, entre o século V a.n.e. e os inícios da centúria seguinte[749]. Da mesma cronologia será possivelmente um exemplar de produção ática recolhido em contexto secundário, designadamente, da vala de um muro de uma casa islâmica[750], associado, entre outras materialidades, a cerâmicas medievais e modernas. Trata-se de um fragmento de parede de forma indeterminada, revestido de verniz negro (SIN/001). A sua pequeníssima dimensão não permite determinar a tipologia a que pertenceria ou sugerir uma cronologia precisa para a sua produção.

2.4. CENTRO (NUTII-PT16)

Até ao presente momento, regista-se a presença de cerâmica grega exclusivamente nos arqueossítios de Conímbriga (Condeixa-a-Nova, Coimbra) e Santa Olaia (Figueira da Foz, Coimbra).

Mapa 7. Mapa de distribuição dos sítios arqueológicos com presença de materiais gregos na região Centro.

O Centro encontra-se delimitado a norte e Sul pelas regiões (NUT) do Norte, Alentejo e Área Metropolitana de Lisboa. A Este e Oeste é circunscrito pela Extremadura espanhola e pelo oceano Atlântico, respetivamente. Integra territórios com distintas características, destacando-se a disparidade entre o litoral, de baixa altitude, comportando lagunas e barreiras arenosas, e o interior marcado pela presença da cordilheira de Montejunto-Estrela, uma barreira natural à passagem de pessoas e influência atlânticas – particularmente do ponto de vista climático.

A região é atravessada pelo rio Mondego e a sua respetiva rede hidrográfica, composta de várias ribeiras e lagoas. A faixa costeira é tendencialmente retilínea, com exceção do proeminente cabo Mondego, igualmente designado de Cabo ou Serra da Boa Viagem.

747 (Cardoso, 2004, p. 263).

748 (Sousa & Pimenta, 2014, p. 253, fig. 2).

749 Ainda que um exemplar recolhido na Sé de Lisboa possa indicar uma cronologia anterior, da segunda metade do século VI a.n.e. (Sousa & Pimenta, 2014, p. 252).

750 (Sousa, 2014, p. 42). Segundo informações fornecidas por Catarina Coelho, responsável pelos trabalhos de campo realizados neste local.

O povoado de Santa Olaia localiza-se atualmente a cerca de 15 km da foz do rio Mondego, na margem direita do referido curso fluvial, sendo possível, que na antiguidade, a colina onde se localizam os vestígios de ocupação sidérica formasse uma pequena ilhota do Mondego[751].

Estudos conduzidos, baseados nos levantamentos topográficos e nos trabalhos de Santos Rocha, permitem supor a existência de uma área de necrópole no Monte Ferrestelo[752], situado nas imediações de Santa Olaia, assim como de um antigo porto ou ancoradouro, de pequena dimensão, implantado na depressão que fica entre este Monte e o povoado de Santa Olaia[753]. Refere o autor a existência de uma grande depressão, no meio da qual existe um fosso com 2 metros de profundidade, «sempre com água, que isola inteiramente o outeiro»[754]. Menciona igualmente a inundação periódica dos campos na envolvência da colina de Santa Olaia, constituindo a área parte do estuário do Mondego, tornando a elevação «um verdadeiro ilhéu, banhado regularmente de todos os lados pelas águas do mar»[755]. Santos Rocha vai mais além, conjeturando sobre a possibilidade de o fosso ser resultado da ação humana, com o intuito de isolar a ilhota para fins defensivos. Podendo tratar-se de um ancoradouro ou porto, o lugar reúne condições ideias de atracagem, encontrando-se protegido dos ventos de Norte. Atualmente a elevação apresenta-se rodeada por terrenos destinados a arrozais. Jorge de Alarcão refere, a propósito da ocupação do local na lata Idade Média, a utilização do nome «angliata», derivado de «anguluata», termo que designa um local providos de muitos ancoradouros[756], reforçando, uma vez mais, a possibilidade de estarmos perante um pequeno porto.

Localizando-se no eixo de passagem terrestre natural entre os atuais municípios de Figueira da Foz e Coimbra, o povoado de Santa Olaia teve uma profunda afetação resultante das sistemáticas obras públicas realizadas com vista à construção e reformulação de vários eixos viários. A destruição de estruturas e o parcial desmantelamento da colina inicia-se antes mesmo da intervenção de Santos Rocha e prossegue com as obras de alargamento da atual EN111 e com a construção do IP3. As referidas intervenções resultaram na destruição de diversos segmentos de muros, de pavimentos, fornos, da parcial destruição da muralha e no aterro de uma das zonas mais favorável à possível implantação do referido porto.

Localizado mais para o inferior, na margem Sul do rio Mondego, implanta-se o povoado de Conímbriga. Não obstante na atualidade distar cerca de 30 quilómetros da foz do curso fluvial e cerca de 10 do troço mais próximo do Mondego, encontra-se perfeitamente articulado com a ribeira de Mouros, dominando visualmente parte do seu troço. Localiza-se a uma vintena de quilómetros de Santa Olaia, não estando claro, até à presente data, de que forma se relacionariam estes dois espaços no decorrer da Idade do Ferro.

2.4.1. Conímbriga

Coimbra/Condeixa-a-Nova/Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova. CNS:251.

Sobranceiro à ribeira de Mouros, o povoado implantar-se-ia num extenso planalto localizado a mais de 100 metros de altitude, estando parcialmente delimitado por declives de fortes pendentes, suavizadas apenas no lado oriental. A partir do flanco sudeste, os seus ocupantes beneficiariam do controlo visual do estuário do Mondego.

Escavações conduzidas na década de 60 e 80 do século XX[757], comprovaram definitivamente a presença efetiva de populações neste local no decorrer da Idade do Ferro, colocando a descoberto estruturas

751 (Rocha, 1971, p. 21; Pereira, 2012, p. 123).

752 (Rocha, 1905-1908, p. 92).

753 (Pereira, 2009, p. 64).

754 (Rocha, op. cit., p. 19).

755 (*Ibidem*, p. 21). Santos Rocha vai mais além, conjeturando sobre a possibilidade de o fosso ser resultado da ação humana, com o intuito de isolar a ilhota para fins defensivos.

756 (Alarcão, 2004, p. 14).

757 Uma ocupação já identificada nas sondagens levadas a cabo em 1912, conduzidas por Vergílio Correia e nos trabalhos arqueológicos subsequentes, ainda que os materiais pontualmente recolhidos, atribuídos à ocupação pré-romana, não tenham sido, à época, alvo de qualquer estudo tipológico ou divulgação científica.

de natureza habitacional, além de um abundante conjunto artefactual[758], composto maioritariamente por exemplares cerâmicos. Os estratos sidéricos foram detetados em áreas muito localizadas do planalto, nas quais se inclui o «bico de muralha»[759], sendo os materiais provenientes de escavações em profundidade, não obedecendo, no entanto, a um enquadramento estratigráfico. Além da intervenção destes contextos, foram recolhidos materiais atribuíveis a uma ocupação antiga em entulhamentos do período romano, designadamente na área da esplanada do fórum Flaviano e da palestra das termas de Trajano[760].

No extremo Oeste do planalto foram detetados vestígios que indicam que os estratos sidéricos são antecedidos de outros, associados a materialidades do Bronze Final e possivelmente do Calcolítico[761], comprovando assim que este planalto foi ocupado ao longo de uma ampla diacronia, com início pelo menos em meados do III milénio a.n.e., registando em época romana a sua maior extensão. Em torno de 700-675 a.n.e. terá ocorrido o estabelecimento de contactos comerciais regulares com os fenícios do ocidente[762], verificando-se, a partir deste momento, profundas alterações na cultura material das comunidades que habitavam este espaço.

No respeitante às estruturas de habitação associadas à ocupação da Idade do Ferro, reconhecem-se dois modelos distintos de construção, não sendo, no entanto possível estabelecer uma relação cronológica entre ambos[763]. Junto ao fórum, documentou-se a presença de fossas de configuração ovoide, escavadas na rocha, algumas das quais com uma dimensão considerável[764]. Estas estruturas negativas, interpretadas como fundos de cabanas[765], terão permitido assim a fixação de elementos em madeira que formavam a armação das habitações. Uma interpretação alternativa sugere a utilização destas fossas como lixeiras associadas a habitações, estas últimas possivelmente de planta retangular[766]. No seu interior foram recolhidos exemplares cerâmicos com características formais e estilísticas concordantes com um momento avançado da Idade do Ferro[767], uma proposta de datação devidamente corroborada por datação de radiocarbono que indicam uma ocupação da segunda metade do I milénio a.n.e.[768].

Numa área distinta do planalto, em diferentes locais, foram escavadas estruturas de planta retangular, com alicerces pétreos e paredes de adobes[769], revelando uma evidente influência mediterrânea. Desconhece-se de que forma estas construções se articulariam com os espaços habitacionais identificados nos níveis antigos da área do templo Flaviano. A análise do reportório formal dos materiais recolhidos no interior das estruturas em materiais perecíveis, sugerem, no entanto, que estas últimas seriam utilizadas num momento ligeiramente posterior às habitações pétreas[770]. Poder-se-á tratar de um fenómeno de conciliação das tradições construtivas herdadas da Idade do Bronze, remanescente no costume construtivo regional, destacando-se a este propósito a semelhança com os protótipos arquitetónicos registados em áreas localizadas mais a Norte, onde a influência mediterrânea que se faz sentir desde momentos precoces da Idade do Ferro.

Esta conciliação entre costumes locais/ regionais e influências exógenas, de matriz orientalizante, é também manifesta na análise do conjunto artefactual identificado. Não obstante a ausência de sequências estratigráficas que nos permitam esboçar uma ordenação cronológica dos materiais, a sua análise fornece-nos importantes informações sobre as preferências e hábitos destas comunidades.

758 (Alarcão & Étienne, 1974-1979).

759 Designação comumente utilizada para a zona triangular, não arborizada, localizada no extremo Oeste do planalto, junto à muralha baixo-imperial (Correia, 1993 p. 231).

760 (*Ibidem*, p. 230-231).

761 (Arruda, 1999-2000, p. 246).

762 (Correia, 1993, p. 278).

763 (Arruda, 1999-2000, p. 247).

764 (Arruda, 1997b).

765 (Arruda, 1988-1989, 1997a).

766 (Correia, 1993, pp. 271-283).

767 (Arruda, 1999-2000, p. 247).

768 (Arruda 1997, p.22). Data ICEN 422, cal. 2σ 400-123 a.n.e.

769 (Alarcão & Étienne, 1977).

770 Ressalvando-se as limitações do estabelecimento de paralelos formais para o estabelecimento de cronologias finas e a possibilidade de os materiais identificados em associação às estruturas negativas não integrarem os seus contextos deposicionais primários, podendo estes espaços terem sido posteriormente reocupados (Arruda, 1999-2000, p. 247).

A cerâmica de fabrico manual continua a estar presente do reportório de formas da Idade do Ferro, verificando-se semelhanças nas pastas e tratamentos de superfícies com as produções da Idade do Bronze[771], distinguindo-se uma e outra, unicamente através das opções decorativas empregues, nem sempre presentes nos fragmentos identificados[772]. Não obstante a introdução do torno, as cerâmicas produzidas desta forma, localmente, revelam fabricos pouco cuidados e formas inspiradas quer nas cerâmicas de ornatos brunidos, quer nas cerâmicas cinzentas[773]. No caso particular destas últimas, verificam-se manifes- tas semelhanças morfológicas com exemplares recolhidos no povoado de Santa Olaia, Alcácer do Sal e Santarém[774], estando já comprovado, através de análises químicas, que seriam produzidas fazendo uso de matérias-primas, designadamente depósitos argilosos, localizados nas imediações do povoado, na bacia de Lousã[775]. Exceção feita a alguns fragmentos cujo fabrico sugere uma possível procedência exógena à região, podendo corresponder a importações com origem no Sul da Península Ibérica ou a oleiros regionais que registam uma grande expansão dos seus produtos[776]. Virgílio Hipólito Correia interpreta--as como pertencentes ao fabrico possivelmente mais antigo de cerâmicas cinzentas de Conímbriga[777]e Ana Margarida Arruda sugere a sua integração em contextos datados a partir do século VII a.n.e.[778].

Integram igualmente o conjunto artefactual da ocupação sidérica de Conímbriga abundantes exemplares de cerâmica de engobe vermelho, maioritariamente expressa através de pratos e taças carenadas[779], e fragmentos de cerâmica pintada em bandas polícromas, incluindo exemplares de *pithoi*[780]. Desconhece-se a cronologia de aquisição e utilização destes materiais, podendo, no entanto, serem genericamente atribuídos a um intervalo cronológico entre os finais do século VIII/primeira metade do século VII a.n.e. e o primeiro quartel do século VI a.n.e.[781], considerando a presença abundante das formas aqui atestadas nos demais arqueossítios referidos no presente estudo. As ânforas, escassamente representadas no registo arqueológico, estão aqui testemunhadas através de exemplares do tipo 10.1.2.1 de Ramón Torres (1995), classificados com reservas, datados do segundo quartel do século VII/ meados do século VI a.n.e.

Adicionalmente ao abundante conjunto cerâmico, associam-se à ocupação pré-romana de Conímbriga, um significativo número de fíbulas, registando-se, uma vez mais, manifestas semelhanças com os exemplares identificados em Santa Olaia[782]. Além destes, destaca-se, pelo seu cariz singular, um fragmento de pente de marfim, de matriz orientalizante, ainda que a sua origem não esteja inteiramente determinada[783]. Possui decoração composta da representação de uma corça e uma flor de lótus, sem paralelos na Península Ibérica, tendo sido su gerida a sua correspondência com o tipo «C» da tipologia de Blanco Frejeiro (1960), datada entre 600 e 450 a.n.e.[784].

Após os finais do séc. VI a.n.e., parece ter-se verificado profundas alterações na cultura material, particularmente na produção cerâmica, que desenvolve, a partir deste momento, características próprias[785] que se distanciam das influências orientalizantes. Esta tendência encontra igualmente expressão numa intervenção arqueológica realizada em 2006, na Rua Fernandes Tomás, em Coimbra, onde se identificaram estratos preservados da II Idade do Ferro[786]. Os trabalhos aqui conduzidos permiti-

771 Com paralelos em estações da Idade do Bronze do Norte do país (Correia, 1993, p. 232).

772 (Correia, 1993).

773 Sendo impossível o estabelecimento de qualquer atribuição cronológica a estas peças. (Correia, 1993, p. 247).

774 Correia, 1993, pp. 238, 240).

775 (Alarcão & Correia, 1994, p. 101).

776 (Correia, 1993, p. 230).

777 (*Ibidem*, pp. 241-245).

778 (Arruda, 1999-2000, p. 248).

779 (Alarcão et alii. 1976).

780 (*Ibidem*, 1976).

781 (*Ibidem*, 1976; Arruda, 1999-2000).

782 (Arruda, 1999-2000, p. 249).

783 (Alarcão *et alii*. 1979, p. 148, nº 244; Gomes, 1990, p. 77; Correia, 1990, p. 183; 1993b, p. 257-260, fig. 17-18)

784 (Correia, 1993, p. 260).

785 (*Ibidem*, p. 245).

786 (Almeida *et alii*., 2011).

ram reconhecer um conjunto material monopolizado pelas produções cerâmicas indígenas, composto maioritariamente de contentores de armazenamento e cozinha, conjugando fabricos e formas locais com pontuais traços de inspiração orientalizante[787].

O período de aparente contração dos contactos com o horizonte mediterrâneos e as comunidades do Sul da Península, verificado na atual área urbana de Coimbra e possivelmente em Conímbriga no decorrer do século V e IV a.n.e., não significou, no entanto, o cessar integral de relações comerciais, continuando a registar-se pontuais aquisições de materialidades exógenas, incluindo produções cerâmicas gregas. Até à presente data, apenas se identificou um exemplar de cerâmica grega proveniente de Conímbriga. Trata-se de um fragmento de produção ática de um prato de figuras vermelhas, datado da primeira metade do século IV[788]. De pequena dimensão, não permite identificação dos motivos decorativos conservados e, por extensão, a identificação do seu pintor.

Não obstante as necessárias reservas que decorrem dos escassos dados disponíveis, tem sido relacionado o aparente fechar das relações com os circuitos de comercialização de produtos orientalizantes com a intensificação dos contatos estabelecidos com a Meseta e a região do Levante Ibérico[789], não estando totalmente claro qual destas tendências estaria na base da outra. A reintegração no mercado de produtos com origem no mediterrâneo parece ocorrer, com moderada intensidade, apenas no século III a.n.e., com a chegada de alguns exemplares de ânforas neopúnicas e de cerâmica campaniense[790].

Considerando a ausência de sequências estratigráficas, colocam-se profundas limitações ao estabelecimento de possíveis correspondências entre o exemplar grego e as demais materialidades associadas à ocupação sidérica de Conímbriga. Efetivamente, a conservação das estruturas de época romana impossibilitou a escavação de uma sequência estratigráfica vertical que integre todas as fases de ocupação pré e proto-históricas, dificultando, em consequência, o estabelecimento de correspondências entre materiais, estruturas e períodos cronológicos. Para tal contribuiu igualmente o impacto destrutivo da construção romana que, de forma recorrente se alojou sobre o substrato de base, limpo de estruturas anteriores[791]. Assim, o estudo da Idade do Ferro de Conímbriga, resulta, ainda na atualidade, maioritariamente da análise de materiais descontextualizados ou procedentes de contextos de deposição secundária. A inexistência de escavações estratigráficas é particularmente relevante para determinar a origem, por exemplo, de cerâmicas fabricadas à mão, passíveis de integrarem um amplo âmbito cronológico. Por outro lado, coloca profundas limitações ao estabelecimento de correspondências entre a ocupação antiga de Conímbriga e Santa Olaia[792].

Sobre o tamanho e importância do povoado sidérico de Conímbriga, as intervenções realizadas em diferentes áreas do no planalto, sugerem que o povoado apresentaria uma dimensão considerável, ainda que não totalmente determinada.

2.4.2. Santa Olaia

Coimbra/Figueira da Foz/Maiorca. CNS: 118.

Localizando-se na margem direita do rio Mondego, do qual dista atualmente cerca de 1km, o povoado de Santa Olaia, gozaria, na antiguidade, de uma maior articulação com a referida via fluvial constituindo o cerro uma pequena ilhota do Mondego[793]. A sua relação próxima com o rio terá certamente permitido tirar proveito do acesso facilitado a regiões mais interiores, e simultaneamente, ao Atlântico, fomentando

787 (*Ibidem*, 2011, p. 45).

788 (Alarcão et alii., 1976, p. 12, nota 13; p. 151, Pl. XXXII, nº 11 e 11a).

789 (Correia, 1993, p. 283).

790 (*Ibidem*, p. 283).

791 (*Ibidem*, p. 230).

792 Não obstante, considerando a análise da evolução do diâmetro de aberturas dos exemplares de engobe vermelho, foi sugerida a possibilidade dos contactos comerciais ocorreram primeiramente no povoado de Conímbriga (Arruda, 1999-2000, p. 252).

793 (Rocha, 1971, p. 21; Pereira, 2012, p. 123).

assim a integração do povoado nas redes de comércio do mediterrâneo. Esta integração está, desde logo, espelhada na grande quantidade de materiais importados, identificados e recolhidos neste arqueossítio[794]. Merece particular menção, pela sua abundância, os vasos de engobe vermelho[795], exemplares de cerâmica cinzenta fina polida, ânforas[796] e urnas do tipo Cruz del Negro[797], aos quais se junta os *pithoi* decorados com bandas pintadas a vermelho e negro[798]. Entre as materialidades exógenas consta igual- mente a cerâmica grega, testemunhada através de dois fragmentos apenas. Estas materialidades acompanham um significativo conjunto de cerâmica manual, de produção local/ regional, presente em todos os níveis sidéricos do povoado[799], assim como abundantes exemplares metálicos, testemunhos da intensa atividade metalúrgica verificada neste local[800].

O urbanismo e arquitetura do povoado distancia-se dos protótipos da designada cultura castreja do Noroeste peninsular, adotando uma muralha ribeirinha aberta para a Laguna, e espaços habitacionais implantados em socalcos, estes últimos separados dos demais por um grande muro de contenção de terras que teria simultaneamente propósitos defensivos. Zonas habitacionais e muralha encontram-se voltadas a Norte, seguindo as curvas de nível da colina. A sul, o abrupto declive existente garante as condições de defesa natural do povoado, não se detetado até ao presente momento, nenhuma estrutura defensiva complementar. Foi igualmente possível identificar uma área de fundição, de grande dimensão e com uma longa diacronia de uso. Supõe-se que o povoado abrangeria uma área total de 10000m^2, localizando-se os espaços habitacionais e com funcionalidades religiosas numa cota mais elevada, e os espaços destinados à metalurgia, predominantemente na plataforma inferior da colina, ainda que não sejam exclusivos dela[801]. Todas as estruturas habitacionais identificadas apresentam planta retangular ou quadrangular, com muros compostos de alicerces pétreos e paredes de adobe. A adoção do modelo construtivo assente em ângulos retos reporta-se, desde logo, ao primeiro momento construtivo da Idade do Ferro. Os pavimentos, de terra batida, argila ou revestimento de conchas, apresentam-se ligeiramente soerguidos em relação à base do alicerce pétreo, e teriam sido cobertos de areia amarela.

Santos Rocha propõe o estabelecimento de cinco fase de ocupação humana da colina, posteriormente retificadas pelo próprio para seis etapas. A primeira diz respeito ao neolítico, apresentando-se estes vestígios muito próximos dos estratos sidéricos. No século VIII a.n.e., a colina voltaria a ser ocupada, identificando-se uma primeira fase construtiva sidérica, que se estende à centúria seguinte. Este primeiro momento de ocupação regista um reduzido número de testemunhos arqueológicos, sobretudo quando comparados com a fase seguinte, correspondendo ao século VI a.n.e., atestada por um conjunto muito significativo de materiais e estruturas. Os séculos V e IV a.n.e corresponderiam à terceira e última fase de ocupação sidérica do local. Após essa data, registam-se vestígios de ocupação «luso-romana» e de época medieval, constituindo estas a quinta e sexta fases ou «estações» definida por Santos Rocha (1908, pp. 25-26).

794 Apresentando-se Santa Olaia como o primeiro sítio orientalizante identificado no atual território português (Pereira I. , Santa Olaia, 1996, pp. 60-65).

795 A síntese das materialidades identificadas em Santa Olaia é feita de forma aprofundada em (Frankensteien, 1997) e (Pereira, 1997). Ambas as investigadoras abordam formas e fabricos já mencionados por Santos Rocha (1908). Em (Arruda, 2002) leva-se a cabo uma sucinta revisão das propostas de datação dos conjuntos e a apresentação de novos paralelos.

796 Foram recolhidos abundantes fragmentos de ânfora, assim como peças inteiras, destacando-se os exemplares datados entre a última metade do século VI a.n.e. e o último quartel do século V a.n.e. Susan Frankenstein (1997) defende, com reservas, que estes exemplares teriam origem em Málaga, Granada e possivelmente Cádis.

797 (Rocha, 1905-1908, XXIII, nº 112-113; Frankensteien, 1997, lâm. 31, 33; Pereira, 1997, figs. 119,122).

798 (Rocha, op. cit., XXIV nº 133-134; Pereira, 1997, fig. 112-114; Frankensteien, 1997, lâm. 20-23, 26-30; Mederos Martín & Ruiz Cabrero, 2004-2005, p. 352). Mencionados desde logo por Santos Rocha (1905-1908, lâm. 22-24) e datados de inícios do século VII – finais do VI a.n.e. (Arruda, 2002).

799 Pastas e fabricos são descritos de forma aprofundada em (Frankensteien, 1997, pp. 279-282).

800 (Pereira, 2009, pp. 66-67).

801 (Pereira, 2009, pp. 64-65).

Outras datas, com pequenas variações, têm vindo a ser igualmente pontadas[802], sendo, no entanto, clara a prevalência de materiais datáveis de finais do século VIII-VII a.n.e.[803].

Num momento posterior, em meados do século V/ IV a.n.e., o espaço parece ter sido alvo de reformulações, verificando-se a construção de dois fornos de fundição sobre a estrutura do muro superior acima mencionado[804]. Associado a uma destas estruturas, foi identificado um dos exemplares de cerâmica ática de Santa Olaia. O fragmento encontrava-se depositado na camada de cinzas correspondente ao forno. A estrutura foi construída sobre o muro, tal como mencionado, voltada a Norte, na zona limite do declive. O forno apresenta uma planta semicircular, com 3,4 metros de diâmetro, base pétrea e fundo em argila obedecendo a uma construção cuidada. A câmara seria igualmente em argila, tal como o revestimento da base pétrea, e integraria uma chaminé central.

Em todas as fases sidéricas mencionadas, a atividade metalúrgica parece ter desempenhado um papel de relevo na economia do povoado. Os trabalhos de campo conduzidos no local permitiram identificar uma grande e complexa zona industrial para a prática desta atividade, destinada à transformação de minério em metal, extensivamente documentada através de edificações, restos de fundição, conchas de bivalves, e grandes recipientes contentores. A existência de um complexo desta dimensão implicaria o acesso a matérias-primas (minério), certamente obtidas em áreas de extração na Beira Interior[805], assim como a existência de um mercado que permitiria o escoamento do produto resultante da beneficiação do metal[806]. Associada à primeira fase de ocupação do povoado, a atividade metalúrgica poderá ter ditado a escolha do local de implantação da comunidade que, em meados do século VIII/VII a.n.e., vai ocupar a atual colina de Santa Olaia, tirando proveito do fácil acesso ao rio Mondego e da sua apetência como via de receção e escoamento de minério e bens.

A possível existência de um antigo porto[807] indicia uma vez mais esta estreita relação com o rio, comprovada pelos estudos da paleo-geológicos que sugerem que, no decorrer da Idade do Ferro, existiriam condições de navegabilidade até aproximadamente 20 Km acima do estuário do Mondego, pelo menos até Santa Olaia[808].

As condições que favorecem o comércio de objetos metálicos, beneficiariam igualmente o comércio de cerâmicas e outros bens exógenos. É neste contexto que, no decorrer da II Idade do Ferro, chegam ao povoado de Santa Olaia dois fragmentos de cerâmica grega. Trata-se de produções áticas do século V-IV a.n.e.[809]. Um dos fragmentos, pertencente a um kratêr de figuras vermelhas, apresenta decoração na face externa composta da parte superior de uma figura masculina, barbada, de peito desnudo e manto sobre os ombros. A figura exige cabelo ondulado e, sobre ele, uma coroa de louros com incorporação de pintura a branco. O segundo fragmento, totalmente coberto de verniz negro, corresponde ao bordo e parede de uma possível taça de variante indeterminada.

Tanto os materiais, com formas e fabricos habitualmente encontrados em feitorias fenícias, como a arquitetura, de feição orientalizante, parecem indiciar que estamos, desde os momentos iniciais de ocupação do povoado, perante uma ocupação com clara influência exógena, ainda que a tese de uma fundação fenícia

802 Entre as quais: século VIII a.C. (Pereira, 1996), 700-650 a.C. (Arruda, 1999-2000, p. 231), séculos VII-VI a.C. (López Pardo, 2000, p. 42); 650 a.C. (Pellicer, 1998[a], p. 533; 1998b, p. 98), posterior ao século VII a.C., com destaque para 550 a.C. (Moscati, 1994, p. 481). As datações obtidas no âmbito de projetos arqueológicos mais recentes, realizadas a partir de carvões e fauna malacológica recolhida nos pavimentos mais antigos identificados não permitiram, contudo, afinar a cronologia conhecida para a primeira fase de ocupação do povoado em resultado do demasiado amplo intervalo de tempo obtido. (Soares & Arruda, 2016).

803 Pereira, 1997, p. 237).

804 A adaptação tem por base a tipologia e fabrico de um fragmento anfórico que integrava ao fundo do forno (Pereira, 2009, p. 66).

805 (Pereira, 2009, p. 78).

806 Não estando documentada a produção de objetos metálicos. Isabel Pereira (2012, p. 120) defende que se trata de um centro de transformação do metal que, posteriormente, seria exportado para outras regiões onde de fabricariam as peças pretendidas.

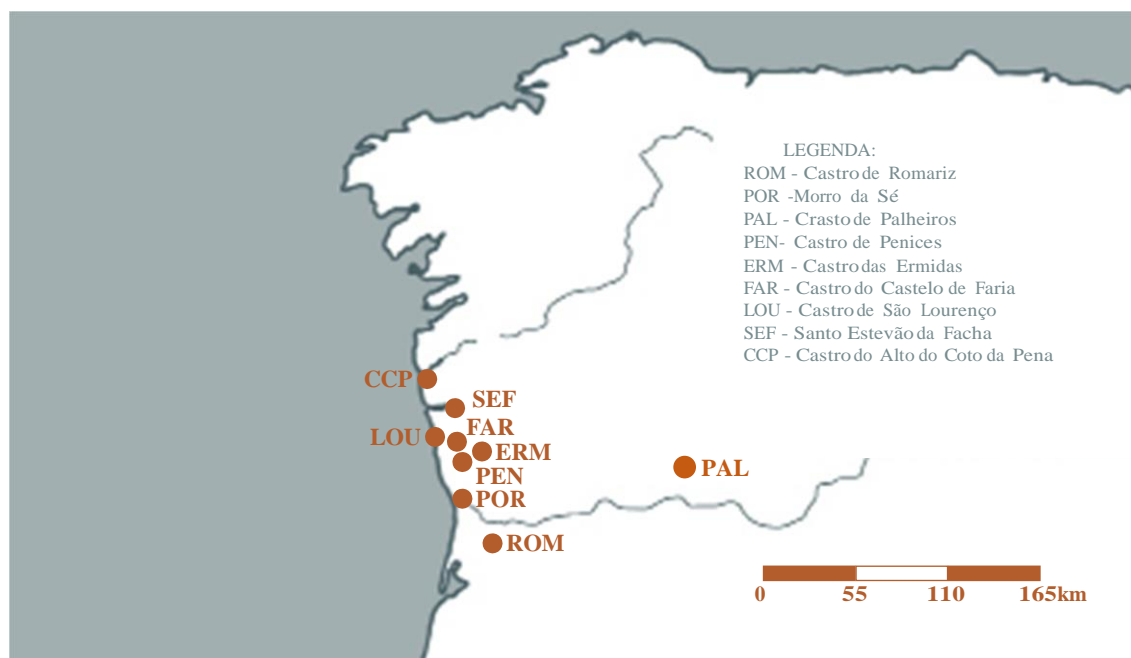
807 (Rocha, 1905-1908; Pereira 1997, p. 209).

808 (Wachsmann, *et alii.*, 2009). Também Santos Rocha (1908, p. 22) enumera vários relatos históricos que atestam a chegada de embarcação até ao Mondego e a descoberta de argolas grossas presas na fraga, usadas para prender as embarcações.

809 Um dos quais, mencionado em (Pereira 1993, 2007; Arruda 1997).

não seja consensual[810]. Quer se trate de uma fundação fenícia ou autóctone, verifica-se a existência, neste local e desde a I Idade do Ferro, de um interposto comercial com um volume de trocas considerável. Alguns investigadores sugerem a existência, logo em meados do século VIII a.n.e., de estrutura de povoamento do tipo urbano[811] ou, mais verosímil, de uma realidade pré-urbana, baseada na presença de marinheiros e mercadores que se fixam temporariamente em áreas favoráveis para o desenvolvimento de relações comerciais. Estas realidades pré-urbanas dariam assim origem às posteriores cidades fluviais/marítimas[812], formadas de comunidades estrangeiras, locais ou mistas[813].

2.5. NORTE (NUTII-PT11) (*)

Regista-se a presença de cerâmica grega nos arqueossítios de Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro), Morro da Sé (Porto), Crasto de Palheiros (Murça, Vila Real), Castro de Penices e Castro das Ermidas (Vila Nova de Famalicão, Braga), Castro do Castelo de Faria (Barcelos, Braga), Castro de São Lourenço (Esposende, Braga), Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima, Viana do Castelo) e Castro do Alto do Coto da Pena (Caminha, Viana do Castelo).

Mapa 8. Mapa de distribuição dos sítios arqueológicos com presença de materiais gregos na região Norte.

Todos os arqueossítios mencionados partilham estratégias de povoamento com características análogas, assim como condicionantes geográficas idênticas, tais como uma posição liminarmente costeira e/ou a proximidade e relação a cursos fluviais, comumente entendidos como vias de difusão de bens exógenos e condicionadores das dinâmicas de comércio. É de contextos desta natureza que provêm a maioria de exemplares gregos identificados no NO da Península Ibérica, uma geografia de distribuição que sugere, desde logo, o abastecimento de bens de matriz orientalizante por via marítima.

(*) Este subcapítulo reproduz excertos dos artigos previamente publicados: Ferreira, 2019, p. 528; 2020b, p. 71.

810 Veja-se, por exemplo (Mayet e Silva, 1997).

811 (Correia, 1995, p. 242).

812 (Matos, 1996, p. 333).

813 (Pellicer Catalán, 2000, p. 96).

O fragmento de cerâmica ática identificado no Crasto de Palheiros, localizado a mais de uma centena de quilómetros da linha de costa, distancia-se deste padrão de distribuição dos achados, apresentando-se, até à presente data, como o arqueossítio com registo de cerâmica grega localizado mais para o interior do atual território português. A presença deste vaso ático no atual concelho de Murça, sugere o estabelecimento de trocas inter-regionais entre comunidades de regiões interiores e comunidades tradicionalmente incorporadas no litoral. Desconhece-se como se terá processado o transporte do kratêr, com uma dimensão considerável e paredes de pequena espessura, desde o litoral até ao Nordeste transmontano. O recurso às vias fluviais, tão frequentemente sugerido como via de penetração dos produtos orientalizantes para áreas mais interiores[814], deve ser considerado, sobretudo atendendo à proximidade verificada entre Crasto de Palheiros e a principal via fluvial da região, o rio Douro, através do seu afluente Tua. A dificuldade de navegação de alguns troços do rio permite, no entanto, admitir que, em determinados percursos, o vaso possa ter viajado por terra.

A região, particularmente o território localizado entre os rios Minho e Douro, possui um traçado costeiro rochoso e tendencialmente planáltico, com pequenos troços de praia arenosa intercalados com formações rochosas do tipo penedias[815]. Ainda que bastante acidentada e recortada, a linha de costa não regista acentuadas protuberâncias e abaixamentos, com exceção de pontuais saliências, particularmente a Norte de Viana e a Sul da Apúlia. A Sul do Douro, a costa recortada dá lugar a um traçado tendencialmente retilíneo, cortado pelos sistemas lagunares de Esmoriz /Paranhos e Aveiro. Apresenta pequenos troços de praia, maioritariamente arenosa, e particularmente extensa na margem Sul dos rios, em resultado dos fenómenos de deslocação e depósito de areias por via da ação do vento e da ondulação.

2.5.1. Castro de Romariz

Aveiro/Santa Maria da Feira/Romariz. CNS: 23.

Ocupado desde o Bronze final e com uma forte presença de materiais arqueológicos e estruturas datáveis da Idade do Ferro, o Castro de Romariz tem merecido particular destaque pela sua fase final de povoamento, coincidente com a segunda metade do século I. Sobre a sua ocupação mais antiga, são ainda poucos os dados revelados, em resultado das parcas áreas intervencionadas em profundidade suficiente que permitam conhecer as etapas prévias à romanização[816]. Sabe-se, no entanto, que a colina, conhecida como Monte Crasto, foi ocupada desde pelo menos o Bronze Final (c.900-700 a.n.e.)[817], identificando-se para este período escassos fragmentos cerâmicos[818]. Estratigraficamente associado a esta presença foram recolhidos exemplares de cerâmica sidérica de produção local, com destaque para a loiça de mesa e cozinha. Estas peças, micáceas e de fabrico manual, surgem a par de grandes quantidades significativas de bens importados, verificando-se no Castro de Romariz um considerável abastecimento de bens exógenos, que acompanha o povoamento sidérico, aparentemente desde o seu início, tal como nos revela a interpretação estratigráfica considerada[819].

O conjunto de materialidades exógenas é composto de fragmentos de ânfora, cerâmica cinzenta orientalizante[820], uma fusaiola importada, contas vítreas azuis e um fragmento cerâmico de proveniência incerta e fabrico similar às produções áticas que vão igualmente estar presentes neste arqueossítio, em estratos cronologicamente posteriores. Conservando apenas parte do bordo e colo, o fragmento pertenceria a uma peça de grande dimensão, sugerindo o autor que se dedicou ao seu estudo[821], uma possível -

814 (*VGP*, 2007, p. 135-140).

815 (Alves, 1996, pp. 19-21).

816 (Centeno, 2011). Armando Coelho Ferreira da Silva, um dos intervenientes nas escavações arqueológicas desenvolvidas neste local, data a primeira ocupação de Romariz de meados do 1º milénio, assoando-a a um quadro de migrações internas peninsulares (Silva, 1986).

817 (Centeno, 2011, p. 11), (Centeno, Morais, & Soeiro, 2014, p. 291).

818 Esta escassez reflete as limitações verificadas na escavação dos níveis mais antigos do povoado, estando por determinar a real dimensão da primeira ocupação do castro.

819 Reportando-se à camada [07] (Centeno, 2011).

820 Atribuídas a cronologias idênticas aos materiais recolhidos no estrato mais recente [06] (Silva, 1986, pp. 162-163, nº 174, 178-180).

821 (Centeno, 2011).

correspondência com a forma de um kratêr-de-colunas, identificada em Huelva e datada de meados de 600 a.n.e.[822]. Trata-se da parte superior de um kratêr, com 22 cm de diâmetro de abertura, não se tendo conservado o seu fundo. Tal como o fragmento identificado no Castro de Romariz, apresenta bordo esvasado, de perfil aproximado aos modelos metálicos. Ambos os fragmentos exibem pasta depurada, de cor cinzenta[823], com elementos não-plásticos de médio calibre, entre os quais mica. A superfície externa apresenta, igualmente em ambos, verniz espesso, de cor escura, e a face interior foi deixada em reserva. As pastas, pouco depura- das quando comparada com os demais exemplares gregos, e de cor pouco usual neste tipo de produções, suscitam dúvidas quanto às origens destas duas peças[824].

A camada de onde provêm o fragmento de Romariz foi datada[825] de c. 897-410 a.n.e., uma baliza cronológica que, embora excessivamente ampla, é compatível com as fases de comércio conhecidas tanto para os exemplares de cerâmica grega arcaica, como para as produções locais de cerâmica cinzenta do sudeste francês, ainda que, neste caso, associada à cor cinzenta da pasta, esteja também o tom alaranjado, mais frequente nas produções gregas. Sem paralelos precisos para a sua forma, e na ausência de análises da pasta que permitam determinar a procedência do fragmento, o bordo de Romariz deve ser remetido para uma origem indubitavelmente exógena à região, possivelmente no Mediterrâneo Oriental.

Os estratos sidéricos mais recentes, dividindo-se em dois momentos ou fases distintas [estratos 06 e 05], confirmam a significativa presença de materiais importados, identificando-se uma quantidade muito significativa destes produtos, a par da cerâmica de produção local. Merecem particular destaque, pela sua abundância, os exemplares de ânfora de tradição oriental, caracterizados por bordos com lábios espessa- dos, aos quais se juntam quatro possíveis fragmentos de ânforas áticas de tipo «sos»[826]. De pasta homogénea e bem depurada, exibem a superfície externa totalmente coberta de verniz de cor negra e tonalidade acastanhada. É admissível uma datação entre os séculos VIII e VI a.n.e. para estes exemplares[827].

Tal como no momento anterior, também estes estratos registam a presença de contas vítreas azuis e fusaiolas que, numa primeira fase se remetem para produções exógenas, e nos níveis mais recentes são fabricadas localmente, num dos exemplares, reaproveitando um fragmento de cerâmica púnica. O estrato [06] merece alusão particular, pelo facto de integrar um fragmento de uma possível ânfora proto-ibéri- ca[828], e sublinhamos a existência, na unidade [05], de fragmentos de ânforas ibero-púnicas, de finais do V a.n.e.[829]. Ambos os estratos registam ainda cerâmica cinzenta orientalizante, com paralelos no Guadalqui- vir, datáveis do século VII e início do V a.n.e.[830]. Mais uma vez, a cerâmica grega está presente nesta fase [05], testemunhada através de um pequeno fragmento de uma taça ática (ROM/001), atribuída aos séculos V/ IV a.n.e.[831]. O avançado estado de fragmentação e a deterioração, quer do fragmento, quer da decoração, colocam necessárias reservas quanto à sua tipologia, impossibilitando igualmente a determinação de uma cronologia mais precisa para a sua produção.

822 (Cabrera Bonet, 1988-1989, pp. 51, fig. 1, nº 5; Fernández Jurado, 1984, pp. 28-32, fig. 10).

823 Cinzenta-alaranjada, no caso de Romariz.

824 No caso particular do kratêr de Huelva, os autores que se dedicam ao seu estudo, colocam a hipótese, que assumem como pouco provável, de se tratar de uma imitação local de cerâmica cinzenta (Fernández Jurado, 1984, p. 30). Mais plausível, consideram a possibilidade de estarmos perante uma produção de cerâmica cinzenta realizada no sudeste francês, ainda que a cronologia associada à produção francesa não corresponda às evidências arqueológicas de Huelva. Não vão além do século VI a.n.e. (Fernández Jurado, 1984, nota rodapé nº31). Perante a dificuldade de uma atribuição coerente do ponto de vista estratigráfico, remetem a origem da peça ao Mediterrâneo Oriental (Fernández Jurado, 1984, pp. 30-31), sem que se de- fina um local exato para a sua produção.

825 A partir da análise de C14 de uma amostra de bolota carbonizada.

826 (Centeno, 2011). Podendo corresponder a dois ou três exemplares. (Caravale & Toffoletti, 1997, pp. 59-62).

827 (Shefton, 1982, p. 339).

828 Classificação proposta em (Centeno, 2011, p. 47, nº15). Similar a exemplares recolhidos em Cerro Ma- careno, com cronologia de finais do século VII a.n.e. e meados do século seguinte (Pellicer Catalán, 1978, pp. fig. 3, nº 938, 795, 994).

829 (*Ibidem*, pp. fig. 4, nº 1354).

830 (Mancebo Dávalos, 1994, pp. 352-353).

831 (Silva, 1986, p. 162, n.º 171, Est. LXXIX, 3; Centeno & Oliveira, 2008, p. 49, 2011, p. 45). O fragmento é erradamente atribuído ao estrato [06] em (Silva, 1986).

No respeitante à cerâmica de produção local, numa fase inicial, predominam as pastas micáceas e fabricadas à mão, apresentando-se por vezes brunidas, com ou sem decoração na superfície externa. Exibem cores que vão do laranja ao cinzento-escuro e as decorações, quando existem, obedecem à técnica de estampagem ou incisão. As formas produzidas, pouco diversificadas, reportam-se a loiça de cozinha e de servir à mesa, predominando as taças, potes e panelas. À medida que nos encaminhamos para momentos mais recentes [05], as superfícies tendem a apresentar-se mais brunidas e as decorações são mais frequentes. A camada seguinte [04ª], prévia à ocupação romana, testemunha a diminuição da importação de bens e produtos orientalizantes, uma tendência comum à generalidade dos sítios com ocupação sidérica do NO da Península Ibérica. É igualmente neste momento que surgem os primeiros testemunhos, no castro de Romariz, de cerâmica de produção local feita à roda. Este tipo de fabrico coexiste com as produções locais manuais, verificando-se, inclusivamente na unidade [02], correspondendo ao último período de ocupação da *domus* romana.

Por último, no respeitante à evolução arquitetónica e urbanística, verifica-se a introdução do processo de petrificação das construções na transição do século III/ II a.n.e., com a construção da muralha superior[832], desenvolvendo-se ao longo do século II a.n.e. o processo de petrificação das habitações.

2.5.2. Morro da Sé, Porto

Porto/Porto/Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória. CNS: 4873

Os trabalhos arqueológicos conduzidos neste local, ainda que espacialmente condicionando pelas limitações impostas à arqueologia em meio urbano, permitiram colocar a descoberto estruturas e materialidades que testemunham a integração do povoado sidérico do Morro da Sé no quadro das importações e trocas comerciais mediterrâneas do século V a III a.n.e.[833].

Os estratos mais antigos, datados da Idade do Ferro, associam-se a edificações de cariz habitacional, de planta circular, com vestíbulo e construção semelhante à dos povoados congéneres do Noroeste Peninsular. Nas proximidades deste arqueossítio[834], foram igualmente descobertas estruturas de planta e aparelho construtivo análogos, associadas a contextos domésticos da mesma cronologia, sugerindo assim que estamos perante um povoado com uma dimensão considerável.

Integram o conjunto de materialidades associadas a esta ocupação, abundantes recipientes cerâmicos, de produção local/ regional, com destaque para os vasos de fundo plano e asas circulares, possivelmente pertencentes a potes e pequenos púcaros. As decorações não são abundantes e, quando presentes, atestam a opção pela técnica de incisão, impressão e pelo recurso a aplicações plásticas. A par da cerâmica lo- cal, foi identificado um pequeno conjunto de materiais exógenos, formado por um anforisco de pasta vítrea sobre núcleo de argila e um fragmento de cerâmica grega, de fabrico ático. Não obstante várias publicações mencionarem o aparecimento, neste local, de quatro fragmentos de cerâmica grega[835], no decorrer do presente estudo apenas se detetou a presença de um exemplar de fabrico ático. Corresponde a um pequeno fragmento, muito deteriorado, registando uma espessura máx. de 0,9 cm, concordante com a forma kratêr, com testemunhos abundantes no Noroeste Peninsular. A impossibilidade de determinar o diâmetro da peça e a reduzida dimensão do exemplar, impõem as necessárias reservas à classificação proposta. Apre- senta uma pasta bem depurada, de coloração bege e tonalidade alaranjada, apresentando revestimento de verniz negro apenas na face externa, indicando assim a possível correspondência a uma forma fechada. Não conserva quaisquer vestígios de decoração, apresentando-se o verniz muito deteriorado.

Além deste, identificou-se um fragmento de pequena dimensão, de parede, apresentando engobe negro na superfície externa, muito danificado e de qualidade inferior ao exemplar ático supramencionado. A pasta, mais grosseira, apresenta desengordurantes visíveis, em número abundante. Ainda que a pequena dimensão deste exemplar não permita estabelecer qualquer proposta de classificação tipológica, a sua espessura considerável, o nível de depuração da pasta e as características do verniz aproximam-no dos

832 (Centeno, 2011, p. 12).

833 (Real *et alii.*, 1985-1986, pp. 28-31; Osório & Silva, 1994, p. 89).

834 Edifícios nº 39 e nº41, Rua de D. Hugo (Teixeira & Fonseca, 2009/2010).

835 Não ilustrados (Alarcão 1996, nº 19; *VGP*, 2007).

exemplares de ânfora «de tradição oriental» registados no Castro de Romariz[836].

O estrato concordante com a ocupação sidérica do morro é antecedido de um outro, onde foi possível identificar a presença de escassas materialidades datáveis ao Bronze Final[837], sugerindo assim uma ocupação mais antiga deste local. De igual forma, verificou-se a existência de pisos de argila, um dos quais associado a buracos de poste cuja disposição forma um semicírculo[838].

Numa camada mais recente, foi possível identificar vestígios de uma casa de planta retangular com cantos arredondados, característica dos povoados romanizados. O piso interior da estrutura compõe-se de lajes graníticas associadas a tégula[839], datando a construção do século I da nossa Era. A referida estrutura é cortada por um possível troço de muralha, incorporado no alicerce do edifício moderno. Do muro, de aparelho regular de pedras de grande dimensão, apenas é possível ver a sua face interna. A estrutura foi interpretada como amuralhamento, construído possivelmente em finais do século III[840].

2.5.3. Crasto de Palheiros

Vila Real/Murça/Noura e Palheiros. CNS: 10746.

Com uma ocupação que recua, pelo menos a 3000/2860 a.n.e.[841] e que perdura no tempo, de forma aparentemente ininterrupta, até ao início do século II d.C., o povoado de Crastro de Palheiros tem merecido particular destaque pela sua localização destacada na paisagem[842] e pela articulação orgânica das construções com o espaço natural envolvente, tirando dele o melhor partido[843]. Ainda que a presença humana neste espaço recue ao calcolítico[844], registando, já neste período, uma comunidade com uma dimensão considerável, atesta igualmente uma forte presença de materiais arqueológicos e estruturas datáveis da Idade do Ferro. A ocupação da Idade do Bronze, ainda que menos conhecida em resultado do impacto destrutivo das construções subsequentes[845], revela, no entanto, que este espaço poderá ter sido ocupado numa larga diacronia, adaptando-se e renovando-se com o avançar do tempo[846]. A forma como esta evolução ocorreu revela-nos dois dos aspetos mais marcantes da presença humana em Crasto de Palheiros.

836 (Centeno, 2011, pp. 46-47).

837 (Real et alii, 1985-1986, pp. 28-31; Osório & Silva, 1994, p. 89; Gabinete de Arqueologia Urbana, 1999).

838 (Osório & Silva, 1994, p. 88).

839 (Real *et alii*, 1985-1986, p. 20; Osório & Silva, 1994, p. 89).

840 (*Ibidem*, pp. 19-20).

841 (Sanches, 2008, p. 44).

842 (Sanches & Pinto, 2005, p. 44).

843 Com destaque, por exemplo, para o aproveitamento dos afloramentos rochosos e a adaptação ao terreno verificada na construção da muralha (Sanches & Pinto, 2005, p. 52).

844 Utilizando-se a designação «Calcolítico regional» (Sanches, 2006, p. 120), (Sanches, 2003, p. 117), entre outros.

845 (Sanches, 2008, p. 29). Os dados resultantes dos trabalhos de campo conduzidos ao longo de mais de uma década, permitiram à diretora dos trabalhos de campo, Maria de Jesus Sanches, individualizar três grandes fases de ocupação humana deste local. A primeira «Castro I», designa a ocupação entre 3000/2860 e 1900 a.n.e., a segunda, «Crasto II» remete-se a cronologias entre 900/800 e 550/500 a.n.e., correspondendo ao Bronze Final. A terceira e última fase, corresponde a temporalidades entre 550/500 e o início do século II d.C., correspondendo à Idade do Ferro de Crasto de Palheiros. (*Ibidem*, pp. 43-53). Publicações mais antigas, apresentam variações no supracitado faseamento, merecendo particular destaque o estabelecimento das subfases III-1 e III-2, referente à ocupação sidérica (século V- meados do século I d.C.) apre- sentada em (Sanches, 2000-2001, pp. 20-25). A fase III-2 diz respeito apenas ao estrato correspondente ao incêndio verificado em torno de 80 d.C.) (Sanches & Pinto, 2005, p. 44).

846 Ainda que, numa fase inicial das investigações, Maria de Jesus Sanches (Sanches & Pinto, 2005, p. 43) considere que entre a ocupação Calcolítica e da Idade do Ferro, iniciada no começo do século V a.n.e., o castro tenha permanecido desabitado. Aquando da reocupação sidérica, as estruturas calcolíticas estariam ainda conservadas, ainda que deterioradas e possivelmente cobertas de vegetação.

O primeiro relaciona-se com a adoção de padrões arquitetónicos e formas de conceber o espaço análogas às que se verificam em povoados vizinhos e, de uma maneira geral, comuns a todo o Noroeste Peninsular. Traduzem assim conceções e um fundo cultural comum a uma vasta região, povoada por comunidades perfeitamente adaptadas a uma economia agro-pastoril. As próprias materialidades exumadas, ainda que reflitam simultaneamente a influência da Idade do Ferro do litoral peninsular e da Meseta espanhola, registam fenómenos de apropriação, indo ao encontro dos modos de fazer locais[847].

O segundo aspeto prende-se a ausência de drásticas e repentinas ruturas na organização do povoado ao longo da sua ampla cronologia de ocupação. As arquiteturas herdadas do calcolítico continuam a ser reutilizadas e adaptadas aos modelos de povoamento sidérico. É este o caso, por exemplo, da plataforma inferior do povoado, construída no Calcolítico e sustentada por uma muralha do mesmo período, reaproveitadas numa fase inicial da Idade do Ferro para a construção de várias unidades habitacionais[848]. Igual tendência de continuidade verifica-se nos materiais exumados[849] e nas arquiteturas domésticas identificadas que, até ao início do século II a.n.e., continuam a adotar os modelos sidéricos indígenas, que por sua vez, são reformulados a partir das conceções arquitetónicas calcolíticas. Predominam assim, em todos os períodos de ocupação, as arquiteturas domésticas de planta circular, construídas em materiais perecíveis[850], assentes diretamente no solo ou sobrelevadas por anteparos pétreos, com pisos de terra batida e lareiras incorporadas. Estas unidades domésticas distribuem-se pela plataforma inferior e pelo talude exterior[851], traduzindo assim um povoado aberto, não circunscrito por barreiras físicas. O estabelecimento da primeira divisão formal dos espaços ocorre apenas entre 300/200 a.n.e. com a construção de um recinto[852], delimitado por muros de pedra seca, não argamassada, ligado ao exterior através de uma única entrada.

As unidades habitacionais vão ser, ao longo da ocupação sidérica, sujeitas a várias reformulações[853] até serem definitivamente destruídas por um incêndio, em torno de 80 d.C. Após essa data, são construídos novos espaços, respeitando, os modos de fazer e as conceções indígenas.

A realidade material espelha a tendência de continuidade verificada na arquitetura. Os fragmentos cerâmicos atribuídos à Idade do Bronze e Idade do Ferro utilizam pastas similares às que foram usadas no Calcolítico, salvo raras exceções que incorporam uma quantidade mais elevada de mica como desengordurante, indo ao encontro das pastas que mais usualmente se associam à Idade do Ferro de outras regiões[854]. As decorações, apesar de pouco frequentes, são diversificadas (formalmente e tecnicamente[855]), tal como é diversificada a panóplia de formas encontradas, registando-se 19 tipologias de recipientes na Idade do Bronze e 13 na Idade do Ferro[856]. Ainda que se verifiquem semelhanças entre as produções sidéricas e as antecedentes, no respeitante às pastas, aos tratamentos de superfície, às técnicas e aos instrumentos uti- lizados para sua manufatura, regista-se alguma inovação no respeitante às formas[857].

847 (Sanches & Pinto, 2005, p. 47; Sanches, 2008, p. 32).

848 (Sanches, 2008, p. 41).

849 Ainda que se registem características estilísticas e morfológicas nos materiais cerâmicos atribuídos a cronologias posteriores e anteriores a 500 a.n.e. A reduzida área associada à presença da Idade do Bronze Final, não é, no entanto, suficiente para a confirmação de uma mudança nos gostos cerâmicos, defendendo os investigadores que conduziram escavações no Crasto, uma tendência de continuidade entre a ocupação do bronze Final e a presença sidérica (Sanches, op. cit., p. 48).

850 Testemunhadas através de buracos de poste, pisos, lareiras e concentrações de materiais com destaque para loiça de mesa e cozinha (Sanches, op. cit., p. 30).

851 De acordo com as divisões do espaço do povoado estabelecidas pelos investigadores que conduzidas os trabalhos de campo (Sanches & Pinto, 2005, p. 43).

852 Designado de «Recinto L» (Sanches, op. cit., p. 40).

853 (Sanches, op. cit., p. 49).

854 (Sanches, op. cit., p. 130). As pastas são, em todos os momentos, pouco diversificadas, tendo sido identificados 13/14 tipos distintos de acordo com as suas características, para todos os períodos considerados. Do conjunto, apenas 3 tipos de pastas foram exclusivamente utilizados na Idade do Ferro, as restantes são comuns a mais do que um período de ocupação do povoado (*ibidem*).

855 (*Ibidem*, pp. 132-133).

856 (Pinto, 2011). Incorporando recipientes em meia esfera de bordo não reentrante, taças baixas de fundo convexo, taças altas e de fundo reto, formas globulares várias, recipientes de perfil em "S" e bicónicos, e, por fim, testos e coadores. (Sanches, 2008, p. 131).

857 (Sanches, op. cit., fig. II 25-26).

A localização de Crasto de Palheiros, numa área que faz a ponte entre os povoados do Noroeste, com características tradicionalmente associadas à «cultura castreja», e os povoados da Meseta Espanhola Celtibérica[858], explica a adoção, neste espaço, de influências culturais distintas e da conciliação de diferentes modos de fazer. Estas influências estão presentes nos mais variados aspetos da organização social, territorial e cultural de Crasto de Palheiros, resultando delas, a formação de comunidades com características que se afastam dos protótipos supramencionados. Estas diferenças são particularmente manifestas quando analisamos as quantidades de materiais importados em Crasto de Palheiros, por oposição à generalidade dos arqueossítios do litoral «castrejo». Se nestes últimos encontramos uma consistente integração dos povoados nas redes de comércio de bens orientalizantes, em Crasto de Palheiro os materiais exógenos são escassos e temporalmente circunscritos.

Foram recolhidos neste local treze fragmentos de cerâmica grega, correspondendo a uma única peça[859]. Ainda que provenientes de áreas e estratos distintos, os referidos fragmentos foram exumados numa zona de declive, em quadrículas contíguas, testemunhando um provável fenómeno de escorrência de uma área mais elevada, para uma plataforma inferior, adjacente. A identificação de colagens entre fragmentos oriundos da zona mais elevada e da área topograficamente mais baixa, assim como as características e diâmetros dos materiais, reforçam esta possibilidade. Trata-se de um *kratêr* de figuras vermelhas, de estilo ático, formalmente concordante com produções análogas, datadas de 400-350 a.n.e.[860].

Os fragmentos associam-se assim a um espaço intramuros[861], de natureza habitacional, com uma ocupação sidérica que recua aos séculos VI/V a.n.e.[862] e se prolonga pelas centúrias seguintes. Apresenta bordo esvasado, de lábio saliente e espessado, antecedido de uma canelura reservada, uma morfologia comum nos exemplares de kratêres-de-sino identificados na fachada atlântica da Península Ibérica. Do conjunto de fragmentos identificados, todos de pequena dimensão, sete registam decoração na superfície externa. Os restantes exibem as faces interna e externa totalmente revestidas de verniz negro. Entre os motivos decorativos preservados é possível identificar vestígios de um friso composto de folhas de louro, apresentado na face externa do vaso, imediatamente a seguir ao bordo, e parte de uma fina banda de meandros que delimitaria a área destinada à decoração figurativa. Desta última, apenas se preserva vestígios de uma possível nuca e cabelo de uma figura humana. Os referidos motivos são comuns em kratêres-de-sino e integram a panóplia de temas representados por um vasto número de pintores, não se registando nenhum elemento que permita a identificação da oficina em que a peça foi produzida e/ou decorada (*).

A presença de um vaso ático em Crasto de Palheiros indica-nos o estabelecimento de intercâmbios inter-regionais com comunidades tradicionalmente incorporadas no litoral «castrejo», distando mais de cem quilómetros em relação aos restantes arqueossítios com cerâmica grega identificada. O transporte do kratêr, com uma dimensão considerável e uma constituição frágil, far-se-ia certamente com recurso à principal via fluvial da região, o rio Douro, seguindo posteriormente o seu afluente Tua, para aceder ao Nordeste transmontano[863].

Crasto de Palheiros, não obstante ser um povoado de altura, não apresenta arquiteturas que indiciem preocupações defensivas[864]. Os estudos antracológicos, carpológicos e zooarqueológicos realizados uma economia baseada no cultivo de plantas (trigo, cevada e milho) e na criação e animais (bovinos, caprinos e suínos)[865]. Foi possível identificar uma área de transformação metalúrgica, associada a fragmentos de

858 A presença de cerâmica com decoração penteada, tipicamente associada a povoados da Meseta Espanhola (Hernández, 1981) e rara no panorama da cultura castreja, é disso mesmo exemplo. (Sanches, op. cit., p. 134).

859 (Sanches & Pinto, 2005, pp. 44-45; Sanches, 2008, p. 152; 2016, pp. 102, fig. 13; Pinto 2011, Est. XI, fig. 1 e 2).

860 A referida cronologia é primeiramente avançada em (Sanches, 2008, p. 152; *VGP*, 2007).

861 Área PIL – Plataforma Inferior Leste, de acordo com as áreas definidas no decorrer das várias campanhas de campo conduzidas neste local.

862 De acordo com as datações de C14 obtidas. A análise da cronologia absoluta e relativa da ocupação de Crasto de Palheiros é apresentada em (Sanches, 2007). Os finais do século V (Pinto, 2003, p. 2), e meados do século V (Cardoso, 2005) são igualmente apontados pelos demais investigadores que conduziram estudos sobre este local, como data provável para o início da ocupação sidérica. A referida nota de rodapé foi previamente publicada em Ferreira, 2019, p. 528; 2020b, p. 71.

863 Crasto de Palheiros localiza-se nas margens da ribeira de Vale da Ria, um subafluente do rio Tinhela, próximo da confluência deste rio com o Tua (Sanches, 1996, p. 389; Sanches & Pinto, 2005, p. 41).

864 (Sanches & Pinto, 2005, p. 52).

865 (Figueiral, Sanches, & Cardoso, 2017), (Cardoso, 2005, p. 67), (Sanches, 2016), entre outros.

ferro e bronze[866], mas de pequena dimensão, possivelmente destinada a satisfazer apenas as necessidades internas do povoado.

2.5.4. Castro de Penices

Braga/Vila Nova de Famalicão/Gondifelos, Cavalões e Outiz. CNS: 2592.

O povoado sidérico implanta-se numa pequena elevação, parcialmente rodeada pelo rio Este, um afluente do rio Ave. Localizado a cerca de 40 metros de altitude em relação à cota do rio, possibilita aos seus ocupantes boas condições de visibilidade e controlo da paisagem envolvente[867]. Simultaneamente, reúne condições naturais de defesa, potenciadas pela existência de uma abrupta ravina, presente no lado Oeste, devidamente complementada de um sistema defensivo composto de três taludes e três fossos[868], incidindo particularmente no flanco Sudoeste do esporão.

A ocupação inicial deste espaço remonta à Idade do Bronze Final, prolongando-se até à Alta Idade Média. É, no entanto, a ocupação que se desenvolve entre os séculos VII-I d.C., a que regista a maior expressão, reunindo um maior volume de materiais e estruturas identificadas. Os investigadores que conduziram trabalhos de campo neste local identificaram duas grandes fases de ocupação sidérica[869]. A primeira, torna-se particularmente relevante para o presente caso, correspondendo ao período que decorre entre o século VII a.n.e. e o século III a.n.e., associando-se à construção da muralha pétrea do povoado, reformulada em épocas posteriores. Deste período data igualmente a construção de diversas estruturas habitacionais caracterizadas pela adoção de plantas de forma circular ou ovalada, construídas em materiais perecíveis, testemunhada através da presença de buracos de poste e pavimentos de argila e saibro compactado. Entre o espólio recolhido destaca-se o conjunto cerâmico, composto maioritariamente de produções locais. As pastas, relativamente micáceas, apresentam elementos não-plásticos de média dimensão, de teor mineral, geralmente quartzo e feldspato[870], assemelhando-se aos protótipos da cerâmica do Bronze Final desta região. As superfícies surgem intensamente alisadas, podendo conter decoração. Regista-se uma pequena variedade de formas, sendo particularmente abundantes os púcaros, potes e panelas de asa interior. Os materiais exógenos são raros, circunscrevendo-se quase exclusivamente a um fragmento cerâmico de proveniência grega (PEN/001). Trata-se de um fragmento de pequena dimensão, totalmente revestido de verniz negro, datável entre finais do século V e o século IV a.n.e.[871]. O exemplar foi identificado no nível de ocupação de uma cabana, numa camada estratigraficamente segura correspondente a um contexto doméstico.

O conjunto cerâmico é acompanhado de abundantes artefactos metálicos, elaborados maioritariamente em bronze[872], assim como artefactos vítreos, destacando-se seis contas de vidro azul datáveis dos séculos V-II a.n.e.[873]. Não se identificam vestígios da prática metalúrgica, ainda que a mesma tenha sido apontada em investigações iniciais[874].

Datações de C14 realizadas em quatro materiais recolhidos nos estratos mais antigos desta fase apontam uma datação de 973-378 a.n.e., um intervalo que, ainda que coerente com os materiais identificados, é excessivamente amplo[875]. A última fase de ocupação sidérica[876], englobando os séculos II e I a.n.e. e a primeira centúria da nossa Era, é marcada pela construção de um complexo habitacional formado por casa com vestíbulo e uma segunda estrutura interpretada como «celeiro». O complexo integra igualmente um lajeado que permite a ligação a um espaço de planta circular e pequena dimensão e função indeterminada.

866 (Pinto, 2003).

867 (Dinis, 1993-94, pp. 182-183).

868 (*Ibidem*, pp. 182-183).

869 (*Ibidem*, pp. 183-184).

870 (*Ibidem*, pp. 51-52).

871 Em (Queiroga, 1992) atribui-se uma datação do século IV a.n.e. para este exemplar.

872 Num dos casos, numa conjugação de bronze e ferro. (Dinis, 1993-94, pp. 183-184)

873 (Gomes H. F., 2012, p. 107).

874 (Dinis, 1993, p. 52).

875 (Queiroga 1992; Dinis, 1993-94, p. 184).

876 (Dinis, 1993-94, p. 183).

Associa-se a este momento de ocupação um significativo conjunto de exemplares cerâmicos de fabrico local/ regional, que surgem a par de um menos extenso grupo de materiais exógenos, destacando-se os exemplares de cerâmica campaniense e terra *sigillata* itálica[877]. O limite cronológico desta fase é-nos dado por uma moeda datada de 25 a 23 a.n.e., associada ao derrube da supramencionada casa.

2.5.5. Castro do Monte das Ermidas

Braga/Vila Nova de Famalicão/Lemenhe, Mouquim e Jesufrei. CNS: 3645.

O povoado desenvolve-se, em extensão, no sentido Noroeste-Sudeste, com recurso esporádico à construção em plataformas artificiais. Não obstante a sua implementação num esporão de pendentes suaves, a sua posição sobranceira na paisagem possibilita o controlo visual do território envolvente, em particular do vale dos rios Este e Guizando[878].

O local regista uma ocupação contínua entre os séculos IV a.n.e. e o século I, mostrando um maior dinamismo, sugerido pelo maior volume de materialidades identificadas, entre finais do século I a.n.e. e os inícios da centúria seguinte. Associadas à ocupação da Idade do Ferro, foram identificadas diversas estruturas habitacionais, maioritariamente de planta circular[879], em núcleos organizados em torno de um pátio lajeado. Associados a estas estruturas, foram recolhidos abundantes vestígios materiais, que se reportam a diferentes ocupações que vão do século V a.n.e., à mudança de Era e ao período de ocupação romana. Merece particular destaque, pela sua abundância, a cerâmica de construção associada à ocupação romana do local, assim como a cerâmica de mesa e cozinha da Idade do Ferro. Falamos concretamente de cerâmica produzida localmente, de forma manual, de pastas homogéneas e com uma reduzida diversidade formal, sendo particularmente abundantes os púcaros e potes de bordos horizontais e aba soerguida. As decorações, quando se verificam, são incisas ou, menos frequentemente, estampadas[880].

A par da cerâmica de produção local, regista-se a presença de materiais exógenos de matriz orientalizante, entre os quais, um exemplar de cerâmica grega totalmente revestido de engobe negro[881]. O fragmento corresponde a uma lekanides[882] da qual se conserva parte do bordo, de perfil vertical; o arranque de uma das aletas laterais, de perfil vertical e tubular; e parte da parede com a protuberância típica desta forma, destinada ao encaixe da tampa. As suas características morfológicas permitem integrá-lo na variante das lekanides de tampa reversível («reversible lids») definida pelo estudo do conjunto da Ágora de Atenas[883]. O exemplar em análise integra os marcadores formais definidos para o século V a.n.e., devendo a sua produção ser remetida para esse momento. Não obstante, não deverá ser desconsiderada a possibilidade de estarmos perante um vaso de figuras vermelhas do qual apenas se conserva uma fração da peça revestida de verniz negro.

O gosto pela cerâmica de verniz negro perdura no Castro das Ermidas, ocorrendo posteriormente a importação de produções de cerâmica campaniense B. Foi igualmente recolhido neste local um fragmento de arýballos de pasta vítrea, com arranque de asa bífida, de cor azul-esverdeado. De tradição púnica, foi fabricado segundo a técnica do núcleo de areia, datando do século V-IV a.C, sendo por isso mesmo, possivelmente contemporâneo do fragmento ático.

877 (Queiroga op. cit.; Dinis, 1993, p. 52).

878 (Queiroga, 1992).

879 (Queiroga, 2015).

880 (Dinis, 1993).

881 (*Ibidem*, p. 59).

882 (*Ibidem*, p. 59; Silva, 2007, p. 114-116, nº20).

883 (Sparkes & Talcott, 1970, nos 1240-1241).

2.5.6. Castro do Castelo de Faria

Braga/Barcelos/Milhazes, Vilar de Figos e Faria. CNS: 212.

Colocam-se muitas reservas quando se aborda a ocupação sidérica do castro de Faria. A escassez de materiais que permitam afinar cronologias, a ausência de publicações que deem conta da estratigrafia e da totalidade dos conjuntos de materiais identificados, assim como a condução de inúmeras escavações desprovidas de método arqueológico, condicionam a leitura dos vestígios da presença humana no decorrer da Idade do Ferro. É sabido, no entanto, que a ocupação mais antiga do Monte da Franqueira, local de implantação do povoado sidérico, remonta à Idade do Bronze Final, devidamente atestada por um conjunto materiais bem conhecido e estratigraficamente individualizado, prévio às restantes etapas de ocupação identificadas.

Os vestígios mais antigos atribuídos à Idade do Ferro do povoado datam do século V/ VI a.n.e., razão pela qual os investigadores que conduziram escavações neste local propõem, com as devidas reservas, a existência de um hiato ocupacional nas primeiras centúrias da Idade do Ferro[884]. As dificuldades em datar a cerâmica de fabrico local e a escassez de produções exógenos que permitam afinar as cronologias poderá, no entanto, explicar este aparente hiato.

No decorrer das campanhas de escavação conduzidas por iniciativa do grupo Alcaides de Faria, com início em 1930 e desenvolvidas ao longo das duas décadas seguintes, foi identificado um pequeno conjunto de fragmentos de cerâmica ática. Os referidos exemplares foram classificados em 1975, por Pierre Rouillard (p. 42, nº 30), referindo-se a descoberta, neste local, de quatro fragmentos de uma taça de figuras vermelhas, um dos quais conservando vestígios da decoração que formaria parte do medalhão central da peça. Após um hiato de três décadas, os trabalhos arqueológicos foram retomados[885] e permitiram, entre outros aspetos, a identificação da ocupação mais antiga do outeiro, do Bronze Final, e a recolha de abundante espólio material relacionado com a ocupação sidérica deste local, incluindo novos testemunhos da aquisição de cerâmica grega.

Atualmente, o Gabinete de Arqueologia e Património Histórico da Câmara Municipal de Barcelos, conserva em depósito quatro fragmentos de vasos áticos, correspondendo três às campanhas de escavação realizadas pelo grupo Alcaides de Faria, e um exemplar proveniente dos trabalhos arqueológicos realizados em 1982. O primeiro conjunto integra dois fragmentos de parede e um fragmento de bordo. Apresentam diâmetro, curvatura, inclinação e espessura (de 0,6 a 0,8 cm) concordantes com a forma kratêr, ainda que a referida classificação deva ser entendida com reservas em resultado do avançado estado de deterioração e da pequena dimensão dos fragmentos. O bordo, esvasado, possui lábio saliente e ligeiramente espessado, antecedido, na face externa, de uma pequena canelura. Apenas um dos fragmentos de parede conserva decoração na face externa, composta de finos traços pintados a negro, podendo corresponder a vestígios da representação de um manto. Desconhecemos se Pierre Rouillard (1975) se refere a algum destes fragmentos, classificando-os como taça ou, se pelo contrário, além dos exemplares mencionados, terão sido recolhidos outros testemunhos da aquisição de vasos gregos, atualmente com paredeiro incerto[886].

Na campanha de trabalhos arqueológicos conduzida em 1982 foi recolhido o quarto fragmento ático (Inv. nº. CF82 LXXII/LXXIII), de pequena dimensão, correspondendo possivelmente a parte de um pé de uma forma indeterminada. Apresenta perfil anelar exibindo, na face externa, uma canelura pronunciada. Conserva vestígios de engobe de cor negra, atualmente muito deteriorado, presente quer na face interna, que na face externa do fragmento. A grande espessura do pé sugere que estamos perante uma peça de grandes dimensões, possivelmente um kratêr, considerando a recorrência com a forma surge em contextos sidéricos do Noroeste Peninsular.

O povoado de Faria, tal como os seus congéneres do Noroeste Peninsular, ocupa um espaço dotado de excelentes condições naturais defensivas, potenciada pelo sistema defensivo construído. Usufrui igualmente, de uma ampla visibilidade da paisagem, otimizando o controlo do território envolvente. Localiza-se na margem direita do rio Cávado, relativamente próximo da sua foz. A pouco mais de 10 quilómetros em linha reta, na margem contrária do rio Cávado, localiza-se o Castro de São Lourenço, igualmente com registo de importação de materiais gregos.

884 (Almeida, 1985, p. 51).

885 (Almeida, 1982, 1985, Almeida & Cunha, 1997).

886 A escassez de publicações com o resultado das escavações realizadas entre 1930 e 1949 impossibilita a confirmação do número total de achados de exemplares gregos.

2.5.7. Castro de S. Lourenço

Braga/Esposende/Vila Chã. CNS: 3178.

Construído num esporão rochoso de uma arriba com fortes pendentes, o povoado tira partido das condições naturais de defesa oferecidas pelo terreno, complementando-as com um aparelho defensivo construído no decorrer da ocupação sidérica do local. Goza igualmente de um amplo domínio da paisagem en- volvente, com destaque para o controlo visual da foz do rio Cávado, da qual dista atualmente cerca de 3 km.

A ocupação inicial deste espaço remonta à Idade do Bronze Final[887], testemunhada em escassos materiais cerâmicos e metálicos, insuficientes para uma caracterização da dimensão, economia, urbanismo e arquitetura do povoado inicial. De igual forma, a fase inicial de ocupação sidérica, regista diminutos vestígios materiais que, no entanto, comprovam a presença humana neste espaço entre os séculos VII e VI a.n.e. Os testemunhos cerâmicos identificados possuem a pastas de coloração bege, acastanhada ou rosada, fazendo uso de abundantes quantidades de mica e areias como desengordurante. Apresentam cozedura redutora ou oxidante e são ornamentados com motivos decorativos compostos maioritariamente de círculos concêntricos, triângulos e em «SS». Falamos exclusivamente de produções locais, não se registando, até neste momento, testemunhos de contactos comerciais mediterrâneos ou atlânticos. Nos séculos seguintes, esta realidade altera-se, tendo-se documentado um exemplar de cerâmica grega em níveis associados às primeiras construções habitacionais pétreas identificadas.

Trata-se efetivamente, de um fragmento de parede e arranque de asa e um kratêr[888]. A orientação e características morfológicas do exemplar permitem integrá-lo na variante kratêr-de-sino do tipo 2, definida pelo estudo dos conjuntos de vasos desta tipologia identificados na Ágora de Atenas[889]. Na face externa, a envolver o arranque da asa, possui decoração composta de uma banda de óvalos e pontos, delimitada inferior e superiormente por linhas negras. Conserva igualmente vestígios de uma palmeta de desenho cuidado, possivelmente com núcleo central. O pequeno tamanho da palmeta identificada e o seu posicionamento na parede, ao nível da asa, sugere que estaríamos perante uma decoração composta de duas palmetas sobrepostas. Encontramos esse tipo de soluções decorativas em obras do Pintor dos Tirsos Negros, em exemplares atribuídos ao Grupo de Viena 1025, e Pintor de Telos, citando apenas alguns exemplos de artistas com obras identificadas na fachada atlântica da Península Ibérica. Não obstante, a escassez e a natureza comum dos motivos representados não permitir a correspondência do exemplar do Castro de São Lourenço a um Pintor ou Grupo de Pintores, a sua morfologia e as características decorativas são concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e.(*).

O fragmento de cerâmica ática foi recolhido no setor «T», uma das áreas mais intervencionadas do castro e local de proveniência de abundante espólio cerâmico de diversas cronologias. Surge em camadas superficiais, associado a cerâmicas da Idade do Ferro e do período de ocupação romana. Não obstante, na sua génese o fragmento estaria associado às construções pétreas mais antigas identificadas neste setor, que integram a Fase III de ocupação do castro, definida pelos investigadores que conduziram escavações neste local[890].

Pouco dados são conhecidos sobre a ocupação do castro em cronologias prévias ao século II a.n.e., período em que se verifica a construção de vários espaços habitacionais, de planta circular, utilizando coberturas de palha e a incorporação de elementos vegetais vários[891]. No respeitante à cultura material, a partir da segunda metade do século II a.n.e. ocorre a introdução da roda de oleiro nas produções cerâmica. A forma e decoração dos vasos variam em relação ao período precedente, traduzindo um gosto preferencial pela cozedura oxidante, pelo alisamento e polimento das superfícies dos vasos e pela proliferação dos grandes vasos de armazenamento, a par da cerâmica de mesa e cozinha[892].

Para todos os momentos da ocupação sidérica e romana, o pastoreio e a agricultura são apontados como as principais atividades económicas desenvolvidas no povoado. A sua posição sobranceira à platafor-

(*) Este parágrafo reproduz um excerto do artigo previamente publicado pela signatária. (Ferreira, 2020b)

887 (Almeida, 2006, p. 72; Almeida & Almeida, 2008, p. 16).

888 Inventário nº CSL85.53.

889 (Moore, 1997, nos 293-545).

890 É antecedida pela fase I, do Bronze Final, e pela fase II, da 1ª Idade do Ferro, sem construções pétreas.

891 (Almeida & Almeida, 2008, p. 16).

892 (*Ibidem*, p. 35).

ma litoral, ao oceano Atlântico permitiu igualmente a exploração dos recursos piscícolas e do sal enquanto importante recurso para a preservação dos alimentos, e igualmente, como bem transacionável[893]. A prática da metalurgia encontra-se igualmente atestada no registo arqueológico através da identificação de fragmentos de cadinhos, escórias e vários fragmentos de bronze, localizados predominantemente no setor «T» do castro, local de onde provêm o fragmento de cerâmica grega mencionado.

2.5.8. Santo Estevão da Facha

Viana do Castelo/Ponte de Lima/Facha. CNS: 1173.

Com uma ampla diacronia de ocupação, os registos materiais mais antigos permitem recuar a origem do povoado de Santo Estevão da Facha, de forma segura, pelo menos ao século VI-V a.n.e., ainda que se possa considerar a existência de uma peça metálica com paralelo em outras produzidas a partir do Bronze Final[894]. Tal como os seus congéneres, o povoado localiza-se num outeiro sobranceiro, na margem esquerda do rio Lima, próximo da sua foz.

É em Santo Estevão da Facha que encontramos o maior conjunto de cerâmica grega do Noroeste Peninsular, com cerca de trinta e dois fragmentos identificados[895]. Do conjunto fazem parte três fragmentos de um kratêr-de-sino de figuras vermelhas, dois fragmentos correspondendo a uma pelike, igualmente de figuras vermelhas, quatro fragmentos de taças e cerca de vinte e três fragmentos de figuras vermelhas, de pequeníssima dimensão, correspondendo a formas indeterminadas. Todos os exemplares são de origem ática, confirmada, logo em 1981, por Ricardo Olmos[896].

O atual estado de deterioração dos exemplares e a sua pequena dimensão não permitem, em nenhum dos casos, a atribuição do pintor. As características morfológicas verificadas nos fragmentos sugerem, no entanto, que estamos perante produções da 1ª metade do século IV a.n.e.[897]. O exemplar de kratêr recolhido, conservando apenas o bordo e arranque da parede, apresenta bordo esvasado, de lábio saliente e espessado, antecedido de uma canelura reservada. Também na face externa, apresenta uma canelura, sendo o perfil e diâmetro de abertura semelhante ao do exemplar identificado em Crasto de Palheiro. Da decoração que exibiria, apenas se conservam ténues vestígios de um motivo que poderá corresponder a uma folha de louro.

Os fragmentos de pelikai identificados, de pequena dimensão, correspondem a parte do colo de uma única peça, apresentando o característico perfil convexo. Na superfície externa conservam-se vestígios da decoração, testemunhada através de finos traços pintados a negro, paralelos, que poderão corresponder à representação de um manto. A pequena dimensão do fragmento e dos motivos decorativos não permitem avançar considerações sobre a morfologia da peça ou sugerir a atribuição de um pintor.

Os referidos materiais foram recolhidos nos estratos que correspondem à primeira ocupação do Castro («Castrejo III»), arqueologicamente representada em seis estratos, selados e preservados pelas construções posteriores, e presentes quer no interior de estruturas habitacionais quer fora delas. Ainda que o início desta fase de ocupação seja cronologicamente incerto, tal como anteriormente mencionado, o seu término é-nos dados pela própria cerâmica grega, encontrada na parte superior da estratigrafia, selada por um segundo piso igualmente atribuível à ocupação sidérica do local. A cerâmica grega foi identificada numa zona encostada a um penedo, no estrato [6][898], em associação com alicerces de paredes e uma lareira decorada, para além de outras materialidades cuja produção ocorre fora do Noroeste Peninsular, incluindo contas de

893 (Almeida, 2005, p. 150).

894 Ainda que se possa considerar a existência de uma peça metálica com paralelo em outras produzidas a partir do Bronze Final (Almeida, *et alii*, p. 63), ou ainda, atendendo à existência de taças carenadas do tipo «Alpiarça», que nos permitem recuar a ocupação ao século VII a.n.e.

895 (Almeida *et alii.*, 1981; *VGP*, 2007)

896 (*Ibidem*, 1981, p. 66).

897 Não obstante terem sido realizadas datações de C14 nos estratos de utilização das cerâmicas gregas, os resultados não permitiram afinar a sua cronologia. (Almeida *et alii.*, 1981, p. 72).

898 Igualmente no fino estrato do «Horizonte III A».

pasta vítrea[899], com destaque para um exemplar oculado. Além dos mencionados conjuntos, esta fase de ocupação regista igualmente a presença de exemplares de cerâmica pintada e de cerâmica de engobe vermelho[900], de produção presumivelmente regional, ainda que a sua origem esteja por determinar.

A cerâmica comum de produção local, igualmente presente neste momento, regista características pouco usuais em outros povoados do Noroeste, destacando-se pela escassa diversidade de perfis e pelo predomínio dos colos verticais, bordos horizontais ou bordos de lábio boleado e dos fundos planos. As pastas são semelhantes, relativamente finas, com superfícies polidas ou alisadas[901]. Formas, pastas e decorações coadunam-se com as produções sidéricas mais antigas identificadas, atribuídas à cultura castreja[902]. A par dos exemplares cerâmicos foram igualmente identificados fragmentos de vasos fabricados em madeira, escassamente representados no registo arqueológico em consequência das limitações que se colocam à sua preservação.

O momento prévio à chegada dos materiais gregos é relativamente pouco conhecido. As construções, de difícil caracterização, parecem indicar a existência de diferentes fases construtivas, ainda que o material seja relativamente semelhante até meados do século V a.n.e.[903]. Identificam-se para este período, particularmente na sua fase final, várias casas circulares pétreas, com pisos finos e lareiras mais ou menos cuidadas, centrais e, inclusivamente, exteriores ao espaço de habitação. Os conjuntos materiais, com abundantes testemunhos, compõem-se maioritariamente de cerâmica comum de produção local. Merecem particular destaque os vasos de média dimensão com decoração plástica composta de cordões aplicados na pança ou colo das peças. Regista-se igualmente escassos exemplares que atestam o estabelecimento de contactos precoces com produções exógenas à região[904].

Encontrada na parte superior do estrato [6], a chegada da cerâmica grega precede uma fase de transformação do povoado, designada por «Horizonte II» pelos investigadores que conduziram trabalhos neste local[905]. A mudança ocorre a partir de meados do século IV a.n.e., e expressa-se através da remodelação e à construção de espaços habitacionais.

Por último, destaca-se a colina onde se implanta o povoado, verifica-se a presença de filões ricos em estanho, assim como de ouro[906], cujo aproveitamento está espelhado na riqueza dos materiais identificados no castro e na presença abundante mós destinadas a moer o minério. Seguindo a mesma tendência, foram identificados três fragmentos de cadinhos cerâmicos contendo restos de metal no seu interior, um molde para lingotes, produzido em xisto, e um fragmento de bronze «entornado em fusão»[907]. O acesso a este recurso deverá ser tido em conta como possível elemento de troca e acréscimo do poder de compra das comunidades que ocuparam o povoado[908]. As trocas com base no metal como recurso, são desde logo, um dos vetores/ impulsionadores mais frequentemente apontados para o desenvolvimento do comércio no Mediterrâneo.

899 (Almeida et alii., 1981, p. 70).

900 (*Ibidem*, p. 63).

901 (*Ibidem*, pp. 66-67).

902 (*Ibidem* 1981, p. 68), com base nas tipologias de A. de Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

903 Não obstante a reduzida área intervencionada, as evidencias arqueológicas parecem testemunhar um primeiro momento que marcado pela ausência de construções pétreas, podendo os espaços habitacionais e outros apresentar uma construção com base em materiais perecíveis, tal como ocorre em outros povoados do Noroeste Peninsular.

904 (*Ibidem* p. 75-76).

905 (*Ibidem*, 1981).

906 (*Ibidem*, 1981, p. 4).

907 (*Ibidem*, 1982, p. 70).

908 (*Ibidem*, 1981, pp. 66-67).

2.5.9. Castro do Alto do Coto da Pena

Viana do Castelo/Caminha/Caminha (Matriz) e Vilarelho. CNS: 51.

Localizado na margem esquerda do rio Minho, próximo da sua foz, o povoado do Alto do Coto da Pena testemunha uma vez mais a relação próxima entre o modo de vida das comunidades proto-históricas e os recursos aquíferos. De igual forma, tal como ocorre com a generalidade dos castros do Noroeste Peninsular, a área construída e identificada do povoado ocupa um espaço dotado de excelentes condições naturais defensivas e de uma ampla visibilidade da paisagem, otimizando o controlo do território envolvente. A partir deste povoado é atualmente possível avistar diversos sítios com ocupação sidérica arqueologicamente comprovada, destacando-se o castro de Santa Tecla, onde se verificou igualmente a presença de materiais gregos.

As intervenções arqueológicas conduzidas neste local permitiram colocar a descoberto várias estruturas habitacionais pétreas, de planta circular e retangular de cantos arredondados, assim como um espaço central circular, de maiores dimensões, construído na cota mais elevada da colina[909]. O conjunto habitacional é delimitado por uma linha de muralha, a única identificada até ao momento, que complementaria as condições de defesa naturais garantidas pela topografia. A muralha, construída num momento inicial de ocupação do povoado, regista um período de utilização curto, sendo a sua condenação prévia à chegada de quantidades significativas de cerâmica de importação e ao momento de maior prosperidade do povoado. É possível que esta linha defensiva tenha sido substituída por uma outra, com um perímetro mais alargado, não estando a mesma, até ao presente momento, identificada no registo arqueológico.

Nos estratos sidéricos foram exumados abundantes conjuntos materiais, com destaque para os cerâmicos, verificando-se a coexistência de produções de fabrico local/regional e quantidades consideráveis de cerâmica importada. A primeira, com uma grande diversidade de formas, caracteriza-se pelas pastas grosseiras, não obstante o grande cuidado empregue nos acabamentos, e pela riqueza ornamental, com padrões variados, estampados e incisos[910].

A cerâmica de importação é maioritariamente de proveniência ou tradição púnica. Predominam os fragmentos de ânfora e de recipientes de grande capacidade. Com um fabrico feito à roda, caracteriza-se pelas pastas de cor laranja, com tonalidade avermelhada, geralmente friáveis, porosas e relativamente depura- das. As superfícies são alisadas e cobertas de um espesso engobe ou pintura, geralmente de cor bege[911]. Associados a estes materiais surgem igualmente, em menor quantidade, recipientes de fabrico idêntico, mas de menor dimensão. Considerando os dados estratigráficos, a importação de produtos púnicos restringe-se, neste local, aos séculos IV e III a.n.e.[912]. Em igual período chegam a este território vasos de bandas pintadas, associados a estratos da segunda metade do século IV a.n.e. Por último, foi possível identificar um fragmento de cerâmica ática, recolhido no estrato [03][913]. O avançado estado de deterioração do fragmento não permite determinar a forma a que pertenceria. Tratar-se-á possivelmente de um fragmento de figuras vermelhas, não sendo possível a identificação dos motivos decorativos que exibiria[914]. Igualmente neste local foram recolhidos dois fragmentos de ânfora, correspondendo ao bojo da peça, exibindo decoração de bandas paralelas de cor ocre[915], assim como um fragmento de ânfora do tipo 11.2.1.3 de Ramón Torres (1995), atribuível ao século IV a.n.e.

909 (Silva, 1986, pp. 45-46).

910 O estudo de uma amostragem de sessenta e quatro cerâmicas proto-históricas exumadas comprovou, uma vez mais, a ampla diacronia de ocupação deste local, iniciando-se no Bronze Final e prolongando-se até à Idade Média. O estudo, macroscópico, mineralógico e químico das pastas cerâmicas atestou ainda o predomínio das peças de fabrico local, utilizando diferentes matérias-primas, ainda que a presença de amostras com composições diferentes indique também a existência de trocas comerciais de objetos cerâmicos (Seixas, 1996, p. 136)

911 (Silva, 1986, p. 135).

912 (*Ibidem*, p. 135).

913 Corte A-B (*Ibidem*, p. 136).

914 A descrição e classificação do exemplar é feita com base em (*Ibidem*, 1986).

915 (*Ibidem*, 1986).

A partir de meados, e sobretudo do final do século passado foram identificados, um pouco por todo território correspondente à Galiza, materiais que testemunham uma importante presença de cerâmica grega nesta região[916], e que nos permitem caracterizar a fisionomia e as várias fases cronológicas do seu comércio e do intercâmbio cultural estabelecido em diversos contextos de ocupação humana da Idade do Ferro (*).

Não obstante as potencialidades do seu estudo e a crescente evidência da presença destas produções, foram escassas e esporádicas as investigações que deram conta da sua importância no registo arqueológico. A reduzida quantidade de fragmentos identificados em cada arqueossítio, associada às correntes de investigação vigentes, centradas na procura da definição da cultura castreja, contribuíram para a desvalorização destes achados e para a falta de investimento nos estudos sobre o real alcance do comércio de produtos de matriz orientalizante. A falta de familiaridade com as produções mediterrânicas por parte dos investigadores responsáveis pelas campanhas de campo conduzidas no Noroeste agravou esta tendência de secundarização dos materiais exógenos, gerando naturais erros de classificação e datação dos conjuntos identificados. Quando a natureza orientalizante destes materiais foi reconhecida, a sua divulgação ocorreu em plataformas com reduzida divulgação no meio académico, permanecendo este território à margem do interesse dos estudiosos do mediterrâneo e, consequentemente, da esfera do conhecimento sobre o co- mércio de produtos orientalizantes na Península Ibérica.

Na última década, esta tendência tem-se invertido em resultado da realização das campanhas de escavação sistemáticas em arqueossítios galegos com uma importante presença de materiais importados, com origem mediterrânica. Merecem particular destaque os trabalhos desenvolvidos no povoado A Lanzada, nos castros de O Neixón e na Ría de Vigo que, a par com a revisão de materiais recolhidos em campanhas de escavação antigas[917], permitiram acrescentar novos e importantes dados sobre as problemáticas ligadas ao comércio de produções cerâmicas orientalizantes no Noroeste, despertando assim o interesse de novos investigadores para esta temática[918].

A ampliação da quantidade de materiais orientalizantes identificados na Galiza, o número crescente de sítios arqueológicos com presença destes materiais[919], e o reconhecimento de possíveis espaços de culto de matriz púnica nas rias galegas[920], contrastam, no entanto, com a estagnação dos dados verificados para o Norte do atual território português. Uma estagnação que se justifica, sobretudo, pela ausência de trabalhos arqueológico de campo sistemáticos, recentes, realizados com vista ao esclarecimento de problemáticas ligadas à ocupação sidérica desta região.

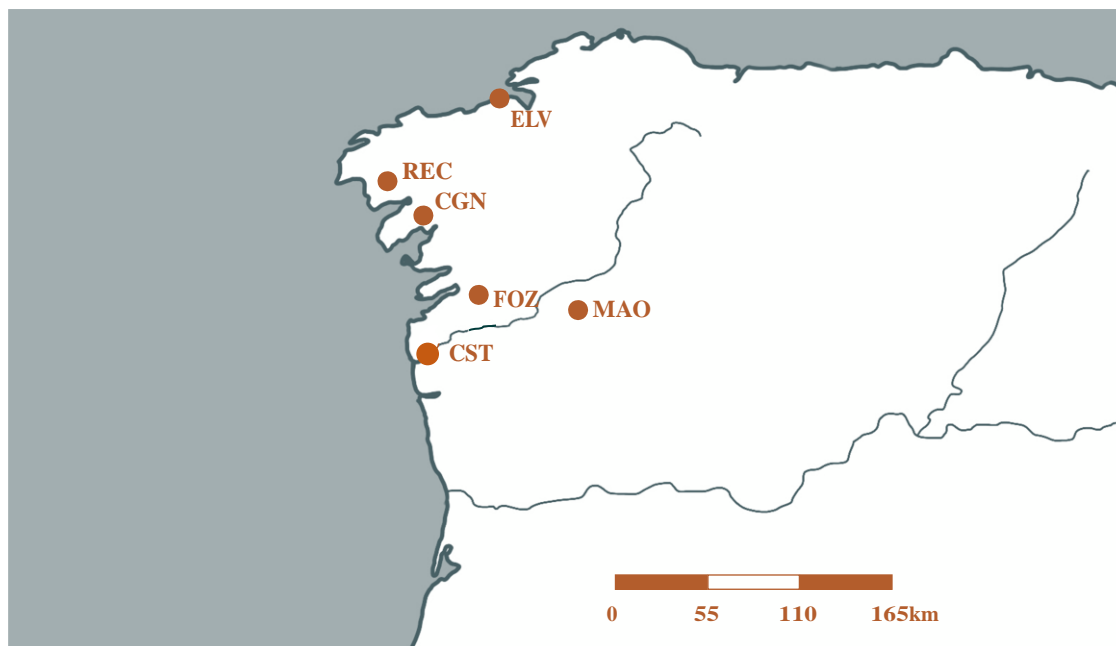
(*) Este parágrafo reproduz um excerto dos artigos previamente publicados: Ferreira, 2019, p. 521; Ferreira, 2020b, p. 66

916 E.g. (Losada Diéguez, 1943; Lorenzo Fernández, 1956; Bouza Brey, 1957; Hidalgo Cuñarro & Costas Goberna, 1978; Naveiro López, 1991).

917 (González Ruibal, 2006-2007).

918 A par da publicação dos novos achados e dos resultados das intervenções de campo, surgem compêndios sobre o tema (E.g. Paz Viruet, 2016), reunindo os resultados das escavações mais recentes em confrontação com informações obtidas a partir das fontes literárias.

919 (E.g. Suárez Otero, 2004; Aboal & Castro, 2006).

920 (Abad Vidal, 1998; Suárez Otero, 2004; González Ruibal, 2006-2007; Aýan Vila et alii., 2008; Rodríguez Corral, 2008).

Mapa 9. Mapa de distribuição dos sítios arqueológicos com presença de materiais gregos na Galiza.

Deste desequilíbrio nos dados obtidos para o Norte e o Sul do rio Minho, resultou o desenvolvimento de teses que defendem o estabelecimento de relações comerciais com maior intensidade e frequência no litoral galego por comparação com a região portuguesa a Norte do rio Mondego[921]. O acesso facilitado ao estanho e ouro a partir das rias galegas[922], a arqueologicamente comprovada obtenção de tinta da cor púrpura nesta região[923], e as boas condições de navegabilidade e abordagem da costa nas Rias Baixas[924], são os principais argumentos que sustentam a referida tese, defendendo assim o maior alcance do comércio orientalizante na costa da atual Galiza.

Como é habitual para a generalidade dos exemplares gregos encontrados na fachada atlântica da Península ibérica, todos os testemunhos registados na Galiza apresentam-se muito fraturados, dificultando a determinação da sua forma, cronologia ou do seu pintor, no caso particular dos exemplares de figuras vermelhas. Registam igualmente profundas alterações na composição das suas pastas e na deterioração dos engobes, em muitos casos, praticamente ausentes. Esta circunstância, gerou naturais dificuldades de classificação confundindo-os com produções cronologicamente posteriores[925]. Regra geral, são procedentes de contextos de *habitat*, não obstante em outras áreas da Península Ibérica registar-se a presença de cerâmica grega em âmbitos funerários e religiosos.

As cerâmicas gregas representam percentagens diminutas no cômputo geral dos materiais identificados em cada um destes arqueossítios, cingindo-se frequentemente apenas a uma ou duas peças. São, por essa razão, frequentemente interpretados como bens de prestígio, associados às elites locais, valorizando-se a qualidade estética destas produções[926].

Seguindo a tendência verificada no Norte do atual território português, constata-se nos conjuntos de cerâmica grega identificados na Galiza a presença da forma kratêr-de-sino, representada através de um

921 (González Ruibal, Rodríguez Martínez & Aýan Vila, 2010; Paz Viruet, 2016).

922 (Hidalgo Cuñarro & De La Peña Santos, 2000).

923 (Aýan Vila, et alii. 2012).

924 (E.g. Naveiro López, 1991; Rodríguez Corral, 2009).

925 (González Ruibal, Rodríguez Martínez & Aýan Vila, 2010).

926 (Paz Viruet, 2016).

exemplar recolhido no Castro de «A cidade de Caneiro» - Fozara (Ponteareas, Pontevedra)[927]. As formas aqui mencionadas são produzidos em Atenas a partir do segundo quartel do século V a.n.e.[928], sendo, no entanto raros os exemplares deste período. O fabrico destas peças aumenta consideravelmente no decorrer do terceiro quartel e, ao longo da centúria seguinte torna-se a forma ática de figuras vermelhas mais comum, deixando de ser produzida apenas no final do século IV a.n.e.[929].

Tal como na generalidade dos fragmentos áticos identificados no Norte de Portugal, nos conjuntos analisados predominam os vasos de figuras vermelhas, registando-se, no entanto, um reduzido número de exemplares totalmente revestidos de verniz negro. No caso destes últimos, considerando o seu estado avançado de fragmentação, é possível que pudessem, parte deles, corresponder a exemplares de figuras vermelhas, conservando-se apenas partes não decoradas.

Figura 13 - Fragmentos de cerâmica ática do Castro A Forca. (Em cima) Fragmento de possível prato de peixes totalmente revestido de verniz negro; (em baixo) desenho de kratêr indeterminado de figuras vermelhas. Desenhos da autoria de Carballo Arceo, 1987, lám. XXVIII.

Entre os séculos V e IV a.n.e., a chegada de produtos gregos parece acompanhar a importação de um número muito considerável de exemplares anfóricos, particularmente das séries 11 e 12 de Ramón Torres (1995) / Mañá-Pascual A4, presente em diversos povoados da Galiza[930]. Além destes elementos, verifica--se a chegada de recipientes em vidro sobre núcleo de argila destinados a conter unguentes e perfumes e contas oculadas de pasta vítrea, relativamente abundantes na Galiza[931], e igualmente presente no Norte de Portugal, em Romariz, no Castro das Ermidas, em Santo Estevão da Facha e Crasto de Palheiros, mencionando apenas alguns exemplos. A dispersão territorial das contas oculadas para áreas mais interiores, por vezes sem associação a outras materialidades exógenas, sugere a sua comercialização através de redes de comércio interno, tirando proveito da facilidade do seu transporte[932].

O comércio dos produtos de natureza diversificada, tendo em comum a origem mediterrânica, contribuiu para a fundação e crescimento de espaços interpretados por alguns investigadores como possíveis *emporia*[933]. Esta aceção, baseada na identificação do que consideram ser uma grande concentração de materiais púnicos, não reúne, no entanto, consenso, desenvolvendo-se mais recentemente correntes de investigação que defendem simultaneamente um menor alcance do comércio oriental e meridional no território da Galiza e a sua associação a cronologias posteriores, em torno do século III a.n.e.[934].

927 (Hidalgo Cuñarro, 1978). E igualmente no povoado A Forca - A Guarda, Pontevedra, (Carballo Arceo, 1987, p. 111).

928 (Moore 1997, p. 31).

929 (*Ibidem*).

930 Carballo Arceo, 1987, p. 139; González Ruibal, 2006-2007; Rodríguez Corral, 2008).

931 (*Ibidem*).

932 (E.g. González Ruibal, *et alii*., 2010; Rodríguez Corral, op. cit.; 2009).

933 (González Ruibal, *et alii*, 2010),

934 (Dados inéditos apresentados por Alberto Santos, na comunicação «Púnicos en el Noroeste, revisión de contextos y conceptos.» em Reunión «*Paisajes Rurales Antiguos del Noroeste Peninsular: Formas de Dominación Romana y Explotación De Recursos*» decorrida em Madrid, a 18 de junho de 2019.

Esta forte presença de testemunhos forâneos, incluindo de vasos gregos, contrasta, no entanto, com a estagnação dos dados verificados para o Norte do atual território português. Uma estagnação que se justifica, sobretudo, pela ausência de trabalhos arqueológico de campo sistemáticos, recentes, realizados com vista ao esclarecimento de problemáticas ligadas à ocupação sidérica desta região.

A existência de portos naturais, com boas condições para a abordagem da costa, revelou-se condição fundamental para o estabelecimento das relações comerciais e a articulação dos povoados costeiros a cursos fluviais navegáveis possibilitou a redistribuição de produtos para áreas mais interiores. Por oposição ao que se verifica no Sul do atual território português, esta redistribuição ocorreu em pequena escala, localizando-se os arqueossítios com vestígios de cerâmica grega regra geral, a menos de 20 km da atual linha de costa.

Para a Cantábria, Aquitania e País Vasco não são conhecidos, até ao presente momento, materiais gregos ou produções cerâmicas de confirmada origem púnica, registando-se exclusivamente a importação de contas oculadas[935]. O arqueossítio de Campa Torres constitui o local mais oriental com presença de cerâmica orientalizante, registando simultaneamente exemplares púnicos e gregos[936]. A cerâmica grega recolhida neste povoado restringe-se, no entanto, a um único fragmento, de fabrico ático, de pequena dimensão e forma indeterminável, apresentando-se parcialmente revestido de verniz negro.

Fora da área geográfica abordada no presente trabalho, verifica-se a importação de cerâmica grega no Nordeste Península Ibérica, registando-se um exemplar ático no castro de Dehesa de Morales, em Fuentes de Ropel[937], localizado na desembocadura do rio Douro. Trata-se de um fragmento de asa de pelike, de figuras vermelhas, registando características formais e decorativas concordantes com as produções de 370-350 a.n.e., à semelhança da cronologia proposta para o exemplar de forma análoga encontrado no castro de Santo Estevão da Facha. Apresenta decoração na asa composta da representação de palmetas[938].

Ainda que a chegada de produtos com origem no Mediterrâneo se verifique em momentos precoces da Idade do Ferro, é no século IV a.n.e. que ocorre a plena ampliação destes circuitos comerciais ao Atlântico. Além de se verificar, neste momento, a chegada de bens importados a áreas mais setentrionais da Galiza e o aumento exponencial de sítios arqueológicos com testemunhos materiais forâneos, regista-se também a introdução dos primeiros exemplares gregos.

São as Rías Baixas que testemunham com maior intensidade o estabelecimento de relações comerciais desta índole. Destaca-se particularmente a Ría de Vigo, com abundantes testemunhos de materiais exógenos, designadamente púnicos, distribuídos em percentagens desiguais por vários núcleos de povoamento[939]. Procedente do Castro de «A cidade de Caneiro» - Fozara, já mencionado, regista-se, entre outros materiais forâneos, um fragmento de um kratêr-de-sino[940]. O exemplar corresponde a uma asa de fabrico ático, de perfil oval, conservando apenas parte do verniz que a revestiria.

Na Ría de Arousa, ainda que as importações púnicas e gregas não registem uma dispersão geográfica tão vasta, a plena integração nos circuitos comerciais de produtos e influencias mediterrâneas e meridionais encontra expressão na abundância de cerâmica importada identificada no povoado A Lanzada. Escavado ao longo de duas décadas, permanecem, no entanto, inéditos os dados referentes às diversas campanhas arqueológicas de campo realizadas neste local. Destaca-se, contudo, o trabalho de Suárez Otero e Fariña Busto (1990), onde é referido um número avultado de materiais com origem no Mediterrâneo, incluindo ânforas púnicas, greco-itálicas e cerâmica pintada púnica, sugerindo a aquisição de produtos forâneos entre os séculos V e III a.n.e. Os materiais mais antigos são procedentes do «Setor Exterior» do Castro, abandonado aparentemente em torno do século III a.n.e., concentrando-se o povoamento numa outra área mais elevada, designada como Campo da Lanzada[941]. González Ruibal (2003) desenvolve igualmente estudo sobre este local de ocupação antiga, revendo os materiais encontrados, identifica um fragmento de pé que classifica como pertencente a um exemplar cerâmico ático de verniz negro, tal como um colo de um vaso feito a torno, antropomorfo, presumivelmente púnico. Observando exclusivamente o desenho da peça apresentado por este investigador, não se verifica a correspondência a nenhuma tipologia grega

935 E.g. (Smith, 1985).

936 (Maya González, 1988, p. 193-194; Maya González & Cuesta Toribio, 2001, pp. 154-157).

937 (Martín Valls & Delibes De Castro, 1978, p. 329, fig. 4.1).

938 (*Ibidem*).

939 E. g. Montealegre, Cíes, Cabo domar, entre outros.

940 (Hidalgo Cuñarro, 1978, Naveiro López, 1991, Gonçalez Ruibal, 2006/2007, vol. 2, p. 513).

941 Suárez Otero & Fariña Busto, 1990).

conhecida, pelo que colocamos profundas reservas à sua classificação como cerâmica grega, não sendo por isso integrado no presente estudo. Os materiais estão desprovidos de enquadramento estratigráfico e contextual.

Estruturas identificadas neste local, de planta regular e esquinas de ângulos tendencialmente retos, foram interpretadas como possíveis áreas votivas de influência marcadamente mediterrânea[942].

Igualmente na Ría de Arousa, regista-se a presença de cerâmicas e vidros púnicos, assim como de contas oculadas, provenientes dos povoados de O Achadizo (Boiro, A Coruña) e Alobre (Vilagarcía de Arousa, Pontevedra), verificando-se neste último local, a presença de um exemplar cerâmico classificado com re- servas como grego[943]. Trata-se de um fragmento revestido de verniz negro, muito deteriorado, pertencente a uma forma indeterminável.

Nas Rías de Muros os castros com registo de materiais forâneos são diminutos em resultado da ausência de trabalhos arqueológicos sistemáticos no referido território. Quando estes se verificaram, designada- mente nos castros de Baroña e Recarea, foram identificados testemunhos de produções cerâmica ibero- púnicas[944], associadas ao primeiro local mencionado, e fabricos púnicos, gregos e ibéricos no caso particular do povoado de Recarea[945]. O exemplar grego aqui recolhido corresponde a uma forma indeterminável, de fabrico ático, conservando apenas vestígios do engobe negro que apresentaria.

Tal como nas Rías baixas, também pontuais arqueossítios localizados nas Rías Altas registam um grande crescimento no decorrer do século IV a.n.e., possivelmente relacionado com a integração destes espaços nas rotas comerciais de produtos do mediterrâneo. O Castro de Elviña, beneficiando de uma localização geográfica privilegiada na baía de A Coruña, destaca-se entre os demais não só pela sua grande dimensão, como pela considerável quantidade de bens importados que regista. A identificação de áreas de grande potencial enquanto zonas de fundeadouro e ancoragem justificará, possivelmente, esta abundante presença. Além de fragmentos de ânforas púnicas Mañá Pascual A4[946], provenientes da zona de porto, regista ainda a presença de contas oculadas e fragmentos de cerâmica ática de verniz negro[947].

Por último, registar-se-á possivelmente a presença de cerâmica grega no povoado de Castromao[948], localizado numa área mais interior do território Galego, e no Castro de Santa Tegra, este último implantado na margem Norte do rio Minho. De cada um deste local é proveniente um fragmento correspondendo a uma forma indeterminada, não se conservando nenhum elemento decorativo passível de identificação. Documenta-se ainda no Castro de Santa Tegra uma pequena estátua de bronze representando Hércules, recolhida na parte superior do povoado[949], assim como materiais classificados como púnicos e tardo-púnicos relacionáveis com os contactos comerciais estabelecidos com o mundo meridional.

Para o Castro Grande de O Neixón (Boiro, Coruña), tem vindo a ser sucessivamente publicado a notícia do aparecimento de um olpe grego, identificado na campanha de trabalhos arqueológicos de 2004. O referido exemplar é, no entanto, caracterizado no relatório de escavação da referida campanha como «olpe púnico»[950], sendo em trabalhos posteriores descrito como uma jarra cuja forma tem origem grega[951]. Ainda que a origem ática desta peça não se confirme, na campanha de trabalhos de campo de 2007 foi possível recuperar dois fragmentos de «cerâmica ática de engobe negro»[952], de forma indeterminada e pequena dimensão (CGN/001 e CGN/002). São ambos provenientes da unidade estratigráfica [1], correspondendo a um nível de revolvimento.

A reduzida quantidade de exemplares gregos identificados no território galego demonstra a natureza excecional assumida por estas produções, podendo esta raridade e singularidade justificar um maior perío-

942 (González Ruibal, 2003, pp. 218-219).

943 (Fernández Gil y Casal, 1916). Não foi considerado como produção grega no presente estudo.

944 (Calo Lourido & Soeiro, 1986, fig. XVI).

945 (Rey, 1992, p. 112-114).

946 (Naveiro, 1982, pp. 68-69).

947 (Luengo, 1954-1955, p. 98; 1979, lâm. X).

948 (Fariña Busto, 1991).

949 (Acuña Castroviejo, 1976, p. 67). Registando-se igualmente a presença de uma estátua em bronze de matriz orientalizante em Ortigueira, associada ao rio Dola (Ramil González, 1999).

950 Fragmento com a sigla 002255 do setor A (Criado Boado & Ayán Vila, 2004).

951 E.g. (Criado Boado, Ayán Vila & González Pérez, 2007).

952 (Criado Boado, Ayán Vila & González Pérez, 2007).

do de amortização destes bens, sendo frequentemente identificados em associação com materiais cronologicamente posteriores. A tendência de concentração destes produtos em áreas litorais e/ou na dependência de cursos fluviais navegáveis reflete não só a existência de distintas condições de acesso a estes bens, como poderá, de igual forma, traduzir a heterogeneidade cultural das comunidades da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular e o diferente significado e relevância dado por cada uma delas a este tipo de produtos.

No decorrer das últimas décadas, tem vindo a ser identificados vários exemplares de cerâmica produzida local/ regionalmente, que adotam elementos formais e decorativos inspirados nos kratêres-de-colunas áticos[953]. Não correspondem a reproduções exatas ou inclusivamente aproximadas, dos protótipos formais ou estilísticos gregos, mas antes a reinterpretações destas peças, expressas na adoção de um ou outro elemento inspirado em vasos oriundos do Mediterrâneo Oriental. Correspondem à «Forma 13» das 23 for- mas cerâmicas definidas por Josefa Rey Castiñeira, para o estudo das produções castrejas da Galiza, sendo descrita da seguinte maneira:

> «Forma 13. Vasija panzuda con el cuello cóncavocurvo, a veces ligeramente recto y de altura variable, el labio es siempre plano horizontal. Su diámetro oscila entre los 10 y los 20 cm. Su característica más distintiva son las asas de forma trapezoidal, situadas en el cuello y adosadas a la parte inferior del labio, que recuerdan a las de las cráteras. Suelen tener el cuerpo decorado y también la cara superior del labio, esta última con estructura metopada.»
>
> (Rey Castiñeira, Algunas Consideraciones sobre Cerámica Castreña, p. 187).

Ainda que sejam os exemplares cerâmicos da forma kratêr-de-sino os que encontram testemunho no registo arqueológico do atual território galego, não estando identificado, até à presente data, nenhum fragmento cerâmico de kratêr-de-colunas, é este último tipo de vaso que parece servir de inspiração às produções fabricadas na região, particularmente no que às asas diz respeito.

Considerando a ausência de testemunhos cerâmicos desta forma e a recorrência com que a mesma é reproduzida em metais nobres, com destaque para os exemplares gregos em bronze, poder-se-á pensar nestes últimos como modelo de inspiração para os exemplares galegos. A tradição de copiar, em cerâmica, os modelos formais e estilísticos presentes em recipientes metálicos é bem conhecida na região em estudo, destacando-se a imitação das sítulas metálicas, arqueologicamente comprovada um pouco por toda a Galiza[954].

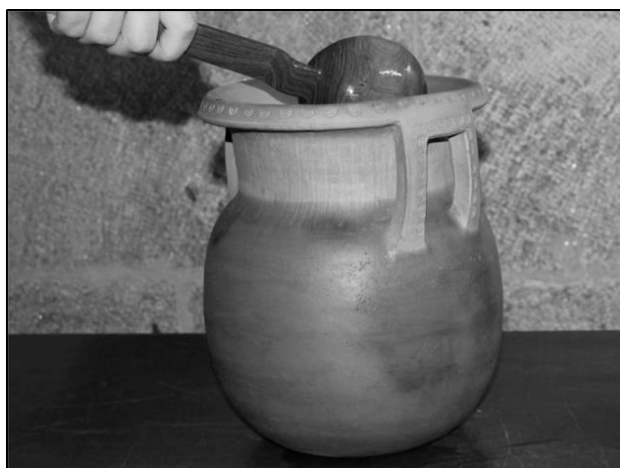



Figura 14. Reprodução de um vaso procedente do Castro de Toralla, com possível inspiração nos kratêres--de-colunas. Reprodução da autoria de Fundación Terra Termarum (Cortegoso 2012 *apud* Amaro-Rodríguez, E., *et alii*, 2015, p. 107).

953 (Amaro-Rodríguez, *et alii*, 2015, p. 107).

954 (Rey Castiñeira, 2005, p. 76; Rey Castiñeira, 2014).

A recorrência com que o metal é fundido e reutilizado poderá facilmente explicar a sua ausência no registo arqueológico e o seu valor estético (e simbólico) e durabilidade – quando comparado com as produções cerâmicas – poderá justificar a sua escolha como fonte de inspiração, possivelmente num momento em que os kratêres cerâmicos já não estariam acessíveis nas redes de comércio de produtos orientalizantes.

A incorporação de influências orientalizantes nas produções cerâmica das comunidades sidéricas da Galiza representa a conciliação da estética e dos hábitos de consumo do mundo Mediterrâneo com o Noroeste Peninsular. A este propósito, refere J. Naveiro López:

> «Podemos suponer que una élite deseaba reproducir las maneras mediterráneas incorporando en la escenografía de sus banquetes su bebida (el vino) y su vajilla (vasos de barniz negro de producción ática, entre las que se registran cráteras, páteras de las denominadas "platos de pescado", pelikes y kylix)»
>
> (Naveiro Lópes, 1991, 26-27).

A reprodução interpretada de kratêres-de-colunas não é novidade na Península Ibérica[955], constatando anteriormente Pierre Rouillard a mesma tendência verificada na Galiza, assente na imitação de exemplares de kratêres-de-colunas em detrimento dos kratêres-de-sino, com maior expressão percentual nos conjuntos de cerâmica grega importada[956]. Mencionamos, a título de exemplo, o exemplar de Atalayuelas (Fuerte del Rey/Torredelcampo, Jaén)[957] no qual se verifica a adoção de uma iconografia com origem oriental. Contrariamente ao protótipo grego, com duas asas que lembram a forma de colunas, o vaso de Jaén regista três destes elementos, demonstrando assim, por um lado, a adaptação deste exemplar às necessidades e ao conhecimento técnico/tecnológico autóctones e possivelmente ao gosto local. Este exemplar, tal como os que se registam na Galiza, são testemunhos de um processo de incorporação da estética orientalizante, devidamente interpretada às tradições oleiras locais. Se este processo de integração de elementos iconográficos forâneos é habitual em comunidades que recebem bens exógenos de forma direta, intensa e continuada, no caso particular da Galiza, onde o grau de orientalização ainda é discutido, esta problemática adquire particular interesse. Ainda que a cerâmica grega não encontre abundantes testemunhos do território em análise, a sua estética foi absorvida pela tradição oleira local, não estando claro se por via dos vasos cerâmicos ou de exemplares metálicos.

III CATÁLOGO E ESTUDO DOS MATERIAIS

1. QUESTÕES TERMINOLÓGICAS

A ausência de trabalhos de sistematização dos conjuntos de cerâmica grega, no momento em que a mesma desperta o interesse de estudiosos, no século XVIII[958] e no decorrer da evolução do seu estudo, contribuiu para a adoção de critérios díspares no respeitante à nomenclatura aplicada às formas destes vasos. As propostas iniciais para o seu estudo não foram além das tentativas isoladas dos investigadores que procuravam dar sentido aos conjuntos de cerâmica grega identificados em cada um dos sítios arqueológicos analisados[959]. Diferentes critérios de categorização foram adotados, ambicionando-se frequentemente a procura das designações originais adjudicada a cada forma cerâmica. Não obstante a aplicação desta

955 (Page Del Pozo, 1984, pp. 59-60 e 286-287; Sánchez, 2000b, 185-186).

956 (Rouillard, 1991, pp. 348-349).

957 (Pachón Romero, Carrasco Rus & Aníbal González, 2007).

958 Ainda que inicialmente classificada como Etrusca, cabendo a A. R Mengs e posteriormente J. J. Winckelmann (1764) o reconhecimento da sua origem grega.

959 Sobre a tentativa de sistematização de D. Robinson *vide* (Sparkes & Talcott, 1970, p. 9, nota 10).

arqueologia filológica ter despertado nos inícios de 1800[960], é a obra «*Shapes and Names of Athenian Vases*» (1935) de Gisela Richter e Marjorie Milne, que subsiste, ainda na atualidade, como referência para museus e investigadores no que concerne ao estabelecimento da nomenclatura da cerâmica decorada com base na procura das fontes antigas. A ausência de uniformização, no próprio Mundo Clássico, no que respeita à terminologia adotada para as formas cerâmicas[961] imbuiu, contudo, esta proposta de significativas lacunas terminológicas, resultando delas a consciencialização da necessidade de critérios de normalização alternativos. De igual forma, a proliferação dos estudos sobre cerâmica grega no decorrer do século XX, impulsionou a criação de novos critérios diferenciais e terminológicos que procuraram dar resposta a um tema cada vez mais especializado. Tome-se em exemplo, os catálogos de cerâmica grega[962] de J. D. Beazley, nos quais se introduz definitivamente a distinção de variantes entre as formas já conhecidas; e a grande variedade de formas, tipos e subtipos estabelecida para a cerâmicas lisas de verniz negro, definidas por Nino Lamboglia (1955). As escavações conduzidas por este último investigador em Ventimiglia, aplicando o método estratigráfico aos contextos, marcaram o afastamento do critério filológico e a gradativa adoção de um critério numérico, terminologicamente normalizado, aplicado às formas cerâmicas de verniz negro. O ensaio de sistematização de Lamboglia foi posteriormente incrementado pelo contributo de diversos investigadores, entre os quais M. Almagro Basch, E. Cuadrado e J. P. Morel[963], sem que nunca se tenha, no entanto, universalizado. As novas e antigas propostas classificatórias continuaram assim a coexistir, muitas vezes aplicadas de forma híbrida.

Volvidas cerca de duas décadas de novos dados sobre conjuntos cerâmicos e centros de produção[964], são publicados os resultados das intervenções conduzidas pela escola americana na Ágora de Atenas. A profundidade do estudo encetado neste local, por Brian A. Sparkes, Lucy Talcott e Gisela Richter (1970) contribuiu para a sistematização dos conjuntos cerâmicos áticos de verniz negro, e a terminologia por eles adotada foi rapidamente aceite pela comunidade científica inglesa, difundindo-se e assumindo um papel de destaque no panorama dos estudos das produções áticas. Sparkes e Talcott procuraram conciliar a procura dos nomes originais das peças e a sua tradução, à semelhança dos investigadores que o antecederam, preenchendo as lacunas existentes com a adoção de uma nova terminologia, baseada nas características e usos dos conjuntos cerâmicos. Os resultados dos trabalhos conduzidos na Ágora de Atenas apresentaram-se, de igual forma, como uma referência para a classificação e estudo das produções de cerâmica ática de figuras vermelhas, desta vez pela mão de Mary B. Moore (1997). Idêntica classificação foi adotada, procurando-se reconstituir os nomes tradicionais, complementados, sempre que necessário, por uma lexicografia definida pela autora.

A par dos critérios expostos, surgem termos modernos que resultam estritamente de convenções que em nada traduzem a função antiga ou recente dos vasos. É o caso da designação «bolsal», uma conjunção entre as iniciais das cidades de **Bol**onia e **Sal**ónia, locais de depósito de um número avultado de exemplares desta variante de taça; ou das «ânforas SOS», termo que designa a variante dos recetáculos anfóricos decorados com motivos que se assemelham aos caracteres que lhe dão o nome.

A opção por um dos critérios mencionados de acordo com a preferência de cada investigador ou a conjugação de diferentes critérios, apresentando por exemplo tabelas de correspondência, manteve-se até aos dias de hoje, não se verificando consenso sobre a escolha da terminologia a utilizar. Merece particular destaque a manutenção do termo kýlix nas produções áticas e do Sul de Itália, preservando-se a tradição herdada do século XIX, e como alternativa à designação «taça/ cup», largamente aceite para as produções jónicas. As características formais e funcionais particulares da forma kýlix, e a sua dissemelhança em relação ao termo moderno de «taça», têm sido os fatores apontados como justificantes para a manutenção do nome originalmente dado a estas peças[965].

960 E.g. Anthony Rich, *Diccionarios de las antigüedades latinas y griegas*.

961 Sobre esta temática veja-se, em exemplo, (Sparkes & Talcott, op. cit., p. 3; Trías, 1967, vol. I, p. 10).

962 (1951) *The Development of Attic Black Figure*, (1956) *Athenian Black Figure Vase Painters*; (1973, 2ª ed.) *Attic Red Figure Vase Painters*; (1971) *Paralipomena*.

963 Este último investigador contesta a procedência ática de algumas das cerâmicas apresentadas por Lamboglia, contribuindo para a posterior criação do conceito de «cerâmica precampaniense», posterior- mente adotada por diversos investigadores (Cuadrado, 1963, entre outros), e «pseudoática» (Mychel Py).

964 Nas décadas que se seguiram, as análises dos conjuntos de cerâmica provenientes de determinados centros de produção permitiram acrescentar novos dados à classificação de Lamboglia, revendo-a, sugerindo retificações e precisando-a cronológica e tipologicamente. Destacam-se os diversos estudos realizados sobre a cerâmica de Gnathia; Solier (1969), a propósito da oficina de Nikias-Ion; Sanmartí (1978b) sobre a oficina de páteras de três palmetas radiais de Rhode; entre outros.

965 (Bádenas de la Peña & Olmos, 1988, p. 65).

A mesma heterogeneidade de critérios está presente nos estudos desenvolvidos na Península Ibérica, herdeiros das tradições terminológicas forâneas, em particular as da escola francesa. Logo em 1896[966], Francisco Alvarez Ossorio reconhece a multiplicidade de nomes atribuídos a cada forma cerâmica, e quase meio século depois, em 1943, Martín Almagro adota diferentes grafias para designar os vasos provenientes das necrópoles de Ampúrias. Ainda que a transliteração das designações gregas tenha registado grande aceitação junto dos investigadores espanhóis, registaram-se frequentemente incorreções e contradições na sua aplicação[967].

Em finais da década de 80, é apresentado junto da comunidade científica o conjunto cerâmico proveniente do naufrágio da embarcação «El Sec»[968], submersa no arquipélago das Ilhas Baleares, ao largo do Mediterrâneo. Conjugando as classificações criada por Brian A. Sparkes e S. Young (1951, 1954), e as respetivas correspondências com a tipologia com Lamboglia, foi possível definir cerca de duas dezenas de distintas formas cerâmicas que agrupam cerca de 358 fragmentos áticos de verniz negro e uma centena de fragmentos de figuras vermelhas. No ano seguinte, em 1988, e sublinhando os problemas decorrentes da ausência de uma tradição terminológica em castelhano, Pedro Bádenas de la Peña e Ricardo Olmos apresentam uma proposta de normalização da nomenclatura dos vasos gregos. Além da transliteração e transcrição dos termos antigos, os autores sugerem uma tradução das designações originais para espanhol, procurando na taxonomia moderna os equivalentes mais próximos, do ponto de vista morfológico, para os recipientes antigos.

No respeitante aos estudos desenvolvidos em Portugal, ainda que à semelhança do que se verificou em território espanhol, tenham sido adotados critérios terminológicos mistos[969], é com Maria Helena da Rocha Pereira que ocorre o primeiro grande ensaio de sistematização dos nomes dados à cerâmica grega em língua portuguesa. A autora, reputada filóloga, propõe a transliteração das designações das diversas formas de vasos, através da transposição dos caracteres gregos para o alfabeto latino.

Mais do que um caminho com vista ao aperfeiçoamento de um critério terminológico aplicável às formas dos vasos gregos, esta brevíssima resenha historiográfica demonstra a tentativa de adequação da nomenclatura às tendências científicas e às necessidades sentidas pelos investigadores a cada momento. Demonstrada a inexequibilidade do recurso a um critério único e consistente para a escolha das designações aplicadas às formas dos vasos gregos, torna-se imperativo justificar a terminologia usada na presente obra.

Considerando a praticabilidade da transliteração, nomeadamente como facilitador da composição tipográfica e agilizador da compreensão dos investigadores que não dominam a língua grega; a relativa frequência com que os investigadores portugueses se socorrem deste critério para o estudo de coleções privadas de vasos gregos; e a rigorosa proposta de transliteração apresentada pela filóloga Maria Helena da Rocha Pereira, entendemos ser este o critério que melhor se adequa ao estudo que aqui desenvolvemos. A mesma opção metodológica foi utilizada para descrever elementos presentes na decoração dos vasos. Tal como propõe Rocha Pereira, opta-se pela transliteração do nominativo das designações dos vasos gregos, assinalando-se a tónica, nas oxítonas e paroxítonas, recorrendo-se para tal à acentuação com acento agudo e circunflexo nas vogais abertas ou fechadas, correspondentemente. No caso da designação «kratêr», não obstante outros autores portugueses prefiram a forma lexical «cratera», optou-se por manter a transliteração da designação original grega, garantindo assim a uniformização da nomenclatura. Para a variante «kratêr-de-sino, seguimos igualmente a sugestão de Rocha Pereira, mantendo a designação «kratêr», em substituição de «*oxybaphon*», em desuso[970].

Igualmente à semelhança do que propõe Maria Helena da Rocha Pereira, excetua-se da transliteração, as designações com tradição em língua portuguesa, tal como se verifica com o termo «ânfora».

966 No âmbito da conferência «*Consideraciones generales sobre la cerámica en la antigüedad* (Madrid).

967 Particularmente na definição dos plurais de alguns termos, como ocorre com a obra de referência G. Trías, *Cerámicas griegas de la Peninsula Ibérica*, Valencia, 1967.

968 (Arribas *et alii*., 1987).

969 Veja-se o exemplo do estudo da cerâmica ática de Castelo de Castro Marim, pela mão de Ana Marga- rida Arruda (1997) com a adoção da nomenclatura utilizada na Ágora de Atena, no caso das cerâmicas de verniz negro; do recurso à transliteração dos nomes gregos dos vasos em caracteres latinos; e com pontuais exceções a estes dois critérios, verificadas, por exemplo, na utilização da designação «taça Cástulo».

970 (*VGP*, 2007, p. 187).

Tabela 4. Nomenclatura usada por via do critério de transliteração (segundo Rocha Pereira).

NOMENCLATURA USADA POR VIA DO CRITÉRIO DE TRANSLITERAÇÃO (segundo Rocha Pereira)				
	Masculino Singular	**Masculino Plural**	**Feminino Singular**	**Feminino Singular**
FORMAS IDENTIFICADAS	Alábastron	Alábastra	Pelike	Pelike
	Arýballos	Arýballoi	Lêkythos	Lêkythos
	Kratêr	Kratêres	Olpe	Olpe
	Kratêr-de-colunas	Kratêres-de-Colunas	Lekanis	Lekanis
	Kratêr-de-sino	Kratêres-de-sino		
	Skyphos	Skyphoi		
	Taça-Skyphos	Taça-Skyphoi		
	Kántharos	Kántharoi		
	Taça-Kántharos	Taça-Kántharoi		
	Askos	Askoi		
	Oinochoe	Oinochoai		

Sempre que o nome original da forma do vaso não seja conhecido, optou-se por seguir a convenção internacional definida pelo CVA, traduzindo-se para português as designações apresentadas em inglês. Exceção feita à forma «bolsal» (pl. Bolsais), por se tratar da junção de dois prefixos, mantendo-se neste caso, a designação apresentada no *Corpus Vasorum Antiquorum*. O mesmo procedimento foi adotado para as variantes definidas para cada uma das formas mencionadas, sempre que as mesmas resultem de uma classificação artificial, sem correspondência na antiguidade clássica.

Tabela 5. Nomenclatura usada por via da tradução das designações adotadas pelo *Corpus Vasorum Antiquorum*.

NOMENCLATURA USADA POR VIA DA TRADUÇÃO DAS DESIGNAÇÕES ADOTADAS PELO *corpus Vasorum Antiquorum*	
CVA	**Tradução adaptada à morfologia dos vasos**
Bowl	Tigela
Outturned rim bowl	Tigela de bordo esvasado
Incurving rim bowl	Tigela de bordo reentrante
Small bowl broad base	Tigela Pequena de base ampla
Plate	Prato
Plate – Rolled rim	Prato de Bordo Espessado
Fish Plate	Prato de Peixes (*)
Cup	Taça
Inset lip Cup	Taça de bordo convexo
Plain rim Cup	Taça de Bordo reto
Delicate Class Cup	Taça da Classe Delicada
Stemless Cup	Taça de Pé baixo
Saltcellar	Saleiro
Mug	Caneca
kántharos Moulded rim	Kántharos de Bordo Moldurado
Squat Lêkythos	Lêkythos aribalesca *

(*) Propostas de tradução adotadas por Rocha Pereira.

Por último, abordamos o caso particular da forma *kýlix*. Tal como referido anteriormente, a transliteração do termo grego tem sido utilizada de forma recorrente para designar as taças de figuras vermelhas, geralmente abarcando as diferentes variantes morfológicas registadas para este tipo específico de peças. Embora se admita que o termo kýlix, ao contrário da designação moderna de «taça», contemple uma pluralidade de significados, conotações e particularidades dificilmente substituíveis por uma tradução atual, consideramos pertinente utilizar a terminologia moderna. Esta opção baseia-se em duas ordens de razão:

- Recorrendo-se à transliteração de Maria Helena de Rocha Pereira, complementada pelas formas e variantes definidas pela convenção internacional, como critérios para a definição da nomenclatura dos vasos gregos, entendemos adequado adotar o termo «taça», proposto por ambos. Idêntica designação é utilizada pelo centro de investigação IBERIA GRAECA, destinado à inventariação documentação e difusão do património arqueológico grego na Península Ibérica. O termo kýlix, por sua vez, ainda que seja aceite por di- versos investigadores portugueses e espanhóis, não reúne consenso no respeitante à fórmula de transliteração. Veja-se, para esse efeito, a proposta de Bádenas de la Peña e Olmos (1988) de «kýlica», no acusativo (transcrita em espanhol como«cílica»), em alternativa ao vocábulo apresentado no nominativo. Note-se, no entanto que, para esta forma, o CVA estabelece quatro grandes variantes (tipo A, B, C e stemless), aceites e empregues por Rocha Pereira, traduzindo, no entanto, o grupo das «stemless», como «taças sem pé». Entendemos, neste caso, que a tradução literal do termo inglês como «taça de pé baixo» corresponde com maior precisão à morfologia das taças deste tipo.

- Uma percentagem considerável das variantes de taças de figuras vermelhas identificadas na fachada atlântica da Península Ibérica, não correspondem aos protótipos convencionalmente designados como kýlix[971], registando frequentemente um pé baixo, semelhante à morfologia das taças de verniz negro («stemless cup»). Integrar as distintas variantes de taças de figuras vermelhas no grupo genérico das kýlikes, não só mascara possíveis correlações na importação de taças de figuras vermelhas e verniz negro, como desconsidera a existência de variantes morfológicas dos exemplares de figuras vermelhas, possíveis indicadores das cronologias de produção e uso deste tipo de peças. A utilização da designação «taça» permite assim aproximar o critério de classificação das taças de verniz negro dos exemplares de figuras verme- lhas, assumindo-se para ambas variantes que correspondem às características morfológicas destes vasos.

Tabela 6. Tabela de correspondências - nomenclaturas mais utilizadas na bibliografia científica da especialidade.

TABELA DE CORRESPONDÊNCIAS (nomenclaturas mais utilizadas)

Ágora de Atenas (Sparkes &Talcott 1970)	Lamboglia (1951) Cuadrado (1963)	Morel (1981)	Shefton (1982)	J & L Jehasse (1973)	IBERIA GRAECA	Bádenas & Olmos (transcrição espanhola)
Alabastron (pl. Alabastra)					Alabastron (s.m.)	
Amphora (pl. Amphorae/ Amphoras)					Ánfora (s.f.)	
Aryballos (pl. Aryballoi)					Aribalo (s.m.)	
Askos					Ascos (s.m.)	
Bolsal (PL. Bolsals)	Lamb. 42-B	Série 4162			Bolsal	
Bowl (PL. Bowls)					Cuenco	
Outturned rim	Lamb. 22	2681			Cuenco borde saliente	
Incurving rim	Lamb. 21	Espécie 2770 /2771			Cuenco de Bode Entrante	

971 Comumente usado para designar as taças de figuras vermelhas de pé alto, ainda que não seja exclusivo desta variante de taça ou desta técnica decorativa.

Small bowl broad base	Lamb. 21/25-B	Espécie 2710		Cuenco pequeño	
Cup-kantharos (PL. Cup-Kantharoi)				Copa cántaro	
Moulded rim	Lamb. 40-D				
Kantharos (pl. Kantharoi)	Lamb. 40ª-G	3520-30		Cántaros (s.m.)	
Krater (pl. Kraters)				Cratera (s.f.)	
Column-krater				Cratera de columnas (s.f.)	
Bell-krater				Cratera de campana (s.f.)	
Calyx-krater				Cratera de Cáliz (s.f.)	
Kylix (pl. Kylikes)				Copa há pie alto	Cílica (s.f.)
Lekanis (pl. Lekanides)				Lecanis	Lécane (s.f.)
Lekythos (pl. Lekythoi)				Lécito (s.m.)	
Squat lekythos				Lécito Panzudo (s.m.)	
Mug (PL. Mugs)				Jarra*	
Oinochoe (pl. Oinochoai)				Enócoe (s.f.)	
Olpe (pl. Olpai)				Olpe (s.f.)	
Pelike (pl. Pelikai)				Pélice (s.f.)	
Plate (Pl. Plates)				Plato	
Fish Plate	Lam. 23	Espécie 1120		Plato de pescado	
Rolled rim		2222	Jehasse 116	-	
Saltcellar (pl. Saltcellars)	Lamb. 24	Espécie 2780		salero	
Stemless Cup (Pl. Stemless cups)				Copa há pie bajo	
Inset lip	Lamb. 42 A	4271ª1	Castulo-cup	Copa Cástulo	
Plain rim				Copa	
Delicate Class	Lamb. 42-A II	4232ª1		Copa de la clase delicada	
Skyphos (pl. Shyphoi)	LamB. 43	4340		Escifo (s.m.)	

2. CRITÉRIOS DE APRESENTAÇÃO

Considerando o grande avultado número de vasos gregos identificados e a sua diversidade tipológica, entendemos necessário estabelecer quatro níveis de ordenação das cerâmicas, de acordo com a sua cronologia, origem, técnica decorativa e forma. Numa primeira análise, apresentar-se-ão separadamente as produções de época arcaica das que integram o período clássico. As primeiras apenas estão representadas por fragmentos de figuras negras de produção coríntia, nomeadamente olpe e arýballos, e uma taça de faixas de origem ática. As produções do período clássico, por sua vez, integram cerâmicas áticas de verniz negro e de figuras vermelhas e ânforas de fabrico coríntio, ático e de Quios. De acordo com a técnica decorativa

adotada, os vasos são agrupados segundo a sua forma, especificando-se, quando pertinente, as variantes morfológicas registadas. Para cada uma das formas, é apresentada uma síntese dos seus atributos, particularmente dos que constituem possíveis indicadores cronológicos da sua produção.

Seguidamente, são apresentados e caracterizados os exemplares identificados no território correspondente à fachada atlântica da Península Ibérica, abordando-se primeiramente a representatividade e as particularidades de cada forma nos arqueossítios onde a mesma esteja presente, e num segundo nível, procurar-se-á conduzir uma leitura problematizada do conjunto de testemunhos identificados neste território. Dar-se-á particular atenção aos elementos decorativos presentes nos vasos – simultaneamente de figuras negras, figuras vermelhas e verniz negro-, entendendo-se estes elementos como importantes auxiliares de datação e classificação das cerâmicas gregas. O texto expositivo de cada forma é acompanhado de um breve catálogo dos materiais que nela se integram e das estampas com as ilustrações dos fragmentos e exemplares mencionados.

B1. Catálogo

Este catálogo destina-se a facilitar a consulta das características morfológicas e decorativas dos exemplares cerâmicos mencionados no corpo de texto, assim como da sua bibliografia de referência. A cada fragmento (ou conjunto de fragmentos pertencentes à mesma peça) corresponde uma entrada de catálogo onde consta a informação seguidamente apresentada.

i. **Código de referência**. Identificação individual de cada um dos exemplares considerados, facilitando a sua menção no corpo de texto. O mesmo código acompanha a ilustração dos fragmentos e a sua ficha de inventário na base de dados de cerâmica grega (Parte III). O código de referência é composto da sigla atribuída ao arqueossítio de proveniência (código de sítio) e do número atribuído ao individuo. Na tabela apresentada *infra*, é apresentada a sigla correspondente a cada arqueossítio e o número de exemplares de cerâmica grega nele identificados (indivíduos). Entendemos ainda pertinente incluir a sigla que corresponde ao catálogo de sítios arqueológicos, composta do código de sítio anteriormente mencionado, antecedido pelo código de NUT que corresponde à região onde o arqueossítio se insere.

ii. **Descrição sucinta das partes constituintes do fragmento/vaso e das características relevantes para a sua classificação**. A descrição procura complementar a ilustração da peça, ou substituí-la, sempre que não tenha sido possível incluir a representação gráfica do fragmento. A descrição formal baseou-se nas terminologias apresentadas em «*Normas de inventário – Cerâmica utilitária. Arqueologia*» de Maria das Dores Cruz e Virgílio Hipólito Correia, considerada, no presente caso, adequada e válida para a descrição das formas de cerâmica de importação.

iii. **Descrição sumária dos motivos decorativos conservados**. Aplicável quer aos exemplares de figuras negras e vermelhas, quer nos recipientes totalmente revestidos com verniz negro que apresentem decoração estampilhada, impressa ou incisa.

iv. **Descrição de áreas em reserva e revestidas a verniz negro**. Particularmente relevante para o estabelecimento de cronologias de produção. Destacam-se os painéis entre as asas, as faces interna e externa do pé e a superfície de apoio da base. É igualmente mencionada a existência de bandas reservadas presentes na parede, círculos reservados a delimitar o medalhão central e faces totalmente reservadas, possível indicador da correspondência a um recipiente de forma fechada.

Optamos pela utilização do termo «verniz» em detrimento de «engobe», sendo este último o que melhor corresponde à técnica empregue nas produções gregas. Não obstante a inexatidão terminológica, o seu uso corresponde a uma convenção[972], aplicada quer à descrição do acabamento dos recipientes cerâmicos, quer ao grupo de cerâmicas não-decoradas. A utilização do termo «engobe» ou «cerâmicas de engobe negro» geraria, pois, natural confusão.

972 Seguida pelo CVA e adotada por Maria Helena da Rocha Pereira.

v. Descrição da pasta. Foi descriminada a cor e tonalidade, densidade e grau de depuração[973]. Escusamo-nos de utilizar as tabelas de cores de solos de Munsell ou Cailleaux, por exemplo, como referência para a caracterização das produções gregas identificadas, considerando, entre outros fatores, o caracter subjetivo da perceção ocular das cores; as alterações da coloração das pastas de acordo com as características dos solos e com os contextos pós-deposicionais dos fragmentos; a variabilidade de tons presentes numa única peça de acordo com a sua posição no forno no momento da cozedura[974] e a diminuta utilidade da identificação macroscópica da cor das pastas para efeitos de identificação das oficinas produtoras.

A indicação da cor e tonalidade foi utilizada, no presente caso, para auxiliar a identificação de possíveis colagens ou correspondências de vários fragmentos à mesma peça e para verificar possíveis relações entre peças produzidas pela mesma oficina.

Para cada um dos critérios analisados, com exceção da cor, foram considerados três graus de intensidade, mencionados da forma seguidamente apresentada. A referida classificação foi feita exclusivamente através de uma análise macroscópica, com recurso a uma lupa de aumento (10X).

Densidade	Pouco compacta	Friável e branda
	Compacta	Densa
	Muito compacta	Muito densa, conferindo uma maior dureza e peso à peça/ fragmento.

Grau de depuração	Pouco depurada	Com partículas não-plásticas mais abundantes ou de maior calibre
	Depurada	Com pontuais partículas não-plásticas visíveis, de pequeno calibre, incluindo vacúolos e partículas minerais (mica, quartzo ou outro)
	Muito depurada	Sem qualquer tipo de partículas visíveis macroscopicamente

vi. Descrição do verniz. Foi descriminada a cor, a presença de manchas com cores e tonalidades distintas[975], a sua espessura, aderência e brilho. Sempre que o verniz se encontre em mau estado de conservação ou deteriorado, foi mencionada a sua condição, justificando dessa forma a impossibilidade de identificar áreas intencionalmente deixadas em reserva. Tal como para a caracterização da pasta, para cada um dos critérios analisados, com exceção da cor, foram considerados três graus de intensidade, mencionados da forma seguidamente apresentada.

Espessura	Pouco espesso	Diluído, sendo parcialmente visível a cor da pasta sob a camada de verniz
	Espesso	Pouco espesso, mas opaco, cobrindo totalmente a cor da pasta
	Muito espesso	Com uma camada espessa, particularmente visível nas zonas de fratura

Aderência	Pouco aderente	Desvincula-se com alguma facilidade ao toque
	Aderente	Bem unido à superfície cerâmica
	Muito aderente	Geralmente mais aquoso, perfeitamente ligado à superfície cerâmica, sendo muito difícil o seu descolamento

973 Embora reconhecendo que a cor da pasta pode ajudar na identificação de distintas produções de cerâmica grega, no caso das nossas produções, maioritariamente áticas, tal distinção não nos parece significativa.

974 (Orton, Tyers & Vince, 1993).

975 Como possível reflexo, por exemplo, do processo de empilhamento durante a cozedura das peças.

Brilho	Pouco brilhante	Verniz mate, baço.
	Brilhante	Brilhante. Com ou sem brilho metálico.
	Muito brilhante	De excelente qualidade, diferenciando-se claramente do verniz presente nos restantes exemplares.

vii. Dimensões. É apresentado o diâmetro de abertura e/ou base, sempre que o fragmento conserve tamanho suficiente para o determinar com relativa segurança. Quando foi considerado pertinente, foi incluída a espessura do fragmento ou a espessura máxima conservada. As dimensões são sempre apresentadas em centímetros.

viii. Número de inventário do fragmento, de acordo com a base de dados da instituição de depósito da peça e/ou apresentando os dados de proveniência (escavação, setor, campanha, ano de recolha, unidade estratigráfica, etc.), sempre que os mesmos sejam conhecidos.

ix. Bibliografia onde o fragmento/vaso é descrito ou ilustrado.

x. Ilustração. Todos os fragmentos que observamos foram objeto de ilustração. Considerando o avançado estado de deterioração e fragmentação de alguns exemplares, optamos, por não incluir a representação gráfica dos fragmentos que não permitem um enquadramento tipológico. Os fragmentos de asa, de difícil classificação quanto à forma, foram igualmente excluídos do volume I do presente estudo. Na tabela seguinte são apresentadas as estampas onde constam as ilustrações dos exemplares, ordenadas de acordo com a cronologia, técnica produtiva e forma.

Tabela 7. Tabela de estampas apresentadas

	Estampa
AS PRODUÇÕES DO PERÍODO ARCAICO.	-
Estilo Coríntio de Figuras Negras	-
Vaso Vertedouro – Oinochoe/ Olpe	Est. I
Arýballos	Est. II
Estilo Ático de Figuras Negras	-
Taça de Faixas	
AS PRODUÇÕES DO PERÍODO CLÁSSICO	
Estilo Ático de Figuras Vermelhas	
Taça de Pé Baixo	
Produções da segunda metade do século V a.n.e. - Círculo do Pintor de Marlay» Est. III	Est. III
Produções da primeira metade do século IV a.n.e.	Est. IV
Skyphos	Est. V
Kántharos	Est. VI
Kratêr-de-sino	
Grupo do Pintor de Viena 1025	Est. VII
Grupo do Pintor de Telos	Est. VIII

As formas que se inserem no grupo das cerâmicas de figuras vermelhas e verniz negro são ordenadas de acordo com o grupo genérico a que pertencem (taças, tigelas, pratos, etc.). No caso particular dos vasos de época arcaica, de figuras negras, atendendo ao reduzido volume de peças, as formas são apresentadas de acordo com a sua cronologia de produção, mencionando-se primeiro os exemplares mais antigos.

Considerando o avançado estado de fragmentação de muitos dos exemplares estudados e a dificuldade de atribuição tipológica que daí resulta, entendemos necessário criar uma classe que denominamos de «forma indeterminada e indeterminável». Nela diferenciamos os exemplares decorados com figuras vermelhas dos fragmentos totalmente cobertos de verniz negro e, para este último grupo, consideramos pertinente a individualização dos fragmentos decorados, dos que não possuem qualquer elemento decorativo e, por último, dos que correspondem asas de forma indeterminada.

Os exemplares de ânfora grega identificados, de morfologia e funcionalidade distinta quando comparados com os elementos que compõem a baixela de mesa, serão abordados separadamente depois de apresentadas as restantes formas.

Ao longo do presente capítulo são discutidos os elementos decorativos das produções de verniz negro e figuras vermelhas, abordando-se os diferentes pintores e grupo de pintores representados no território em análise, os diferentes motivos e temáticas identificados, assim como as diferentes oficinas responsáveis pela decoração destas peças.

3. AS PRODUÇÕES DO PERÍODO ARCAICO

3.1. ESTILO CORÍNTIO DE FIGURAS NEGRAS

3.1.1. Vaso vertedouro (Oinochoe / Olpe)

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALMARAZ	ALM /	001	PT17-ALM	I
CASTELO de CASTRO MARIM	MAR /	000[976]	PT15-MAR	-

O termo «oinochoai» designa um conjunto de vasos que correspondem a formas fechadas, concebidas para recolher, medir e verter líquidos de diferentes naturezas[977]. Esta diversidade de contidos potenciou o desenvolvimento de inúmeras variantes da forma, que refletem distintas morfologias de bordo, asa, corpo e base. De corpo esguio ou bulboso, são produzidos simultaneamente em época arcaica e período clássico, aplicando diferentes técnicas decorativas, incluído a de figuras negras.

A contínua descoberta de novas tipologias de vasos vertedouros, de proporções e características formais distintas, resultou na criação de novas categorias de recipientes deste tipo. É neste contexto que surgem as formas olpe e chous, ainda que as mesmas sejam frequentemente abordadas como variantes dos oinochoai[978]. Os olpai, com testemunhos na fachada atlântica da Península Ibérica, apresentam uma morfologia semelhante a um pequeno jarro, de corpo delgado, registando uma curvatura contínua entre o bordo e o pé[979]. Tal como as oinochoai, possuem uma asa única, vertical, e bordo plano ou trilobado.

976 Optamos por iniciar a contabilização dos fragmentos gregos provenientes de Castelo de Castro Marim com o número «0», fazendo assim coincidir as referências dos fragmentos com o trabalho em curso, relativos ao conjunto de vasos gregos de Castelo de Castro Marim (Arruda, Ferreira e Sousa, 2019).

977 Com destaque para o vinho que lhe dá o nome (oínos).

978 (Richter & Milne, 1935, p. 19).

979 (Moore & Philippides, 1986, p. 39).

Figura 15. Fragmento coríntio de Castelo de Castro Marim. Em depósito no Núcleo Arqueológico do Castelo. Fotografia da autoria de (Arruda, 2005).

No território em análise registam-se dois exemplares pertencente ao grupo dos vasos vertedouros. O primeiro, procedente da estação arqueológica da Quinta de Almaraz, regista características formais e decorativas que correspondem aos modelos adotados simultaneamente para as formas olpe e oinochoe, não sendo possível, com segurança, especificar a qual destas categorias pertenceria.

O segundo exemplar é procedente de Castelo de Castro Marim, e tal como o fragmento de Almaraz, a sua atribuição tipológica deve ser entendida com reservas. As dúvidas na categorização deste testemunho são expressas, desde logo, nas publicações que primeiramente o dão a conhecer, sugerindo-se a sua possível integração na forma alábastron[980]. O fragmento conserva decoração presente na superfície externa, composta de dois frisos, delimitados por espessas bandas horizontais de tonalidade negra e avermelhada, preenchidos por motivos vegetalistas e representações animais. A decoração, pintada, é complementada de finas incisões que marcam a separação das folhas que compõem as rosetas e complementam motivos vários, como pontos, semicírculos e curtos traços, que por vezes se cruzam. Na parte superior do fragmento preservam-se vestígios da representação da pata de um animal quadrúpede de espécie indeterminada.

Não obstante a pequena dimensão do fragmento, foi sugerida[981], com reservas, a sua integração na obra do grupo de pintores «OAO», classificação com a qual concordamos. A verificar-se esta atribuição, e considerando que o referido grupo de pintores se associa exclusivamente às formas olpai e oinochoai, fica assim, uma vez mais confirmada a classificação do fragmento algarvio como vaso vertedouro do tipo olpe. A forma e decoração permitem igualmente integrá-lo nas produções do corinto médio, datadas entre os finais do século VII a.n.e. e a primeira metade século VI a.n.e., altura em que a grande demanda dos mercados estrangeiros por vasos decorados, compele os artistas coríntios a minorar o investimento de tempo e a qualidade das suas obras[982].

Efetivamente, os motivos representados no fragmento de Castelo de Castro Marim, integram o estilo que M. R. Cook[983] designou de «Ripe Animal Style» (625-550 a.n.e.), caracterizado, entre outros aspetos, pelo preenchimento dos espaços livres dos frisos com motivos pouco cuidados, frequentemente rosetas sólidas, com traços incisos a marcar os detalhes interiores. Ainda que esta forma de representar as rosetas tenha início no Período de Transição (640-625 a.n.e.), é neste momento que se populariza, ocupando com

980 (Arruda, 2003, 2005, 2007b, 2019).

981 (Arruda & Sousa, 2019).

982 (Lane, 1948, pp. 34-35).

983 (Cook, 1997, 3ª ed.).

maior densidade as áreas reservadas e complementando assim os frisos com cenas de animais em desfile. Sobre estes últimos, merece particular destaque a reprodução de leões, javalis, touros, veados, cabras e panteras, entre outros, por oposição ao predomínio de águias, gansos, lebres e cobras, característicos do período anterior.

O referido estilo decorativo divide-se em três momentos que representam três etapas evolutivas[984] com repercussão na preferência pela escolha de determinadas formas de vasos e pela decoração neles aplicada, enquadrando-se os motivos do fragmento de Castelo de Castro Marim no momento intermédio («Middle Ripe Period», 600- 575 a.n.e.). Verifica-se, nesta fase, o recurso abundante a rosetas e a pequenos pontos de coloração negra para o preenchimento das áreas livres do friso. A verificar-se esta correspondência, o testemunho de cerâmica grega da época arcaica encontrado em Castelo de Castro Marim, único até ao momento, dataria do primeiro quartel do século VI a.n.e.

No caso do exemplar procedente da Quinta de Almaraz[985], estamos mais uma vez perante um fragmento de pequena dimensão, que corresponde à parede de um vaso de forma fechada. A espessura, curvatura do fragmento e os motivos decorativos conservados correspondem à morfologia e aos cânones ornamentais dos olpai e oinochoai, mas também dos arýballoi, não sendo possível, de forma segura, determinar a qual destes tipos de jarros pertenceria. Apresenta decoração na superfície externa composta de rosetas de distintas dimensões, uma linha tendencialmente circular que poderá corresponder à cauda de um animal[986], e um possível motivo floral. Todas as representações vegetalistas apresentam pintura sólida, com os detalhes anatómicos assinalados através de traços incisos, que por vezes ultrapassam os limites dos motivos pintados. O verniz apresenta uma cor avermelha-acastanhada, frequente nas produções coríntias. Tal como o primeiro exemplar de olpe mencionado, também para o fragmento de Almaraz foi sugerida a sua integração na obra do Grupo de Pintores «OAO»[987]. A pequena dimensão do fragmento e o reduzido número dos motivos decorativos conservados coloca, no entanto, as necessárias reservas à atribuição proposta. A verificar-se esta correspondência, confirmar-se-ia assim a integração da peça no conjunto dos vasos vertedouros do tipo Oinochoe e olpe, as formas associadas a este Grupo de Pintores. As características formais e decorativas mencionadas permitem datar a sua produção do primeiro quartel do século VI a.n.e.

Testemunhos da representação de motivos vegetalistas e animais em vasos coríntios, em particular os que integram o estilo «Ripe Animal», não são novidade na Península Ibérica. Em Huelva, por exemplo, foi recolhido um arýballos num contexto datado de 550-525 a.n.e., com a representação de um cisne associado a rosetas[988]. A mesma forma foi identificada num contexto funerário em Villaricos (Almería)[989], com decoração pintada e incisa, composta de rosetas e representações animais (cão, felino e cisne), apresentadas num único friso.

As formas olpe e Oinochoe são pouco comuns na Península Ibérica. As primeiras testemunham-se em Huelva, através de vários exemplares com origem ática, da região Este da Grécia, Jónia ou Samos[990]. A forma foi igualmente identificada em Málaga[991], Girona[992] e nas Ilhas Baleares[993], com exemplares de fabricos e decorações distintas dos fragmentos supramencionados. Os oinochoai, com um número mais significativo de testemunhos, registam uma maior difusão na Península Ibérica. Merecem particular destaque, pela sua procedência coríntia, três exemplares de figuras negras, datados de 575-525 a.n.e. [994].

984 «Early Ripe Period» (625-600 a.n.e), «Middle Ripe Period» (600 – 575 a.n.e.) e «Late Ripe Period» (575-550 a.n.e.).

985 (Cardoso, 2004; Arruda, 2005, 2006; Arruda & Sousa, 2019).

986 É usual a utilização de motivos florais na separação entre os diferentes animais representados, e parcialmente sobre o referido motivo surge a cauda e, em conexão com esta, a representação de uma roseta de maiores dimensões. Tratar-se-ia, neste caso, da representação de um animal de cauda longa (leão ou pantera, possivelmente).

987 (Arruda & Sousa, 2019).

988 (Fernández Jurado, Rufete & Garcia Sanz, 1994, p. 77, nº 4, 2; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 250, nº 24).

989 (Garcia & Bellido, 1936, p. 108, nº 48, lâm. LXXIV; 1948, p. 179, nº 69, lâm. CXXIX, 1; 1952, p. 531, fig. 466; Trías, 1967-1968, p. 436, nº 4, lâm. CXCII; Rouillard, 1991, pp. 647 e 651, nº2.1.5.5 e 3; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 262, nº36).

990 E.g. (Olmos, 1977a, p.382; Belén *et alii*., 1977, p. 127, fig. 68; Rouillard, 1991a, pp. 739, 2.2.5.7.)

991 (Cabrera Bonet, 1994b, p. 107, 115; Cisneros *et alii*., 2000, p. 189-205, fig. 7).

992 (Aquilué *et alii*., 2000, p. 325; Maluquer; Picazo & Martin, 1984. p. 12, pl. 1; Casas & Soler, 2000, p. 356, fig. 7.11, p. 357; Casas, 2001, p. 191, fig. 12.6, p. 192).

993 A generalidade data entre 650-500 a.n.e. (Nieto & Santos, 2007, p. 93, 94, 162).

994 (Trías, 1967-1968, p. 35-36, nº 12, 13 e 14).

CATÁLOGO

MAR/000. Fragmento de pequena dimensão de parede. Possui na superfície externa decoração composta de rosetas, folhas e vestígios de uma possível representação animal. Os mencionados elementos decorativos encontram-se delimitados por duas bandas de cor negra/ avermelhada, horizontais e espessas, ainda que não completamente preenchidas. A decoração pintada é complementada de finas incisões que, geralmente ultrapassam os próprios limites dos motivos pintados. Na parte superior do fragmento é percetível vestígios da representação da pata de um quadrúpede. A superfície interna foi deixada em reserva. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, registando, no entanto, um tom avermelhado na pintura das bandas que delimitam os frisos. Altura máx. conservada: 3,4 cm. **Castelo de Castro Marim nº 3780**. Bibliografia: Arruda, 2003, 2005; *VGP*, 2007, fig. 69; Arruda & Sousa, 2019.

ALM/001. Fragmento de pequena dimensão de parede de possível olpe ou oinochoe. Na superfície externa conserva vestígios de decoração composta de rosetas sólidas com pequenos traços incisos a assinalar as nervuras internas das folhas. É igualmente percetível parte de um motivo floral. Pequenas incisões assinalam o núcleo central da flor e a separação entre as pétalas, ultrapassando frequentemente a área pintada do motivo. Entre estes elementos, representa-se uma linha circular que poderá corresponder à cauda de um animal de cauda longa. Os restantes motivos vegetalistas registam igualmente o recurso a pequenos traços incisos a assinalar os detalhes internos. A superfície interna não apresenta vestígios de verniz. Pasta de cor bege clara, bem depurada. Verniz vermelho-acastanhado. **Almaraz/ sn**. Bibliografia: Cardoso 2004; Arruda 2005, 2006; Arruda & Sousa, 2019.

3.1.2. Arýballos

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALMARAZ	ALM /	002	PT17-ALM	II

Pequeno vaso de corpo redondo ou ovoide e gargalo estreito. Apresenta lábio largo e plano, destinado a facilitar o processo de verter líquidos sem derramar. A utilização do termo arýballos aplicado a este tipo de forma resulta de uma convenção moderna[995], sendo possível que, na antiguidade, a designação fosse alargada a outras tipologias de vasos fechados de pequena dimensão, como as lêkythoi. A forma é particularmente popular em Corinto, registando menor aceitação entre os centros de produção áticos. Surge variadas vezes representada na escultura funerária e nos motivos decorativos representados em vasos, onde é possível ver atletas que seguram um arýballos nas mãos – utilizando-o como frasco de óleos e perfumes, ou suspenso no pulso com o recurso a uma fita amarrada no gargalo da peça. A forma incorpora diversas variantes, incluindo exemplares com decoração plástica, feita a molde, representando, entre outros motivos, cabeças humanas e figuras animais.

Na fachada atlântica da Península Ibérica regista-se um único fragmento passível de ser integrado nesta forma. O exemplar foi identificado na Quinta de Almaraz, local de procedência do supramencionado vaso vertedouro coríntio de época arcaica. Trata-se de um pequeno fragmento de fundo, curvo, com umbigo central (*omphalus*). Na superfície externa possui decoração delida, composta de motivos em forma de lágrima, que partem da base e irradiam em direção à parede. A curvatura pronunciada da base e a ausência de pé, permitem-nos integrar o fragmento na variante arýballos globular, igualmente designada de esférica ou «ball-shaped», por oposição à variante de fundo plano/ «flat-bottomed»[996].

Em Villaricos (Cuevas de Almanzora, Almería), num contexto de necrópole, foi identificado um fragmento pertencente a esta forma, igualmente integrado nas produções do Corinto Médio[997]. A base da peça tem decoração composta de linguetas que, no entanto, se separam da parte central do fundo através de uma linha negra que sucede uma banda reservada. Na parede do fragmento foram representados motivos animais, rosetas e pontos, tal como se verifica com o exemplar de olpe ou Oinochoe identificado igualmen-

995 (Clark, *et alii.*, 2002).

996 (Ure, op. cit., p. 16).

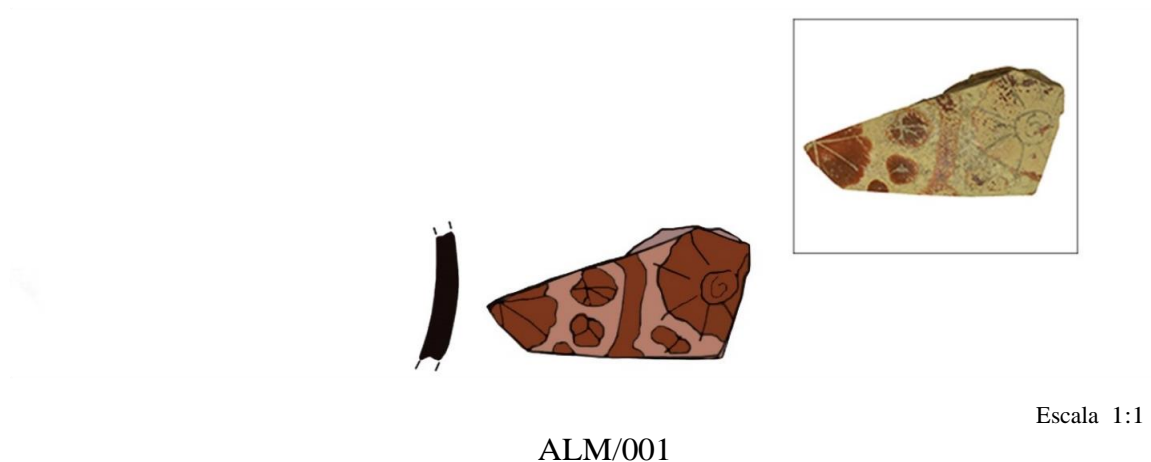
997 (Garcia & Bellido, 1936, p. 108; 1948, p. 179; 1952, p. 531, fig. 466; Trías, 1967-1968, p. 436, nº 4; Rouillard, 1991b, pp. 647, 651; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 262).

te na Quinta de Almaraz. De uma maneira geral, os arýballoi de figuras negras são pouco frequentes na Península Ibérica. Além do fragmento mencionado, encontramos outros testemunhos em Huelva[998], com destaque para dois exemplares com representações de cisnes; em Ampúrias[999], exibindo figuras humanas, animais e motivos vegetalistas e geométricos vários; e Almería, este último do estilo proto-coríntio, com representações de panteras[1000]. A generalidade dos exemplares mencionados associa-se a contextos funerários reportando-se a contextos datados entre 600-490 a.n.e., sendo particularmente abundantes os exemplares de 550-525 a.n.e. A par dos mencionados exemplares da forma arýballos, registam-se um número considerável de testemunhos procedentes de Náucratis, fabricados a molde com recurso à técnica de faiança. São exclusivamente procedentes de contextos de necrópole, com cronologias semelhantes aos seus congéneres de figuras negras[1001].

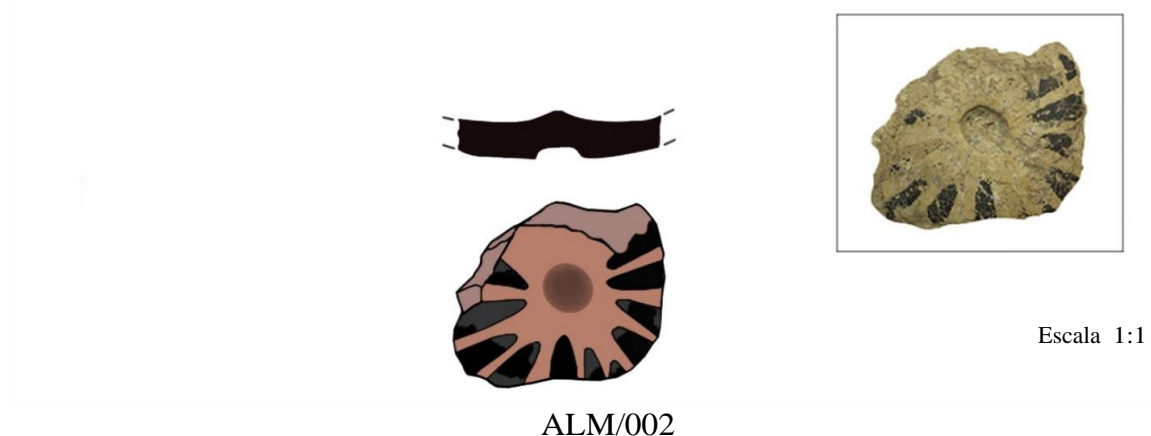
ALM/002. Fragmento de base de arýballos de figuras negras. Base curva, característica dos arýballoi globulares. A superfície interna do fundo foi deixada em reserva, apresentando um repuxamento ao centro. Na superfície externa exibe reentrância central, de formato oval, com cerca de 0,6 cm de diâmetro máximo. Conserva decoração na face externa composta de linguetas (ou lágrimas), que arrancam de uma área próxima à reentrância central, e que irradiam em direção à parede. Conservam-se vestígios de apenas onze linguetas, devendo todo o fundo estar preenchido por este tipo de motivos. Pasta de cor bege clara, bem depurada. Verniz de cor negra, muito deteriorado. Espessura máx. conservada: 0,5 cm.

ESTAMPA I – ESTILO CORÍNTIO DE FIGURAS NEGRAS- VASO VERTEDOURO[1002]

Escala 1:1

ALM/001

ESTAMPA II – ESTILO CORÍNTIO DE FIGURAS NEGRAS - ARÝBALLOS

Escala 1:1

ALM/002

998 (Fernández Jurado, Rufete & Garcia Sanz, 1994, p. 77, 4, 2; Rouillard, 1991, p. 735, 2.1.5.5.1; Cabrera Bonet, 1988-1989, p. 100, fig. 14, nº 265, Olmos,1994, p. 231, lâm. I, 3 e lâm. IV).

999 (Trías, 1967-1968, p. 31-33, nº 1, 3, 4, 6; Almagro Basch, 1964, p. 80, fig. 33.4, p. 81, lâm. XL, 3).

1000 (López Castro *et alii*., 1987-1988, p. 166, fig. 6, j).

1001 (E.g. Trías, 1967-1968, p. 42, nº 35, lâm. VI, núm. 5).

1002 Desenhos ALM/001 e ALM/002 adaptados de (Cardoso, 2004; Arruda, 2005; Arruda & Sousa, 2019).

3.2. ESTILO ÁTICO DE FIGURAS NEGRAS

3.2.1. Taça de faixas

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	SAL /	001	PT18-SAL	-

Taças largas de corpo profundo, bordo esvasado, pé alto e duas asas horizontais. Distinguem-se das demais variantes de taças de figuras negras, por apresentarem um lábio côncavo, totalmente revestido de verniz negro nas faces interior e exterior, e pela ligação do bordo à parede conseguida através de uma curvatura suave[1003]. Caracterizam-se igualmente por apresentarem um friso decorado na superfície externa, ao nível da zona de arranque das asas. Taças deste tipo tem origem no período designado «mature style»[1004] das produções de vasos de figuras negras, perdurando para além dele, e integram o grupo que Beazley designou de «little-master cups» (560-530 a.n.e.).

As taças de faixas registam o seu auge de popularidade entre 550 e 520 a.n.e., adotando, no decorrer do seu percurso de produção, diferentes características formais e decorativas, passiveis de serem ordenadas em grupos, constituindo eles próprios, sub-variantes desta forma. Um destes grupos, designado de taças de faixa floral («floral band cups»[1005]), integra peças de tamanho mais pequeno, decoradas com friso de palmetas pintadas sobre uma banda reservada. Esta sub-variante desenvolve-se num momento mais tardio da produção das taças de faixas, apresentando uma maior longevidade produtiva. A forma apresenta uma morfologia semelhante à variante de taças «type C», definido pela escola americana para o estudo das produções de verniz negro da Ágora de Atenas[1006].

Na fachada atlântica da Península Ibérica foi identificado um único fragmento que, pelas suas características formais e decorativas, integra o grupo das taças de faixas da sub-variante taça de faixa floral. O exemplar é procedente da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, e conserva parte do bordo, do corpo e de uma das suas asas. Apresenta o bordo totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa e, sob o bordo possui uma banda em reserva, complementada de motivos florais.

Em área próxima do fundo, junto à zona de fratura, conservam-se vestígios de uma segunda banda negra que formaria o limite inferior do friso decorado. Da banda decorada, localizada na parede da peça, ao nível do arranque das asas, preserva-se vestígios de palmetas e flores de lótus.

Integrada nas taças de faixa floral, a sua produção data de finais do século VI e inícios do século V a.n.e., coincidindo com o declínio dos vasos de figuras negras. As semelhanças formais e decorativas verificadas entre o fragmento de Alcácer do Sal e um exemplar de taça em depósito no Kestner Museum[1007], datado de 500-450 a.n.e., poderão, no entanto, sugerir um avanço na cronologia proposta para o fragmento proveniente do atual território português para a primeira metade do século V a.n.e.

Outros exemplares de taças atribuídas a esta sub-variante estão depositados no Technical Museum de Cracóvia [1008], no Museo Archeologico Nazionale de Taranto[1009] e no Musee du Louvre, em Paris[1010], mencionando apenas alguns exemplos. Todos os vasos referidos exibem uma banda decorada com motivos

1003 Sobre a forma *vide* Beazley (1932) «*Little-Master Cups*», pp. 167-168; Moore & Philippides, 1986, p.64; Boardman, 1974, nº 109, 116; Cook, 1997, 3ª ed., p. 79, entre outros.

1004 570-525 a.n.e. (Cook, 1997, 3ed., p. 77).

1005 (ABV, 197, Beazley, 1932 «Little-Master Cups», pp. 167-168).

1006 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 91). Tendo sido sugerida a classificação do fragmento de Alcácer do Sal como taça da variante «C» (Arruda, 2005; Arruda 2006, p. 135).

1007 (CVA Hannover, Kestner-Museum 1, 41-42, pl. (1660) 28.6).

1008 (CVA Cracow, Collections De Cracovie, 64, pl. (094) 1.13).

1009 (CVA Taranto, Museo Nazionale 2, III.H.E.4, pl. (870) 4.4).

1010 (CVA Paris, Musee Du Louvre 9, III.H.E.81, pl. (631) 90.5).

florais, localizada sob o bordo, este último, de perfil côncavo e totalmente revestido de verniz negro. Estes e outros exemplares com idênticas composições decorativas e características formais associam-se maioritariamente a um intervalo cronológico de 550-500 a.n.e., passível de ser alargado a 575-475 a.n.e.

Figura 16. Taça de faixas. Cerâmica ática de figuras negras de época arcaica. Fotografia primeiramente publicada por A. M. Arruda.

Na Península Ibérica as taças de faixas de figuras negras são pouco frequentes, apresentando maioritariamente decoração composta de motivos animais e representações humanas[1011]. Merece particular desta- que um fragmento de figuras negras proveniente de Ampúrias, atribuído à sub-variante «floral band cups», decorado com motivos florais e correntes de lótus e palmetas[1012].

1011 (E.g. Rouillard, 1991, p. 737, 2.2.3.10, 2.2.3.11).

1012 (Domínguez & Sanchez, 2001, p. 146, Fig.56.4).

CATÁLOGO

SAL/001. Conjunto de fragmentos de bordo, parede, asa e pé de taça de figuras negras. Bordo convexo, revestido de engobe negro na face externa e interna. Abaixo do bordo, exibe banda reservada, decorada com friso de palmetas, lótus fechados e linguetas. Conserva parte de uma das asas, que arranca da parede e se projeta ao nível do bordo. Pé anelar, de perfil simples, com pequena moldura na face externa, na ligação da base ao estreitamento do pé. Pasta de cor bege clara, bem depurada. Verniz negro, bastante deteriorado, sobretudo na asa. Diâmetro de abertura: 20 cm, diâmetro de pé: 7,8 cm. Bibliografia: Arruda, 2006; *VGP*, 2007, fig. 68.

4. AS PRODUÇÕES DO PERÍODO CLÁSSICO

4.1. ESTILO ÁTICO DE FIGURAS VERMELHA

4.1.1. Taça

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires e Colina do Castelo de Alcácer do Sal	SAL	/ 002-005; 054-065, 067-083, 087-090, 094-095, 116	**PT18-SAL**	IV
ALCÁÇOVA DE SANTARÉM	SAN	/ 001-005	**PT18-SAN**	IV
ALCOUTIM Castelinhos dos Mouros	ALC	/ 001	**PT15-ALC**	IV
BEJA Rua Do Sembrano e Centro Histórico	BEJ	/ 001-005	**PT18-BEJ**	IV
CABEÇO DA AZOUGADA	AZO	/ 001-005; 007-028	**PT18-AZO**	IV
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR	/ 001-037	**PT15-MAR**	III e IV
CASTELO DE MOURA	MOU	/ 001-002	**PT18-MOU**	IV
CASTELO VELHO DE SÁFARA	CVS	/ 001-005	**PT18-CVS**	IV
CASTRO DE ROMARIZ	ROM	/ 001	**PT11-ROM**	IV
CERRO DA ROCHA BRANCA	CRB	/ 001-002; 004	**PT18-CRB**	IV
CHÕES DE ALPOMPÉ	ALP	/ 001-002	**PT18-ALP**	IV
GARVÃO – Cerro do Adro	GAR	/ 002-004	**PT18-GAR**	-
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	LIS/CSJ LIS/RSJ	/ 001-005 / 022	**PT17-LIS**	IV
MÉRTOLA	MER	/ 001-021	**PT18-MER**	IV
MESAS DO CASTELINHO	CAS	/ 001	**PT18-CAS**	IV
SANTO ESTEVÃO DA FACHA	SEF	/ 001-004	**PT18-SEF**	IV
TAVIRA Colina de Santa Maria	TAV/NT TAV/BNU TAV/	/ 001 / 002, 004 / 016	**PT15-TAV**	IV

Os estudos conduzidos na Ágora de Atenas permitiram distinguir três principais variantes da forma «taça», designadamente, os tipos A, B e C. O primeiro, com exemplares que recuam ao terceiro quartel do século VI a.n.e., incorpora maioritariamente as designadas «eye-cups», com decoração que recorre à técnica bilingue, exibindo figuras negras no medalhão interno e figuras vermelhas na face externa da peça. O tipo B, comumente considerada a variante elegante das taças, distingue-se das demais pelo pé alto e corpo de curvatura contínua que dá lugar, na variante C[1013], a uma dupla inflexão que resulta em taças de bordo convexo[1014]. Quer nestes exemplares, quer nas taças de curvatura contínua, verifica-se a clara preferência pelo total revestimento da superfície externa do bordo com verniz negro. Na Península Ibérica, as taças atribuídas às variantes A e B são raras, registando-se, no entanto, vários testemunhos do tipo C, decorados com figuras vermelhas.

Tal como ocorre para os exemplares de taças de verniz negro, também os estudos referentes à cerâmica de figuras vermelhas individualizam a forma «taça de pé baixo», distinguindo-a do grupo das taças de pé alto (tipos A, B e C). Não obstante esta particularização, na presença exclusiva de fragmentos de bordo ou bojo do vaso, nem sempre é possível determinar a variante a que pertenceriam.

Na fachada atlântica da Península Ibérica, são pouco frequentes os exemplares de taças de figuras vermelhas que conservam pé, predominando os fragmentos de bordos e bojos. Sempre que foi possível a classificação morfológica das taças, verifica-se a presença exclusiva de exemplares de «taça ática de pé baixo». Considerando estas duas ordens de razão, e levando em conta a raridade dos exemplares dos tipos A e B com testemunho na Península Ibérica, e a ausência de bordos côncavos (tipo C) de vasos de figuras vermelhas identificados em contextos arqueológicos no território estudado, entendemos adequa- do realizar a interpretação conjunta dos exemplares de taça de pé baixo e dos fragmentos que não conservam base, assumindo a provável integração destes últimos na variante «stemless cup» da Ágora de Atenas[1015]. A sua individualização adulteraria a leitura dos conjuntos, em particular dos mais numerosos, onde apenas se identifica a variante de pé baixo, associada a um grande número de bordos e paredes de taças de tipo indeterminado.

4.1.2. Taça de pé baixo

Os exemplares que definimos como «taças pé baixo» apresentam características que correspondem à forma «stemless cup», definida pelo estudo das produções áticas de figuras vermelhas da Ágora de Atenas[1016]. Os pés, anelares, possuem perfis simples ou moldurados. Os fundos, retos ou reentrantes, apresentam na face externa e de forma recorrente, círculos concêntricos reservados e em verniz negro, dispostos alternadamente. O bordo apresenta-se tenuemente revirado para fora ou de perfil reto, exibin- do uma curvatura contínua com o bojo, podendo estreitar-se na face interna do lábio. Apresenta ainda duas asas horizontais, que arrancam a meia altura do corpo, e se projetam até ao bordo ou ligeiramente para além deste.

Os exemplares mais antigos produzidos desta variante de taça reportam-se a 510-500 a.n.e.[1017], popularizando-se a forma no segundo quartel do século V a.n.e. Continua a ser fabricada ao longo da centúria seguinte, sendo, em toda a sua diacronia de produção, menos abundante do que as taças congéneres totalmente revestidas de engobe negro. Ainda que nenhum artista se tenha especializado nesta variante de taça, o pintor de Marlay, juntamente com o pintor de Lid, são os que de forma mais recorrente se associam a esta forma[1018]. As taças de pé baixo integram igualmente o reportório de peças decoradas pelo Grupo do Pintor de Viena 116, com abundantes testemunhos na fachada atlântica da Península Ibérica.

Esta variante de taça regista, ao longo de todo o seu fabrico, um reportório de temas decorativos limitado, apresentado segundo duas opções ornamentais distintas. Na primeira, os motivos pintados são aplicados apenas no medalhão central, permanecendo a restante peça revestida de verniz negro. Simultaneamente, são produzidos exemplares decorados nas superfícies externa e interna, não estando os motivos circunscritos ao fundo da taça. Em ambos os casos, o medalhão central possui decoração figurativa

1013 Sobre a forma, e.g. (*Hesperia* 55, 1986, pp.174).

1014 Em ARV2, Beazley integra na variante C, exclusivamente os exemplares de bordo esvasado, procurando-se nos estudos da Ágora de Atenas a inclusão de exemplares que apresentem uma curvatura contínua da parede, de forma a uniformizar as variantes simultaneamente apresentadas para os vasos de verniz negro e figuras vermelhas.

1015 (Moore, 1997, p. 66).

1016 (Moore, 1997, p. 66, nos. 1347-1399, pls. 125-129).

1017 (*Ibidem*).

1018 (*Ibidem*).

e apresenta-se delimitado por uma ou duas linhas concêntricas[1019]. A face interna do pé apresenta-se geralmente engobada e o fundo externo possui decoração composta de círculos concêntricos e ponto central.

Entre os motivos decorativos mais frequentemente associados a esta forma, encontramos representações de jovens vestidos com himátia, em frente a um altar ou pilar; usualmente associados a motivos decorativos secundários, sendo os mais comuns, discos, *aediculos* (compostos pela sobreposição de dois blocos retangulares), arýballoi, volutas e linhas onduladas e espirais. A referida composição decorativa apresenta-se geralmente na face interna dos vasos, no medalhão central, delimitado por círculos concêntricos. Igualmente na face interna, geralmente junto ao bordo, possuem com frequência motivos vegetalistas sobrepintados a cor branca, compostos de ramagens/ grinaldas de folhas e frutos de hera. Na face exterior da taça é usualmente representado, por baixo do arranque de cada asa, uma palmeta vertical aberta e, de cada lado da palmeta, volutas verticais. São também comuns as representações de jovens afrontados, envoltos em himátia.

Na Península Ibérica identificam-se exemplares de taças de pé baixo de figuras vermelhas em diversos arqueossítios e em abundante quantidade. Destacamos, pela similitude formal com os exemplares identificados na fachada atlântica, os conjuntos de taças de pé baixo identificadas no naufrágio de El Sec[1020] na Andaluzia, particularmente os conjuntos estudados por Pierre Rouillard (1975).

No decorrer do presente estudo foram identificados dezoito arqueossítios que testemunham a aquisição de exemplares de taças de figuras vermelhas, oito dos quais integrados na região do Algarve (PT15), designadamente, Castelo de Castro Marim, Alcoutim, Tavira e Cerro da Rocha Branca. No mencionado território, não se registam taças de figuras vermelhas apenas no contexto de necrópole da Quinta da Queimada e em Ilhéu do Rosário[1021]. Na região do Alentejo (PT18), contabilizam-se nove arqueossítios com registo desta forma. Os restantes sete locais analisados registam exclusivamente peças revestidas de verniz negro, ficando assim demonstrado, neste território, que as taças estão sempre presentes nos conjuntos onde se verifica a importação de figuras vermelhas. Na região de Lisboa (PT17), Centro (PT16) e do Norte (PT11) a forma encontra testemunhos exclusivamente em Lisboa, Romariz e Santo Estevão da Facha, nos dois últimos locais identificada com reservas que decorrem da pequeníssima dimensão dos fragmentos.

Os conjuntos de taças de figuras vermelhas que integram um maior número de exemplares registam-se em Alcácer do Sal (41 fragmentos), Castelo de Castro Marim (37 fragmentos), Azougada (28 fragmentos) e Mértola (21 fragmentos), sendo procedentes de cada um dos restantes locais menos de uma dezena de fragmentos.

4.1.2.1.1. PRODUÇÕES DO SÉCULO V A.N.E. – CÍRCULO DO PINTOR DE MARLAY

Em Castelo de Castro Marim identificam-se dois exemplares de taças de figuras vermelhas atribuídos ao século V a.n.e., sendo em ambos admissível uma correspondência às obras do "Círculo do Pintor de Marlay". Na primeira, é reproduzida uma figura masculina vestida com himátion, conservando-se apenas a parte inferior da referida figura (MAR/001). O detalhe empregue no desenho dos pormenores anatómicos do pé, a escolha do motivo representado e a forma utilizada para representar o panejamento, permitem a atribuição, com relativa segurança, do seu pintor. No segundo exemplar do século V a.n.e. foi representada uma figura animal em movimento (MAR/002)[1022]. Em ambos os casos, o medalhão central é delimitado por um ou dois círculos reservados. A opção decorativa adotada para o fundo externo varia, optando-se numa das peças pela manutenção do fundo em reserva com um pequeno círculo concêntrico e ponto central em verniz negro, e, no segundo exemplar, pela aplicação de uma banda em verniz negro que ocupa grande parte do fundo, dando lugar a uma outra, reservada. Nas duas peças, a superfície de apoio do pé foi deixada em reserva.

Encontramos paralelos para os exemplares de Castelo de Castro Marim, em particular para os detalhes anatómicos adotados na representação da figura masculina, por exemplo, num exemplar de taça de pé baixo procedente de Neápolis, datado entre 425-400 a.n.e.[1023].

A representação de cervídeos é pouco frequente nos conjuntos de cerâmica grega identificados na Península ibérica, sobretudo associadas à forma «taça». Registam-se, por exemplo, num fragmento de

1019 (*Ibidem*).

1020 (Arribas *et alii*., 1987, pp. 73-106).

1021 Relembramos que neste local foi identificado apenas um fragmento no decorrer de escavações realizadas em 1878.

1022 O fragmento e a proposta de classificação são primeiramente apresentados em Arruda, 1997.

1023 (Trías, 1967-1968).

askos[1024] de figuras vermelhas e num exemplar de taça de pé alto, ambos procedentes de Ampúrias, o primeiro datado de 425-420 a.n.e., e o segundo[1025], mais antigo, associado a um contexto de 450-425 a.n.e. Igualmente em Ampúrias, foi identificado uma *lêkythos* aribalesca[1026] decorada na face externa com um veado, em posição de salto, representado com pontos negros dispostos de forma espaçada por todo o corpo do animal. O cervídeo repousa sobre linha reservada. Por último, e a título de exemplo, destacamos um fragmento de kratêr-de-sino[1027] identificado no povoado Los Nietos, atribuído ao Grupo do Pintor de Meidias, com a possível representação de um cervídeo igualmente em posição de salto. Idêntica atribuição é dada a uma tampa de lekanides[1028] procedente de Ullastret, onde foi representado um veado ligeiramente agachado, representado com o dorso preenchido de linhas de pontos negros e pontos isolados.

4.1.2.1.2. PRODUÇÕES DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO IV A.N.E. – GRUPO DO PINTOR DE VIENA 116 E PINTOR INDETERMINADO

Em Castelo de Castro Marim foram identificados 37 fragmentos que correspondem a 22 exemplares (NMI) de taças de figuras vermelhas. Do conjunto, 35 fragmentos (20 NMI) apresentam características formais e estilísticas concordantes com as produções do século IV a.n.e. A generalidade associa-se a níveis conservados da referida centúria, confirmando uma vez mais o seu enquadramento cronológico. Estas produções caracterizam-se, entre outros elementos, pela presença de um ressalto, na parede interna, a marcar a separação entre o corpo da peça e o arranque do fundo. Nos exemplares mais antigos, este ressalto não se verifica, apresentando o interior da taça uma curvatura contínua. O medalhão central, quando conserva-do, surge invariavelmente com decoração figurativa.

Apenas em quatro exemplares, é possível a identificação segura do pintor, reportando-se ao Grupo do Pintor de Viena 116. Possuem decoração composta da representação de jovens envoltos em himátia, voltados para a direita, apresentando um dos braços estendido. Consideram-se ainda como traços caraterísticos deste grupo de pintores, a representação de um ponto negro na face das figuras, junto à boca, assim como a inclusão de um motivo em forma de «C» invertido, pintado no panejamento. Igualmente frequentes são as reproduções de discos ou meios discos, altares e/ou *aediculos* nas áreas vazias do medalhão central. A referida composição decorativa é complementada de palmetas e volutas, geralmente apresentadas na face exterior do corpo das taças, de forma isolada ou integrada na representação de cenas de palestra.

Considerando a abundância de testemunhos identificados na fachada atlântica da Península Ibérica, entendemos pertinente individualizar fragmentos onde é possível reconhecer afinidades com o Grupo do Pintor de Viena 116, quer nos motivos representados e no traço característico do pintor, quer na forma da peça, ainda que a referida atribuição não possa ser feita de forma segura. Pelas razões supramencionadas, integramos neste conjunto os fragmentos MAR/007 a MAR010 e MAR/012, identificados em Castelo de Castro Marim. Destacamos ainda o fragmento MAR/012 no qual se identifica um ressalto na parede interna, igualmente presente nas restantes peças atribuídas a este Grupo, e comumente considerado um dos caracteres distintivos das formas decoradas por este Grupo de Pintores[1029].

São provenientes de Alcácer do Sal 40 fragmentos de taças de figuras vermelhas de fabrico ático, sendo 4 oriundos da necrópole do Senhor do Olival dos Mártires (SAL/002 a SAL/005) e 36 da colina do Castelo (SAL/054 a SAL/065, SAL/067 a SAL/083, SAL/087 a SAL/090, SAL/094 a SAL/095 e SAL/116). Neste último conjunto, identificaram-se 14 bordos e 5 bases, 4 das quais de perfil claramente distinto. To- dos os fragmentos apresentam-se muito fraturado e deteriorado, dificultando a identificação dos motivos decorativos e consequentemente do pintor destes exemplares. Não obstante a pequena dimensão dos fragmentos, não se verificam exemplares com características formais e estilísticas que se reportem à se- gunda metade do século V. Os fragmentos SAL/074, SAL/116, SAL/071 e SAL/072 podem ser atribuídos à obra do Grupo do Pintor de Viena 116, apresentando o primeiro decoração composta da representação de um jovem com o característico ponto negro na face. Os restantes fragmentos possuem o ressalto na parede interna da parede, na ligação da parede ao fundo, igualmente característico da obra do referido Grupo de Pintores. Os exemplares SAL/060, SAL/072 e SAL/067 apresentam círculos concêntricos a delimitar o medalhão central. Conservam-se motivos decorativos identificáveis nos fragmentos SAL/072, SAL/068, reconhecendo-se a representação de palmetas; nos exemplares SAL/059 e SAL/075 com a representação

---

1024 (Miró, 2006, cat. p. 744, nº 3627, lâm. 295).

1025 (*Ibidem*, cat. p. 72-73, nº 271, lâm. 39).

1026 O vaso data de 400-350 a.n.e. (*Ibidem*, p. 107, p. 249, p. 261, fig. 711, cat. p. 720, nº 3514, lâm. 282).

1027 (Garcia Cano, 1982, p. 250, 603).

1028 (Maluquer, Picazo & Martin 1984, p. 36, pl. 34, nº 1; entre outros).

1029 (Rouillard, De la Torre Castellano & Sánchez Moreno, 2017).

de espirais e nos fragmentos SAL/064, SAL/071, SAL/073 e SAL/087 onde se conservam vestígios de mantos. Por último, verifica-se pintura sobrepintada a branco na face interna dos fragmentos SAL/055, SAL/056, SAL/071, SAL/072, SAL/069, SAL/074, SAL/075, com a possível representação de ramagens e frutos de hera. No exemplar SAL/059 preserva-se um ponto reservado na face interna, podendo igualmente corresponder à representação de um fruto de hera.

No respeitante aos exemplares identificados na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (SAL/002 a SAL/005), apenas três (SAL/002 a SAL/004) permitem uma atribuição do pintor responsável pela sua decoração, ainda que a mesma não seja feita de forma segura. Exibindo decoração composta de palmetas, volutas e jovens envoltos em himátia, poderão remeter-se para a obra do Grupo do Pintor de Viena 116.

Também os trabalhos arqueológicos conduzidos no arqueossítio do Cabeço da Azougada permitiram recuperar 27 fragmentos de taças de figuras vermelhas (AZO/001 a AZO/005 e AZO/007 a AZO/028), correspondendo a 14 indivíduos (NMI). O pequeno conjunto de taças, com grande homogeneidade nos fabricos e nas características morfológicas das peças, regista semelhanças estilísticas entre a decoração apresentada em 13 fragmentos e o reportório do Grupo do Pintor de Viena 116 (AZO/001 a AZO/005, AZO/007; AZO/008; AZO/010; AZO/011; AZO/015; AZO/017, AZO/025 e AZO/028). Tal como ocorre em Castelo de Castro Marim, também neste conjunto se registam abundantes representações de jovens envoltos em himátia, um motivo frequente nas obras do referido grupo, identificando-se em todas as figuras o característico ponto pintado a negro presente nas suas faces (AZO/001 a AZO/003 e AZO/011). O cai- mento das vestes (himátia) é representado através de finos traços pintados a negro, sobrepostos de curtas e espessas pinceladas, apresentadas maioritariamente na zona das omoplatas e braços. Ainda que nem sempre se conserve o rosto da figura que enverga o himátion, são abundantes os vestígios do panejamento, presentes em AZO/008, AZO/009, AZO/016, AZO/018, AZO/021 e AZO/025 a AZO/27. As palmetas e espirais são igualmente recorrentes, identificando-se as primeiras nos fragmentos AZO/001, AZO/002, AZO/004, AZO/12, AZO/013, AZO/015, AZO/020 e AZO/028 e constando o segundo motivo nos exemplares AZO/005; AZO/007; AZO/008 AZO/010 e AZO/017. Nas faces internas das paredes são comuns os motivos reservados ou sobrepintados a branco, identificando-se caules, folhas e frutos que compõem grinaldas de hera (AZO/001, AZO/003, AZO/007 a AZO/010, AZO/017, AZO/019, AZO/025 e AZO/026). Os restantes exemplares, de pequeníssima dimensão, conservando apenas vestígios de motivos decorativos, não permitem a classificação segura do seu pintor, sendo, no entanto, admissível a sua integração na obra do Grupo do Pintor de Viena 116[1030].

O conjunto de taças identificado em Mértola, composto de 21 fragmentos, é em tudo semelhante aos exemplares supramencionados. Possuem bordos retos ou ligeiramente revirados para fora, registando um ligeiro estreitamento na face interna do lábio. Em três exemplares (MER/004, MER/006 e MER/008) são visíveis ressaltos na face interna da parede, a assinalar a transição para o fundo. Os pés são baixos, anelares e moldurados, indicando tratar-se de exemplares da variante de taça de «pé baixo». Entre os motivos decorativos mais comuns, constam as representações de palmetas e espirais (MER/009; MER/010 e possivelmente MER/001, MER/003; MER/006) e vestígios da representação de mantos ou himátia (MER/002, MER/008 e possivelmente MER/005 e MER/019). Os fragmentos conservados de fundo possuem, de forma recorrente, círculos a delimitar um medalhão central (MER/001, MER/004, MER/006, MER/008, MER/013 e MER/015). Nos exemplares MER/009 a MER/011 são visíveis motivos vegetalistas sobrepintados a branco, na face interior do bordo, identificando-se grinaldas de hera, com caules, folhas e frutos. Não obstante a reduzida dimensão dos fragmentos e dos motivos decorativos preservados, é possível sugerir a sua integração na obra do Grupo do Pintor de Viena 116, ainda que esta atribuição seja feita de forma segura apenas em cinco fragmentos (MER/004, MER/006, MER/008; MER/009; MER/010 e MER/011).

Os restantes conjuntos, procedentes de Alcoutim, Castro de Romariz, Chões de Alpompé, Faro, Santarém, Tavira, Cerro da Rocha Branca, Castelo Velho de Sáfara, Garvão e Lisboa, confirmam uma vez mais a homogeneidade formal e estilística das taças de figuras vermelhas identificadas no território em estudo. A opção decorativa de círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada, a delimitar o medalhão central é recorrente, testemunhando-se, além dos supramencionados, em Castelo Velho de Sáfara (CVS/002 e CVS/005), Tavira (TAV/NT/001) e Lisboa (LIS/CSJ/002 a LIS/CSJ/005). Registam-se igualmente abundantes vestígios de mantos, presentes em taças recolhidas em Alcoutim (ALC/CM/001), Tavira (TAV/BNU/004), Castelo Velho de Sáfara (CVS/004), Mesas do Castelinho (CAS/001) e Santarém (SAN/002), sugerindo a representação de cenas compostas de jovens envoltos em himátia. As referidas cenas seriam complementadas da representação de palmetas e volutas, registando-se as primeiras em Tavira (TAV/NT/001; TAV/016), Castelo Velho de Sáfara (CVS/002) e Lisboa (LIS/CSJ/001, LIS/CSJ/002, LIS/ CSJ/004). O segundo elemento está igualmente presente, identificando-se a representação de espirais no Cerro da Rocha Branca (CRB/001 e CRB/002), Castelo Velho de Sáfara (CVS/003) e Santarém (SAN/001).

1030 (Rouillard *et alii*., 1988-1989, pp. 71-73).

Ainda que não seja possível atribuir, com segurança, o pintor da generalidade dos exemplares mencionados, os motivos decorativos aqui representados são frequentes na obra do Grupo do Pintor de Viena 116. Exceção feita a dois fragmentos procedentes de Lisboa (LIS/004 e LIS/005), e um de Tavira (TAV/ NT/001), que conservam um ressalto na face interna da parede, característico do referido Grupo de Pintores. O exemplar LIS/CSJ/005 preserva igualmente vestígios de pintura sobrepintada a branco, apresentada na face interna do bordo, composta da representação de frutos de hera. As características estilísticas e morfológicas presentes nos restantes fragmentos são genericamente concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e.

De Castelo de Moura são procedentes dois fragmentos de bases de taças de pé baixo de figuras vermelhas (MOU/001 e MOU/002). Conservam ambos parte da decoração que comporia o medalhão central, identificando-se jovens envoltos em himátia. Integram ambos a obra do Grupo do Pintor de Viena 116[1031], datando da primeira metade do século IV a.n.e.

As taças de figuras vermelhas procedentes de Beja, particularmente o exemplar BEJ/005, apresentam um cariz singular, contradizendo a tendência de homogeneidade dos motivos decorativos representados no atual território português. Ainda que o motivo conservado no medalhão central se encontre praticamente apagado, a silhueta preservada é concordante com a representação de uma cabeça feminina, sendo percetível um sakkós (ou menos provável, um gorro frígio) e parte considerável da face da figura, voltada à direita. Em frente à personagem foi representada possivelmente uma voluta, da qual apenas se conserva vestígios. O medalhão central estaria delimitado de círculos concêntricos reservados. A face interna do pé da taça encontra-se totalmente revestida de verniz negro e o fundo interno exibe círculos concêntricos em reserva e em verniz negro, apresentados de forma alternada. Representações deste tipo integram igualmente o reportório do Grupo do Pintor de Viena 116, testemunhando-se, entre outros locais, no naufrágio de El Sec[1032]; Castellones de Ceal[1033] e Roses[1034], datadas de 375-350 a.n.e., e em Ullastret[1035] e Empúries[1036], atribuídas a 400-350 a.n.e. Os restantes fragmentos identificados em Beja (BEJ/001 a BEJ/004), de pequena dimensão, conservam escassos motivos decorativos. Os exemplares BEJ/001 e BEJ/003 possuem uma composição de pontos pintados a negros, dispostos sequencialmente. Encontramos este tipo de motivos quer em exemplares de taças com representação de jovens no medalhão central[1037], como, em taças com representações de cabeças femininas[1038], ambos comuns em obras do Grupo do Pintor de Viena 116. Considerando os paralelos estabelecidos para a decoração presente em todos os exemplares, é admissível uma a integração deste conjunto nas produções de 375-350 a.n.e.

Por último, sublinhamos o aparecimento em Castelo de Castro Marim de uma taça de figuras vermelhas decorada, no medalhão central, com a figura de um jovem envolto em himátion (MAR/017). A representação dos detalhes anatómicos da figura distanciam-na das características associadas ao Grupo do pintor de Viena 116, amplamente representado no território em estudo. Ainda que se desconheça o pintor, encontram-se afinidades na representação dos olhos e cabelo com outras taças recolhidas na Península Ibérica[1039].

Destacamos igualmente o fragmento MER/017, procedente de Mértola, pelo caracter excecional do motivo decorativo apresentado no medalhão central. Correspondendo a um fragmento de fundo com arranque de pé e parede, é possível identificar na face interna do fundo, vestígios da representação de uma espiga, um motivo sem paralelo na fachada atlântica da Península Ibérica. Encontramos representações similares, por exemplo, em Ampúrias (Neápolis), num skyphos do estilo de Saint-Valentin, associado ao Círculo do pintor de Marlay, datado de 450-400 a.n.e.

A generalidade dos atributos mencionados, adjudicados à obra do Grupo de Pintores de Viena 116, é partilhada pelas obras do Pintor de Viena 202, do Pintor de Viena 155 e do Grupo de Bruxelas A 156, razão pela qual Beazley agrupou todos estes artistas no abrangente grupo que designou «YZ Group». Na Península Ibérica regista-se um número muito significativo de vasos decorados pelos artistas deste grupo[1040]. Ainda que não seja comportável citar, no âmbito do presente trabalho, os inúmeros paralelos

1031 Desde logo sugerida em (Soares, 2017).

1032 E.g. (Arribas *et alii.*, 1987, p. 101, nº 68-69, fig. 18, lâm. XLI; Trías, 1987, p. 29, fig. 7.68).

1033 (Trías, 1967-1968, p. 480, 10, lâm. CCXl, nº 2; Beazley, 1968, p. 1527, 3; Rouillard, 1975ª, p. 32, nº 1, lám. XV; Sanchez, 1992ª, p. 535-536, nº 277).

1034 (Puig & Martin, 2006, p. 223, fig. 6.73, p. 224).

1035 E.g. (Trías, 1967-1968, p. 227, nº 16, lâm. CXXXII.1; Picazo, 1977, p. 56, n.º 144, lâm. XXIII, 2).

1036 (Miró, 2006, p. 222, p. 226, fig. 589, cat. nº 789, p. 180, lâm. 84, 309).

1037 E.g. (Trías, 1967-1968, nº 452, p. 148, lâm. LXXXI, 1).

1038 E.g. (Puig & Martin, 2006, p. 223, fig. 6.73, p. 224).

1039 E.g. em Castellon del Ceal (Trías, 1967-1968, p. 479, lâm. CCXL).

1040 (Trías, 1967-1968; Rouillard, 1975, 1991).

registados para as peças apresentadas em catálogo, destacamos as semelhanças decorativas verificadas com alguns dos materiais recuperados no naufrágio de El Sec[1041], no depósito de Zacatín[1042], na necrópole de Baza[1043] e, de forma geral, em diversos arqueossítios do território correspondente à atual Andaluzia[1044], onde as obras deste pintor são particularmente abundantes. Os dados resultantes dos trabalhos conduzidos nestes locais serviram de referência à atribuição cronológica dos materiais áticos procedentes da fachada atlântica da Península Ibérica, integrando-os nas produções da primeira metade do século IV a.n.e., sendo particularmente abundantes os exemplares que se reportam ao segundo quartel da referida centúria. No respeitante aos marcadores formais verificados nas taças, destacamos a recorrência com que as obras atribuídas ao Grupo do Pintor de Viena 116 surgem associadas a taças com ressalto verificado na parede interna da taça, a marcar a separação do fundo. A este propósito, destacamos o trabalho desenvolvido por Pierre Rouillard e restantes colaboradores[1045], sobre a possível associação de um grupo de artistas a várias classes de taças de características distintas.

CATÁLOGO

PRODUÇÕES DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO V A.N.E. – CÍRCULO DO PINTOR DE MARLAY (Estampa I)

MAR/001. Fragmento de parede, pé e fundo. Pé anelar e moldurado. A superfície interna apresenta um medalhão central decorado com figura humana envolta em himátion, de que são visíveis as pregas correspondentes. Foi dado particular destaque aos pormenores anatómicos dos pés da figura, que se posicionam sobre área sobrelevada. A delimitar o medalhão central foram representados dois círculos concêntricos em reserva, alternados com círculo de verniz negro. O fundo externo apresenta-se reservado, complementado por um círculo concêntrico de verniz negro. A superfície de apoio do pé foi igualmente deixada em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 6,6 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0773] 10202.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 71.

MAR/002. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé anelar e moldurado. Apresenta decoração no fundo interno composta por cervídeo em posição de salto. O medalhão central encontra-se delimitado por círculo reservado. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva, assim como o fundo externo, complementado por círculo concêntrico e ponto central em verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8,2 cm, espessura máx.: 0,55 cm. **Mar. 1984 Corte 01 Quadrado G 03 Nível 3 0010.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 120, fig. 1:1; *VGP*, 2007, p. 144, fig. 70. O desenho MAR/002 foi adaptado de (Arruda, 1997, p. 120)

PRODUÇÕES DA PRIMERIA METADE DO SÉCULO IV A.N.E. – (Estampa II)

SAL/002. Conjunto de fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a bordo, parede, e arranque de asa. Conserva decoração na face externa composta de palmetas e representação de um jovem voltado á direita. Atrás deste, vestígios de uma voluta. **MNA 982.50.6, 982.62.93, 103, 104, 121 e 140 (27.7004).** Bibliografia: Rouillard et alii, 1988-1989, p. 71, nº 14, fig. 9, pl. XXIII, 1. Não ilustrado.

SAL/003. Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo. Na face externa conserva decoração composta de vestígios de uma palmeta com núcleo central. Na face interna são visíveis círculos concêntricos reservados e em verniz negro, a delimitar o medalhão central. No medalhão é visível parte de um motivo indeterminado. **OSM 24 (27.7043)**. Bibliografia: Rouillard *et alii*, 1988-1989, p. 72, nº 15, fig. 10, pl. XXIII, 2. Não ilustrado.

1041 (Arribas *et alii*., 1987)
1042 (Rouillard, De la Torre Castellano & Sánchez Moreno, 2017).
1043 (Presedo Velo, 1982).
1044 (Rouillard 1975a).
1045 (Rouillard, De la Torre Castellano & Sánchez Moreno, 2017).

SAL/004. Fragmento de bordo e parede. Na face externa conserva decoração composta da representação de um jovem envolto em himátion e, em frente a este, vestígios de um disco. **MNA 982.62.142 (27.7005**). Bibliografia: Rouillard et alii, 1988-1989, p. 73, nº 16, pl. XXIII, 3. Não ilustrado.

SAL/005. Fragmento de asa de taça de figuras vermelhas, classificado como asa de taça por Rouillard et alii. 1988-1989. **MNA 982.59.72 (27.7061)**. Bibliografia: Rouillard et alii, 1988-1989, p. 73, nº 17, pl. XXIII, 4. Não ilustrado.

SAL/054. Fragmento de bordo, parede e asa. Bordo reto, de perfil oval. Apresenta decoração na face externa composta de motivo indeterminado. Apresenta o interior da asa reservado. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,5 cm. **Setor H. Inventário: 2513**.

SAL/055. Fragmento de parede e arranque de asa. Apresenta decoração na face interna composta de ramagem sobrepintada a branco. Na face externa conserva vestígios de decoração indeterminada. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,45 cm. **Setor D. Inventário: 2518**.

SAL/056. Fragmento de bordo e parede. Na face interna conserva vestígios de decoração sobrepintada a branco na face interna. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Setor A. Inventário: 2516**.

SAL/057. Fragmento de pequena dimensão de fundo. Apresenta vestígios de decoração na face interna do fundo composta de motivo indeterminado. Espessura máx. conservada:0,45 cm. **Setor I. Inventário: 2069**.

SAL/058. Fragmento de fundo. Na face externa conserva círculo reservado e em verniz negro. Na face interna do fundo apresenta motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro de tonalidade esverdeada, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,47 cm. **Setor I. Inventário: 2106**.

SAL/059. Fragmento de parede. Apresenta ponto reservado na face interna. Na face externa conserva vestígio de espiral. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor I. Inventário: 2108**.

SAL/060. Fragmento de parede e fundo. Apresenta círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. No medalhão central apresenta motivo indeterminável. Na face externa conserva vestígio indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz espesso, aderente e brilhante. O verniz apresenta cor negra na superfície interna e cor vermelha na face exterior. Espessura máx. conservada: 0,5 cm. **Setor I. Inventário: 2107**.

SAL/061. Pequeno fragmento de bordo. Bordo reto, de perfil oval. Apresenta a face interna muito deteriorada. Na face externa conserva vestígios de motivo indeterminado. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com brilho metalizado. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,35 cm. **Setor**: **Depósito de água**.

SAL/062. Fragmento de parede e fundo e arranque de pé. Conserva decoração na face interna, composta de motivo indeterminável. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,5 cm. **Setor**: **Depósito de água**.

SAL/063. Fragmento de bordo e arranque de parede. A face interna apresenta-se muito deteriorada. Na face externa conserva vestígios decorativos de possível representação de manto. Não permite determinar diâmetro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. **Setor F. inventário: S/N banqueta**

SAL/064. Fragmento de fundo e arranque de pé. Na face externa no fundo apresenta círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. Na face interna apresenta representação de manto. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máxima conservada: 0,5 cm. **Setor G. Inventário: 2084**.

SAL/065. Fragmento de parede. Apresenta decoração na superfície externa composta de motivo indeterminado. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, negro, aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Setor G. Inventário: 2511**.

SAL/067. Pequeno fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície interna exibe círculos reservados e em verniz negro, apresentados alternadamente. Na face externa conserva motivo indeterminável. Pasta de cor laranja e tonalidade amarelada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor B. Inventário: 2099**.

SAL/068. Fragmento de bordo e parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Não apresenta decoração na superfície interna. Na superfície externa conserva vestígios de palmeta. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, pouco espesso, aderente e pouco brilhante. Diâmetro de abertura: 18 cm **Setor I. Inventário: 2074.**

SAL/069. Fragmento de bordo e parede. Bordo reto, de perfil oval. Na superfície interna apresenta possível ramagem sobrepintada a branco. Na face externa conserva decoração composta de motivo indeterminável. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 14,2 cm. **Setor F. Inventário: 2096**.

SAL/070. Fragmento de parede. Exibe decoração composta de motivo indeterminável na face externa []. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor F. Inventário: 2097**.

SAL/071. Três fragmentos pertencentes à mesma peça. Sem colagem entre si. (Inventário 580.2) Um fragmento de bordo reto, de perfil oval. Apresenta uma fina banda sobrepintada a branco na face interna. Na face externa conserva motivo indeterminável. Não permite determinar diâmetro. (Inventário 580.3) Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta ressalto na face interna, na ligação da parede ao fundo. Na superfície interna conserva decoração composta de fina banda sobrepintada a branco. Na superfície externa apresenta motivo decorativo indeterminável. (Inventário 580.1) Fragmento de fundo. Na face interna apresenta vestígios da representação de um manto. Na face externa conserva círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, muito aderente e muito brilhante. **Setor B. Inventário: 580**.

SAL/072. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta ressalto na superfície interna, na ligação da parede ao fundo. Na face interna conversa vestígios de círculo em verniz negro a delimitar o medalhão central. Na face externa apresenta parte de uma palmeta e o início de um motivo indeterminável. **Setor O. Inventário: 2350**.

SAL/073. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé anelar, de perfil simples. Apresenta a superfície de apoio em reserva. As faces interna e externa do pé encontram-se revestidas de verniz negro. Fundo externo em reserva. Na superfície interna do fundo apresenta vestígios de decoração composta da possível representação e um manto. O medalhão central é delimitado por círculos concêntricos. Pasta de cor bege e tonalidade amarelada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante. Diâmetro de pé: 8 cm. **Setor H. Inventário: 2001**.

SAL/074. Dois fragmentos correspondendo à mesma peça. Fragmentos de bordo e parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Na superfície interna apresenta decoração composta de possível ramagem de hera. Na face externa conserva representação de figuras humana envolta em himátion e motivo indeterminado. A figura exibe ponto negro na face. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor F. Inventário: 2101**.

SAL/075. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Bordo de perfil reto, oval. Apresenta decoração na superfície interna composta de possível ramagem de hera sobrepintada a branco. Na face externa apresenta representação e espiral. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Setor A. Inventário: 2531**.

SAL/076. Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo. Bordo reto, estreitado na face interna. Apresenta ressalto na face interna, na ligação da parede ao fundo. Na face interna conserva decoração composta de ramagem, folhas e frutos de hera. Na superfície externa apresenta decoração composta de []. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Verniz com ligeiro brilho metalizado. **Setor F. Inventário: 2120**.

SAL/077. Fragmento de parede, arranque de fundo e asa. Apresenta ressalto na superfície interna, na ligação da parede ao fundo. Na face interna conserva decoração composta de possível ramagem e parte de uma folha de hera. Na face externa são visíveis motivos indetermináveis. **Setor F. Inventário: 2072**.

SAL/078. Dois fragmentos com colagem entre si correspondendo a bordo e parede. Bordo ligeiramente revirado para o exterior. Na face interna conserva vestígios de decoração composta de ramagens, frutos e

folhas de hera sobrepintadas a branco. Na face externa é visível a representação de uma figura humana. Apresenta ponto negro na face. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro: 15,6 cm. **Setor F. Inventário 2525**.

SAL/079. Fragmento de bordo e parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Apresenta decoração composta de grinalda de hera na face interna, com ramagem, folhas e frutos. Na face externa conserva vestígios de espiral. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor C. Inventário 2523**.

SAL/080. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Na superfície interna conserva vestígios de ramagem e frutos de hera. Na face externa apresenta numa área reservada junto ao arranque da asa. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor L. Inventário: 2526**.

SAL/ 081. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Bordo reto. Exibe decoração na face interna composta de folha de hera reservada. Na face externa possui motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 16 cm. **Setor F. Inventário 2082.** Não ilustrado.

SAL/082. Pequeno fragmento de parede (parte inferior). Na face interna apresenta círculo concêntrico reservado. Na superfície externa exibe motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor F. Inventário 2092**. Não ilustrado.

SAL/083. Fragmentos de bordo e parede. Exibe decoração na face interna composta de ramagem e frutos de hera. Na face exterior, muito deteriorada, não são percetíveis os motivos decorativos que apresentaria. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e espesso. Não permite determinar diâmetro. **Setor L. Inventário 2110**.Não ilustrado.

SAL/087. Fragmento de pé, fundo e arranque de parede. Pé anelar, de perfil simples. Na face interna do fundo conserva vestígios de decoração composta da possível representação de um manto. Apresenta as faces interna e externa do pé revestidas de verniz negro. Superfície de apoio da base em reserva. Fundo externo em reserva com círculo concêntrico em verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas na superfície interna do pé. Verniz muito brilhante, aderente e espesso. **Setor L. Inventário: 2528**.

SAL/088. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé anelar, moldurado. Apresenta a superfície de apoio em reserva. Face interna parcialmente revestida de verniz negro. Na face interna do fundo exibe motivo indeterminável. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de pé: 10,4 cm. **Setor I. Inventário: 2109**.

SAL/089. Fragmento de pé, arranque de parede e arranque de parede. Pé anelar, moldurado. Na face interna do fundo apresenta banda em verniz negro, indeterminada. Superfície de apoio em reserva. Faces interna e externa revestidas de verniz negro. Na transição entre a face interna do pé e a face externa do fundo apresenta fina banda em reserva. Face externa do fundo revestida de verniz negro. Diâmetro de pé: 8,9 cm. **Setor F. Inventário: 2078**.

SAL/090. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé ligeiramente mais alto do que os restantes exemplares de taças identificados no território em análise. Pé anelar, moldurado. Apresenta a superfície de apoio em reserva. Face interna parcialmente revestida de verniz negro, na zona inferior. A parte superior da face interna do pé e a transição para o fundo externo apresenta-se reservada. Exibe revestimento de verniz negro na face externa do pé. Na face interna do fundo conserva decoração composta de motivos indetermináveis. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Verniz negro, espesso, muito aderente e brilhante. Diâmetro de pé: 8,2 cm. **Setor A. Inventário: 2502**.

SAL/094. Fragmento de pequeníssima dimensão de parede. Apresenta decoração na superfície externa composta de motivo indeterminado. Pasta de cor laranja clara, compacto e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor D. Inventário: 2510**. Não ilustrado.

SAL/095. Fragmento de parede e arranque de fundo. Já face interna exibe círculos concêntricos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. Na face externa apresenta motivo vegetalista. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor F. Inventário 2524**.

SAL/116. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta ressalto, na face interna, na ligação da parede para o fundo. Na face interna conserva círculos concêntricos reservados e em verniz negro, apre-

sentados de forma alternada. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Setor – Inventário: 2509**. Não ilustrado.

SAN/001. Fragmento de bordo e parede. Bordo ligeiramente esvasado, estreitado na face interna. A superfície externa encontra-se revestida de verniz negro, com uma fina banda sobrepintada a branco e vestígios de uma segunda banda próxima da zona de fratura (possível ramagem de hera?). Na superfície externa exibe decoração composta de possível voluta. Pasta de cor bege, alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **ALC.SANT.99.IC [261].** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. O desenho SAN/001 da Estampa IV foi adaptado de (Arruda & Sousa, 2019).

SAN/002. Fragmento de parede de pequena dimensão. Na superfície externa exibe decoração composta de finos traços pintados a negro, podendo corresponder a vestígios da representação de um manto. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **ALC.SANT/ sn**. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

SAN/003. Fragmento de parede de pequeníssima dimensão. Na superfície externa exibe decoração composta de motivo indeterminado A superfície interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade amarelada, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente, pouco brilhante. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

SAN/004. Fragmento de bordo de pequeníssima dimensão. O verniz encontra-se muito deteriorado, não permitindo confirmar a existência de decoração na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, pouco aderente e pouco brilhante. Não ilustrado.

SAN/005. Fragmento indeterminado de pequena dimensão. Exibe decoração composta de motivo indeterminado na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, pouco aderente e pouco brilhante. Não ilustrado.

ALC/CM/001. Cinco fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a três fragmentos de bordo com colagem entre si e dois fragmentos de parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Apresenta decoração na superfície externa composta da representação de um possível manto. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente e espesso. Diâmetro de abertura: 14,5 cm.

BEJ/001. Fragmento de fundo e arranque de parede. A transição entre a parede e o fundo apresenta-se bem marcada. Na face externa da parede conserva possíveis vestígios de decoração composta da representação de uma palmeta. Na superfície interna do fundo exibe círculos reservados e em verniz negro, alternados, a delimitar o fundo interno. No medalhão central conserva motivo decorativo indeterminado composto de dois conjuntos de linhas verticais, paralelas, intercalados de pequenos triângulos de verniz negro. No limite do motivo descrito, apresenta possível arranque de palmeta e motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Beja/ Rua do Sembrano/ 2003/ U.E. [165]** / **Núcleo Museológico da Rua do Sembrano**. Bibliografia: Grilo, 2007, fig. 7.

BEI/002. Fragmento de fundo. Na face interna conserva decoração composta de vestígios de manto. Na face externa, círculos concêntricos em verniz negro e reservados, apresentados de forma alternada, conjugados com ponto central. São visíveis vestígios de possível pintura a branco no arranque da parede. Pasta de cor laranja, compacta, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Beja/ Rua do Sembrano/ 1053.0015/ Núcleo Museológico da Rua do Sembrano**. Bibliografia: Grilo, 2007.

BEI/003. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na face interna exibe vestígios de círculos concêntricos em verniz negro e reservados, alternados, a delimitar o medalhão central. Do motivo representado no fundo interno apenas conservam três pontos de verniz negro. Na face externa apresenta vestígios de uma palmeta. Pasta de cor laranja, compacta, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Beja/ Rua do Sembrano/ 0626.0005**/**Núcleo Museológico da Rua do Sembrano**. Bibliografia: Grilo, 2007, figura 7.

BEI/004. Fragmento de parede (?). Decoração indeterminada na superfície externa. Na face interna exibe vestígios de possível elemento vegetalista (palmeta?). Pasta de cor laranja, compacta, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Beja/ Rua do Sembrano/ 0102.0230**/ **Núcleo Museológico da Rua do Sembrano**. Bibliografia: Grilo, 2007, figura 7.

BEI/005. Fragmento de base. Muito deteriorado, conservando apenas vestígios de pintura. No medalhão central é visível o contorno de um possível sakkós ou gorro frígio e parte da cabeça de uma figura humana. Em frente desta, motivo em forma de espiral. O medalhão apresenta-se delimitado por círculo concêntrico

reservado. Fundo externo com círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. As faces internas e externas do pé apresentam-se totalmente revestidas de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. O verniz apresenta-se muito deteriorado. Inédito.

AZO/001. Fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta decoração na superfície externa, composta da representação de vestígios de uma palmeta e da parte superior de um jovem envolto em himátion. Apresenta ponto pintado a negro no rosto da figura. Manto representado através de linhas finas, verticais e dispostas de forma paralela e pinceladas espessas, algumas das quais parcialmente sobrepostas às linhas supramencionadas. Da palmeta apenas se conservam vestígios de quatro pétalas. Na superfície interna apresenta folhas e ramagens de hera sobrepintadas a branco. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante na superfície externa. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **MNA/417; Azougada/ A2.995.37. 7E**.

AZO/002. Fragmento de bordo e parede. Conserva decoração na superfície externa, composta de jovem envolto em himátion. Apresenta ponto pintado a negro no rosto da figura. À direita do jovem, exibe vestígios de duas pétalas de palmeta. Conserva igualmente ponto pintado a negro, correspondendo a um motivo indeterminado. Superfície interna totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco espesso, aderente e brilhante. O verniz apresenta-se baço na face interna. **Azougada/ A2.995.37.6ª. 18/19.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 98.

AZO/003. Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo. Exibe ressalto na face interna, na ligação da parede ao fundo. Conserva decoração na superfície externa, composta da representação de jovem envolto em himátion. Apresenta ponto pintado a negro no rosto da figura. Manto representado através de linhas finas, parcialmente sobrepostas por pinceladas espessas de cor negra. Na face interna, vestígios de ramagem sobrepintada a branco. O medalhão central apresenta-se delimitado por círculos concêntricos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco espesso, pouco aderente e brilhante. **Azougada/A2.995.37.6F**. Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 99 – apresentado em posição invertida.

AZO/004. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe ressalto na face interna, na ligação entre a parede e o fundo. Conserva decoração na superfície externa, composta de vestígios de palmeta e motivo indeterminado. Na superfície interna apresenta dois círculos concêntricos reservados. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,35-0,4 cm. **Azougada/ A2.995.37.7**. Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 99.

AZO/005. Fragmento de bordo e arranque de parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de uma espiral. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco espesso, aderente e pouco brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Azougada/ A2.995.37.6C 18.19**.

AZO/007. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Conserva decoração na superfície externa, composta de vestígios de espiral. Na superfície interna exibe folhas de hera em reserva e ramagem sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Azougada/ A2.995.37.6.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 97.

AZO/008. Fragmento de bordo, arranque de parede e arranque de asa. Conserva decoração na superfície externa composta de espiral e vestígio de manto. Na superfície interna exibe grinalda de hera sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Verniz com brilho metalizado na superfície interna. **A2.995.37.7ª**. Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 95.

AZO/009. Fragmento de parede de pequena dimensão. Apresenta ressalto na face interna. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um manto. Na face interna apresenta grinalda de hera sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja de tonalidade avermelhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Azougada/A2.995.37.6.** Não ilustrado.

AZO/010. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, parede e arranque de asa. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de uma espiral. A face interna apresenta-se revestida de verniz negro, com ramagem de hera sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja clara, de tonalidade acinzentada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco espesso, aderente e brilhante. Na face interna o verniz apresenta brilho metalizado. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Azougada/ A2.995.37.7C**.

AZO/011. Fragmento de pequeníssima dimensão, de bordo e parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de parte da cabeça de um jovem, voltado à esquerda. Em frente à figura apresenta pontos negros e motivo indeterminado. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Na face interna o verniz apresenta brilho metalizado. Não permite determinar diâmetro. Possível correspondência com fragmento AZO/012. **Azougada/ A2.995.37.7**.

AZO/0012. Fragmento de pequena dimensão de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de palmeta e motivo indeterminado. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Azougada/ A2.995.37.7.6.** Não ilustrado.

AZO/013. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de uma palmeta. A face interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta da cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, muito aderente e muito brilhante. Verniz de boa qualidade, com brilho metalizado. Espessura máx. conservada: 0,32 cm. **Azougada/ A2.995.37.6.** Não ilustrado.

AZO/014. Fragmento de pequena dimensão de parede. Exibe decoração na superfície externa composta de motivo indeterminado. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, muito aderente e muito brilhante. Verniz de boa qualidade, com brilho metalizado. Espessura máx. conservada: 0,29 cm. **Azougada/A2.995.37.6.** Não ilustrado.

AZO/015. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de uma palmeta e motivo indeterminado. Na face interna apresenta igualmente um motivo indeterminado. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, muito aderente e muito brilhante. Verniz de boa qualidade, com brilho metalizado. **Azougada/ A2.995.37.6**.

AZO/016. Fragmento de pequena dimensão de parede e arranque de fundo. Na face interna, exibe círculos concêntricos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada a delimitar o medalhão central. No medalhão apresenta decoração composta de motivo indeterminado. Na superfície externa apresenta possível representação de um manto. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,45 cm. **Azougada/A2.995.37.7**. Não ilustrado.

AZO/017. Fragmento de bordo e parede. Conserva decoração na superfície externa, composta de vestígios de espiral. Na face interna, exibe vestígios de grinalda sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar o diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/018. Fragmento de pequena dimensão de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um manto. Na face interna conserva dois círculos concêntricos reservados a delimitar o medalhão central. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,38 cm. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/019. Fragmento de pequena dimensão de bordo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um motivo indeterminado. Na face interna, conserva folha de hera reservada. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/020. Fragmento de pequena dimensão de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um motivo indeterminado e parte de duas pétalas de palmeta. Na face interna conserva dois círculos concêntricos reservados. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Azougada/A2.995.37.7**. Não ilustrado.

AZO/021. Fragmento de pequena dimensão de bordo e parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de motivo indeterminado, sendo admissível que se trate de parte da cabeça e ombros de figura humana, conservando uma das linhas de representação do manto. A face interna apresenta-se revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/022. Fragmento de pequena dimensão de parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um motivo indeterminado. Na face interna apresenta duas linhas (ramagem?) sobrepinta-

das a branco. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/023. Fragmento de pequena dimensão de bordo. Exibe decoração na superfície interna composta da representação de um motivo indeterminado. Na face interna conserva parte de um motivo em reserva, igualmente indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Azougada/A2.995.37.7**. Não ilustrado.

AZO/024. Fragmento de pequena dimensão de bordo e arranque de asa. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um motivo indeterminado. A face interna apresenta-se integralmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,32 cm. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/025. Fragmento de pequena dimensão de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um manto e motivo indeterminado (possível arýballos). Na face interna conserva ramagem sobrepintadas a branco, e próximo da zona de fratura inferior, um círculo concêntrico reservado. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Azougada/A2.995.37.7.** Não ilustrado.

AZO/026. Fragmento de pequena dimensão de parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um manto. Na face interna conserva ramagem sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,35 cm. **Azougada/A2.995.37.7**. Não ilustrado.

AZO/027. Fragmento de pequena dimensão de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de um manto. Na face interna apresenta círculos concêntricos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada, a delimitar medalhão central. Da decoração presente no medalhão, apenas se conserva uma linha a negro sobre fundo reservado, pertencendo a um motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Azougada/A2.995.37.7.5**. Não ilustrado.

AZO/028. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Com ressalto na face interna da parede. Exibe decoração na superfície externa composta da representação de uma palmeta. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máximo conservada: 0,4 cm. Azougada/A2.995.37.7. Não ilustrado.

MAR/003. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, estreitado na face interna. A superfície externa exibe decoração composta por uma figura masculina envolta em himátion. O ponto negro, junto à boca, é traço característico dos trabalhos do Grupo de Pintor de Viena 116. Em frente da figura, existe um motivo indeterminado, possivelmente parte de um disco, dada a recorrência deste elemento nas obras do grupo deste pintor. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz de cor cinzenta, na superfície interior, e negra na face exterior. O verniz é aderente e pouco espesso. Espessura máx.: 0,36 cm. **C. Mar. 1986 Corte 01 Quadrado E 05 / B5 Sem nível 3362.**

MAR/004. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé anelar e moldurado. A parede apresenta um ressalto na superfície interna, a marcar o arranque do fundo. Na superfície interna foi representado um jovem envolto em himátion. Esta personagem central encontra-se voltada para a direita e tem o braço estendido. O himátion apresenta traços de diferentes espessuras a marcar as suas pregas e, entre elas, um motivo em forma de «C» invertido, desenhado com traço mais espesso. À esquerda da cabeça do jovem foi representado um «disco» de forma trapezoidal, com meia haste e dois pontos inscritos. Por baixo consta um elemento arquitetónico indeterminado. O medalhão central encontra-se delimitado por três círculos concêntricos reservados e de verniz negro, alternados. Em frente do jovem, foram representados motivos indeterminados, sendo possível que se trate de um altar, elemento frequente em peças semelhantes do Grupo do Pintor de Viena 116. A zona da cabeça encontra-se fraturada. Na superfície externa conservam-se vestígios de uma palmeta, parte de uma voluta, vestígios de um manto e motivos indeterminados, que poderão corresponder ao manto de uma segunda figura. O fundo externo exibe círculos reservados e em verniz negro, alternados. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Grupo do pintor de Viena 116. Diâmetro do pé: 7,9 cm. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0535] 10046.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 72.

MAR/005. Fragmento de fundo. A superfície interna apresenta decoração composta de jovem envolto em himátion, voltado à direita. Apresenta o braço esticado e, sobre ele, vestígios de disco com pontos inscritos.

A decoração encontra-se muito deteriorada sendo possível, no entanto, distinguir vestígios das pregas das vestes; a mancha correspondente ao cabelo; o olho e o que parece ser um ponto na face, elemento característico das obras do Grupo do Pintor de Viena 116. A superfície externa do fundo apresenta-se escalonada e exibe decoração composta de círculos reservados e em verniz negro, alternados. Espessura: 0,7 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0545] 6055; C. Mar. 2002 Setor 01 [0578] 15595.**

MAR/006. Dois Fragmentos com colagem entre si correspondendo a bordo e parede. Lábio reto, estreitado na face interna. A superfície externa exibe decoração composta por uma figura masculina envolta em himátion. O ponto negro, junto à boca, é traço característico dos trabalhos do Grupo de Pintor de Viena 116. Em frente e atrás da figura, existem vestígios de motivos indeterminados. A superfície interna apresenta-se decorada com possíveis motivos vegetais e dois círculos reservados a marcar o arranque do fundo. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz de cor negra, na superfície interior, e negra na face exterior. O verniz é aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,5 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0360] 3972.**

MAR/007. Quatro fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, parede e arranque de asa. Lábio reto, estreitado na face interior. A superfície interna apresenta-se decorada com motivos vegetais, possivelmente talos, representados entre o bordo e o ressalto que marca o arranque do fundo. O medalhão central é delimitado por um círculo concêntrico em verniz negro, parcialmente associado a um motivo decorativo indeterminado. A superfície externa exibe vestígios de uma palmeta, uma voluta vertical e de um possível manto. Com possíveis paralelos em obras do Grupo do pintor de Viena 116 (?). Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 13,5 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0593] 6086; C. mar. 2002 Setor 01 [0593] 15593.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 74.

MAR/008. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, de perfil tendencialmente oval. Apresenta decoração na superfície externa composta de vestígios de disco de meia haste e dois pontos inscritos, motivo frequentemente associado ao Grupo do Pintor Viena 116. Na superfície interna exibe elemento a cor cinzenta, sobrepintado, correspondendo a um motivo vegetal (ramagem de hera). Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 13,17 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0526] 6092.**

MAR/009. Fragmento de bordo, parede e asa. Lábio reto, ligeiramente estreitado na face interna. A asa encontra-se fraturada na extremidade. A superfície externa apresenta decoração composta de vestígios de palmeta e voluta. Com possíveis paralelos em obras do Grupo do Pintor de Viena 116. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 14,2 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0606] 10131.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 73.

MAR/010. Fragmento de bordo, parede e asa. Lábio reto, ligeiramente estreitado na face interna. A asa encontra-se fraturada na extremidade. A superfície externa é decorada com vestígios de palmeta e possível voluta. Com possíveis paralelos em obras do Grupo do Pintor de Viena 116. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 15,03 cm. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0584/0626] 10135.**

MAR/011. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, de perfil oval. A superfície externa apresenta motivo decorativo que poderá corresponder a vestígio de uma voluta vertical. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 13 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [Sup.] 6255.**

MAR/012. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Lábio reto, de perfil oval. Apresenta motivo decorativo na superfície externa, podendo tratar-se de vestígios de uma voluta vertical. A superfície interna apresenta um pequeno ressalto, que marca o início do fundo. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,4 cm. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0090] 903.**

MAR/013. Fragmento de parede. A superfície externa apresenta decoração composta de vestígios de voluta. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjado, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Espessura max. Conservada: 0,35 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0526] 6088.**

MAR/014. Fragmento de parede. A superfície externa apresenta-se decorada com vestígios da cabeça de um jovem, sendo percetível parte do cabelo. Exibe na superfície interna, vestígios de um possível manto e de um arýballos, que fariam parte do medalhão central limitado por ressalto. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Espessura 0,25 cm. **C. Mar. 1986 Corte 01 Quadrado D 03 Nível 04 2998.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 120, fig. 1: 2.

MAR/015. Fragmento de parede e arranque de fundo. A superfície interna apresenta decoração composta de círculos reservados e em verniz negro, alternados, a delimitar o medalhão central. A superfície exterior exibe decoração composta de vestígios de uma palmeta. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Espessura máx. 0,5 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 01.**

MAR/016. Fragmento de parede. A superfície interna exibe decoração composta de dois círculos concêntricos de cor cinzenta, sobrepintados. Apresenta motivo indeterminado na superfície externa, podendo corresponder a vestígio de uma espiral ou parte do cabelo de um jovem. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,4 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0360] 3973.**

MAR/017. Fragmento de parede. Apresenta decoração na superfície exterior e interior. Na face interior, é percetível uma figura masculina. Na superfície exterior exibe motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, de boa qualidade. Espessura: 0,3-0,5 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0526] 6043.**

MAR/018. Fragmento de parede e arranque de fundo. A superfície externa apresenta-se totalmente engobada. A face interna exibe decoração composta de círculo concêntrico a delimitar um medalhão central e três pontos a sobrepintados a negro. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mar. 2002 Setor 01 [0389] 5840.**

MAR/019. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Na superfície externa apresenta motivo decorativo indeterminado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente e pouco espesso. Diâmetro de abertura: 19,4 cm. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0650] 10141.**

MAR/020. Fragmento de fundo e arranque de parede. A superfície interna do fundo apresenta motivo indeterminado, correspondendo possivelmente a vestígios de um manto. O fundo externo exibe círculos em verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,8 cm. **C. Mar. 2000 Setor 01 [Sup.] 1066.**

MAR/021. Fragmento de fundo e arranque de parede. A superfície externa exibe decoração composta de motivos indeterminados. A face interna apresenta círculos em verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,54 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0518] 6065.**

MAR/022. Fragmento de parede. Apresenta decoração na superfície interna composta de motivos indeterminados. É possível que se trate da representação de um disco, conservando-se parte da haste e um dos pontos inscritos. Pasta de cor cinzenta e tonalidade esverdeada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e baço. Espessura máx.: 0,4 cm. **C. Mar. 1984 Corte 01 Quadrado F 02 Sem nível 2837.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 120.

MAR/023. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe na superfície exterior três círculos concêntricos em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não ilustrado. Espessura máx.: 0,78 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 02.** Não ilustrado.

MAR/024. Fragmento de parede. Apresenta na superfície interna decoração composta de um círculo concêntrico reservado a delimitar o medalhão central, desaparecido Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e depurada. Verniz negro de tonalidade acinzentada, pouco aderente, pouco espesso e baço. **C. Mar. 1983 Sup. 2783.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 120, fig. 1: 3.

MAR/025. Fragmento de parede. A superfície externa apresenta-se decorada com possível vestígio de manto. Pasta laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,4 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0584] 6052.**

MAR/026. Fragmento de pequena dimensão correspondendo a parede e arranque de fundo. A superfície interna apresenta círculo reservado, correspondendo possivelmente ao limite do medalhão central. A superfície externa exibe motivo indeterminado, podendo corresponder a vestígios de uma palmeta. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,45 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 03.**

MAR/027. Fragmento de parede e arranque de fundo. A superfície externa apresenta vestígios de possível manto. A face interna exibe um círculo concêntrico reservado a delimitar medalhão central, sendo

igualmente percetíveis motivos indeterminados. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,6 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 04.**

MAR/028. Fragmento de pequena dimensão correspondendo a parede e arranque do fundo. Exibe decoração na superfície externa composta de motivo indeterminado. A superfície interna apresenta linha reservada, possivelmente correspondendo ao limite do medalhão central. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso na superfície externa e baço. Espessura: 0,4 cm. **C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado C 05 Nível 01 2827.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 120.

MAR/029. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, de perfil oval. A superfície externa apresenta-se totalmente engobada com canelura reservada imediatamente a seguir ao lábio. A superfície interna exibe banda com decoração indeterminada, sobrepintada a branco. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. parede: 0,4 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0389] 5845.**

MAR/030. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, de perfil oval. Apresenta motivo decorativo indeterminado na superfície externa. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente pouco espesso e brilhante. Espessura máx.: 0,4 cm. **C. Mar. 1987 Corte 01 Quadrado E 04 Nível 03 3745.**

MAR/031. Fragmento de parede de pequena dimensão. Na superfície interna exibe motivo composto de três prontos representados a branco, sobrepintados, corresponde a frutos de hera. Pasta de cor laranja, dura compacta e depurada. **C. Mar. 1986 Corte 01 Quadrado E 02 Nível 04 2834.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 120.

MAR/032. Fragmento de fundo, pé e arranque de parede. Pé alto e moldurado. A superfície interna do fundo é decorada com possível vestígio de manto. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **C. Mar. Sup. Sem n.º 05.**

MAR/033. Fragmento de parede. O avançado estado de deterioração do fragmento não permite confirmar que se trata de uma peça de figuras vermelhas. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Não ilustrado. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0518] 6067.**

MAR/034. Fragmento de parede. A superfície externa apresenta-se muito deteriorada, sendo possível que registasse decoração de figuras vermelhas, indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Não ilustrado. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0078] 900.**

MAR/035. Fragmento de fundo de forma indeterminada. A superfície externa apresenta-se muito deteriorada, sendo possível que registasse decoração de figuras vermelhas, indeterminada. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Não ilustrado. **C. Mar. 1983 Sup. 0183.**

MAR/036. Fragmento de parede. A superfície externa apresenta-se muito deteriorada, sendo possível que registasse decoração de figuras vermelhas, indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não ilustrado. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0756] 11705.**

MAR/037. Fragmento de parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro. A superfície externa apresenta-se muito deteriorada, sendo possível que registasse decoração de figuras vermelhas, indeterminada. Não ilustrado. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0385] 5915.**

MOU/001. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé anelar, moldurado, com ressalto na face externa, na ligação do pé à parede. Exibe igualmente ressalto, na superfície interna da parede. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Faces interna e externa do pé revestidas de verniz negro. Na face externa do fundo exibe círculos reservados e em verniz negro, apresentados alternadamente. Na face interna do fundo, círculos reservados e em verniz negro delimitam o medalhão central. No fundo interno foi representada uma figura humana envolta em himátion. Conserva apenas a parte inferior da figura, identificando-se ambos os pés e o manto, este último representado através de traços de diferentes espessuras que representam o caimento da veste. Pasta de cor laranja, depurada e compacta. Verniz negro, aderente espesso e brilhante. **Castelo de Moura/sn**. Bibliografia: Soares, 2017. O desenho MOU/001 da Estampa IV foi adaptado de (Soares, 2017).

MOU/002. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé anelar, moldurado, com ressalto na face externa, na ligação do pé à parede. Apresenta a superfície de apoio do pé parcialmente em reserva. Face interna e externa do pé revestidas de verniz negro. Na face externa do fundo exibe círculo em verniz negro. Na superfície interna do fundo, apresenta círculos reservados e em verniz negro a delimitar o medalhão central. No medalhão foi representada uma figura humana envolta em himátion. Conserva apenas a parte superior da figura. Atrás desta, possível representação de discos (?). Verniz negro, com tonalidade acastanhada na face

interior, aderente e brilhante. Pasta bege escura, compacta e bem depurada. Altura máx. conservada: 2 cm, diâmetro de pé: 5,6 cm. **Castelo de Moura/10/PRT/S.3/AA/ [62]. CER-59.** Bibliografia: Macias, Gaspar & Valente, 2016 vol. II, p. 128; Soares, 2017. O desenho MOU/002 da Estampa IV foi adaptado de (Soares, 2017).

CVS/001. Fragmento de bordo. Conserva decoração na superfície externa composta de motivos indeterminados. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, pouco espesso, aderente e pouco brilhante. Altura máx. conservada: 1,8 cm. **Castelo Velho de Sáfara 6.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 90.

CVS/002. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície externa exibe decoração composta de vestígios de possível palmeta. Na superfície interna, duas linhas concêntricas reservadas a delimitar o medalhão central. Decoração muito deteriorada no fundo interno. Pasta de cor laranja clara, bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, pouco espesso, aderente. Altura máx. conservada: 4,6 cm. **Castelo Velho de Sáfara, 12.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 91.

CVS/003. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície interna exibe dois círculos reservados concêntricos que delimitariam o medalhão central. Na superfície externa conserva-se vestígios de motivos indeterminados e parte de uma espiral. Pasta de cor laranja clara, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Altura máx. conservada: 1,1 cm. **Castelo Velho de Sáfara, s/ nº.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 92.

CVS/004. Fragmento de fundo e arranque de pé. No fundo interno exibe vestígios de manto. O fundo externo apresenta círculos pintados e em reserva, apresentados alternadamente. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, aderente e brilhante. Altura máx. conservada: 1,1 cm. **Castelo Velho de Sáfara, 2.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 93.

CVS/005. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície interna exibe dois círculos concêntricos em reserva a delimitar o medalhão central. No medalhão, vestígios de um motivo indeterminado. Na superfície externa apresenta motivo indeterminado. Pasta de cor laranja e tonalidade amarelada, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso e brilhante. **Castelo Velho de Sáfara/ sn**. Bibliografia: Costa, 2010.

ROM/001. Fragmento de parede. Nas faces interna e externa conservam vestígios de verniz. A superfície externa apresenta-se muito deteriorada, sendo possível que registasse decoração de figuras vermelhas, indeterminada. Pasta de cor castanho claro de tonalidade alaranjada, dura, compacta e muito depurada. Verniz espesso, aderente e brilhante. **ML: ROM 80 II (05).** Bibliografia: Silva, 1986, p.162, nº 171, Est. LXXIX, 3; Centeno & Oliveira, 2008, p. 49; Centeno, 2011, p. 45, nº 11.

CRB/001. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e arranque de parede. A face exterior do lábio apresenta-se revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe decoração composta de parte de uma espiral. Na face externa da parede é visível o arranque de uma asa. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Cerro da Rocha Branca/ sn**. Não ilustrado.

CRB/002. Fragmento de pequena dimensão de bordo e arranque de parede. A face exterior do lábio apresenta-se revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe decoração composta de parte de uma espiral. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Possível correspondência com CRB/001. **Cerro da Rocha Branca/ sn.** Não ilustrado.

CRB/003. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na face externa conserva vestígios de decoração, sendo percetíveis duas bandas de cor negra diluída, pertencentes a motivo indeterminado e um ponto de cor negra. Pasta de cor laranja claro, de tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Cerro da Rocha Branca/ sn.** Não ilustrado.

ALP/001. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Apresenta decoração na face externa composta de motivos indeterminados. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro. **Chões de Alpompé, 100- [202] 42**. Bibliografia: Arruda *et alii.*, 2018, fig. 16.

ALP/002. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Apresenta decoração na face externa composta de motivos indeterminados. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro. **Chões de Alpompé, 101 – [202] 41**. Bibliografia: Arruda *et alii.*, 2018, fig. 16.

GAR/002. Fragmento de taça indeterminado. Atribuído ao Pintor de Viena 116. **Garvão – Cerro do Adro**. Bibliografia: Nunes Ponte, 2010, 2012. Não ilustrado.

GAR/003. Fragmento de taça indeterminado. Atribuído ao Pintor de Viena 116. **Garvão – Cerro do Adro**. Bibliografia: Nunes Ponte, 2010, 2012. Não ilustrado.

GAR/004. Fragmento de taça indeterminado. **Garvão – Cerro do Adro**. Bibliografia: Nunes Ponte, 2010, 2012. Não ilustrado.

LIS/ CSJ/001. Fragmento de parede e parte de asa. Asa de perfil circular. Apresenta a superfície interna totalmente revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe decoração composta de motivo indeterminado, representando possivelmente parte de uma palmeta. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Castelo de São Jorge 4677.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

LIS/CSJ/002. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície interna, dois círculos concêntricos reservados a delimitar o medalhão central. É ainda visível parte de um motivo indeterminado que integraria a cena representada no medalhão central. Na superfície externa exibe decoração composta vestígios de três pétalas de uma palmeta. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Castelo de São Jorge 4675** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

LIS/CSJ/003. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície interna, círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada, a delimitar o medalhão central. Na superfície externa exibe decoração composta de motivo indeterminado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Castelo de São Jorge 4674.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

LIS/CSJ/004. Fragmento de parede e arranque de fundo. Na superfície interna, dois círculos concêntricos reservados a delimitar o medalhão central. Na superfície externa exibe decoração composta de motivo indeterminado, correspondendo possivelmente à representação de uma palmeta. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Castelo de São Jorge 4674.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

LIS/CSJ/005. Fragmento de parede. Na superfície interna apresenta decoração composta de frutos de hera sobrepintados a branco e possível vestígio de ramagem. Na superfície externa exibe decoração composta de vestígios de motivo indeterminado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Castelo de São Jorge 5338.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

LIS/RSJ/022. Fragmento de fundo e arranque de pé de taça de figuras vermelhas. Exibe decoração na superfície interna do fundo, correspondendo a um motivo indeterminado. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Rua de São João da Praça** Bibliografia: Pimenta, Calado & Leitão, 2005, p. 321. Não ilustrado.

MER/001. Fragmento fundo e arranque de parede. Exibe decoração na face interna, composta de vestígios de círculos concêntricos em verniz negro e reservados, apresentados alternadamente. No medalhão central conserva parte de um motivo indeterminado. Na face externa apresenta vestígios de possível motivo vegetalista. Pasta de cor laranja clara, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro máx. conservado: 11,3 cm. **Mértola/ 1983/ Galeria B/ 3ª-4ª – Nível 2ª.**

MER/002. Fragmento de fundo, arranque de pé e arranque de parede. Exibe decoração na face interna do fundo composta de vestígios de um manto. A face interna do pé foi possivelmente deixada em reserva. Fundo externo com círculo concêntrico em verniz negro sobre fundo reservado. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé (parte superior): 6,7 cm. **Mértola/ 1995/Casa Pardal (Cat. 85).** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 129, fig. 4 nº3; *VGP*, 2007, fig. 85.

MER/003. Fragmento de bordo e parede. Apresenta decoração na face externa composta de motivo indeterminado (possível espiral?). Face interna revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja e tonalidade acastanhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Mértola/ 1992/ C2/ V- Nível 1c (Cat. 86).** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 129, fig. 4 nº4; *VGP*, 2007, fig. 86.

MER/004. Fragmento de fundo, parede e arranque de asa. Apresenta ressalto na face interna, na separação entre a parede e o arranque do fundo. Exibe decoração na face interna composta de círculos reservados e

em verniz negro, alternados, a delimitar medalhão central. Motivo decorativo indeterminado no medalhão central. Na face externa conserva vestígios de motivo indeterminado (possível motivo vegetalista). Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente e baço. Diâmetro máx. conservado: 13,5 cm, espessura máx.: 0,5 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal (Cat. 87)**. Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 128, fig. 3, nº 2; *VGP*, 2007, fig. 87.

MER/005. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar, moldurado. Exibe decoração na face interna do fundo, composta de vestígios de motivo indeterminado (possível manto). Fundo externo decorado por círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, apresentados alternadamente. A superfície de apoio do pé foi deixada em reserva. Exibe igualmente linha em reserva na face interna do pé. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura do fundo: 0,6 cm; diâmetro do pé: 8 cm. **Mértola/ 1994/ 4J – Nível 1b (Cat. 88).** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 128, fig. 3, nº 1; *VGP*, 2007, fig. 88.

MER/006. Fragmento de fundo e arranque de parede. Ressalto na superfície interna, a marcar a separação entre a parede e o arranque de fundo. Na face externa exibe decoração composta de motivos indeterminados. Na face interna, círculos concêntricos a delimitar o medalhão central. No fundo interno apresenta possível representação de meio disco, associado a motivos indeterminados. Pasta de cor laranja claro e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro máx. conservado: 12,6 cm. **Mértola/ 1990/ 5N – Nível 1b**.

MER/007. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na superfície externa composta de motivo indeterminado. Na face interna apresenta decoração igualmente indeterminada. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e depurada, Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Espessura máx. conservada: 0,5 cm; diâmetro máx. conservado: 8,9 cm. **Mértola/ 1983/ 1/ IV/ R.S.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 129, fig. 4 nº1.

MER/008. Fragmento de parede e fundo. Apresenta ressalto na face interna, a marcar a separação entre a parede e o arranque de fundo. Exibe decoração na face externa, composta de vestígios de um manto. Na superfície interna, círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, apresentados alternadamente. No medalhão central, conserva parte de um motivo indeterminado. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro máx. conservado: 12,66 cm. Mértola/ 1985/ 3AHA/700.

MER/009. Fragmento de bordo e parede. Bordo reto, ligeiramente estreitado na face interna. Na superfície interna exibe decoração sobrepintada a branco, correspondendo possivelmente a um motivo vegetal (fruto de hera?). Na superfície externa, conserva vestígios de uma espiral. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 11,76 cm. Mértola/ 1997/ 3B – Nível 1C.

MER/010. Fragmento de bordo e parede. Bordo ligeiramente esvasado. Na face interna, decoração sobrepintada a branco, conservando vestígios ramagem e fruto de hera. Na face externa apresenta decoração composta de possível palmeta. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do bordo: 13,12 cm. Mértola/ 1995/ 2H – Nível 1C.

MER/011. Fragmento de pequena dimensão correspondendo a bordo, arranque de parede e arranque de asa. O verniz e a pintura da face externa encontram-se muito deteriorados, não sendo possível identificar qualquer motivo decorativo. Na face interna conserva ramagem sobrepintada a branco, correspondendo a uma possível grinalda de hera. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 16,2 cm. **Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700**.

MER/012. Fragmento de pé com arranque de fundo e parede. Pé anelar, moldurado. Na face interna do fundo, conserva vestígios de decoração composta de motivos indeterminados que integrariam o medalhão central. A superfície de apoio do pé foi deixada em reserva. Face interna do pé revestida de verniz negro, com exceção de uma fina banda reservada na ligação ao fundo externo, também ele em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 9 cm. **Mértola/ 1995/ 3M-4K – Nível 1B (Sep. 524)**.

MER/013. Fragmento de fundo e arranque de parede. Na face interna, bandas reservadas e em verniz negro, alternadas, delimitariam o medalhão central. Na face externa exibe motivo decorativo indeterminado (possível braço de figura humana). Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1995/ Casa Pardal/ 4L – Nível 1b Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 128, fig. 3 nº3.

MER/014. Fragmento de fundo e possível zona de arranque do pé. Na face interna do fundo exibe vestígios de um motivo decorativo indeterminado. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e muito brilhante. Não permite determinar o diâmetro. **Mértola/ 1994/ 3J – Nível 1b**

MER/015. Fragmento de parede, arranque do fundo e arranque do pé. Na face interna, bandas reservadas e em verniz negro, alternadas, a delimitar o medalhão central. Na superfície externa, conserva decoração composta de motivos indeterminados. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 2005/ Biblioteca Municipal/ U.E. [102]**.

MER/016. Fragmento de fundo e zona de arranque de pé. Na face externa do fundo, bandas reservadas e em verniz negro, apresentadas alternadamente. Na superfície interna, conserva vestígios de um motivo indeterminado que integraria o medalhão central. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Não permite a determinação do diâmetro. **Mértola/ 1983/ 3ª/ 150**.

MER/017. Fragmento de fundo, arranque de parede e arranque de pé. Exibe decoração na superfície interna do fundo, composta de vestígios de círculos concêntricos a delimitar o medalhão central, onde foi representada uma espiga. Face externa da parede e face interna do pé revestidos de verniz negro. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro (arranque do pé): 10 cm. Mértola/ 1982/ A232A.

MER/018. Fragmento de parede e fundo. A face interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Na face externa, bandas em reserva e em verniz negro, apresentadas alternadamente. É igualmente percetível vestígios de um motivo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/2011/ U.E. [017] achado 031, derrube.**

MER/019. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo de perfil oval. Na face externa conserva vestígios de decoração composta de motivo indeterminado (possível figura humana envolta em himátion). Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 1995/ 3K – Nível 1b.

MER/020. Fragmento de parede de pequena dimensão. Na superfície externa conserva vestígios de decoração composta de motivos indeterminados. Pasta de cor laranja, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 1995/ 3K – Nível 1B.

MER/021. Fragmento de fundo e arranque de pé. Exibe decoração na face interna do fundo composta de possível braço de figura humana. A face externa do fundo foi deixada em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1994/ 3J – Nível 1b.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 129, fig. 4 nº2. Não ilustrado

CAS/001. Fragmento de parede. Apresenta decoração na face externa composta de vestígios de manto. Face interna totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mesas do Castelinho / Campanha 4 (1992) / Setor A1 / U.E. [29] / nº4157**. Bibliografia: Estrela, 2012, Est. V; Arruda, 1997, p. 95.

SEF/001. Fragmento de pequeníssima dimensão, muito deteriorado. Apresenta a face interna totalmente revestida de verniz negro. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar qualquer motivo decorativo na face externa. Verificam-se, no entanto, áreas aparentemente deixadas em reserva. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **Santo Estevão da Facha/ sn.** Não ilustrado.

SEF/002. Fragmento de pequeníssima dimensão. Apresenta a face interna totalmente revestida de verniz negro. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar qualquer motivo decorativo na face externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **Santo Estevão da Facha/sn.** Não ilustrado.

SEF/003. Fragmento de pequena dimensão, muito deteriorado. Apresenta a face interna totalmente revestida de verniz negro. Conserva motivo decorativo indeterminado na face externa. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **Santo Estevão da Facha/sn.** Não ilustrado.

SEF/004. Fragmento de pequeníssima dimensão, muito deteriorado. Apresenta a face interna totalmente revestida de verniz negro. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar qualquer

motivo decorativo na face externa. Verificam-se, no entanto, áreas aparentemente deixadas em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **Santo Estevão da Facha/sn.** Não ilustrado.

TAV/NT/001. Fragmento de parede e arranque de asa. Decorada na superfície exterior com palmeta. A superfície interior apresenta motivo indeterminado, delimitado por círculos concêntricos de verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor laranja avermelhada, compacta e depurada com minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente e pouco espesso. Na superfície interior o verniz apresenta tonalidade acinzentada e ligeiro brilho metálico, na superfície exterior tonalidade acastanhado. **Netos 1- Revolvimento** Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 8, nº 4.

TAV/BNU/001. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a fundo e pé. Pé alto, anelar e moldurado. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, dura e muito depurada. Verniz negro com pontuais manchas acinzentadas e acastanhadas, aderente e pouco espesso. Verniz brilhante na superfície externa e baço no fundo interno. A face interior do pé apresenta uma banda em reserva, na ligação ao fundo externo. O fundo externo, por sua vez, apresenta-se reservado, complementado de um círculo concêntrico em verniz negro. Diâmetro: 7 cm. **BNU Q.1 Setor SE Camada 12**. Bibliografia: Maia *et alii*. 2003, p. 256, fig. 76; Barros, 2005, Fig. 8, nº 8. Desenho da autoria de Barros, 2005, adaptado.

TAV/BNU/004. Fragmento de fundo e pé. Pé alto, anelar e moldurado. A superfície de apoio do pé encontra-se reservada. A ligação do pé à face externa do fundo é feita através de uma banda reservada. O fundo externo apresenta círculos em verniz e em reserva, alternados. O fundo interno exibe possível decoração composta de um manto. Pasta de cor laranja de tonalidade acinzentada e acastanhada. A pasta é dura, compacta e bem depurada, sendo visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro com manchas acastanhadas e avermelhadas. Apresenta zonas mais brilhantes e áreas mais baças e espessuras heterogéneas. Diâmetro: 7,26 cm. **BNU Q. 1 Setor SE Camada 7.** Bibliografia: Maia *et alii*., 2003, p. 259, fig. 78; Barros, 2005, Fig. 8, nº 9. Desenho da autoria de Barros, 2005, adaptado.

TAV/016. Fragmento de bordo e parede. A superfície externa apresenta motivo decorativo indeterminado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro. Diâmetro de abertura: 14,3 cm. Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 8, nº 1. Desenho da autoria de Barros, 2005, adaptado.

EST. III. PRODUÇÕES DO SÉCULO V A.N.E. - «CÍRCULO DO PINTOR DE MARLAY»

EST. IV - PRODUÇÕES DO SÉCULO IV A.N.E.

SAL/054

SAL/056

SAL/055

SAL/057

SAL/058

SAL/059

SAL/060

SAL/061

SAL/062

SAL/063

Escala 1:2

Escala 1:2

SAL/071

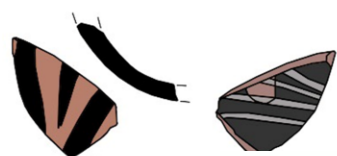
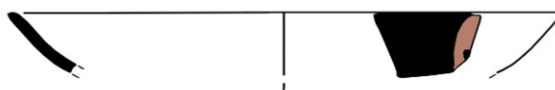
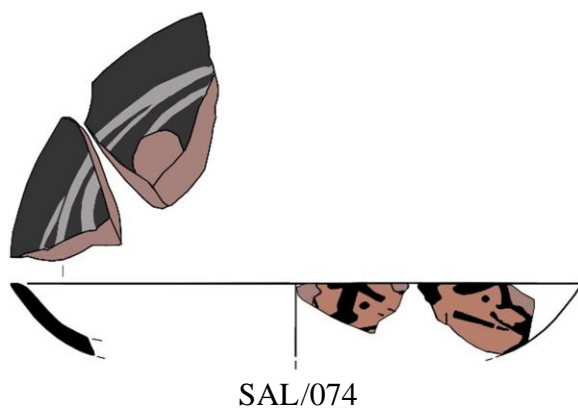
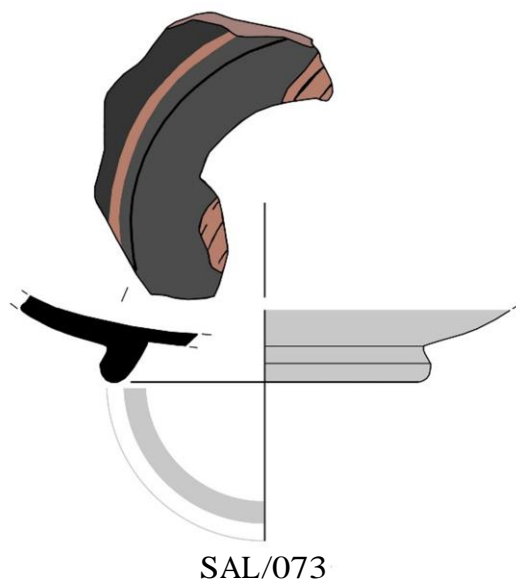
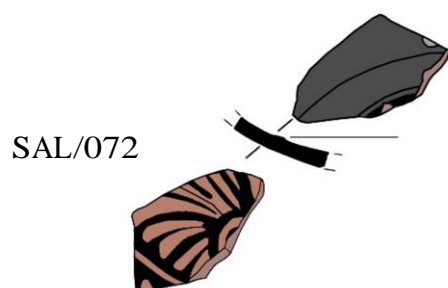
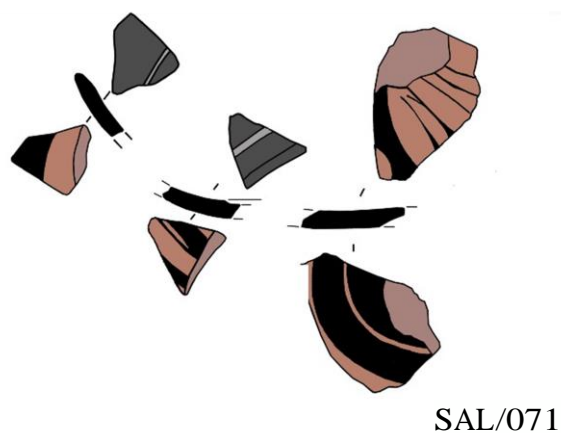
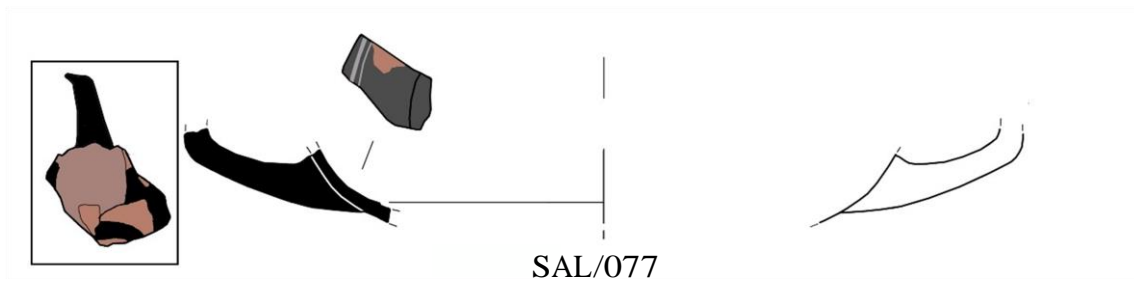
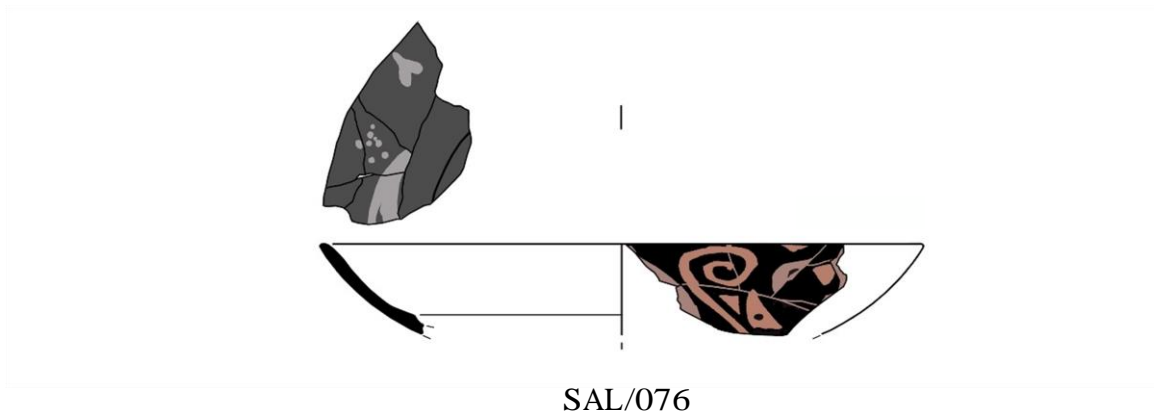
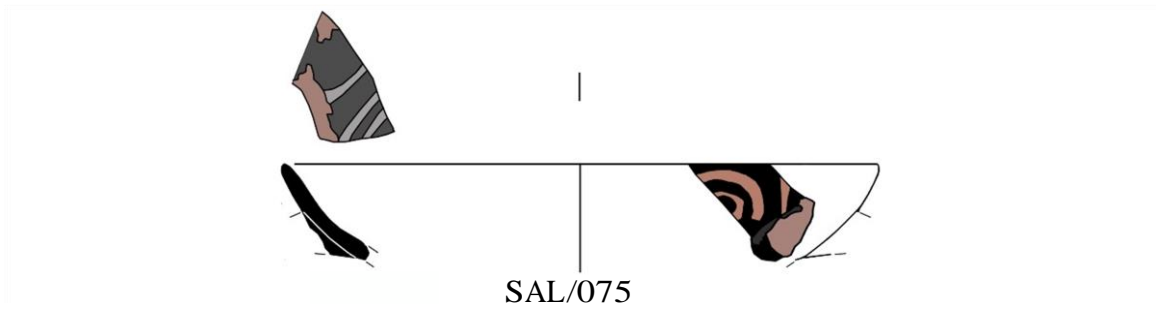
SAL/072

SAL/073

SAL/074

Escala 1:2

SAL/075

SAL/076

SAL/077

SAL/078

Escala 1:2

SAL/079

SAL/080

SAL/087

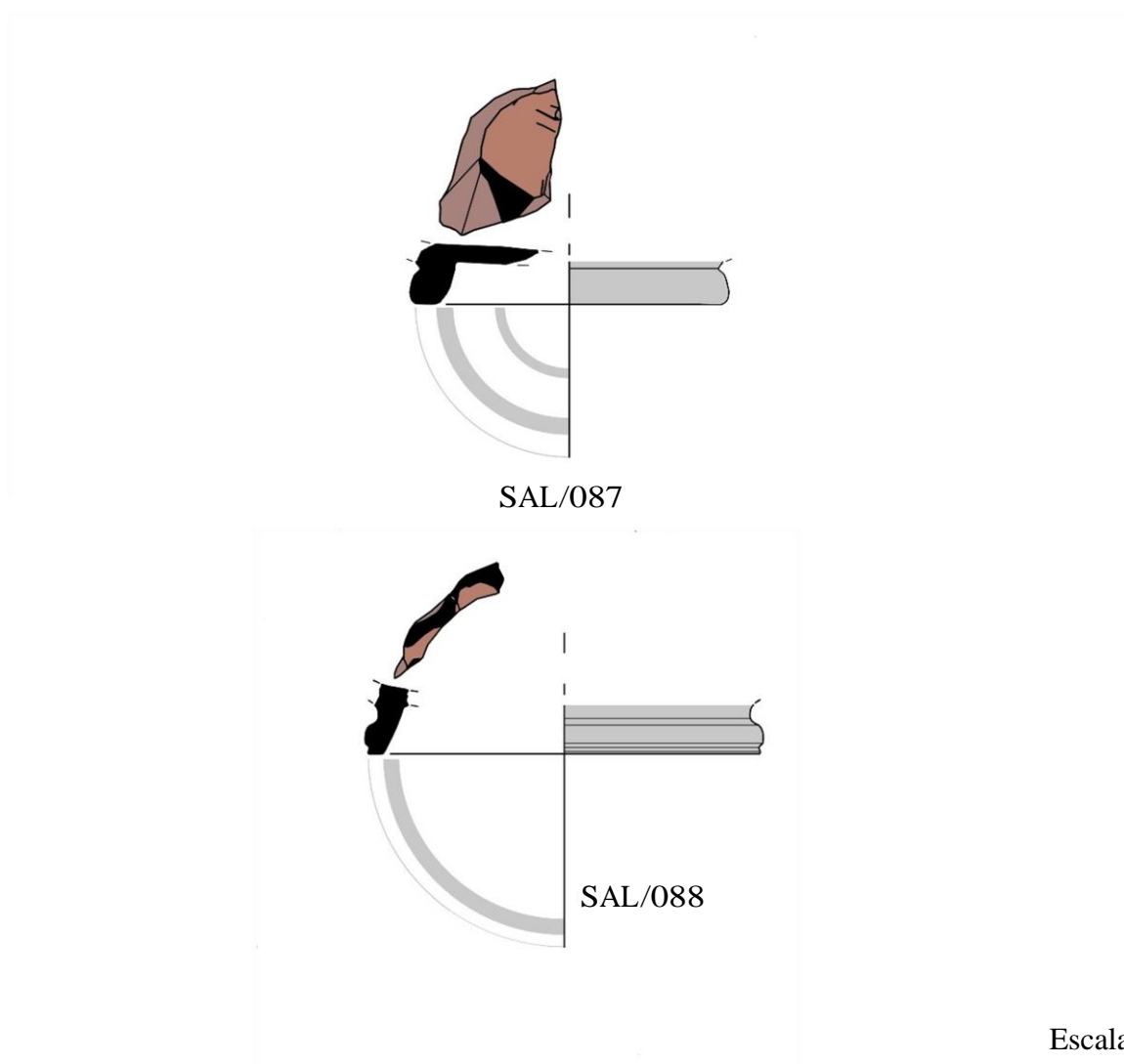
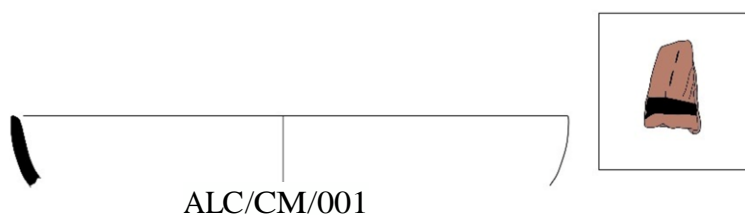
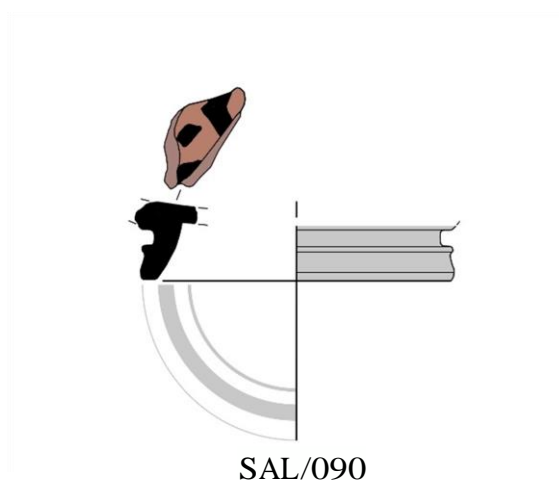
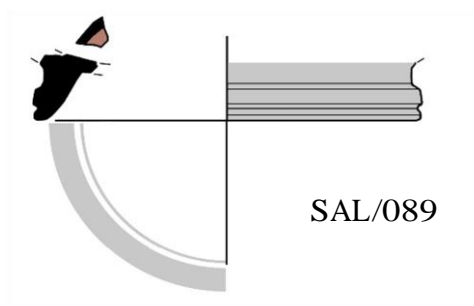
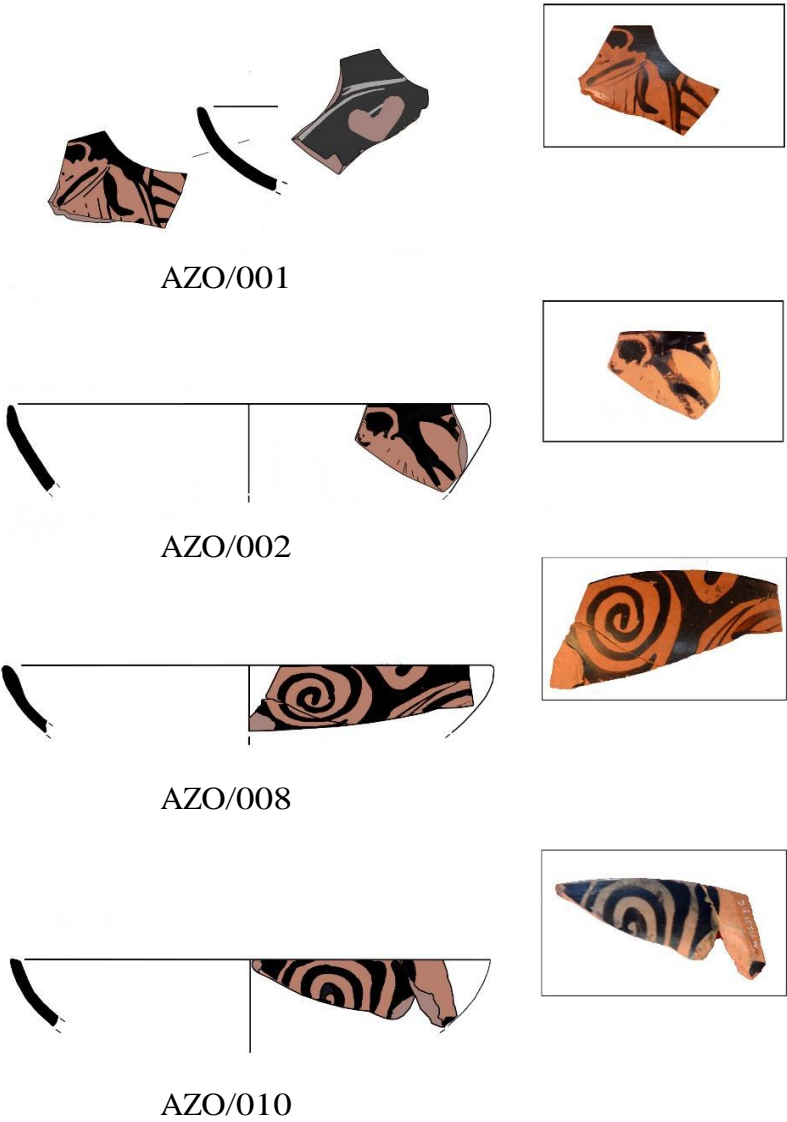
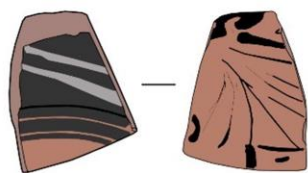
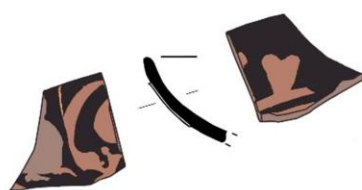
SAL/088

Escala 1:2

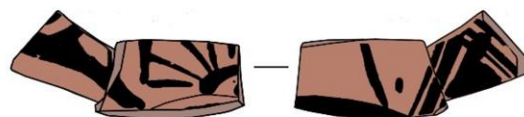
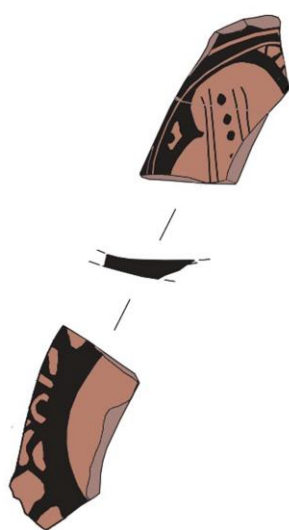
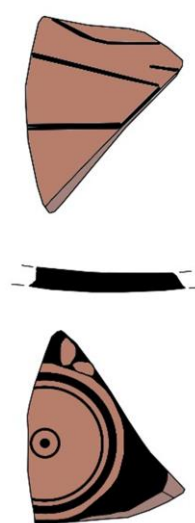
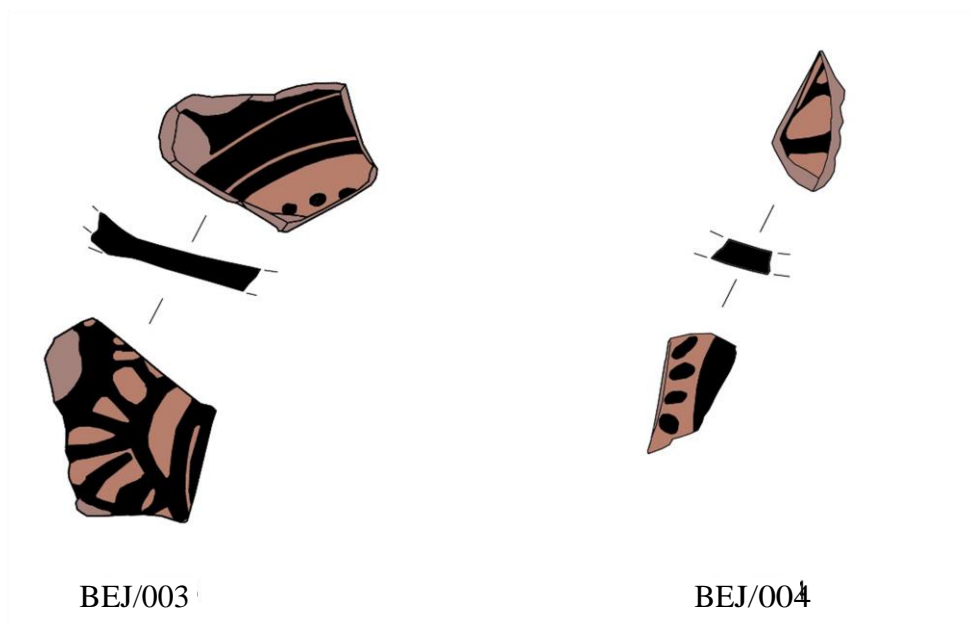
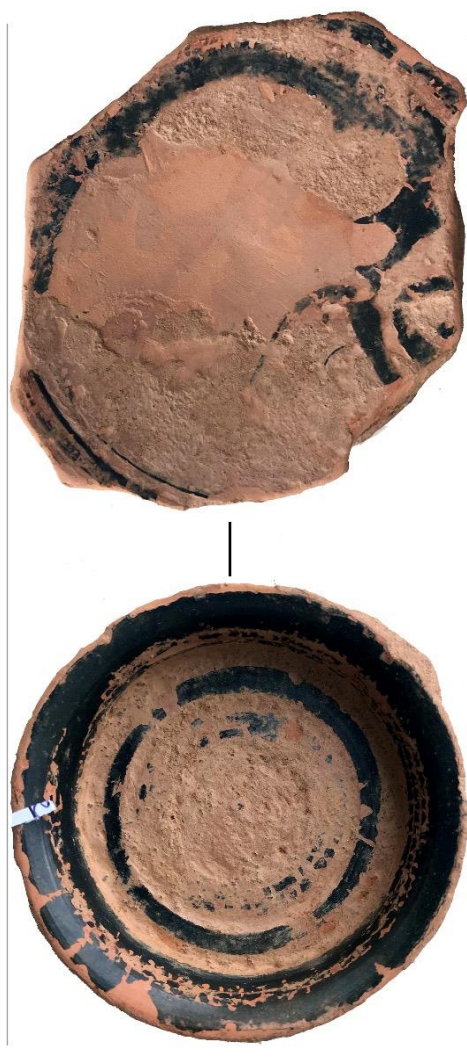
SAL/089

SAL/090

SAL/094

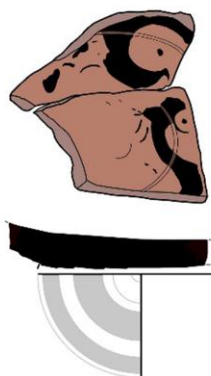
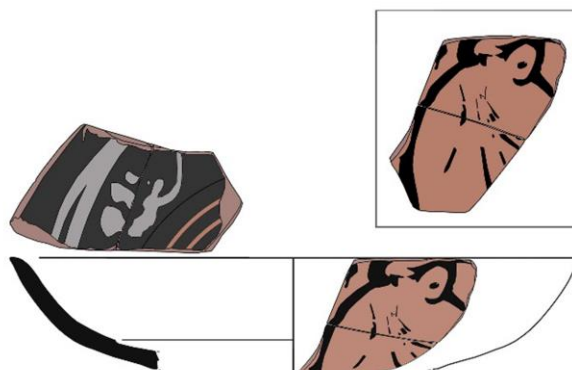
ALC/CM/001

Escala 1:2

AZO/001

AZO/002

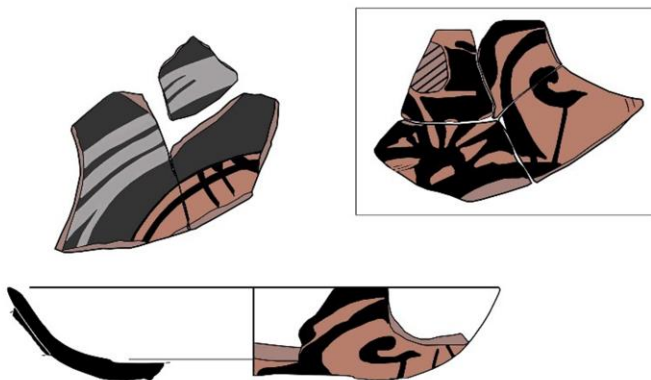
AZO/008

AZO/010

Escala 1:2

Escala 1:2

BEJ/003
BEJ/004

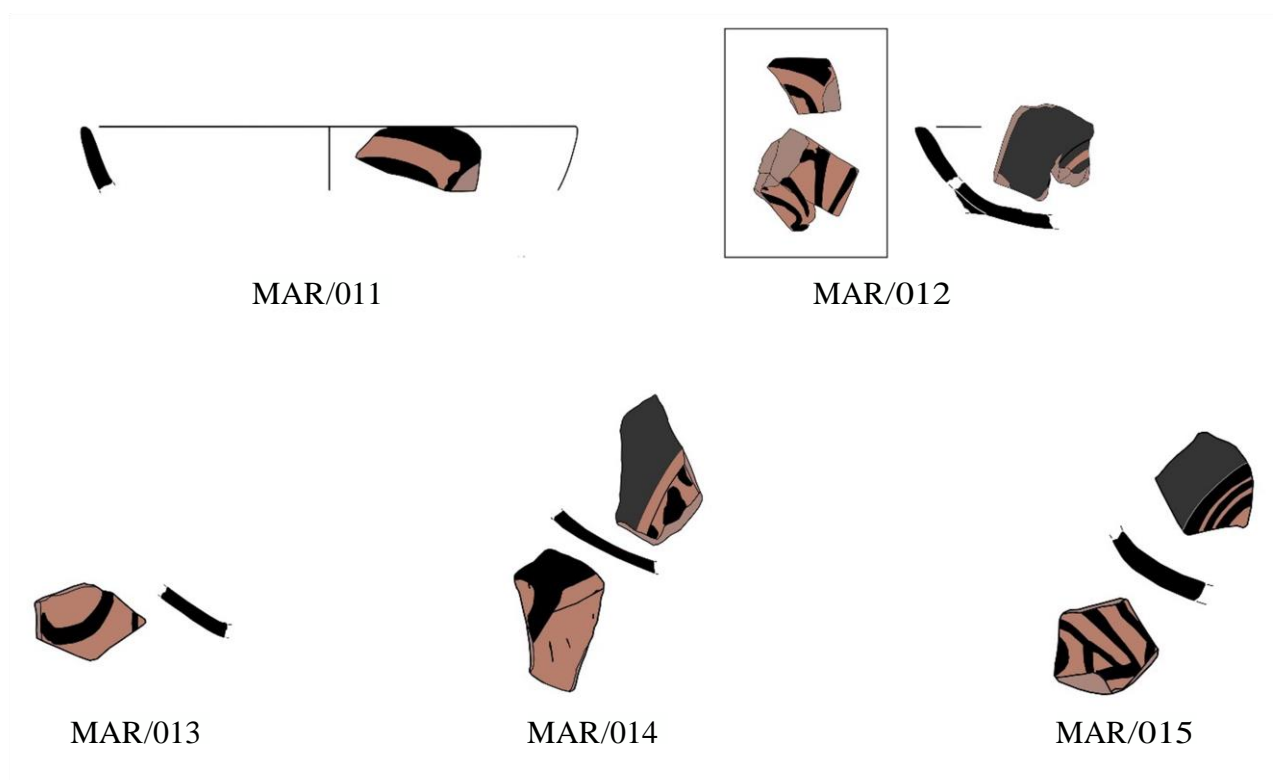
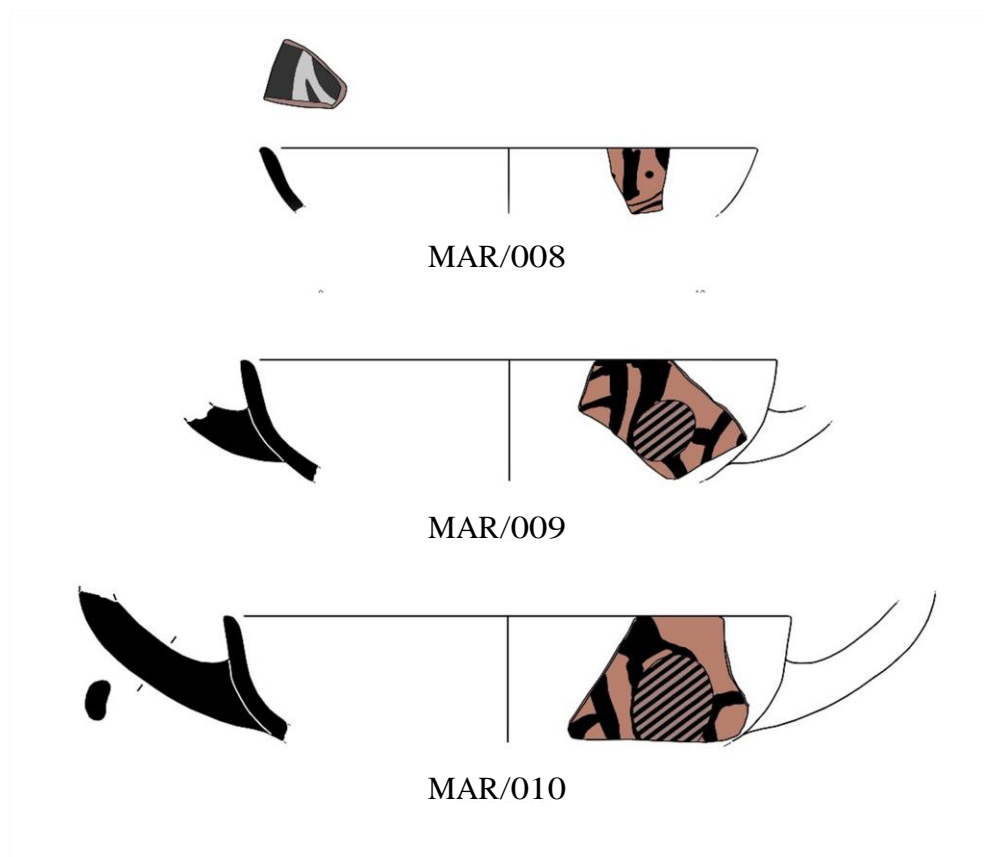
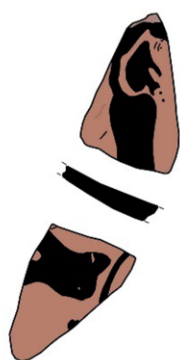
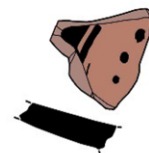
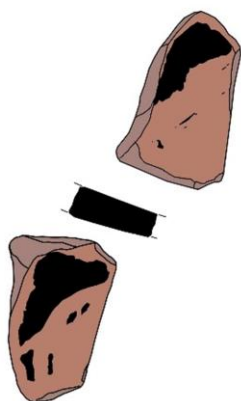
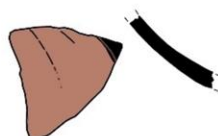
BEJ/005

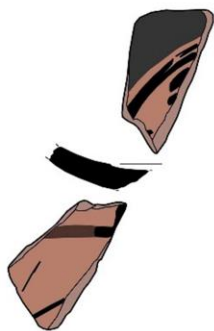
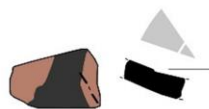
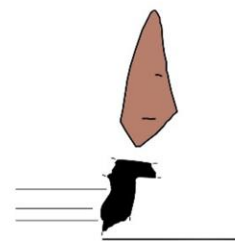
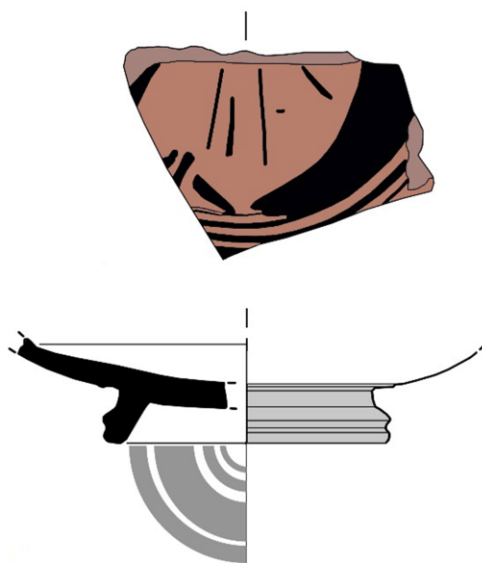
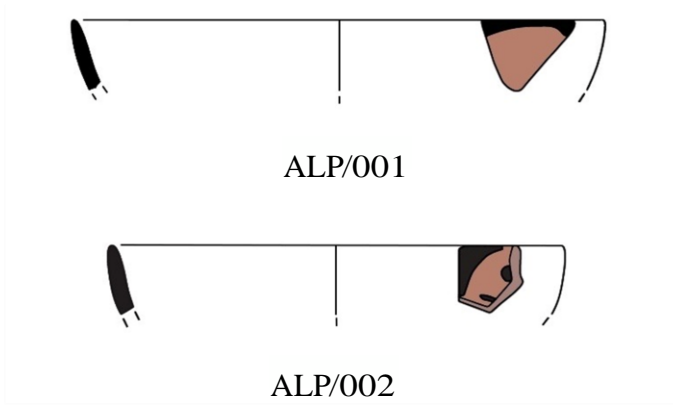
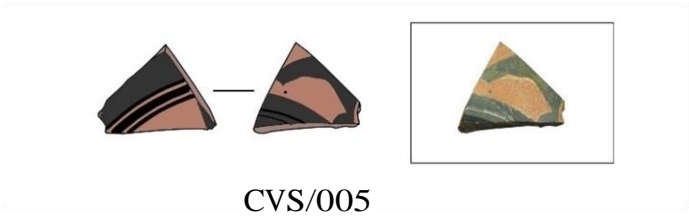
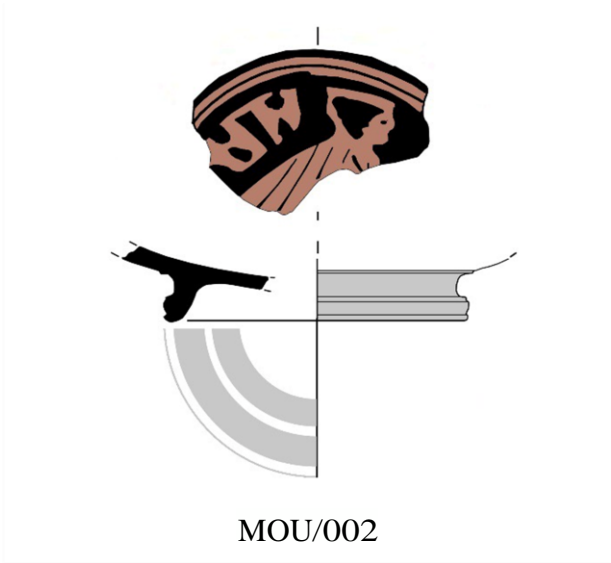
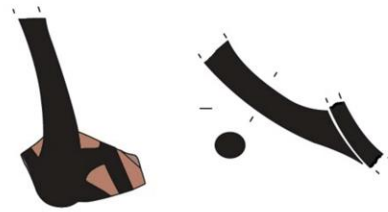
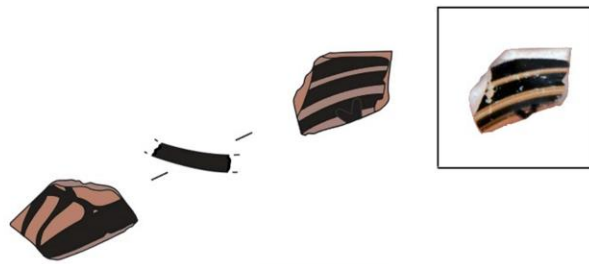
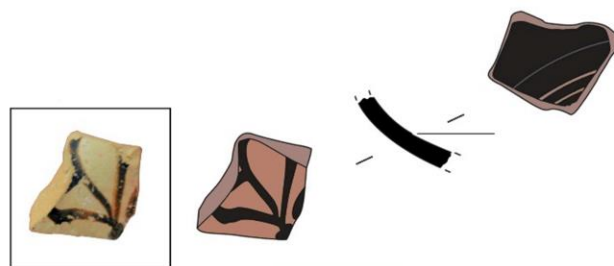
Fotografia da autoria da responsável pela escavação, a quem agradecemos.

Escala 1:2

MAR/004

MAR/003

MAR/005

MAR/006

MAR/007

Escala 1:2

Escala 1:2

MAR/016
MAR/017
MAR/018
MAR/019

MAR/020
MAR/021
MAR/022

MAR/024
MAR/025
MAR/026

Escala 1:2

Escala 1:2

MOU/002

ROM/001

CVS/001

CVS/002

CVS/003

CVS/004

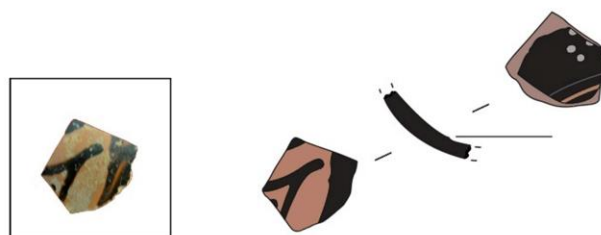
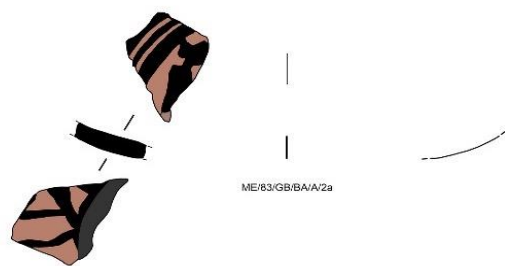
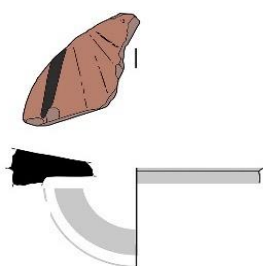
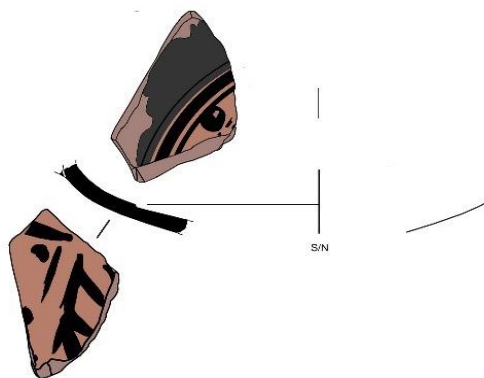
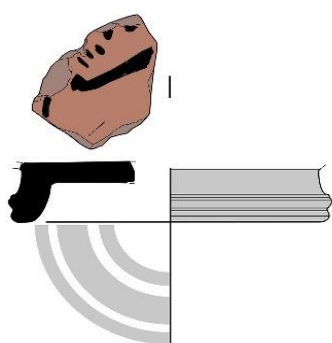
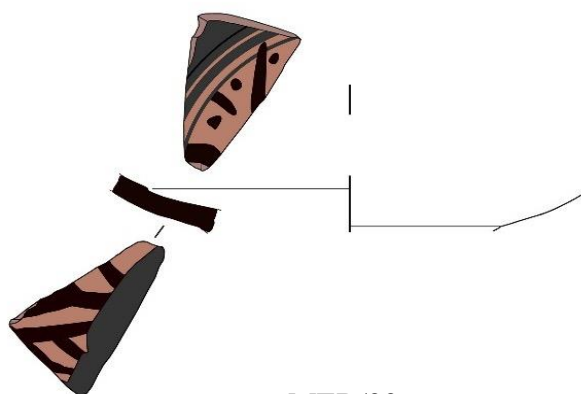
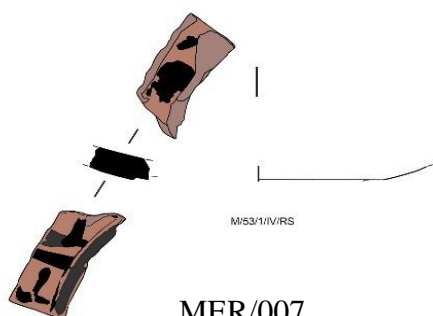
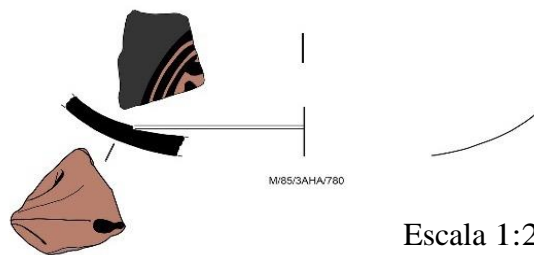
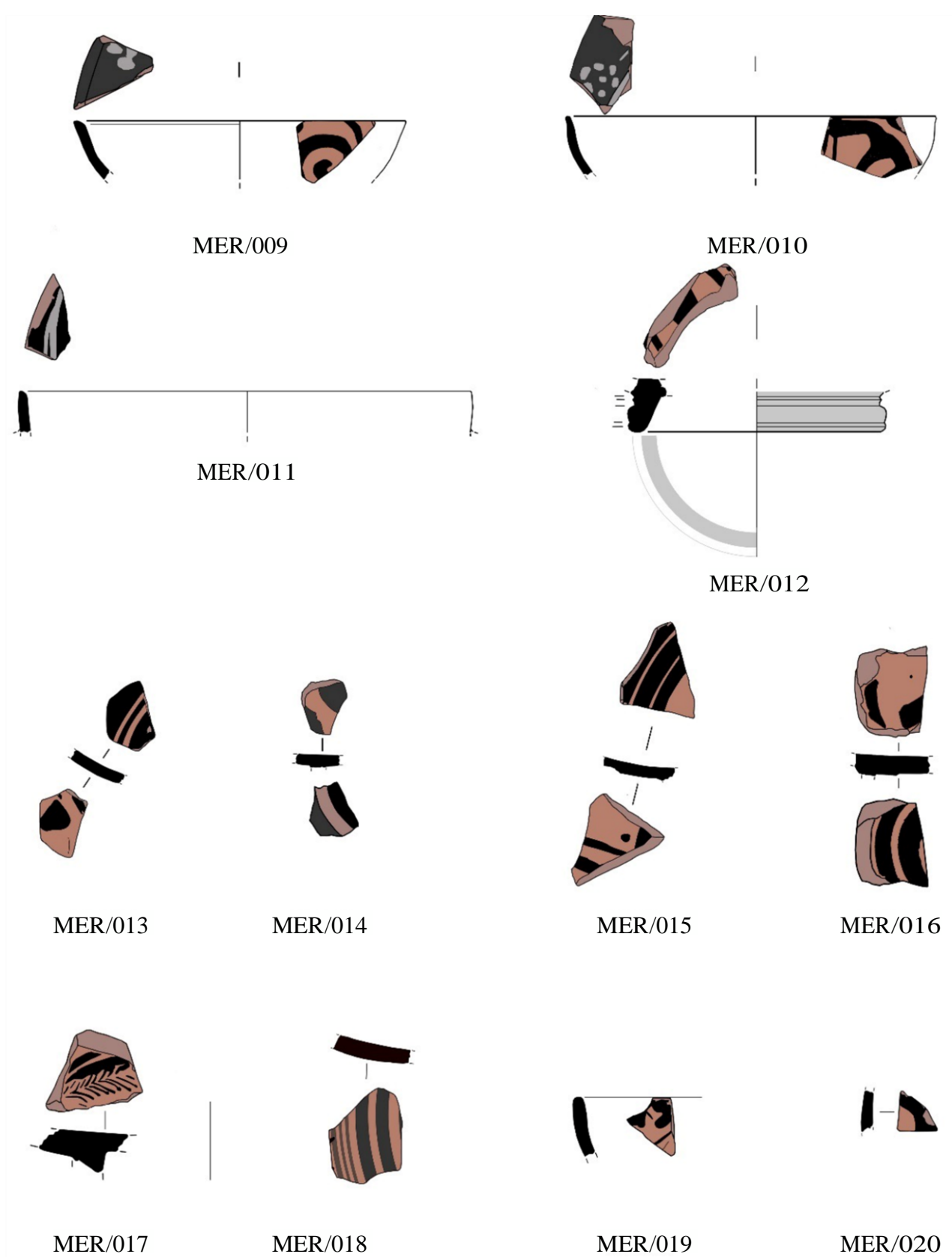
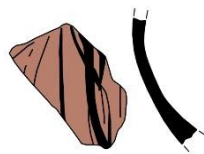
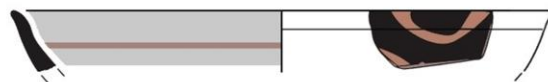
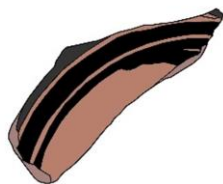
CVS/005

ALP/001

ALP/002

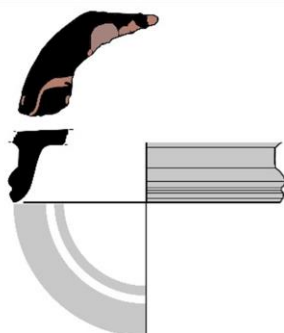
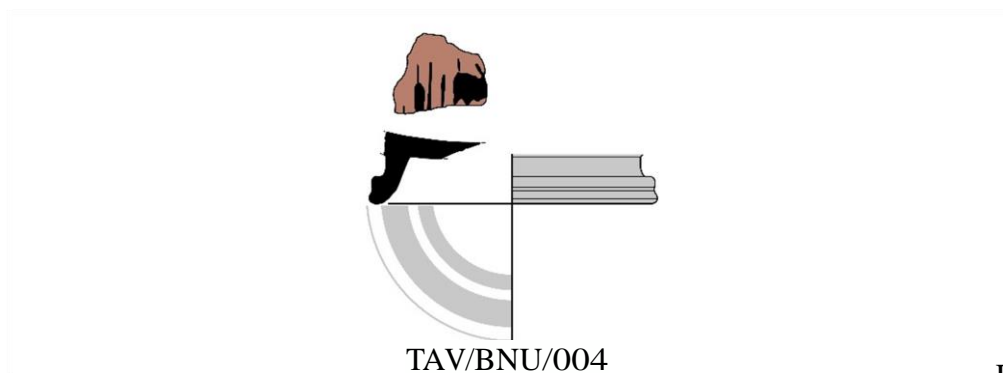
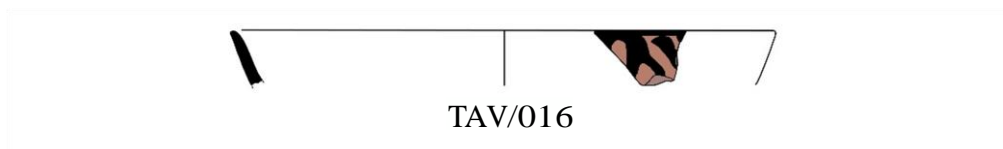
Escala 1:2

Escala 1:2

ME/83/GB/BA/A/2a
MER/001
MER/002
MER/003
S/N
MER/004
MER/005
MER/006
M/53/1/IV/RS
MER/007
M/85/3AHA/780
MER/008
Escala 1:2

MER/009
MER/010
MER/011
MER/012
MER/013
MER/014
MER/015
MER/016
MER/017
MER/018
MER/019
MER/020
Escala 1:2

CAS/001

SAN/001

TAV/NT/001

TAV/BNU/00

Escala 1:2

TAV/016

TAV/BNU/004

Escala 1:2

4.1.3. Skyphos

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL** /	006-007	**PT18-SAL**	**V**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	038-039	**PT15-MAR**	**V**
CASTELO DE MOURA	**MOU** /	003	**PT18-MOU**	**V**
CERRO FURADO	**FUR** /	001	**PT18-FUR**	**V**
FARO – Centro Histórico	**FAR** /	002	**PT15-FAR**	**V**
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS** /	006	**PT17-LIS**	**V**
MÉRTOLA	**MER** /	022	**PT18-MER**	**V**
MONTE MOLIÃO	**MOL** /	003	**PT15-MOL**	**V**

Vaso para beber, de corpo profundo e duas asas que arrancam ao nível do bordo. Exibe pé anelar, ro- busto e de perfil simples. Os estudos conduzidos pela escola americana na Ágora de Atenas permitiram ordenar as diferentes características morfológicas verificadas nos skyphoi de figuras vermelhas em três grupos distintos (tipos A, B e Coríntios), adaptando assim as variantes desta forma, previamente definidas para os exemplares revestidos de verniz negro[1046].

1046 Apresentando uma maior diversidade de variantes que individualizam, por exemplo, vasos com as asas que arrancam a meio da parede da peça e se projetam até ao bordo (Sparkes & Talcott, 1970, p. 83).

O tipo A[1047], também designado de tipo «ático», integra os exemplares que apresentam parede tendencialmente retilínea, com uma ligeira curvatura reentrante no bordo e na parte inferior da peça, próximo do fundo. Apresenta pé robusto, e duas asas de secção circular, colocadas imediatamente abaixo do lábio. A partir do segundo quartel do século V a.n.e., esta variante regista significativas mudanças no seu perfil. O bordo torna-se progressivamente mais esvasado e a parte inferior da parede regista um maior afunila- mento, à medida que se encaminha para o fundo. Na transição para o século IV a.n.e., os skyphoi do tipo A adotam definitivamente uma parede com dupla curvatura.

Ainda que a maioria dos exemplares desta forma apresente um bordo totalmente revestido de verniz negro, verificam-se exceções a esta tendência, sobretudo a partir de 450 a.n.e. A área imediatamente abaixo das asas possui com frequência decoração composta de motivos vegetalistas, representando-se maioritariamente palmetas verticais. Alguns exemplares apresentam decoração contínua que envolve toda a parede do vaso, sendo mais frequente, no entanto, a opção por duas composições decorativas, apresentadas de forma repetida nos lados A e B de cada peça. O fundo externo exibe geralmente um ou dois círculos concêntricos com ponto central. Os skyphoi do tipo A integram o reportório de formas decoradas de inúmeros pintores, incluindo do pintor de Marlay e do Pintor de Penélope, com abundantes exemplares datados do terceiro quartel do século V a.n.e. Igualmente da segunda metade do século V datam os exemplares de skyphoi que incorporam a classe «Saint-Valentin»[1048]. A referida classificação agrupa uma variante decorada dos vasos da forma kántharoi e os exemplares dos tipos A e coríntio dos skyphoi, que apresentam composições decorativas formadas por losangos, folhas de murta e outros elementos vegetais e geométricos, frequentemente sobrepintados a branco.

Os skyphoi do tipo B, sem testemunhos no território em análise, distinguem-se dos supramencionados, entre outras características, por apresentarem asas díspares, uma horizontal e outra vertical. Igualmente ausentes estão os exemplares do tipo Coríntio, de parede convexa com o bordo ligeiramente reentrante, traduzindo um fenómeno de adaptação pelos centros produtores áticos dos protótipos de skyphoi produzidos em Corinto no decorrer do século VI a.n.e. Tal como os seus antecessores coríntios, a generalidade dos exemplares áticos deste tipo possui uma banda reservada, frequentemente complementada com decora- ção, apresentada na parte inferior da parede.

A forma, particularmente na variante A, regista abundantes testemunhos na Península Ibérica, quer nas produções de figuras vermelhas, quer em verniz negro. Em Ullastret, são a tipologia que regista um maior número de exemplares identificados[1049]. Encontramos igualmente um número significativo de taças de skyphoi de figuras vermelhas em Cancho Roano[1050], no povoado de la Bienvenida[1051], na necrópole de Castellones del Ceal[1052] e em Ampúrias[1053].

Em Portugal, a forma testemunha-se através de dez exemplares, quatro procedentes do Algarve (Castelo de Castro Marim, Faro e Monte Molião), cinco identificados no Alentejo (Alcácer do Sal, Castelo da Moura, Cerro Furado e Mértola) e um procedente de Lisboa. Três destes vasos foram identificados em contextos funerários, utilizados como mobiliário fúnebre ou vasos cinerários.

Em Castelo de Castro Marim registam-se dois testemunhos de taças skyphoi de figuras vermelhas. Um dos exemplares (MAR/038), conservando parte do bordo e da parede, exibe na superfície externa decoração com recurso à técnica de figuras vermelhas. Entre os motivos decorativos conservados consta uma grinalda de folhas de murta (*Myrtus* sp.), apresentada imediatamente a seguir ao lábio. A grinalda é complementada de ramagem e frutos, apresentando-se estes elementos sobrepintados a branco. Uma linha, igualmente sobrepintada a branco, estabelece a separação entre a área da peça com decoração e a restante parede totalmente revestida de verniz negro. A datação do fragmento é-nos dada pelas suas características formais e decorativas. Este tipo particular de skyphos decorado com grinalda de folhas de murta ou louro junto ao bordo (tipo I a) foi amplamente estudado por P. Rouillard e M. Picazo[1054], distinguindo os autores os exemplares que apresentam bordo reto dos que possuem bordo esvasado com perfil em «S». Os primeiros datam, de acordo com o estudo dos vasos análogos da Ágora de Atenas, entre meados e finais do século V a.n.e., sendo particularmente populares no término da referida centúria. A produção dos skyphoi

1047 (Moore & Philippides, 1986, p. 62; Sparkes and Talcott, op. cit., p. 81; Corbett, 1949, pp. 341-342; Talcott, 1935, p. 505). Sobre a variante *vide* Richter & Milne, 1935 (tipo II); Beazley, 1968 (Tipo A); Boardman, 1975, fig. 205; Trías, 1967, pl. 85-86; Trías 1987, p. 107-111.

1048 ARV2, 984-985; Paralip. 437; Addenda 311.

1049 Estudados por M. Picazo (1977, pp.73-77).

1050 (Gracia Alonso, 2003, pp. 33-34; 2005, p. 1187).

1051 (Fernández Ochoa & Caballero Klink, 1988; Sánchez Fernández, 1991).

1052 (Trías, 1967-1968, pl. CCXXXIX, 2).

1053 (Trías, 1967-1968).

1054 (Picazo & Rouillard, 1976, pp. 7-26).

de bordo esvasado, em «s», inicia-se em 400 a.n.e., sendo comercializados ao longo de toda a primeira metade do século IV a.n.e. No respeitante à decoração, as folhas de murta surgem representadas em meados do século V, não avançando para a centúria seguinte. Considerando esta evolução morfológica e estilística, o skyphos de Castelo de Castro Marim deverá enquadrar-se nas produções da segunda metade do século V a.n.e. As características formais (designadamente o bordo reto) e as particulares decorativas (com destaque para as folhas em reserva e a ramagem sobrepintada) presentes na peça de Castro Marim inserem-na no Grupo Aa definido por Picazo e Rouillard (1976, p. 14). Na Península Ibérica regista-se um número significativo de exemplares de skyphoi com decoração composta de grinalda de folhas apresentada no bordo. É de Cancho Roano que provém os paralelos mais próximos para o fragmento procedente de Castelo de Castro Marim, registando-se um número significativo de skyphoi do tipo A com bordos decorados com folhas e frutos de mirto[1055]. O conjunto associa-se a contextos datados de 430-425 a.n.e. Foram igualmente identificados exemplares com composições decorativas similares em Tarragona, em níveis de 450-350 a.n.e.[1056] e El Amarejo (Albacete), datados de 450-400 a.n.e.[1057], referindo-se apenas alguns exemplos. O segundo vaso desta forma (MAR/039) procedente de Castelo de Castro Marim apresenta decoração composta de traços verticais e horizontais, compondo um motivo indeterminado.

Na necrópole do Senhor do Olival dos Mártires, em Alcácer do Sal, e no arqueossítio de Cerro Furado, foram identificados três outros exemplares pertencentes desta tipologia. Ambos os arqueossítios têm em comum a associação dos vasos a contextos funerários; a preferência pela variante «A» dos skyphoi de figuras vermelhas; e a possível pertença de duas das peças ao reportório do mesmo Grupo de Pintores.

O exemplar de Cerro Furado conserva bordo, parede e fundo do vaso, estando apenas ausentes as duas asas que arrancariam imediatamente abaixo do lábio. Apresenta bordo esvasado e a parte inferior da parede regista um afunilamento acentuado, à medida que se encaminha para o fundo. Esta tendência de dupla curvatura acentuada da parede, característica de uma fase mais avançada da evolução morfológica dos skyphoi do tipo A, permite integrar o exemplar de Cerro Furado nas produções do segundo quartel do século IV a.n.e.[1058]. A decoração encontra-se muito deteriorada, sendo possível, no entanto, identificar uma banda de cor negra na parte inferior da parede. Conserva igualmente vestígios de decoração na parede externa, composta de possíveis representações humanas, tendo sido sugerida[1059] uma provável correspondência ao reportório do Grupo do Pintor Fat Boy[1060]. O avançado estado de deterioração da pintura, coloca, no entanto, profundas reservas à atribuição proposta.

No caso dos dois exemplares procedentes da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (SAL/006 e SAL/007), a atribuição ao referido Grupo do Pintor de Fat Boy não oferece dúvida. Encontram-se ambos bem conservados, tal como é habitual nos materiais procedentes de contextos funerários, preservando o perfil completo, estando uma das asas ausentes no segundo exemplar. A decoração apre- sentada nas duas peças é similar, retratando uma cena de palestra em ambas as faces de cada um dos vasos, com jovens envoltos em himátion, posicionados frente-a-frente. O primeiro vaso, além das representações humanas, exibe uma palmeta vertical na área imediatamente abaixo das asas e, a complementar a cena de palestra, um arýballos e um disco. A composição decorativa encontra paralelo nos trabalhos do Grupo do Pintor Fat Boy e os motivos decorativos e as características morfológicas verificadas permitem enquadrar a peça nas produções de skyphoi de 375-350 a.n.e.[1061]. A decoração do segundo exemplar de Alcácer do Sal, além da representação dos jovens, integra igualmente a representação de um estrígil, um bastão e um disco. Tal como no primeiro caso, a área sob as asas é ornamentada com uma palmeta vertical. Os motivos decorativos representados e a morfologia do vaso permitem datar a sua produção de 350-300 a.n.e.[1062]

Também em Lisboa foi identificado um skyphos de figuras vermelhas com possíveis afinidades decorativas com os skyphoi do Grupo de Pintores «Fat boy»[1063]. Para a referida atribuição foi considerada a dimensão e características da voluta representada na face externa, associada ao esvasamento pronunciado do bordo, uma das características dos vasos pintados pelo referido Grupo, ainda que não seja dele exclusiva.

1055 (Cabrera Bonet, 1987, p. 217-218; Gracia, 2003, p. 83-84, lâm. 9,10; Jimenez Avila & Ortega, 2004, p. 28-29).

1056 (Díaz García, 2008, p. 186, fig. 10-23)

1057 (Paris, 1904, p. 7, fig. 2, Rouillard, 1991, p. 635-637).

1058 Uma atribuição cronológica desde logo sugerida em (Arruda & Lopes, 2012, p. 408).

1059 Com base também nas características morfológicas do vaso (Arruda & Lopes, 2012, p. 409).

1060 (ARV2, 1495).

1061 (Rocha-Pereira, 1962; Trías, 1967-1968, Rouillard et alii., 1988-1989; Arruda, 1997).

1062 (Rocha-Pereira, 1962; Trías, 1967-1968, p. 506-507, num. 5, lâm. CCLVII, Rouillard et alii., 1988-1989; Arruda, 1997).

1063 A referida atribuição foi previamente proposta em Arruda & Sousa, 2019.

A referida atribuição deverá ser considerada com reservas, dada a pequena dimensão do fragmento e a escassez motivos decorativos preservados. Não obstantes, as características morfológicas, designadamente a curvatura pronunciada do bordo, permitem enquadrá-lo nas produções de forma análoga da primeira metade do século IV a.n.e.

Em Castelo da Moura foi igualmente recolhido um fragmento pertencente a esta forma, apresentando perfil de dupla curvatura. Possui assim bordo esvasado, decorado na face externa com banda de óvalos. A referida banda delimita superiormente uma figura humana, envolva em himátion e, atrás desta, conserva-se vestígios de um arýballos e de uma espiral. Uma vez mais, os motivos e características estilísticas representadas são concordantes com a obra do Grupo de Pintores «Fat Boy»[1064], destacando-se neste exemplar a inclusão de uma banda de óvalos na face externa do lábio. Encontramos idêntico motivo ornamental, por exemplo, em abundantes exemplares procedentes de Castellones de Ceal[1065], igualmente atribuídos ao referido Grupo de Pintores, datados de 370-350 a.n.e. Idêntica atribuição cronológica deve ser considerada para o fragmento identificado em Castelo de Moura.

Foram igualmente recuperados, em Mértola (MER/022) e Faro (FAR/002), três fragmento de bordo de skyphos de figuras vermelhas, dois dos quais pertencentes ao mesmo exemplar (FAR/002). O fragmento de Mértola apresenta decoração na face externa do bordo, composta de possível motivo em espiral. Nos fragmentos de Faro conservam-se vestígios de pétalas de palmetas, associadas a motivos indetermina- dos. Ainda que o reduzido tamanho dos fragmentos e dos motivos preservados, não permita identificar o pintor destes exemplares, as características morfológicas do bordo de Mértola, designadamente o acentuado esvasamento, integram-no nas produções da primeira metade do século IV a.n.e. Do arqueossítio de Monte Molião é também procedente um fragmento de bordo de figuras vermelhas classificado com reservas que decorrem da sua pequena dimensão, como skyphos (MOL/003). Não conserva motivos decorativos identificáveis.

Além dos referidos vasos, identificou-se em Tavira um fragmento classificado como skyphos da classe «Saint-Valentin»[1066]. Ainda que a composição decorativa preservada neste exemplar esteja também presente em variantes da forma skyphoi, a orientação e curvatura deste fragmento permite-nos integrá-lo, com relativa segurança, na forma kántharoi.

O Grupo do Pintor Fat Boy regista abundantes testemunhos na Península Ibérica[1067]. Em Ullastret e[1068] Turó del Vent (Barcelona)[1069], por exemplo, tal como num dos vasos de Alcácer do Sal, a composição decorativa dos skyphoi integra a representação de um arýballos. Bastante mais frequente é a representação do disco e das palmetas com volutas, registando-se a associação de ambos os elementos, a título de exemplo, em Castellones de Ceal[1070] e Itálica[1071]. No caso do segundo exemplar da forma skyphos de Alcácer do Sal, encontramos paralelos para a representação simultânea do bastão e estrígil, em vasos do Grupo do Pintor Fat Boy procedentes de Ullastret[1072], Mas Castellar[1073] e Coimbra del Barranco Ancho[1074]. Neste último local, os exemplares de skyphoi associam-se a um contexto funerário, utilizando-se como urna cinerária. Efetivamente, a associação desta forma a contextos de enterramento, utilizados como urnas ou oferendas, é relativamente frequente na Península Ibérica, verificando-se simultaneamente com exemplares decorados com figuras vermelhas e/ou totalmente revestidos de verniz negro[1075].

1064 Foi, com reservas, atribuído ao Pintor Fat Boy por Rui Soares, quem primeiro o dá a conhecer (Soares, 2017, fig. 11, nº 1).

1065 E.g. (Sanchez, 1992ª, p. 540-541, nº 287, fig. 64).

1066 (Barros, 2005, pp. 931-945, Fig. 10, nº 4; Covaneiro & Cavaco, 2003, pp. 99-100).

1067 (Trías, 1967-1968).

1068 (Maluquer, Picazo & Martin, 1984, p. 35, pl. 31, nº 2, p. 45, pl. 44, nº4).

1069 (Sanmarti, Alvarez & Asensio, 1995, p. 189, 196, fig. 5.18).

1070 E.g. (Sanchez, 1992ª, p. 576-577, nº 366, fig. 77).

1071 (Rouillard, 1991, p. 763).

1072 (Picazo, 1977, p. 74, nº 219, lâm. XX, 2; Maluquer, Picazo & Martin, 1984, p. 35, pl. 32, nº 2).

1073 Pons, 2002, p. 222, fig. 10.2.7, p. 229).

1074 E.g. (Trías, 1967-1968, p. 412, 2; García Cano & Gil González, 2009, p. 35-36, 3.4.2. e 3.4.3).

1075 (Trías, 1967-1968).

SAL/006. Vaso com perfil completo, em bom estado de conservação. Bordo esvasado e parte inferior da parede com afunilamento acentuado na parte inferior. Base anelar, robusta. Asas horizontal, espessas, arrancam imediatamente abaixo do lábio. Superfície interna totalmente revestida de engobe negro. Na superfície externa possui decoração que se repete do lado A e B do vaso. Ambas as composições decorativas são compostas de cena de palestra com jovens envoltos em himátia. Integra igualmente a representação de um arýballos e de um disco. Por abaixo das asas, exibe palmeta vertical, com sete pétalas e núcleo central. A delimitar as asas, lateralmente, apresenta voluta vertical. Os motivos repousam sobre banda negra. A superfície de apoio do pé aparenta estar em reserva. Fundo externo em reserva com círculo concêntrico e ponto central em verniz negro. As asas e as faces interna e externa do pé apresentam-se totalmente revestidos de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente e pouco brilhante. Diâmetro de abertura: 12,1 cm; diâmetro de pé: 6,75 cm; altura: 11,6 cm. **MNA 11221| OSM 847**. Bibliografia: Rocha-Pereira, 1962; Trías, 1967-1968, p. 506, lâm. CCLVI; Rouillard, *et alii*., 1988-1989; Pereira, *Notícia sobre vasos gregos existentes em Portugal*, p. 190, fig. 11 e 12. Pereira, *Greek Vases in Portugal*, 2010; *VGP*, 2007, fig. 61.

SAL/007. Vaso com perfil completo, em bom estado de conservação. Apenas conserva uma das asas. Bordo esvasado e parede com afunilamento acentuado na parte inferior. Base anelar e robusta. Asa horizontal, espessa, que arranca imediatamente abaixo do lábio. Superfície interna totalmente revestida de engobe negro. Na superfície externa apresenta decoração composta de cena de palestra com jovens envoltos em himátia. Um dos jovens exibe braço estendido e segura um bastão. A segunda figura apresenta braço estendido e levantado e segura um estrígil. Por abaixo das asas, exibe palmeta vertical com volutas. Bibliografia: Trías, 1967-1968, p. 506-507, num. 5, lâm. CCLVII, Pereira, *Notícia sobre vasos gregos existentes em Portugal*, p. 190, fig. 14 e 15. Pereira, *Greek Vases in Portugal*, 2010. Não ilustrado.

MOU/003. Fragmento de bordo e parede. Bordo esvasado. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe banda de óvalos sem associação aparente a pontos. Conservam-se igualmente vestígios de uma figura humana envolta em himátion. Atrás desta, parte de uma espiral. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Castelo de Moura/ sn**. Bibliografia: Soares, 2017, fig. 11, nº 1. Desenho MOU/003, estampa V, adaptado de (Soares, 2017).

MAR/038. Três fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a bordo e parede. Lábio reto, estreitado na face interna. Parede com curvatura pouco pronunciada. Exibe, na superfície interna, uma banda sobrepintada. Na superfície externa apresenta decoração composta de folhas de murta, associadas a ramagem de cor branca sobrepintada sob o verniz negro. Pasta de cor cinzenta e tonalidade bege, dura, compacta e depurada. Verniz de cor negra, com manchas avermelhadas na face interna. O verniz é aderente, brilhante e pouco espesso em determinadas áreas. Diâmetro de abertura: 16,19 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0679] 11711.**

MAR/039. Fragmento de parede. Decorado na face externa com motivos indeterminados. A superfície interna apresenta-se integralmente coberta por verniz negro. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx.: 6,1 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0428] 5328.**

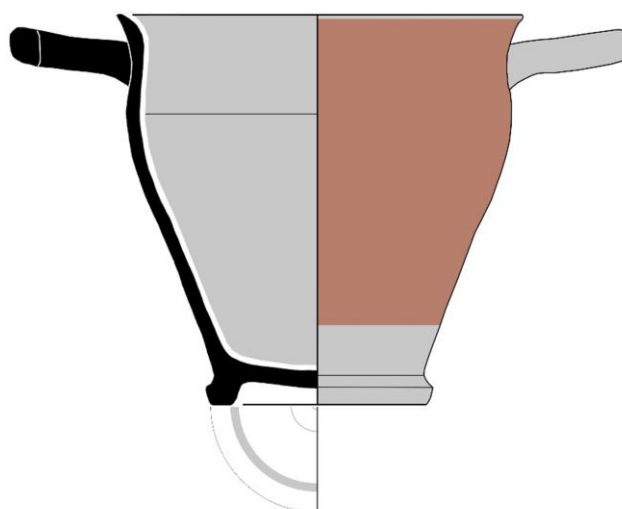
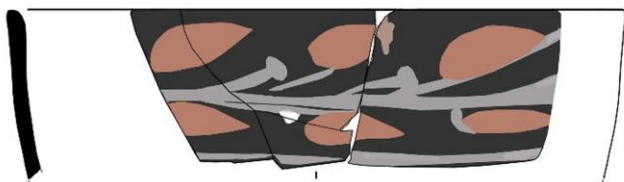
FUR/001. Conserva o bordo, parede e fundo da peça. Das asas, apenas se preserva o seu arranque, imediatamente abaixo do lábio. Bordo esvasado e parede com afunilamento acentuado na parte inferior. Bordo e parede formando uma dupla curvatura. Superfície interna totalmente revestida de engobe negro. Na superfície externa exibe decoração aplicando a técnica de figuras vermelhas. O fundo externo e a superfície de apoio do pé apresentam-se reservadas. A decoração encontra-se muito deteriorada, sendo, no entanto, visíveis linhas horizontais na parte inferior da parede e motivos indeterminados que poderão corresponder a representações humanas. Pasta de cor bege, bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Diâmetro de abertura: 12,7 cm; diâmetro de pé: 6,2 cm; altura: 11,2 cm. **Cerro Furado/sn**. Bibliografia: *VGP*, 2007, p. 147, fig. 89, Arruda & Lopes, 2012.

FAR/001. Dois fragmentos de parede, sem colagem entre si, pertencentes possivelmente à mesma peça. A face externa apresenta decoração composta de palmetas associadas a motivos indeterminados. A superfície interna apresenta-se totalmente revestida de engobe negro. Pasta de cor bege alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Faro/ sn**. Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 81. Desenho FAR/001, estampa V, adaptado de (VGP, 2007).

LIS/006. Fragmento de bordo e parede. Bordo esvasado, formando juntamente com a parede uma dupla curvatura. Apresenta a superfície interna totalmente revestida de verniz negro. A face externa exibe decoração de figuras vermelhas composta de voluta vertical. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. C**astelo de São Jorge, V2 [21] PL4.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Desenho LIS/006, estampa V, adaptado de (Arruda & Sousa, 2019).

MER/022. Fragmento de bordo e parede. Bordo esvasado. A face interna apresenta-se revestida de verniz negro. Na face externa exibe decoração composta de motivo de espiral. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 12,27 cm. **Mértola/ Sem número.**

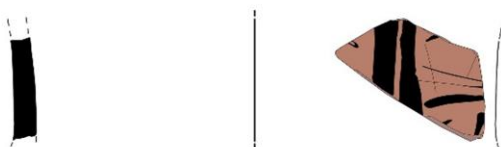
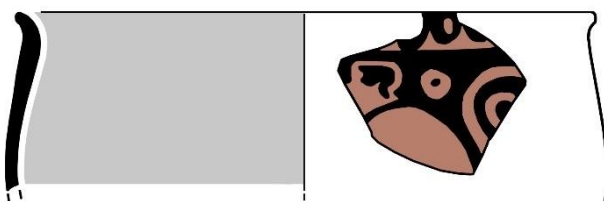
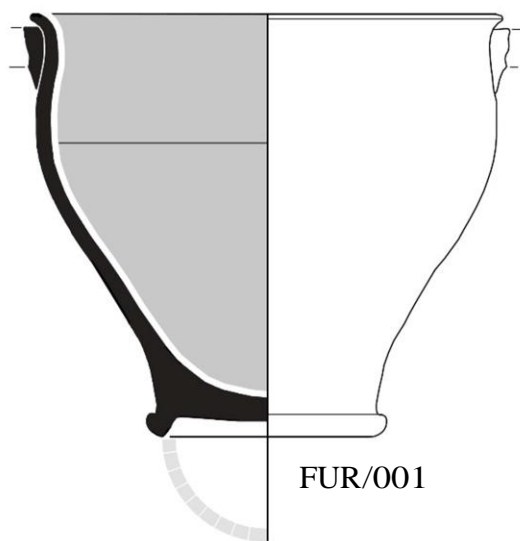
MOL/003. Fragmento de bordo. Bordo de perfil tendencialmente esvasado. A face interna apresenta-se revestida de verniz negro. Na face externa conserva vestígios de decoração, não sendo percetível nenhum motivo identificável. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz nego, espesso, aderente e brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, *et alii*., 2011, p. 15-16). Não ilustrado.

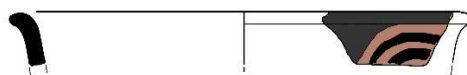
EST. V. SKYPHOS

SAL/006

MAR/038

MAR/039

MOU/003

Escala 1:2

FUR/001

FAR/002

LIS/006

MER/022

Escala 1:2

4.1.4. Kántharos

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV/CG** /	002	**PT18-SAL**	**VI**

Integram esta forma, vasos de corpo profundo dotados de duas asas verticais[1076]. Concebidos para serem utilizados como vasos para beber, são, no entanto, menos populares do que as taças e os skyphoi. A forma integra distintas soluções morfológicas[1077] e decorativas que permitiram definir variantes dos kántharoi com significado cronológico, reportando-se frequentemente a pintores e/ou centros de produção distintos.

No território em estudo, apenas encontramos testemunhos de kántharoi exclusivamente da classe «Saint-Valentin», uma categoria decorativa que integra simultaneamente exemplares desta forma e de skyphoi. Uma e outra, apresentam caracteres morfológicos distintivos, destacando-se, no caso particular dos kántharoi, a aplicação do estilo «Saint-Valentin» a peças de lábio esvasado e saliente, colo reto e verticalizado, corpo bojudo e pé anelar. As asas, verticais, arrancam imediatamente abaixo do lábio, formando um arco alongado que se liga inferiormente ao bojo da peça. Na superfície exterior dos vasos que integram a mencionada classe, constam composições decorativas apresentadas no bordo, colo e bojo, compostas frequentemente de bandas de linguetas, motivos reticulados – em forma de diamante/losango – e grinaldas de folhas. A decoração é aplicada quer em verniz negro sobre fundo reservado, quer em pintura branca sobrepintada sobre verniz negro. Esta classe de vasos foi profusamente estudada por S. Howard e E. P. Johnson, estabelecendo os mencionados investigadores nove grupos e três subgrupos de vasos da classe Saint-Valentin, que obedecem a distintos esquemas decorativos.

Na fachada atlântica da Península Ibérica identificou-se um fragmento pertencente à forma kántharos. Corresponde a uma pequena fração do colo de uma destas peças, apresentando decoração na superfície externa, composta de um motivo reticulado, delimitado superiormente por finas linhas paralelas e pontos pintados a negro. Registam-se os melhores paralelos para a sua forma e decoração em Ibiza, na Necrópole del Puig des Molins, em dois exemplares datados de 450-400 a.n.e.[1078]. Nas referidas peças, além da banda de reticulados que preenche a metade superior do colo, constam igualmente, uma grinalda a de folhas de louro sobrepintada a branco e bandas de linguetas e traços verticais, apresentados no bojo e no bordo da peça, respetivamente.

Tal como exemplar de Tavira, as áreas do reticulado deixadas em reserva, são complementadas de um ponto negro central e motivos pintados a vermelho, em forma de círculos e triângulos. A decoração integra a designada classe ou estilo «Saint-Valentin» e corresponde possivelmente aos grupos I, III ou IV e subgrupo A, definido por S. Howard e F. P. Johnson (1954, pp. 191, 207).

1076 Sobre a forma, vide (Richter & Milne, 1935, pp. 13-14).

1077 Considerando as distintas configurações do corpo destas peças, assim como as diferentes disposições das asas e características das suas bases, Beazley estabeleceu quatro grandes variantes para esta forma (ARV2, 385, Paralip., 367).

1078 (Trías, 1967-1968, pp. 299-300, nº 14, lâm. CXLVIII, 3; Sánchez Fernández, 1981, pp. 287-288, fig. 4.8, lâm. III.1; Fernández, Maluquer & Picazo, 1987, p. 19, lâm. 7, nº 1; Fernández Gomez, 1992, p. 127, nº 275, fig. 73, lâm. LXV).

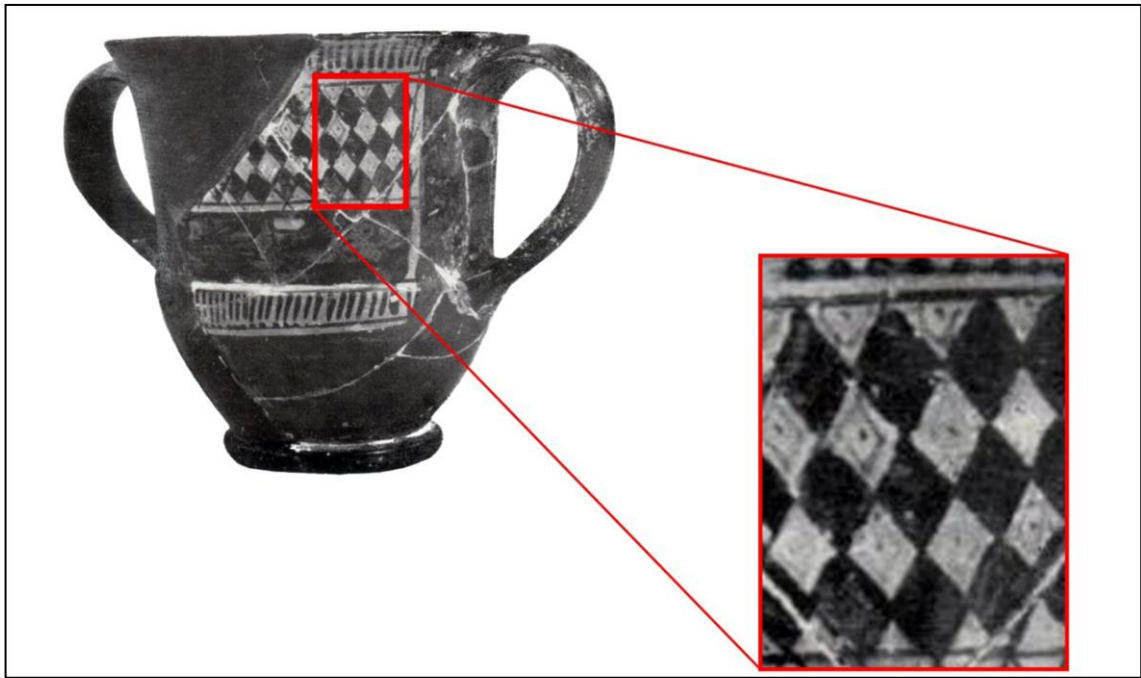



Figura 17. Kántharos procedente da Necrópole del Puig des Molins. Fonte: Trías, 1967-1968, pp. 299-300, nº 14, lâm. CXLVIII, 3 (Adaptado).

Não obstante o perfil retilíneo do fragmento e a sua orientação verticalizada, concordantes com a forma kántharos, o exemplar procedente do atual território português foi sucessivas vezes classificado como skyphos[1079]. Ainda que se registem semelhanças decorativas entre os skyphoi e kántharoi da Classe «Saint-Valentin», as características morfológicas do exemplar de Tavira, correspondendo à segunda forma mencionada. Tal como os exemplares identificados nas Ilhas Baleares, também o vaso procedente de Tavira deverá corresponder a uma produção de 400-450 a.n.e.

CATÁLOGO

TAV/CG/002. Fragmento de colo, com ligeira curvatura côncava. A superfície interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. A superfície externa exibe decoração composta de reticulado formado de losangos reservados e em verniz negro, apresentados alternadamente. Em cada losango reservado foram pintados círculos ou triângulos em tonalidade avermelhada e, no centro, um ponto negro. A banda de losangos é rematada, superiormente de duas linhas paralelas de verniz negro. Pasta de cor laranja, muito depurada e compacta. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. **MMT00002738.** Bibliografia: (Classificado como skyphos) Covaneiro & Cavaco, 2003, pp. 99-100; Barros, 2005, pp. 931-945, Fig. 10, nº 4.

EST. VI. KÁNTHAROS

1079 (Barros, 2003; 2005; VGP, 2007; Arruda, Covaneiro & Cavaco, 2008).

4.1.5. Kratêres de Sino

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires e Colina do Castelo de Alcácer do Sal	**SAL /**	008-017 091-093, 110	**PT18-SAL**	**VII, VIII, IX, X**
ALCÁÇOVA DE SANTARÉM	**SAN /**	003	**PT18-SAN**	**X**
CABEÇO DA AZOUGADA	**AZO /**	006	**PT18-AZO**	**X**
CASTELO DE MOURA	**MOU /**	004 A e B	**PT18-MOU**	**IX**
CASTRO DE S. LOURENÇO	**LOU /**	001	**PT11-LOU**	**X**
CERRO FURADO	**FUR /**	002	**PT18-FUR**	**IX**
CRASTO DE PALHEIROS	**PAL /**	001	**PT11-PAL**	**X**
LISBOA Colina do Castelo de São Jorge	**LIS/CSJ /**	007 e 009	**PT17-LIS**	**VIII**
MÉRTOLA	**MER /**	023 e 166	**PT18-MER**	**X**
SANTA OLAIA	**OLA /**	001	**PT16-OLA**	**X**
SANTO ESTEVÃO DA FACHA	**SEF /**	005	**PT11-SEF**	**X**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAVPF /**	002	**PT15-TAV**	**X**
CASTRO DE «A CIDADE DE CANEIRO» FOZARA	**FOZ /**	001	**ES11-FOZ**	-

Vaso de boca ampla e corpo profundo, com afunilamento acentuado na parte inferior.[1080] O nome que lhe é atribuído decorre da semelhança verificada entre o perfil do vaso e a configuração de um sino em posição invertida. Tal como as restantes variantes da forma kratêr, foi concebido como peça integrante do simpósio, para realizar a mistura de vinho, sendo também, como frequência, utilizado em contextos de enterramento, na qualidade de urna cinerária.

Em Atenas, os primeiros exemplares conhecidos datam do segundo quartel do século V a.n.e., registando, no entanto, um reduzido número de testemunhos. A partir deste momento, a sua produção aumenta consideravelmente, tornando-se, no final do século V a.n.e. e durante a centúria seguinte, a variante mais comum entre as grandes formas de vasos de figuras vermelhas. O maior número de exemplares da Ágora de Atenas e, simultaneamente, os que apresentam uma maior complexidade decorativa, são produzidos após 420 a.n.e., sendo os testemunhos mais recentes datados dos finais do século IV a.n.e., altura em que

1080 A descrição das características da forma é feita com base em (Moore & Philippides, 1986, pp. 31-33). Sobre a forma vide (Beazley 1968 («bell-krater with handles»); Trías, 1967, pl. 96; Jehasse & Jehasse, 1973, nº 1090).

as produções decoradas segundo a técnica de figuras vermelhas entram, elas próprias, em declínio. Não há registo de exemplares com decoração de figuras negras, sendo escassos os testemunhos totalmente revestidos de verniz negro.

Os dados obtidos através do estudo dos kratêres-de-sino da Ágora de Atenas permitiram identificar duas classes ou variantes de vasos (tipo 1 e 2), apresentando características morfológicas e decorativas distintas. Apenas o tipo 2 encontra testemunhos na fachada atlântica da Península Ibérica. Distingue-se, sobretudo, por apresentar duas asas, em substituição das pegas características no tipo 1, que arrancam da parede do kratêr e que se projetam para fora e para cima, em direção ao bordo sem, no entanto, o alcançar. Apresentam bordo esvasado, de perfil redondo e levemente saliente. O corpo da peça regista um perfil tendencialmente reto, com um acentuado afunilamento da parte inferior, rematado por um pedestal que tende a ser mais alto à medida que avançamos na cronologia de produção destes vasos. Apresenta um pé alto, geralmente com uma canelura no topo. Menos frequente é a opção por um pé composto de base e toro.

Ao longo da sua produção, a forma torna-se mais elegante, de aspeto mais delicado por oposição aos robustos e atarracados exemplares do tipo 1. O bordo torna-se mais largo nos exemplares mais recentes, ultrapassando o limite de largura das asas que, por sua vez, adotam uma configuração mais reviradas para cima. Também a decoração se complexifica, incorporando composições padronizadas que rematam e complementam a decoração figurativa, elaborada e de grande diversidade temática. Uma banda de folhas de louro, ou menos frequentemente de heras, formam a decoração do bordo. A inclusão das bagas juntamente com as folhas, ainda que frequente, não se regista nos exemplares identificados na fachada atlântica da Península Ibérica. Ocasionalmente, na transição do bordo para a parede, é colocada uma fiada de óvalos e/ ou pontos, um padrão que geralmente é repetido na zona do arranque das asas. Abaixo destas, representam-se palmetas com volutas. A decoração figurativa repousa sobre banda de meandros, interrompida por uma cruz (do tipo grega ou de Santo André) ou padrão axadrezado. As bandas de óvalos ou simples bandas reservadas, ainda que encontrem registos, são, no entanto, menos frequentes. Nos kratêres anteriores a 400 a.n.e., as figuras representadas partilham o mesmo plano, geralmente repousando sobre a banda decorada. Após a referida data, é comum a representação de figuras em planos distintos.

Na fachada atlântica da Península Ibérica registam-se vinte e nove exemplares desta variante, sendo dez procedentes da Necrópole do Senhor do Olival, em Alcácer do Sal. Em **ótimo** estado de conservação, tal como é frequente nos vasos identificados em contextos de enterramento, os exemplares de Alcácer do Sal traduzem a chegada ao território em análise, de peças de diferentes artistas. Quatro exemplares são atribuídos ao Grupo do Pintor de Telos (SAL/013, SAL/008 a SAL/010), três destes associando-se à obra do Pintor dos Tirsos Negros (SAL/008 a SAL/010). Dois outros exemplares correspondem possivelmente ao Grupo do Pintor de Viena 1025 (SAL/011 a SAL/012). Os restantes oito fragmentos, conservando pequena dimensão, correspondem ao arranque do colo e ao pé de kratêres-de-sino, apresentando todos a característica banda em reserva na face interna da parede e na extremidade superior do pé. No que diz respeito aos quatro exemplares provenientes da colina do Castelo, n**ão é possível determinar se correspondem a dois ou três exemplares, uma vez que só em dois fragmentos foi possível determinar o diâmetro e em outros dois não se conserva a espessura total da banda reservada presente na face interna. São oriundos de dois** setores de escavação distintos, podendo corresponder a dois indivíduos (2 NMI), ainda que não se conservem bordos ou bases.

Igualmente associado a um contexto de enterramento é o exemplar FUR/002, procedente de Cerro Furado. Tal como alguns dos kratêres de Alcácer do Sal também este exemplar se associa **à obra do G**rupo do Pintor de Telos, reconhecendo-se afinidades com o Pintor dos Tirsos Negros. O mesmo pintor está representado nos exemplares de Castelo da Moura, subsistindo dúvidas se correspondem a um dos dois indivíduos. Genericamente associado ao Grupo do Pintor de Telos, regista-se ainda um fragmento procedente de Lisboa. Foram igualmente identificados fragmentos de kratêres-de-sino na região algarvia de Tavira, nos arqueossítios Mértola, Cabeço da Azougada, Santarém, Lisboa, Santo Estevão da Facha, Tavira, Santa Olaia, Crasto de Palheiros, Castro de São Lourenço, na colina do Castelo de Alcácer do Sal no castro galegos de «A cidade de Caneiro» - Fozara. A pequena dimensão dos fragmentos e dos motivos decorativos, associados à sua natureza comum a vários artistas, impossibilita a determinação dos pintores dos mencionados exemplares.

4.1.5.1. Grupo do Pintor Viena 1025

Alcácer do Sal regista dois vasos atribuídos ao Grupo do Pintor de Viena 1025, exibindo ambos composições decorativas nos lados A e B de cada peça (SAL/011, SAL/012). O primeiro exemplar considerado é o que suscita maior dúvida na atribuição do seu pintor. Jean-Louis Durand sugere, contudo, a sua integração no repertório do Grupo do Pintor de Viena 1025, classificação que deve ser entendida com reservas considerando a escassa representatividade deste pintor na Península Ibérica e a ausência de paralelos para a temática retratada pelo exemplar de Alcácer do Sal. O vaso ilustra uma cerimónia religiosa, composta de um ritual de sacrifício e purificação, à qual presidem cinco personagens. No centro da cena foi representado o altar (*bomos*), para onde se concentra a atenção de todos os participantes da cerimónia. As figuras, possivelmente todas masculinas, foram representadas em diferentes planos, tal como é habitual nos kratêres posteriores a 400 a.n.e.

São parte integrante da composição dois jovens, sendo um adolescente e outro efebo; e dois adultos, um barbado, à esquerda, e um imberbe no plano contrário da cena. Subsistem dúvidas quanto à natureza e género da quinta personagem, colocada num plano de destaque, usando panejamento ricamente ornamentado. Rocha Pereira[1081], descreve-o como sacerdotisa que «pega fogo à lenha». Mais recentemente a figura foi interpretada como a própria divindade Apolo, representada sob a forma de figura antropomórfica[1082]. São várias as alusões ao deus representadas na cena, designadamente a presença de uma possível árvore loureiro, de ramos de louro, de um bucrânio, todos eles apresentados à direita do altar. O posicionamento do braço da figura, estendido sobre a fogueira, poderá relacionar-se com a capacidade de suster o fumo, comumente outorgada á divindade Apolo[1083].

O lado B apresenta decoração muito desgastada, sendo possível, no entanto, identificar uma cena de música e dança de cariz dionisíaco composta, ao centro, de uma ménade que toca tamborim, enquadrada por dois sátiros que seguram tirsos. Por último, no que à decoração diz respeito, o friso com decoração figurativa é rematado inferiormente por uma banda de meandros e cruzes e a face externa do bordo apresenta decoração composta de banda de folhas de louro. As características formais e a composição decorativa mencionadas permitem integrar o vaso de Alcácer do Sal nas produções de 400-375 a.n.e.

A representação da divindade Apolo em kratêres-de-sino não é novidade na Península Ibérica. Verifica-se, por exemplo, num vaso utilizado como recipiente cinerário procedente do Cerro del Santuário de Baza[1084]. Considerando um âmbito mais alargado, e ainda que se não se verifique a correspondência com a obra do Grupo do Pintor de Viena 1025, registam-se semelhanças na iconografia, assim como na composição e organização decorativa entre o exemplar de Alcácer do Sal e variadas peças de figuras vermelhas atribuídas a diferentes artistas. Destacamos dois exemplares de atribuídos por Beazley[1085] a Polygnotos, onde se representa uma ara encimada por fogueira, composta e troncos empilhados de forma alter- nada. Contém igualmente um objeto recurvo que poderá corresponder a vértebras do animal sacrificado. O vaso ilustra uma cerimónia de sacrifico dedicado a Apolo, com jovens segurando longos espetos onde se colocam porções de carne. Encontramos o mesmo tipo de elementos, por exemplo, num kratêr-de-sino[1086], atualmente em depósito no Museu Nacional de Copenhaga, datado de 475-425 a.n.e. A composição decorativa apresentada, integra idêntica forma de representar o altar. É igualmente parte integrante da cena, uma árvore loureiro, um bucrânio no topo superior do friso com decoração decorativa, um jovem adolescente e uma figura masculina barbada. Para a possível representação de figura vestida com longo chitôn adornado com padrão de ondas, posicionada à esquerda do altar sacrificial veja-se, a título de exemplo, o kratêr-de -sino em depósito no Museu Arqueológico Municipal de Laon[1087].

Um segundo exemplar, igualmente procedente de Alcácer do Sal é passível de ser atribuído ao Grupo do Pintor de Viena 1025. Trata-se de um kratêr-de-sino de perfil completo, ilustrando uma cena mitológica e dionisíaca. Integra a representação do deus Apolo, ao centro, ladeado por Artémis e Hermes. O lado B é ilustrado com uma cena musical de âmbito dionisíaco, onde figuram sátiros e uma ménade, em posição central. As características formais e a composição decorativa, destacando-se a representação das figuras em diferentes planos, permitem integrar também este exemplar de Alcácer do Sal nas produções de 400-375 a.n.e. Regista semelhanças na forma de representar as figuras humanas, em vários dos elementos retratados e na organização e composição decorativa, com dois exemplares de Cályx-Kratêr[1088] atribuídos ao Grupo do Pintor de Viena 1025 por Beazley.

1081 (Rocha Pereira, 1962).

1082 (Morais, no prelo).

1083 (Morais, no prelo).

1084 (Olmos & Griño, 1982; Presedo, 1982, p. 72 e 77, fig. 48, lâm. XVII, 2, 4; Villanueva, 1986, p. 306; Sanchez, 1992a, p. 392-393, nº 27, fig. 6, Olmos, Tortosa & Iguacel, 1992, p. 73; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 418, nº 215).

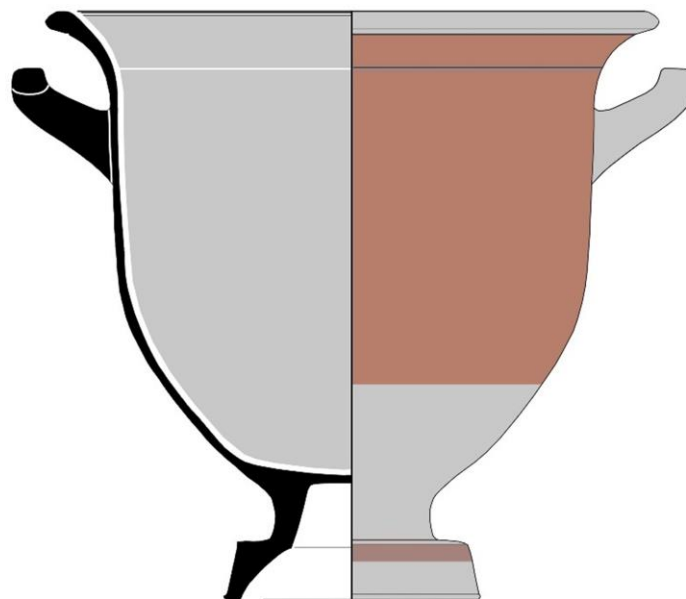
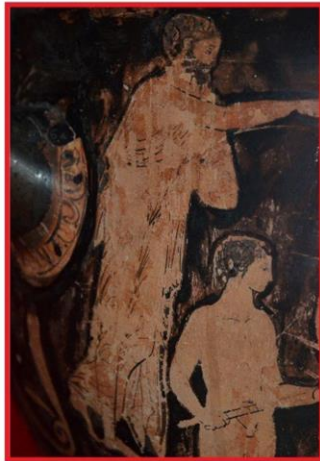
1085 (Nº 213391 e 213390, Beazley archive database).

1086 (Nº 9559, Beazley archive database).

1087 (Nº 41369, Beazley archive database).

1088 (Nº 218084 e 218085, Beazley archive database).

SAL/011. Vaso com perfil completo. Bordo esvasado, com lábio ligeiramente espessado. Asas robustas, projetadas para fora e para cima. Corpo fundo com haste larga. Pé alto com banda reservada na parte superior da face externa. Apresenta decoração na face externa composta de duas cenas distintas (lados A e B). Lado A: Cena sacrificial. Ao centro, altar (*bomos*), com troncos de lenha empilhados onde se queima o animal sacrificado. Num plano mais recuado, é visível um loureiro. Fazem parte da cena cinco personagens, apresentadas voltadas para o altar. No extremo esquerdo do plano, uma figura masculina barbada, vestida com himátion, em posição de pé, aponta com o braço estendido em direção ao local onde se desenrola a cerimónia. Em frente a este, um jovem nú segura com ambas as mãos uma vara longa (*obeloi*), que pende sobre o altar, exibindo na ponta porções de carne, possivelmente vísceras retiradas no animal sacrificado. Imediatamente à esquerda do altar, uma figura masculina, em pé, apresenta o braço estendido, apontando para a frente. Veste um longo chitôn, decorado na zona do pescoço e no remate do panejamento com um padrão ondulado. Exibe igualmente um padrão de pontos a preencher toda a peça de vestuário. À direita do altar, um jovem efebo, veste himátion, também esta personagem segura uma vara longa, que pende sobre o altar, contendo porções do animal sacrificado. Por último, à direita da cena, uma figura, masculina apresenta-se num plano elevado, encimando, ainda que não de forma direta, dois degraus. Veste himátion e apresenta o braço direito estendido, apontando para o local onde se realiza a cerimónia. Na cena estão igualmente presentes um ramo de loureiro, disposto de forma isolada, e um bucrânio, ambos apresentados do lado direito da cena. Lado B: Ménade entre sátiros. Com decoração muito deteriorada. Ao centro, uma ménade toca tamborim, segurando o instrumento com a mão esquerda. É enquadrada por dois sátiros, de cabeça voltada para a figura feminina. Na mão direita, seguram tirsos. As personagens são representadas num plano mais elevado, parcialmente assentes sobre um elemento arquitetónico. As cenas apresentadas nos lados A e B são rematadas inferiormente por um friso de meandros e cruzes. Na zona de arranque das asas exibe uma fiada de óvalos e, por baixo destas, duas palmetas com volutas. No rebordo, apresenta banda decorada com folhas de louro. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente e brilhante. Em reserva: banda na parte superior do pé; banda na face interna, na transição do bordo para a parede; face interna do pé e face externa do fundo. O interior apresenta revestimento em verniz negro. Atribuído ao Pintor de Viena 1025 por Jean-Louis Durand (Cf. Rouillard et alii, 1988-1989, p. 58-62). Diâmetro de abertura: 35,8 cm; altura: 35,75 cm. Bibliografia: Rocha-Pereira, 1962, pp. 72-76, pl. XXXV-XXXVII; Trías, 1967, pp. 503-505 e 1968, lâm. CCLII, pl. XXV--XXXVIII; Rouillard *et alii.*, 1988-1989, p. 58-62, nº 4, pl. V; *VGP*, 2007, pp. 127-128, nº 56.

SAL/012. Vaso com perfil completo. Não se conserva parte do bordo e parede da peça. Bordo esvasado, com espessamento do lábio. Abas robustas, projetadas para fora e para cima. Corpo profundo com haste alta e larga. Pé alto, anelar, com banda reservada na parte superior. Apresenta decoração na face externa composta de duas cenas distintas (lados A e B). Lado A: ao centro, Apolo em posição sentada. Segura ramo de loureiro com a mão esquerda. Veste manto suspenso apenas por um dos antebraços. Os pés da divindade repousam sobre degrau adornado com pontos sobrepintados a branco. Em frente ao deus, num plano superior, foi representada Artémis segurando uma enócoe. Exibe panejamento cintado, rematado inferiormente por padrão de ondas, igualmente presente na zona do peito. À direita, jovem desnudo, sem posição sentado, sobre manto. Apresenta braço esticado, apontando para o centro da cena e, na mão esquerda segura possível lança. Atrás de Apolo, num plano superior, foi representado Hermes. A cena é enquadrada, à esquerda, por jovem com manto, segurando lança longa. Integram a composição decorativa, uma ara e uma coluna de volutas. Lado B: Ménade ao centro, enquadrada de sátiros. Ménade veste chitôn longo, cintado ao nível da cintura. Um dos sátiros, com braço erguido, segura possível tamborim. O friso com decoração figurativa é rematado inferiormente por uma banda de meandros e axadrezados e a face externa do bordo apresenta decoração composta de banda de folhas de louro. Na zona de arranque das asas exibe uma fiada de óvalos e, por baixo destas, duas palmetas com volutas. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente e brilhante. Em reserva: banda na parte superior do pé; banda na face interna e externa, na transição do bordo para a parede; face interna do pé e face externa do fundo. O interior apresenta revestimento em verniz negro. Grupo de Viena 1025. Diâmetro de abertura: 34 cm; diâmetro de pé: 14 cm, altura: 35 cm. **982.62.104.** Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 58. Rouillard *et alii*., 1988-1989.

SAL/011

SAL/012

4.1.5.2. Grupo do Pintor de Telos

O referido Grupo de pintores regista testemunhos no território em análise em dois exemplares, procedentes de Alcácer do Sal e Lisboa. O primeiro corresponde a um conjunto de fragmentos de bordo e parede de um kratêr-de-sino de figuras vermelhas, ilustrando uma cena com a representação sátiros, ménades e um Eros (SAL/013). O lado B da peça conserva vestígios de representação de três figuras envoltas em himátia. Tratar-se-á possivelmente da representação e uma cena de palestra, usual nos kratêres com menor qualidade e investimento artístico. Na zona de arranque das asas exibe friso de óvalos e pontos e, abaixo destes elementos, uma palmeta com núcleo central e caules rematados em forma de volutas. Apresenta paralelos nas obras do Pintor dos Tirsos Negros[1089], merecendo particular destaque o traço utilizado para representar as figuras humanas. As características formais e a composição decorativa mencionadas permitem integrar o vaso de Alcácer do Sal nas produções de 400-350 a.n.e.

Encontramos igualmente afinidades decorativas com a obra do Grupo do Pintor de Telos[1090] em dois fragmentos de kratêr procedente de Lisboa (LIS/CSJ/007 e LIS/CSJ/009). Sobre o primeiro, e ainda que a forma de desenhar as mãos das figuras representadas registe paralelos com a obra deste Grupo de Pin- tores, dado o pequeno tamanho do fragmento e a escassez de motivos conservados, a atribuição deve ser entendida com reservas. O exemplar possui decoração na superfície externa composta da representação de duas personagens. A da esquerda, de pé, veste *peplos* com *kolpos*, reportando-se a uma figura feminina. À direita, uma figura masculina em posição sentada, apresenta as pernas cruzadas, apenas parcialmente cobertas com um manto. Possui vestígios de sobrepintura a branco apenas nas vestes femininas. Regista-se paralelo para a forma de representação da mão e simultaneamente para os semicírculos que representam o caimento das vestes, por exemplo, em um kratêr-de-sino procedente de Tossal de la Sal[1091], datado de 400-350 a.n.e. igualmente atribuído ao Grupo do Pintor de Telos.

No caso do segundo exemplar (LIS/CSJ/009), é possível observar parte da decoração figurativa representada na face externa da parede, conservando-se parte do tronco e do braço de uma figura humana, segurando um bastão. Também neste fragmento a decoração integra pintura a branco, presente nos panejamentos, na pele da personagem representada e nos detalhes decorativos que complementam a cena. Foi sugerida, com reservas, a sua integração no Grupo do Pintor de Telos[1092], atribuição com a qual concordamos.

São vários os exemplos de obras atribuídas a este Grupo de Pintores, identificados na Península Ibérica. Destacamos, a título de exemplo, dois kratêres em excelente estado de conservação. O primeiro[1093], procedente de Toya (Jaén) e datado de 400-375 a.n.e., ilustra uma cena dionisíaca e de palestra. O segundo[1094], datado de 375-350 a.n.e. e identificado em Cabezo Lucero (Alicante), integra a representação de um simpósio e, tal como o exemplar anterior, uma cena de conversação com jovens envoltos em himátia.

CATÁLOGO

SAL/013. Conjunto de fragmentos pertencentes à mesma peça. A face externa do bordo apresenta-se decorada com grinalda de folhas de loureiro. A decoração figurativa é rematada inferiormente por banda de meandros e cruz. Uma banda de óvalos e pontos rodeia o arranque das asas e, na área abaixo destas, é visível uma palmeta com núcleo central e volutas. Decoração figurativa no bojo. Face A: sátiros e ménades. Ménade em posição de movimento, veste peplos decorado na parte inferior. Conserva-se a parte inferior de um Eros. É igualmente visível parte de um possível altar, a metade superior de uma coluna e um aulós. Face B: Jovem envolto em himátion. Atrás deste, conserva-se um disco. Apresenta banda reservada na face interna do bordo. Interior das asas igualmente em reserva. Diâmetro de pé: 13 cm, diâmetro de abertura: 30 cm. **MNA 982.59.71, 982.60.27, 982.62.105, 107, 145.** Bibliografia: Rouillard et alii, 1988-1989, fig. 6, pl. XII-XIII. Não ilustrado.

LIS/CSJ/ 007. Fragmento de parede. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe decoração composta de duas figuras humanas afrontadas. À direita, figura mas-

1089 (Beazley, ARV, 1984, 1428-1434).

1090 (A referida atribuição foi previamente sugerida em Arruda & Sousa, 2019).

1091 (Graells & Garcés, 2016, p. 189-194).

1092 (Arruda & Sousa, 2019, p. 189).

1093 (Garcia Y Bellido, 1948, p. 184, nº 75, 1, lâm. 139, 1; Trías, 1967-1968, p. 466-467, nº1, lâm. CCXVI y CCXVII, 1; Beazley, 1968, p. 1426, nº 15; Sanchez, 1992ª, p. 590-591, nº 384, fig. 86 e 87).

1094 (Rouillard *et alii*., 1992, p. 25, nº 2; Olcina & Ramon, 2009, p. 98).

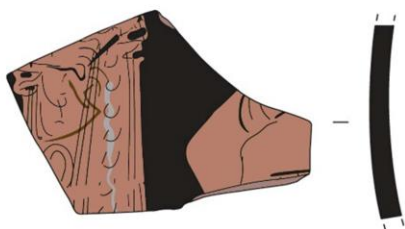
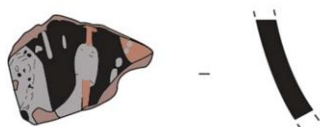
culina, em posição sentada, com perna cruzada e manto parcialmente sobre as pernas. À esquerda, figura feminina veste *peplos* com *kolpos*. De ambas as figuras apenas de conservam vestígios da parte inferior do seu corpo. Revista sobrepintura a branco nas vestes femininas. **Castelo de São Jorge, 4669.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Desenho LIS/CSJ/007 com base em Arruda & Sousa, 2019, adaptado.

LIS/CSJ/009. Fragmento parede. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Na face externa exibe decoração composta de vestígios da representação de uma figura humana, de género indeterminado. Da personagem apenas se conserva parte de um braço e do tronco, ambos sobrepintados a branco. Apresenta braço desnudo, dobrado, segurando com a mão um bastão. Sobre o panejamento, foram representados pontos negros isolados. Linhas de traços e pontos preenchem a área não ocupada pela figura humana. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **REF.**: **Castelo de São Jorge, 2164**. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190. Desenho LIS/CSJ/007 com base em Arruda & Sousa, 2019, adaptado.

EST. VIII. KRATÊR-DE-SINO - GRUPO DO PINTOR DE TELOS

LIS/CSJ/007

LIS/CSJ/009

Escala 1:2

4.1.5.2.1. Pintor dos Tirsos Negros

Alcácer do Sal regista três vasos atribuídos ao Pintor dos Tirsos Negros (SAL/008 a SAL/010). No primeiro exemplar é representada uma cena de simpósio (lado A) integrando uma figura feminina, disposta ao centro, acompanhada de duas personagens masculinas. O segundo exemplar recuperado neste local reproduz uma cena dionisíaca, formada de ménades e sátiros. Em ambos os exemplares, o lado B integram uma cena de palestra composta da representação de três jovens envoltos em himátia. Também os motivos ornamentais são semelhantes nos dois kratêres, apresentado uma banda de meandros e axadrezados a delimitar inferiormente a área com decoração figurada, assim como uma banda de pontos a ladear o arranque das asas. No bordo exibem uma banda de folhas de louro (SAL/008) e folhas de oliveira (SAL/009), e na área abaixo das asas foram representadas palmetas verticais. Não obstante o avançado estado de desgaste da decoração de um dos vasos, dificultando a leitura e a determinação das suas características decorativas, apenas um dos exemplares aparenta registar sobrepintura de cor branca, aplicada exclusiva- mente nas figuras femininas representadas.

O vaso (SAL/10) corresponde à parte inferior de um kratêr-de-sino de figuras vermelhas, ilustrando uma cena de religiosa, com a representação de uma herma. A estátua da divindade apresenta corpo tipicamente retangular e cabeça esculpida. A presença da insígnia habitual de mensageiro (caduceu) indica que se trata de um pilar dedicado a hermes, a divindade mais frequentemente associada a este tipo de monumentos. O lado B conserva vestígios de representação e três figuras envoltas em himátia e intercaladas por motivos indeterminados. Tratar-se-á possivelmente da representação e uma cena de palestra, usual nos kratêres com menor qualidade e investimento artístico. Na zona de arranque das asas exibe friso de óvalos e pontos e, abaixo destes elementos, palmetas com núcleo central e caules rematados em forma de volutas. Apresenta paralelos nas obras do Pintor dos Tirsos Negros[1095], merecendo particular destaque o traço utilizado para representar as figuras humanas. As características formais e a composição decorativa mencionadas permitem integrar o vaso de Alcácer do Sal nas produções de 400-350 a.n.e.

Abordando a morfologia dos vasos, exibem ambos um aspeto robusto e proporções semelhantes. Mais pequenos do que os exemplares SAL/011 e SAL/012, apresentam pés e hastes largas, asas espessas e pouco reviradas e bordos menos esvasado do que os seus congéneres, conferindo um aspeto mais atarracado a estes vasos. Os pés registam canelura reservada na parte superior. Registam apenas uma fina banda reservada, na superfície interna, na ligação do bordo à parede.

Na Península Ibérica os kratêres atribuídos ao Pintor dos Tirsos Negros são abundantes. Encontramos paralelos para o vaso SAL/004, em vários kratêres-de-sino procedente de Ampúrias[1096], datados de 375-350 a.n.e. Tal como no exemplar de Alcácer do Sal, decoram os lados A e B, cenas de palestra e simpósio, esta última composta de várias figuras, em pé e reclinadas em leitos (*klinai)*, com cachos de uvas no plano superior. É possível que, tal como no exemplar emporitano, uma das simposiastas toque ossu. A utilização de pintura branca na representação das figuras femininas nem sempre ocorre. O vaso SAL/005 encontra paralelos em exemplares procedentes de Castellones de Ceal[1097], igualmente atribuído ao pintor dos Tirsos Negros. As características e a composição decorativa, com destaque para a representação de cenas dionisíacas dinâmicas, permitem a sua integração nas produções de 375-350. O vaso associa-se a um contexto funerário, tendo sido utilizado como vaso cinerário. No mesmo local foram recolhidos kratêres[1098] com representações de cenas de simpósio, com fortes afinidades com os exemplares de Alcácer do Sal.

Em Cerro Furado encontramos mais um exemplar com características estilísticas concordantes com a obra do grupo do Pintor de Telos, concretamente do pintor dos Tirsos Negros (FUR/002). Muito deteriorado, preserva apenas o bojo, o arranque de uma das asas e pequenas porções do bordo. Regista um bordo amplo e corpo de forma alongada, tendencialmente piriforme, característico das produções do século IV a.n.e. Possui decoração na face externa, muito desgastada, sendo possível reconhecer a representação de uma cena dionisíaca dinâmica, presente na face A, e uma possível cena de palestra a decorar a face B da peça. A área envolvente do arranque das asas foi ornamentada de uma banda de pontos de cor negra. A decoração figurativa é rematada de uma banda de difícil caracterização, correspondendo possivelmente a uma onda encrespada[1099]. Nas laterais do vaso, sob as asas, apenas se preserva uma mancha de formato tendencialmente circular, totalmente em verniz negro, sem correspondência a nenhum motivo identificável. As referidas características formais e estilísticas permitem integrar este exemplar de fabrico

1095 (Beazley, ARV, 1984, 1428-1434).

1096 (Miró, 2006, p. 222, fig. 574, p. 334, cat. p. 599-600, nº 2935, lâm. 200-201, 329; Sánchez Fernández, 1993, p. 28, nº 4, lâm. 3).

1097 (Sanchez, 1992ª, p. 451-453, nº 104, fig. 34; p. 525-526, nº 266, fig. 58; Trías 1967-1968, p. 477-8, 3, lâm. CCXXXVII).

1098 (Trías, 1967-1968, p. 478, 4, lâm. CCXXXVIII, Sanchez, 1992ª, p. 528-529, nº 268, fig. 60).

1099 (Arruda & Lopes, 2012, p. 406).

ático nas produções de 375-350 a.n.e.[1100]. Os mencionados elementos decorativos, associados à simplicidade da composição ornamental e à natureza do tema escolhido para figurar no corpo do vaso, designadamente a representação de uma cena dionisíaca dinâmica, concorrem para a integração da peça na obra do Pintor dos Tirsos Negros.

São procedentes de Castelo de Moura dois fragmentos de kratêres exibindo decoração na face externa (MOU/004 A e B). Ainda que não tenha sido possível observar os fragmentos, o desenho das peças sugere que se trata de dois exemplares distintos, considerando que pertenceriam ambos ao arranque do bojo e que apresentam diferentes curvaturas e bandas reservadas na face interior com distintas espessuras[1101]. O diâmetro registado, a curvatura, e a existência de decoração no arranque do bojo são concordantes com a forma kratêr-de-sino. A presença de uma banda em reserva na face interna da parede, frequente nos exemplares desta forma identificados na fachada atlântica da Península Ibérica, concorre igualmente para a referida atribuição tipológica. Foi sugerida a sua atribuição ao Pintor dos Tirsos Negros, contudo, a pequena dimensão dos motivos conservados e a sua natureza comum, coloca necessárias reservas à referida classificação. De facto, a representação de sátiros e possíveis cenas dionisíacas, como a que aqui se apresenta (MOU/004), são comuns a vários pintores com obra testemunhada na fachada atlântica da Península Ibérica.

CATÁLOGO

SAL/008. Vaso com perfil completo. Não se conserva parte do bordo e da parede da peça. Bordo esvasado, com lábio de perfil oval, espessado e ligeiramente saliente. Corpo profundo com afunilamento acentuado na parte inferior. Haste larga. Pé alto, anelar, com canelura na parte superior. Apresenta decoração na face externa composta de duas cenas distintas (lados A e B) e bandas de pontos a rodear a zona de arranque das asas. A delimitar a área com decoração figurativa, possui uma banda de meandros e axadrezado de pontos. Na face exterior do bordo exibe folhas de louro, sem bagas. Na zona abaixo das asas, palmeta vertical com treze pétalas e núcleo central. A superfície interna apresenta-se revestida com verniz negro, com exceção de uma banda reservada na ligação do bordo à parede da peça. Banda em reserva na parte superior do pé. A superfície de apoio e a face interna do pé, assim como a face externa do fundo, foram deixadas em reserva. Lado A: Cena de simpósio. Figura feminina, apresentada ao centro, acompanhada de duas personagens masculinas e uma personagem indeterminada, apresentada à esquerda. Personagem central, em pé, toca *aulos*. As restantes figuras repousam em *klinai*. No plano superior são visíveis cacho de uva. Lado B: vestígios de três figuras envoltas em himátia. A figura da direita apresenta braço estendido e levantado. Na face, junto à boca foi representado um ponto negro. Pintor dos Tirsos Negros. Diâmetro de abertura: 28 cm; diâmetro de pé: 13,45 cm; altura: 27,3 cm. **982.58.138.** Bibliografia: Rouillard *et alii.*, 1988-1989; *VGP*, 2007, fig. 59.

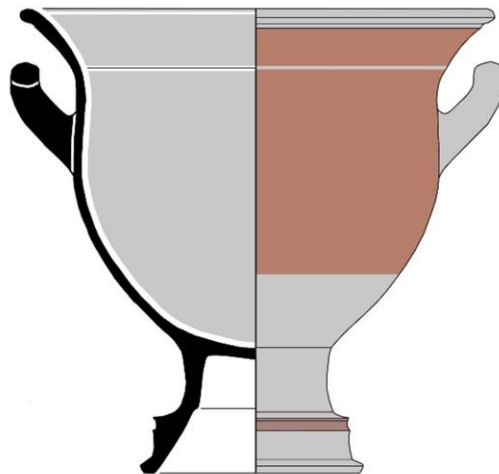
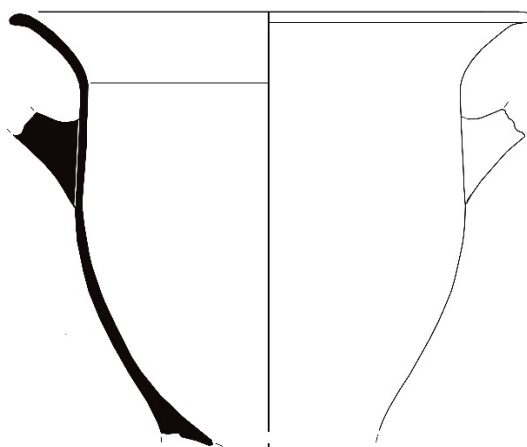
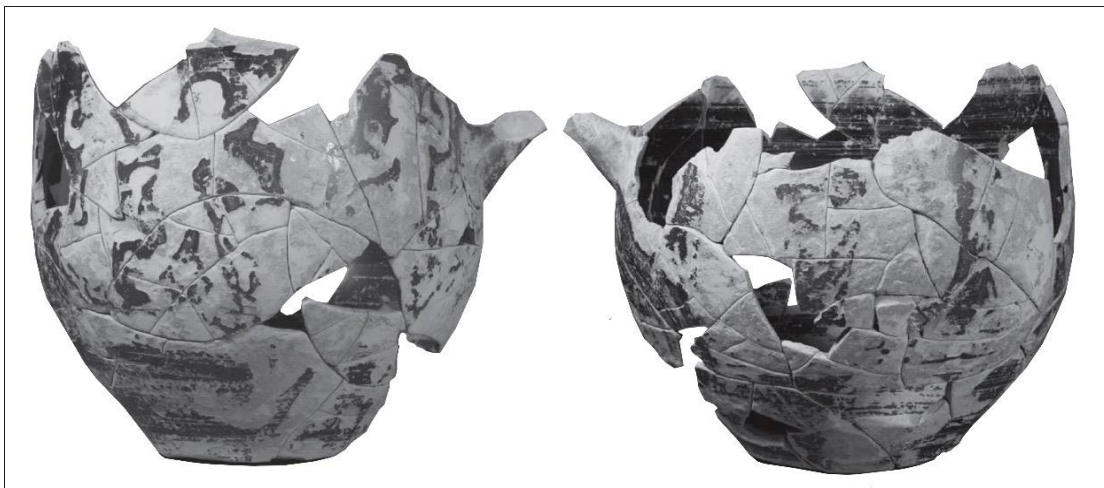
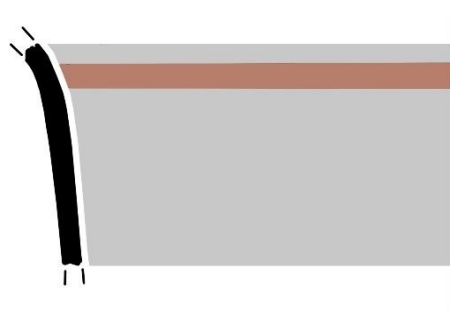
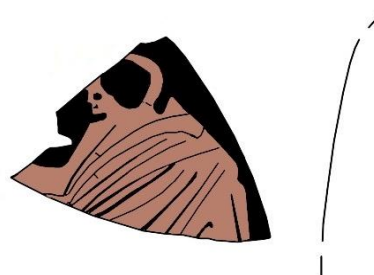
SAL/009. Vaso com perfil completo. Bordo esvasado, haste larga e pé alto, anelar, com canelura na parte superior. Apresenta decoração na face externa composta de duas cenas distintas (lados A e B) e bandas de pontos a rodear a zona de arranque das asas. A delimitar a área com decoração figurativa, banda de meandros e axadrezado de pontos. Na face exterior do bordo exibe folhas de oliveira. Na zona abaixo das asas, palmeta vertical com núcleo central. A superfície interna está revestida com verniz negro. Banda em reserva na parte superior do pé. A superfície de apoio e a face interna do pé, assim como a face externa do fundo, foram deixadas em reserva. Apresenta decoração na face externa composta de duas cenas distintas (lados A e B). Lado A: Cena dionisíaca dinâmica com duas ménades intercaladas de dois sátiros. A pele das figuras femininas, assim como o panejamento (túnica) da figura central, exibe cor branca, sobrepintada. A composição integra tirsos, uma bandeja (pátera) de alimentos e cachos de uvas, estes últimos apresentados no plano superior. As personagens representadas exibem diademas e fitas de cabelo. Sátiro toca *aulos* e ménade segura possível *obeloi*. Lado B: três jovens envoltos em himátia. As figuras das extremidades apresentam braço esticado, sugerindo movimento. Integra representação de arýballos. São igualmente apresentados possíveis halteres e elementos arquitetónicos no plano superior. Pintor dos Tirsos Negros. Diâmetro de abertura: 28 cm; altura: 29 cm. Bibliografia: Rocha-Pereira, 1962, pp. 77-82, pl. XXXVIII, nº 1-2 e XXXIX; Rouillard *et alii.*, 1988-1989, p. 66, nº 7. Garcia Y Bellido, 1948, p. 188; Trías, 1967-1968, p. 505-506, num. 2, lâm. CCLIII, lâm. CCLIV. Não ilustrado.

1100 A atribuição cronológica apresentada é, desde logo, sugerida em (Arruda & Lopes, 2012), propondo as autoras uma datação em torno de 350 a.n.e., com base na análise da forma e dos motivos decorativos conservados.

1101 Sugerindo, no entanto, Rui Soares, tratar-se de uma única peça, correspondendo os fragmentos aos lados A e B do bojo.

AL/010. Arranque de bordo, parede, pedestal e pé. O interior do vaso apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Apresenta decoração na face externa composta de duas cenas distintas (lados A e B). Lado A: herma fálica, sobrepintada a branco. A figura exibe o caduceu de hermes ao centro e repousa sobre altar composto de dois degraus. Possui barba e coroa na cabeça. A cena é complementada da representação de quatro figuras masculinas, parcialmente conservadas. De cada lado da herma, figuras masculinas em posição sentada, de corpo voltado para o lado contrário ao pilar consagrado a Hermes. Vestem manto que pende sobre o antebraço, no caso da personagem da esquerda, ou sobre parcialmente as pernas, na figura da direita. Exibem tronco nú. A personagem atrás da herma segura um tirso com pintura sobrepintada a branco. Lado B: conserva vestígios da representação e três personagens envoltas em himátia e intercaladas por motivos indeterminados. A cena integra é rematada lateralmente da representação de figuras masculinas, em pé, das quais se conserva apenas a parte inferior do corpo. A decoração figurativa é rematada, inferiormente, por um friso de meandros, axadrezados e cruzes associadas a pontos. Apresenta banda reservada, larga, na ligação da base ao pedestal; uma fina banda reservada na face externa, imediatamente acima da superfície de apoio; uma banda reservada na parte inferior do pedestal. No arranque de bordo, na face interna, exibe igualmente uma banda reservada. Pasta de cor laranja clara e tonalidade rosa, dura, compacta e depurada. Verniz negro, pouco espesso na superfície interior e mais espesso na face exterior, aderente e brilhante. MNPN/1685; 982.58.145, 982.6.4.

MOU/004[a] e B. Dois fragmentos publicados como pertencentes possivelmente à mesma peça, correspondendo aos lados A e B do bojo. No lado A exibe decoração composta da representação de um sátiro, conservando apenas a parte superior da figura. Á sua frente, vestígios de um cacho de uvas. No lado B apresenta decoração composta de jovem envolto em himátion. **Castelo de Moura/ SN.** Bibliografia: Soares, 2017, fig. 11, nº 3 e 4. Desenho MOU/004 da estampa IX, adaptado de Soares, 2017.

FUR/002. Conserva quase a totalidade do bojo, o arranque de uma das asas e pequenas porções do bordo. A face interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Na face externa possui decoração de figuras vermelhas, muito deteriorada. Apresenta-se fraturado na ligação da parede ao pé. Face A: Cena dionisíaca com ménades e sátiros intercalados, em posição de movimento. Da esquerda para a direita: ménade com corpo em posição frontal e face voltada à esquerda. Apresenta os braços e um dos pés levantado, sugerindo movimento. Veste *peplos*, sendo percetíveis traços verticais ondulados a representar as pregas do panejamento. Em frente à figura, foi represento um sátiro voltado à esquerda em posição de movimento. No centro da cena, uma ménade virada de frente, conservando-se apenas o torso e a parte inferior da figura. A cena é rematada à direita por um sátiro, voltado à direita, igualmente sugerindo movimento. Face B: Motivos muito deteriorados, indeterminados. Possível cena de palestra composta de três personagens inferidas por três áreas onde o verniz negro está ausente, cuja silhueta se assemelha a jovens envoltos em himátia. A decoração figurada é rematada, inferiormente, por banda com motivos ornamentais indeterminados. Na zona de arranque das asas, banda reservada preenchida de pequenos pontos negros. Diâmetro: 30,6 cm; altura máx conservada: 20,5 cm. **Cerro Furado. MNA. 2010.52.2.** Bibliografia: Arruda & Lopes, 2012. Desenho FUR/002 da estampa IX, adaptado de Arruda & Sousa, 2019.

SAL/008

FUR/002

MOU/004 A

MOU/004 B

4.1.5.3. Pintor Indeterminado

No decorrer dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Castro de São Lourenço foi identificado um fragmento de parede e arranque de asa de um kratêr (LOU/001). A orientação e características morfológicas do exemplar permitem integrá-lo na tipologia kratêr-de-sino. Na face externa, a envolver o arranque da asa, exibe decoração composta de uma banda de óvalos e pontos, delimitada inferior e superiormente por linha negra. Conserva igualmente vestígio de uma palmeta de desenho cuidado, possivelmente com núcleo central. O pequeno tamanho da palmeta identificada e o seu posicionamento na parede, ao nível da banda de óvalos, sugere que estamos perante uma decoração composta de duas palmetas sobrepostas. Encontramos esse tipo de soluções decorativas em obras do Grupo do Pintor de Telos[1102], em particular do Pintor dos Tirsos Negros[1103], e em exemplares atribuídos ao Grupo de Viena 1025[1104], citando apenas alguns exemplos de artistas testemunhados na fachada atlântica da Península Ibérica. Não obstante a escassez e a natureza comum dos motivos representados não permitir a atribuição do exemplar do Castro de São Lourenço a um Pintor ou Grupo de Pintores, a sua morfologia e as características da decoração são concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e. (*)

Encontramos idênticas dificuldades na caracterização do exemplar de kratêr-de-sino procedente do Crasto de Palheiros (PAL/001). Do vaso apenas se conservam treze fragmentos de bordo e parede pertencentes à mesma peça (1 NMI)[1105] . Apresenta bordo esvasado, de lábio saliente e espessado, antecedido de uma banda reservada na face interna, uma morfologia comum nos exemplares de kratêres-se-sino identificados na fachada atlântica da Península Ibérica. A face externa do bordo possui decoração composta de uma banda de folhas de louro. Nos fragmentos de parede é possível identificar vestígios da decoração onde parece distinguir-se a nuca e o cabelo de uma figura masculina e um pequeno segmento da banda de meandros que delimitaria inferiormente a área com decoração figurativa. Mais uma vez, a pequena dimensão dos fragmentos, e a natureza comum dos motivos representados não permite a atribuição de um Pintor para este exemplar. Não obstante, as características formais e estilísticas supramencionadas são concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e.(*)

No decorrer das intervenções arqueológicas conduzidas na Alcáçova de Santarém foram igualmente identificados três possíveis fragmentos de kratêres de figuras vermelhas. Apenas um dos exemplares, de maiores dimensões, foi identificado de forma segura como kratêr-de-sino (SAN/003). Trata-se da parte superior do pé do vaso, com a característica canelura ou banda reservada, comum a todos os exemplares de kratêr-de-sino identificados até ao presente momento na fachada atlântica da península Ibérica. Não se conservaram vestígios da decoração figurativa ou ornamental. Em Mértola (MER/023) e Santo Estevão da Facha (SEF/005), foram igualmente identificados exemplares desta forma que não conservam decoração. Correspondem a dois pequenos fragmentos de bordos esvasados, de lábios salientes e espessados, de perfil e espessura concordantes com a forma kratêr-de-sino, registando semelhanças formais com os bordos dos restantes exemplares procedentes do território em estudo. Na superfície interna conservam vestígios de uma banda reservada, um elemento frequente nesta forma, registado em todos os exemplares identificados no atual território português cujo estado de conservação permite confirmar as áreas deixadas em reserva. No caso particular do fragmento procedente de Santo estevão da Facha, regista-se ainda uma canelura na superfície externa do bordo, sendo o perfil e diâmetro de abertura semelhante ao do exemplar identificado em Crasto de Palheiro. Da decoração que exibiria, apenas se conservam ténues vestígios de um motivo que poderá corresponder a uma folha de louro. Além do referido bordo, foram igualmente identificados, em Mértola, quatro fragmentos que correspondem a kratêres, um dos quais correspondendo a uma asa pertencente possivelmente a um kratêr-de-sino (MER/166), sendo os restantes fragmentos de um kratêr-de-colunas, e os restantes considerados fragmentos de parede de kratêres de forma indeterminada. A Norte, em Santo Estevão da Facha, além do supracitado bordo, foram recolhidos dois fragmentos de paredes de perfil e espessura passíveis de integrarem esta forma. O atual estado de deterioração dos exemplares e a sua pequena dimensão não permitem, em nenhum dos casos, a atribuição do Pintor. As características morfológicas verificadas nos fragmentos sugerem, no entanto, que estamos perante produções da 1ª metade do século IV a.n.e.

Do Cabeço da Azougada é procedente um fragmento de parede decorado com vestígios de uma banda de meandros (AZO/006). A dimensão e características do referido motivo, associado à sua espessura e

(*) Este parágrafo reproduz um excerto do artigo previamente publicado pela signatária. (Ferreira, 2020b)

1102 (Trías de Arribas, 1967- 1968, pls. 216-217.1 -A, B).

1103 (E.g. Nº 260162, Beazley Archive Database; CVA, Wien, Kunsthistorisches Museum 3, 28, Pls. (127,128) 127.1-2, 128.6).

1104 E.g. Kratêr de sino nº 11257, procedente de Alcácer do Sal

1105 (Sanches & Pinto, 2005, pp. 44-45; Sanches, 2008, p. 152, 2016, pp. 102, fig. 13; Pinto, 2011, est. XI, fig. 1 e 2).

orientação e à ausência de taças, lekanides e hýdrias[1106] decoradas com bandas de meandros procedentes do território em estudo, permite sugerir a sua classificação com kratêr-de-sino. A pequena dimensão do exemplar e a presença de verniz negro na sua face interna coloca, no entanto, as necessárias reservas à atribuição tipológica proposta. Um fragmento identificado em Tavira (TAV/PF/004), preservando idêntico motivo, suscita, no entanto, menores dúvidas quando à forma a que pertenceria. Conservando uma maior dimensão, regista um ligeiro espessamento da parede, na área inferior, concordante com o arranque do pedestal dos kratêres-de-sino. Também o motivo apresenta maior similitude estética com as bandas de meandros presentes nos exemplares de kratêres-de-sino identificados no atual território português. A natureza comum do motivo decorativo mencionado não permite, no entanto, determinar o Pintor deste exemplar.

Do povoado de Santa Olaia é procedente um fragmento de parede de perfil, espessura e orientação concordante com a forma em análise (OLA/001). Conserva decoração figurativa na face externa, composta da representação de uma figura masculina, indeterminada. Da personagem apenas de conserva a parte superior. Apresenta queixo proeminente e curvo coberto de barba longa. A orelha foi evidenciada, apresentando a extremidade levemente apontada. Os lábios, pálpebra e sobranceira foram representados de forma tendencialmente esquemática. O cabelo, encaracolado, cai sobre o pescoço e o peito, exibindo uma coroa na cabeça, formada de uma banda sobrepintada a branco e folhas de louro. O recurso a diferentes intensidades de traço/cor utilizado para a pintura do cabelo e da barba conferem volumetria a estes elementos, e a ondulação foi conseguida através da reprodução de "ss" apertados e sobrepostos. Os ombros e braços apresentam-se parcialmente cobertos por um manto e os mamilos foram representados de forma destaca- da, desenhados sobre a linha de contorno do tronco. Por último, no arranque para o bordo destaca-se uma pequena canelura, seguida de vestígios de banda de folhas. A face interna apresenta verniz negro com exceção de uma banda reservada na transição da para o bordo. Foi sugerida, com reservas, a sua atribuição ao reportório do Pintor de Chrysis[1107], não se tendo identificado, até ao presente momento, nenhum paralelo que permita confirmar a referida atribuição.

Por último, registam-se quatro fragmentos de krâteres-de-sino procedentes da colina de Alcácer do Sal (SAL/091 a SAL/093 e SAL/110) e quatro da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (SAL/014 a SAL/017). Ainda que apresentem a característica banda em reserva na face interna da parede e na face externa do pé, o avançado estado de fragmentação dos mesmos e a escassez de motivos decorativos conservados não permite a identificação do pintor destes exemplares. Não é igualmente possível determinar, no caso particular dos exemplares identificados na colina do Castelo, se correspondem a dois ou três exemplares, uma vez que só em dois fragmentos foi possível determinar o diâmetro e em outros dois não se conserva a espessura total da banda reservada presente na face interna. São oriundos de dois setores de escavação distintos, podendo corresponder a dois indivíduos (2 NMI), ainda que não se conservem bordos ou bases. O fragmento SAL/116, muito fraturado, suscita maiores dúvidas de integração tipológica. Con- siderando a sua espessura de 0,8 cm, o perfil oval e o facto de se encontrar totalmente revestido de verniz negro, é admissível que se trate de parte do bordo de um kratêr-de-sino.

O exemplar procedente do Castro de «A cidade de Caneiro» - Fozara (Ponteareas, Pontevedra), conservando apenas uma porção da asa (FOZ/001), não permite qualquer tipo de integração dos pintores registados na fachada atlântica da Península Ibérica.

1106 As formas mais abundantes com decoração de banda de meandros identificadas em contextos arqueológicos na Península Ibérica.

1107 (*VGP*, 2007, fig. 102).

SAL/014. Parte superior do vaso. Apresenta banda reservada na face interna do bordo. O interior das asas apresenta-se reservado. Da decoração que apresentaria conserva parte da grinalda de folhas na face externa do bordo. A decoração figurativa seria rematada por uma banda de meandros e cruzes. Apresenta banda de pontos em redor do arranque das asas e, por baixo destas, uma palmeta. No bojo conserva parte dos motivos apresentados nas faces A e B. Face A: cena de simpósio. Personagem reclinada sobre kline. Conserva-se igualmente vestígios de uma personagem possivelmente feminina. Face B: cena de palestra com três jovens envoltos em himátia. Diâmetro de abertura: 30 cm. **MNA 982.12.5, 982.12.5, 982.50.7 e 59,73**. Bibliografia: Rouillard et alii. 1988-1989, p. 71, nº 10, fig. 8, pl XX-XXI. Não ilustrado.

SAL/015. Fragmento de bordo e parede. Conserva decoração na face externa do bordo composta de grinalda de folhas. No bojo apresenta vestígios da decoração figurativa, identificando-se jovens envoltos em himátia e a parte superior de uma coluna. Diâmetro de abertura: 27 cm. **MNA 982.58.138, 140, 145 e 147; 982.62.132 (27.7049).** Bibliografia: Rouillard *et alii*. 1988-1989, p. 71, nº 11, pl. XXII, 1. Não ilustrado.

SAL/016. Fragmento de bordo. Conserva decoração na face externa composta de grinalda de folhas. Não permite determinar diâmetro. **MNA 782.42.3 (27.7042).** Bibliografia: Rouillard *et alii*., 1988-1989, p. 72, nº 12, PL. XXII, 2. Não ilustrado.

SAL/017. Fragmento de pé. Apresenta a superfície de apoio em reserva, assim como a face interna do pé. Exibe igualmente uma banda reservada na parte superior. No interior do pé apresenta um grafito indeterminado. Diâmetro do pé:12 cm. **MNA 982.62.127 (27.7021).** Bibliografia: Rouillard *et alii*. 1988-1989, p. 72, nº 13, pl. XXII, 3. Não ilustrado.

SAL/091. Fragmento de arranque de parede. Apresenta banda reservada na superfície interna. Na superfície externa conserva motivo decorativo indeterminado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,75 cm. **Setor I. Inventário: 2520**.

SAL/092. Fragmento de arranque de bordo. Apresenta banda reservada na face interna. Na face externa apresenta decoração composta de []. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro da parede interna: 32 cm. **Setor C. Inventário: 2076**.

SAL/093. Fragmento de arranque de bordo. Apresenta banda reservada na face interna. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro da parede interna: 26,6 cm. **Setor C. Inventário: 2077**.

SAL/110. Fragmento de bordo. De perfil simples, arredondado e ligeiramente revirado para o exterior. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Espessura máxima conservada: 0,8 cm. **Setor A. Inventário: 2515**.

SAN/003. Fragmento da parte superior de pé. Exibe canelura e banda reservada. A superfície interna apresenta-se em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **ALC.SANT.99. 1C [221].** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019.

AZO/006. Fragmento de parede. Exibe decoração na superfície externa composta de banda de meandros. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante, com brilho metalizado. Espessura máxima conservada: 0,33 cm. **Azougada/ A2.995.37.6.**

LOU/001. Fragmento de parede e arranque da asa. Asa horizontal projetada para fora e para cima. Possui

decoração na superfície externa composta de banda de óvalos e pontos a delimitar o arranque da asa. Abaixo da asa, exibe palmeta com vestígios de sete pétalas conservadas. Pasta de cor laranja, clara, compacta e muito depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, pouco espesso, muito aderente e pouco brilhante. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. O espaço entre as asas aparenta estar em reserva. **Castro de São Lourenço, 36.** Altura: 5,1 cm. Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 103.

PAL/001. Dois fragmentos de bordo, um fragmento de arranque de bordo e parede e oito fragmentos de pequena dimensão de parede. Não se registam colagens entre os fragmentos, não obstante corresponderem à mesma peça. Bordo esvasado com lábio saliente e espessado. Na face externa, o lábio é antecedido por pequena canelura reservada. As faces interna e externa do lábio encontram-se totalmente revestida de verniz negro. Na superfície interna apresenta banda reservada no arranque do lábio e na transição da parede para o bordo. Conserva vestígios de decoração, composta de uma banda de folhas de louro, aparentemente sem inclusão de bagas, apresentada na face externa do bordo. Nos fragmentos de parede é possível identificar um segmento de uma banda de meandros, parte da nuca e do cabelo de uma figura masculina e um pequeno motivo tendencialmente circular, indeterminado. Pasta de cor laranja claro, de tonalidade rosada, bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, pouco espesso, aderente e brilhante. Diâmetro: 30 cm; altura: 6 cm. Bibliografia: *VGP*, 2007, fig. 104.

MER/023. Fragmento de bordo. Bordo de lábio espessado e esvasado. Apresenta pequena banda em reserva na face interna. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas e acastanhadas, pouco aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Não permite determinar diâmetro com segurança, sendo percetível, no entanto, que regista um diâmetro de mais de 20 centímetros **Mértola/ 1996/ 3L/ 1C/ C.X.**

MER/166. Fragmento de asa. Asa de perfil oval, alongado e de grande espessura, concordante com a forma kratêr-de-sino. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco espesso e aderente. **Mértola/ 198[] / 6E**.

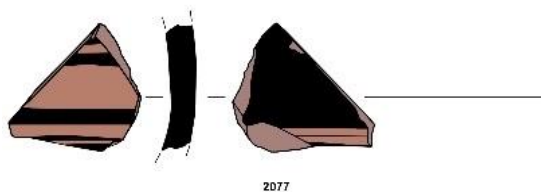
OLA/001. O fragmento corresponde à parte superior da parede do vaso, sendo percetível o arranque do bordo. Na face externa foi representada uma figura masculina, de peito nu, barba e cabelo ondulado. A figura exibe uma coroa de louros e um manto sobre os ombros. Apresenta cabeça voltada para a direita. No arranque do bordo, exibe vestígios de banda de folhas. Apresenta pintura sobrepintada a branco exclusivamente na coroa de louros. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Altura máx. conservada: 11,4 cm. **Santa Olaia, Sond III-3**. Bibliografia: Arruda, 1997; *VGP*; 2007, fig. 102.

SEF/005. Três fragmentos possivelmente pertencentes à mesma peça, correspondendo a bordo e parede. Apresenta bordo esvasado, de lábio saliente e espessado, antecedido de uma canelura reservada. Na face externa, apresenta uma canelura. Da decoração que exibiria, apenas se conservam ténues vestígios de um motivo que poderá corresponder a uma folha de louro. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, espesso, aderente e brilhante. **Santo Estevão da Facha**.

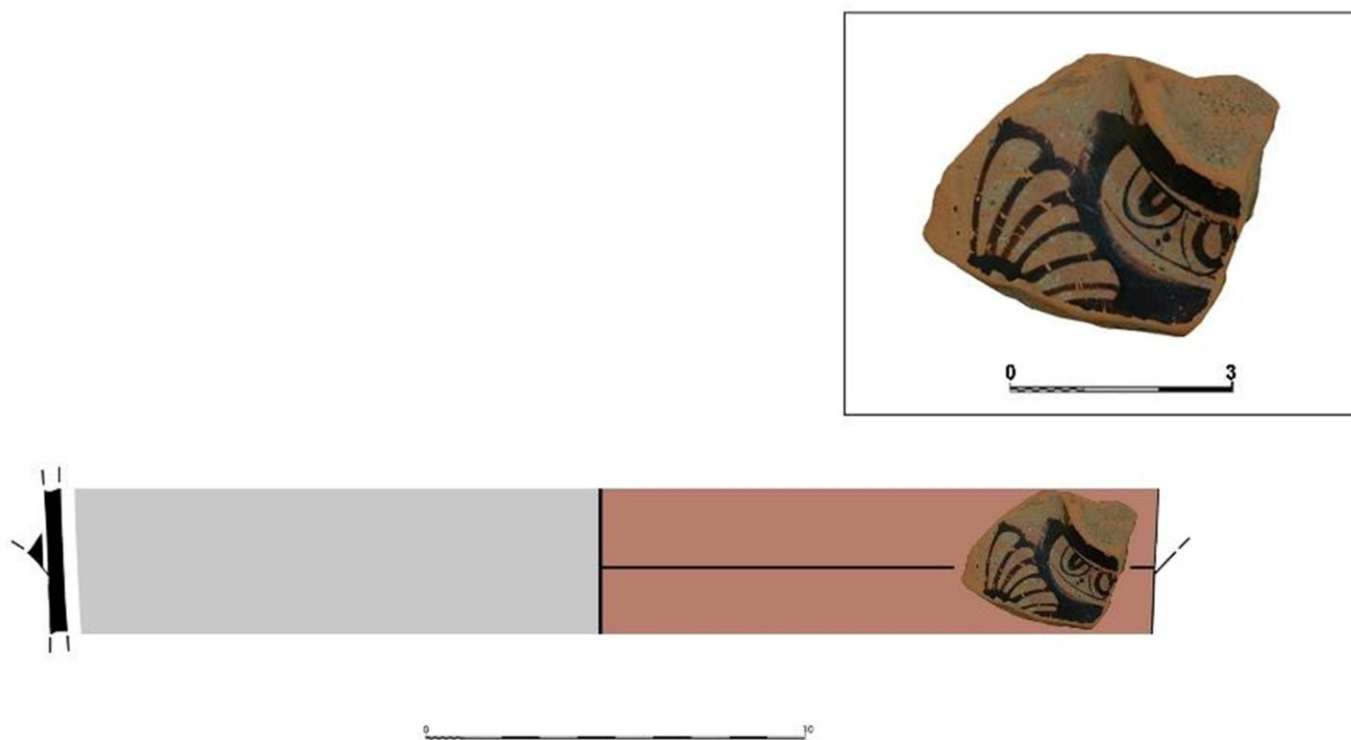
TAV/PF/002. Fragmento de parede de pequena dimensão. Decorado na superfície externa com banda de meandros. A face interna apresenta-se totalmente envernizada. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta bem depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso na superfície exterior, e pouco brilhante. **PF. Setor 2 [2016].** Bibliografia: Barros, 2005.

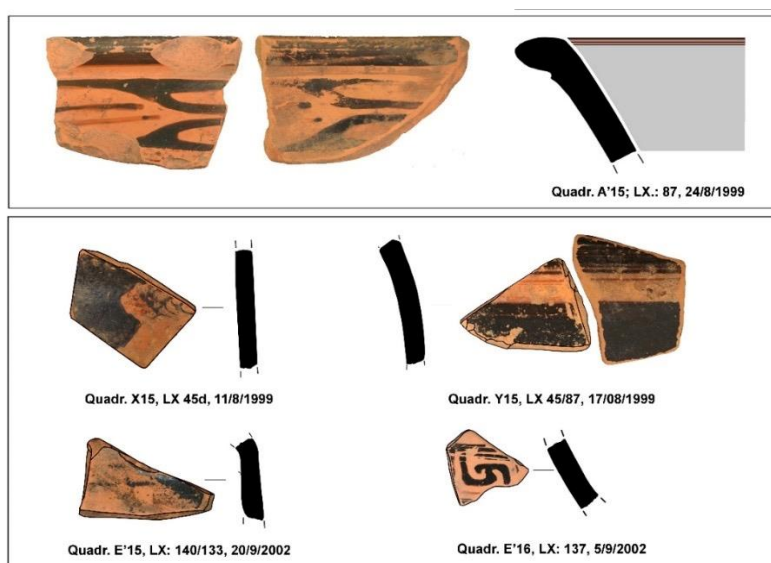
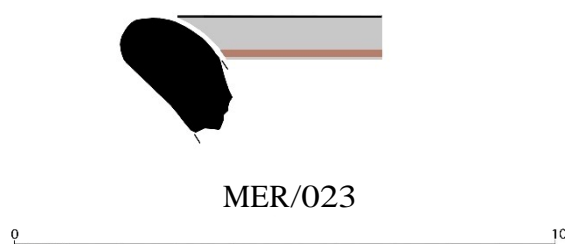
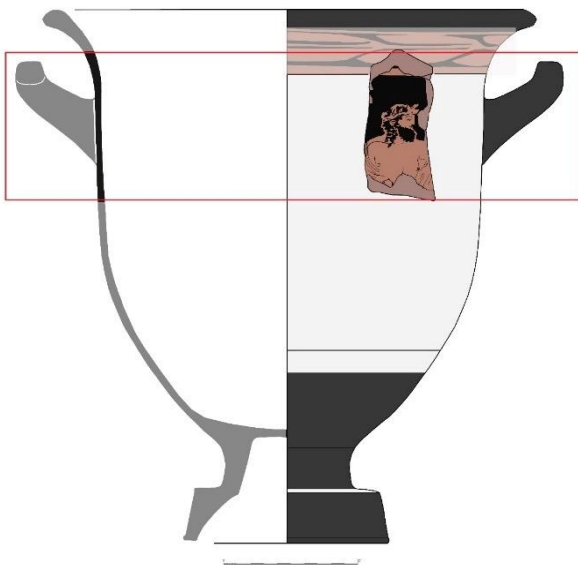
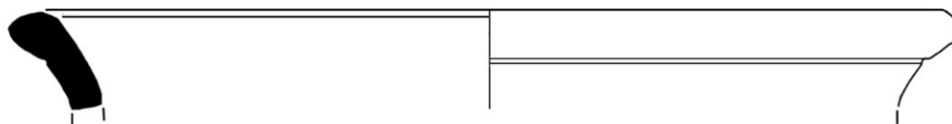
FOZ/001. Fragmento de asa de perfil oval. Conserva apenas parte do verniz negro que revestiria toda a asa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Bibliografia: Hidalgo, 1978). Não ilustrado.

SAL/091

SAL/092

SAL/093

SAN/003

AZO/006

Escala 1:2

LOU/001

PAL/001 Escala 1:2

MER/023

OLA/001

SEF/005

TAV/PF/002

Escala 1:2

4.1.6. Kratêr-de-colunas

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
LISBOA - Colina do Castelo de São Jorge	**LIS** /	008	**PT17-LIS**	**XI**
MÉRTOLA	**MER** /	024-025	**PT18-MER**	**XI**

Distingue-se da forma kratêr-de-sino, por apresentar asas horizontais, ao nível do bordo, suportadas por elementos verticais que lembram a forma de colunas. Apresenta bordo plano ou ligeiramente convexo, corpo ovoide e pé com configuração equina, oval e de perfil saliente. A forma é particularmente popular com decoração de figuras negras, com testemunhos que recuam, pelo menos, a finais do século VII a.n.e., acompanhando o despoletar da própria técnica decorativa. Na Ágora de Atenas, a generalidade de vasos desta forma integra as produções anteriores a 450 a.n.e., salvo raras exceções que se reportam ao terceiro quartel da referida centúria[1108].

Possui decoração composta de motivos ornamentais simples, apresentados geralmente no bordo, nas asas e na parte inferior da parede, complementando um friso com decoração figurativa que preenche o bojo da peça. A parte superior e face externa do bordo, assim como o colo da peça, possuem frequentemente frisos com motivos vegetalistas podendo, de igual forma, apresentar-se totalmente revestido de verniz negro. Igual tendência verifica-se na parte superior da asa, predominando, quando há decoração, a representação de palmetas. A decoração figurativa abrange uma grande diversidade de temas, geralmente ordenados numa composição de dois painéis (face A e B). A delimitar superior e inferiormente o campo com decoração figurativa, apresentam geralmente bandas de linguetas.

Na Península Ibérica, a forma regista um número reduzido de exemplares. Completos ou em bom estado de conservação, identificam-se em Villaricos[1109], utilizado como vaso funerário num contexto datado de 425-420 a.n.e.; em Ampúrias[1110], atribuído ao Pintor de Agrigento; e em Cabezo Lucero[1111], do pintor de Florence, os dois últimos exemplos datados de 460-450 a.n.e.

Na fachada atlântica da Península Ibérica, foram recuperados apenas três fragmentos que correspondem a esta forma. São procedentes de Mértola (MER/024 e MER/025) e Lisboa (LIS/CSJ/008), sendo os testemunhos MER/025 e LIS//CSJ/008 de difícil caracterização morfológica, devendo a sua integração na forma de kratêr-de-colunas ser entendida com reservas. Dois dos testemunhos identificados correspondem a fragmentos de asa, sendo o terceiro (MER/025) um fragmento de parede decorado na face externa com um motivo que representa a parte inferior de vestes longas de uma figura feminina. O exemplar MER/024 corresponde, por sua vez, à parte superior de uma das asas do vaso, que deveria assumir uma posição horizontal, suportada por um elemento vertical do qual não se conservam vestígios. Possui, na parte destinada a ficar voltada para cima, decoração composta de vestígios de uma palmeta. A forma e técnica decorativa empregue nos dois exemplares registados em Mértola permite integrá-los nas produções de 475-425 a.n.e. No caso do fragmento de Lisboa, não se conservam quaisquer vestígios de decoração, correspondendo ao elemento vertical que compõe a asa.

1108 (Moore & Philippides, 1986, p. 20-21).

1109 (Siret, 1906; Trías, 1967-1968, p. 438-9, nº 11, lâm. 194-195, 1; Rouillard, 1991, p. 648, nº 2.2.4.6., p. 651, 9; Sanchez, 1992ª, p. 374-375, nº3, fig. 2; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 353, nº 142).

1110 (Beazley, 1942, p. 968; Garcia Y Bellido, 1948, vol. II, nº 97, p. 161, lâm. XCVII; Trías, 1967-1968, nº 543, p. 169, lâm. XCII, XCIII, 1 e 2; Ripoll, 1983, lâm. XXX, p. 68; Barberà Farras & Sanmartí Grego, 1987, fig. 137 e 155; Carpenter 1989 | p. 262, nº 576,26; Miró, 2006, p. 180, p. 186, fig. 396, p. 247, p. 256, fig. 680, cat. p. 606, nº 2964, lâm. 205, 206, 207, 208, 330).

1111 (Aranegui et alii., 1993, p. 188, 190, lâm. 65 a-e; Rouillard, 2010, p. 120, fig. 6.).

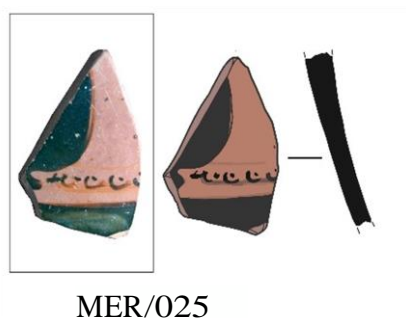
LIS/CSJ/008. Fragmento de asa. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Totalmente revestida de verniz negro **Castelo de São Jorge, 4671**. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190. Desenho LIS/CSJ/008 da autoria de Arruda & Sousa, 2019, adaptado.

MER/024. Fragmento de asa. Exibe decoração composta de palmeta. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.**

MER/025. Fragmento de parede. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Na face externa, decoração composta de parte inferior de veste longa. Pasta de cor Laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura Máxima: 0,73 cm. Mértola/ 2006/ B4-C4/ U. E. [134].

EST. XI. KRATÊR-DE-COLUNAS

MER/024

MER/025

4.1.7. Kratêr (indeterminado)

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
LISBOA – Colina do Castelo de S. Jorge	**LIS** /	009	**PT17-LIS**	**XII**
CASTRO DO CASTELO DE FARIA	**FAR** /	001-004	**PT11-FAR**	**XII**
BEJA – Rua do Sembrano e Centro Histórico	**BEJ** /	006	**PT18-BEJ**	**XII**
MÉRTOLA	**MER** /	026, 027	**PT18-MER**	**XII**
MORRO DA SÉ, PORTO	**POR** /	001	**PT11-POR**	**XII**
ALCÁÇOVA DE SANTARÉM	**SAN** /	004-005	**PT18-SAN**	**XII**

De Lisboa é procedente um fragmento de parede de pequena dimensão de kratêr de forma indeterminada. Na superfície externa exibe vestígios de uma figura feminina segurando um objeto indistinto (lança, tirso?). Apresenta sobrepintura a branco na pele desnuda do braço, assim como nas vestes, igualmente caracterizadas por apresentarem pequenos pontos negros, dispostos aleatoriamente na parte superior do panejamento. A cena é ainda complementada de traços e pontos sobrepintados a branca. A pequena dimensão do fragmento não permite avançar, com segurança, uma proposta para a sua integração na obra de um pintor. Encontramos paralelos para a inclusão de pontos negros, a preencher e adornar as vestes femininas, em obras do pintor de Telos[1112] e do pintor dos Tirsos Negros[1113], citando apenas dois exemplos com testemunhos na fachada atlântica da Península Ibérica. A inclusão de linhas de traços e pontos de cor branca verifica-se, por exemplo, num kratêr-de-sino identificado em Turó del Vent (Barcelona)[1114], diante de uma figura feminina. A composição decorativa mencionada permite sugerir uma possível integração deste exemplar nas produções de 400-350 a.n.e.

Dois outros fragmentos de possível kratêres foram identificados no decorrer dos trabalhos arqueológicos conduzidos na Alcáçova de Santarém. Associam-se a um fragmento de pé de kratêr-de-sino, podendo também eles, integrar a mencionada forma. Correspondem a fragmentos de pequena dimensão, decorados na superfície externa com motivos indeterminados.

Em Beja e no Morro da Sé (Porto) foram identificados dois fragmentos de possível arranque de pedestal, registando grande espessura que sugere a sua possível correspondência à forma kratêr. De pequeníssima dimensão e muito deteriorados, não permitem qualquer tipo de enquadramento tipológico mais preciso, devendo a sua classificação como kratêr, ela própria, ser entendida com reservas. No Castro de Faria foram identificados quatro fragmentos de vasos áticos, correspondendo a dois fragmentos de parede e um fragmento de bordo. Apresentam diâmetro, curvatura, inclinação e espessura (de 0,6 a 0,8 cm) concordantes com a forma kratêr, ainda que a referida classificação deva ser entendida com reservas em resultado do avançado estado de deterioração e da pequena dimensão dos fragmentos. O bordo, esvasado, possui lábio saliente e ligeiramente espessado, antecedido, na face externa, de uma pequena canelura. Apenas um dos fragmentos de parede conserva decoração na face externa, composta de finos traços pintados a negro, podendo corresponder a vestígios da representação de um manto.

Por último, no atual território da Galiza, foi identificado um fragmento de parede, com espessura concordante com a forma kratêr. A pequena dimensão do exemplar não permite determinar a que tipologia de kratêr pertenceria. Conserva decoração na face externa composta de motivo indeterminado, apresentando a face interna revestida de verniz negro. Encontra-se depositado no Museu de Sta. Tegra, tendo sido recolhido por Xoan González, à superfície, após ações de escavação furtivas no setor oriental do castro[1115].

1112 (E.g. Fernández-Miranda & Olmos, 1986, p. 143, lâm. 30, 1; Sanchez, 1992ª, p. 605-606, nº 398, fig. 96).

1113 (Trías, 1967-1968, p. 489-490, lâm. CCXLVIII-CCXLIX, 1).

1114 (Sanmarti, Alvarez & Asensio, 1995, p. 189, p. 195, fig. 4.8).

1115 (Carballo Arceo, 1987, p. 9).

LIS/009. Fragmento de parede de pequena dimensão. Apresenta a superfície interna totalmente revestida de verniz negro. Na face externa exibe decoração de figuras vermelhas composta de vestígios de um braço e da parte superior do corpo de uma figura feminina. Braço dobrado, segura o cabo de um objeto indeterminado. No panejamento, pontos negros dispersos. Em vários pontos da cena são visíveis pontos e traços sobrepintados a branco. **REF. Castelo de São Jorge**, 4667. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

FAR/001. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja clara, depurada e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Conserva decoração na face externa, composta de finos traços pintados a negro, podendo corresponder a vestígios da representação de um manto. Espessura máx. conservada: 0,06 cm. Não ilustrado.

FAR/002. Fragmento de parede Pasta de cor laranja clara, depurada e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,07 cm. Não ilustrado.

FAR/003. Fragmento de bordo. Bordo, esvasado, de lábio saliente e ligeiramente espessado, antecedido, na face externa, Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não ilustrado.

FAR/004. Fragmento de parede Pasta de cor laranja clara, depurada e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,07 cm. Não ilustrado.

BEI/006. Fragmento de parede de pequena dimensão. Conserva vestígios de verniz negra na face externa. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Núcleo Museológico da Rua do Sembrano. **Beja/ Rua do Sembrano/** sn. Não ilustrado.

POR/001. Vaso de Figuras Vermelhas – Krâter Indeterminado. Fragmento de pequena dimensão, muito deteriorado. Apresenta uma pasta bem depurada, de coloração bege e tonalidade alaranjada, apresentando revestimento de verniz negro apenas na face externa, indicando assim a possível correspondência a uma forma fechada. Não conserva quaisquer vestígios de decoração, apresentando-se o verniz muito deteriorado. Espessura máx. conservada de 0,9 cm. Não permite determinar o diâmetro. Não ilustrado.

SAN/004. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a parte do bojo da peça. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

SAN/005. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a parte do bojo da peça. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

MER/026. Fragmento de parede. Apresenta decoração na face externa composta de vestígios de um manto. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Altura máx. conservada: 3,1 cm. **Mértola/sn**. Bibliografia: Não ilustrado.

MER/027. Fragmento de parede. Apresenta decoração na face externa composta parte do rosto e do tronco de figura masculina. A personagem, barbada, apresenta tronco nú e cabeça voltada para a direita. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Altura máx. conservada: 3,1 cm. **Mértola 994/CP27.02.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998; *VGP*, 2007, fig. 84. Não ilustrado.

4.1.8. Pratos de peixes

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO		INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL – Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL**	/	021-027	**PT18-SAL**	XIII
CONÍMBRIGA	**CON**	/	001	**PT16-SAL**	XIII

Ainda que se admita que a forma possa ter origem nos finais do século V a.n.e.[1116], os pratos de peixes alcançam maior relevância nos conjuntos de vasos decorados com técnica de figuras vermelhas apenas no decorrer da centúria seguinte. Até meados do século IV a.n.e. são particularmente populares nos centros produtores cerâmicos áticos, altura em que a forma se estabelece, por via da Sicília, nas produções de figuras vermelhas do Sul de Itália[1117].

Tal como o nome sugere, a forma foi especialmente concebida para o consumo de peixes e integra os exemplares de pratos que apresentam bordos de lábio espessado ou aba pendente e paredes inclinadas em direção a um reservatório central, este último destinado à colocação de molhos e/ou ao escorrimentos e depósito dos sucos do alimento que neles são consumidos. Apresentam, na superfície interna, profusa decoração composta de elementos da fauna marítima, geralmente peixes, crustáceos e moluscos. A aba que compõe o bordo apresenta-se levemente convexa e possui com frequência, a toda a volta, decoração composta de bandas de ondas ou óvalos. O reservatório, totalmente revestido de verniz negro ou com motivos pintados, liga-se à parede frequentemente através de um ou dois sulcos. Também a zona que envolve o reservatório pode apresentar padrão decorativo, sendo frequentes as bandas de ondas, óvalos e linguetas. O pé, anelar, regista perfil simples ou moldurado.

O estudo aprofundado desta forma coube a diversos autores, destacando-se a tentativa de catalogação realizada por Ian McPhee e A. D. Trendall[1118] a mais de mil fragmentos de pratos de peixe produzidos no decorrer do século IV a.n.e., maioritariamente em Atenas, mas também nas colónias gregas da Sicília e do Sul de Itália.

Na fachada atlântica da Península Ibérica foram identificados oito exemplares de pratos de peixes decorados segundo a técnica de figuras vermelhas. sete são procedentes da Necrópole do Senhor do Olival, em Alcácer do Sal, tendo sido o quarto identificado em Conímbriga. Correspondem todos a fabricos áticos, ainda que, num estudo inicial de um destes vasos, Maria Helena da Rocha Pereira tenha considerado o exemplar SAL/023 (MNA 11241), um prato italiota. As características morfológicas e decorativas indicam que se trata efetivamente de uma produção ática. A este respeito, destacamos a tendência de os artistas do Sul de Itália disporem os peixes representados com a barriga direcionada para o reservatório do prato[1119]. Por oposição, verifica-se uma clara tendência de representação dos peixes de barriga voltada para o bordo do vaso por parte dos pintores áticos, tal como testemunham os vasos identificados na fachada atlântica da Península Ibérica.

Os exemplares procedentes de Alcácer do Sal, em relativo bom estado de conservação, permitiram acrescentar novos e importantes dados sobre o conhecimento destas produções áticas de figuras vermelhas. A ausência de paralelos conhecidos para a composição decorativa por eles apresentada, no momento em que foram primeiramente estudados, ditou o estabelecimento de um novo pintor para os fabricos áticos de pratos de peixes. Os três exemplares supramencionados associam-se assim à obra do «Pintor de Alcácer do Sal», estabelecendo eles próprios as características decorativas deste pintor.

No respeitante à composição decorativa, os pratos de peixe de Alcácer registam alguma diversidade na fauna marinha representada, identificando-se exemplares de dourada, charroco, choco, cefalópode, e pequenos peixes indeterminados. Apenas um dos pratos conserva o reservatório, verificando-se igualmente neste elemento, a representação de um peixe. Na peça SAL/023, o bordo regista aba decorada com banda de ondas e o reservatório separa-se da parede através de um pequeno ressalto.

1116 (Cook, 1997, 3ª ed., p. 228).

1117 (*Ibidem*).

1118 (McPhee & Trendall, 1987). Sobre a forma vide (Sparkes & Talcott, 1970, nº 1061-1076; Trías, 1967, pl. 258).

1119 (Clark, *et alii*., 2002, p. 93).

Ainda que a forma seja pouco comum na Península Ibérica, registam-se vários exemplares procedentes das atuais províncias catalãs, associados a contextos datados de 400-350. Dois deles[1120] reportam-se às obras do Pintor «Scorpion-fish» /Peixe escorpião, com datação posterior a 375 a.n.e. Um segundo vaso[1121] encontra paralelos nos trabalhos do Pintor de Piérides, registando-se de igual forma um exemplar[1122] do reportório do Pintor «Upsala Fish Plate», ambos atribuídos a 400-380/375 a.n.e. Idêntica datação deve ser apontada, com reservas, para a produção dos exemplares procedentes do território em análise, integrando seguramente a primeira metade do século IV a.n.e.

CATÁLOGO

SAL/021. Conjunto de sete fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parte do bordo e parede do vaso. Na face interna exibe composição decorativa formada pela representação de várias espécies de peixes (dourada, xarroco e pequeno peixe). Conserva ainda parte de um provável quarto peixe, de maiores dimensões, que completaria a composição. Os detalhes anatómicos são apresentados através de traços de diferentes espessuras, de cor negra ou avermelhada. A face externa da aba apresenta decoração composta de banda encrespada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro e brilhante, particularmente na face externa da parede. Diâmetro de bordo: 19,2 cm; Espessura máx.: 7mm. **MNA 982.62.98, 99, 100 e 101; OSM 220(18) (27.7001)**. Bibliografia: Rocha Pereira, *Notícia sobre os Vasos Gregos existentes em Portugal*, p. 190, fig. 11 e 12; Rocha Pereira, *Greek Vases in Portugal*, 2010, Mac Phee e Trendall 1987; Rouillard et alii. 1988-89, p. 74, nº 21, fig. 13, pl. XXVII; *VGP*, 2007, fig. 62.

SAL/022. Conjunto de fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parte do bordo e da parede do vaso. A face interna exibe decoração de temática marinha. É possível identificar vestígios de quatro peixes de distintas espécies, um dos quais, uma dourada. **OSM 220(18) (27.7000).** Bibliografia: Mac Phee e Trendall (1987); Rouillard et alii., 1988-1989, p. 74, nº 22, fig. 14, pl XXVIII; *VGP*, 2007, fig. 63.;

SAL/023. Perfil completo. Apresenta a superfície de apoio em reserva. A face interna do pé está parcialmente em reserva. No fundo externo: círculos concêntricos em verniz negro e reservados, apresentados de forma alternada. A face externa da aba apresenta decoração de banda encrespada. Na face interna da parede, dois sargos separados por um peixe de pequena dimensão. Foi igualmente representado um choco de maior dimensão e três pequenos peixes. No reservatório central integra a representação de um sargo. **REF. 11241, OSM 848 (27.211).** Bibliografia: Trías 1967-1968, p. 507, num. 6, lâm. CCLVIII. Rocha Pereira, p. 95, nº 41. Rouillard, et alii. 1988-1989, p. 74, nº 20, Fig. 12, pl. XXVI. Atribuído ao Pintor de Alcácer do Sal por Mac Phee and Trendall (1987, p.39, nº 73).

SAL/024. Fragmento de bordo e parede. Bordo de asa pendente. Conserva decoração na face externa composta de banda encrespada. Na face interna da parede conserva decoração com temática marinha, distinguindo-se vestígios de quatro peixes, três de grande tamanho e um de pequena dimensão. **MNA 982.62.100, OSM 220(18) (27.7002).** Bibliografia: Rouillard et alii. 1988-1989, p. 74-75, nº 23, fig. 15, pl. XXIX, 1.

SAL/025. Fragmento de bordo. Bordo de asa pendente. Conserva decoração na face externa composta de banda encrespada. **MNA 982.50.1 (27.7054).** Bibliografia: Rouillard et alii. 1988-1989, p. 75, nº 24, fig. 16, pl. XXIX, 2.

SAL/026. Fragmento de bordo. Bordo de asa pendente. Conserva decoração na face externa composta de banda encrespada. MNA 982.62.112 (27.7003). Bibliografia: Rouillard et alii., 1988-1989, nº 25, fig. 17, pl. XXIX, 3.

SAL/027. Fragmento de bordo de prato de peixe. Bordo de aba pendente. Apresenta decoração na fase externa. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 18 cm. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, 321.** Gomes, 2017, fig. 1.

1120 (CVA Barcelona, I, 1951-1957, lâm. 38, 16; Principal, 2000, p. 221).

1121 (Garcia Martin, 2002, fig. 10.12.1, p. 232, p. 302-305, fig. 10.53).

1122 (CVA Barcelona, I, 1951-1957, lâm. 38, 15).

CON/001. Fragmento de pequena dimensão. Não conserva motivos decorativos identificáveis. Pasta de cor laranja clara compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Conímbriga/sn. Bibliografia: Alarcão *et alii.*, 1976, p. 12, nota 13; p. 151, Pl. XXXII, nº 11 e 11ª.

SAL/021

Escala 1:2

SAL/023

4.1.9. Pelike

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL – Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL** /	018-020	**PT18-SAL**	**XIV**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	169-170	**PT15-MAR**	**XIV**
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS** /	010	**PT17-LIS**	**XIV**
SANTO ESTEVÃO DA FACHA	**SEF** /	001-002	**PT11-SEF**	**XIV**

Usados como recetáculos de líquidos ou, inclusivamente, como urnas funerárias[1123], os pelikai registam uma grande variabilidade de características morfológicas, tamanhos e composições decorativas. Com estreita relação com a técnica de figuras vermelhas, torna-se uma forma popular nas últimas décadas do século V a.n.e., continuando a ser produzido até pelo menos o terceiro quartel da centúria seguinte[1124]. Nos exemplares mais antigos o bordo apresenta um diâmetro mais estreito, tornando-se gradualmente mais largo, e ocasionalmente, no decurso do século IV a.n.e., ultrapassando as dimensões do pé. Em todos os momentos, o maior diâmetro é registado na parte inferior do bojo, estreitando de forma acentuada à medida que avança para a boca e ligeiramente quando se aproxima da base[1125]. Apresenta uma asa em fita e pé baixo, características que, juntamente com a forma do bojo, conferem um aspeto robusto e iminentemente prático a esta forma. Em termos decorativos, verifica-se a combinação entre faixas ornamentais e frisos com decoração figurativa, estes últimos geralmente apresentados no bojo, podendo estender-se à parte inferior do colo da peça.

Na fachada atlântica da Península Ibérica, a forma regista-se em Castelo de Castro de Castro Marim, Alcácer do Sal, Lisboa e Santo Estevão da Facha. A pequena dimensão dos fragmentos e a ausência de indicadores morfológicos que nos permitam confirmar a sua classificação – como bordos ou bases -, coloca as necessárias reservas à atribuição tipológica sugerida para os exemplares de Castelo de castro Marim, Lisboa e Santo Estevão da Facha.

Na necrópole do Senhor do Olival dos Mártires, em Alcácer do Sal, a forma testemunha-se através de três exemplares relativamente bem preservados. O primeiro (SAL/018), conservando o perfil completo, possui bordo largo, típico das produções da primeira metade do século IV a.n.e. Na superfície externa exibe decoração composta de duas cenas alusivas ao tema da convivialidade, apresentadas nos lados A e B da peça. A composição decorativa do lado A remete para uma cena musical de âmbito dionisíaco, apresentando no centro, uma figura feminina (ménade) sentada, segurando um tamborim com os dois braços estendidos. À direita da figura, um jovem, em pé, segura um tirso e, à esquerda na composição, uma segunda figura masculina apresenta um dos pés apoiado numa mesa ou banco. No lado B foi representada uma cena de palestra com dois jovens afrontados, envoltos em himátion. As composições decorativas dos lados A e B são rematadas, superior e inferiormente, por uma fiada de óvalos e pontos, registando-se igualmente este elemento decorativo no bordo. As laterais do vaso foram totalmente revestidas por verniz negro, estabelecendo assim uma separação notória entre a decoração presente no verso e anverso da peça. O tema retratado e a composição decorativa encontram paralelos em obras do Pintor dos Tirsos Negros, autor da decoração de exemplares de kratêres procedentes do território em estudo. A morfologia do vaso, designadamente a proporção entre o diâmetro de abertura e da base, e a decoração conservada – o tema dionisíaco, a simplicidade decorativa e a natureza dos motivos representados-, permite-nos integrar a peça nas produções áticas de 375-350 a.n.e.

1123 (Moore 1997, 12).

1124 (*Ibidem*).

1125 Para a variantes de bordo largo da forma pelike vide (Richter & Milne, 1935, fig. 39; Jehasse & Jehasse, 1973, nº 2027).

O segundo exemplar (SAL/019), menos bem conservado, apresenta tamanho e proporções semelhantes ao exemplar anterior. A composição decorativa regista, no entanto, variações, representando-se, no lado A uma cena dionisíaca com a possível representação Ariadna, Diónisos, Ménades e Eros[1126]. No lado B exibe jovens com himátia em uma cena de palestra. Contrariamente ao que se verifica no pelike anterior, as laterais do vaso integram, sob as asas, motivos vegetalistas semelhantes aos registados num pelike procedente de Coimbra del Barranco Ancho. Necrópolis (Múrcia)[1127], datado de 400-350 a.n.e. A banda de óvalos que remata inferiormente o friso com decoração figurativa rodeia ininterruptamente a totalidade do bojo. A decoração, muito desgastada, não reúne elementos que permitam sugerir o pintor deste exemplar. Não obstante, a forma e os elementos decorativos conservados permitem sugerir uma datação entre 400-350 a.n.e. para este vaso. A representação de Ariadna, pouco frequente na Península Ibérica, encontra-se igualmente registada na Necrópolis del Puig de Serra (Ullastret)[1128], numa pelike atribuída ao pintor de Meleager, datada de 400-375 a.n.e.

O terceiro vaso desta forma (SAL/020) exibe decoração composta de banda de óvalos e pontos na face externa do bordo e simultaneamente a delimitar a decoração figurativa. Esta última integra a representação de duas personagens, uma das quais segurando um *phiale*, presente no lado A da peça, e a representação da cabeça e do tronco de um jovem envolto em himátion.

Em Castelo de Castro Marim foi possível identificar um fragmento de bojo (MAR/170), correspondendo possivelmente ao colo de uma pelike. A pequena dimensão do fragmento coloca as necessárias reservas à supracitada atribuição tipológica, ainda que o perfil, a orientação e a espessura apresentadas sejam concordantes com as características adjudicadas às pelikai. Não obstante estarmos perante um vaso de forma fechada, apresenta a superfície interna revestida com engobe negro, tal como nos exemplares de perfil completo identificados em Alcácer do Sal. A face externa do fragmento apresenta-se decorada com uma fiada de óvalos, motivo frequentemente associado às pelikai. Idêntica decoração é visível num pequeno fragmento de parede recolhido nas intervenções arqueológicas conduzidas no Castelo de São Jorge, em Lisboa. Também neste caso, a caracterização morfológica do exemplar é difícil, podendo a espessura e orientação do fragmento corresponder a uma hýdria. Considerando a sua possível correspondência com a forma pelike, estaríamos perante a parte inferior do bojo, conservando-se parte da banda de óvalos que delimitaria inferiormente o friso com decoração figurativa. A face interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro.

Um segundo fragmento de asa em fita procedente de Castelo de Castro Marim (MAR/169), poderá corresponder igualmente a um vaso desta forma, uma classificação que deverá ser entendida igualmente com reservas, considerando a pequena dimensão do fragmento e subsequente dificuldade de integração morfológica do mesmo.

Também no Norte foram identificados dois fragmentos pertencentes a esta forma, procedente do Castro de Santo Estevão da Facha. De pequena dimensão, corresponde a parte do bojo, apresentando o caraterístico perfil convexo. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro, à semelhança dos restantes exemplares desta forma identificados no território em estudo. Na superfície externa conserva vestígios da decoração, exibindo finos traços pintados a negro, paralelos, que poderão corresponder a um manto. A pequena dimensão do fragmento não permite avançar considerações sobre a morfologia da peça ou sugerir a atribuição de um pintor.

A forma é pouco frequente na Península Ibérica, registando-se maioritariamente em contextos funerários. Na necrópole de Tútugi, em Cerro del Real[1129], foi recolhida uma pelike de perfil completo, registando dimensões e proporções semelhantes aos vasos de Alcácer do Sal. O exemplar, utilizado como urna funerária, associa-se a um contexto datado de 375-350 a.n.e. Incorpora na composição decorativa apresentada, bandas de óvalos a delimitar o friso decorado e simultaneamente a revestir a aba da peça. Ainda que no lado B se represente uma cena de palestra, o lado A da pelike diferencia-se dos exemplares identificados no atual território português, por apresentar uma cena mitológica. Do mesmo contexto são provenientes diversos fragmentos de bordo e bojos decorados com bandas de óvalos. A forma encontra-

1126 (Rouillard, Pierre, 1988-1989, pp. 43-108).

1127 (García Cano & Gil González, 2009, pp. 23-31).

1128 (Maluquer, Picazo & Martin, 1984, p. 45, pl. 44, nº 1).

1129 Lâm. 214; Sanchez, 1992a, p. 498-499, nº 210, fig. 50-51; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 357, nº146; entre outros).

se igualmente testemunhada na necrópole de Villaricos[1130], Toya[1131], na necrópole de Estacar de Robarinas (Cástulo)[1132] e no arqueossítio de Cabezo de San Pedro[1133], em Huelva, citando apenas alguns exemplos. No respeitante às composições decorativas, verificam-se paralelos para a representação de cenas dionisíacas em pelikai identificados na Península Ibérica, por exemplo, em Cabezo Lucero (Alicante)[1134], com a representação de um sátiro, um triso e banda de óvalos a ladear a aba na aba; e em Ampúrias[1135], através de uma pelike de perfil completo, atribuída possivelmente ao pintor de Marsyas, pintor de Antenas ou de Histria.

CATÁLOGO

SAL/018. Vaso com perfil completo. Bordo de aba moldurada. Pé baixo e anelar. Possui duas caneluras, que em determinadas áreas divergem para três caneluras. Duas asas, em fita, arrancam imediatamente abaixo do bordo. O interior da peça encontra-se parcialmente revestido de verniz negro. Na face externa exibe duas composições decorativas (lados A e B). Lado A: figura feminina (ménade) ao centro, em posição sentada. Corpo e braços estendidos, voltados para a direita. A cabeça, voltada para trás, olha para a figura que está à esquerda na composição. Segura um tamborim com ambas as mãos. Senta em almofada, da qual pendem tecidos. À direita, jovem em pé, segura um tirso com o braço estendido. À esquerda na composição, uma segunda figura masculina apresenta-se em pé, com uma das pernas apoiada numa mesa ou banco. Apresenta um dos braços estendidos, sugerindo uma interação com a figura feminina. Lado B: Cena de palestra com dois jovens posicionados frente a frente, vestindo himátia. As cenas dos lados A e B, são rematadas, inferiormente, por fiada de óvalos fechados e abertos (cymation), muito desgastada. A limitar superiormente as composições, uma banda de pontos seguida de uma fiada de óvalos. Exibe ainda uma banda de óvalos a envolver a aba que compõe o bordo. A face externa do pé apresenta-se parcialmente revestida de verniz negro. Superfície de apoio e fundo externo em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada com minúsculas partículas de mica. Verniz negro com manchas avermelhadas e acastanhadas, irregularmente aplicado. Verniz brilhante com manchas baças. Diâmetro de abertura: 14,1; diâmetro de pé: 11,2; altura: 23 a 23,5 cm; altura da aba: 1,4 cm; altura do pé: 1 cm. **MNA/11214| OSM 362.** Bibliografia: Rocha-Pereira, 1962, p. 82-83, pl. XL-XLI; Trías de Arribas, 1967-1968, p. 506, num. 3, lâm. CCLV.; Rouillard *et alii*, 1988-1989, p. 56, 79, fig. 1; *VGP*, 2007, p. 128, nº 55.

SAL/019. Parte inferior e superior da peça, conservando a base, bojo, parte do colo e a parte inferior das asas. O bordo está igualmente preservado, ainda que não registe colagem com o arranque da parede. Bordo com aba, moldurado. Duas asas em fita, verticais. Pé baixo, anelar, com duas caneluras na face externa. A superfície interna apresenta-se parcialmente revestida de verniz negro (bordo e colo). Na superfície externa apresenta duas composições decorativas, nos lados A e B. Lado A: Cena dionisíaca composta de Ariadne, Diónisos, reclinados num leito (kline). Ménades e Eros a voar. Vestígios de utilização de cor branca na figura feminina. Lado B: Jovens envoltos em himátia, em cena de palestra. Ambas as composições são rematadas, inferior e superiormente, por fiada de óvalos delimitada por linha dupla de cor negra. Este elemento está ainda presente no bordo, envolvendo toda a aba. Na fiada superior do bojo, os óvalos são intercalados por pontos. Nas laterais da peça, palmetas em posição invertida, com núcleo central, e caules rematados por volutas. Identificam-se vestígios de pintura a branco em ambas as laterais da peça. Pasta de cor laranja, bem depurada, com minúsculas partículas de mica. Verniz brilhante, espesso, aderente, muito deteriorado. As asas e a face externa do fundo apresentam-se totalmente revestidas de verniz negro. Diâmetro de abertura: 16 cm; diâmetro de pé: 14; altura: 26 cm (altura da parte inferior conservada); altura de pé: 1,1, cm; altura de aba: 1,3 cm. **982.42.34| MNA 0001**. Bibliografia: Rocha Pereira, *Greek Vases in Portugal*, 2010; Rouillard *et alii*. 1988-89; *VGP*, 2007, fig. 60.

SAL/020. Fragmento de bordo, asa e fundo. Exibe decoração composta de banda de óvalos e pontos na face externa do bordo. A área com decoração figurativa é delimitada inferiormente por banda de óvalos e pontos. No bojo apresenta decoração figurativa. Face A: à esquerda, possível personagem masculina voltada à direita, segurando um *phiale*; à direita, personagem feminina. Face B: conserva parte da cabeça e tronco de um jovem envolto em himátion. Apresenta a superfície de apoio e a face interna do pé em re-

1130 (Trías, 1967-1968, p. 443, nº 21, lâm. CC, nº 4; Rouillard, 1991, p. 648, nº 2.2.4.2., p. 651, 8; Sanchez, 1992ª, p. 384, nº 13).

1131 (Sanchez, 1992ª, p. 614, nº 420).

1132 (*Ibidem*, p. 769-770, nº 840, fig. 116).

1133 (Rouillard, 1991, p. 738, 2.2.4.2; nota 16, fig. 17, 7).

1134 (Aranegui et alii, 1993, p. 191, fig. 33.4, lâm. 82-83).

1135 (Miró, 2006, p. 249, fig. 722, cat. p. 658, nº 3218, lâm. 244, 245, 334).

serva. Diâmetro de abertura: 16; Diâmetro de base: 11,6; altura (reconstituída): 25,2 cm. **MNA/ 982.59.70 (27.7037) - OSM 186.** Rouillard et alii. 1988-1989; Arruda, 1997. Não ilustrado.

LIS/010. Fragmento de parede. A face interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe decoração composta de friso de óvalos e pontos, delimitado por duas linhas paralelas de cor negra. **Castelo de São Jorge 4666**. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019.

MAR/040. Fragmento de asa em fita. Pasta de cor bege, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. B 05 Nível – 3739.**

MAR/041. Fragmento de parede. Exibe decoração composta de banda de óvalos na superfície exterior. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante, muito deteriorado na face exterior. Espessura máx.: 0,63 cm. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0035] 0769.**

SEF/006. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a parte do bojo do vaso. Perfil convexo. A Superfície interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Na superfície externa exibe decoração pintada, conservando-se apenas finos traços negros, tendencialmente retilíneos, que poderão corresponder a parte de um manto. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante, de boa qualidade. Não ilustrado.

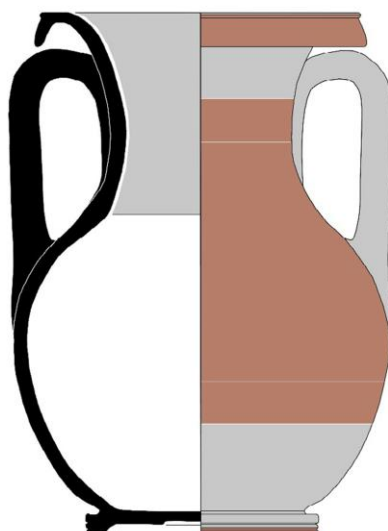
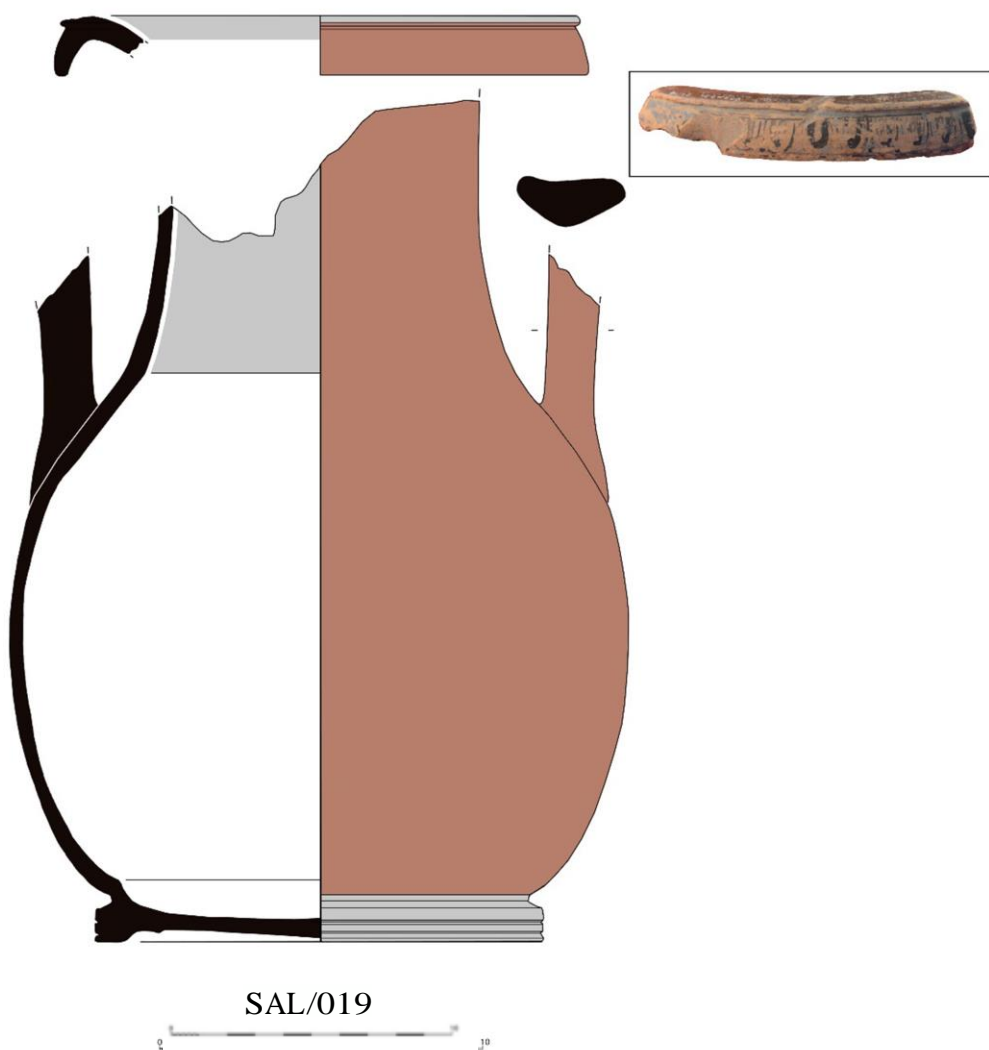
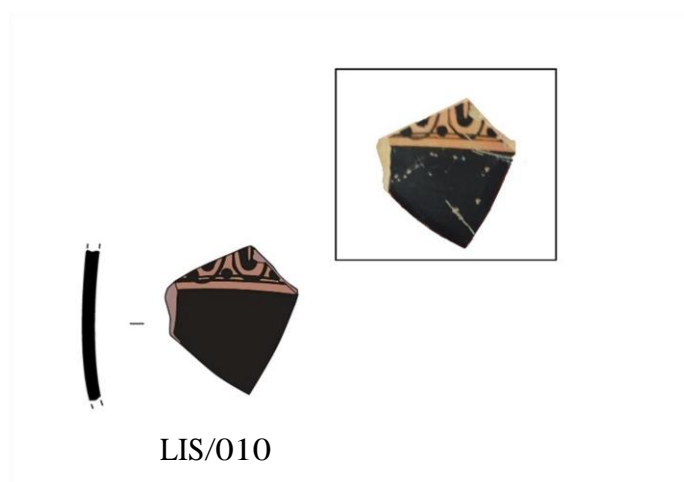
SEF/007. Fragmento de pequena dimensão. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante, de boa qualidade. Não ilustrado.

EST. XIV. PELIKE

SAL/018

SAL/019

LIS/010

MAR/040 MAR/041

Escala 1:2

4.1.10. Lêkythos Aribalesca

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR /	110	PT15-SAL	XV
MÉRTOLA	MER /	028	PT18-MER	XV
TAVIRA colina de Santa Maria	TAVBNU /	003 e 005	PT15-TAVBNU	XV

Esta variante da forma lêkythos surge nos finais do século V a.n.e. e inclui vasos, de características formais homogéneas, que se destacam pelo seu reduzido tamanho, pança esférica-ovoide, boca abocinada, ombro pouco pronunciado – seguindo a curvatura do corpo-, e pé largo e discoide[1136]. A forma encontra-se amplamente estudada[1137], sendo comumente aceite a sua utilização como recipiente destinado a conter azeite. Entre os motivos decorativos característicos desta variante, predominam as representações de reticulados e palmetas, estando ambos presentes, posteriormente, na cerâmica sud-itálica e nas *lêkythoi*

1136 Beazley designa esta classe particular de «miniature Panathenaics», sublinhando o reduzido tamanho das peças (Beazley, 1942, p. 49).

1137 (Richter & Milne, 1935 (tipo III); Beazley, 1968, (Squat lekythos), Trías, 1967, pl. 110; Haspels 1936; Sparkes & Talcott, 1970).

decoradas que integram o estilo Gnathia[1138]. A decoração figurativa ainda que menos frequente, é igualmente registada, destacando-se, pela sua predominância, as representações de cabeças femininas, esfinges e animais.

Na Península Ibérica as lêkythoi aribalescas registam-se de forma mais abundante em inúmeros arqueossítios da Andaluzia, associando-se particularmente a contextos funerários[1139]. Em Ampúrias[1140], são procedentes de estratos datados de 400-350 a.n.e., associando-se à decoração de pontos brancos um padrão reticulado. Regista-se, de igual forma, entre as peças recolhidas no naufrágio de El Sec[1141] e em Eivissa, nas Ilhas Baleares, com a mesma cronologia e a mesma natureza de motivos representados[1142].

Na fachada atlântica da Península Ibérica a forma testemunha-se através de quatro exemplares, sendo um dos fragmentos procedente de Castelo de Castro Marim, um segundo exemplar oriundo de Mértola, e os restantes provenientes de Tavira. O fragmento de Castelo de Castro Marim (MAR/042), corresponde à parte inferior da peça, conservando a base e parte do bojo. Na superfície externa, possui uma decoração simples, composta de pontos sobrepintados a branco, um elemento frequentemente representado nesta variante da forma, no remate inferior dos motivos reticulados e/ou a preencher a interceção das linhas cruzadas que os compõem. Os elementos decorativos conservados, aliados à cronologia conhecida para a produção destas variantes de lêkythoi, permitem-nos enquadrar o fragmento de Castelo de Castro Marim nas produções da primeira metade do século IV a.n.e. O mesmo enquadramento cronológico deve ser sugerido para o exemplar de lêkythos identificado em Mértola (MER/028). Do vaso apenas se conserva a base e o arranque do bojo, apresentando decoração na face externa do pé e da parede, composta de reticulado negro e pontos sobrepintados a branco.

Também em Tavira foi identificado um fragmento de características similares aos supramencionados (TAV/BNU/005)[1143], registando um padrão reticulado pintado a negro sobre fundo reservado, complementado de pontos sobrepintados a branco, colocados no cruzamento das linhas[1144]. Um segundo fragmento (TAV/BNU/003), correspondendo ao bojo de um exemplar de figuras vermelhas, parece corresponder igualmente a esta forma, distinguindo-se, no entanto, dos demais mencionados, quer do ponto de vista da morfologia da peça, quer da composição decorativa. A orientação do fragmento é concordante com as lêkythoi «pançudas», igualmente inseridas na variante aribalesca, com abundantes testemunhos em território espanhol. Não obstante, a pequena dimensão do fragmento e a reduzida curvatura da parede, colocam as necessárias reservas à classificação proposta. Na face externa conserva vestígios de traços paralelos pinta- dos a negro, interpretados como possíveis vestígios de manto[1145]. O desenho publicado desta peça sugere, no entanto, a correspondência a um motivo decorativo distinto. Considerando a localização e características dos traços representados – designadamente o facto de se tratar de linhas retas, paralelas e bem marca- das, por oposição aos traços com diferentes espessuras, tendencialmente ondeantes, que caracterizam a representação dos mantos -, é possível sugerir a sua correspondência à representação da asa de uma esfinge[1146] ou de uma figura mítica[1147], ambos os motivos com vários testemunhos na Andaluzia e Catalunha. Tal, como os exemplares de pança esférica, também estas peças, de bojo ovoide, são concordantes com as produções da primeira metade do século IV a.n.e.

1138 (Arribas, *et alii.*, 1987, p. 115).

1139 E.g. Em Baza (Presedo,1982, fig. 72).

1140 E.g. (Trías, 1967-1968, pp. 197-200; 307-308; Jully, 1982-1983, pp. 55, 92; Rouillard, 1991b, p. 140; Miró, 2006, pp. 236, 242, 734-739; Almagro Basch, 1953, pp. 36, 95, 96; Sánchez Fernández,1981, p. 285, fig. 3).

1141 (Arribas *et alii.*, 1987, p. 116).

1142 Podendo avançar até 325 a.n.e. (Vives y Escudero, 1917, p. 116; Trías, 1967-1968, pp. 307-310; Sánchez Fernández, 1981, p. 285).

1143 As considerações tecidas sobre os exemplares procedentes de Tavira, resultam exclusivamente da publicação dos desenhos e descrições dos mesmos (Maia *et alii.*, 2003, p. 259; Barros, 2005, fig. 10, nº 7), não tendo sido possível, no âmbito do presente trabalho, observar estas peças.

1144 (Maia *et alii.*, 2003, p. 259; Barros, 2005, fig. 10, nº 7).

1145 (Barros, 2005, fig. 10, nº 6).

1146 E.g. (Sanchez 1992ª, p. 621-622, nº 436, fig. 100).

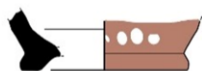
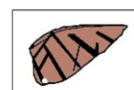
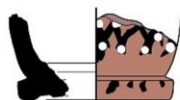
1147 E.g. (Miró, 2006, p. 107, cat. p. 720, nº 3513, lâm. 281, 347).

MAR/042. Fragmento de base e arranque de parede. A face externa da parede é decorada com vestígios de quatro pontos sobrepintados a branco. Pasta de cor laranja clara e tonalidade rosa, dura, compacta e depurada. Verniz vermelho na superfície interior e exterior, ainda que nesta última se apresente praticamente desaparecido. Verniz aderente e pouco espesso. Diâmetro de pé: 4,4 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 5384.**

MER/028. Fragmento de parede, fundo e pé. Corpo achatado e globular. Pé baixo e largo. Face interna reservada. Na superfície externa do pé e da parede, apresenta reticulado, formado de linhas cruzadas de verniz negro, complementadas de pontos sobrepintados a branco. Diâmetro: 4,8 cm. **Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700**.

TAV/BNU/005. Fragmento de parede. Numa das extremidades apresenta uma inflexão que poderá corresponder ao ombro da peça. O interior do recipiente não exibe verniz. A superfície exterior encontra-se reservada, decorada com reticulado pintado a negro. Na interceção de algumas linhas cruzadas a peça foi decorada com pontos brancos. Pasta de cor laranja e tonalidade amarelada, compacta, depurada e com minúsculas partículas de mica. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente e ligeiramente baço. O interior apresenta incrustações. **BNU Q.1 Setor SE Camada 2**. (Maia *et alii*., 2003, p. 259; Barros, 2005, fig. 10, nº 7). Desenho de Barros, 2005, modificado.

TAVU/BNU/003. Fragmento de parede e arranque de gargalo. A superfície interna apresenta-se reservada. Na face externa, no bojo da peça, exibe decoração composta de finos traços paralelos de diferentes espessuras que poderão corresponder a um manto. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro. Bibliografia: (Barros, 2005, fig. 10, nº 7). Desenho de Barros, 2005, modificado.

EST. XV. LEKYTHOS ARIBALESCA

4.1.11. Lekanis

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS** /	011-012	**PT17-LIS**	XVI

Taça de corpo pouco profundo, com duas asas horizontais e pé anelar[1148]. De formato semelhante às taças de pé baixo, distingue-se destas por apresentar a parte superior da parede com formato tendencialmente mais vertical e bordo concebido para albergar tampa. Foram produzidos exemplares decorados segundo a técnica de figuras negras, totalmente revestidos de verniz negro ou decorados com figuras vermelhas. Nos dois primeiros casos, a inclusão da tampa nem sempre se verifica[1149], sendo este elemento mais frequente nas lekanides de figuras vermelhas, exibindo também a tampa padrões ornamentais ou decoração figurativa.

A forma foi concebida para servir variados propósitos, sendo os mais comuns o de conter unguentos ou objetos de adorno pessoal. São peças geralmente compostas de dois elementos, integrando uma base do tipo taça e uma tampa, que pode ela própria ser usada, quando colocada em posição invertida, como taça.

As lekanides registam importantes transformações ao longo do seu período de produção, alterando-se o aspeto geral das peças, a morfologia do bordo, asas e aletas laterais[1150]. Os primeiros exemplares do século VI a.n.e. apresentavam tampas abobadadas e altas, que no decorrer da centúria seguinte, quando a forma alcança popularidade, se tornam progressivamente mais baixas. Antes mesmo da transição para o século IV a.n.e., adotam uma configuração quase rasa, acentuando-se o ângulo entre o bordo e a parede. O remate superior da tampa, de formato largo e plano, é utilizado como superfície de apoio quando a tampa é colocada em posição invertida e o seu interior pode apresentar uma depressão central semelhante ao reservatório presente nos pratos de peixes. O bordo apresenta uma reentrância de modo que, quando a tampa está colocada sobre a lekanis, é criado um perfil contínuo entre ambas as partes. No respeitante às asas, nos exemplares do século V a.n.e., estes elementos adotam usualmente a forma de ferradura, conectadas com alguma proximidade às aletas laterais, que no século IV a.n.e. passam a ser posicionadas a uma certa distância das asas.

A forma continua a ser largamente produzida no decorrer do século IV a.n.e., sendo deste período a maioria dos exemplares identificados na Ágora de Atena[1151]. No respeitante à decoração, o exterior das lekanides pode ser totalmente revestido de verniz negro ou incorporar elementos decorativos, presentes na parede e/ou nas asas. No bordo da tampa e na ligação da parede ao pé, é comum a presença de uma banda de óvalos. Quando regista decoração figurativa, geralmente a cena representada envolve toda a parede da tampa, sem interrupção. Por último, no século V a.n.e., os bordos apresentam-se geralmente revestidos de engobe negro, contrastando assim com os bordos decorados com linhas diagonais ou ziguezagues, caraterísticos da centúria seguinte.

A forma tem sido reiteradamente considerada rara no atual território português, estando o fragmento proveniente do castro de Ermidas omisso na generalidade dos estudos que listam os exemplares de lekanides encontrados neste mesmo território[1152]. Até ao presente momento, encontra-se igualmente testemunhada em Lisboa, através de dois exemplares identificados em diferentes áreas da cidade[1153], no Castro da Azougada[1154] e em Castelo de Castro Marim[1155], sendo apenas os vasos de Lisboa seguramente de figuras

1148 Sobre a forma, vide Richter and Milne, 1935, pp. 23-24; Hesperia Suppl. X, pp. 10-11; Agora XII, pp.164-173.

1149 (Moore, 1997, p. 54).

1150 (*Ibidem*).

1151 (*Ibidem*).

1152 (Arruda & Sousa, 2019; Soares 2017; Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso).

1153 (Arruda & Sousa, op. cit.).

1154 Um estudo de 2017 refere a existência de um fragmento em castelo de Moura (Soares, 2017, p. 187, fig. 17, n.º 416), contudo, a referência bibliográfica que lhe é atribuída, reporta-se ao exemplar do Castro da Azougada.

1155 (Arruda, Ferreira & Sousa, 2019).

vermelhas. Os restantes exemplares, designadamente dois fragmentos de bordo e parede de tampa e um fragmento de parede, asa e arranque de bordo da parte inferior da lekanis, apresentam-se totalmente revestidos de verniz negro. Não obstante, registam-se um grande número de vasos de figuras vermelhas com decoração omissa nas referidas áreas conservadas.

O exemplar mais bem conservado de figuras vermelhas procedente das escavações da rua Augusta, em Lisboa, conserva o bordo, a parte superior da parede e o arranque de uma das asas. Integra a variante «lekanides de tampa e asa protuberante» (lidded with ribbon handles)[1156], definida pelos estudos das lekanides de verniz negro da Ágora de Atenas. Trata-se da variante mais comum desta forma, e a que mais perdura no tempo, continuando a ser fabricada numa fase avançada do século IV a.n.e. Ao contrário das congéneres de verniz negro, cujo auge de popularidade ocorre na segunda metade do século V a.n.e, sendo raras na centúria seguinte., as lekanides de figuras vermelhas tornam-se particularmente comuns após 400 a.n.e.[1157]. O exemplar de Lisboa apresenta um espessamento acentuado da parede característico das produções do século IV a.n.e., por oposição à discreta proeminência das lekanides da centúria anterior. Na face externa, exibe decoração composta de motivos indeterminados, sendo frequente nesta cronologia, a preferência por um padrão ornamental composto de linhas diagonais de ziguezagues[1158]. O lábio encontra-se totalmente revestido de verniz negro nas faces interior e exterior. O fragmento de aleta conservado, ainda que muito deteriorado, integra os protótipos do século IV a.n.e., apresentando uma das protuberâncias verticais, de formato tubular, que acompanhariam uma asa com configuração tendencialmente triangular.

Na restante Península Ibérica, a forma encontra-se testemunhada através de um número significativo de exemplares, predominando os que possuem decoração de figuras vermelhas. Damos particular destaque, pela maior quantidade de registos identificados, a região do Levante Espanhol[1159], local de procedência de lekanides datadas entre o século VI a.n.e.[1160] (de figuras negras) e um momento avançado do século IV a.n.e. Encontramos maior afinidade morfológicas entre o fragmento de Lisboa e dois exemplares de lekanides procedentes de El Montgròs (Barcelona), decoradas com banda de folhas de louro, datadas de 400-350 a.n.e.[1161]. No respeitante à decoração, e não obstante as dificuldades de identificação dos motivos presentes no exemplar de Lisboa, registam-se semelhanças com as bandas de palmetas representadas, por exemplo, num fragmento procedente de Turó de Ca n'Oliver (Barcelona)[1162], igualmente atribuído à primeira metade do século IV a.n.e.

Um segundo exemplar de lekanis foi identificado no Castelo de São Jorge, igualmente em Lisboa. Corresponde a um fragmento de uma tampa de figuras vermelhas. Regista um ângulo pronunciado entre o bordo e a parede, refletindo assim uma tampa baixa, integrada na tendência de horizontalidade verificada nas lekanides do século IV a.n.e. Da decoração, muito delita, apenas se conserva um motivo que poderá corresponder a um friso de óvalos, presente em redor do bordo. Esta solução ornamental é muito comum nas *lekanides*, particularmente as do século IV a.n.e., registando-se em variadíssimos exemplares recolhidos na Península Ibérica. No supramencionado fragmento de Turó de Ca n'Oliver, a lekanis decorada com palmetas é encimada por uma tampa com friso de óvalos. Também em Molí d'Espígol (Lleida), o motivo surge em inúmeros exemplares[1163]. Está ainda presente em lekanides procedentes de Mas Castellar[1164], Roses[1165] e El Navazo[1166], mencionando apenas alguns exemplos.

1156 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 165).

1157 (*Ibidem*).

1158 (*Ibidem*).

1159 Registando-se um número de testemunhos mais avultado em Tarragona e Girona (e.g. Trías 1967-1968, p. 203, 261-262; Rouillard, 1991b, p. 137; Sanmartí, 1988, fig. 12, 30).

1160 (Trías, 1967-1968, p 36, nº 15, lâm. IV, 1).

1161 (Rovira & Batista, 1987, p. 192, 198 242, 245 nº 205, 235).

1162 (Blanquez, 1995a, p. 258-266; 1995b, p. 199-208).

1163 (Cura, 2006, p. 76, fig. 85).

1164 (Carreras, 2017, p. 10-11).

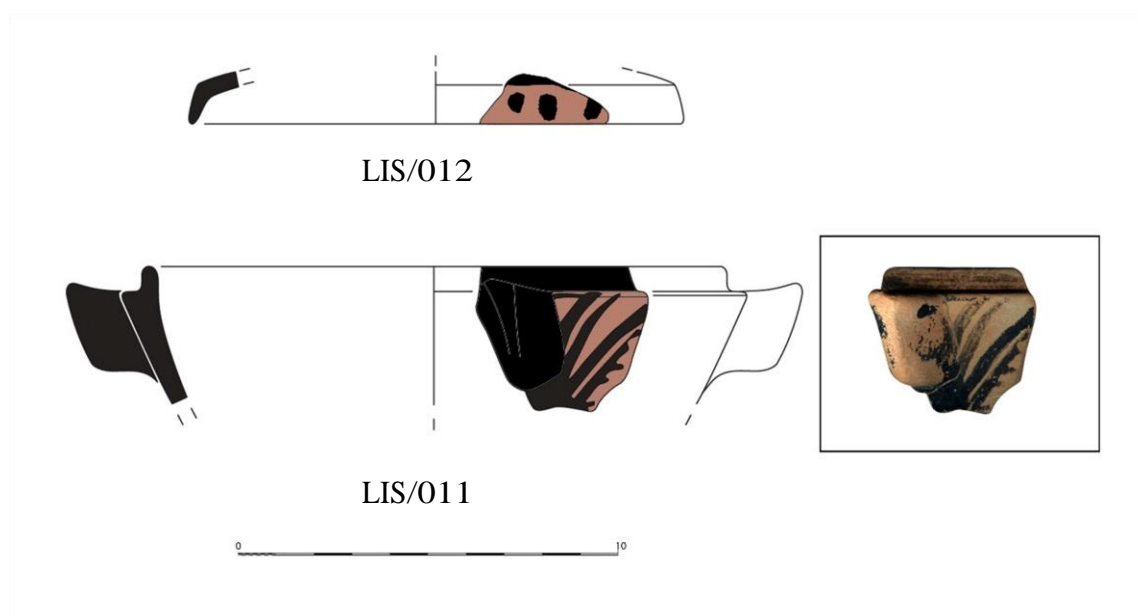
1165 (Puig & Martin, 2006, p. 220, fig. 6.70.6, p. 224).

1166 (Rouillard, 1991, p. 848-849, nº 3 e Patiño, 1995, p. 305).

CATÁLOGO

LIS/011. Bordo de perfil vertical seguido de espessamento da parede, destinado ao encaixe da tampa. Preserva-se ainda uma das protuberâncias laterais, vertical e de perfil tubular. A superfície interna apresenta-se totalmente coberta de verniz negro. Na superfície externa são ainda visíveis vestígios de decoração em figuras vermelhas. Desta, preserva-se um motivo indeterminado, possivelmente parte de uma palmeta vertical. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019

LIS/012. Fragmento de bordo e parede. A transição entre estes dois elementos é feita através de um ângulo pronunciado. Exibe decoração na superfície externa do bordo, composta de motivo indeterminado, sendo possível tratar-se de um friso de óvalos. A superfície interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. **Castelo de São Jorge V2[27].** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019

EST. XVI. LEKANIS

4.1.12. Forma Indeterminadas e Indetermináveis

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO		INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁÇOVA DE SANTARÉM	**SAN**	/	006-010	**PT18-SAN**	**XVII**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**CAS**	/	043-046	**PT15-MAR**	**XVII**
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS**	/	013-014	**PT17-LIS**	**XVII**
MONTE MOLIÃO	**MOL**	/	006	**PT15-MOL**	-
SANTO ESTEVÃO DA FACHA	**SEF**	/	008-032	**PT11-SEF**	-
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV**	/	018	**PT15-TAV**	**XVII**

Integram este grupo os fragmentos que, devido ao seu avançado estado de deterioração ou fragmentação, puderam ser classificados quanto à forma a que pertenceriam. Não obstante, foi possível determinar a sua integração entre as produções áticas de figuras vermelhas.

CATÁLOGO

SAN/006. Fragmento de parede de pequeníssima dimensão. Na superfície externa exibe decoração composta de motivo indeterminado A superfície interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade amarelada, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente, pouco brilhante. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

SAN/007. Fragmento de asa, muito fraturado. Pasta de cor bege, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado. A raridade de exemplares de verniz negro identificados neste local sugere que se trata de uma asa de um vaso de figuras vermelhas, possivelmente de uma taça. **ALC.SANT.99.** Não ilustrado.

SAN/008. Fragmento indeterminado de pequeníssima dimensão. O verniz encontra-se muito deteriorado, não permitindo confirmar a existência de decoração na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, pouco aderente e pouco brilhante.

SAN/009. Fragmento indeterminado de pequena dimensão. Exibe decoração composta de motivo indeterminado na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, pouco aderente e pouco brilhante.

SAN/010. Fragmento indeterminado de pequena dimensão. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, pouco aderente e pouco brilhante.

MAR/043. Pequeno fragmento de fundo e arranque de pé. Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com brilho metalizado, aderente e espesso. O fundo interno apresenta-se decorado com dois círculos concêntricos. Não ilustrado. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0405] 15385.**

MAR/044. Fragmento de fundo, arranque de parede e zona de fratura correspondente ao arranque de pé. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. A superfície interna apresenta motivo indeterminado, delimitado por círculo concêntrico inciso e círculo concêntrico reservado. A superfície externa do fundo apresenta-se em reserva com círculo concêntrico em verniz negro. Encontra-se estratigraficamente associado a um fragmento de taça atribuído ao grupo do Pintor de Viena 116. Espessura máx.: 0,6 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0545] 6054.**

MAR/045. Fragmento de parede e arranque de asa. Apresenta decoração composta de vestígios de motivos indeterminados. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Espessura Máx.:0,52 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0109] 2140.**

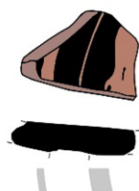
MAR/046. Fragmento de parede. Decorado na superfície externa com motivo indeterminado. Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e depurada. Verniz negro, pouco espesso na superfície interna, brilhante e aderente. **C. Mar. 1984 Corte 01 Quadrado G 03 Nível 3 2835.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 121.

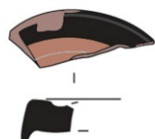
LIS/013. Fragmento de aba (?) **Lisboa/ 2163.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019.

LIS/014. Fragmento de forma aberta. Apresenta a face interna totalmente revestida de verniz negro. A face externa exibe motivo indeterminado. **Lisboa/2164**. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019.

MOL/006. Fragmento de parede. Apresenta a face interna revestida de verniz negro. Na face externa conserva possíveis motivos decorativos, indeterminados. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, deteriorado. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, *et alii.*, 011, p. 15-16. Não ilustrado.

SEF/008 a SEF/032. Vaso de Figuras Vermelhas – Formas Indeterminadas. Conjunto de 25 fragmentos de pequeníssima dimensão pertencentes as formas indeterminadas. Conservam decoração na face externa composta de motivos não identificáveis. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado.

TAV/018. Fragmento de parede e arranque de asa de forma indeterminada. A superfície interna apresenta--se totalmente envernizada. A superfície externa exibe decoração sobrepintada a branco, composta de duas bandas e motivo indeterminado. (Barros, 2005, fig. 7, nº 1). Desenho da autoria de Barros, 2005, modificado.

MAR/044

MAR/045

SAL/023

SAL/024

4.2. ESTILO ÁTICO DE VERNIZ NEGRO

4.2.1. Taça de Bordo Convexo

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Colina do Castelo de Alcácer do Sal	**SAL /**	100, 104, 106, 125	**PT18-SAL**	XVII
ALTO CASTELINHO DA SERRA	**ACS /**	001-002	**PT18-MER**	XVII
CABEÇO DA AZOUGADA	**AZO /**	029-030	**PT18-AZO**	XVII
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR /**	047-111	**PT15-MAR**	XVII
CASTRO VERDE Neves-Corvo	**COR/NV /** **COR/NI /** **COR/CI /**	001-002 001-025, 033 001-033	**PT18-COR**	XVII
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS/CSJ /** **LIS/RC /**	015 023	**PT17-LIS**	**XVIII**
MÉRTOLA	**MER /**	029-052	**PT18-MER**	**XVIII**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV/TP /** **TAV/PF /** **TAV/PN /** **TAV /**	001 001 001-002 001-005	**PT15-TAV**	**XVIII**
FERNÃO VAZ	**VAZ /**	001	**PT18-FER**	**XVIII**

As taças de bordo convexo correspondem à variante de taças de pé baixo que registam um maior número de testemunhos no território em estudo. São caracterizadas por apresentarem bordo convexo e um ressalto bem marcado nas superfícies interna e externa, estabelecendo a diferenciação entre o bordo e o corpo da peça. Adotam, com Brian Shefton, a designação de «Cástulo Cup», comumente traduzível como taça Cástulo, em resultado da sua presença abundante na região epónima[1167]. Surgem igualmente designadas como forma 42ª de Lamboglia, seguindo a nomenclatura tipológica tradicional, e correspondem à variante «inset lip» dos estudos realizados pela Escola Americana na Ágora de Atenas.

Taças desta variante são caracterizadas por possuírem um pé largo, espesso e anelar, frequentemente adornados com uma canelura na face externa. Apresentam duas asas horizontais que arrancam imediatamente abaixo do lábio e que se projetam à altura do bordo. De configuração baixa e pesada, surgem exclusivamente revestidas de verniz negro. O seu aspeto robusto afasta-as das peças mais delicadas que caracterizam o gosto grego, destinando-se quase exclusivamente ao abastecimento de mercados periféricos com exigências estéticas particulares[1168]. Esta variante surge testemunhada na Ágora de Atenas, no segundo quartel do século V a.n.e. e continua a ser produzida no decorrer da primeira metade da centúria seguinte[1169].

A face externa do pé e o painel entre as asas registam distintos esquemas decorativos, podendo apresentar-se em reserva ou revestidos de verniz negro, recorrendo-se a esta particularidade como indicador cronológico da sua produção[1170]. Ainda que esta variabilidade de soluções decorativas tenha sido detetada,

1167 (Shefton, 1982).

1168 (Cabrera Bonet, 1987, p. 217).

1169 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 101-102).

1170 (*Ibidem*).

desde logo, com o estudo das taças procedentes da Ágora de Atenas, coube a C. Sanchéz (1992) a verificação desta premissa nas produções identificadas na Península Ibérica. Os estudos conduzidos por esta investigadora permitiram confirmar a recorrência com que a face externa do pé e o painel entre cada uma das asas das taças da segunda metade do século V a.n.e. surgem em reserva. Também o fundo externo destas produções mais antigas regista um esquema decorativo simples composto de um círculo concêntrico em verniz negro, em área próxima do centro, complementado de um ponto central.

À medida que avançamos o terceiro quartel do século V a.n.e., o painel entre as asas apresenta-se geralmente revestido de verniz, mantendo-se o esquema decorativo anteriormente adotado para o fundo externo[1171]. No caso das taças produzidas no decorrer do primeiro quartel do século IV, tanto a superfície externa do pé como a área entre as asas são totalmente revestida a negro. O fundo externo regista ainda uma complexificação decorativa, passando a incluir geralmente dois ou três círculos e ponto central[1172].

A forma foi identificada através de abundantes exemplares recolhidos em diversos locais na Península Ibérica, surgindo de forma indiscriminada em contextos funerários[1173] e em contextos de *habitat*[1174]. No respeitante à dispersão geográfica, identificam-se exemplares em todo o litoral mediterrâneo espanhol, da costa Catalã e Levante peninsular à Andaluzia Ocidental, verificando-se igualmente a sua presença em áreas mais interiores, maioritariamente pertencentes à Estremadura espanhola[1175].

Abordando o enquadramento cronológico que caracteriza a chegada e uso desta forma, os registos mais antigos reportam-se ao segundo quartel do século V a.n.e, verificando-se exemplares de taças de bordo convexo no nível [16] de Cerro Macareno, datados deste período[1176]. Mais abundantes são os exemplares que se reportam a um intervalo cronológico entre 450 – 400 a.n.e., presentes, a título de exemplo, nos sítios de Cerro del Prado – Cádis[1177] e Cerro del Castillo – Málaga[1178]. Também Ampúrias regista peças de meados do século V e, no arqueossítio de Galera, na Andaluzia, estas taças surgem associadas a kratêres-de-sino datados de meados do supracitado século[1179]. Em Ullastret e Cástulo, onde é particularmente abundante, datam de finais do século V e inícios do IV a.n.e., surgindo neste último local associadas a vasos de estilo Saint-Valentin[1180]. Idêntica correspondência verifica-se em Huelva (calle Bótica), onde a associação das taças de bordo convexo a kántharoi de estilo Saint-Valentin e *shýphoi* decorados com grinalda de flores e motivos animais sugere uma cronologia das últimas décadas do século V a.n.e. para o uso destas peças[1181]. As taças continuam a ser utilizadas, ainda que de forma esporádica, até 350 a.n.e., com registo, entre outros locais, em Mormur – La Sentiu de Sió/Lleida[1182] e Cerro del Real- Galera/Granada[1183].

Na fachada atlântica da Península Ibérica, a forma testemunha-se através de abundantes fragmentos identificados nos arqueossítios algarvios de Castelo de Castro Marim e Tavira e em vários locais do Alentejo, designadamente Alcácer do Sal, Castro Verde, Mértola, Mesas do Castelinho, Azougada, Fernão Vaz e Alto do Castelinho da Serra. Foram igualmente recolhidos dois exemplares desta variante de taça no decorrer de trabalhos arqueológicos conduzidos em Lisboa, o sítio mais a Norte com registo desta forma. Associam-se a contextos de natureza religiosa/votiva, tal como parece ocorrer em Castro Verde, Azougada e no nível [0089] de Castelo de Castro Marim, não havendo registos, até ao presente momento, de tes-

1171 (Sanchéz, 1992).

1172 (*Ibidem*).

1173 Tal como se verifica, por exemplo, em Castellones de Ceal – Hinojares/Jaén (Trías, 1967-1968, pp.482-483, lâm. CCXLIII e CCXLIII; Sanchéz, 1992a, pp. 542-543, 560, fig. 65-66, 71).

1174 Como é o caso dos arqueossítios de Puentetablas – Puentetablas/Jaén (Rouillard, 1991ª, p. 739, 2.2.5.17), citando apenas dois de um conjunto avultado de arqueossítios com registo desta variante de taça.

1175 E.g. Castro del Castillejo de la Orden – Cáceres (Jimenez Avila & Ortega, 2004, p. 33); Cerro del Castillo – Badajoz (Jimenez Avila & Ortega, op. cit., p. 22, fig. 8). Destaca-se igualmente, pelo abundante número de taças Cástulo registadas, o sítio de Cancho Roano – Badajoz (Maluquer, 1983; Garcia Alonso, 2003, pp. 88-123; Jimenez Avila & Ortega 2004, pp. 255-265; Celestino Pérez *et alii*., 1996, pp. 105, 127-129, 162; Jimenez Avila, 1997, pp. 155-156; Buxeda, Cau & Gracia, 1999, pp. 162-164, entre outros).

1176 (Pellicer Catalán, 1982, p. 96).

1177 (Cabrera Bonet & Perdigones, 1996, pp. 159-162; Cabrera Bonet, 1995b, p. 160, fig. 3, 17).

1178 (Martin Ruiz & Garcia Carretero, 1997-1998; Olmos, 1993-1994).

1179 Sobre Ampúrias *vide* Sanmarti & Nolla, 1986, p. 185. Sobre Galera *vide* (Cabré & Motos,1920, lâm. XIV).

1180 (Olmos, 1979, p. 403). Sobre Ullatret *vide* (Picazo, 1977, pp. 102-104).

1181 (Fernández Jurado & Cabrera Bonet, 1987).

1182 (Pita, 1956, p. 291; Principal, 2000, p. 218, fig. 2-5; Garcés, 2001, p. 128).

1183 (Sanchéz 1992a; Sanchéz, 1992b, entre outros).

temunhos desta variante de taça em contextos funerários. Os restantes exemplares são procedentes de povoados, estando por determinar a funcionalidade dos espaços onde foram identificados.

Em Castelo de Castro Marim foram recolhidos 65 fragmentos de taças desta variante (55 NMI), sendo este o conjunto com um maior número de indivíduos registado na fachada atlântica da Península Ibérica. Considerando as dificuldades na definição de um enquadramento tipológico preciso nos fragmentos de bases e asas, estes elementos foram incluídos na classificação genérica «taças de pé baixo» e «indeterminados», correspondentemente, sendo, no entanto, provável que grande parte destes pertençam a taças de bordo convexo. A associação estratigráfica entre pés e fundos correspondendo a taças de pé baixo e fragmentos de taças de bordo convexo, assim como a desproporção verificada entre o número de testemunhos da parte superior e inferior destas peças, assim o sugere. A sua produção data da segunda metade do século V, de acordo com as suas características tipológicas identificadas e com a datação dos contextos de proveniência. Destacam-se 10 exemplares (13 fragmentos: MAR/047, MAR/049, MAR/051, MAR/055, MAR/058, MAR/060, MAR/070, MAR/072, MAR/077, MAR/089, MAR/093, MAR/100, MAR/106) recolhidos em um contexto fechado de natureza votiva – U.E. [0089] – onde se associam, entre outras materialidades, a taças da classe delicada e de bordo reto e outros fragmentos de taças de pé baixo. Pontual- mente, foram identificados testemunhos destas taças em contextos que registam a presença de materiais enquadráveis na primeira metade do século IV a.n.e., como é o caso dos fragmentos MAR/068 e MAR/069, estratigraficamente associados a fragmentos de cerâmica ática de figuras vermelhas, incluindo peças atribuídas ao Grupo do Pintor de Viena 116. Não é possível perceber, neste e em outros exemplos previamente mencionados, se estes testemunhos de taças de bordo convexo correspondem a materiais residuais ou se ainda estariam em uso. A forma associa-se igualmente a produções de tipo Kuass, assim como a testemunhos anfóricos de tipos Pellicer B/C e D, Mañá Pascual A4 e Tiñosa, em contextos posteriores ao último quartel do século IV a.n.e., assumindo, nestes casos um carácter provavelmente residual. As faces externas dos pés, superfícies de apoio dos mesmos e a área entre as asas apresenta-se reservada na generalidade dos fragmentos, indiciando uma possível correspondência destes exemplares às produções da segunda metade do século V a.n.e.

Também do complexo sidérico de Neves-Corvo, em Castro Verde, é procedente um número avultado de exemplares desta forma. Em diversos compartimentos do edificado de Corvo I foram recolhidos mais de 200 fragmentos que correspondem a 20 indivíduos (NMI). Muito fraturados e deteriorados devido ao desgaste causado pelos solos ricos em minério, apresentam pastas e engobes muito corroídos. Todos os exemplares integram os protótipos formais identificados nos materiais da Ágora de Atenas[1184], apresentando ressaltos bem marcados na ligação do bordo à parede e pés anelares e moldurados. Não obstante a grande uniformidade morfológica verificada, registam diferentes soluções decorativas, verificando-se taças com a área localizada entre cada uma das asas e a face externa do pé em reserva ou total/ parcialmente revestida de verniz negro. Esta dualidade de soluções sugere um abastecimento de taças de bordo convexo produzidas em diferentes momentos, reportando-se as mais antigas à segunda metade do século V e as restantes ao início do século IV a.n.e.

No edificado de Neves I, igualmente pertencente ao complexo sidérico de Castro Verde, foram identificados 76 fragmentos que correspondem a 24 indivíduos (NMI). Do conjunto, 64 fragmentos (17 NMI) pertencem a exemplares de taças de bordo convexo e 12 fragmentos (7 NMI) correspondem a bases, paredes e asas de taças de pé baixo, sendo admissível, também nestes casos, a correspondência à referida variante de taça, ainda que a atribuição não seja feita de forma segura. Uma vez mais, em todos os setores intervencionados de Neves I, as taças identificadas encontram-se muito fraturadas, apresentando um grande desgaste nas pastas e vernizes. Esta circunstância, associada à semelhança nas pastas e perfis de todos os testemunhos, colocou naturais dificuldades à determinação do número mínimo de indivíduos aqui presentes. Ainda assim foi possível distinguir particularidades nos vernizes e semelhanças nos diâmetros que permitiram agrupar fragmentos que, de outra, forma corresponderiam a indivíduos distintos. Também neste local, os exemplares identificados testemunham a adoção de diferentes opções decorativas nas faces externas dos pés, sugerindo diferentes cronologias de produção.

Por último, em Neves II, foram recolhidos incontáveis fragmentos de cerâmica ática em avançado estado de deterioração e fragmentação. Não obstante a pequena dimensão dos exemplares, foi possível identificar pequenos fragmentos de paredes com os ressaltos que caracterizam as taças de bordo convexo. Considerando a quantidade de fragmentos recolhidos e as partes constituintes identificadas, pensamos tratar-se de um único exemplar de taça. Contabiliza-se assim em Castro Verde, um número mínimo de 38 indivíduos com correspondência à forma taça de bordo convexo, apresentando-se este como o segundo local no atual território português com maior número de exemplares desta forma.

No conjunto de cerâmicas de verniz negro identificado em Mértola, com 147 fragmentos identifica-dos, predominam as taças, distinguindo-se as variantes de bordo convexo com 24 indivíduos (MER/029 a MER/052). Formam igualmente parte deste conjunto 10 fragmentos de pés de taças de pé baixo que

1184 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 101-102).

não permitem um enquadramento tipológico seguro. A grande quantidade de bordos de taças de bordo convexo recolhidos e o reduzido número de exemplares de taças de outras variantes sugere uma provável cor- respondência destes exemplares à forma vulgarmente conhecida como «cástulo». Em todos os fragmentos de base cujo estado de conservação permitiu confirmar a existência de áreas em reserva, verificamos que não foi aplicado verniz em nenhuma das superfícies de apoio dos pés. As faces externa e interna apresentam-se, no entanto, maioritariamente revestidas de verniz negro, indicando uma atribuição cronológica em torno dos inícios do século IV a.n.e. No respeitante à área entre as asas, testemunham-se distintas opções decorativas, registando os exemplares MER/44 e MER/048 áreas em reservas, e apresentando-se o exemplar MER/039 totalmente revestido de verniz negro.

Por último, ainda que com um menor número de exemplares identificados, a forma encontra testemunhos na colina do Castelo de Alcácer do Sal (SAL/100, SAL/104, SAL/106, SAL/125), no Cabeço da Azougada (AZO/029, AZO/030), Tavira (TAV/TP/001, TAV/PF/001, TAV/PN/001 a TAV/PN/002, TAV/001 a TAV/005), Fernão Vaz (VAZ/001), no Alto do Castelinho da Serra (ACS/001 e ACS/002) e Lisboa (LIS/ CSJ/015 e LIS/RC/023). Em Azougada e Tavira foram observadas distintas opções decorativas, registando-se fragmentos de pés com a face externa revestida de verniz negro (AZO/030) e em reserva (AZO/029), e taças com a área entre as asas em reserva (TAV/005) e totalmente revestida de verniz negro (TAV/003), sugerindo a importação de peça produzidas em momentos distintos.

Relativamente ao exemplar procedente de Fernão Vaz, conservando apenas o bordo e o arranque da parede, não é possível afirmar cabalmente que se trata de uma produção da segunda metade do século V a.n.e., como parece sugerir o contexto arqueológico onde foi recolhido, podendo o seu fabrico ocorrer na primeira metade da centúria seguinte. O exemplar do Castelo de São Jorge, em Lisboa (LIS/CSJ/015), tal como os fragmentos do Alto do Castelinho da Serra (ACS/001, ACS/002), não conservam elementos de que permitam uma atribuição cronológica precisa, remetendo-se ambos para um intervalo cronológico entre o segundo quartel do século V e o primeiro quartel do século IV a.n.e. Por último, na colina do castelo de Alcácer do Sal identificaram-se quatro exemplares desta forma, correspondendo três destes a bordos (SAL/106; SAL/125; SAL/100) e o quarto a um fragmento de parede (SAL/104). Este último, recolhido em um setor de escavação distinto dos restantes exemplares, poderá corresponder ao quarto exemplar de taça de bordo convexo da colina do Castelo de Alcácer do Sal, contabilização que deve, no entanto, ser entendida com naturais reservas. Não conservando bases ou áreas de arranque de asas, não permitem um enquadramento cronológico preciso, remetendo-se genericamente para as produções balizadas entre o segundo quartel do século V e à primeira metade do século IV a.n.e.

Figura 18. Exemplar SAL/106 procedente da colina do Castelo de Alcácer do Sal.

A homogeneidade do conjunto de taças de bordo convexo identificadas na fachada atlântica da Península ibérica é possivelmente contrariada apenas com um exemplar procedente da Rua dos Correeiros, em Lisboa (LIS/RC/023). Não obstante a deterioração verificada no verniz, o exemplar aparenta ter o lábio reservado, complementado de uma fina linha de verniz negro. Esta característica, rara no panorama das importações desta forma verificadas na Península Ibérica, justificou a integração do fragmento, com re-

servas, no grupo das «Vicup»[1185]. As restantes características morfológicas registadas, designadamente as dimensões e o perfil da peça, são perfeitamente concordantes com as taças de bordo convexo, podendo a ausência de verniz no lábio resultar exclusivamente da deterioração do mesmo. A espessura do bordo e parede tem sido igualmente apontados como elementos de singularidade neste fragmento. Tratando-se de um fragmento de parede com arranque de asa, é admissível que o perfil da peça nesta zona em particular da taça, registe pequenas variações que decorrem da aplicação da asa num momento em que a argila ainda é moldável. Sublinhamos igualmente o facto de se verificarem idênticas e inclusivamente menores espessuras das paredes em fragmentos procedentes de Mértola e Castro Verde. Apresenta o painel entre as asas totalmente revestido de verniz negro, indicador de uma cronologia de produção em torno do último terço do século V e a primeira metade – possivelmente primeiro quartel – do século IV a.n.e.

CATÁLOGO

SAL/100. Fragmento de bordo. Apresenta lábio côncavo e ressalto na superfície externa. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, com ligeiro brilho metálico. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,45 cm. **Setor I, Inventário: 2067**.

SAL/104. Fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta lábio côncavo e ressalto bem marcados nas superfícies interna e externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor L. Inventário: 2514**.

SAL/106. Três Fragmentos sem colagem entre si, pertencentes à mesma peça, correspondendo a bordo e arranque de parede. Apresenta lábio côncavo e ressalto bem marcado nas superfícies interna e externa, na ligação do bordo à parede. Pasta laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente, muito brilhante, de boa qualidade. Diâmetro de abertura: 15,6 cm. **Setor E. Inventário 585.1, 585.2, 585.3**. Não ilustrado.

SAL/125. Fragmento de parede de pequena dimensão. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Setor C. Inventário: 2088**. Não ilustrado.

ACS/001. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. **Alto do Castelinho da Serra/ sn.** Bibliografia: Gibson *et alii*.,1998. Não ilustrado.

ACS/002. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. **Alto do Castelinho da Serra/ sn.** Bibliografia: Gibson *et alii*.,1998. Não ilustrado.

AZO/029. Perfil completo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pé anelar e moldurado. A face externa do pé foi deixada em reserva. **MNA/ 24735. 2000.471. 51233**. Bibliografia: Rouillard, 1991; *VGP*, 2007, fig. 101, Soares, 2017. Desenho AZO/029 da autoria de Soares, 2017, adaptado.

AZO/030. Perfil completo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta as faces interna e externa do pé totalmente revestidas de verniz negro. Fundo externo reservado com círculo concêntrico e ponto negro junto ao centro. **Azougada/ nº 419**. Bibliografia: Rouillard, 1991; Soares, 2017, Fig. 16, nº 419; 420. Desenho AZO/029 da autoria de Soares, 2017, adaptado.

1185 (Arruda, 1997). Propondo a referida investigadora a classificação como «taça cástulo» em trabalhos mais recente (Arruda & Sousa, 2019).

MAR/047. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante, com incrustações e manchas acinzentadas, estas últimas mais abundantes na superfície externa. Diâmetro de abertura: 15,4 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0890**. Bibliografia: Arruda 2007, p. 144, fig. 75.

MAR/048. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, simultaneamente nas superfícies interior e exterior. Diâmetro de abertura: 16,3 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0592] 6095**.

MAR/049. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Na superfície interior o verniz apresenta abundantes incrustações. Diâmetro de abertura: 18 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0901**.

MAR/050. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e baço. Diâmetro de abertura: 19,1 cm. **C. mar. 1984 Nível 4 Quadr. E 04 Corte 01 2786.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 125, fig. 1.6.

MAR/051. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas na face interior e acinzentadas na superfície exterior. O verniz, aderente e espesso, apresenta-se particularmente bem conservado na superfície interior. Diâmetro de abertura: 15,7 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0891**.

MAR/052. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade amarelada, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e baço. Diâmetro de abertura: 15,3 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [SUP] 10152**.

MAR/053. Fragmento de bordo, parede, fundo e pé. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pé anelar e moldurado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 15,95 cm; diâmetro de pé: 8,7 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0766] 10073.**

MAR/054. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente e espesso. Diâmetro de abertura: 15,30 cm. **C. mar. 5 1987 Nível 1 Quadr. D 05 Corte 3 2850**.

MAR/055. Fragmento de bordo, parede e asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante e acetinado. O verniz está presente em todas as superfícies, apresentando-se particularmente deteriorado na parte interna da asa. Diâmetro de abertura: 15,1 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0089] 7435.** Bibliografia: Arruda, 2007, p. 144, fig. 76.

MAR/056. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 15,7 cm. **C. mar. sn0001**.

MAR/057. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Na superfície externa é visível, imediatamente a seguir ao lábio, uma área de fratura que corresponde ao arranque de uma asa. Pasta de cor cinzenta e tonalidade esverdeada, dura, compacta e depurada. Verniz negro de tonalidade esverdeada, pouco aderente, espesso e baço. Diâmetro de abertura: 15,3 cm. **C. mar. 5 1987 Nível 1 Quadr. D 04 Corte 3 2787**. Bibliografia: Arruda 1997, pp. 125-126, fig. 1.7.

MAR/058. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 13,95 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0886.**

MAR/059. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, parede e fundo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Exibe pé anelar e moldurado. Apresenta em reserva a superfície externa do fundo e a superfície de apoio do pé. Pasta de cor castanha clara, dura, compacta, depurada, sendo visíveis pequenas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante e acetinado. Diâmetro de abertura: 15,9 cm, diâmetro de pé: 8,7 cm. **C. mar. 6 1988 Nível 5 Quadr. E 05 Corte 3 2785**. Bibliografia: Arruda, 1997, p. 125, fig. 1.5* (*autoria do desenho – Adaptado pela signatária da presente obra).

MAR/060. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, espesso, aderente, pouco brilhante e acetinado. Diâmetro de abertura: 16,8 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0877.**

MAR/061. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, pouco aderente e espesso. Diâmetro de abertura: 13,3 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [SUP] 0010**.

MAR/062. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 13,4 cm. **C. mar. sn0002.**

MAR/063. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 14,4 cm. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0076] 0947**.

MAR/064. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, pouco brilhante e acetinado. O verniz apresenta-se pouco espesso na superfície interna. Diâmetro de abertura: 14,4 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [SUP] 1068**.

MAR/065. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 15,8 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0766] 11660**.

MAR/066. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado e totalmente desaparecido na superfície interna. Verniz de cor negra, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 17.4 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0680] 12199**.

MAR/067. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, negro com manchas acastanhadas, pouco aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 18 cm. **C. mar. 1986 Nível 5 Quadr. F 03 Corte 1 4071.**

MAR/068. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas esverdeadas, aderente, espesso e pouco brilhante. Diâmetro de abertura: 18 cm. **C. mar. 2003 Setor 01B [0535] 10047**.

MAR/069. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, parede e asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. O interior da asa e a área entre asas encontram-se em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, de brilho metalizado. Diâmetro de abertura: 18,16 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0405] 10085.**

MAR/070. Fragmento de bordo, parede e asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. A asa encontra-se fraturada na extremidade. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com abundantes manchas aver-

melhadas. O verniz apresenta-se muito deteriorado na superfície exterior, impossibilitando a identificação de áreas em reserva. Diâmetro de abertura: 19,5 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0883.**

MAR/071. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas acinzentadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 22,4 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0423] 6063.**

MAR/072. Fragmento de bordo, parede e asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. A asa encontra-se fraturada na extremidade. O interior da asa e a área entre asas encontram-se em reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Na superfície interna o verniz apresenta-se negro, aderente e espesso. Na superfície externa o verniz exibe abundantes manchas vermelhas, apresentando-se pouco aderente. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] VII 0879.**

MAR/073. Fragmento de bordo e parede. O bordo encontra-se muito fraturado. Lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na face interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [SUP] 1065.**

MAR/074. Fragmento de bordo, parede e asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. A asa encontra-se fraturada. A área entre asas apresenta-se reservada. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso na superfície interior e pouco espesso na exterior. **C. mar. 2003 Setor 01 [1045] 10930.**

MAR/075. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. O bordo encontra-se muito fraturado. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0557] 6041.**

MAR/076. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0482] 6081.**

MAR/077. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz de boa qualidade, negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0089] 6094.**

MAR/078. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2001 Setor 01 [0109] 1935.**

MAR/079. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0385] 5896.**

MAR/080. Fragmento de bordo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 6254**.

MAR/081. Fragmento de bordo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e baço. **C. mar. 2002 Setor 01 [0385] 5914.**

MAR/082. Fragmento de parede e arranque de asa. O lábio, ainda que fraturado na extremidade, apresentar-se-ia côncavo na face externa e com um ressalto bem marcado na face interna, a marcar a ligação do lábio à parede. A área entre asas encontra-se em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2001 Setor 01 [0112] 3513**.

MAR/083. Fragmento de parede. Apresenta ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 1983/1989 [SUP] sem nº 08**.

MAR/084. Fragmento de parede. Apresenta o arranque do lábio, côncavo na superfície externa. Pasta de

cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2001 Setor 01 [0087] 1699.**

MAR/085. Fragmento de parede com ressalto bem marcado na superfície interna. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0570] 6099**.

MAR/086. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor cinzenta e tonalidade esverdeada, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso e baço. **C. mar. 6 1988 Nível 5 Quadr. E 10 Corte 4 2852.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 126.

MAR/087. Fragmento de parede e arranque de asa. Apresenta ressalto bem marcado na face interna, a marcar a ligação do lábio, atualmente inexistente, à parede. Pasta de cor laranja e tonalidade acastanhada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 6 1988 Nível 5 Quadr. E 10 Corte 4 2830**. Bibliografia: Arruda, 1997, p. 126.

MAR/088. Fragmento de parede com ressalto bem marcado na superfície interna. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2001 Setor 01 [0110] 3696**.

MAR/089. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas na superfície exterior. O verniz apresenta-se aderente, espesso e baço. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0891**

MAR/090. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [0037] 0904**.

MAR/091. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0766] 10072.** Fragmento com perfil completo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pé anelar e moldurado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 21,20 cm; diâmetro de pé: 14,70 cm.

MAR/092. 3975. Fragmento de pé e arranque de parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8,9 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0360]**

MAR/093. 0899. Fragmento de pé e arranque de fundo. Pé anelar. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. São visíveis na pasta minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,1 cm. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0078]**

MAR/094. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar e moldurado, com canelura na superfície externa. Apresenta a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. Fundo externo em reserva, decorado com círculo e ponto central em verniz negro. Pasta de cor laranja e tonalidade acastanhada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,5 cm. **C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado B 06 Nível 02 2788.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 126, fig. 1:8.

MAR/095. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 11,3 cm **C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado C 04 Nível 03 2793ª.** Bibliografia: Arruda, 1997, p. 126, fig. 1: 9.

MAR/096. Fragmento de pé. Pé anelar e moldurado. Apresenta superfície de apoio e face externa do pé em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,7 cm. **C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado C 04 Nível 03 2793b.**

MAR/097. Fragmento de pé. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, espesso e baço. Diâmetro de pé: 8,28 cm. **C. Mar. 1988 Corte 03 Quadrado E 05 Nível 05 2791.**

MAR/098. Fragmento de pé e fundo. Pé anelar e moldurado. Apresenta o fundo externo, a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8,1 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 09.**

MAR/099. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé anelar. A ligação do pé à parede

é feita, na superfície externa, através de uma fina canelura. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. A face interna do pé encontra-se coberta de verniz, com exceção de uma fina linha que é deixada em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé: 8,6 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0547] 6045.**

MAR/100. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com abundantes manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8,12 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0089] 6074.**

MAR/101. Fragmento de pé e fundo. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. O fundo externo encontra-se igualmente em reserva, complementado com um círculo em verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade rosa, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 10.**

MAR/102. Dois fragmentos com colagem entre si correspondendo a pé e arranque de fundo. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,2 cm. **C. Mar. 1988 Corte 03 Quadrado E 05 Nível 03 2790; C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado D 05 Nível 04 2831.**

MAR/103. Fragmento de pé. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Diâmetro de pé: 9,7 cm. **C. Mar. Sup. Sem n.º 11.**

MAR/104. Fragmento de pé. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. Pasta de cor cinzenta, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0360] 6029.**

MAR/105. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar e moldurado. O pé encontra-se fraturado, não apresentando a superfície de apoio. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,4 cm. **C. Mar. 1983 Corte 01 Quadrado E 03 Nível 04 2826.**

MAR/106. Fragmento de fundo, pé e parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio do pé e o fundo externo em reserva. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,8 cm. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0089] 0876.**

MAR/107. Fragmento de pé. Pé anelar e moldurado. A superfície de apoio apresenta-se em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante, com brilho ligeiramente metalizado. **C. Mar. 1987 Corte 01 Quadrado D 05 Nível 01 1507.**

MAR/108. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar e moldurado. Encontra-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. Mar. Sup. Sem n.º 12.**

MAR/109. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parede, fundo e pé. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio e a face externa do pé em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade rosa, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé: 11 cm. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0704] 11668.**

MAR/110. Fragmento de pé. Pé anelar. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. Mar. Sup. Sn13.**

MAR/111. Fragmento de pé, muito deteriorado e fraturado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. **C. Mar. 1988 Corte 03 Quadrado E 05 Nível 05 2792.** Não ilustrado.

COR/NV/001. Fragmento de asa e arranque de parede. Apresenta ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do bordo à parede. O início do ressalto do bordo, na superfície externa, é pouco percetível. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, pouco compacta e bem depurada. Verniz de cor negra, muito deteriorado e desaparecido em algumas superfícies. Verniz pouco aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Não permite determinar diâmetro. **Neves/Setor SE/ Compartimento 2/ 2ª Camada/ J.31/ Ficha 288**.

COR/NV/002. Cinco fragmentos sem colagem entre si, correspondendo possivelmente à mesma peça. Conserva um fragmento de asa e arranque de parede, dois fragmentos de parede e dois fragmentos indeterminados. Apresenta ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do bordo à parede. O início do ressalto do bordo, na superfície externa, é pouco percetível. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, pouco compacta e bem depurada. Verniz de cor negra, muito deteriorado e desaparecido em algumas superfícies. Verniz pouco aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Diâmetro (ressalto): 11 cm; espessura máx. (asa) 0,9 cm, (parede) 0,3 cm. **Neves/Setor SE/ Compartimento 2/ 2ª Camada/ J.31/ Ficha 288**.

COR/NI/001. Fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 14,2 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.** Possível correspondência com fragmentos COR/NI/002 e COR/NI/003.

COR/NI/002. Fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Não permite determinar o diâmetro. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.** Possível correspondência com fragmentos COR/NI/001 e COR/NI/003.

COR/NI/003. Fragmento de parede e arranque de bordo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Não permite determinar o diâmetro. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.** Possível correspondência com fragmentos COR/NI/001 e COR/NI/002.

COR/NI/004. Dois fragmentos de parede e arranque de bordo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, muito compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 16,4 cm. **Neves I/ Sepultura V/ 3ª Camada/ U.E [110]**

COR/NI/005. Oito fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, parede e asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, compacta e pouco depurada, com minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. O verniz apresenta-se muito deteriorado, não permitindo identificar possíveis áreas em reservas. Diâmetro de abertura: 15 cm (muito deteriorado, com colagens irregulares). **Neves I/ Setor S. SW/ 4ª Camada/ U.E [102]**

COR/NI/006. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, compacta e muito depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. O verniz apresenta-se muito deteriorado, não permitindo identificar possíveis áreas em reservas. Diâmetro de abertura: 19,2 cm. **Neves I/ Setor S. SW V/ 4ª Camada/ U.E [98] / Ficha 88 nº27**

COR/NI/007. Três fragmento com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, muito espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 18,4 cm. **Neves I/ Setor S. SW V/ 4ª Camada/ G20, H20 / Ficha 88 nº 1 e nº 2/ 22/09/1986**

COR/NI/008. Perfil completo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pé anelar, moldurado. Apresenta verniz muito deteriorado, não permitindo identificar áreas em reserva. Pasta de cor bege clara, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 18,4 cm. **Neves I/ Setor S. SW V/ 2ª Camada/ 445.**

COR/NI/009. Dois fragmentos de bordo pertencentes à mesma peça. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e bem depurada. Verniz muito deteriorado, negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 14 cm. **Neves I/ Setor RIII/ 4ª Camada/ U.E [9?] / G27/ Ficha 157 nº1/ 8-12-1986**

COR/NI/010. Fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege alaranjada, compacta e bem depurada. Não conserva vestígios de verniz. Não permite determinar o diâmetro. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [440] / K16/ Ficha 41 nº19/ 15-09-1986.**

COR/NI/011. Fragmento de arranque de bordo e parede. Totalmente revestido de verniz negro. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª Camada/ U.E [90] / J.17/ Ficha 138 nº4.**

COR/NI/012. Seis fragmentos com colagem entre si correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz vermelho, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 18 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.**

COR/NI/013. Fragmento de asa. Asa de perfil oval. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege, pouco compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, quase desaparecido. Dimensões: 0,8X1,2 cm. **Neves I/ Setor R. IX / 2ª Camada/ U.E [27].** Não ilustrado.

COR/NI/014. Fragmento de bordo de pequeníssima dimensão. Pasta de cor bege, pouco compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, quase desaparecido. Espessura máx. conservada: 0,35 mm; altura máx. conservada:0,9 cm. **Neves I/ Setor R. IX / 2ª Camada/ U.E [27].** Não ilustrado.

COR/NI/015. Fragmento de asa. Asa de perfil oval. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Dimensões: 0,7X0,8 cm. **Neves I/ Setor R.A. / 2ª Camada/ U.E. [27].** Não ilustrado.

COR/NI/016. Fragmento de bordo, de pequena dimensão e muito deteriorado. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Não permite determinar o diâmetro. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.** Não ilustrado. Possível correspondência com fragmentos COR/NI/001 a COR/NI/003.

COR/NI/017. Fragmento de parede, de pequena dimensão e muito deteriorado. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Não permite determinar o diâmetro. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.** Não ilustrado. Possível correspondência com fragmentos COR/NI/001 a COR/NI/003.

COR/NI/018. Três fragmentos de asa de pequena dimensão. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª Camada/ U.E [90] / J.17/ Ficha 138 nº4.** Não ilustrado. Possível correspondência com COR/NI/011

COR/NI/019. Fragmento de parede de pequena dimensão. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª Camada/ U.E [90] / J.17/ Ficha 138 nº4.** Não ilustrado. Possível correspondência com COR/NI/011.

COR/NI/020. Fragmento de pequena dimensão correspondendo a bordo. Pasta de cor laranja, muito compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 3,5 cm. **Neves I/ Setor S. SW V/ 4ª Camada/ U.E. [97] / Ficha 106 nº 8/ 24/09/1986**

COR/NI/021. Três fragmentos sem colagem entre si, correspondendo a um fragmento de pé e fundo e dois fragmentos de pequena dimensão de parede. Todos os fragmentos pertencem à mesma peça. Pé anelar, moldurado. Face interna e externa do pé revestidas de engobe negro. Não permite determinar se a superfície de apoio se encontra em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8 cm; espessura máx. (parede); 0,3 cm. **Neves I/ Setor R.IX/ 2ª Camada/ U.E. [27]**

COR/NI/022. Três fragmentos com colagem entre si pertencendo a pé e arranque de fundo. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Face interna e externa revestida de engobe negro. O fundo externo aparenta estar reservado. Não permite determinar se a superfície de apoio se encontra em reserva. Diâmetro de pé: 4,3 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 2ª Camada/ U.E [442] / Ficha 130 nº25/ 29-09-1986.** Possível correspondência com fragmentos COR/NI/001 a COR/NI/003.

COR/NI/023. Cinco fragmentos com colagens, correspondendo à mesma peça. Conserva pé a arranque de fundo. Muito deteriorado, não permite identificar possíveis molduras. Exibe as faces interna e externa do pé revestidas de engobe negro. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e bem depurada. Verniz de cor negra, pouco aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 8,2 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 4ª Camada/ I.17/ U.E. [96] Ficha nº120 nº 7/ 26-09-1986**

COR/NI/024. Fragmento de pequena dimensão correspondendo pé e arranque de fundo. Pasta de cor laranja, muito compacta e depurada. Apresentas as faces interna e externa do pé em reserva. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10,6 cm. **Neves I/ Setor S. SW V/ 4ª Camada/ U.E. [97] / Ficha 106 nº 8/ 24/09/1986**

COR/NI/025. Quatro Fragmentos com colagens, correspondendo a pé, arranque de prede e arranque de fundo. O fundo externo aparenta estar em reserva. O avançado estado de deterioração do verniz não permite confirmar se a superfície de apoio apresenta revestimento de verniz negro. Pasta da cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso, pouco brilhante, e baço. Diâmetro de pé: 9 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª e 4ª Camada/ G.18, H.18/ Ficha nº 106 nº 12, 105 nº4, 124 nº2/ 26/09/1986**

COR/NI/033. Fragmento de parede, de pequena dimensão, com arranque de lábio côncavo na face externa. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Verniz muito deteriorado, negro, aderente, espesso e brilhante. **Neves I/ Setor S. SW/ 4ª Camada/ U.E [95].** Não ilustrado.

COR/CI/001. Seis fragmentos pertencentes à mesma peça. Integra dois fragmentos de bordo e quatro de parede, cinco deles apresentando lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Em avançado estado de deterioração. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Não conserva verniz. **Corvo I/ Retângulo III/ 3ª Camada / Compartimento 8/ Quadrícula Y18.** Não ilustrado. Possível correspondência com COR/CI/002; COR/CI/003 e COR/CI/005.

COR/CI/002. Sete fragmentos pertencentes à mesma peça. Integra dois fragmentos com colagem entre si correspondendo a pé, arranque de fundo e parede; dois fragmentos de bordo apresentando lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede; e três fragmentos de parede. Nenhum dos fragmentos conserva verniz. Pé com moldura na superfície externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. **Corvo I/ Retângulo III/ 3ª Camada / Compartimento 8/ Quadrícula X18/ Ficha 34 nº29.** Possível correspondência com COR/CI/001; COR/CI/003 e COR/CI/005.

COR/CI/003. Vinte e sete fragmentos possivelmente pertencentes à mesma peça. Integra oito fragmentos de bordo e cinco fragmentos de parede apresentando todos lábios côncavos na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede; três fragmentos de asa; e onze fragmentos de pequeníssima dimensão de parede. Pasta de cor laranja, muito compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante, muito deteriorado. **Corvo I/ Retângulo III/ 3ª Camada / Compartimento 8/ Quadrícula /V19/ Ficha 35 nº9.** Não ilustrado. Possível correspondência com COR/CI/001; COR/CI/002 e COR/CI/005.

COR/CI/004. Dezoito fragmentos possivelmente pertencentes à mesma peça. Integra um fragmento de pé e arranque de parede; quatro fragmentos de bordo com ressalto externo, um dos quais com ressalto interno e externo; dois fragmentos de parede com ressalto interno e onze fragmentos de parede de pequeníssima dimensão. Pé com moldura na superfície externa. Verniz muito deteriorado, não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Verniz muito deteriorado. **Corvo I/ Retângulo IV/ 4ª Camada/ Compartimento 8/ Quadrícula V20/ Ficha 30 nº 13/ 03-10-1988.**

COR/CI/005. Fragmento de pé, arranque de fundo e parede. Pé anelar, com moldura na superfície externa. Verniz muito deteriorado, não permite confirmar a existência de áreas em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. **Corvo I/ Setor Retângulo IV/ 3ª Camada / Compartimento 8/ Quadrícula Y18/ Ficha 35 nº 22.** Não ilustrado. Possível correspondência com COR/CI/001; COR/CI/002 e COR/CI/003.

COR/CI/006. Doze fragmentos muito deteriorados, de pequeníssima dimensão, correspondendo possivelmente à mesma peça. Integra onze fragmentos de parede e um bordo apresentando lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede; e três fragmentos de parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, quase inexistente. **Corvo I/ Retângulo III/ 3ª Camada/ Compartimento 8/ Quadrícula W18/ Ficha 32 nº29/ 06-10-1988.** O avançado estado de desagregação do fragmento não permite realizar desenho. Não ilustrado.

COR/CI/007. Dois fragmentos pertencentes possivelmente à mesma peça. Integra um fragmento de parede com ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede e um fragmento de asa, com verniz muito deteriorado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e pouco brilhante. **Corvo I/ Retângulo III/ 3ª Camada / Compartimento 8/ Quadrícula X18/ Ficha 34 nº28.** Não ilustrado.

COR/CI/018. Dois fragmentos com colagem entre si. Conserva ressalto na face interna a marcar a separação entre o lábio e a parede. Muito deteriorado, não conserva verniz. Pasta de cor laranja, compacto e bem depurado. **Corvo I/ Retângulo III/ 3ª Camada/ Compartimento 8/ Quadrícula W20/ Ficha 35 nº6/ 07-10-1988.** Muito rolado, não permite desenho. Não ilustrado.

COR/CI/009. Fragmento de bordo apresentando lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e pouco brilhante. **Corvo I/ A Norte de compartimentos 8,9/ 3ª Camada / Quadrícula Y13 / Ficha 65 nº24/ 26-09-1983.**

COR/CI/010. Cinco fragmentos possivelmente pertencentes à mesma peça. Integra dois fragmentos com colagem entre si correspondendo a parte do bordo, um dos quais conservando ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede; e 3 fragmentos de parede de pequena dimensão. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. **Corvo I/ Setor 88 B. A Norte de compartimentos 8 e 9 / 3ª Camada / Quadrícula V10 / Ficha 28 nº1/ 03-10-1988.**

COR/CI/011. Cinco fragmentos de bordo e parede com colagem entre si. Apresentando lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Compartimento 4/ U. E. [13] / Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5**

COR/CI/012. Fragmento de bordo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Não conserva verniz no interior. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Compartimento 4/ U. E. [13] / Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5**

COR/CI/013. Fragmento de bordo. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Verniz quase ausente. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986**

COR/CI/014. Quatro fragmentos com colagem entre si correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986**

COR/CI/015. Fragmento de parede de pequeníssima dimensão. Apresenta ressalto bem marcado nas superfícies externa e interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986**

COR/CI/016. Fragmento de parede de pequeníssima dimensão. Apresenta ressalto bem marcado nas superfícies externa e interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986**

COR/CI/017. Fragmento de parede de pequeníssima dimensão. Apresenta ressalto bem marcado nas superfícies externa e interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986**

COR/CI/018. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Apresenta ressalto bem marcado na superfície externa, a marcar a ligação do lábio à parede. Encontra-se fraturado na superfície interna. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5**

COR/CI/019. Fragmento de parede. Apresenta ressalto bem marcado nas superfícies interna e externa. Com arranque e parte da uma das asas. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986.** Não ilustrado.

COR/CI/020. Fragmento de parede e arranque e parte da asa. Apresenta ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. O interior da asa aparenta estar em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5**

COR/CI/021. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa. Fraturado na zona de arranque do ressalto da superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Muito deteriorado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, muito deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5**

COR/CI/022. Fragmento de parede e arranque de asa. Apresenta ressalto bem marcado, na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ 20-10-1986 a 31-10-1986**

COR/CI/023. Quatro fragmentos com colagem entre si. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5**

COR/CI/024. Fragmento de bordo, parede e asa completa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 4ª Camada/ Compartimento 6/ U. E. [-] / Quadrículas Q21/ Ficha 139 nº21?**

COR/CI/025. Fragmento de parede, junto ao bordo. Apresenta ressalto na superfície externa, a marcar a ligação do lábio à parede. Fraturado no ressalto da superfície interna. Muito deteriorado. Pasta de cor laranja, muito compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 4ª Camada/ Compartimento 6 / U. E. [-] / Quadrículas U22/ Ficha 24 nº10 / 29-09-1988.** Não ilustrado.

COR/CI/026. Fragmento de bordo e parede. Apresenta ressalto na superfície externa, a marcar a ligação do lábio à parede. A superfície interna apresenta-se muito deteriorada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, muito compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e pouco brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 3ª Camada/ Compartimento 6 / U. E. [1] / Quadrículas S24/ Ficha 123 nº3/ 18-10-1983.** Não ilustrado.

COR/CI/027. Dois fragmentos correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e pouco brilhante, muito deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 4ª Camada/ Compartimento 6 / U. E. [-] / Quadrículas Q23/ Ficha 137 nº4-8.** Não ilustrado.

COR/CI/028. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e pouco brilhante, muito deteriorado. **Corvo I/ Retângulo II/ 4ª Camada/ Quadrículas T22/ Ficha 139 nº22**

COR/CI/029. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e pouco brilhante, muito deteriorado. **Corvo I/ Retângulo II/ 4ª Camada/ Quadrículas R21/ Ficha 88 nº8/ 29-09-1983.** Não ilustrado.

COR/CI/030. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Muito deteriorado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, muito compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 4ª Camada/ Compartimento 6 / U. E. [3] / Quadrículas S23/ Ficha 153 nº17**

COR/CI/031. Três fragmentos com colagem entre si correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Muito deteriorado e rolado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante, deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 3ª Camada/ U. E. [1] / Quadrículas Q21/ Ficha 29 nº4?**

COR/CI/032. Fragmento de parede. Apresenta ressalto na superfície interna, a marcar a ligação entre o lábio e a parede. Fragmento muto rolado. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante, muito deteriorado**. Corvo I/ Retângulo II/ 3ª Camada/ Compartimento 6 / U. E. [-] / Quadrículas V25/ Ficha 20 nº11/ 28-09-1988.** Não ilustrado.

COR/CI/033. Seis fragmentos pertencentes à mesma peça. Muito deteriorados. Conserva vestígios de ressalto na superfície externa. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e pouco brilhante, muito deteriorado. **Corvo I/ Retângulo II/ Compartimento 6/ Ficha 24 nº2.** Não ilustrado.

LIS/RC/023. Fragmento de bordo, arranque de parede e área de fratura correspondente ao arranque de uma asa. Não se conserva verniz na área correspondente ao lábio, distinguindo-se, no entanto, uma fina linha de verniz negro. Pasta de cor laranja, muito compacta e depurada. Verniz de cor negra, pouco espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 13,9 cm; altura máxima conservada: 2,2 cm; espessura máxima conservada: 0,5 cm. **Rua dos Correeiros/ nº inventário 2812, setor 3 SE/ Quadrado L 17/ Camada 44/ Est. 054**. Bibliografia: Arruda, 1997; Sousa, 2014.

LIS/CSJ/015. Fragmento bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja, pouco compacta e bem depurada. Verniz nego, muito deteriorado, aderente, pouco espesso e brilhante. **Castelo de São Jorge/ sn**. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

MER/029. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 17,2 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 131, fig. 5 nº2.

MER/030. Fragmento de bordo, parede, arranque de asa e arranque de fundo. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja claro e tonalidade rosada, muito compacta e bem depurada. Verniz negro/ vermelho, com manchas acinzentadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 12 cm. **Mértola/1985/ Galeria B/ 700.** Bibliografia: Luís, 2003, p. 92, nº 030.

MER/031. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja clara e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 16,6 cm. Mértola/ 1997/ 38/ 1E.

MER/032. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 17,2 cm. **Mértola/ 1982/ 3ª/150.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 131, fig. 5 nº4.

MER/033. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja clara e tonalidade rosa, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado na superfície externa, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 16 cm. **Mértola / 1992/ Quintal de A. J. Pereira.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 131, fig. 5 nº3.

MER/034. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 16,6 cm. **Mértola/ 1985/ 13 M – Nível 1b**.

MER/035. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de abertura: 17,4 cm. **Mértola/ 1998/5H.1- Nível 1b**.

MER/036. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor castanho clara, de tonalidade amarelada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 17,30. **Mértola/1995/ Casa Pardal**.

MER/037. Fragmento de bordo e parede. Exibe lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada, com minúsculas partículas de mica. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 17,4 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.**

MER/038. Fragmento de parede. Exibe ressalto na face interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor rosa clara e tonalidade acinzentada, pouco compacta e depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Espessura máx. conservada: 0,7 cm. **Mértola/ 1983/ 3ª –** Nível 1ª.

MER/039. Fragmento de asa e arranque de parede. Exibe ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 2006/ biblioteca Municipal/ Sondagem junto à U.E. [188], U.E. [225].

MER/040. Fragmento de parede. Exibe ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja clara e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1985/ 9ª/ 700**.

MER/041. Fragmento de parede e arranque de asa. Exibe ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja clara e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1986/ 8C –** Nível 1ª.

MER/042. Fragmento de parede. Exibe ressalto bem marcado na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ Sem referência.

MER/043. Fragmento de parede e arranque de bordo. Exibe ressalto na superfície interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ Sem referência**.

MER/044. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Apresenta ressalto na face interna, na ligação do lábio à parede. Exibe área entre as asas em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/1981/ 5C/ 151.

MER/045. Fragmento de parede e arranque de bordo. Exibe ressalto na face interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, espesso e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,7 cm. Mértola/1995/ Casa Pardal. Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 132, Não ilustrado.

MER/046. Fragmento de bordo. Exibe lábio côncavo. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurado. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ Sem número.

MER/047. Fragmento de parede e arranque de bordo. Exibe lábio côncavo e ressalto na face interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700**.

MER/048. Fragmento de parede, arranque de bordo e arranque de asa. Exibe área entre as asas em reserva. Apresenta lábio côncavo e ressalto bem marcado na face interna, na ligação entre o bordo e a parede. Pasta de cor laranja claro, pouco compacta e depurada. Verniz negro/ vermelho, com abundantes manchas avermelhadas na face interna, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/2002/ Rua 25de abril/ Sondagem XV/ U.E. [302]**.

MER/049. Fragmento de parede e arranque de bordo. Exibe lábio côncavo e ressalto na face interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ Rossio Carmo/ 2002/ 6N/2.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 132. Não ilustrado.

MER/050. Fragmento de parede e arranque de asa. Exibe ressalto bem marcado na face interna, na ligação entre o lábio e a parede. Pasta de cor laranja claro, compacto e bem depurado. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1985/ 7C – Nível 1c.**

MER/051. Fragmento de parede e arranque de bordo. Exibe ressalto bem marcado na face interna, na ligação entre a parede e o bordo. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 1982/ 6C/ 3ª**/185**.

MER/052. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Com arranque de ressalto na face interna. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1983/SE – Nível 2ª.**

TAV/TP/001. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, muito depurada e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta um ligeiro brilho metalizado. Diâmetro de abertura: 16,2 cm. **TP 001/0006 – M00000284.** Bibliografia: Mateus, 2009, pp. 15, 44 fig. 40. Não ilustrado.

TAV/PF/001. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja de tonalidade rosa, pouco depurada e compacta. Verniz negro com manchas vermelhas e acinzentadas. Apresenta ligeiro brilho metalizado e abundantes incrustações, sobretudo na superfície interna. Pasta de cor laranja, pouco depurada e compacta. Verniz de reduzida qualidade, negro com manchas vermelhas e um ligeiro reflexo metalizado. **PF. Sond.2 HÁ 2002 Saco 1779.** Bibliografia: Simão & Pinto 2009, p. 69. Não ilustrado.

TAV/PN/001. Dois Fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. É visível a zona correspondente ao arranque de uma asa. A área interior da asa foi deixada em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, dura, compacta e bem depurada. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, brilhante, aderente e espesso. (Não ilustrado). **Netos 1 – Q. 1 Camada 5.** Bibliografia: Maia *et alii.*, 2003, p. 256. Não ilustrado.

TAV/PN/002. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Apresenta lábio

côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, depurada. Verniz negro de tonalidade acinzentada na superfície interior. Verniz brilhante, acetinado, relativamente aderente, pouco espesso e bem conservado. **Netos 1 – Q. 4/5 Camada 4.** Bibliografia: Maia *et alii.*, 2003, p. 255. Não ilustrado. Não ilustrado.

TAV/001. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro de abertura: 13,8 cm. Bibliografia: Barros, 2003; 2005.

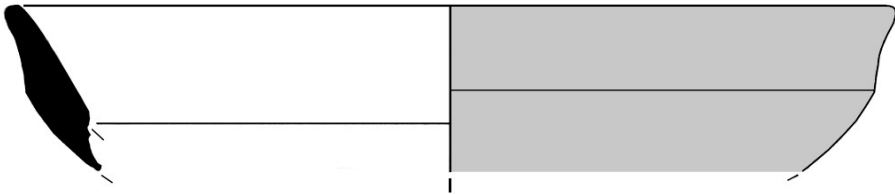
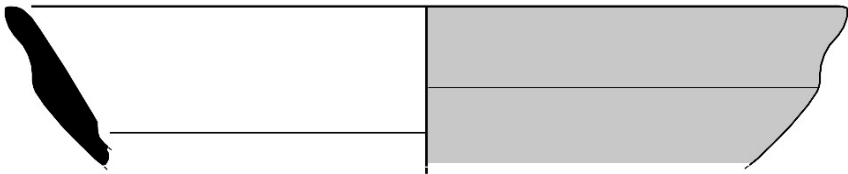
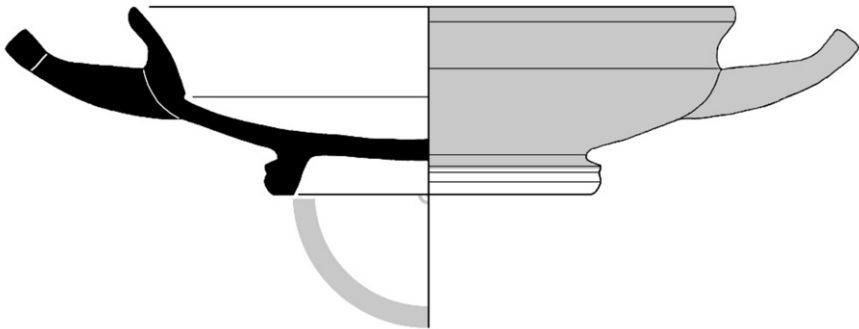
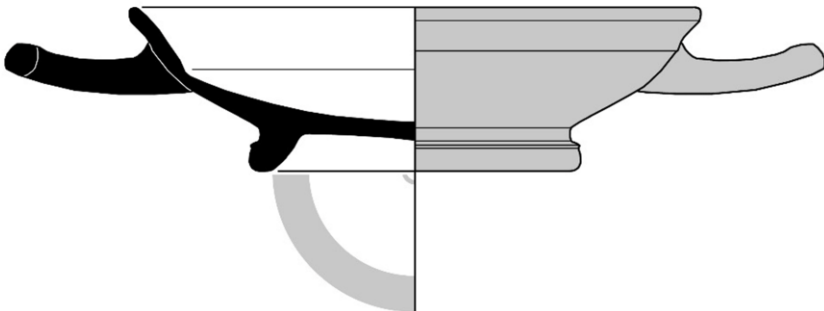
TAV/002. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro de abertura: 15 cm. Bibliografia: Barros, 2003, 2005.

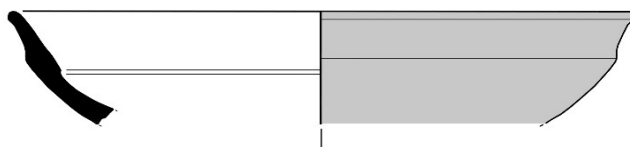
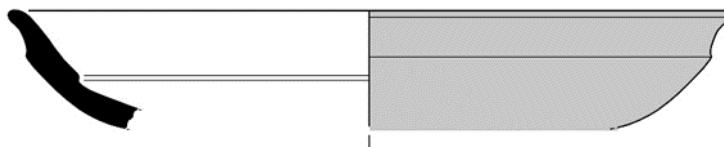
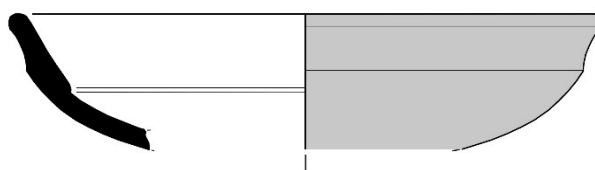
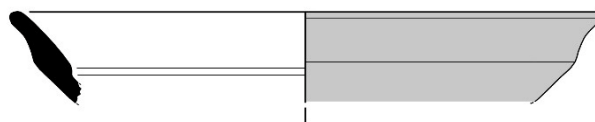
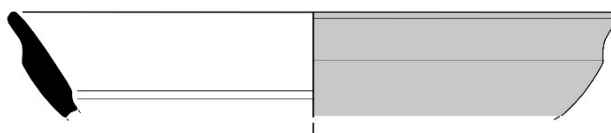
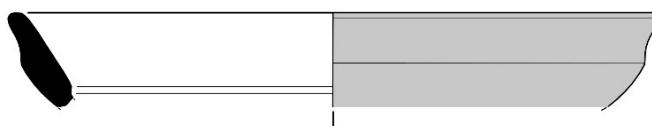
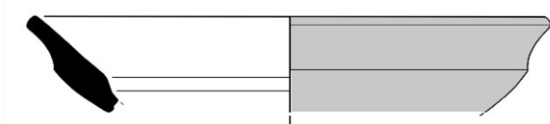
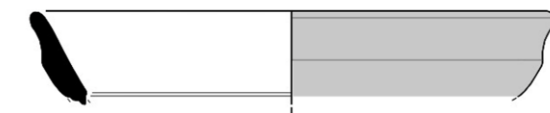
TAV/003. Fragmento de bordo, parede e arranque de asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro de abertura: 15,38 cm. Bibliografia: Barros, 2005.

TAV/004. Fragmento de bordo e parede. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro de abertura: 15,95 cm. Bibliografia: Barros, 2003, 2005.

TAV/005. Fragmento de parede e arranque de asa. Apresenta lábio côncavo na superfície externa e ressalto bem marcado na superfície interna, a marcar a ligação do lábio à parede. A área entre as asas apresenta-se reservada. Bibliografia: Barros, 2003, 2005.

VAZ/001. Fragmento bordo e parede. Apresenta lábio côncavo e ressalto bem marcado na face interna, a assinalar o arranque da parede. Apresenta verniz muito deteriorado, quase inexistente. Pasta de cor amarela e tonalidade esbranquiçada, pouco compacta e depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, brilhante. Descrição exclusivamente com base em: Beirão e Gomes, 1980; Beirão & Correia, 1991, 1994, Arruda, 1997.

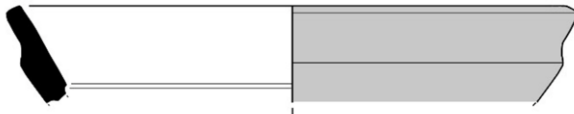
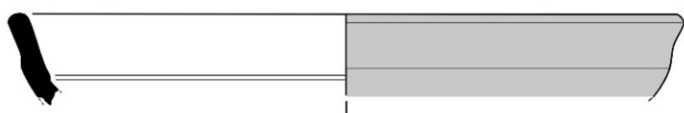
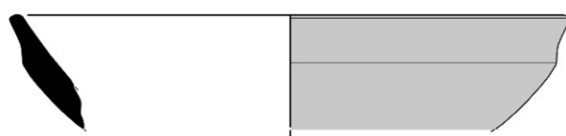
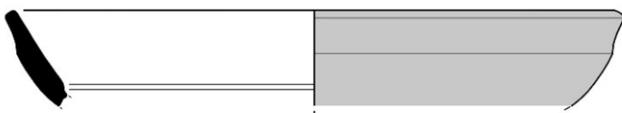
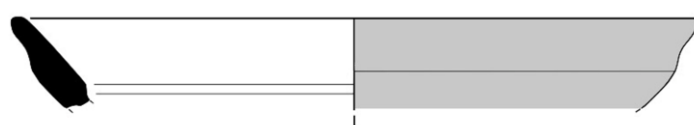
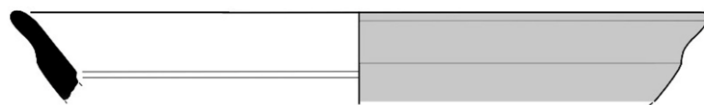
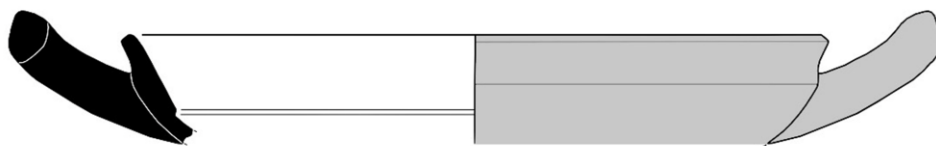
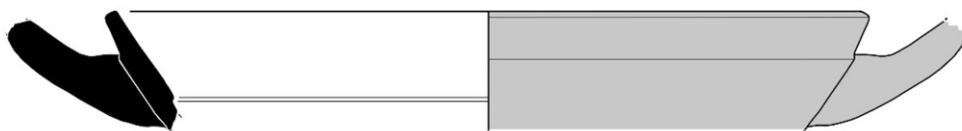
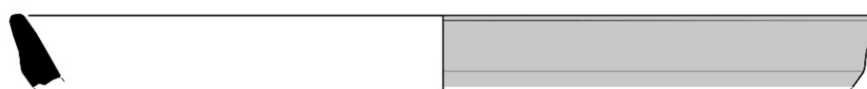
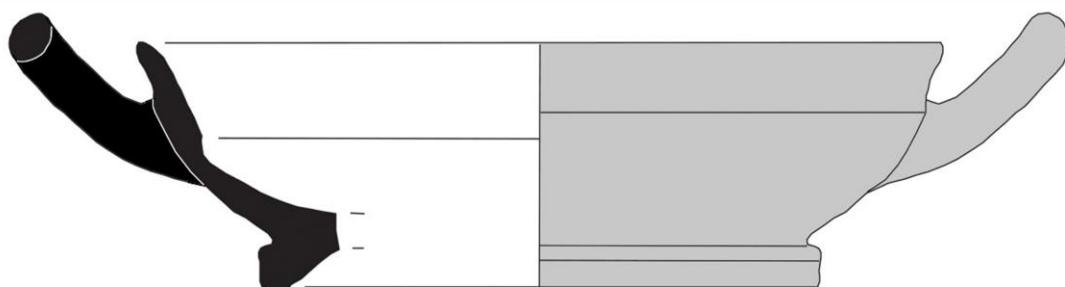
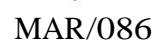
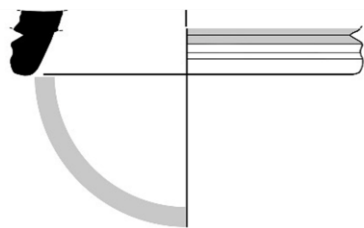
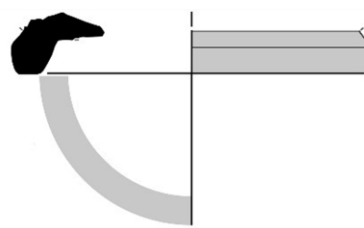
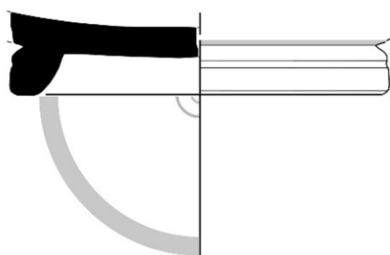
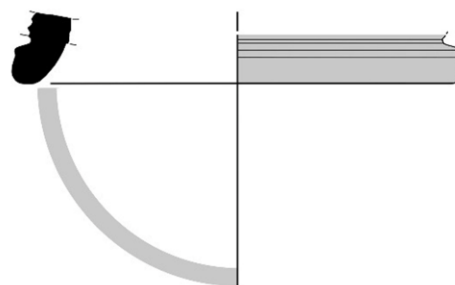
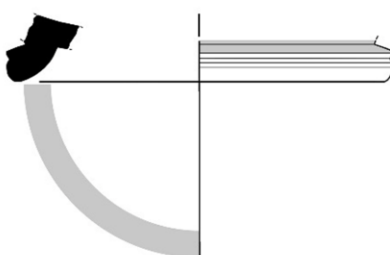
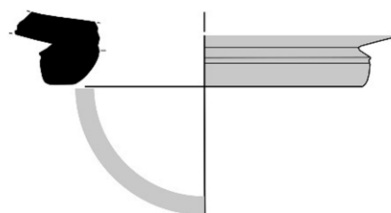
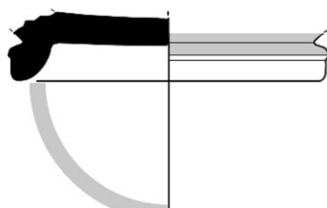
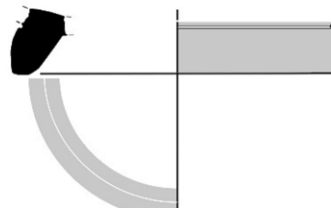
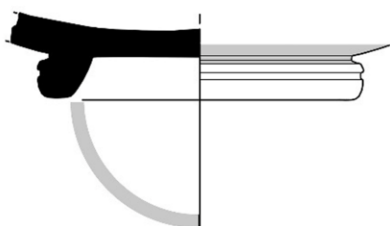
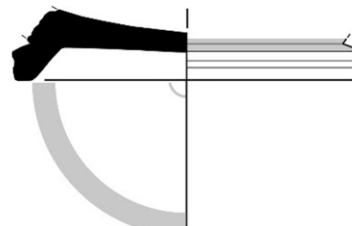
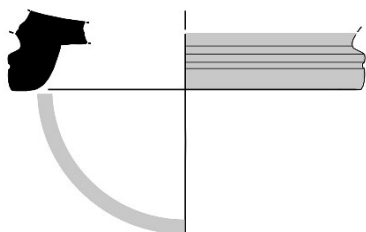
SAL/100

SAL/104

SAL/106

AZO/029

AZO/030

Escala 1:2

Escala 1:2

Escala 1:2

Escala 1:2

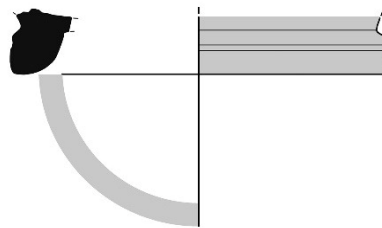
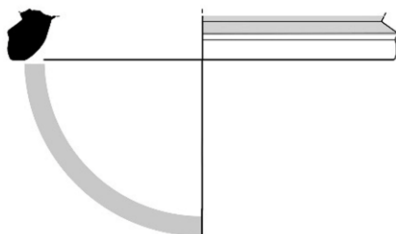
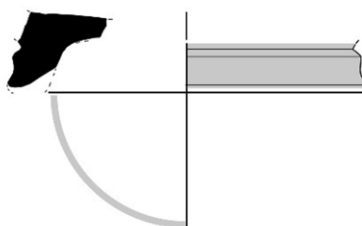
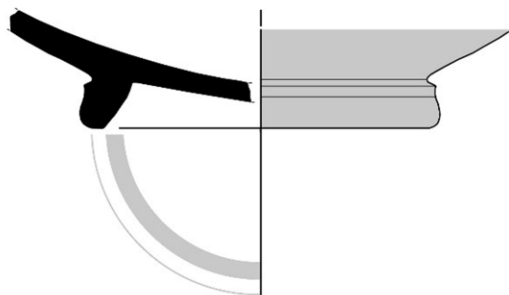
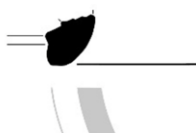
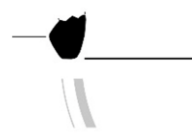
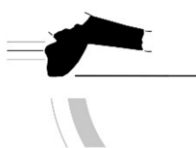
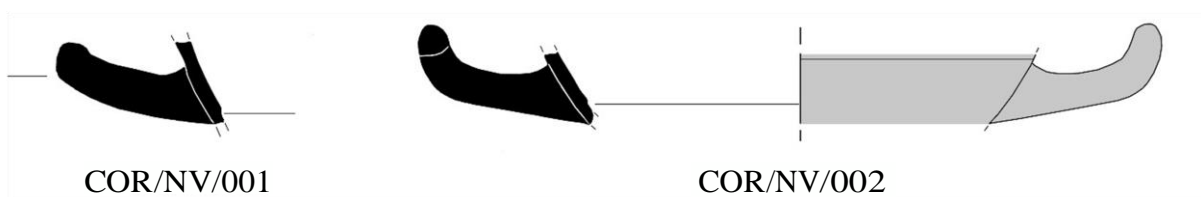
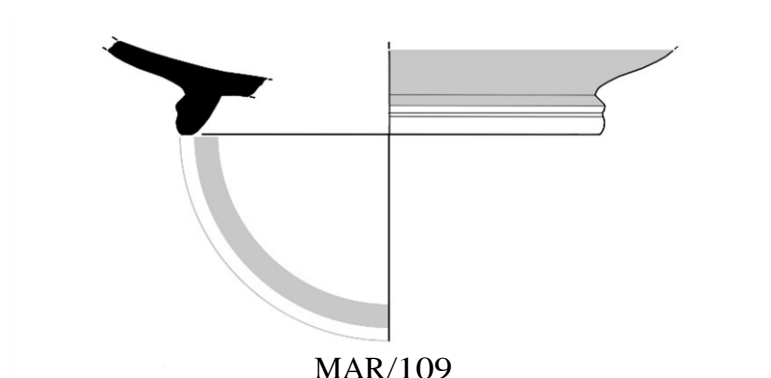
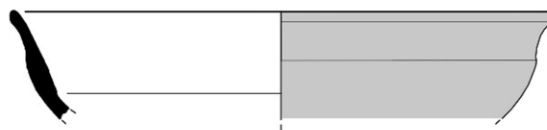
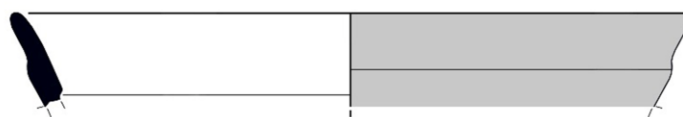
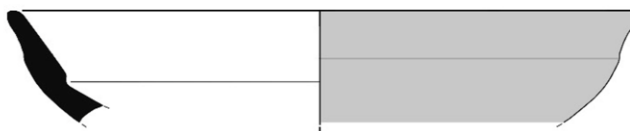
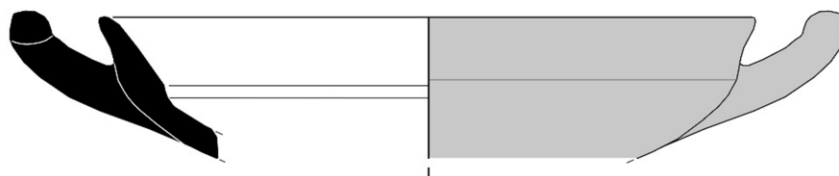
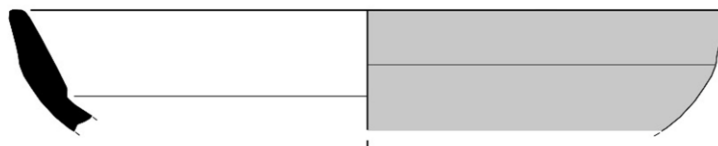
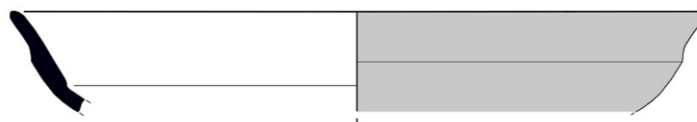
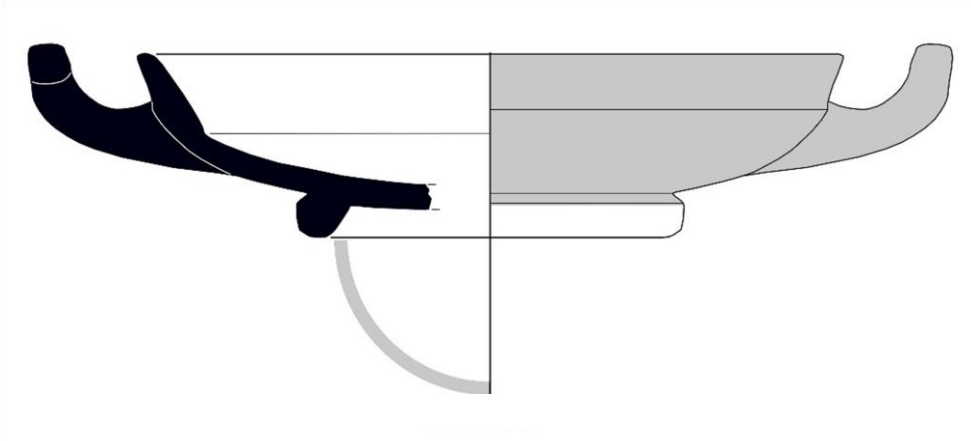
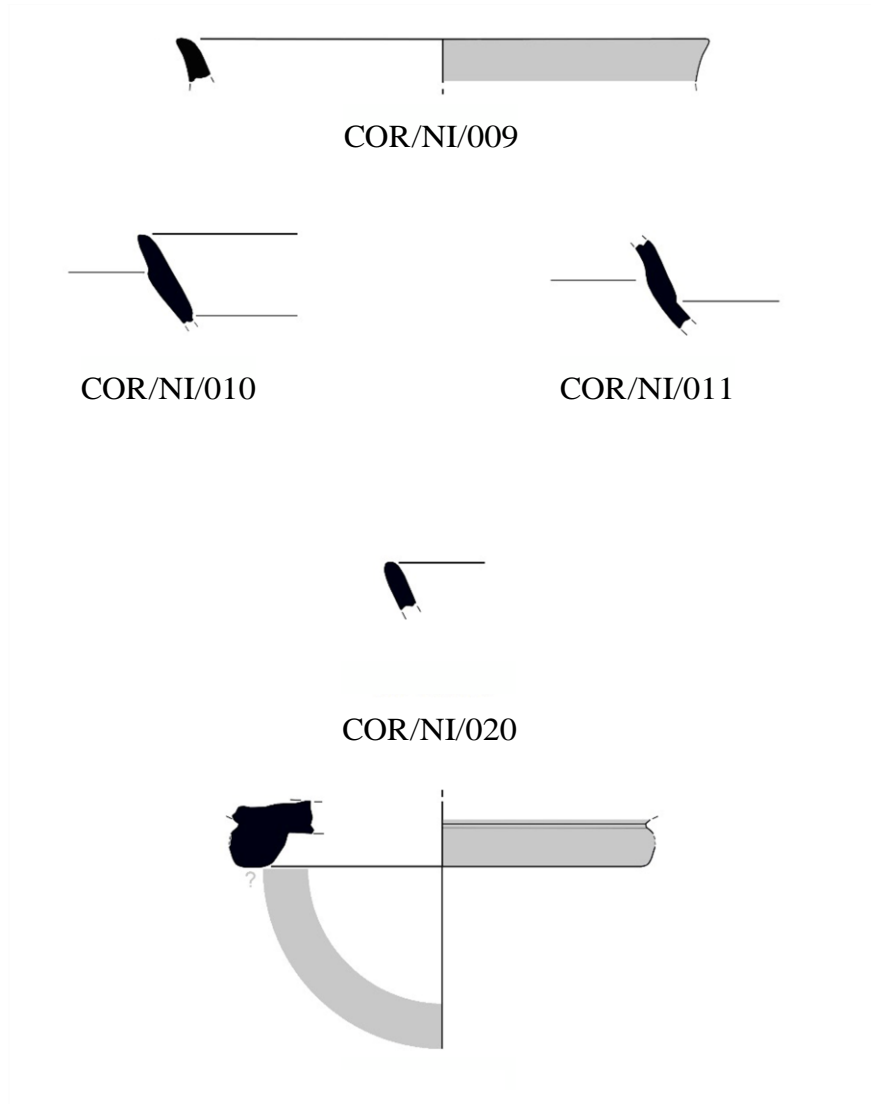
MAR/072
MAR/073
MAR/074
MAR/075
MAR/076
MAR/077
MAR/078
MAR/079
MAR/080
MAR/081
MAR/082
MAR/083
MAR/084
MAR/085
MAR/086
MAR/087
MAR/088
MAR/089
MAR/090

Escala 1:2

MAR/092
MAR/093
MAR/094
MAR/095
MAR/096
MAR/097
MAR/098
MAR/099
MAR/100
MAR/101

Escala 1:2

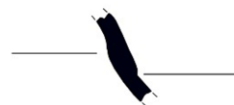
Escala 1:2

MAR/109

COR/NV/001 COR/NV/002

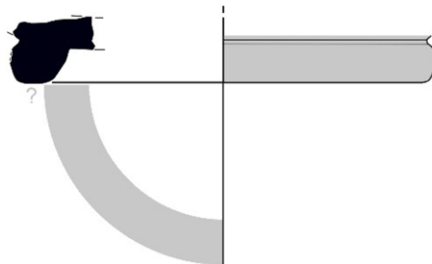
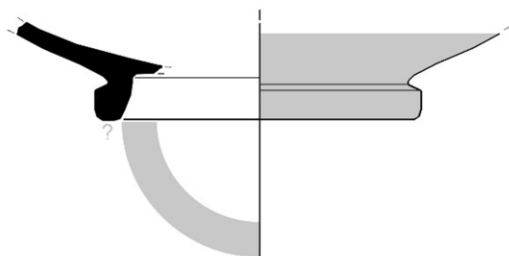
Escala 1:2

COR/NI/001
COR/NI/002
COR/NI/003
COR/NI/012
COR/NI/004
COR/NI/005
COR/NI/006
COR/NI/007

Escala 1:2

COR/NI/008

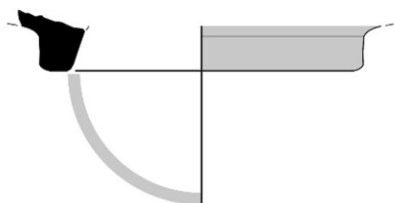
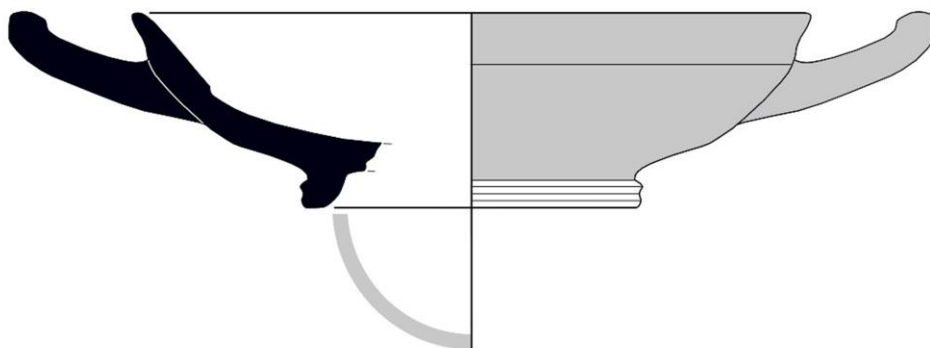
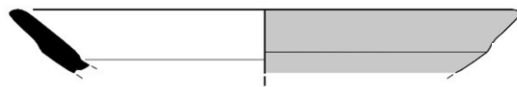
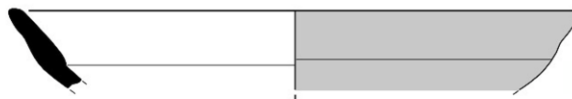
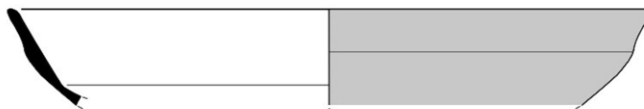
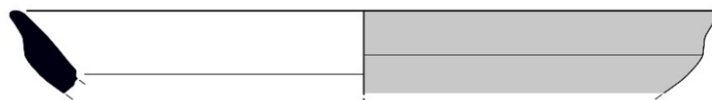
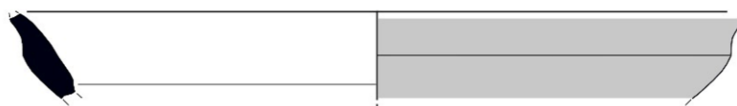
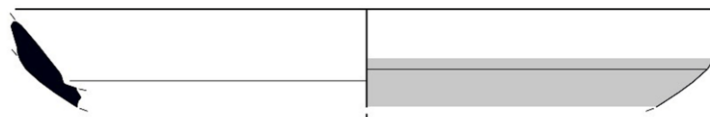
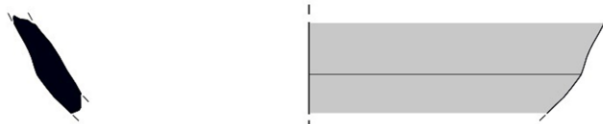
COR/NI/009

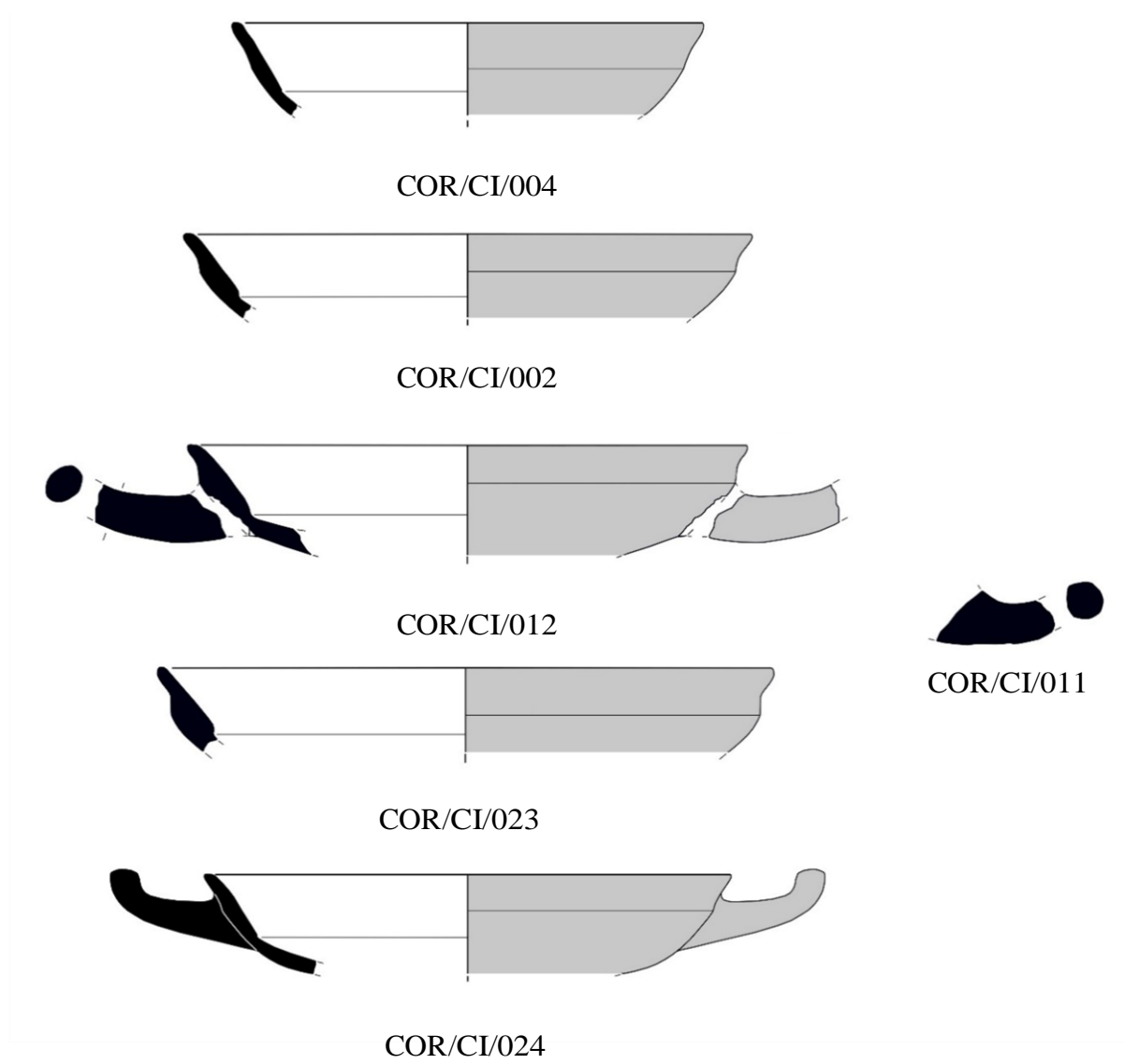
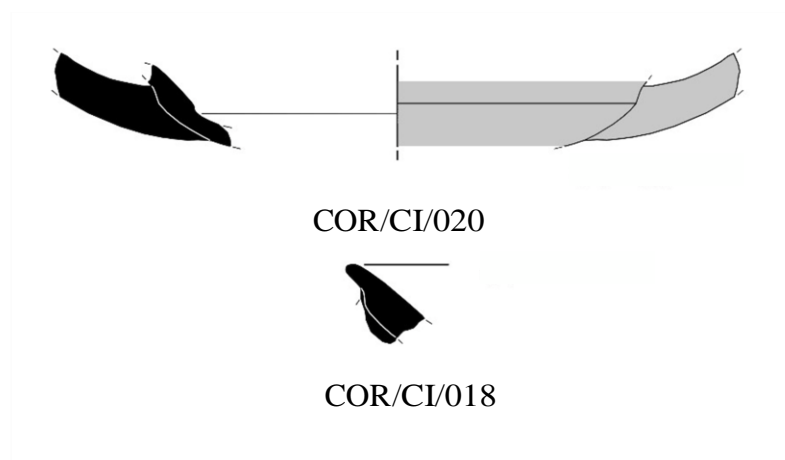
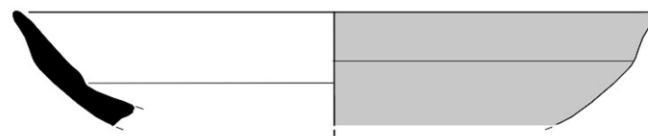
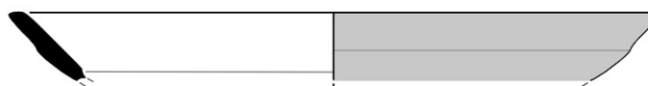
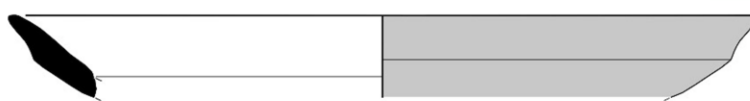
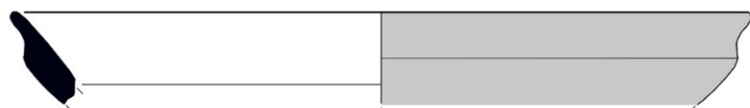
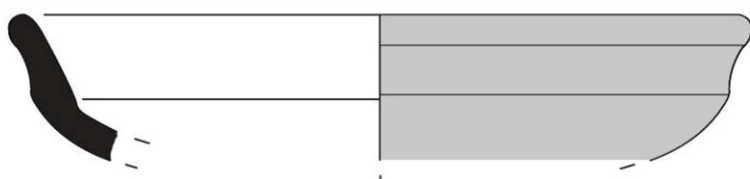
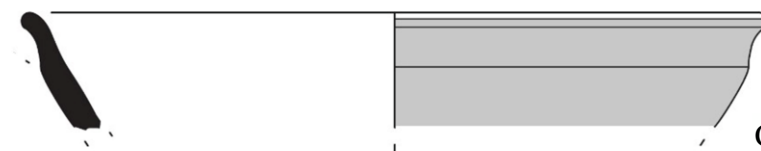
COR/NI/010

COR/NI/011

COR/NI/020

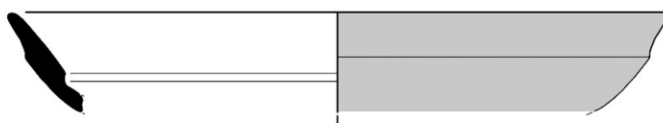
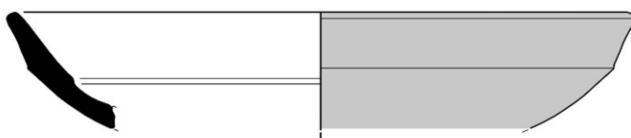
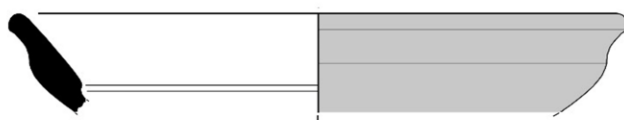
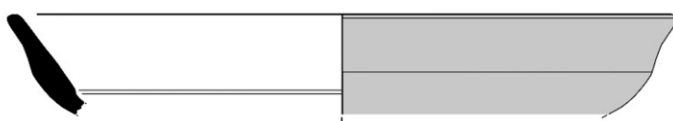
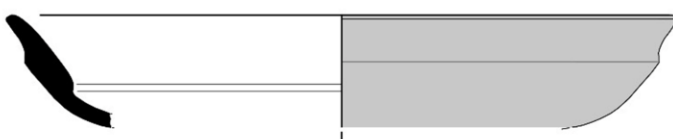
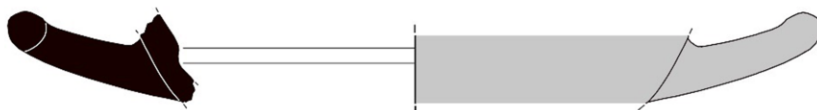
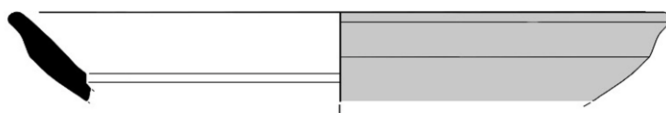
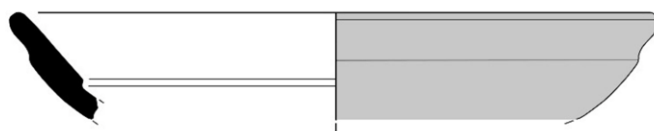
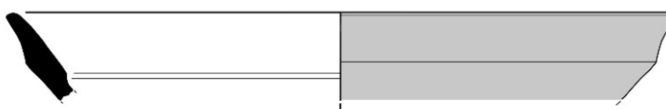
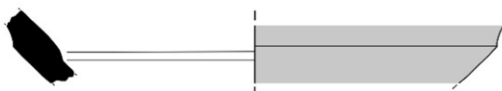
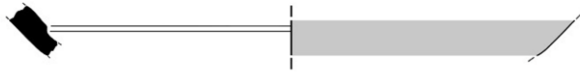
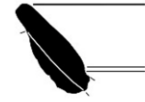
COR/NI/024

Escala 1:2

COR/NI/021

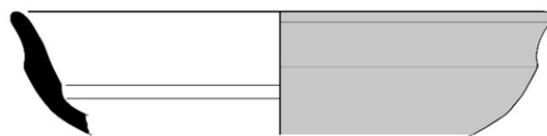
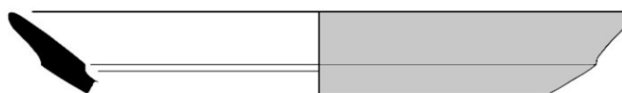
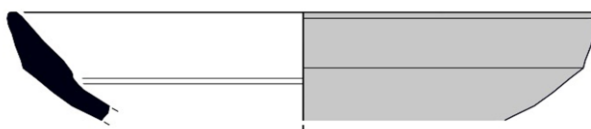
COR/NI/022

COR/NI/023

COR/NI/013

Escala 1:2

COR/CI/009
COR/CI/010
COR/CI/031
COR/CI/014
COR/CI/016
COR/CI/017
COR/CI/015
COR/CI/022

Escala 1:2

COR/CI/020
COR/CI/018
COR/CI/004
COR/CI/002
COR/CI/012
COR/CI/011
COR/CI/023
COR/CI/024

Escala 1:2

Desenhos LIS/CSJ/015 e CRC/023 da autoria de Arruda & Sousa, 2019, adaptado

Escala 1:2

Escala 1:2

Escala 1:2

MER/043
MER/044
MER/045
MER/046
MER/047
MER/048
MER/049
MER/050
MER/051
MER/052

Escala 1:2

Escala 1:2

4.2.2. Taça da Classe Delicada

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Colina do Castelo de Alcácer do Sal	**SAL** /	097-098, 107, 123, 129ª/B	**PT18-SAL**	**XIX**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	012-019	**PT15-MAR**	**XIX**

A designação «Classe Delicada» aplica-se a uma variante tipológica do grande grupo das taças de pé baixo, correspondendo a uma versão mais elegante e elaborada desta forma. Formulada no contexto do estudo dos materiais de verniz negro da Ágora de Atenas, o termo vulgarizou-se na bibliografia da especialidade e ganhou primazia sobre as demais, correspondendo à forma 42ª de Lamboglia[1186] e ao tipo 423ª1 de Morel[1187].

O início da sua produção ocorre no terceiro quartel do século V a.n.e., perdurando o seu fabrico até ao segundo quartel do século da centúria seguinte[1188]. Caracteriza-se por apresentar um espessamento na superfície interna, na ligação do bordo à parede. As mais antigas são robustas e pesadas e assentam sobre um pé grande, que se projeta para além do diâmetro do corpo da taça. À medida que avançamos na cronologia da sua produção, a forma adquire proporções distintas, particularmente ao nível do pé, que tende a presentar diâmetros mais reduzidos conferindo à peça um aspeto mais elegante.

Tal como se verifica nas restantes variantes de taça consideradas, também esta regista duas asas que arrancam da parede e que se projetam ao nível do bordo. A ligação da parede ao pé é conseguida através de uma pequena canelura, podendo a mesma apresentar-se sobre a forma de um sulco em reserva. O pé, de aspeto mais delicado em comparação com as restantes taças de pé baixo, é moldurado na superfície externa, apresentando a superfície de apoio de formato tendencialmente aplanado e a face interna do pé com uma curvatura única, convexa. O fundo externo exibe diversas opções decorativas, sendo particularmente frequente a aplicação de círculos concêntricos em verniz negro sobre área reservada. Menos comum é a opção pelo fundo externo totalmente revestido de verniz negro, podendo, em determinados casos, incluir pequenas caneluras. O corpo regista uma curvatura contínua na face externa, apresentando bordo com lábio semelhante às taças de bordo reto[1189]. Taças desta variante são frequentemente decoradas, na superfície interior, com motivos incisos ou estampados.

Em território peninsular a forma testemunha-se em diversos locais, através de um número significativo de exemplares. À semelhança das taças de bordo convexo, foram identificados exemplares da classe delicada em diversas intervenções em Huelva[1190], datadas de 450-300 a.n.e., em Cástulo (410-380 a.n.e.)[1191], Ampúrias (420-400 a.n.e.)[1192] e Ullastret (425-375 a.n.e.)[1193], mencionando apenas alguns exemplos. Na fachada atlântica da Península Ibérica, testemunham-se em seis fragmentos (5 NMI) procedentes da colina do Castelo de Alcácer (SAL/097 a SAL/098, SAL/107, SAL/123 e SAL/129 A e B) do Sal e em Castelo de Castro Marim, através de oito fragmentos (7 NMI – MAR/112 a MAR/119). A proposta de integração do exemplar MAR/119 nesta tipologia é, no entanto, feita com reservas que decorrem do reduzido tamanho do fragmento de pé conservado.

No respeitante ao conjunto proveniente de Castelo de Castro Marim, e ainda que registem ligeiras diferenças entre si, todos os exemplares possuem pés altos e moldurados e um ressalto bem marcado na ligação à parede, num dos casos em reserva (MAR/116). As superfícies de apoio dos pés apresentam-se total ou parcialmente reservadas e os fundos externos conservam decoração composta de círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, apresentados de forma alternada. As referidas características correspondem aos

1186 (Lamboglia, 1951).

1187 (Morel, 1981).

1188 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 102-103).

1189 (*Ibidem*).

1190 (Rufete, 2001, 83-84, lâm. 36; Fernández Jurado et alii., 1989, p. 252, fig. 4, 3; Olmos 1977a, p. 380; Belén et alii., 1977, p. 121, fig. 63, 2; Rouillard, 1991a, p. 739, nº 2.2.5.20).

1191 (E.g. Sanchez, 1992ª, p. 733; Blázquez, 1975ª, p. 180, 9, fig. 101, 9, lâm. XXXII, 12).

1192 (Trías, 1967-1968, p. 214, lâm. 123, 8-9; Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 304).

1193 (E.g. Picazo 1977, pp. 100, 102, n.º 293, lâm. XXVIII 2; Maluquer, Picazo & Martin, 1984, p. 42, pl. 40).

marcadores morfológicos e decorativos das produções do último quartel/finais do século V a.n.e. da Ágora de Atenas[1194], uma proposta de enquadramento cronológico corroborada nos exemplares MAR/113 e MAR/116, pela datação atribuída aos estratos onde estes vasos foram recolhidos. O fragmento MAR/119, por outro lado, associa-se estratigraficamente a produções áticas datadas da primeira metade do século IV a.n.e., sugerindo que taças desta variante foram importadas em momentos distintos. Não obstante o exemplar MAR/119 não permitir uma atribuição tipológica segura, a decoração presente no fragmento MAR/112 parece confirmar a importação destas taças no decorrer da primeira metade do século IV a.n.e., uma situação que não é novidade na Península Ibérica, registando-se a presença de taças da classe delicada em contextos datados deste período, por exemplo, em Zacatín[1195] e Lattes[1196].

O conjunto identificado na colina de Alcácer do Sal é formado de um fragmento de pé (SAL/123), moldurado e elevado, característico dos exemplares desta forma identificados na Ágora de Atenas[1197], datados entre finais do terceiro quartel do século V e o início do primeiro quartel da referida centúria. Além destes, registam-se quatro exemplares de parede (SAL/ 097, SAL/098, SAL/129ª e SAL/129B), podendo dois destes corresponder à mesma peça (SAL/129ª e SAL/129B). Apresentam todos ressaltos na face interna da parede, encontrando-se totalmente revestidos de verniz negro. O exemplar SAL/129ª conserva vestígios da decoração que apresentaria, identificando-se linhas incisas intercessionadas. Encontramos decoração similar no fragmento MAR/112, procedente de Castelo de Castro Marim, reportando-se ambos a produções do decorrer da primeira metade do século IV a.n.e. Por último, integramos no grupo das taças de Classe Delicada, o exemplar SAL/107. Apresenta bordo de perfil ligeiramente envasado, afasta-se dos exemplares de taça de bordo convexo e de bordo reto identificados neste local, e aproximando-se formalmente das taças da Classe Delicada. A ausência de outros marcadores tipológicos particulares desta forma (como o ressalto, decoração específica ou o formato do pé) coloca, no entanto, as necessárias reservas à classificação proposta.

A decoração apresentada pelos exemplares MAR/112 e SAL/129, pouco frequente na Península Ibérica, regista-se, em dois fragmentos recolhidos em Tossal de Sant Miquel – Lliria, em Valência, datados de 450-425 a.n.e.[1198], e no Cerro del Prado, em Cádis, com uma cronologia balizada entre 425-375 a.n.e.[1199].

CATÁLOGO

SAL/097. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta ressalto na face interna da parede. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante. Espessura máx. conservada: 0,25 cm. **Setor I. Inventário: 2095**.

SAL/098. Fragmento de pequena dimensão de parede, asa e arranque de fundo. Apresenta ressalto na face interna da parede. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante. **Setor I. Inventário: 2094**.

SAL/107. Fragmento de pequena dimensão de bordo e arranque de parede. Apresenta lábio ligeiramente revirado para o exterior. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. **Setor D. Inventário 2089**. Não ilustrado.

SAL/123. Fragmento de pé. Pé anelar, com canelura na face externa. Apresenta-se totalmente engobado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de pé: 7,4 cm. **Setor O. Inventário 2522**.

1194 (Sparkes & Talcott, 1970).

1195 (Adroher Auroux, Sanchéz Moreno & Torre Castellano, 2016). Paralelo primeiramente apresentado em (Arruda, Ferreira & Sousa, 2019).

1196 (Py, Adroher Auroux & Sanchez, 2001, pp. 361-3). Paralelo primeiramente apresentado em (Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso).

1197 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 98-105).

1198 (Bonet, 1995, pp. 220, 229).

1199 (Rouillard, 1991, p. 718).

SAL/129A. Fragmento de parede, arranque de asa e fundo. Apresenta ressalto na face interna, na transição da parede para o fundo. Na face interna do fundo conserva decoração composta de linhas incisas intercessionadas. Pasta de cor laranja clara, muito compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, espesso, aderente e muito brilhante. Diâmetro na face interna da parede (ressalto): 9,4 cm. **Setor B. Inventário: 2100**.

SAL/129B. Fragmento de parede e fundo. Apresenta ressalto na face interna da parede. Pasta de cor laranja clara, muito compacta e pouco depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante, com brilho metalizado. Diâmetro da parede interna (ressalto): 9,4 cm. **Setor B. Inventário: 2098.**

MAR/112. Fragmento de fundo, pé e arranque de parede. A face interior do fundo exibe decoração composta de círculos incisos a delimitar linhas parcialmente intercessionadas. A superfície externa do fundo apresenta decoração composta por círculos concêntricos de verniz negro. Pasta de cor bege, pouco compacta e muito depurada. Verniz negro, pouco brilhante e muito deteriorado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0584] 6252.**

MAR/113. Fragmento de fundo e arranque de parede. O fundo interno apresenta decoração composta de vestígios de palmeta e fiada de óvalos, delimitado por círculos concêntricos. O fundo externo exibe círculo em verniz negro. **C. mar. 2003 Setor 01 [0679] 2798.**

MAR/114. Três fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a bordo, parede e arranque de pé. A ligação do pé á parede é feita através de um ressalto pronunciado. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 20,5 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3960**; **C. mar. 2002 Setor 01 [0584] 7145**; **C. mar. 2002 Setor 01 [0453] 4938**.

MAR/115. Fragmento de pequena dimensão de bordo e parede. O bojo apresenta uma curvatura pronunciada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. Setor 01 [0052] 1325.**

MAR/116. Fragmento de arranque de parede, fundo e pé. Pé elevado, anelar e moldurado, apresentando a sua face interna convexa. A ligação do pé à parede é feita através de uma ranhura, seguida de uma garganta e um ressalto, este último deixado em reserva. O fundo interno é decorado com duas caneluras que delimitam dois círculos concêntricos de óvalos impressos. A superfície de apoio do pé é reservada. Fundo externo decorado com dois círculos concêntricos em reserva que alternam com círculo envernizado. Pasta de cor laranja e tonalidade acastanhada, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso, muito brilhante e acetinado. Diâmetro de pé: 7,2 mm. **C. mar. (5) 1987 Corte 3 Quadr. C 04 Nível 3 2784.** (Arruda 1997, pp. 123-124).

MAR/117. Fragmento de pé. Pé anelar e moldurado, com a face interna convexa. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0089] 8011.**

MAR/118 Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a pé e arranque de parede. Pé anelar, moldurado, com a face interna convexa. A ligação do pé à parede é feita através de uma garganta seguida de um ressalto. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, de brilho muito metalizado, com manchas ligeiramente mais baças. O verniz é espesso e aderente. **C. mar. Sn0003**.

MAR/119. Fragmento de pé e arranque de parede. Pé anelar e moldurado. A superfície de apoio do pé encontra-se reservada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e baço. **C.MAR. 1984 Corte 01 Quadr. E 02 Nível 07 2796** Bibliografia: Arruda 1997, p. 129, fig. 2:7, publicado como Kántharos.

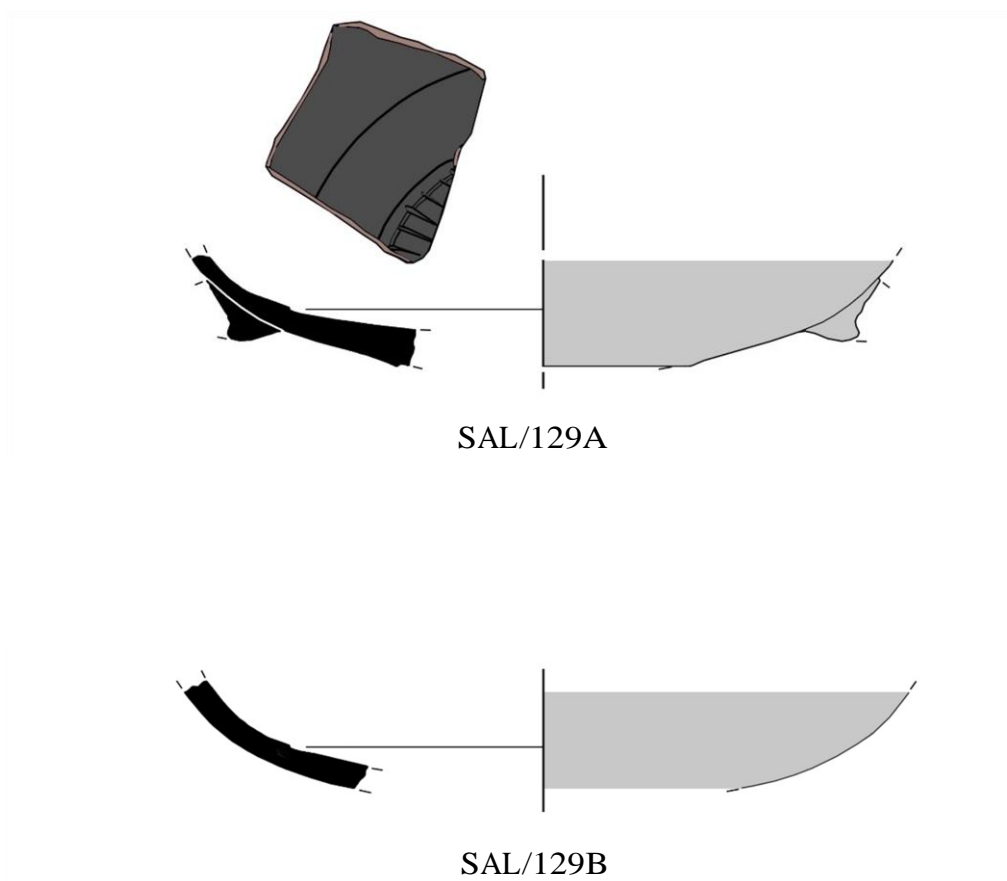
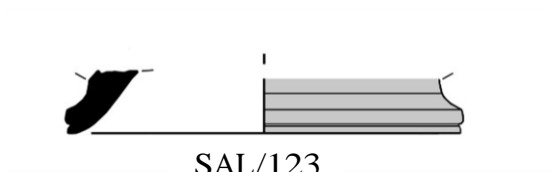
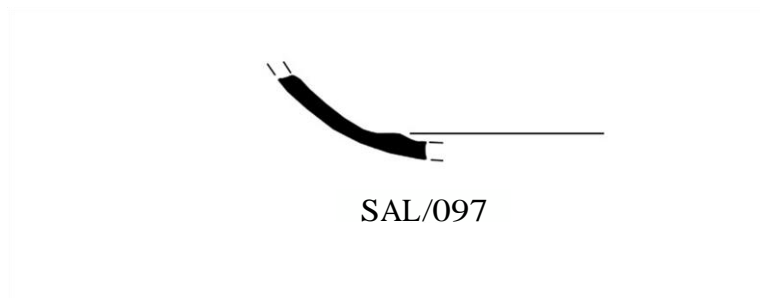
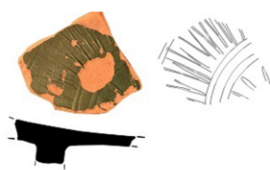
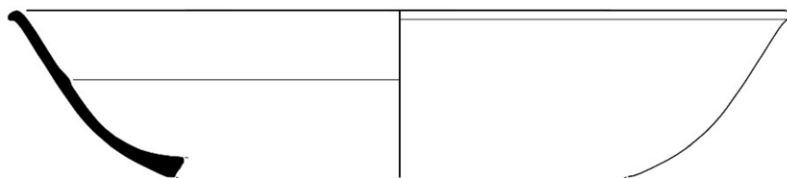
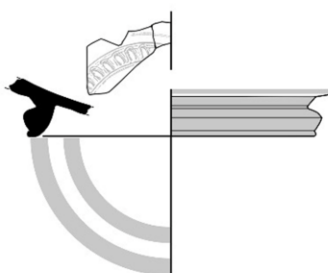
SAL/097

SAL/123

SAL/129A

SAL/129B

Escala 1:2

Estampa previamente publicada: Arruda, Ferreira & Sousa, 2022.

MAR/112

MAR/113

MAR/115

MAR/116

MAR/117

MAR/118

MAR/119

Escala 1:2

4.2.3. Taça de Bordo Reto

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Colina do Castelo de Alcácer do Sal, Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL** /	028, 099, 101, 103	**PT18-MAR**	**XX**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	120-124	**PT15-MAR**	**XX**
MÉRTOLA	**MER** /	053-054	**PT18-MAR**	**XX**
MESAS DO CASTELINHO	**CAS** /	002	**PT18-MAR**	**XX**

Variante das taças de pé baixo, correspondendo aos exemplares que registam uma curvatura contínua e ininterrupta entre o bordo e o corpo da peça. Tal como as taças de bordo convexo e da classe delicada, apresenta duas asas horizontais que arrancam do corpo e se projetam até ao bordo. O pé, anelar, apresenta numa fase inicial da sua produção as faces interna e externa simultaneamente convexas, adotando nos exemplares mais recentes um perfil convexo-côncavo[1200].

O estudo do conjunto de taças de bordo reto («plain rim cups») da Ágora de Atenas[1201] permitiu verificar que nesta variante, contrariamente à tendência verificada nos exemplares mais antigos das taças de bordo convexo, o painel entre as asas apresenta-se sempre totalmente revestido de verniz negro, sugerindo assim que as taças de bordo reto foram criadas num momento mais avançado da cronotipologia das produções análogas com ressaltos no corpo interno e externo. Distanciam-se igualmente das taças de bordo convexo por apresentarem frequentemente decoração impressa no fundo interno, à semelhança das taças da Classe Delicada.

Na fachada atlântica da Península Ibérica testemunha-se em Mesas do Castelinho (CAS/002 e CAS/009), através de dois exemplares, procedentes de níveis de revolvimento e deposição secundária. Apenas um dos fragmentos (CAS/002) corresponde de forma segura a esta variante. O segundo exemplar, de pequena dimensão, pertence a uma forma aberta, possivelmente uma taça da variante de bordo reto, considerando que não conserva os ressaltos típicos nas faces interna e externa do corpo das taças de bordo convexo e da Classe Delicada.

Em Castelo de Castro Marim registam-se cinco fragmentos desta forma, três dos quais recolhidos no mesmo contexto, sendo possível que pertençam ao mesmo vaso. Como mencionado no capítulo II, todos os testemunhos integram níveis conservados da Idade do Ferro, datados de finais do século V a.n.e., com exceção do fragmento MAR/120, recolhido num estrato da primeira metade do século IV a.n.e., posterior à chegada de taças de figuras vermelhas cuja decoração encontra paralelos nas obras do Grupo do Pintor de Viena 116. Poder-se-á tratar de um exemplar que regista um longo período de amortização, ou em alter- nativa, de uma presença residual, considerando que, na referida cronologia já não se verificava a produção de taças de bordo reto.

Encontramos dois novos testemunhos desta variante em Mértola (MER/053, MER/054). O primeiro corresponde a parte do bordo e arranque de parede, apresentando uma curvatura ininterrupta nas faces interna e externa. O segundo exemplar, pertence à base de uma destas peças, exibindo pé com perfil con- vexo em ambas a faces, característico das produções do último quartel do século V a.n.e.

Da colina de Alcácer do Sal são procedentes quatro fragmentos (4 NMI) pertencentes a taças de bordo reto, correspondendo a bordos (SAL/028, SAL/099, SAL/101 e SAL/103). Todos os exemplares possuem lábio de perfil oval, encontrando-se totalmente revestidos de verniz negro.

1200 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 102).

1201 (*Ibidem*).

SAL/028. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo de lábio ligeiramente esvasado. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires 100. Escavação superficial a 20/9/1996**. Bibliografia: Gomes, 2017. Não ilustrado.

SAL/099. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, arranque de asa e arranque de parede. Bordo reto, de perfil oval. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Espessura máx. conservada: 0,45 cm. **Setor D. Inventário: 2122**.

SAL/101. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo reto, de perfil oval. Pasta de cor laranja, compacta e pouco depurada. Verniz muito deteriorado, negro, pouco aderente, espesso e pouco brilhante. Diâmetro: 21 cm. **Setor J. Inventário: 2113**.

SAL/103. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo reto, de perfil oval, muito deteriorado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Não permite determinar diâmetro. **Setor C, J. Inventário 2519**.

MAR/120. Fragmento de bordo. Lábio reto, ligeiramente estreitado na face interna. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, dura, depurada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, brilhante, de boa qualidade. Diâmetro de abertura: 15 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0546] 6046.**

MAR/121. Fragmento de bordo. Lábio reto. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 17,9 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0602] 10158.**

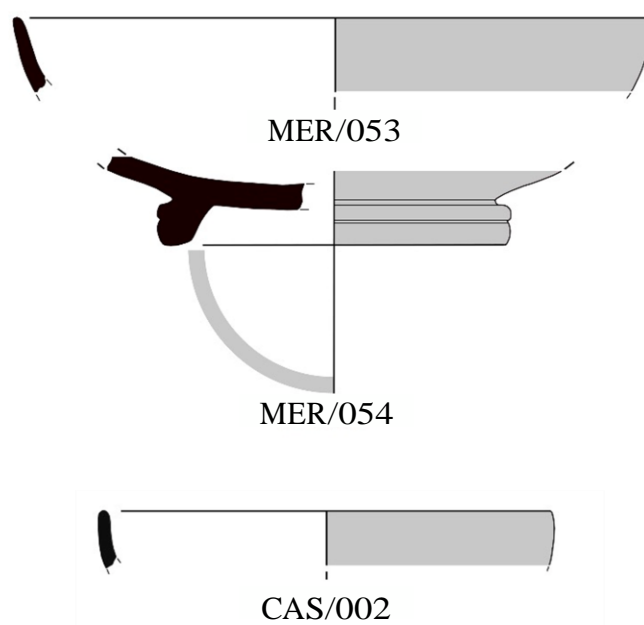
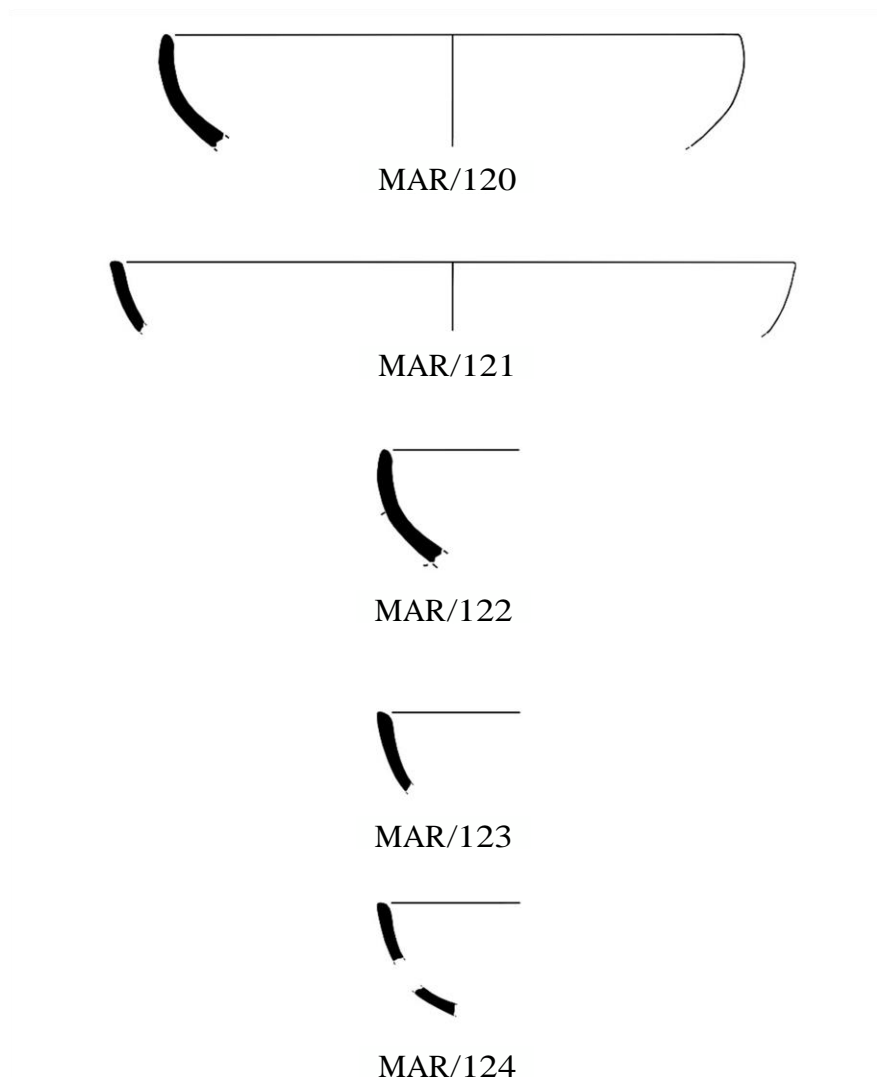
MAR/122. Fragmento de bordo. Lábio reto. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, brilhante, de boa qualidade. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0888.**

MAR/123. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, ligeiramente estreitado na face interna. É decorado na superfície interna por três pontos brancos, sobrepintados. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0889.**

MAR/124. Fragmento de bordo e parede. Lábio reto, estreitado. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor cinzenta, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, muito brilhante e de boa qualidade. Diâmetro de abertura: 24,8 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0887.**

MER/053. Fragmento de bordo. Pasta de cor rosa clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 16,8 cm. Mértola/ 1987/ 7E- Nível 1ª.

MER/054. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Exibe ressalto na superfície externa do fundo e na superfície interna do pé. Pé anelar, sendo as faces interna e externa do pé convexas. Exibe a face externa do fundo e a superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, pouco espesso e muito brilhante. Diâmetro da base: 8,0 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal (VII 4). Bibliografia:** Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 133, fig. 7 nº4.

CAS/002. Fragmento de bordo e parede. Bordo reto, de perfil oval. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada, sendo visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, espesso, mas muito deteriorado. **Mesas do Castelinho / Campanha 16 (2005) / Setor B3 / U.E. [290] / Ambiente Rua 1**

Escala 1:2

4.2.4. Taça de Pé Baixo

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Colina Do Castelo de Alcácer do Sal	**SAL** /	096, 102	**PT18-SAL**	**XXI**
CABEÇA DE VAIAMONTE	**VAI** /	001	**PT18-VAI**	**XXI**
CABEÇO REDONDO	**RED** /	001-002	**PT18-RED**	**XXI**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	125-140	**PT15-MAR**	**XXI**
CASTRO-VERDE Neves-Corvo	**COR/NI** /	027, 029-032, 036-039	**PT18-COR**	**XXI**
MÉRTOLA	**MER** /	055-063, 174	**PT18-MER**	**XXI**
MESAS DO CASTELINHO	**CAS** /	003	**PT18-CAS**	**XXI**

O grupo genérico das taças de pé baixo integra exemplares das variantes de bordo convexo, bordo reto e classe delicada, aplicando-se sempre que as especificidades formais das taças não permitam a determinação da variante tipológica a que pertenceriam. Aplica-se frequentemente aos fragmentos de bases (fundos e pés), em particular das taças de bordo convexo e bordo reto, considerando que estas apresentam, em determinados momentos da sua produção, marcadores tipológicos semelhantes. O seu enquadramento cronológico e a sua representatividade e distribuição geográfica na Península Ibérica acompanha, naturalmente, as tendências verificadas para as referidas variantes.

Na colina do Castelo de Alcácer do Sal registam-se dois exemplares de taças de pé baixo, apresentando pés anelares, moldurados, de perfil côncavo-convexo (SAL/096 e SAL/102). O fragmento SAL/096, muito deteriorado, não permite confirmar a existência de áreas em reserva. No caso do exemplar SAL/102, as faces interna e externa do pé encontram-se revestidas de verniz negro, estando a superfície de apoio em reserva.

Em Mértola recolheram-se 10 fragmento de taças de pé baixo de variante indeterminada (MER/055 a MER/063 e MER/168). Tal como ocorre em Alcácer do Sal, também neste arqueossítio, a generalidade dos exemplares apresenta a superfície de apoio em reserva e as faces interna e externa dos pés total ou parcialmente revestida de verniz negro. Foram ainda identificados em Castelo de Castro Marim, 16 fragmentos de fundos, asas e pés (7 NMI), para os quais não foi possível estabelecer uma correspondência com nenhuma das variantes de taças de pé baixo consideradas. Não obstante, a grande quantidade de testemunhos da forma «taça de bordo convexo» sugere que grande parte destes fragmentos poderá corresponder a esta forma específica de taça. Tal como mencionado no capítulo II, são procedentes de contextos arqueológicos datáveis de finais do século V a.n.e. (MAR/126, MAR/131, MAR/133, MAR/134, MAR/137, MAR/138 e MAR/ 139) e da primeira metade da centúria seguinte (MAR/127, MAR/128, MAR/129, MAR/136).

O conjunto de cerâmicas de produção ática do arqueossítio de Neves I, em Castro Verde, é composto de 76 fragmentos que correspondem a 24 indivíduos (NMI). Do conjunto, 64 fragmentos (17 NMI) correspondem a exemplares de taças de bordo convexo e 12 fragmentos (7 NMI) pertencem a bases, paredes e asas de taças de pé baixo, sendo admissível também nestes casos, a classificação como taças de bordo convexo, ainda que a referida atribuição não seja segura.

De Cabeço Redondo são procedentes dois fragmentos (1 NMI), correspondendo a um bordo e uma asa, classificados como «taça cástulo»[1202]. Considerando a possibilidade de observar os exemplares, a presente análise baseia-se nas ilustrações publicadas[1203], não sendo possível, a partir delas, certificar que se trata efetivamente desta variante de taça de pé baixo. O fragmento de bordo, fraturado imediatamente a seguir

1202 (Soares, 2001, p. 77).

1203 (Soares, 2012, Est. XLVIII).

ao lábio, não conserva o ressalto característico das taças de bordo convexo, ainda que se trate seguramente de um exemplar de taça. Foi por isso mesmo integrado na classificação genérica de taça de pé baixo.

Por último, foi identificado um exemplar de taça de variante indeterminada em Cabeço de Vaiamonte (VAI/001) e Mesas do Castelinho (CAS/003). O último, apresenta ambas as faces do pé revestidas de verniz negro e com perfil côncavo-convexo, indicando uma cronologia possivelmente em torno da primeira metade do século IV a.n.e.

CATÁLOGO

SAL/096. Fragmento de pé. Pé anelar, moldurado. Apresenta o pé revestido de verniz negro, com exceção de uma fina banda reservada na transição da face interna do pé para o fundo externo. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante (com brilho metalizado). Diâmetro de pé: 9 cm. **Setor I. Inventário: 2517**.

SAL/102. Fragmento de pé, fundo e arranque de parede. Pé anelar, moldurado. Apresenta a superfície de apoio em reserva. As faces interna e externa do pé encontram-se totalmente revestidas de verniz negro. Pasta de cor laranja, muito compacta e pouco depurada. Verniz negro, muito aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé: 9,7 cm. **Setor D. Inventário 1999**.

VAI/001. Fragmento de fundo. Pé anelar e baixo. No decorrer do estudo dos materiais gregos realizada no Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito da presente obra, não foi possível recuperar o paradeiro destes materiais. As informações apresentadas, baseiam-se assim, somente, nos dados disponibilizados pelas publicações que referem este pequeno conjunto de cerâmicas áticas. Bibliografia: Fabião, 1996, 1998; Arruda, 1997. Não ilustrado.

RED/001. Pequeno fragmento de bordo, fraturado imediatamente a seguir ao lábio. Lábio de perfil oval. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro: 20 cm; espessura máxima conservada: 0,4 cm. **Cabeço Redondo/ U.E. [1] / Nº 56**. Bibliografia: Soares, 2012. Não ilustrado.

RED/002. Fragmento de asa de possível taça. Desconhece-se a existência de áreas em reserva. Não foram publicados dados relativos às características da pasta e verniz. Espessura máxima conservada: 0,6 cm. **Cabeço Redondo/ U.E. [2] / Nº 26.** Bibliografia: Soares, 2012. Não ilustrado.

MAR/125. Fragmento de fundo, pé e parede. Pé anelar, moldurado. A superfície de apoio do pé encontra--se em reserva. Fundo externo decorado de círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor bege, dura, compacta e pouco depurada. São visíveis desengordurantes de pequeno calibre. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. O verniz apresenta-se muito deteriorado na superfície interior do fundo. Diâmetro de pé: 8,9 cm **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 6058.**

MAR/126. Fragmento de pé. Pé anelar com a face interna convexa. A superfície de apoio do pé encontra-se em reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,3 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0089] 7230.**

MAR/127. Fragmento de fundo, pé e parede. Pé anelar, moldurado. Apresenta a superfície de apoio em reserva. O fundo interno apresenta-se decorado com círculos em verniz negro e círculos em reserva, alternados. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8,6 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0380] 6026.**

MAR/128. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé anelar, moldurado. Encontra-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0578] 15594.**

MAR/129. Fragmento de pé. Pé anelar. A superfície de apoio do pé encontra-se em reserva. Pasta de cor laranja, depurada e compacta. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10,6 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0744] 11631.**

MAR/130. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar. O avançado estado de deterioração do verniz não permite confirmar se a superfície de apoio do pé se encontrava reservada. Fundo externo em reserva, decorado com círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé: 9,2 cm. **C. mar. 1983-1989 Recolha de Superfície 2794.**

MAR/131. Cinco fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a parede, fundo e pé. Fundo externo em reserva com círculo envernizado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. O verniz é de boa qualidade e apresenta incrustações na face interna do fundo. Diâmetro de pé: 8,4 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0878; C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 6093; 6098 C. mar. 2002 Setor 01 [0570] 6098**.

MAR/132. Fragmento de pé. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Diâmetro de pé: 14,2. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0581] 6072.**

MAR/133. Quatro fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parede, fundo e pé. Pé anelar, moldurado. Fundo externo decorado com círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso, muito brilhante e de muito boa qualidade. Diâmetro de pé: 8,4 cm. **C. mar. sn0008.**

MAR/134. Fragmento de parede, fundo e pé. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Não conserva verniz. Diâmetro de pé: 9,6 cm**. C. mar. 2002 Setor 01 [0089] 7434.**

MAR/135. Fragmento de parede e asa de taça. Asa de perfil oval. O Interior da asa apresenta-se reservado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, muito deteriorado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 6015.**

MAR/136. Fragmento de parede e asa de taça. O interior da asa apresenta-se reservado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0380] 6028.**

MAR/137. Fragmento de parede e asa de taça. O interior da asa apresenta-se reservado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e pouco espesso. **C. mar. 2003 Setor 01 [0734] 10100.**

MAR/138. Fragmento de fundo, pé e parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta superfície de apoio e face externa do pé em reserva. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 8,1 cm. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. D 04 Nível 01 2789**.

MAR/139. Fragmento de fundo, pé e arranque de parede. Pé anelar e moldurado. Apresenta a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de pé: 8,9 cm**. C. mar. 2003 Setor 01 [0766] 10074.**

MAR/140. Castelo de Castro Marim. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, praticamente inexistente. Diâmetro de pé: 6,6 cm. **C. mar. sn0010.**

COR/NI/027. Fragmento de asa. Asa de perfil oval. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Dimensões: 0,1X1,1 cm. Neves I/ Setor R. IX. / 2ª Camada/ Sep. 1/ Ficha 12 nº18. Não ilustrado.

COR/NI/029. Fragmento de pequena dimensão, muito rolado e deteriorado, correspondendo a parte de um pé. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjado, compacta e depurada. Apresenta a face externa do pé revestida de verniz negro. As restantes superfícies não conservam verniz. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10 cm. **Neves I/ Setor S. SW V/ 4ª Camada/ U.E. [99] / G.20/ Ficha 88 nº 32/ 22/09/1986**.

COR/NI/030. Três fragmentos com colagem entre si correspondendo a pé e arranque de fundo. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro, com exceção da superfície externa do fundo. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz vermelho, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10,2 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª Camada/ U.E [89].**

COR/NI/031. Fragmento de parede, de pequena dimensão, muito deteriorado. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Apenas a superfície interna conserva verniz. Verniz vermelho, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de bordo: 18 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª Camada/ U.E [89].** Não ilustrado.

COR/NI/032. Pé, fundo e arranque de parede. Faces interna e externa do pé totalmente revestidas de verniz negro. Superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, pouco aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10,2 cm. **Neves I/ Setor S. SW/ 3ª Camada/ U.E [89]**

COR/NI/036. Fragmento de asa. Asa de perfil oval. Apresenta verniz muito deteriorado, quase inexistente. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Dimensões: 1X1,2 cm. Neves I/ Setor R. IX. / 2ª Camada/ U.E. [78]. Não ilustrado.

COR/NI/037. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parte de um pé e arranque de fundo. Apresenta-se muito deteriorado e com fratura na superfície de apoio. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, pouco compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente e pouco espesso. Apresenta a face interna e externa do pé totalmente revestidos de verniz negro. Espessura máx. conservada: 0,35 cm; altura máx. conservada: 0,9 cm. **Neves I/ Setor S. SW / 2ª Camada/ U.E [446] / G.19/ Ficha 78 nº 13/ 19-09-1986**. Não ilustrado.

COR/NI/038. Fragmento de parede de forma indeterminada. Apenas a superfície interna conserva verniz. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente e pouco espesso. Espessura máx. conservada: 0,3 cm. **Neves I/ Setor S. SW / 2ª Camada/ U.E [446].** Não ilustrado.

COR/NI/039. Fragmento de parede de forma indeterminada. Apenas a superfície interna conserva verniz. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente e pouco espesso. Espessura máx. conservada: 0,31 cm. Neves I/ Setor S. SW / 4ª Camada/ U.E [100]. Não ilustrado.

MER/055. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé anelar, com canelura na face externa e ressalto na face interna. Exibe a face externa do fundo e a superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja claro e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro/ avermelhado, com manchas acastanhadas e acinzentadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 8,4 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.**

MER/056. Fragmento de pé. Pé com canelura na face externa. Exibe superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja acinzentado, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 8,9 **Mértola/ 1995/ 4C – Nível 1b**.

MER/057. Fragmento de pé e fundo. Não permite determinar se a superfície de apoio estaria em reserva. Fundo externo em reserva. Pasta de cor laranja, com minúsculas partículas de mica, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do Pé: 8,6 cm. **Mértola/ 1985/ 4F – Nível 1ª**

MER/058. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé anelar, com ressaltos na face externa do fundo e nas faces interna e externa do pé. Pé com face interna convexa e face externa tendencialmente côncava. Exibe a superfície de apoio em reserva. Apresenta banda em reserva, na face externa, na ligação do pé à parede. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, muito deteriorado, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 8,8 cm. **Mértola/ 1987/ HH27 – Nível 1ª.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 133, fig. 7 nº5.

MER/059. Fragmento de pé. Pé com repuxo na face externa. Exibe superfície de apoio em reserva. Apresenta banda em reserva na face externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro/ avermelhado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 9,0 cm. **Mértola/ 1992/ Quintal de A. J. Pereira** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 132, fig. 5, nº7).

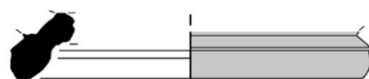
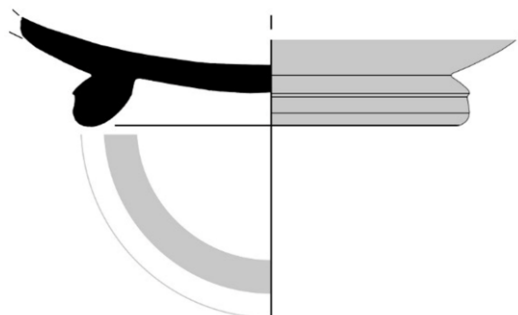
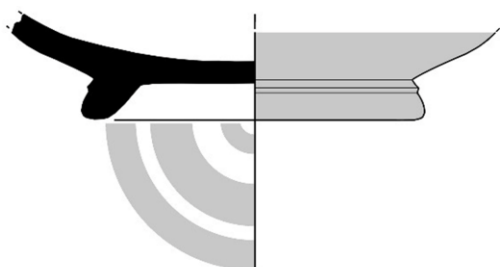
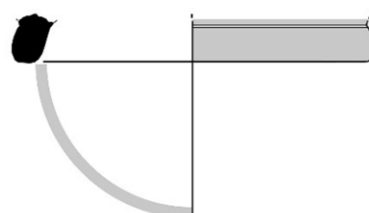
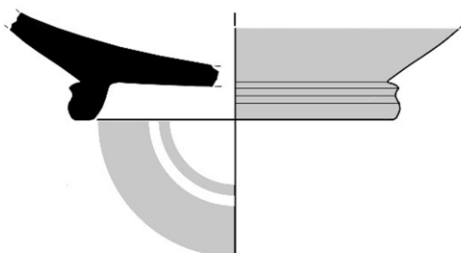
MER/060. Fragmento de pé e arranque de fundo. Exibe superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro do pé: 8,4 cm. Mértola/ 2003/ L. Igreja/ Vala 3/ U.E. [19].

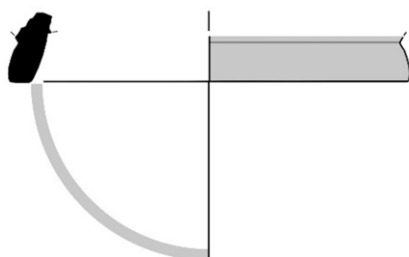
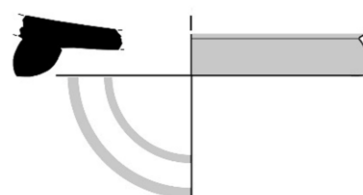
MER/061. Fragmento de pé e arranque de fundo. Pé anelar. Exibe duas caneluras na face externa e uma canelura na face interna. Não permite confirmar áreas em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 10,6 cm. **Mértola/ 1992/ 7M – Nível 1ª.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 133, Não ilustrado.

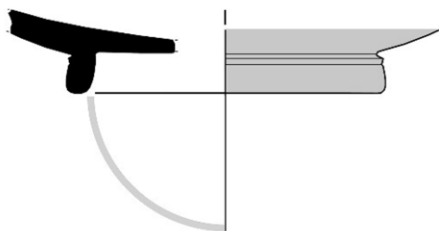
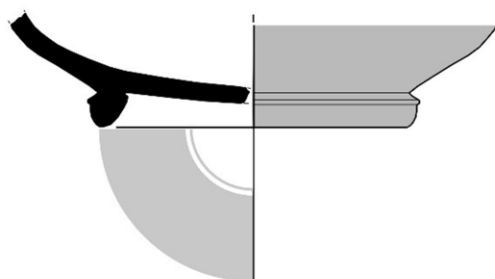
MER/062. Fragmento de pé. Pé com canelura na face externa. Apresenta a face externa do fundo e a superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz vermelho, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro do pé: 8,25 cm. **Mértola/ 1995/ 3L – Nível 1b.**

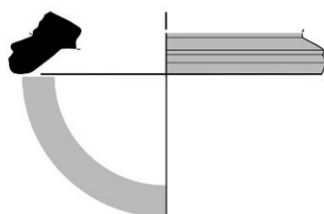
MER/063. Fragmento de pé e fundo. Pé anelar, com ressalto na superfície interna do pé, na ligação ao fundo externo. Pé com face interna convexa e face externa côncava. Apresenta a face externa do fundo e a superfície de apoio do pé em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 10,54 cm. Mértola/ 1995/ Casa Pardal.

MER/168. Fragmento de pé. Pé com repuxo/ canelura. Apresenta uma banda reservada no pé. Superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 2003/ Biblioteca Municipal/ HÁ/ Cont. 1**.

CAS/003. Fragmento de pé, arranque de fundo e parede. Pé anelar, moldurado. Exibe a superfície de apoio do pé em reserva. As faces interna e externa do pé encontram-se totalmente revestidas de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, com ligeiro brilho metalizado. **Mesas do Castelinho/ Campanha 6 (1994) / Setor A1/ U.E. [208] / nº 3922**. Bibliografia: Estrela, 2012, Est. V.

SAL/096

SAL/102

MAR/125

MAR/126

MAR/127

MAR/128

MAR/129

MAR/130

Escala 1:2

MAR/131 MAR/132

MAR/133 MAR/134

MAR/135 MAR/136 MAR/137

MAR/138

MAR/139

MAR/140

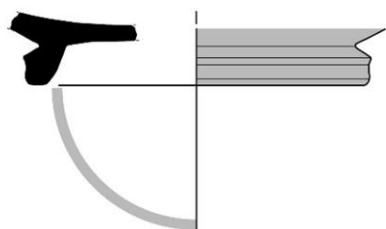
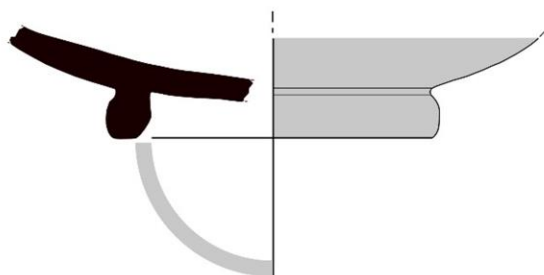
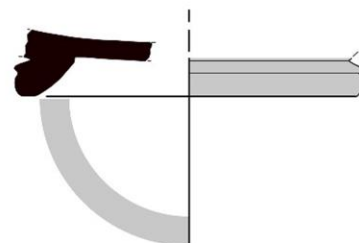
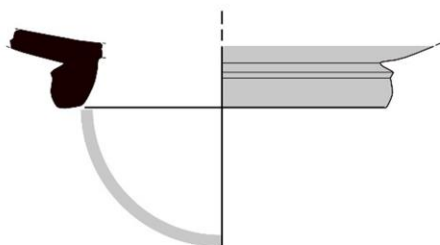
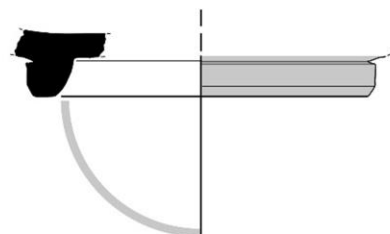
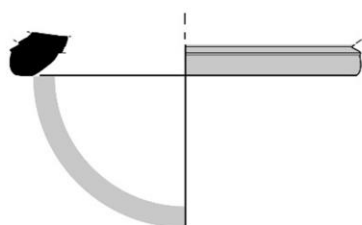
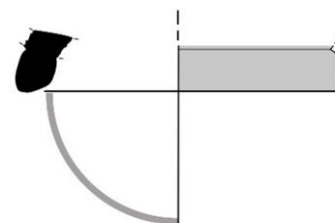
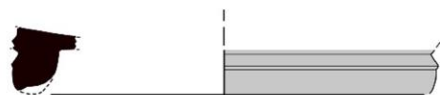
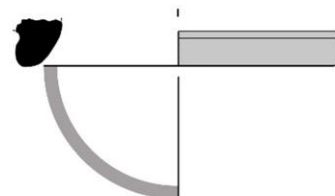
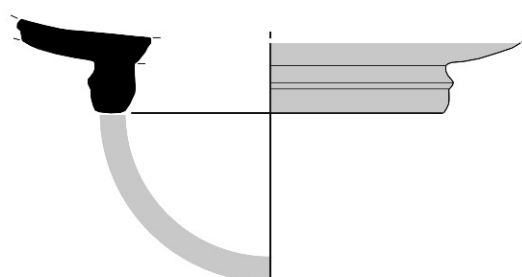
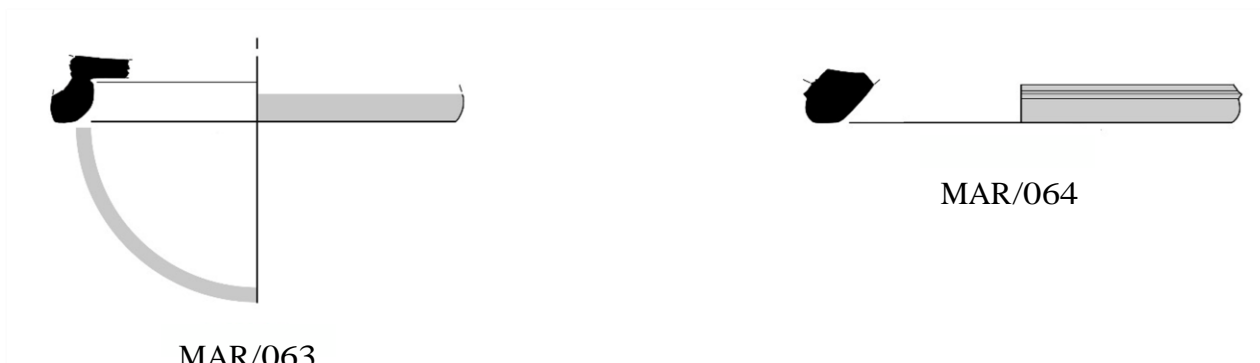
Escala 1:2

Escala 1:2

MAR/063

MAR/064

CAS/003

COR/NI/029

Escala 1:2

4.2.5. Bolsal

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Colina do Castelo de Alcácer do Sal	SAL /	029-031, 118-124	PT18-SAL	XXII
CABEÇO DA AZOUGADA	AZO /	033	PT18-AZO	XXII
CABEÇO GUIÃO	GUI /	001	PT18-GUI	XXII
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR /	141-145	PT15-MAR	XXII
CERRO DA ROCHA BRANCA	CRB /	006	PT15-MAR	-
LISBOA Colina de São Jorge	LIS/CSJ /	016	PT-LIS	XXII

Integram esta forma, as taças de configuração delicada e tamanho mais pequeno quando comparadas com a forma da taça de pé baixo. Caracterizam-se igualmente por apresentarem uma acentuada concavidade na ligação do pé à parede, na superfície exterior, podendo esta inflexão estar associada a uma banda ou sulco reservado. Quando inexistente, a referida concavidade dá lugar a uma mudança mais ou menos abrupta da direção da parede, que se torna tendencialmente vertical até ao bordo. Ainda que esta inflexão na curvatura se verifique, de forma mais pronunciada, numa fase mais tardia da produção destas peças, não pode ser tida como marcador cronológico uma vez que continuam a ser produzidas versões com curvaturas mais suaves. A parte superior da parede apresenta, no século V a.n.e., uma curvatura única, atingindo o seu diâmetro máximo no bordo, ou imediatamente abaixo dele. O bordo é reto e estreitado na face interna, podendo, no século IV a.n.e., apresentar lábio esvasado. Taças deste tipo exibem ainda duas asas horizontais que arrancam imediatamente abaixo do bordo, projetando-se para fora e ligeiramente para cima. Apresentam um pé elaborado, com ou sem canelura na superfície de apoio, adotando diferentes características ao longo da sua cronologia produção.

Surgem simultaneamente em verniz negro e figuras vermelhas exibindo frequentemente as primeiras uma decoração composta de padrões estampados simples. A forma começou a ser produzida no último quartel do século V a.n.e. destinando-se antes de 400 a.n.e. quase exclusivamente ao mercado interno[1204]. Após essa data e até pelo menos 350 a.n.e., o seu comércio expandiu-se, sem atingir, no entanto, grande popularidade.

Na fachada atlântica da Península Ibérica, os bolsais estão escassamente representados nos sítios arqueológicos que registam importações de cerâmicas gregas. Registam-se testemunhos no Algarve, em cinco exemplares procedentes de Castelo de Castro Marim[1205] e em um fragmento de Cerro da Rocha Branca[1206]. Além destes, contabilizam-se três exemplares procedentes da necrópole do Senhor dos Mártires[1207] e dois procedentes da colina do Castelo de Alcácer do Sal. Por último, regista-se um fragmento identificado em Cabeço Guião[1208], um exemplar recolhido no arqueossítio de Alto do Castelinho da Serra e um fragmento procedente de Lisboa[1209].

Em Castelo de Castro Marim foram identificados cinco fragmentos (5 NMI) pertencentes a esta forma (MAR/141 a MAR/145). A integração do exemplar MAR/145 nesta variante deve, no entanto, ser entendida

1204 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 107).
1205 (Arruda, 1997; Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso).
1206 (Gomes, Gomes & Beirão, 1986, p. 89).
1207 (Rouillard *et alii.*, 1988-1989).
1208 (Arruda *et alii.*, 2017).
1209 (Arruda & Sousa, 2019).

com profundas reservas que resultam do avançado estado de deterioração do fragmento de pé. Tal como mencionado no capítulo anterior, associam-se a contextos arqueológicos possivelmente datáveis de finais do século V a.n.e. (MAR/141) e à transição do século V para a centúria seguinte (MAR/145). O exemplar MAR/144 foi identificado em associação com cerâmica do tipo Kuass, num contexto necessariamente posterior a finais do século IV a.n.e.

Na colina do castelo de Alcácer do Sal foram igualmente recolhidos dois fragmentos de exemplares da forma bolsal (SAL/118, SAL/124). Apenas o primeiro exemplar exibe uma banda reservada na ligação da parede ao pé, na superfície externa da peça, estando o ressalto típico desta forma totalmente revestido de verniz negro no vaso SAL/124.

Em Cabeço Guião foi igualmente identificado um exemplar desta forma (GUI/001). As características morfológicas do fragmento, designadamente a curvatura única entre o bordo e a parede, permitem integrá-lo nas produções análogas identificados na Ágora de Atenas[1210], datadas do último quartel do século V a.n.e.

A forma é frequente na Península Ibérica, testemunhando-se entre outros locais, em Jaén (Toya, Peal de Becerro), em contextos que datam de 400-350 a.n.e.[1211]; em Galera (Cerro del Real, Granada)[1212] e Cástulo (Linares, Jaén)[1213]. No Levante espanhol regista datações mais recuadas verificadas, por exemplo, em Ampúrias (425-400 a.n.e.)[1214], Penya del Moro (450-375 a.n.e.)[1215], Castillejo de los Baños (450-395 a.n.e.)[1216] e Puntal dels Llops (425-400 a.n.e.)[1217].

CATÁLOGO

SAL/029. Perfil completo. Bordo reto, estreitado na face interna. Parede retilínea, com curvatura acentuada no arranque do fundo. Pé baixo, anelar, de perfil simples. Asas tendencialmente retilíneas, espessadas na ligação à parede. Na face externa do fundo apresenta círculos concêntricos reservados. Diâmetro de pé: 11 cm. **MNA 982.62.118, 119 e 140 (27.7015).** Rouillard et alii. 1988-1989, p. 75, nº 27, fig. 18.

SAL/030. Fragmento de parede de bolsal. **MNA 982.62.133 (27.7016).** Rouillard et alii. 1988-1989, p. 75, nº 19, não ilustrado.

SAL/031. Fragmento de corpo e pé. Diâmetro de base: 8 cm. Apresenta decoração composta de círculos incisos no interior do pé. Exibe decoração na face interna do fundo composta de cinco palmetas de nove pétalas e banda de estrias. **MNA 982.62.88, 90, 95 e 96 (27.7009).** Rouillard et alii. 1988-1989, p. 76, nº 29. Não ilustrado.

AZO/033. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Exibe decoração na face interna do fundo, composta de palmeta impressa. **Azougada/ nº 418**. Bibliografia: Soares, 2017, Fig. 17, nº 418. Não ilustrado.

1210 (Sparkes and Talcott, 1970, p. 107).

1211 (Sanchez 1992ª, pp. 631-634, fig. 102-103).

1212 (Sanchez, 1992a, p. 515, fig. 57).

1213 (E.g. Blázquez 1975b, p. 51, fig. 14; Sanchez, 1992ª, p. 697).

1214 Empúries - L'Escala - Girona (De Hoz Garcia-Bellido, 2014, p. 63).

1215 Penya del Moro - Sant Just Desvern - Barcelona (Barberà Farras & Mata, 1982-1983, p. 57, p. 58, lâm. 11).

1216 Castillejo de los Baños, Fortuna - Murcia (García Cano, 2003, p. 255, fig. 2-4).

1217 Puntal dels Llops, Olocau - València (Bonet & Mata, 2002, p. 147, fig. 44, 161).

GUI/001. Fragmento de bordo e parede. Bordo de perfil oval. Apresenta curvatura contínua entre o bordo e a parede. **Cabeço Guião/ 7166**. Bibliografia: Arruda *et alii*. 2017, fig. 8; Arruda & Sousa, 2019. Não ilustrado.

SAL/118. Fragmento de parede e arranque de fundo. Parede tendencialmente retilínea com curvatura pronunciada na ligação ao fundo. Na face externa exibe banda reservada na ligação da parede ao pé. Pasta de laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito brilhante. Diâmetro da parede interna: 12,4 cm. **Setor Depósito de água.**

SAL/124. Fragmento de parede e arranque de fundo e pé. Apresenta parede tendencialmente retilínea com curvatura pronunciada e ressalto na ligação da parede ao pé. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e pouco brilhante. **Setor O. Inventário 2512**.

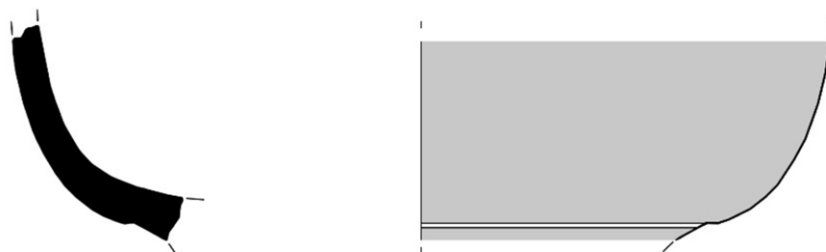
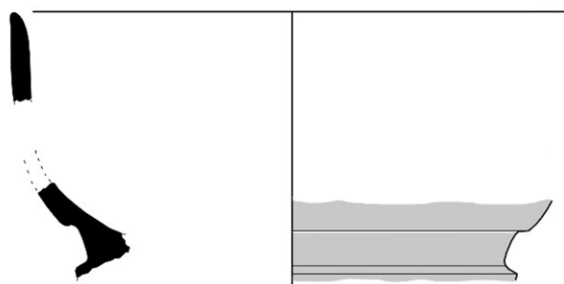
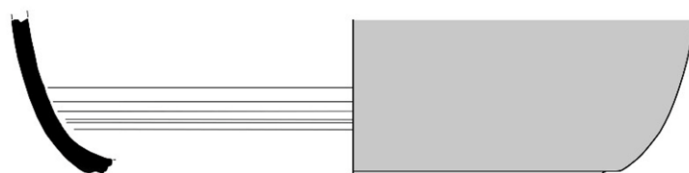
MAR/142. Fragmento de parede e arranque de pé. A ligação do pé á parede é feita, na superfície externa, através de um ressalto pronunciado. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, muito brilhante e de muito boa qualidade. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0360] 3966.**

MAR/143. Fragmento de parede e arranque de pé. A ligação do pé á parede é feita, na superfície externa, através de um ressalto pronunciado. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **C. Mar. 2000 Setor 01 [Sup.] 0014.**

MAR/144. Fragmento de parede e arranque de pé. A ligação do pé á parede é feita, na superfície externa, através de um ressalto pronunciado, antecedido por uma banda em reserva. Apresenta uma linha em reserva na superfície externa, na ligação do pé à parede. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0041] 1098.**

MAR/145. Fragmento de pé, fundo e arranque de parede. Pé baixo, de perfil arredondado, simples, e com ambas as faces convexas. A classificação como bolsal deve ser considerada com reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso e brilhante. O avançado estado de deterioração do verniz não permite confirmar se existem áreas em reserva. Diâmetro de fundo: 6,26 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0588] 6082.**

CRB/006. Fragmento de pé e arranque de parede. A classificação com bolsal deve ser considerada com reservas. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, deteriorado. **Cerro da Rocha Branca/sn**. Bibliografia: Gomes et alii, 1986, p. 89.

LIS/CSJ/016. Fragmento parede. Apresenta ressalto na superfície externa, na ligação entre o pé e a parede. Canelura reservada na superfície de apoio. Apresenta a face interna do pé em reserva. Fundo interno decorado com vestígios de banda de estrias. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190. Castelo de São Jorge, 4673.

Escala 1:2

4.2.6. Skyphos

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CABEÇO DA AZOUGADA	**AZO** /	031	**PT18-AZO**	XXIII
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR**	146-152	**PT15-MAR**	XXIII
CASTRO-VERDE Neves-Corvo	**COR/CI** /	034	**PT18-COR**	XXIII
MÉRTOLA	**MER** /	065-067	**PT18-MER**	XXIII
MESAS DO CASTELINHO	**CAS** /	004	**PT18-CAS**	XXIII
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV** /	006-008	**PT15-TAV**	XXIII

A forma tem origem em Corinto, verificando-se a sua exportação logo em inícios do século VIII a.n.e.[1218]. Após sensivelmente dois séculos, integra o reportório de vasos produzidos nas oficinas cerâmicas áticas, tornando-se uma das formas mais comuns de vasos usados para beber. Reproduz, nas olarias de Atenas, distintos formatos que configuram duas principais variantes desta forma. Uma delas, designada de skýphos do tipo Coríntio[1219] ou *kotyle*[1220], apresenta uma configuração marcadamente inspirada na sua antecessora de Corinto, adotando o característico corpo ovoide. A segunda variante, apelidada de skýphos ático de tipo A[1221], espelha um momento inicial da investigação desta forma que se baseou no pressuposto de que a produção ática de skýphoi não incluía a variante de perfil ovoide Coríntia, integrando exclusivamente taças que registam uma dupla curvatura do corpo.

O estudo dos exemplares de skýphoi recolhidos na Ágora de Atenas permitiram conhecer aprofundadamente a evolução morfológica destes vasos, constatando-se que, até aos finais do século V a.n.e, as taças deste tipo apresentam um perfil de curvatura contínua entre o bordo e o fundo, formando assim um vaso com corpo de formato ovoide[1222]. A partir do início do IV a.n.e, o bordo torna-se progressivamente mais esvasado, dando lugar a vasos com uma dupla curvatura das paredes[1223]. Também as opções decorativas adotadas nos fundos das taças registam alterações, verificando-se a preferência por fundos externos cobertos de verniz negro nos exemplares mais antigos, sendo habitual nas produções de finais século V e IV a.n.e. a opção pelo fundo reservado, complementado de círculos concêntricos em verniz negro.

A forma é relativamente abundante na Península Ibérica, identificando-se exemplares revestidos com verniz negro em contextos datados entre os finais do século V a.n.e. e a primeira metade da centúria seguinte[1224]. Na fachada atlântica da Península Ibérica encontramos testemunhos exclusivamente nos arqueossítios algarvios de Castelo de Castro Marim e Tavira[1225] e no Alentejo, onde regista uma maior dispersão geográfica, observando-se em Mesas do Castelinho[1226], Castro Verde, no Cabeço da Azougada[1227], na colina do Castelo de Alcácer do Sal[1228] e em Mértola[1229].

1218 (Vallet & Villard, 1964, pp. 15-17, fig. 7).
1219 (Sparkes & Talcott, 1970, 81-87).
1220 (Williams, 1972, p. 157).
1221 (Sparkes & Talcott, op. cit., p. 84-85).
1222 (*Ibidem*).
1223 (*Ibidem*).
1224 (Trías, 1967-1968; Rouillard, 1991).
1225 (Barros, 2005).
1226 (Estrela, 2012).
1227 (Soares, 2017).
1228 (Silva *et alii.*, 1980-1981).
1229 (Arruda, Barros & Lopes, 1998).

Em Castelo de Castro Marim, onde é mais abundante, testemunha-se através de sete fragmentos (7 NMI). Formam parte deste conjunto, dois bordos (MAR/ 146 e MAR/147) e cinco fragmentos correspondendo à parte inferior destas taças (MAR/148 a MAR/152). Ainda que o número de exemplares seja escasso, os skýphoi de Castelo de Castro Marim confirmam uma vez mais a chegada de vasos produzidos em distintas cronologias, integrando as duas variantes conhecidas para esta tipologia. O fragmento MAR/146 apresenta bordo tendencialmente reto, formando juntamente com a parede, uma curvatura continua e ininterrupta, característica das produções do século V a.n.e. Já o exemplar MAR/147, de bordo esvasado, formaria parte de uma peça produzida no século IV a.n.e., apresentando uma dupla curvatura do corpo da taça. A referida associação cronológica é corroborada pelos contextos de proveniência destes exemplares. Tal como mencionado no capítulo II, o skýphos MAR/146 foi identificado em associação estratigráfica com um fragmento de taça de bordo convexo (MAR/086), num contexto datado de finais do século V a.n.e. O exemplar MAR/147, apresentando uma configuração concordante com as produções do século IV a.n.e., foi recolhido em um contexto do mesmo período, associando-se a uma taça da Classe Delicada (MAR/119) e a uma tigela de bordo esvasado (MAR/164). Dos restantes exemplares, apenas três (MAR/149, MAR/150 e MAR/151) são procedentes de níveis conservados da Idade do Ferro, associando-se os dois primeiros a estratos datados de finais do século V a.n.e., e sendo o último procedente de um nível estratigráfico onde se recolheram exemplares cerâmicos de tipo Kuass, sugerindo que o mesmo se formou em data posterior ao último quartel do século IV a.n.e.

De Tavira são procedentes três fragmentos desta forma (TAV/006-TAV/008), correspondendo a dois fragmentos de bordo (TAV/007 e TAV/008) e um fragmento de base (TAV/006). Não tendo sido possível aceder aos fragmentos, as considerações que apresentamos resultam exclusivamente da análise dos desenhos das peças publicados[1230]. O fragmento de base não oferece dúvida quanto à sua classificação com skyphos, aparentando ter a face externa do fundo em reserva, tal como é habitual nas produções do século IV a.n.e. Os fragmentos de bordos publicados suscitam, no entanto, algumas reservas sobre a sua integração na forma skyphos, particularmente o exemplar TAV/007 que regista uma grande espessura do bordo, pouco habitual nesta forma. O bordo de perfil reto corresponde às produções de skyphos da segunda metade do século V a.n.e. Já o exemplar TAV/008 aparenta pertencer a um skyphos com perfil de dupla curvatura, característico do século IV a.n.e., estando, no entanto, o desenho da peça possivelmente mal orientado.

Em Mértola foram igualmente identificados três exemplares desta forma, correspondendo a dois fragmentos de bordos (MER/065 e MER/066), ambos de perfil esvasado concordante com as produções do século IV a.n.e., e um fragmento de base (MER/067). Este último apresenta o fundo externo reservado, confirmando o supracitado enquadramento cronológico. A forma skyphos integra igualmente o conjunto de exemplares de verniz negro do castro de Cabeço da Azougada. O exemplar identificado conserva o bordo, o arranque da parede e arranque de uma das asas, apresentando uma curvatura contínua no perfil, característica dos exemplares mais antigos desta forma.

De Mesas do Castelinhos é procedente um fragmento classificado, com reservas, como pertencentes a esta forma (CAS/004). Foi sugerida a sua classificação como taça «cástulo»[1231], verificando-se, contudo, maiores semelhanças formais com a forma skyphos. Apresenta fundo reservado com círculos concêntricos negro em área próxima do centro do fundo, um esquema decorativo concordante com as produções do século IV a.n.e. Um segundo exemplar igualmente procedente deste arqueossítio (CAS/005) e correspondendo a uma asa, apresenta uma espessura, orientação e perfil igualmente concordantes com as asas dos skýphoi, ainda que a pequena dimensão do fragmento coloque necessárias reservas à classificação tipológica sugerida, sendo por isso classificado como asa de forma indeterminada.

Por último, do conjunto de vasos gregos de Castro Verde, de grande homogeneidade tipológica, distingue-se um fragmento de pé e arranque de fundo, cujas características, designadamente o diâmetro e perfil do pé, se afastam dos protótipos conhecidos para as taças de bordo esvasado. Apresenta similitudes com as bases dos skýphos, ainda que o avançado estado de deterioração do exemplar, suavizando possíveis molduras presentes na face externa do pé, imponha as necessárias reservas à classificação proposta.

1230 (Barros, 2005, fig. 10).

1231 (Estrela, 2010, p. 34)

AZO/031. Fragmento de bordo, arranque de parede e arranque de asa. Apresenta curvatura contínua entre o bordo e a parede. Totalmente revestido de verniz negro. **Azougada/ nº421**. Bibliografia: Soares, 2017, Fig. 17, nº 421. Desenho AZO/031 da autoria de Soares, 2017 – adaptado.

MAR/146. Fragmento de bordo. Bordo reto. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, muito espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 16,4 cm. **C. mar. 1984. Corte 01 Quadr. E 02 Nível 07 2799.**

MAR/147. Fragmento de bordo com zona de arranque de asa imediatamente abaixo do lábio. Bordo de lábio esvasado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e baço. **C. mar. 1988 Corte 01 Quadr. E 10 Nível 5 2798.** Bibliografia: Arruda 1997, p. 130 fig. 2:9.

MAR/148. Fragmento de parede, fundo e pé. Pasta de cor cinzenta e tonalidade esverdeada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e baço. Diâmetro do pé: 6 cm. **C. mar. 1988 Corte 03 Quadr. E05 Nível 01 2800.**

MAR/149. Fragmento de parede, fundo e pé. A superfície de apoio do pé foi deixada em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade rosa, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante, de boa qualidade. Diâmetro do pé: 6,8 cm. **C. mar. 2004 Setor 01 [0766] 10099.**

MAR/150. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé de perfil arredondado. A superfície de apoio do pé aparenta estar em reserva, ainda que o estado de deterioração do verniz não o permita confirmar. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas de brilho metalizado na superfície externa. Verniz aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro do pé: 9,4 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0658] 10122.**

MAR/151. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé de perfil arredondado. A ligação do pé à parede é feita através de uma canelura em reserva. A superfície de apoio e o fundo externo apresentam-se em reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro do pé: 5,8 cm. **C. mar. 1983 Corte 1 Quadr. E 03 Nível 04 2801.**

MAR/152. Fragmento de fundo e pé. Muito fraturado e deteriorado. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Limp. 6031.**

COR/CI/034. Fragmento de pé e fundo. Pé anelar, simples. A superfície de apoio aparenta estar reservada. A superfície externa do pé está apenas parcialmente em reserva. Fundo externo apresenta revestimento de verniz negro. O fundo interno não conserva verniz. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, deteriorado. **Corvo I/ Fosso Exterior/ Camada 4/ Quadrículas P38-P40, Q38-40, R38-40, S38-40, T38-40/ Ficha 144 nº5.**

MER/065. Fragmento de bordo e parede. Apresenta verniz muito deteriorado na face externa. Pasta de cor bege e tonalidade clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e muito deteriorado. Diâmetro de bordo: 13,12 cm. **Mértola/ 1995/ R.S.**

MER/066. Fragmento de parede, arranque de bordo e arranque de asa. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso, muito brilhante, de grande qualidade. Diâmetro: 15 cm. **Mértola/ 1989/ 6C2 ou 602.**

MER/067. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé de perfil arredondado. Exibe a superfície de apoio em reserva. Fundo externo reservado. Pasta de cor rosa e tonalidade alaranjada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1984/ 6ª/ 3** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 140, fig. VIII nº5.

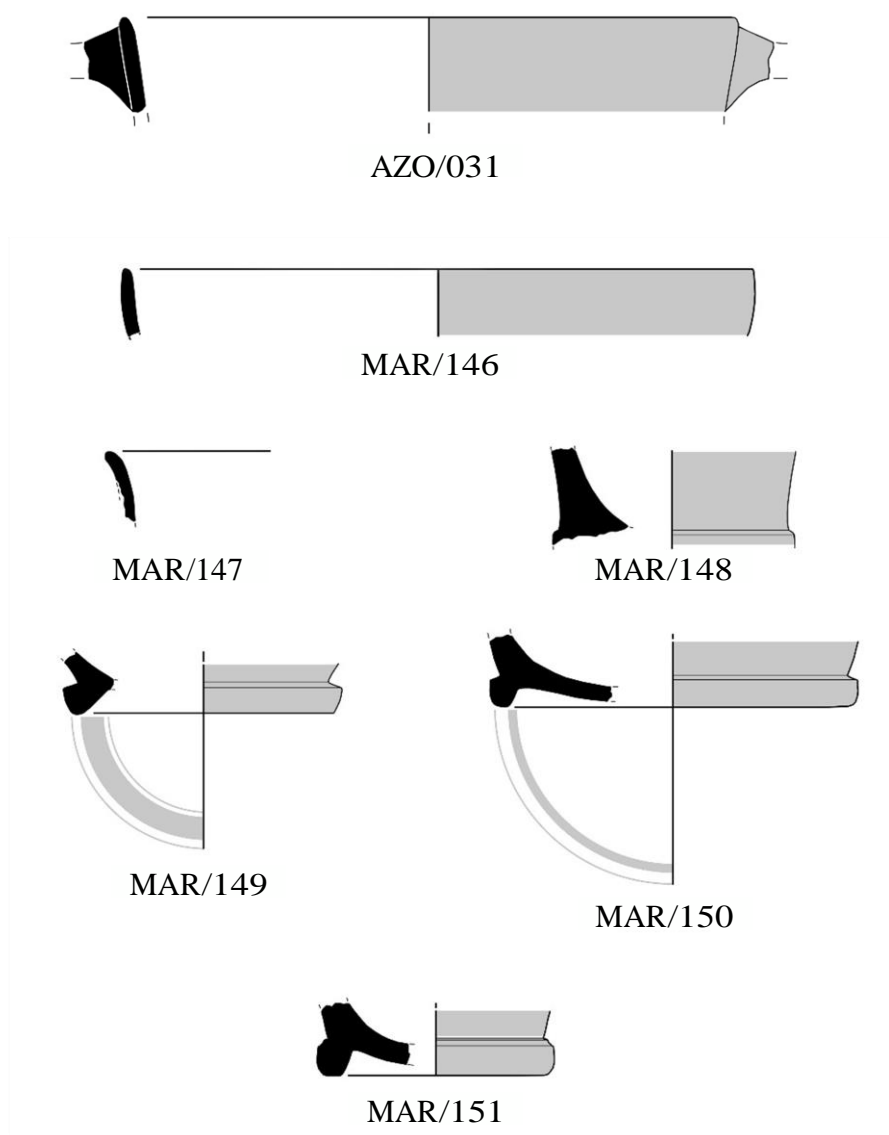
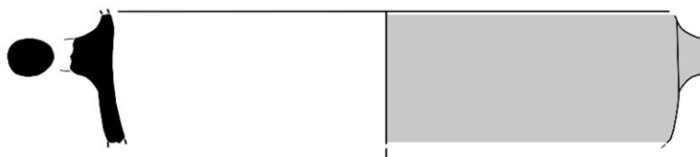
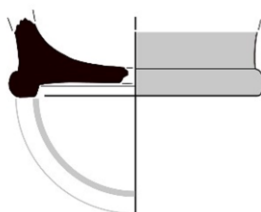
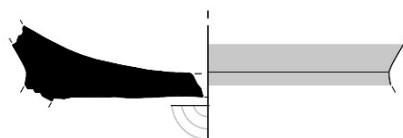
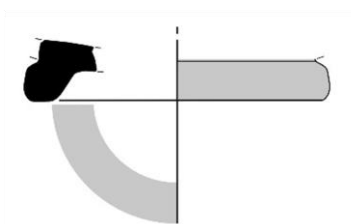
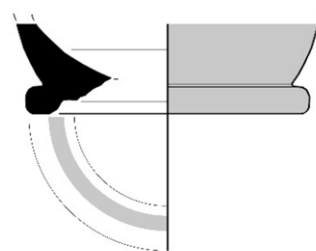
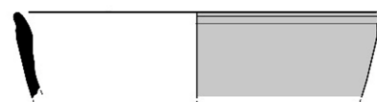
CAS/004. Fragmento de fundo, arranque de pé e arranque de parede. Possível fundo de skýphos. Face externa do fundo em reserva com finos círculos concêntricos de verniz negro, próximos da zona central. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso, muito brilhante. Exibe brilho ligeiramente metalizado. Regista abundantes incrustações, sobretudo nas zonas de fractura. **Mesas do Castelinho / Campanha 13 (2001) / Setor B2/ U.E. [376] / Ambiente XV/ nº 3923.** Bibliografia: Estrela, 2012, est. V.

TAV/006. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé de perfil arredondado. A superfície de apoio do pé foi deixada em reserva, assim como a face externa do fundo. A face interna do pé apresenta-se coberta de verniz negro. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de pé: 7,2 cm. Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 10, nº 5. Desenho TAV/006 da autoria de Barros, 2005, modificado.

TAV/007. Fragmento de bordo, arranque de parede e arranque de asa. Bordo reto, de perfil oval. A superfície externa é visível a zona de fractura correspondente ao arranque da asa. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 12 cm. Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 10, nº 3. Não ilustrado.

TAV/008. Fragmento de bordo e parede. Bordo ligeiramente envasado, de perfil oval. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 9,6 cm. Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 10, nº 2. Não ilustrado.

Escala 1:2

Escala 1:2

4.2.7. Taça-Skyphos

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
MÉRTOLA	MER /	064	PT18-MER	XXIV

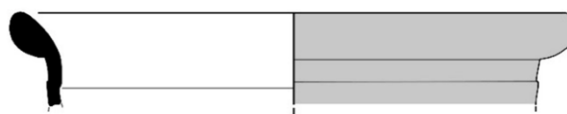
A forma regista um corpo semelhante às taças de pé baixo, no entanto, consideravelmente mais profundo. Apresenta igualmente duas asas que arrancam no início da parede e se projetam até ao nível do bordo ou para além deste. O pé é baixo, anelar e geralmente moldurado.

Até à presente data, regista-se um único fragmento pertencente a esta forma (MER/064). O exemplar é procedente de Mértola, conservando parte do bordo e do arranque da parede. Apresenta bordo espessado, com ressalto nas faces interna e externa, na ligação do bordo à parede. Apresenta afinidades com o conjunto de taças-skyphos do tipo «heavy hall» dos conjuntos da Ágora de Atenas[1232], correspondendo a uma produção de finais do século V/ primeira metade do século IV a.n.e., não ultrapassando 380 a.n.e., altura em que cessa o fabrico desta variante[1233].

Esta forma, e em particular a variante registada em Mértola, é muito abundante na Península Ibérica, registando-se em Castellones de Ceal[1234], Toya[1235], Cástulo[1236], Baza[1237] e Tossal del Moro[1238], mencionando apenas alguns exemplos onde se registam paralelos com grandes afinidades à taça-skyphos de Mértola.

CATÁLOGO

MER/064. Fragmento de bordo e parede. Bordo esvasado, revirado para fora. Apresenta ressalto na ligação do bordo à parede, na face externa, acompanhado na face interna de reentrância. Pasta de cor cinzenta e tonalidade bege, compacta e pouco depurada. Verniz negro, de grande qualidade, pouco aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro: 14,3 cm. **Mértola/ 4ª/CONT 150/82 (IX I).**

EST. XXIV. TAÇA-SKYPHOS

MER/064

Escala 1:2

1232 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 111).

1233 (*Ibidem*).

1234 (Sanchez, 1992ª, p. 547, fig. 68).

1235 (*Ibidem*, p. 629, fig. 102).

1236 (*Ibidem*, p. 735-736).

1237 (*Ibidem*, p. 424, fig. 17).

1238 (Trías, 1967-1968, p. 270).

4.2.8.Kántharos

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR /	153-155	PT15-MAR	XXV
MONTE MOLIÃO	MOL /	002	PT15-MOL	XXV

Com abundantes exemplares identificados na Península Ibérica, particularmente na região do Levante espanhol, a forma regista, no entanto, uma escassa representatividade nos conjuntos de cerâmica ática identificados na fachada atlântica da Península Ibérica. Encontramos testemunhos desta tipologia de vasos exclusivamente em Monte Molião, com um exemplar identificado[1239], e em Castelo de Castro Marim, com três fragmentos classificados com reservas que decorrem do seu avançado estado de fragmentação[1240]. Correspondem a dois bordos e dois fragmentos de base, um dos quais decorado na face interna do fundo com motivos estampilhados.

Os bordos, espessados e moldurados, registam perfil triangular/arredondado, semelhante aos vasos n[os] 707 e708 identificados na Ágora de Atenas, classificados como kántharoi da variante «molded rim»[1241]. O fragmento de pé identificado em Castelo de Castro Marim (MAR/155), alto, moldurado e arqueado, poderá igualmente corresponder à forma kántharos, designadamente à variante de taça-kántharos. A ausência da parte inferior do pé e da parte central do fundo, que nos kántharoi se caracteriza pela presença frequente de um mamilo central na face externa, coloca, no entanto, profundas reservas à classificação proposta. Conserva decoração composta de vestígios de duas palmetas com volutas e núcleo central. É igualmente visível parte de um possível caulículo que estabeleceria a ligação entre as várias palmetas a um possível núcleo central. Foi sugerida[1242] a sua correspondência ao «taller Sec 10» do naufrágio de El Sec[1243], com a qual concordamos. Regista características formais concordantes com as produções do segundo quartel do século IV a.n.e.[1244].

O fragmento procedente de Monte Molião regista semelhanças formais com exemplares da forma kántharos do tipo Lamboglia 40/ Morel 3521[1245], apresentando uma base alta, espessada na parte inferior, e dotada de molduras e de uma fina banda reservada visível na face externa. Encontramos abundantes testemunhos de vasos deste tipo na Península Ibérica, destacando-se pelas similitudes formais com o fragmento de Monte Molião, os conjuntos recolhidos em Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona)[1246], Pozo Moro (Chinchilla, Albacete)[1247], Cabecito del Tesoro (Verdolay, Murcia)[1248], El Cigarralejo (Mula, Murcia)[1249], entre outros. Conservando apenas parte do pé, tal como os demais exemplares desta forma identificados no atual território português, o fragmento de Monte Molião poderá corresponder a um vaso decorado com figuras vermelhas.

1239 (Arruda, *et alii*, 2011, p. 15-16).

1240 (Arruda, 1997, p. 128-129).

1241 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 117).

1242 (Arruda, 1997, p. 129).

1243 (Arribas *et alii.*, 1987).

1244 (Arruda, op. cit., p. 128-129).

1245 (Morel, 1981, p. 268 e 447).

1246 E.g. (Asensio, Cela & Ferrer, 1996, p. 165. fig. 3-1; Noguera, 1998, p. 110).

1247 E.g. (Alcala-Zamora, 2003, p. 106, fig. 29f, nº 13, fig. 22b, nº 7).

1248 E.g. (Garcia Cano, 1982, p. 69, 35, fig. 4-6).

1249 E.g. (Cuadrado, 1963, p. 159, fig. 20-80; Garcia Cano, 1982, p. 147, 234, fig. 20-1; Cuadrado, 1987, p. 152, fig. 50-16).

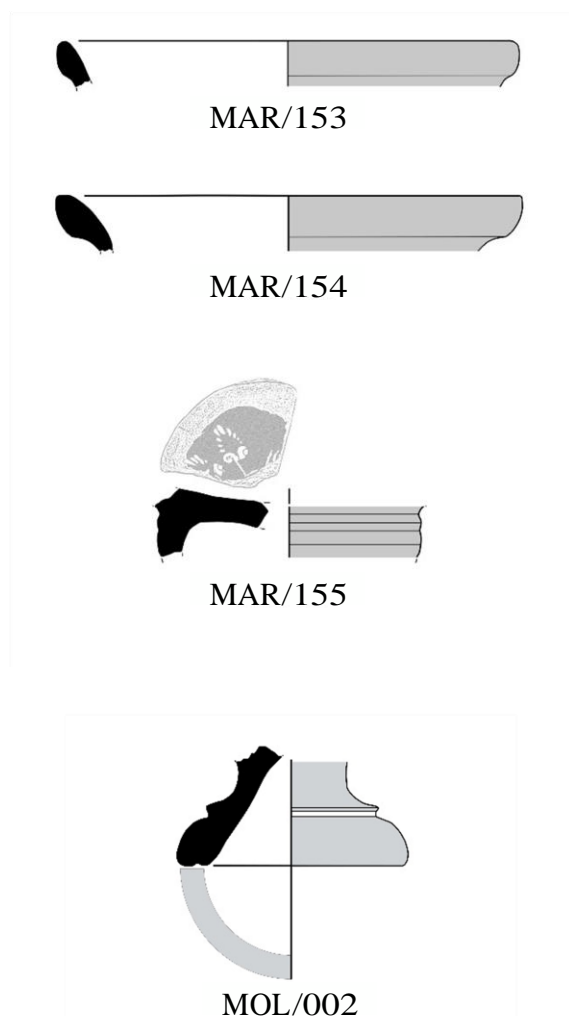
MAR/153. Fragmento de bordo. O lábio apresenta secção triangular, arredondada. Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 11,7 cm. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 05 Nível 01 2797. Bibliografia:** Arruda 1997, p. 129, fig. 2:8.

MAR/154. Fragmento de bordo. O lábio apresenta secção triangular, arredondado. Enquadra-se na forma Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 12,2 cm. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. D 05 Nível 01 1646**

MAR/155. Fragmento de fundo e pé. Pé moldurado e ligeiramente arqueado. O fundo interno apresenta-se decorado com vestígios de três palmetas de pétalas curtas e despegadas. As palmetas exibem volutas, estando ausente o núcleo central. Apresentam-se unidas por caulículos. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas de brilho metalizado. O verniz apresenta-se aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 1983-1989 Recolha de Superfície 2795. Bibliografia:** Arruda 1997, p. 129, fig. 2:6.

MOL/002. Fragmento de pé. Pé alto, moldurado. Apresenta canelura reservada na superfície de apoio. Na face externa do pé conserva uma fina banda reservada. A face interna encontra-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante. O verniz encontra-se bastante deteriorado na face externa, em zona próxima do fundo. **Monte Molião.** Bibliografia: Arruda, *et alii.*, 2011, p. 15-16.

EST. XXV. KÁNTHAROS

Escala 1:2

4.2.9. Pequeno Vaso de Forma Fechada-Caneca

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR /	156	PT15-MAR	XXVI

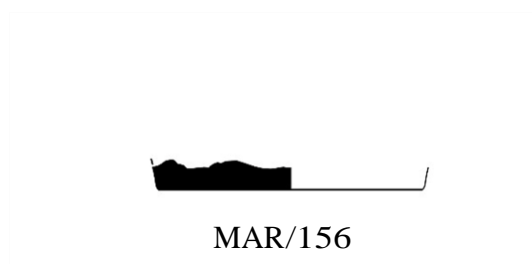
Integram este grupo os vasos de pequena dimensão, de forma fechada, corpo tendencialmente globular e fundo plano. Em território português, a forma regista-se em Castelo de Castro Marim, ainda que a referida atribuição tipológica deva ser entendida com reservas que decorrem da pequena dimensão do fragmento. Trata-se de um fundo, plano e reservado na superfície externa, apresentando a ligação à parede em ângulo tendencialmente reto, dando lugar a um corpo de configuração esférica. A superfície interna, com três toscas caneluras, encontra-se igualmente reservada. O exemplar encontra o seu melhor paralelo na forma «Mug» da Ágora de Atenas[1250], que traduzimos no presente estudo, como «caneca».

É o único exemplar desta forma identificado até à presente data na fachada atlântica da Península Ibérica. Registam-se pontuais testemunhos de pequenos vasos de forma fechada e fundo reto, utilizados, por exemplo, como mobiliário funerário na necrópole de Cabeço Lucero (Alicante), datado de 375-330 a.n.e.[1251], associados, entre outros materiais, a pequenos copos ibéricos contendo oferendas ao defunto. Também em Cerro Macareno (Sevilha) encontramos um exemplar de configuração similar, num contexto datado de 400-350 a.n.e., pertencendo a uma forma indeterminada de verniz negro[1252].

CATÁLOGO

MAR/156. Fragmento de fundo. A superfície de apoio apresenta-se reservada. Superfície externa totalmente envernizada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, quase inexistente. Diâmetro de fundo: 7 cm. **C. mar. 1984 Setor 01 [0062] 8759**

EST. XXVI. CANECA

MAR/156

Escala 1:2

1250 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 70; Pls. 11, 47, Fig. 3).

1251 (Aranegui *et alii*., 1993, p. 202, fig. 43.19).

1252 (Pellicer, Escanena & Bendala Galán, 1983, p. 36, 129. fig. 32, 458).

4.2.10. Tigela de Bordo Reentrante

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO		INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL**	/	035-036	**PT18-SAL**	**XXVII**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR**	/	157-158	**PT15-MAR**	**XXVII**
CASTELO DE MOURA	**MOU**	/	005	**PT18-MOU**	**XXVII**
ILHÉU DO ROSÁRIO	**IRO**	/	001	**PT15-ILH**	**XXVII**
MÉRTOLA	**MER**	/	069-075	**PT18-MER**	**XXVII**

A produção desta forma tem início na primeira metade do século IV a.n.e., ainda que se considere a possibilidade de derivar de uma outra, acaica e menos popular, criada no final do século V a.n.e.[1253]. A sua produção perdura até ao período helenístico, verificando-se, contudo, uma diminuição do número destas peças a partir da segunda metade do século IV a.n.e.[1254].

Apresenta corpo e pé baixos e um lábio voltado, de forma muito pronunciada, para dentro, característica que lhe dá o nome entre os investigadores anglo-saxónicos[1255]. Possui um pé alto, arqueado, espesso e robusto, frequentemente com canelura reservada na superfície de apoio. A ligação do pé à parede é feita através de uma reentrância, mais ou menos pronunciada, por vezes deixada em reserva.

À medida que avançado na cronologia de produção desta forma, as taças adquirem um aspeto tendencialmente mais delicado, com pés mais altos e esguios e corpo de curvatura menos pronunciada. Não obstante esta tendência, os exemplares de configuração mais robusta continuam, no entanto, a ser produzidos.

Apresentam usualmente decoração estampilhada na superfície interna do fundo, sendo particularmente comuns as composições de círculos de estrias a delimitar palmetas isoladas ou ligadas entre si através de caulículos. Os referidos motivos são geralmente complementados de um círculo central inciso. No final do século IV a.n.e., é frequente detetar-se padrões decorativos menos cuidados e com menor detalhe[1256].

Na Península Ibérica a forma é particularmente abundante no Levante Espanhol. Regista-se, por exemplo, em Ullastret[1257], Tossal de les Tenalles[1258] e Penya del Moro, sendo todos os exemplares datados da primeira metade do século IV a.n.e.[1259]. É particularmente abundante no arqueossítio de La Bastida de Mogente[1260]; na necrópole de El Cigarralejo[1261] e no naufrágio de El Sec, onde foram identificados quarenta e seis fragmentos desta forma[1262].

Em Portugal, registam-se exemplares de tigelas de bordo reentrante em Castelo de Castro Marim[1263], Castelo de Moura, Ilhéu do Rosário, Mértola e na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal[1264]. O conjunto que reúne um maior número de exemplares desta tipologia foi identificado em Mértola, onde foram recolhidos sete bordos de tigelas de bordo reentrante. Todos eles apresentam lábio

1253 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 131).
1254 (Cuadrado, 1963, p. 135).
1255 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 131).
1256 (Cuadrado, 1963, 135).
1257 (Picazo, 1977, pp. 114-115, fig 7).
1258 Em Sidamunt-Lérida. (Barberà Farras, 1964-1965, p. 142, fig. 1).
1259 (Barberà Farras et alii., 1979, pp. 1-8).
1260 Tendo sido identificadas vinte e quatro peças deste tipo, datadas de 340-350 a.n.e (Lamboglia, 1954, p. 34).
1261 (Cuadrado, 1963, pp. 97-164).
1262 (Cerdán, 1987, pp. 244-259).
1263 (Arruda, 1997).
1264 (Rouillard et alii., 1988-1989).

de perfil oval, assim como uma curvatura pronunciada do corpo e diâmetros de abertura grandes que oscilam entre os 16 e os 24 cm. Conservando apenas parte do bordo e o arranque da parede, não é possível deter- minar se toda a face externa do corpo destas peças estaria revestida de verniz negro ou se, em alternativa, apresentariam uma banda reservadas, tal como se verifica num dos dois exemplares identificados em Castelo de Castro Marim. Com bordo de perfil semelhante, distinguem-se das tigelas de Mértola apenas pela existência de áreas em reserva.

Os trabalhos arqueológicos conduzidos no arqueossítio de Ilhéu do Rosário igualmente identificar um único fragmento de cerâmica grega, de fabrico ático, totalmente revestido de verniz negro, correspondendo ao bocal de uma tigela de bordo reentrante. Regista um diâmetro de pequena dimensão que, no entanto, é significativamente maior do que os diâmetros da forma «tigela pequena de base ampla», de perfil semelhante. Tratar-se-á, portanto, de uma tigela de bordo reentrante de pequena dimensão.

Por último, em Castelo de Moura foram identificados dois fragmentos pertencentes possivelmente à mesma peça (MOU/005). Correspondem à parte superior e inferior da peça, estando ausente a parte central do corpo da tigela. Conserva vestígios da decoração estampilhada que apresentaria, sendo visível parte de um círculo de estrias.

Foi sugerida a possível associação de tigelas de bordo reentrante a exemplares de taças de figuras vermelhas pertencentes ao reportório do Pintor de Viena 116[1265], estando a referida associação presente, no território em estudo, em Castelo de Moura, Mértola, Castelo de Castro Marim e Alcácer do Sal. Exceção feita ao arqueossítio de Ilhéu do Rosário, onde foi identificado um único testemunho da importação de cerâmica grega. Não obstante, em nenhum dos casos está confirmada a associação estratigráfica destas produções. Incluindo-se nesta listagem três dos arqueossítios com o maior conjunto de testemunhos de cerâmica grega, entendemos que a mencionada associação, ainda que presente, não comprova cabalmente um abas- tecimento conjunto de taças de figuras vermelhas do Pintor de Viena 116 e de tigelas de bordo reentrante de verniz negro, verificando-se a mesma associação com tigelas de bordo esvasado, por exemplo.

CATÁLOGO

SAL/035. Fragmento de bordo e parede. Bordo reentrante. Apresenta curvatura pronunciada da parede. **MNA 982.62.125 (27.7006)**. Bibliografia: Rouillard *et alii*., 1988-1989, p. 76, nº 33, fig. 23

SAL/036. Fragmento de parede de possível tigela de bordo reentrante. Apresenta curvatura pronunciada da parede. Bibliografia: Rouillard *et alii*., 1988-1989, p. 76, nº 33, fig. 23.

MAR/157. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio reentrante. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, de tonalidade esverdeada, aderente e espesso. O verniz apresenta manchas avermelhadas e acastanhadas. Diâmetro de abertura: 22,3 cm. **C. mar. 1985 Corte 01 Quadr. D 03 Nível 06 2809.**

MAR/158. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio reentrante. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espeço e baço. Diâmetro de abertura: 17,5 cm. **C. mar. 1983-1989 Recolha de Superfície 2802.**

MOU/005. Fragmento de bordo, parede, fundo e pé. Bordo de lábio reentrante e parede muito curvada. Possui decoração estampilhada na face interna, composta de um círculo de estrias. Apresenta um pé alto e arqueado, com canelura reservada na superfície de apoio. A ligação do pé à parede é feita através de uma reentrância pouco pronunciada, igualmente deixada em reserva. Bibliografia: Soares, 2017, Fig. 11, nº 5. Desenho MOU/005 da autoria de Soares, 2017 – adaptado.

IRO/001. Fragmento de lábio e parede. Lábio reentrante. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro de bordo:13,9 cm, altura conservada: 3 cm; espessura máxima conservada: 0,5 cm. **Museu Nacional de Arqueologia/ 2011.51.12.**

MER/069. Fragmento de parede e bordo. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, pouco compacta e

1265 (Arribas et alii., 1987; Adroher Auroux, Sanchéz Moreno & Torre Castellano, 2016; Rouillard, Torre Castellano & Sanchez Moreno, 2017).

bem depurada. Verniz negro, deteriorado, pouco aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de bordo: 16 cm. **Mértola/ 1995/4L – Nível 1ª.**

MER/070. Fragmento de parede e bordo. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 19,2 cm. Mértola/ 1995/ Casa Pardal/ CII/C1.

MER/071. Fragmento de parede e bordo. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 20,2 cm. **Mértola/ CL/02/G6/IV.**

MER/072. Fragmento de bordo. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de bordo: 24 cm. **Mértola/ S/N.**

MER/073. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo espessado e reentrante. Pasta de cor bege clara, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de bordo: 24 cm. **Mértola/ 1979/ A F – Nível 1ª**. **Bibliografia:** Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 137, fig. VII, nº 2.

MER/074. Fragmento de parede e bordo. Pasta de cor bege, alaranjada e acinzentada, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado na face exterior, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 24 cm. **Mértola/ 1997/4D – Nível 1C**.

MER/ 075. Fragmento de parede e bordo. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Não permite tirar diâmetro. Mértola/ 1982/ 6B/40/191.

Escala 1:2

MOU/005

MER/069

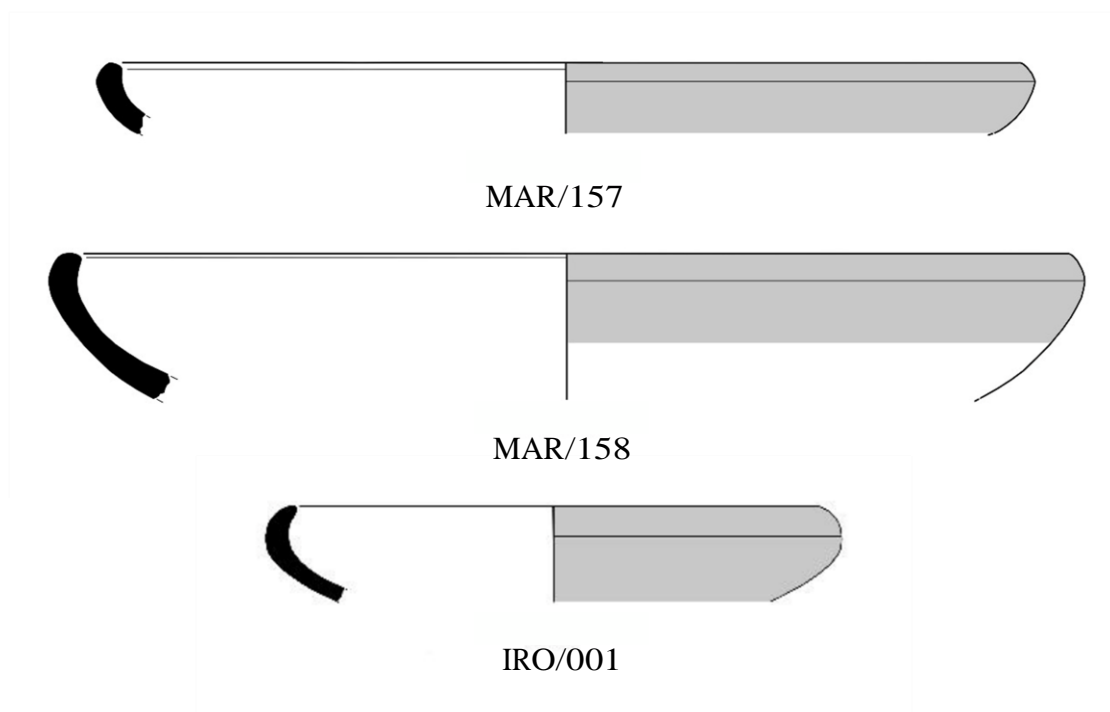
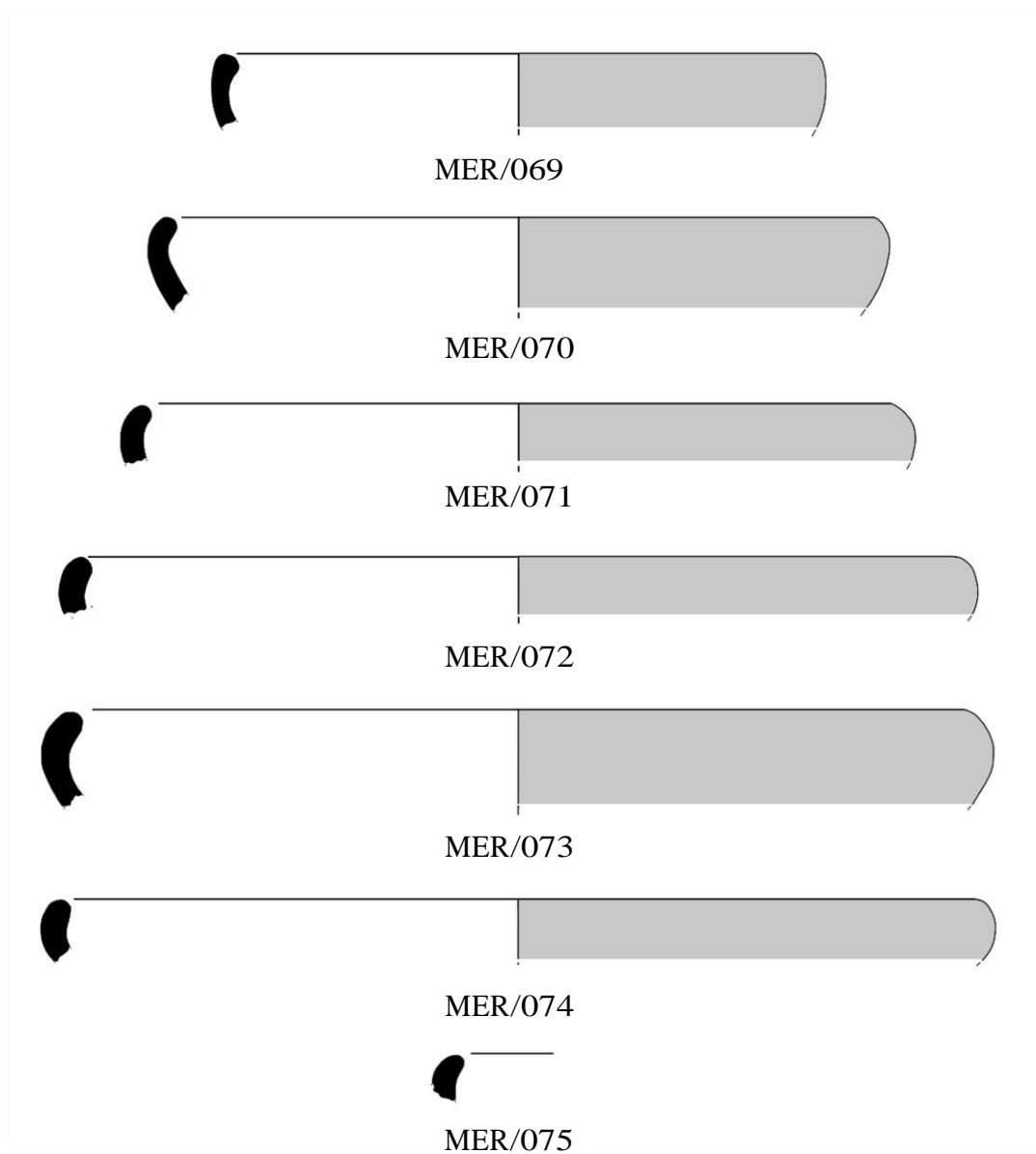
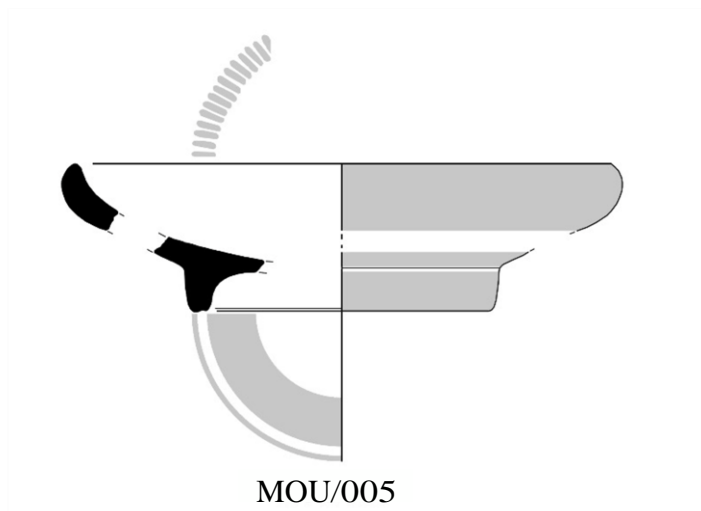
MER/070

MER/071

MER/072

MER/073

MER/074

MER/075

Escala 1:2

4.2.11. Tigela de Bordo Esvasado

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO		INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL**	/	032-034	**PT18-AZO**	**XXVIII**
CABEÇO DA AZOUGADA	**AZO**	/	032	**PT18-AZO**	**XXVIII**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR**	/	171-195	**PT15-MAR**	**XXVIII**
CASTELO DE MOURA	**MOU**	/	006	**PT18-MOU**	**XXVIII**
MÉRTOLA	**MER**	/	077-079	**PT18-MER**	**XXVIII**
QUINTA DA QUEIMADA	**QUE**	/	001-002	**PT15-QUE**	**XXVIII**

A produção de tigelas de bordo esvasado inicia-se a partir do último quartel do século V a.n.e., ainda que se registem modelos arcaicos desta forma em inícios da referida centúria. É particularmente popular no decurso do século IV a.n.e.[1266], perdurando, tal como as tigelas de bordo reentrante, até ao período helenístico. Resulta possivelmente de uma aproximação à forma dos pratos, podendo destinar-se ao consumo de alimentos sólidos por oposição a bebidas, tradicionalmente associadas às taças[1267].

Caracteriza-se pelo lábio ligeiramente engrossado e projetado para fora, e pela forma larga e rasa do seu corpo. No decorrer da evolução da forma, adota ligeiras variações no respeitante ao bordo, corpo e pé. Regra geral, o pé torna-se mais alto e arqueado e o fundo externo perde a decoração de círculos e ponto sob área reservada, para dar lugar a fundos totalmente engobados com mamilo central[1268]. Também a parede regista alterações, verificando-se um perfil de curvatura única nas primeiras peças desta forma, que depois derivam para uma parede com dupla curvatura, com um ângulo quase reto no ponto de junção de ambas.

A forma exibe frequentemente padrões decorativos no fundo interno, sendo particularmente comuns representações de palmetas isoladas ou ligadas entre si através de caulículos, dispostas em um ou dois círculos. Alguns exemplares apresentam igualmente bandas de óvalos a delimitar o conjunto decorativo verificando-se, a partir de 390/380 a.n.e., a substituição deste elemento por círculos de estrias.

As taças de bordo esvasado são presença frequente nos conjuntos de vasos gregos da Península Ibérica, geralmente associadas a exemplares de tigelas de bordo reentrante. No naufrágio da embarcação «El Sec», por exemplo, registam ambas as formas idênticas características no respeitante à qualidade e caraterísticas do seu verniz e dos mesmos motivos decorativos representados[1269].

Na fachada atlântica da península Ibérica a forma testemunha-se em nos arqueossítios algarvios de Castelo de Castro Marim[1270], Tavira[1271] e Quinta da Queimada[1272], integrando neste último local um contexto funerário. Regista igualmente abundantes testemunhos no Alentejo, designadamente na necrpole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal[1273], no castro de Cabeço da Azougada[1274], em

1266 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 131-132).
1267 (*Ibidem*).
1268 (*Ibidem*)
1269 Arribas *et alii*. 1987, p. 259.
1270 (Arruda, 1997).
1271 (Barros, 2003, 2005),
1272 (Barros, 2005; Calado & Gomes, 2006)
1273 (Rouillard *et alii*., 1988-1989).
1274 (Soares, 2017).

Castelo de Moura[1275] e Mértola. Nos dois primeiros arqueossítios estudados, associa-se a contextos de natureza funerária e votiva, respetivamente.

É particularmente abundante em Castelo de Castro Marim, onde se registam 12 exemplares desta forma (MAR/159 a MAR/170). Apresentam um bordo largo, de lábio esvasado, formando um rebordo saliente, registando paralelo mais próximo nas tigelas de bocal mais aberto, datadas a partir da segunda metade do século IV a.n.e., à semelhança das que se identificaram no arqueossítio da Cisterna de Deméter da Ágora de Atenas[1276]. Do conjunto, apenas o exemplar MAR/168 apresenta uma configuração ligeiramente distinta, exibindo um bordo mais espesso, de perfil mais arredondado quando comparados com os demais fragmentos. Os exemplares de Castelo de Castro Marim destacam-se igualmente pela particularidade de apresentarem uma banda em reserva, na superfície exterior, imediatamente a seguir ao lábio. Apenas quatro do conjunto de onze identificados, não exibe este elemento decorativo. Os fragmentos que conservam fundo, apresentam decoração na face interna do mesmo, composta de motivos estampilhados com paralelo nas oficinas/ «taller» 2, 5 e 8 do naufrágio de El Sec[1277].

Também a Mértola chegou exemplares de tigelas de bordo esvasado, tendo sido identificados três fragmentos pertencentes a esta forma (MER/077 a MER/079). Apresentam uma configuração que se aproximada formalmente das tigelas de bocal mais aberto, datadas a partir da segunda metade do século IV a.n.e. Conservando apenas a parte superior da parede, não é possível verificar a existência de bandas reservadas na face exterior do corpo destas peças.

Em Alcácer do Sal, designadamente na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, registam-se três exemplares (SAL/032 a SAL/034), correspondendo todos a fragmentos de bordo e parede, dois dos quais apresentando decoração incisa e estampilhada na face interna (SAL/032 – SAL/033).

Igualmente associados a um contexto funerário, registam-se dois exemplares desta tipologia na Quinta da Queimada. Apresentam ambos paredes tendencialmente retilíneas e um ângulo pronunciado na ligação da parede ao fundo da peça. Apresentam diâmetros muito distintos entre si, registando, no entanto, perfis de corpo e lábio semelhantes. A sua associação estratigráfica a vasos de tipo Kuass[1278] indica que foram utilizados em data posterior aos finais do século IV a.n.e.

O exemplar de Cabeço da Azougada (AZO/032) destaca-se dos demais por apresentar um diâmetro de abertura mais reduzido e lábio de perfil ligeiramente alongado. Por último, regista-se igualmente um exemplar desta forma em Castelo de Moura, conservando ainda parte da decoração do fundo interno, composta de uma banda de círculos de estrias.

CATÁLOGO

SAL/032. Fragmento de bordo, parede, fundo e arranque de pé. Bordo esvasado, ligeiramente espessado. Conserva decoração na face interna do fundo composta de três círculos de palmetas unidas por caulículos. Associados às palmetas, duas bandas de óvalos. No centro, círculo inciso. **MNA 11212, OSM 368 (27.283).** Rouillard et alii. 1988-1989, p. 76, nº 30, fig. 20, pl. XXX, 1.

SAL/033. Fragmento de bordo, parede, fundo e arranque de pé. Bordo esvasado, ligeiramente espessado. Conserva decoração na face interna do fundo composta de vestígios de dois círculos de palmetas unidas por caulículos, antecedidas de bandas de óvalos. **MNA 982.5.4, 6.4; 983.6.4 e 5 (27.7039).** Rouillard et alii. 1988-1989, p. 76, nº 31, fig. 21, pl. XXX, 2.

SAL/034. Pequeno fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo esvasado. **MNA 982.2.50 (27.7056), fig. 22**. Rouillard et alii. 1988-1989, p. 76, nº 32, fig. 22.

AZO/032. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo esvasado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. **Azougada/ nº 415**. Bibliografia: Soares, 2017, fig. 17, nº 415.

1275 (*Ibidem*).

1276 (Sparkes & Talcott, op. cit.; Hesperia, XXIII 1954).

1277 (Arribas *et alii*., 1987).

1278 (Sousa & Arruda 2010, p. 970).

MAR/159. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Apresenta uma banda em reserva na superfície exterior, imediatamente a seguir ao lábio. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas. Diâmetro de abertura: 24 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3964.**

MAR/160. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Exibe uma banda em reserva na superfície externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 24,4 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0426] 6049.**

MAR/161. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Exibe uma banda em reserva na face exterior. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e pouco espesso, particularmente na superfície externa. Diâmetro de abertura: 24,1 cm. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 04 Nível 03 2805.**

MAR/162. Fragmento de lábio e parede. Lábio arredondado e ESVASADO, formando um rebordo saliente. Apresenta-se totalmente engobado. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 30,42 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3959.**

MAR/163. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Exibe uma banda em reserva na superfície externa, com início no final do lábio. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 33,4 cm. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 04 Nível 03 2829.**

MAR/164. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Exibe uma canelura em reserva, imediatamente a seguir ao lábio. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. Corte 01 Quadr. E 02 Nível 07 2804.**

MAR/165. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Exibe uma banda em reserva, imediatamente a seguir ao lábio. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas na superfície interior e avermelhadas na exterior. Na face externa apresenta-se muito deteriorado e pouco espesso. **C. mar. 2002 [0520] 6062.**

MAR/166. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente, faturado. Apresenta-se totalmente engobado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso na superfície externa. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3957.**

MAR/167. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Apresenta-se totalmente engobado. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 14,5 cm. **C. mar. 1987 1557.**

MAR/168. Três fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente, rematado por uma canelura. A ligação do lábio à parede é feita com o recurso a uma segunda canelura, mais pronunciada. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Diâmetro de abertura: 19 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0584] 6102.**

MAR/169. Fragmento de bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Exibe uma banda em reserva na superfície externa, imediatamente a seguir ao lábio. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante, de boa qualidade. Diâmetro de abertura: 21,2 cm. **C. mar. 1984 Corte 01 Quadr. E 02 Nível 04 2803.**

MAR/170. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo e parede. Lábio arredondado e esvasado, formando um rebordo saliente. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante, de boa qualidade. Não ilustrado. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0028/0035] 0654.**

MOU/006. Fragmento de lábio e parede. Lábio esvasado, de secção semicircular. Exibe uma pequena banda em reserva, na ligação do pé ao corpo, na superfície externa. O fundo interno exibe vestígios de uma cartela circular incisa, com decoração composta de banda de estrias. Bibliografia: Soares, 2017, Fig. 11, nº 6.

MER/077. Fragmento de bordo e parede. Bordo com aba pendente. Exibe linha reservada na superfície externa, na ligação do bordo à parede. Pasta de cor laranja claro e tonalidade rosada, compacta e bem

depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, pouco espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 20,5 cm. **Mértola/1997/3B/1e.**

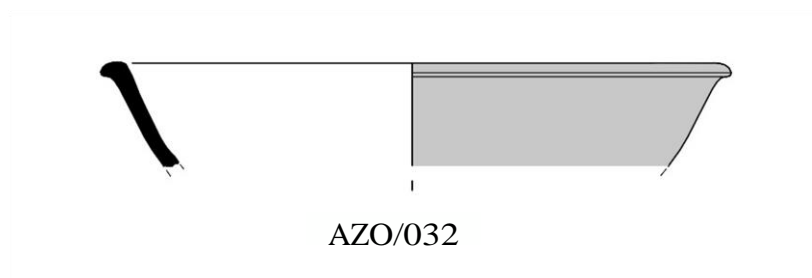
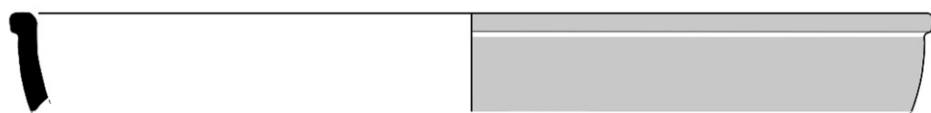
MER/078. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio esvasado, espessado, com perfil de secção triangular. Pasta de cor laranja, claro, compacta e bem depurada. Verniz vermelho na face exterior e negro com manchas avermelhadas na face interior, pouco aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de bordo (aproximado): 21,8 cm; espessura máxima conservada (parede): 0,5 cm. **Mértola/ 1982/ 6 A/ 61**. **Bibliografia:** Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 137, fig. VI, nº 5.

MER/079. Fragmento de parede e arranque de bordo. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de bordo: 24,3 cm. **Mértola/ 1995/ 4K/1**ª.

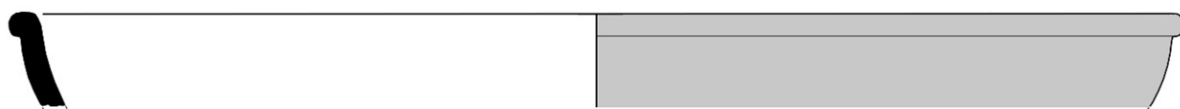
QUE/001. Quinta da Queimada. Fragmento de lábio e parede. Lábio esvasado, de secção semicircular. Apresenta a superfície interna e externa completamente revestida de verniz negro. Diâmetro de lábio: 12 cm. (Barros 2005; Calado & Gomes 2006; Pereira 2007)

QUE/002. Quinta da Queimada. Fragmento de lábio, parede, fundo e pé. Lábio esvasado, de secção semicircular. Exibe uma pequena canelura em reserva, na ligação do pé ao corpo, na superfície externa. O fundo interno exibe vestígios de uma cartela circular incisa, com decoração composta de banda de estrias. O pé da peça apesenta-se ligeiramente oblíquo e o corpo regista uma dupla curvatura, muito pronunciada. Diâmetro de lábio: 18,83 cm; diâmetro de pé: 10,9 cm. (Barros 2005; Calado & Gomes 2006; Pereira 2007.

EST. XXVIII. TIGELA DE BORDO ESVASADO

Escala 1:2

MAR/159

MAR/160

MAR/161

MAR/162

MAR/163

MAR/164

MAR/165

MAR/166

MAR/167

MAR/168

MAR/169

Escala 1:2

MOU/006

MER/077

MER/078

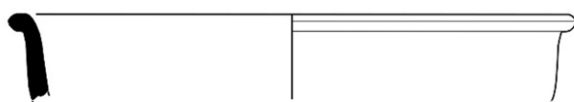
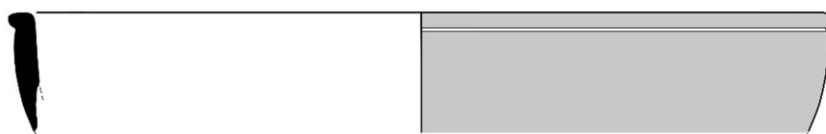
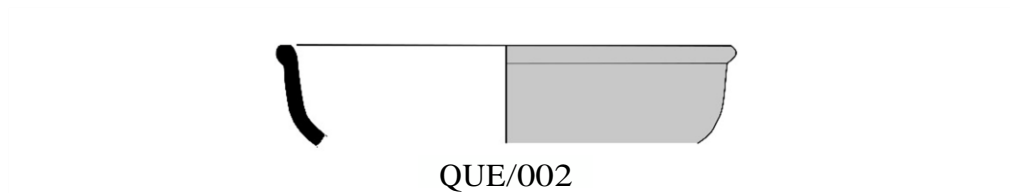
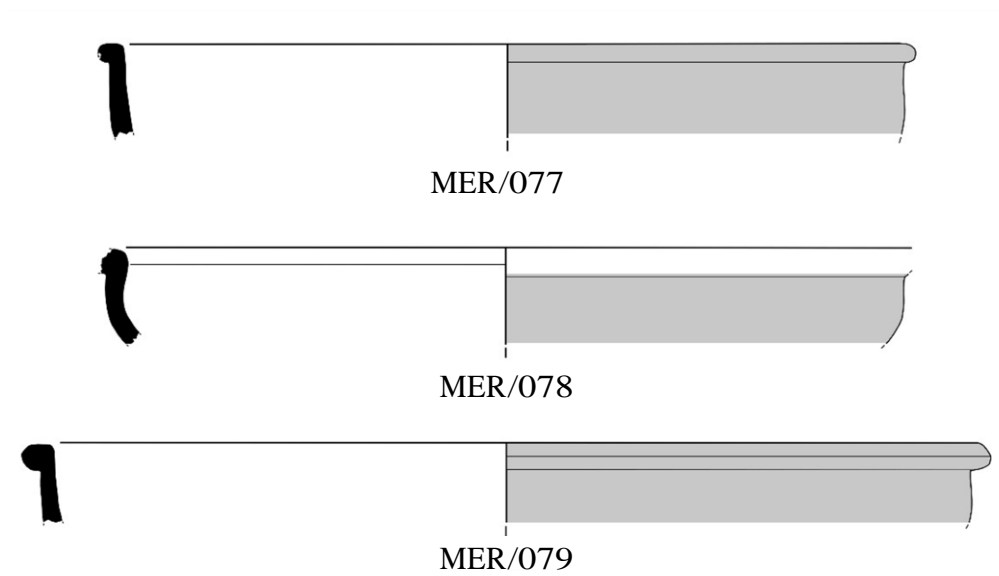
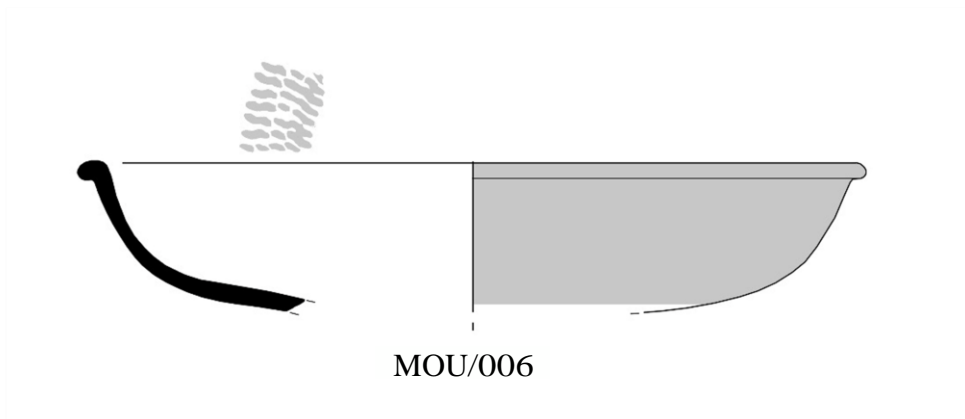
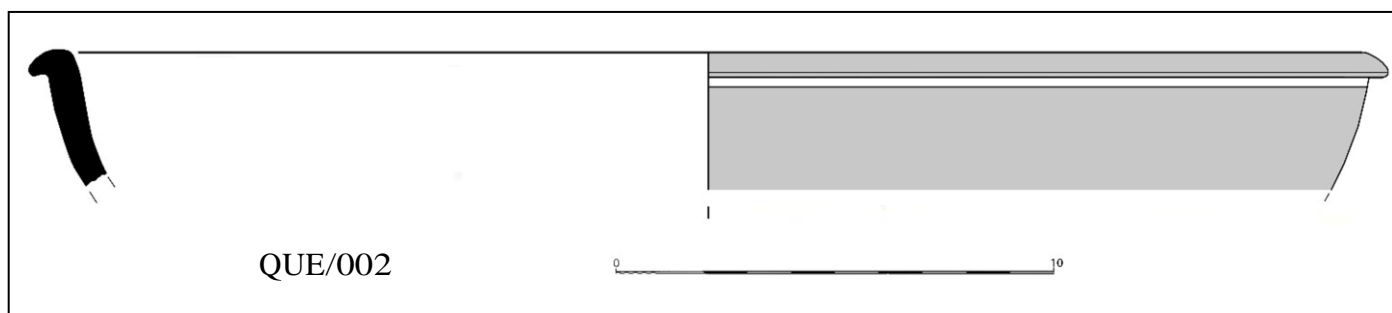
MER/079

QUE/002

Escala 1:2

QUE/001

QUE/002

Escala 1:2

4.2.12. Tigela de Bordo Reentrante ou Esvasado

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL** /	037-040	**PT18-AZO**	**XXIX**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	171-195	**PT15-MAR**	**XXIX**
CERRO DA ROCHA BRANCA	**CRB** /	005	**PT18-CRB**	**XXIX**
FARO – Centro Histórico	**FAR** /	004, 008	**PT15-FAR**	**XXIX**
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS/CSJ** /	018	**PT17-LIS**	**XXIX**
MÉRTOLA	**MER** /	080-101	**PT18-MER**	**XXIX**
POVOADO DE CHIBANES	**CHI** /	001	**PT18-CHI**	-
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV/BF** /	001-002	**PT15-TAV**	**XXIX**

Integram este grupo os exemplares de tigelas de bordo reentrante e esvasado, aplicando-se sempre que as especificidades morfológicas das tigelas não permitam a determinação da variante tipológica a que pertenceriam. Aplica-se frequentemente aos fragmentos de bases (fundos e pés), registando características comuns a ambas as tipologias. Efetivamente, tanto as tigelas de bordo reentrante como as de bordo esvasado possuem pés altos e arqueados, com ou sem canelura na superfície de apoio, e fundos geralmente complementados de padrões decorativos incisos e estampilhados, também eles semelhantes. O seu enquadramento cronológico e a sua representatividade e distribuição geográfica na Península Ibérica acompanha, naturalmente, as tendências verificadas para as referidas variantes.

Na fachada atlântica da Península Ibérica, registam-se fragmentos pertencentes a tigelas de bordo reentrante ou esvasado – sem que seja possível a adscrição a uma destas variantes-, nos arqueossítios algarvios de Castelo de Castro Marim, Cerro da Rocha Branca, Tavira e Faro. Além destes locais, registam-se igualmente vestígios de fundos e pés destas tipologias em Mértola, Alcácer do Sal, Lisboa e no povoado de Chibanes.

O maior conjunto foi identificado em Castelo de Castro Marim, onde foi possível recolher 25 fragmentos (MAR/171 a MAR/194) passíveis de integrarem este grupo, correspondendo a 17 indivíduos. Destes, apenas 16 fragmentos apresentam decoração na face interna do fundo (MAR/177, MAR/180 a MAR/ 194), identificando-se círculos de estrias (MAR/177, MAR/180, MAR/181 e MAR/190), vestígios de palmetas (MAR/181 a MAR/192 e MAR/194), vestígios de caulículos (MAR/181, MAR/185, MAR/187, MAR/188 e MAR/190 A MAR/192), círculos incisos (MAR/181 a MAR/183, MAR/185 a MAR/188 e MAR/193) e bandas de óvalos (MAR/181 a MAR/188 e MAR/192 a MAR/193).

Dois novos testemunhos de tigela de bordo reentrante ou esvasado terão sido encontrados no decorrer de intervenções arqueológicas conduzidas na Sé Catedral de Faro[1279]. Correspondem a parte da parede e do pé e arranque de fundo de uma tigela de bordo reentrante ou esvasado (FAR/004 e FAR/008). Conservando apenas uma pequena fração do fundo interno, não apresentam nenhum motivo decorativo identificável. Nas proximidades, em Tavira, foram recuperados dois fragmentos passíveis de integrarem igualmente esta forma. Correspondem ambos ao arranque do pé, do fundo e da prede (TAV/BF/001 e TAV/BF/002). À semelhança de Faro, também estes exemplares conservam apenas uma pequena porção do fundo interno, não sendo percetível a existência de motivos decorativos.

Encontramos igualmente testemunhos desta forma no arqueossítio algarvio de Cerro da Rocha Branca

1279 (Barros, 2005, p. 934).

(CRB/005), tendo sido recuperado neste local cerca de metade de uma base de tigela de bordo esvasado ou reentrante, apresentando decoração na face interna do fundo, formada de uma banda de estrias a delimitar uma composição de palmetas.

Além dos referidos conjuntos de tigelas, foram igualmente recolhidos em Mértola, 22 fragmentos (MER/080 a MER/101) que registam forma e decorações idênticas às variantes supramencionadas, mas que não conservam elementos que nos permitam estabelecer uma atribuição formal precisa. As variantes de tigelas identificadas apresentam frequentemente decoração incisa e estampilhada, apresentada na superfície interna do fundo. A composição decorativa mais comum é composta de palmetas isoladas ou ligadas entre si através de caulículos (MER/080, MER/085, MER/091 A MER/095). Estes motivos são normalmente complementados bandas de óvalos (MER/080, MER/093) e bandas de estrias (MER/087, MER/095, MER 097 a MER/101).

Do povoado de Chibanes é procedente um fragmento de fundo de uma tigela de bordo reentrante ou esvasado, revestido de verniz negro. Corresponde a um fragmento de base, conservando parte do pé, o arranque do fundo e da parede. Na face interna do fundo exibe decoração composta de palmetas e uma banda de estrias.

Por último, em Lisboa foi recolhido um fragmento de pequena dimensão, exibindo decoração estampilhada composta de círculo concêntrico e palmetas (LIS/CSJ/018). Foi proposto[1280] o estabelecimento de paralelos entre os motivos aqui representados e a decoração do «taller 3» de El Sec[1281], presente em tigelas de bordo reentrante e esvasado, classificação com a qual concordamos. Na superfície externa do fragmento conserva uma sucessão de grafitos, analisados de forma profundada por Ana Margarida Arruda e Elisa de Sousa, com a colaboração de José Angel Zamora.

CATÁLOGO

SAL/037. Fragmento de pé, fundo e arranque de parede. Pé alto e ligeiramente arqueado. Conserva decoração na face interna do fundo composta de vestígios de palmetas e de uma banda de estrias. Rouillard et alii. 1988-1989, Fig. 25

SAL/038. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé alto e ligeiramente arqueado. Rouillard et alii. 1988-1989, Fig. 26

SAL/039. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé alto e ligeiramente arqueado. Rouillard et alii. 1988-1989, Fig. 27

SAL/040. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé alto e ligeiramente arqueado. Rouillard et alii. 1988-1989, Fig. 28

MAR/171. Fragmento de pé e arranque de fundo. Pé alto, ligeiramente encurvado. Superfície de apoio em reserva. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas esverdeadas, muito deteriorado na superfície exterior do pé. Diâmetro do pé: 15 cm. **C. mar. 1983 Corte 01 Quadr. E 03 Nível 04 2807.**

MAR/172. Fragmento de pé. Pé alto, ligeiramente encurvado. Apresenta a superfície de apoio em reserva. A face interior do pé, na ligação ao fundo, exibe canelura em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas e acastanhadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 15,8 cm. **C. mar. 1984 Corte 01 Quadr. E 04 Nível 04 2810.**

MAR/173. Fragmento de pé. Pé alto e ligeiramente encurvado. Apresenta a superfície de apoio em reserva, com canelura central. Pasta de cor laranja, dura, depurada e compacta. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 10 cm. **C. mar. 1985 Corte 01 Quadr. D 03 Nível – 2812.**

MAR/174. Fragmento de pé. Pé alto, ligeiramente encurvado. Exibe canelura em reserva na superfície de apoio do pé. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e de boa qualidade. Diâmetro do pé: 10 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0741] 11628.**

1280 (Arruda & Sousa, 2019, p. 192).

1281 (Arribas *et alii.*, 1987, pp. 207-209).

MAR/175. Fragmento de pé. Pé alto e ligeiramente encurvado. A face interna do pé exibe uma banda em verniz, seguida de uma linha de verniz de cor avermelhada e de uma banda reservada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com abundantes manchas acinzentadas, aderente e pouco espesso. Diâmetro do pé: 10,6 cm. **C. mar. 1988 Corte 03 Quadr. E 05 Nível 01 2813.**

MAR/176. Fragmento de pé. Pé alto, reto, estreitado na superfície de apoio. Apresenta banda em reserva na superfície interna do pé. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro do pé: 8,2 cm. **C. mar. 1983 Corte 01 Quadr. E 03 Nível 04 2811.**

MAR/177. Fragmento de pé, arranque de parede e arranque de fundo. Pé alto, ligeiramente encurvado, com canelura na superfície de apoio. Apresenta-se totalmente engobado, com excepção de uma banda reservada, presente na superfície externa, na ligação do pé à parede. A superfície interior do fundo exibe decoração composta de três círculos de estrias. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro do pé: 12 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0593] 6190.**

MAR/178. Fragmento de pé. Pé alto e reto. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e pouco espesso. O verniz apresenta-se deteriorado na superfície de apoio do pé. Diâmetro do pé: 11,6 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0052] 1324.**

MAR/179. Fragmento de pé. Pé alto e ligeiramente encurvado. A superfície de apoio encontra-se reservada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Na superfície interna do pé o verniz apresenta uma tonalidade avermelhada. Diâmetro do pé: 12,4 cm. **C. mar. 1985 Corte 01 Quadr. D 03 Nível 06 2808.**

MAR/1180. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé alto, ligeiramente encurvado. A ligação da parede ao pé é feita através de uma canelura em reserva. Apresenta a superfície de apoio do pé igualmente em reserva. A superfície interna do fundo e o fundo externo exibem verniz de cor vermelha com tonalidade alaranjada. As restantes superfícies apresentam verniz negro com manchas acinzentadas, pouco espesso e aderente. O fundo interno é decorado com vestígios de três círculos concêntricos de estrias. Diâmetro do pé: 15,8 cm. **C. mar. 1985 Corte 01 Quadr. D 03 Nível 6 2806.**

MAR/181. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé alto, ligeiramente encurvado e com canelura na superfície de apoio. Apresenta a superfície de apoio e a ligação do pé à parede em reserva. A superfície interior do fundo exibe decoração composta de círculos de estrias curtas a delimitar vestígios de círculos concêntricos. Apresenta igualmente vestígios de seis palmetas, pequenas, de nove pétalas, com núcleo central e volutas. As palmetas encontram-se despegadas dos caulículos. Numa zona mais central exibe uma fiada de óvalos, inscrita entre círculos concêntricos. Os óvalos são distribuídos em pares. A decoração regista paralelos com o «taller Sec-8» do naufrágio da embarcação El Sec, reportando-se a páteras da forma 22 de Lamboglia, ainda que um padrão semelhante se verifique igualmente em páteras da forma 21. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, baço e pouco espesso na face externa do pé. Diâmetro do pé: 13,3 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3963.** (Arruda 2007, p. 145, fig. 79).

MAR/182. Fragmento de fundo. Decorado na face interna com dois círculos de óvalos a delimitar palmetas. Palmetas despegadas, de nove pétalas, associadas a linguetas. Fundo externo em reserva, decorado com três círculos concêntricos. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0584] 6053.** (Arruda 2007, p. 145, fig. 77).

MAR/183. Fragmento de fundo. Decorado na face interna com dois círculos de óvalos a delimitar palmetas. Palmetas despegadas, associadas a linguetas. Fundo externo em reserva, decorado com três círculos concêntricos. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante e muito deteriorado. **C. mar. Sn0013.**

MAR/184. Fragmento de fundo. Decorado na face interna com palmetas despegadas associadas a linguetas. Fundo externo em reserva, decorado com três círculos concêntricos. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [SUP] 0011.**

MAR/185. Conjunto de três fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a um fundo de pátera da forma 21/22 de Lamboglia. Decorado na superfície interna com fiada de óvalos. Óvalos agrupados em pares e delimitadas por círculos concêntricos incisos. Vestígios de caulículos e pétalas de palmeta. Regista paralelos com o «taller Sec-8» do naufrágio da embarcação El Sec, reportando-se a páteras da forma 21 ou 22 de Lamboglia. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3962; C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3969; C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3948.**

MAR/186. Fragmento de fundo correspondendo a pátera da forma 22 de Lamboglia. A superfície interna é decorada com fiada de óvalos delimitada por círculos incisos. Exibe palmetas unidas por calículos, apresentando as mesmas núcleo central e volutas. Tal como no fragmento MAR/189, a fiada de óvalos associados a círculos concêntricos é delimitada por vestígios de duas bandas de palmetas. A decoração regista paralelos com o «taller Sec-5» do naufrágio da embarcação El Sec. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz cinzento com manchas avermelhadas, aderente e pouco espesso. **C. mar. 3505.**

MAR/187. Fragmento de fundo e arranque de pé. A superfície interna apresenta-se decorada com fiada de óvalos delimitada por círculos incisos. Exibe palmetas com volutas, apresentando-se as mesmas despegadas. A decoração, ainda que residual, poderá corresponder ao «taller Sec-5» ou «taller Sec-3» do naufrágio da embarcação El Sec. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas de tonalidade acinzentada, aderente e pouco espesso. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0049] 1163.**

MAR/188. Dois fragmentos de fundo correspondendo à mesma peça. A superfície interna é decorada com fiada de óvalos delimitada por círculos concêntricos incisos. Estes elementos encontram-se, por sua vez, delimitados por vestígios de duas bandas de palmetas. As palmetas exibem nove pétalas, núcleo central e volutas, apresentando-se unidas por calículos. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0542] 6050; C. mar. 2003 Setor 01 [0641] 11701.** (Arruda 2007, p. 145, fig. 78).

MAR/189. Fragmento de fundo. A superfície interna apresenta decoração composta de palmetas com núcleo central e volutas. A decoração regista paralelos possivelmente com o taller «Sec-2» ou «Sec-5» do naufrágio da embarcação El Sec. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, pouco espesso. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0051] 0961.**

MAR/190. Dois fragmentos de fundo possivelmente pertencentes à mesma peça. A superfície interna é decorada com palmetas de pétalas compridas, com volutas, e possivelmente núcleo central. As palmetas, de onze pétalas, encontram-se ligadas por caulículos. Mais próximo da zona central do fundo, conserva decoração composta de quatro bandas de estrias. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2003 Setor 01 [0741] 11627.** (Arruda 2007, p. 145, fig. 79).

MAR/191. Fragmento de fundo. A superfície interna conserva decoração composta de com palmeta com núcleo central e volutas. Exibe igualmente vestígios de caulículos associados à palmeta. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e baço. **C. mar. 1985 Setor 01 Quadr. F 01 Nível 02 1575.**

MAR/192. Fragmento de fundo. A superfície interna é decorada com palmetas de pétalas curtas e volutas. As palmetas encontram-se ligadas por caulículos. São visíveis vestígios de uma fiada de óvalos. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso e aderente. **C. mar. Sem nº17.**

MAR 193. Fragmento de parede e fundo. Decorado na superfície interna com círculos concêntricos incisos a delimitar uma fiada de óvalos e vestígios de possível caulículo. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz aderente, espesso e baço. **C. mar. 1983 Setor 01 Quadr. E 03 Nível 04 2821.** Bibliografia: Arruda 1997, p. 137.

MAR/194. Fragmento de fundo. A superfície interna exibe decoração composta de palmeta de pétalas curtas e encurvadas. Pasta de cor bege, pouco depurada e compacta. Verniz negro com abundantes manchas acastanhadas e avermelhadas, aderente e pouco espesso. **C. mar. 1983-1989 Recolha de superfície 2814.**

MAR/195. Fragmento de fundo. Necessita de descrição. Não constava entre os fragmentos vistos na primeira fase de estudo. **C. mar. 1984 Setor 01 Quadr. E 01 Nível 03 2820.**

CRB/005. Fragmento de p**é e fundo. Pé alto e ligeiramente arqueado. Na face** interna do fundo são visíveis vestígios da decoração composta de banda de estrias a delimitar palmetas. **Cerro da Rocha Branca – S/N.** Não ilustrado.

FAR/004. Fragmento de arranque de parede, arranque de fundo e parte de pé. Pé alto e ligeiramente arqueado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. **Faro/Museu Municipal, S/N. Não ilustrado.**

FAR/008. Fragmento de fundo, parte de pé e arranque de parede. Pé alto e ligeiramente arqueado. Não conserva a superfície de apoio. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Não permite determinar diâmetro. **Faro/Sé Catedral, S/N.** Desenho FAR/004 da autoria de (Barros, 2005), adaptado.

LIS/CSJ/018. Fragmento de fundo. Exibe decoração na face interna composta de banda de óvalos, palmetas unidas por caulículos e círculos incisos. Na face externa apresenta bandas reservadas e revestidas de verniz negro, apresentadas de forma alternada e, sobre estas, vários grafitos sobrepostos. **Castelo de São Jorge, SN.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190.

MER/080. Fragmento de pé, fundo e arranque de parede. Pé com canelura em reserva na superfície de apoio. Exibe decoração na superfície interna do fundo, composta de palmeta de onze pétalas e volutas. As palmetas seriam unidas por caulículos. Apresenta igualmente uma banda de óvalos. Apresenta canelura em reserva na ligação do pé à parede. Pasta de cor bege, pouco compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 10 cm. **Mértola/ 1995/4J – Nível 1b**.

MER/081. Pé com arranque de fundo e arranque de parede. Canelura reservada na superfície de apoio. Exibe banda reservada na ligação do pé à parede, na superfície externa. Pasta de cor laranja, claro, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé: 11,70 cm. **Mértola /1980/ Recolha de Superfície**.

MER/082. Fragmento de pé. Exibe canelura reservada na superfície de apoio. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas acinzentadas na face exterior, aderente, pouco espessa na face externa e mais espessa na interna, e brilhante. Diâmetro de pé: 12,8 cm. **Mértola/1983/3B/2ª 503**.

MER/083. Fragmento de pé. Apresenta pé com canelura reservada na superfície de apoio do pé. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 14 cm. Mértola/1996/44 AC. C.XII.

MER/084. Fragmento de pé. Apresenta superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja, pouco compacta, bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 21,6 cm. **Mértola/1984/6ª (?)**.

MER/085. Fragmento de pé, fundo e arranque de parede. Exibe decoração no fundo interno do fundo, composta de uma palmeta estampilhada. Palmeta de sete pétalas e volutas. Apresenta banda em reserva na ligação do pé à parede, na face externa. Pasta de cor bege claro, de tonalidade amarelada, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de pé (zona de arranque): 6,4 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 137, fig. VI, nº 4.

MER/086. Fragmento de pé. Muito deteriorado, não permite confirmar a existência de canelura na superfície de apoio do pé. Exibe a superfície de apoio em reserva. Pasta de cor laranja claro, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 11,70 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal (23).**

MER/087. Fragmento de pé. Exibe canelura em reserva na superfície de apoio do pé. Pasta de cor rosa claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, pouco espesso e muito brilhante. Diâmetro do pé: 11,56 cm. **Mértola / 1995/Casa Pardal.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 137, fig. VI, nº 3.

MER/088. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a parte do pé e arranque de fundo. Pé alto e ligeiramente encurvado. Apresenta superfície de apoio em reserva. Banda em reserva na ligação do pé ao fundo exterior e na ligação do pé à parede. No fundo interno exibe vestígios de decoração estampilhada. Pasta de cor laranja clara, de tonalidade esbranquiçada, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas na face interior, pouco aderente, pouco espesso e muito brilhante. Diâmetro da base: 8,1 cm. **Mértola/ 1979/ Galeria A (criptopórtico) /Q. A/ Z 2-3/ nº2.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 136, fig. VI, nº 1.

MER/089. Fragmento de pé e fundo. Exibe decoração na face interna do fundo, composta de banda de estrias, muito deteriorado. Não permite verificar a existência de áreas em reserva. Pasta de cor laranja claro, pouco compacta e depurada. Verniz negro, deteriorado na face externa, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 7,2 cm. **Mértola/ 1989/ 14B** – Nível 1ª (Ñ)

MER/090. Fragmento de pé. Pé alto e ligeiramente encurvado. Exibe canelura reservada na superfície de apoio. Pasta de cor laranja, com tonalidade vermelha e tonalidade acinzentada, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro da base: 17,2 cm. Mértola/1985/4F – Nível 1ª **(VII 2/19)**. Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 136, fig. VI, nº 2.

MER/091. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta decoração composta de palmeta de sete pétalas e volutas. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1995/73/CIII (IX 5).

MER/092. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta decoração na face interna composta de palmetas unidas por caulículos. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1985/ GB/ 700.**

MER/093. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta decoração estampilhada, conservando duas palmetas de nove pétalas e volutas, linha incisa e óvalos. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, espesso, aderente e muito brilhante. Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700 (66).

MER/094. Fragmento de fundo. Exibe decoração composta de 2 palmetas de onze pétalas e volutas, unidas por caulículos. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, de qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1980/6B/6U.SUD 78 (67).

MER/095. Fragmento de fundo. Apresenta decoração na superfície interna composta de palmetas de cinco pétalas e volutas. As palmetas apresentam-se unidas por caulículos, e banda de estrias. O fundo externo com linhas reservadas e em verniz negro, alternadas. Pasta de cor laranja claro, com tonalidade rosa, compacta e depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1979/ HH2-31**.

MER/096. Fragmento de fundo. Exibe decoração composta de palmeta de sete pétalas e volutas, unidas por caulículos; círculo inciso. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, de qualidade, aderente, espesso e muito brilhante, com manchas baças. Mértola/ 1995/ Casa Pardal/ CIII (IX 4). Não constava no conjunto analisado.

MER/097. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração de banda de estrias. Não permite determinar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas acinzentadas, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola S/N.

MER/098. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração de banda de estrias (1 linha). Pasta de cor laranja e tonalidade rosa, compacta e depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola S/N.**

MER/099. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração de banda de estrias. Não permite determinar áreas em reserva. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700.**

MER/100. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração de banda de estrias (1 linhas). Exibe banda em reserva na transição do fundo para a parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1987 – Nível 1b (IX 3).

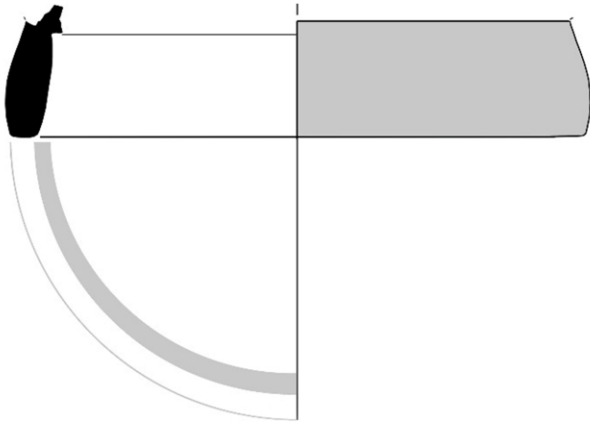
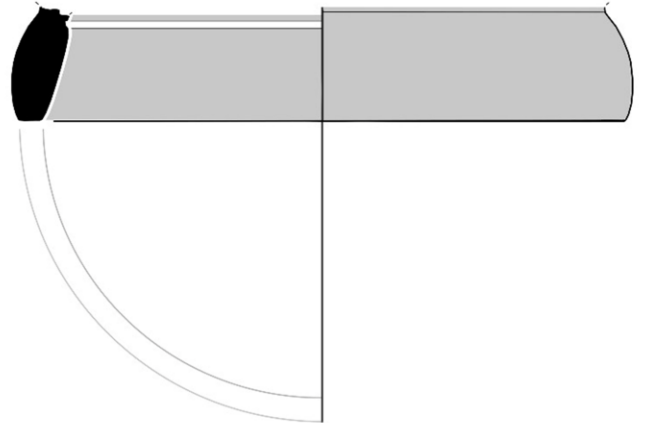
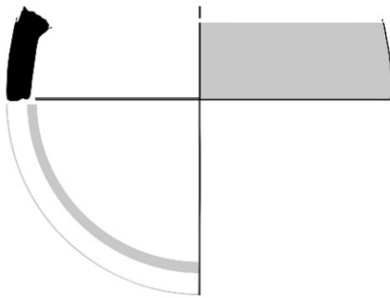
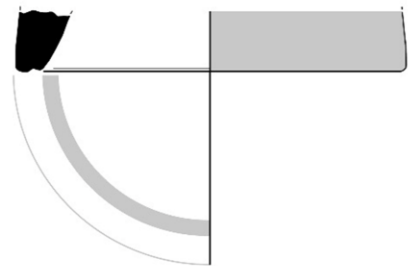
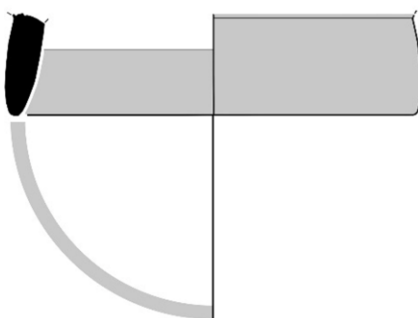
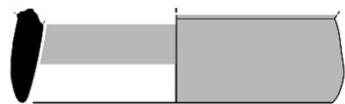
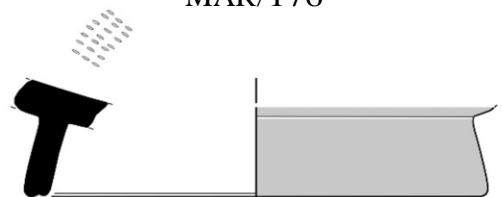
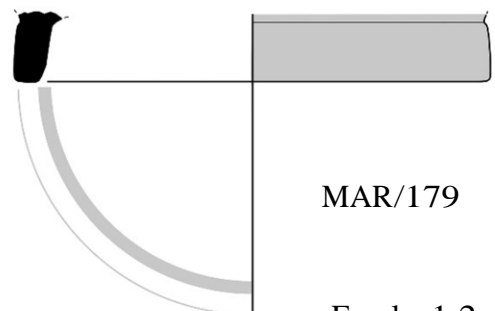
MER/101. Fragmento de parede e arranque de fundo. Exibe decoração de banda de estrias (2 linhas). Pasta de cor laranja e tonalidade rosa, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas na superfície exterior, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1985.5D Test. Lado Este.

CHI/001. Fragmento de pé, arranque de fundo e arranque de parede. Pé alto e ligeiramente arqueado. Possui decoração na face interna do fundo composta de vestígios de duas palmetas e banda de estrias. Pasta de cor rosada, bem depurada e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Desenho da autoria de (Delgado, 1971, est. I.3.) adaptado.

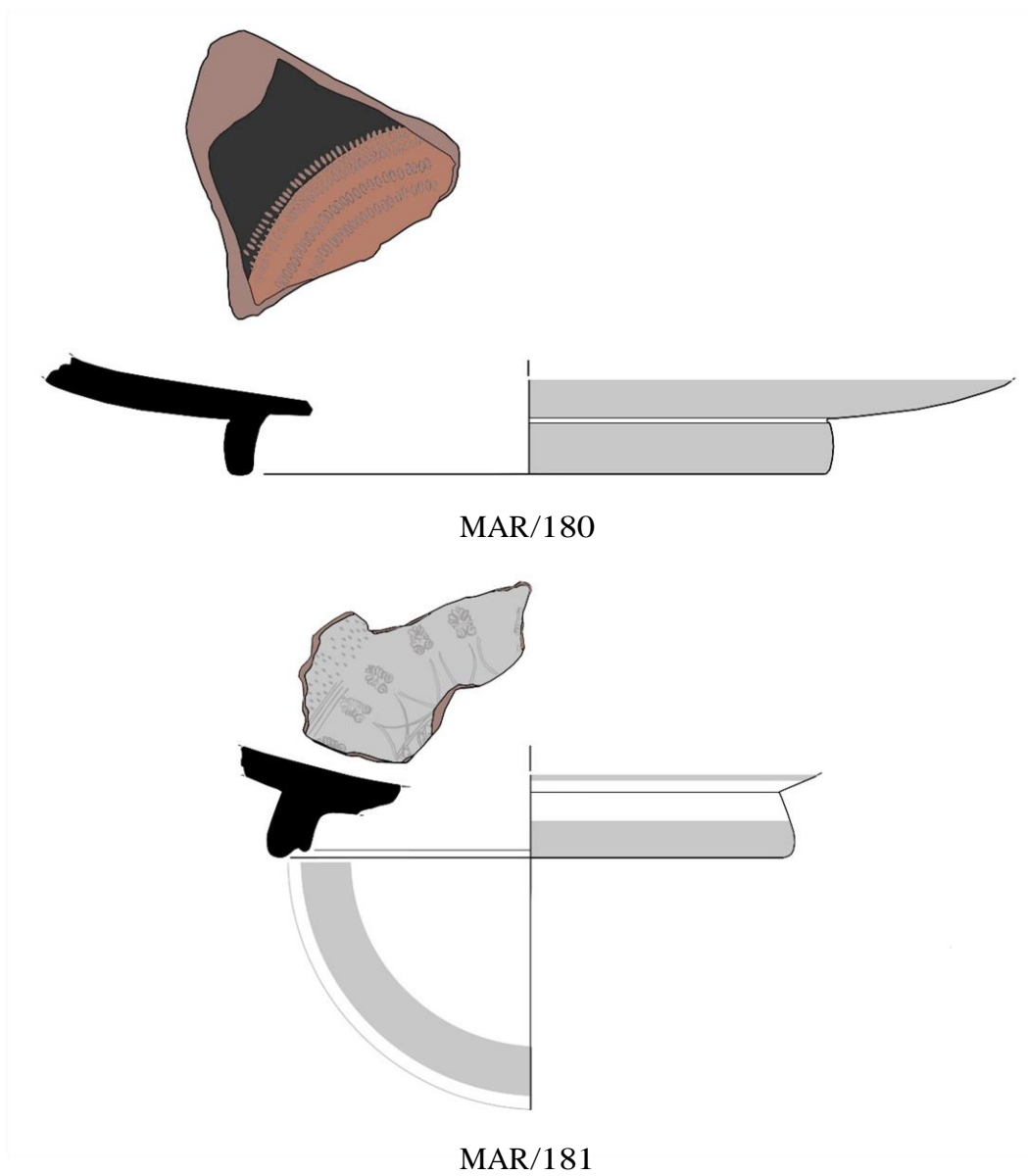
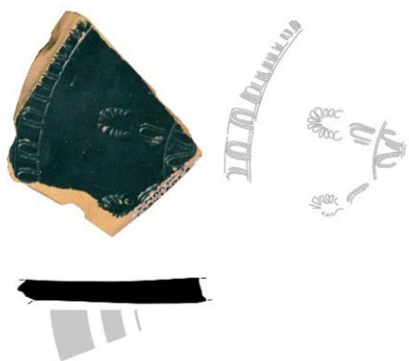
TAV/BF/001. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar, muito fragmentado. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de pé: 9,6 cm. Quad. BC 2 [198] 570 – n.º ficha 57 | fig. 5 n.º 1 Bibliografia: Covaneiro, Cavaco & Freitas 2012/2013, p. 208, fig. 5.

TAV/BF/002. Fragmento de fundo e pé. Pé anelar. Muito fragmentado. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de fundo: 12,6 cm. Quad. B 2 [28] 48 – n.º ficha 58 | fig. 5 n.º 2. Bibliografia: Covaneiro, Cavaco & Freitas 2012/2013, p. 208, fig. 5.

EST. XXIX. TIGELA DE BORDO REENTRANTE OU ESVASADO

Estampa previamente publicada: Arruda, Ferreira & Sousa, 2022.

MAR/180

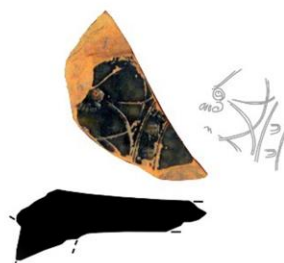
MAR/181

Escala 1:2

MAR/182

MAR/183

MAR/184

MAR/185

MAR/186

MAR/187

MAR/188

MAR/189

Escala 1:2

MAR/190

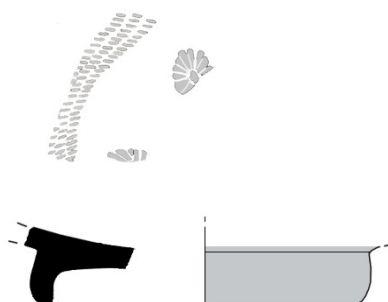
MAR/191

MAR/192

MAR/193

MAR/194

CHI/001

Escala 1:2

FAR/004

MER/080

MER/081

MER/082

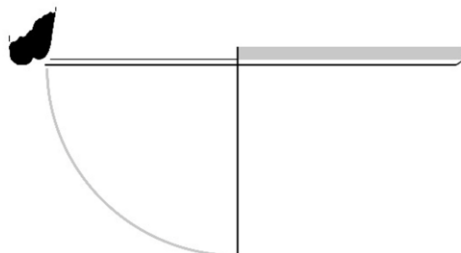
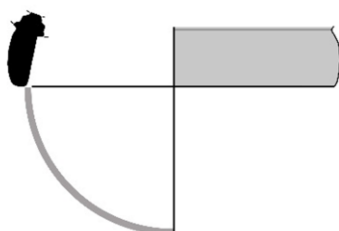
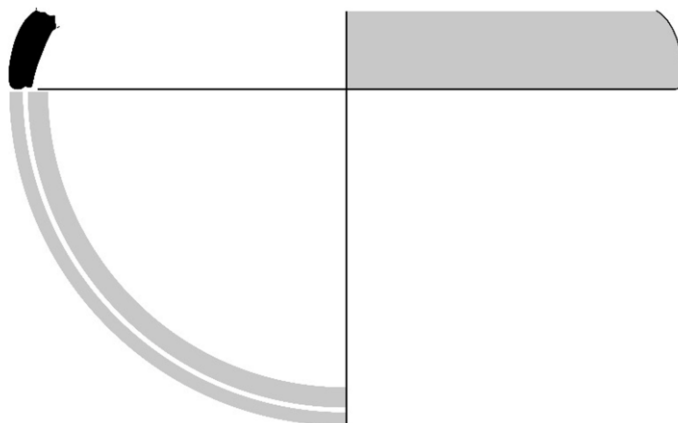
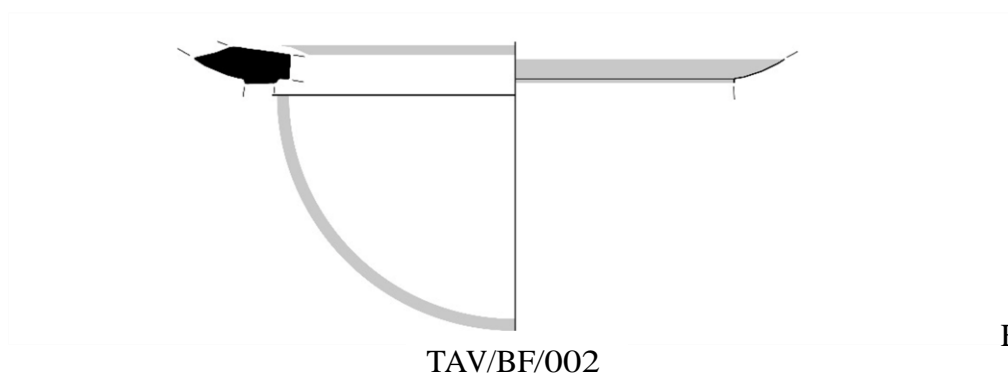
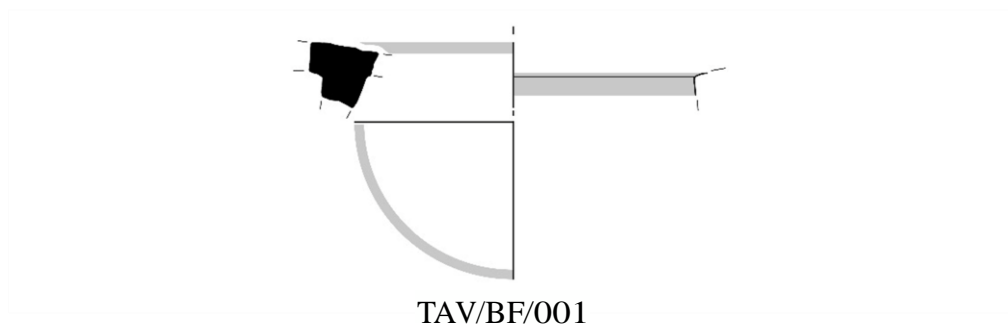
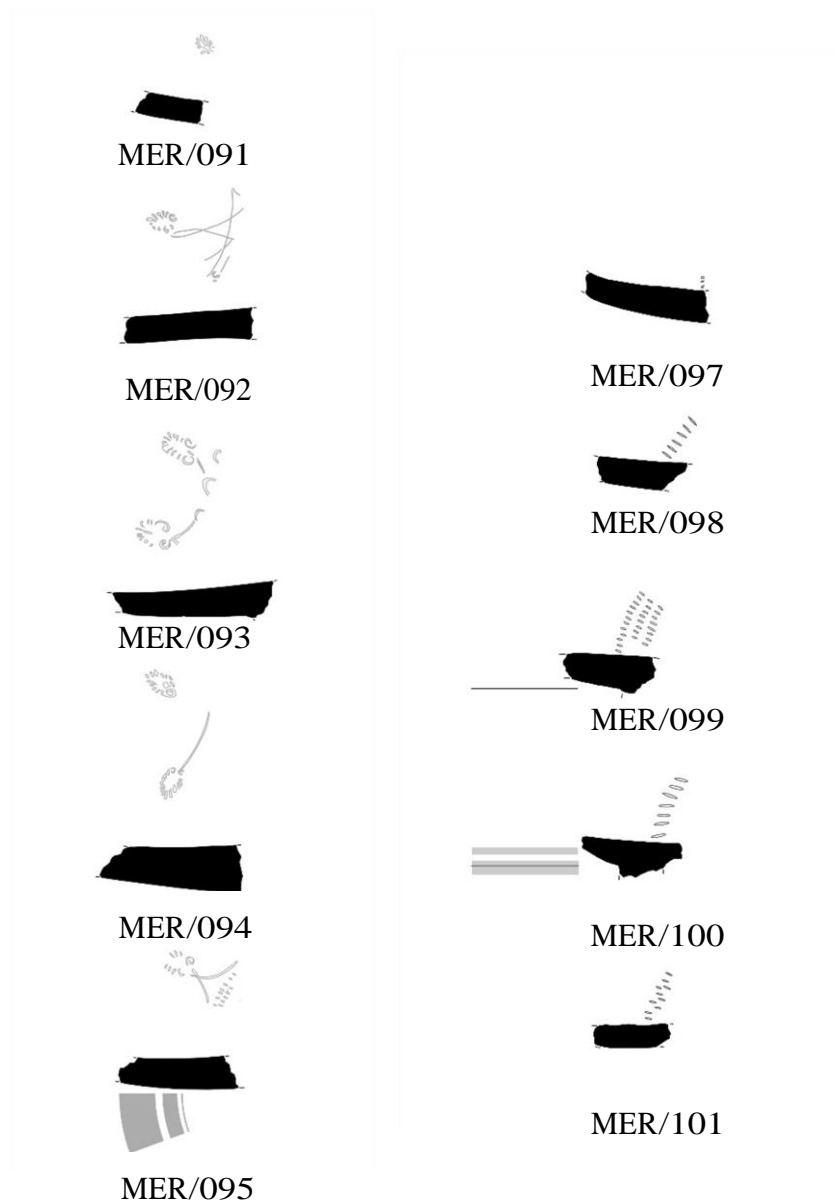
MER/083

MER/084

Escala 1:2

Escala 1:2

MER/091
MER/092
MER/093
MER/094
MER/095
MER/097
MER/098
MER/099
MER/100
MER/101
TAV/BF/001
TAV/BF/002

Escala 1:2

4.2.13. Tigela Pequena de Base Ampla

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO		INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR**	/	213-217	**PT15-MAR**	**XXX**
FARO – Centro Histórico	**FAR**	/	001	**PT15-FAR**	**XXX**
MÉRTOLA	**MER**	/	102-103	**PT18-MER**	**XXX**

Formam parte desta tipologia as tigelas que apresentam um pequeno diâmetro de abertura, e uma base composta de um pé baixo e largo, frequentemente alteado em área mais próxima do centro. Enquadra-se nas características estabelecidas para a variante «small bowls with broad bases» da Ágora de Atenas[1282], correspondendo genericamente à forma 21/25B definida por Nino Lamboglia.

Tigelas desta forma são muito frequentes na Península Ibérica, com testemunhos que vão desde a Catalunha à Andaluzia, em contextos datados da primeira metade do século IV a.n.e.[1283]. Merecem particular destaque, pela sua abundância e similitudes morfológicas os exemplares identificados no território em estudo, os sessenta vasos desta forma identificados no naufrágio El Sec[1284].

No atual território português os exemplares são consideravelmente mais escassos, restringindo-se a cerca de oito vasos procedentes de Castelo de Castro Marim, Faro e Mértola. Além destes, regista-se em Tavira um exemplar de tigela pequena[1285] que, contudo, não apresenta a base típica destas tigelas, exibindo um pé alto e estreito que se aproxima das características estabelecidas para a forma «saleiro».

O maior conjunto identificado até à presente data é proveniente de Castelo de Castro Marim, reunindo cinco exemplares (MAR/213 a MAR/217), todos eles conservando exclusivamente a parte superior da peça. Apresentam bordo reentrante, por vezes espessado, e diâmetros de abertura entre os 7,6 e os 10, 8 cm. O mesmo tipo de morfologia de bordo regista-se em Mértola (MER/102), possuindo o exemplar alentejano cerca de 8,6 cm de abertura de boca.

Igualmente de Mértola e também de Faro, são provenientes dois fragmentos de bases (MER/103 e FAR/001, respetivamente), possuindo ambas o pé largo, apoiado unicamente na parte externa do mesmo, estando a área mais próxima do fundo ligeiramente alteada. Conservam vestígios de decoração na face interna do fundo, formada de uma composição de palmetas compactas. No exemplar de Faro, melhor conservado, verificamos a representação de palmetas agrupadas de forma radial, tal como as que se registam, por exemplo, no já mencionado conjunto do naufrágio de El Sec., atribuídas ao «taller Sec-6»[1286].

1282 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 135).

1283 (Trías, 1967-1968; Rouillard, 1991).

1284 (Arribas *et alii.*, 1987, p. 312).

1285 (Barros, 2005). Considerando a impossibilidade de observar este exemplar, não o incluímos no presente estudo.

1286 (Arribas *et alii.*, op. cit., p. 312).

MAR/213. Três fragmentos com colagem entre si, correspondendo a bordo, parede e arranque de fundo. Não obstante o avançado estado de deterioração, aparenta estar totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 9,2 cm. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0049] 1164.**

MAR/214. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio reentrante. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta, depurada. Verniz negro, aderente e espesso. Diâmetro de abertura: 8,1 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0360] 3956.**

MAR/215. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio reentrante. A face exterior encontra-se apenas parcialmente envernizada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com abundantes manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante, sendo o brilho ligeiramente metalizado. Diâmetro de abertura: 10 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0526] 6087.**

MAR/216 Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio reentrante. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas e acinzentadas, aderente e espesso. Diâmetro de abertura: 7,6 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0616] 6253.**

MAR/217. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio reentrante. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 10,8 cm. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0526] 6044.**

FAR/001. Fragmento de pé e fundo. No pé exibe banda reservada na face externa, na ligação do pé à parede. Fundo interno decorado com palmetas, conservando-se quatro palmetas. Pasta de cor laranja claro, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Faro/sn**. Bibliografia: Barros, 2005. Autoria do desenho FAR/001 de (Barros, 2005), adaptado.

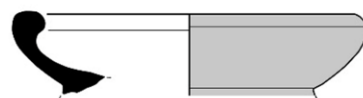
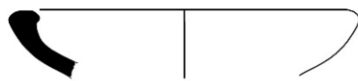
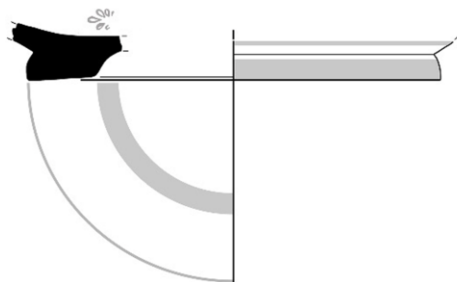
MER/102. Fragmento de bordo e parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, com manchas baças. **Mértola/ 1995/4H- Nível 1**ª.

MER/103. Fragmento de pé e arranque de fundo. No pé exibe banda reservada na face externa, na ligação do pé à parede. Fundo interno decorado com palmetas, conservando-se duas palmetas. Pasta de cor laranja claro, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, com manchas baças. **Mértola/ 1995/ Muros Interiores (VII 1)**.

Escala 1:2

MER/102

MER/103

Escala 1:2

4.2.14. Prato de Peixes

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	196-209	**PT15-MAR**	**XXXI**
CERRO DA ROCHA BRANCA	**CRB** /	007	**PT15-CRB**	-
FARO – Centro Histórico	**FAR** /	004	**PT15-FAR**	**XXXI**
MÉRTOLA	**MER** /	104-107	**PT18-MER**	**XXXI**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV/BF** /	003	**PT15-TAV**	**XXXI**

Designados de «prato de peixes» pela escola anglo-saxónica, são destinados ao consumo de peixes e dos seus derivados. Apresentam-se sob a forma de exemplares completamente revestidos de verniz negro, ou, tal como mencionado anteriormente, decorados com figuras vermelhas. Adotando uma ou outra técnica decorativa, exibem uma forma característica composta de um bordo e parede muito inclinada, própria da forma de prato, complementada de uma depressão/ reservatório central, destinada a drenar azeites e sucos ou à colocação de molhos. O lábio da peça apresenta-se engrossado ou pendente e o pé é robusto, por vezes apresentando canelura na superfície de apoio.

Entre os materiais estudados da Ágora de Atenas, a forma encontra os seus exemplares mais antigos datados de 397 a.n.e., ainda que se possa considerar que este tipo de prato deriva de um outro, «stemmed plates», produzido mais precocemente[1287]. O seu fabrico perdura, no ocidente até às últimas décadas do século II a.n.e., destacando-se as produções de Aleria[1288] e Itália[1289], chegando mesmo a integrar as primeiras produções de Campaniense A[1290]. A forma continua presente entre as imitações de cerâmica campaniense das oficinas de Kuass, em produções igualmente datadas do século II a.n.e.[1291]

No respeitante à evolução da forma, destaca-se a proposta de Brian Sparkes, assente nas variações registadas ao nível do pé das várias peças identificadas na Ágora de Atenas[1292], ainda que a mesma não esteja de acordo com datações recolhidas em outros locais[1293]. Os exemplares de pratos de peixes são abundantes na Península Ibérica, registando-se, entre outros locais, em Cádis, la Bastida[1294] e Huelva[1295].

Em Portugal, o maior conjunto de vasos desta forma é procedente de Castelo de Castro Marim, onde foram identificados catorze indivíduos. Apresentam-se totalmente revestidos de verniz negro e exibem distintas opções morfológicas no bordo, registando-se exemplares de lábio pendente e outros de lábio engrossado.

Nos trabalhos arqueológicos conduzidos em Bela Fria, em Tavira, foi possível recuperar um pequeno fragmento de bordo de lábio espessado e ligeiramente pendente, classificado como prato de peixes (TAV/BF/003). O referido enquadramento tipológico deve, no entanto, ser entendido com reservas que decorrer da pequena dimensão do fragmento. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro, não estando, no entanto, descartada a possibilidade de se tratar de um exemplar de figuras vermelhas, conservando-se exclusivamente uma fração da peça não decorada. O mesmo se poderá dizer para o fragmento proveniente de Faro (FAR/005), conservando exclusivamente parte do reservatório central.

1287 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 147-148).

1288 (Jehasse & Jehasse, 1973, p. 135, nº 65-66, lâm. 119).

1289 No «atelier das pequenas estampilhas» e no «atelier das páteras das três palmetas radiais» (Sanmartí, 1978, 28; Morel, 1978, p. 153, entre outros).

1290 (E.g. Benoit, F. (1961). Fouilles sous-marines: L' épave du Grand Congloué à Marseille, (Gallia Suppl.,14).

1291 (Ponsich, 1969, p. 61).

1292 (*Ibidem*).

1293 É o caso dos pratos de peixe identificados no naufrágio de El Sec., reportando-se a 375/350 a.n.e., e correspondendo a formas datadas por Sparkes de 330/305 a.n.e. (Cerdá 1987, p. 294).

1294 (Lamboglia, 1954).

1295 (Olmos, 1977a).

Igualmente em território algarvio, foi identificado um fragmento de bordo de aba pendente, passível de integrar esta forma, ainda com as necessárias reservas que decorrem da impossibilidade de observar o exemplar. É proveniente de Cerro da Rocha Branca (CRB/007), conservando apenas o bordo e o arranque da parede, ambos totalmente revestidos de verniz negro.

Em Mértola registam-se quatro exemplares desta forma, correspondendo a três fragmentos de bordo (MER/104 a MER/106) e um fragmento de pé (MER/107). Os bordos apresentam, tal como em Castelo de Castro Marim, distintas soluções morfológicas, registando-se exemplares de aba espessada e pendente, um dos quais (MER/106) apresentando uma canelura reservada na ligação do lábio à parede. O fragmento de base possui uma canelura reservada na superfície de apoio do pé (MER/107), característica desta forma, não sendo, no entanto dela exclusiva.

Mais a norte, regista-se um fragmento de possível fabrico ático, classificado igualmente como prato de peixes (FOR/002)[1296]. É procedente do Castro A Forca, tendo sido recolhido à superfície, na área oriental do povoado. A pequena dimensão do fragmento coloca, no entanto, profundas reservas à classificação proposta.

CATÁLOGO

MAR/196. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio espessado. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso e baço. Diâmetro de abertura: 15,2 cm. **C. mar. 1995 Corte 01 Quadr. D 03 Nível 04 2818.**

MAR/197. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio espessado. A ligação da parede ao lábio é feita, na superfície interna, através de uma canelura. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja claro, dura, compacta e pouco depurada. Verniz castanho com manchas negras, aderente, pouco espesso e baço. Diâmetro de abertura: 18 cm. **C. mar. 1984 Corte 01 Quadr. E 03 Nível 04 2816.**

MAR/198. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio espessado. A ligação da parede ao lábio é feita, na superfície interna, através de uma canelura. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 19 cm. **C. mar. 1985 Corte 01 Quadr. D 03 Nível 04 2817.**

MAR/199. Fragmento de bordo e parede. Bode de lábio espessado. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 19 cm. **C. mar. 2001 Setor 01 [0068] 1825.**

MAR/200. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio espessado. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 21,4 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0385] 5329.**

MAR/201. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio espessado. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 23,55 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0385] 3079.**

MAR/202. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio pendente, fragmentado na extremidade. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Diâmetro de abertura: 14,6 cm. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 04 Nível 03 2819.**

MAR/203. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo de lábio pendente. A ligação da parede ao lábio é feita, na superfície interior, através de uma canelura em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 15,9 cm. **C. mar. 2000 Setor 01 [0014] 1337.**

1296 (Carballo Arceo, 1987, p. 111, nº 15).

MAR/204. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio pendente. A superfície externa da aba apresenta banda reservada. A ligação da parede à aba é, na superfície interna, igualmente reservada. Diâmetro de abertura: 16,4 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3961.**

MAR/205. Fragmento de bordo e parede. Bordo de lábio pendente. O avançado estado de deterioração do verniz não permite confirmar a presença de áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 21 cm. **C. mar. [SUP] 2722.**

MAR/206. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo de lábio pendente, fragmentado na extremidade. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro de abertura: 24,3 cm. **C. mar. 2003 Setor 01 [0650] 10133.**

MAR/207. Fragmento de aba. O verniz apresenta-se muito deteriorado, impossibilitando a confirmação de áreas em reserva. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. **C. mar. 2843.**

MAR/208. Fragmento de parede, fundo e pé. Pé alto, encurvado. A ligação do pé à parede é feita, na superfície externa, através de uma pequena garganta e, na superfície interna, através de uma canelura. A superfície de apoio do pé apresenta igualmente uma canelura. Conserva parte do reservatório. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acastanhadas e avermelhadas. Muito deteriorado, impossibilitando a confirmação das áreas em reserva. Diâmetro do pé: 10,7 cm. **C. mar. 1984 Corte 1 Quadr. E 02 Nível 05 4603.**

MAR/209. Fragmento de parede com arranque do reservatório. A superfície exterior do fundo apresenta-se fraturada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante, muito deteriorado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0375] 6047.**

CRB/007. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo de aba pendente. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não ilustrado.

FAR/005. Fragmento do reservatório central. Apresenta a face interna totalmente revestida de verniz negro. A face externa encontra-se parcialmente reservada. (Barros, 2005). Desenho FAR/005 da autoria de (Barros, 2005), adaptado.

MER/104. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo de lábio espessado e ligeiramente pendente. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal**.

MER/105. Fragmento de bordo e parede. Bordo de aba espessada. Exibe fina canelura na ligação do bordo à parede. Pasta de cor laranja clara e tonalidade acinzentada, compacta e bem depurada. Verniz negro, de grande qualidade, pouco aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo.:25,4 cm. **(**Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 139-140). **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.**

MER/106. Fragmento de bordo e parede. Bordo de aba pendente. Exibe canelura em reserva na ligação do bordo à parede. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Mértola/ 1999/ 3L – Nível 1b.

MER/107. Pé com canelura na superfície de apoio. Canelura reservada. Pasta de cor laranja claro e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, pouco espesso e brilhante. **Mértola/1985/7B – Nível 1C**.

TAV/BF/003. Fragmento de bordo. Bordo de lábio pendente. Apresenta uma canelura pouco pronunciada na face externa da aba. Apenas se conservam vestígios de verniz na supramencionada canelura. Pasta de cor bege e tonalidade esbranquiçada. Verniz negro, baço, pouco aderente e pouco espesso. Diâmetro de abertura: 18 cm. **Sond. B [01] 24- n.º ficha 56 | fig. 5 n.º 3.** (Covaneiro; Cavaco & Freitas 2012/2013, pp. 208-209, fig. 5, nº 2).

Escala 1:2

MAR/203

MAR/204

MAR/205

MAR/206

MAR/208

MAR/209

FAR/005

Escala 1:2

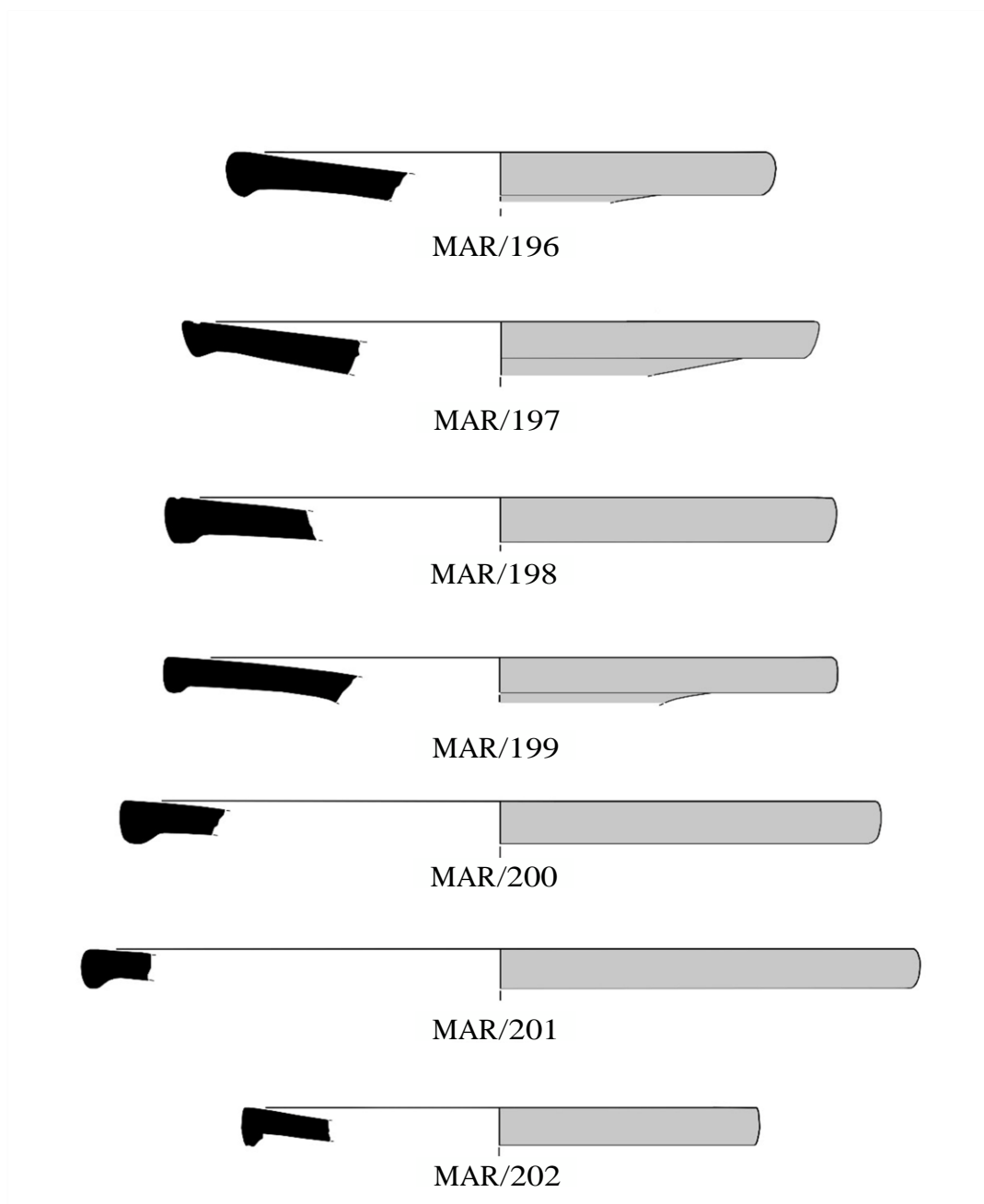
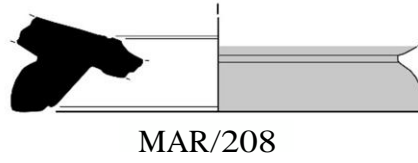
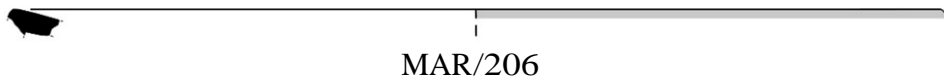
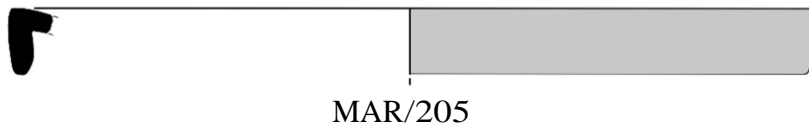
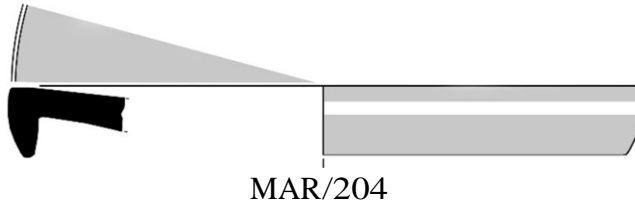
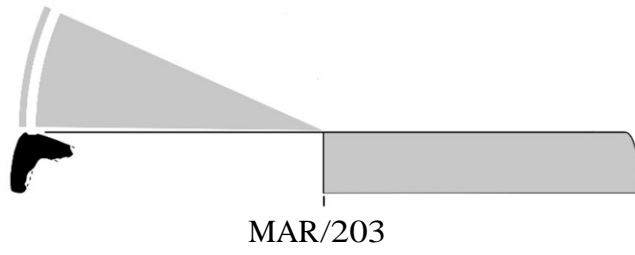
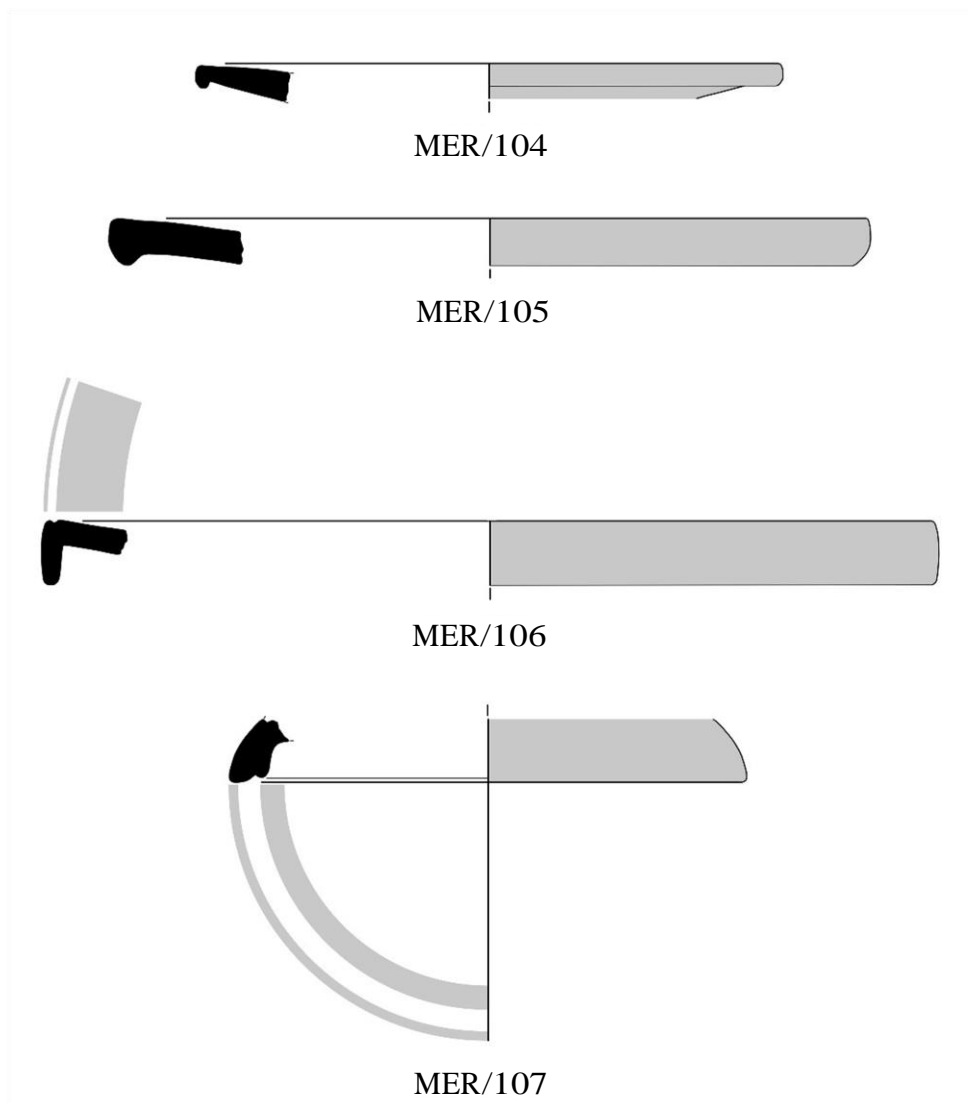
MER/104

MER/105

MER/106

MER/107

TAV/BF/003

Escala 1:2

4.2.15. Prato de Bordo Espessado

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL** /	041-049	**PT18-SAL**	**XXXII**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	210-211	**PT15-MAR**	**XXXII**
CASTELO DE MOURA	**MOU** /	007	**PT18-MOU**	**XXXII**
MÉRTOLA	**MER** /	108-109	**PT18-MER**	**XXXII**

Tal como nome indica, integram esta forma os exemplares de prato que apresentam um bordo notoriamente espessado, de perfil oval, tendencialmente em forma de rolo. Corresponde à variante «rolled rim» definida pelo estudo dos conjuntos cerâmicos gregos da Ágora de Atenas, sendo, no entanto, mais conhecido no ocidente como forma «Jehasse 116», em resultado do estudo desenvolvido por Jean e Laurence Jehasse (1973) para exemplares deste tipo identificados em Aléria.

Caracteriza-se, entre outros elementos, por apresentar um pé simultaneamente convexo na superfície interna e externa. A parede regista uma canelura, na face exterior e imediatamente abaixo do lábio, apresentando-se esse sulco mais suave em finais do século IV e inícios do século III a.n.e. O fundo interno é frequentemente decorado com motivos compostos de palmetas estampilhadas, surgindo estes motivos, a partir de 390-380 a.n.e., frequentemente delimitados por círculos de estrias. A forma começou a ser produzida no primeiro quartel do século IV a.n.e., exclusivamente decorada segundo a técnica de verniz negro[1297].

Os pratos de bordo espessado são pouco frequentes na Península Ibérica, registando-se, entre outros locais, em contextos datado de 360-350 a.n.e. de Castellones de Ceal (Jaén)[1298] e igualmente em Toya (Jaén), com exemplares genericamente datados de 350-325 a.n.e.[1299]. Em Portugal foram identificados exemplares desta forma em Castelo de Castro Marim, Castelo de Moura, Mértola e na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal.

De Castelo de Castro Marim são provenientes dois exemplares, correspondendo ambos a fragmentos de base, com vestígios de decoração no fundo interno (MAR/210 e MAR/211). A composição decorativa conservada compõe-se de círculos de estrias com paralelos no «taller Sec-11» do naufrágio de El Sec[1300]. Os pés são baixos, de perfil arredondado e simples, com ambas as faces convexas, tal como é comum neste tipo de pratos. Em Mértola encontramos igualmente dois exemplares desta forma, ainda que o seu enquadramento tipológico não seja feito de forma segura (MER/108 e MER/109). Correspondem ambos a fragmentos de fundo, conservando palmetas (MER/108) e círculos de estrias (MER/109) na face interna e o possível arranque do característico «umbo» na face externa (MER/108), presente nos exemplares de prato de bordo espessado produzidos a partir de 390 a.n.e.[1301]. Por último, regista-se um exemplar de bordo pertencente a esta forma no arqueossítio alentejano de Castelo de Moura (MOU/007). Apresenta o caraterístico bordo espessado, complementado de uma canelura na face interna, na ligação do lábio à parede.

1297 (Sparkes & Talcott, 1970, pp. 144-147).

1298 (Sanchez, 1992ª, p. 581, nº 376, fig. 78).

1299 (*Ibidem*, p. 637, nº 637, fig. 104).

1300 (Arriba *et alii.*, 1987).

1301 (Sparkes & Talcott, op. cit., pp. 144-147).

SAL/041. Perfil completo. Bordo espessado, com ligeira canelura na face interna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Pé com ambas as faces convexas. Apresenta repuxamento na face externa do fundo. Na face interna conserva decoração composta de círculos incisos, palmetas (de onze pétalas) unidas por caulículos e banda de estrias. **MNA 982.12.1 (27.7046).** Rouillard et alii., 1988-1989, p. 78, fig. 29.

SAL/042. Perfil completo. Bordo espessado, com ligeira canelura na face interna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Pé com ambas as faces convexas e canelura na superfície de apoio. Na face interna conserva decoração composta duas bandas de estrias a delimitar palmetas unidas por caulículos. Ao centro, círculos incisos e palmetas dispostas de forma radial, unidas por caulículos. OSM (27.7028). Rouillard et alii. 1988-1989, fig. 30, pl. XXXI, 2.

SAL/043. Fragmento de bordo e parede. Bordo espessado, com ligeira canelura na face interna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Diâmetro de abertura: 27 cm. **MNA 982.58.68 (27.7339).** Rouillard et alii., 1988-1989, fig. 31.

SAL/044. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo espessado. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. **OSM 479, 11211 (27.278).** Rouillard et alii. 1988-1989, nº 40, pl. XXX, nº 1

SAL/045. Fragmento de bordo e parede. Bordo espessado, com ligeira canelura na face interna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 15,4 cm. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires 154 – T F/X S. BQ. F-J ½ 6 ½ 8.** Bibliografia: Gomes, 2017, fig. 2.

SAL/046. Fragmento de pequena dimensão de bordo e arranque de parede. Bordo espessado, com ligeira canelura na face interna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor cinzenta, muito compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 16,6 cm. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires 279 – T G/X S. AQ. F- ½ i/3 -5 22/10/80.** Bibliografia: Gomes, 2017, fig. 3.

SAL/047. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo espessado. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor cinzenta, muito compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 16 cm. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires 141 – T G/X S. BQ. F-7, 7/10/80.** Bibliografia: Gomes, 2017, fig. 4

SAL/048. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo espessado, com ligeira canelura na face interna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor cinzenta e tonalidade bege, muito compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, espesso, aderente e brilhante. Diâmetro de abertura: 19 cm. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires 219 – T G/X S. BQ. F - AJ ½ 6, ½ 7.** Bibliografia: Gomes, 2017, fig. 5

SAL/049. Fragmento de pé, arranque de parede e arranque de fundo. Apresenta revestido de verniz negro com exceção de duas bandas deixadas em reserva na parede exterior. Exibe vestígios de decoração na face interna composta de banda de estrias. Pasta de cor cinzenta, muito compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, muito aderente, muito espesso e brilhante, com ligeiro brilho metalizado. Diâmetro do fundo: 16 cm. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires 140.** Bibliografia: Gomes, 2017, fig. 6.

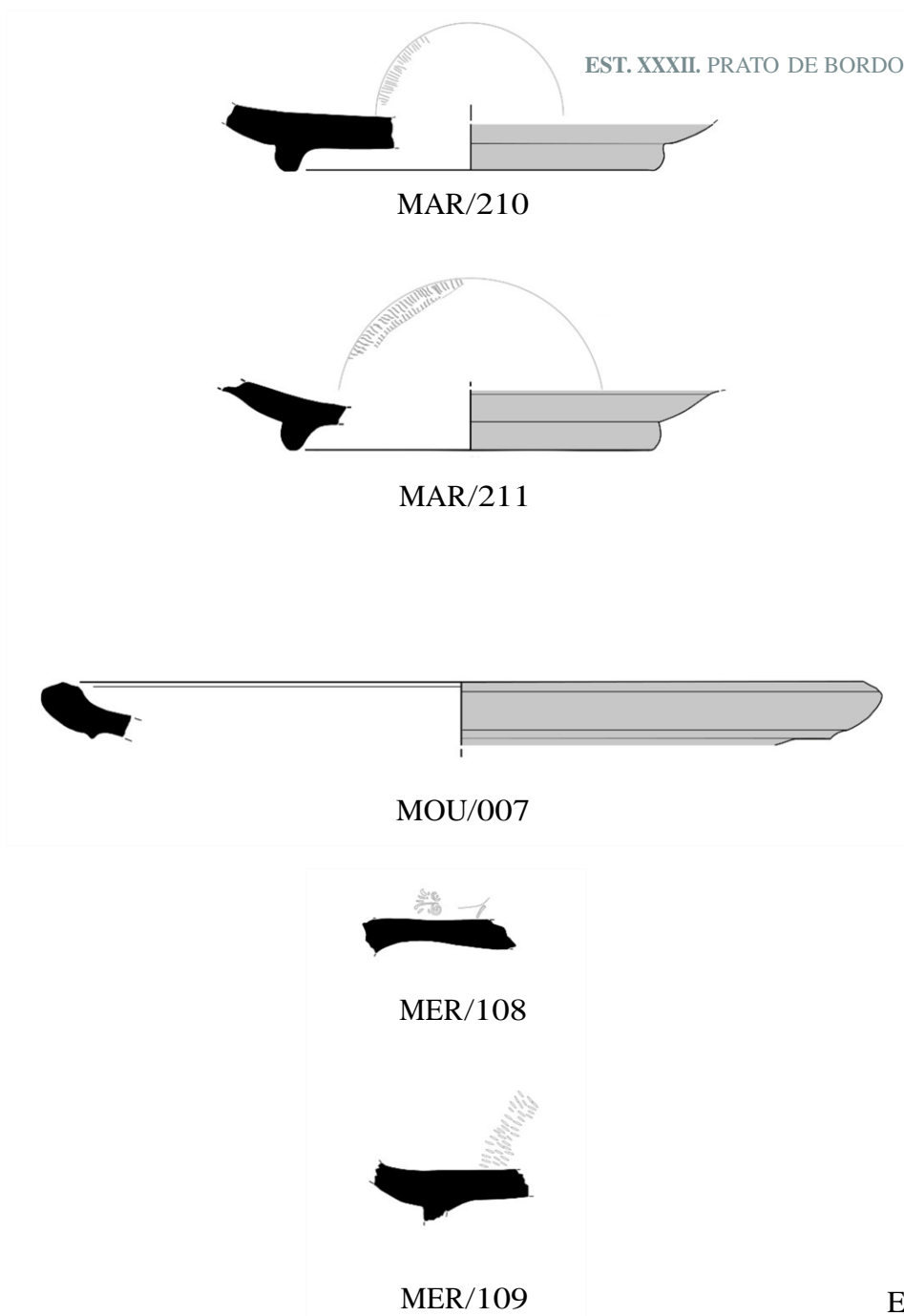
MAR/210. Fragmento de parede, fundo e pé. Apresenta-se totalmente envernizado. O fundo interno apresenta decoração composta de vestígios de um círculo concêntricos de estrias. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas avermelhadas, aderente, pouco espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 10,2 cm. **C. mar. 2002 Setor 01 [0109] 1945.**

MAR/211. Fragmento de parede, fundo e pé. Apresenta-se totalmente envernizado. O fundo interno apresenta decoração composta de vestígios de dois círculos concêntricos de estrias, apresentando-se as estrias em forma de «s». Regista paralelo com a decoração característica do «taller Sec-11» do naufrágio de El Sec.

Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito aderente, espesso e brilhante. Diâmetro do pé: 10,4 cm. **C. mar. 1986 Corte 01 Quadr. D 03 Nível 04 2815.**

MOU/007. Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo espessado, com ligeira canelura na face iterna, na ligação do lábio à parede. Na face externa, imediatamente a seguir ao bordo, apresenta saliência seguida de sulco pronunciado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Bibliografia: Soares, 2017, Fig. 11, nº 2.

MER/108. Fragmento de pé, arranque de parede e arranque de fundo. Exibe vestígios de decoração na face interna composta de palmetas unida por caulículos. Pasta de cor laranja de tonalidade rosa, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1985/Casa Pardal/** III.

MER/109. Fragmento de pé, arranque de parede e arranque de fundo. Exibe decoração na face interna composta de banda de estrias. Não permite determinar áreas em reserva. Pasta de cor laranja de tonalidade rosa, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 8C/ AG1 – Nível 1b**

4.2.16. Saleiro

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires E Colina do Castelo de Alcácer do Sal	**SAL /**	119	**PT15-MAR**	**XXXIII**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR /**	212	**PT15-MAR**	**XXXIII**
MESAS DO CASTELINHO	**CAS /**	006	**PT18-CAS**	**XXXIII**
CASTRO VERDE Neves-Corvo	**COR/CI /**	035	**PT18-COR**	**XXXIII**

Integram este grupo as taças de pequena dimensão, destinadas a diversos usos, destacando-se a sua aptidão enquanto recetáculos de sal e outros condimentos. Na qualidade de recipientes multifacetados, incorporam uma grande diversidade de tamanhos e características formais.

Considerando o avançado estado de fragmentação e deterioração dos fragmentos desta forma identificados na fachada da Peninsula Ibérica, regra geral, não é possível determinar com exatidão os seus atributos formais e consequentemente propor um enquadramento cronológico mais preciso para a produção destes vasos.

Um dos exemplares identificado, proveniente de Castelo de castro Marim apresenta uma base plana, muito espessa e de pequeno diâmetro (inferior a 5 cm), verificando-se nas suas extremidades o arranque para o bojo da peça. A superfície externa, reservada, exibe decoração composta de oss círculos concêntricos pintados. Apresenta o seu paralelo mais próximo nos exemplares nº 919 e 923 da Ágora de Atenas[1302], ainda que a ausência das restantes partes constituintes da peça não permita determinar com exatidão a qual da variante da forma pertenceria.

Um segundo exemplar pertencente a esta forma foi igualmente identificado em Mesas do Castelinho. Corresponde a uma taça de pequena dimensão, conservada inteira, apresentando parede hemisférica e bordo reentrante. O pé, anelar, exibe as faces interna e externa levemente encurvadas, sem canelura na superfície de apoio. Regista um mamilo central na face externa do fundo, muito acentuado, apresentando--se a base totalmente revestida de verniz negro. As mencionadas características aproximam-no da forma «saleiro» definida pelo estudo do conjunto de cerâmicas áticas da Ágora de Atenas, apresentando afinidades formais com o exemplar nº 949 da variante «footed» do referido estudo[1303], datado do segundo/ terceiro quartel do século IV a.n.e.

Por último, destacamos o vaso COR/CI/035, identificado em Corvo I, Castro Verde. O referido exemplar apresenta pé de perfil tendencialmente oval e pequena dimensão, registando 5,2 cm de diâmetro e cerca de 1 cm de altura. As faces interna e externa apresentam-se revestidas de verniz negro, tendo o fundo externo sido deixado em reserva. A superfície interna da peça (fundo e parede) foi totalmente revestida de verniz negro, e o arranque da parede indica que esta se projetava ligeiramente para fora. A pequena dimensão e as características morfológicas do fragmento sugerem uma possível correspondência a uma tigela pequena, não concordante, no entanto, com os exemplares de base ampla. A classificação como saleiro, é igualmente admissível, registando-se igualmente similitudes com o exemplar nº 949 da Ágora de Atenas. A referida proposta de enquadramento tipológico deverá ser encarada com reservas, uma vez que não foi possível identificar um paralelo exato para o fragmento em estudo. O verniz distingue-se claramente dos demais exemplares encontrados em Neves-Corvo, pela sua boa qualidade, acentuando assim a natureza excecional deste exemplar.

1302 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 132, pls. 33-34, 59, figs. 9, 20, 22).

1303 (*Ibidem*, p. 137).

CATÁLOGO

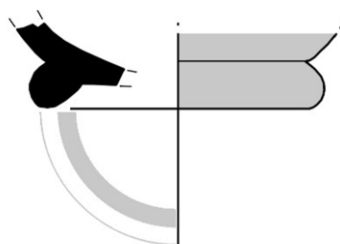
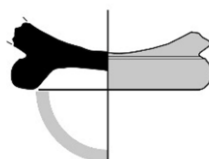
SAL/119. Fragmento de pé, fundo e parede. Pé baixo, anelar, de perfil simples. Exibe superfície de apoio em reserva. Faces interna e externa do pé totalmente revestidas de verniz negro. O fundo externo apresenta-se em reserva. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor L. Inventário: 1059**.

MAR/212. Fragmento de fundo, muito deteriorado, sendo possível verificar, em ambas as extremidades o início do arranque da parede. A superfície exterior do fundo apresenta-se reservada, decorada com círculos concêntricos em verniz negro. A superfície interior encontra-se totalmente envernizada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz muito desgastado. Diâmetro de fundo: 5 cm. **C. MAR. 2003 Setor 01 [0581/625] 10132**

CAS/006. Exemplar com perfil completo, corresponde a taça de pequena dimensão, apresentando parede hemisférica e bordo reentrante. O pé, anelar, exibe as faces interna e externa levemente encurvadas, totalmente revestidas de verniz negro. Regista um mamilo central na face externa do fundo, muito acentuado. **Mesas do Castelinho/ Recolha de Superfície/ Nº 4159** (Delgado, 1971, 1971, pp. 406-407, Est. I, nº4; Estrela, 2012, Est. III)

COR/CI/035. Pé, fundo e arranque de parede. Pé anelar, simples. Apresenta a superfície de apoio, a parte superior da face interna do pé e o fundo externo em reserva. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito espesso, aderente e muito brilhante. Diâmetro de pé: 5,2 cm, altura máx. conservada: 1,7 cm. **Corvo I/ Retângulo III/ 4ª Camada / Compartimento 8/ Quadrícula U19/ Ficha 31 nº8/ 04-10-1988**.

EST. XXXIII. SALEIRO

Estampa previamente publicada: Arruda, Ferreira & Sousa, 2022.

Escala 1:2

4.2.17. Lekanis

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CABEÇO DA AZOUGADA	AZO /	034	PT18-AZO	XXXIV
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR /	157	PT15-MAR	XXXIV
CASTRO DO MONTE DAS ERMIDAS	ERM /	001	PT11-ERM	XXXIV

Corresponde a um vaso de pequeno tamanho concebido para servir variados propósitos, sendo os mais comuns o de conter unguentos ou objectos de adorno pessoal. São peças geralmente compostas de dois elementos, integrando uma base do tipo taça e uma tampa, que pode ela própria ser usada, quando colocada em posição invertida, como taça.

Na fachada atlântica da Península Ibérica, registam-se testemunhos desta forma decorados com a técnica de figuras vermelhas, já anteriormente mencionados, e totalmente revestidos de verniz negro, presentes em Castelo do Castro Marim, Cabeço da Azougada e no Castro das Ermidas.

O fragmento do castro das Ermidas conserva parte do bordo, de perfil vertical; o arranque de uma das aletas laterais, de perfil vertical e tubular; e parte da parede com a protuberância típica desta forma, destinada ao encaixe da tampa. As suas características morfológicas permitem integrá-lo na variante das lekanides de tampa reversível («reversible lids») definida pelo estudo do conjunto da Ágora de Atenas[1304]. Peças deste tipo são produzidas a partir do século VI a.n.e., registando os exemplares de verniz negro, o auge de popularidade na segunda metade do século V a.n.e. e sendo raras a partir de 400 a.n.e., altura em que as lekanides de figuras vermelhas se tornam mais comuns[1305]. No respeitante à evolução da forma, as principais alterações registam-se no aspeto geral das peças, na morfologia do bordo, asas e aletas laterais. Os exemplares mais antigos são tendencialmente mais altos, com paredes com uma curvatura menos pronunciada, mais vertical, por oposição aos modelos tardios mais horizontais. No século V a.n.e., os bordos apresentam-se geralmente revestidos de engobe negro, contrastando assim com os bordos decorados com linhas diagonais ou ziguezagues, característicos da centúria seguinte. Por último, no respeitante às asas, nos exemplares do século V a.n.e., estes elementos adotam usualmente a forma de ferradura, conectadas com alguma proximidade às aletas laterais, que no século IV a.n.e. passam a ser posicionadas a uma certa distância das asas. O exemplar em análise integra os marcadores formais definidos para o século V a.n.e., devendo a sua produção ser remetida para esse momento.

A forma encontra-se igualmente testemunhada no Castro da Azougada[1306] e em Castelo de Castro Marim. Correspondem ambos a fragmentos de tampas de verniz negro, apresentando ângulos acentuados entre o bordo e a parede da peça, característicos das produções de lekanides de inícios do século IV a.n.e.

As lekanides de verniz negro são pouco frequentes na Península Ibérica, registando-se, no entanto, exemplares semelhantes aos que encontramos no atual território português, entre outros locais, em Carrer Jaume (Tarragona)[1307], Los Villares (Albacete)[1308], La Illeta dels Banyets (Alicante)[1309].

1304 (Sparkes & Talcott, 1970, nos1240-1241).

1305 (*Ibidem*, p. 168).

1306 Um estudo de 2017 refere a existência de um fragmento em Castelo de Moura (Soares, 2017, 187, fig. 17, n.º 416), contudo, a referência bibliográfica que lhe é atribuída, reporta-se ao exemplar do Castro da Azougada.

1307 (Díaz García, 2008, p. 184, fig. 9-9).

1308 (Blanquez, 2000, p. 411-412).

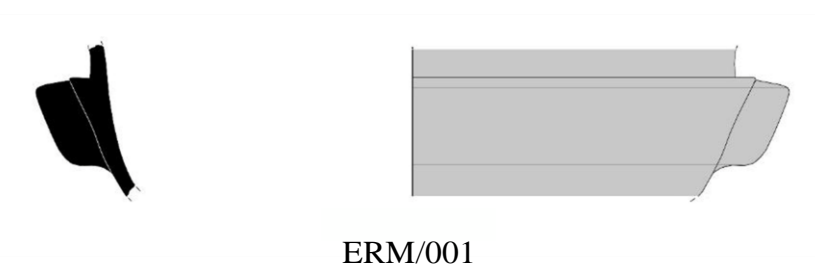
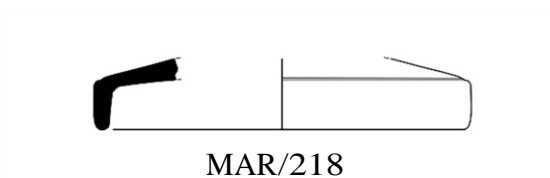
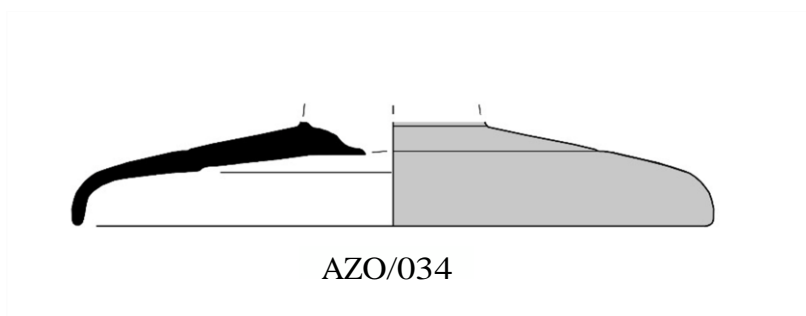
1309 (Garcia Martin, 2003, p. 271, 963, fig. 136).

AZO/034. Fragmento de bordo e parede. Regista um ângulo acentuado entre o bordo e a parede. Conserva o arranque do pé. **Azougada/ nº 416.** Bibliografia: Soares, 2017, Fig. 17, nº 416.

MAR/218. Vaso de Verniz Negro – Lekanis. Fragmento de bordo. A ligação do bordo à parede é feita, na superfície exterior, através de uma canelura. A extremidade do bordo parece apresentar-se em reserva, ainda que o avançado estado de deterioração do verniz não o permita confirmar. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 10 cm. C. Mar. Sup. sem n.º 18.

ERM/001. Fragmento de bordo, o arranque de uma das aletas laterais, de perfil vertical e tubular; e parte da parede com a protuberância típica desta forma, destinada ao encaixe da tampa. **Bordo de perfil vertical.** Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. O verniz, de cor negra, é espesso, aderente e brilhante, apresentando-se, no entanto, baço na zona da aleta. **Castro das Ermidas – Nº Inv. de campo: E86.2511 (1986), nº Inv. de gabinete: 2007-GA-00087; CNS 031218**. Bibliografia: Dinis, 1993, p. 59; Silva, 2007, p. 114-116, nº20)

EST. XXXIV. LEKANIS

Escala 1:2

4.2.18. Lekythos aribalesca

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CABEÇO DE VAIAMONTE	**VAI** /	002	**PT18-VAI**	-
FARO – Centro Histórico	**FAR** /	003	**PT15-FAR**	**XXXV**
MÉRTOLA	**MER** /	068	**PT18-MER**	**XXXV**

A forma surge simultaneamente associada à técnica decorativa de figuras vermelhas e verniz negro, integrando vasos de reduzido tamanho, de corpo esférico-ovoide, boca abocinada, ombro pouco pronunciado e pé largo e discoide[1310].

Na fachada atlântica da Península Ibérica foram identificados três exemplares passíveis de integrarem esta tipologia, recolhidos exclusivamente no Alentejo e Algarve. Dois deles, procedentes de Mértola (MER/068) e Faro (FAR/003) conservam a parte superior do bojo e o arranque do colo. Possuem ambos um corpo tendencialmente mais verticalizado quando comparado com os exemplares bojudos que caracterizam esta forma. Não obstante esta distinção, encontram os seus paralelos mais próximos nos exemplares da variante **«squat lêkythos black and plain» definida pelos estudos da Ágora de Atenas[1311]**, com uma produção posterior a 450 a.n.e.

O terceiro exemplar identificado foi recolhido em Cabeça de Vaiamonte e corresponderá à base de uma destas peças. A impossibilidade de observar o fragmento identificado coloca, no entanto, naturais reservas à proposta de classificação apresentada.

Na Península Ibérica as lêkythoi aribalescas revestidas de verniz negro são pouco frequentes. Encontramos, no entanto, um exemplar de características formais semelhantes à lekýthos de Faro em La Bastida de les Alcusses (Valencia), datada de 400-300 a.n.e.[1312]. O vaso procedente de Mértola encontra o seu paralelo mais próximo numa lekýthos aribalesca identificada na Necròpolis del Puig des Molins, em Eivissa (Ilhas Baleares), igualmente datada de 400-300 a.n.e.[1313].

1310 (Richter & Milne, 1935 (tipo III); Beazley, 1968, (Squat lekythos), Trías, 1967, pl. 110; Haspels 1936; Sparkes & Talcott, 1970).

1311 (Sparkes & Talcott, op. cit., p. 153).

1312 (Fletcher, Pla & Alcacer, 1965, p. 109, Fig. 1).

1313 (Fernández Gomez, 1992, p. 117, nº 51, fig. 38, lâm. XXX).

VAI/002. Fragmento de fundo. No decorrer do estudo dos materiais gregos realizada no Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito da presente obra, não foi possível recuperar o paradeiro destes materiais. Bibliografia: Fabião, 1996, 1998; Arruda, 1997. Não ilustrado.

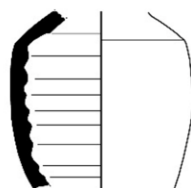
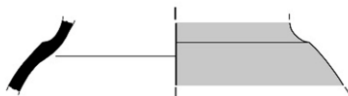
FAR/003. Fragmento de bojo e colo. Bojo tendencialmente vertical, com acentuado ângulo na ligação ao colo da peça. Apresenta a face externa totalmente revestida de verniz negro. Na face interna são visíveis caneluras. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro,
espesso, aderente e brilhante. Faro, S/N. Bibliografia: Barros, 2005. Desenho FAR/003 da autoria de (Barros, 2005), adaptado.

MER/068. Fragmento de parede e arranque de gargalo. Pasta de cor bege, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas na face externa e de cor avermelhada na face interna, aderente, espesso e brilhante. Diâmetro máx. conservado: 8,6 **Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700 (VII 6).**

EST. XXXV. LEKYTHOS ARIBALESCA

FAR/003

MER/068

Escala 1:2

4.2.19. Askos – Variante Guttus

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
LISBOA Colina de São Jorge	**LIS/CSJ** /	017	**PT17-LIS**	**XXXVI**
MONTE MOLIÃO	**MOL** /	001	**PT15-MOL**	**XXXVI**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV** /	014	**PT15-TAV**	**XXXVI**

O termo «askos» abrange uma grande diversidade de unguentários com distintas configurações, tendo em comum o facto de incorporarem uma asa e de possuírem bocas destinadas a facilitar o processo de verter líquidos nobres (óleos, mel e perfumes) de forma cuidadosa e em pequenas quantidades[1314]. Ao longo da sua produção, a forma adota distintas morfologias, particularmente ao nível do bocal, dando origem a diferentes variantes, entre as quais a designada «guttus». O tipo «guttus» distingue-se dos demais por apresentar um pé baixo, corpo bulboso e um bocal que assenta sobre uma garganta vertical. A asa, delicada, é anelar e vertical. Os primeiros exemplares deste tipo são produzidos nos inícios do século IV a.n.e. e caracterizam-se por apresentarem um pé largo com o fundo externo em reserva. À medida que nos encaminhamos para momentos mais avançados da sua produção, estas peças adquirem um corpo mais alongado e estreito, o pé torna-se proporcionalmente mais pequeno e o gargalo adquire uma configuração mais alongada, dando lugar a um bocal mais aberto[1315].

Forma parte do conjunto de cerâmicas gregas procedentes de Lisboa, um fragmento de askos. O exemplar apresenta-se totalmente revestido de verniz negro, podendo, no entanto, corresponder a um vaso decorado com figuras vermelhas. De pequena dimensão, não permite determinar a que variante pertenceria e, consequentemente, não é possível propor um enquadramento cronológico preciso para a sua produção. Um intervalo temporal entre os finais do século V e a primeira metade da centúria seguinte é, no entanto, admissível[1316].

Também na região algarvia de Tavira foi identificado um exemplar possivelmente pertencente a esta forma. Corresponde ao bocal de um vaso fechado, de pequena dimensão, de características morfológicas semelhantes aos askoi do tipo guttus identificados nos conjuntos de cerâmica ática da Ágora de Atenas[1317]. A forma é pouco usual na Península Ibérica, registando-se o paralelo mais próximos ao exemplar identificado em Tavira, na necrópole del Puig de Serra, em Ullastret (Girona), num vaso associado a um contexto datado de 350-300 a.n.e.[1318].

Por último, regista-se um vaso desta forma no arqueossítio de Monte Molião. Conservando apenas parte da parede e o arranque do gargalo da peça, apresenta uma fina banda reservada e motivos sobre-pintados a branco, ambos presentes na face externa do vaso. Foi sugerida a sua integração na variante «lagynos»[1319], classificação com a qual concordamos. Regista similitudes formais com um exemplar do mesmo tipo, recolhido na sepultura 92 do arqueossítio de El Cigarralejo (Mula, Murcia), datado de 400-375 a.n.e.[1320]. Destacamos igualmente o aparecimento, no decorrer das escavações do teatro romano de Málaga, da parte inferior de um guttus decorado com sobrepintura branca do estilo Gnathia[1321]. O mencionado exemplar conserva parte do arranque do gargalo, apresentando uma moldura associada a uma fina banda reservada. Por baixo deste elemento, conserva uma grinalda sobrepintada a branco, composta de elemen-

1314 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 210, n.os 1725-1738, Pl. 80, Fig. 14).

1315 (Sparkes & Talcott, 1970, p. 210, n.os 1725-1738, Pl. 80, Fig. 14).

1316 Desde logo, sugerido em (Arruda & Sousa, 2019, p. 191).

1317 (Sparkes & Talcott, op. cit., p. 210, n.os 1725-1738, Pl. 80, Fig. 14).

1318 (Cabrera Bonet & Sánchez, 2000, p. 318).

1319 (Arruda, *et alii*., 2011, p. 15-16).

1320 (Cuadrado, 1963, p. 162, fig. 27-96; Garcia Cano, 1982, p. 185, 369, fig. 32-15; Cuadrado, 1987, p. 219, 5, fig. 83-5).

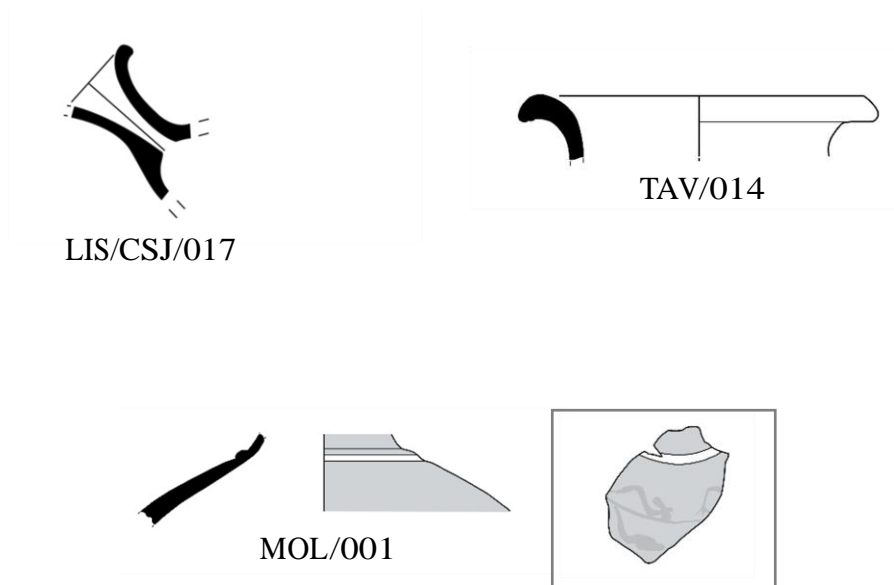
1321 (Gran Aymerich, 1988, p. 208, fig. 5, nº 1).

tos vegetalistas e pontos alternados. As semelhanças verificadas na decoração entre este exemplar e o fragmento proveniente de Monte Molião permitem integrar este último no estilo Gnathia, ainda que a referida atribuição seja feita com reservas. À semelhança do testemunho espanhol, é igualmente admissível uma atribuição cronológica entre 375 e 350 a.n.e. para o uso deste vaso[1322].

CATÁLOGO

LIS/CSJ/017. Fragmento de gargalo. Bordo de lábio espessado e ligeiramente esvasado. Possui garganta alongada, progressivamente mais aberta à medida que avança para o bocal. Conserva arranque do bojo, podendo corresponder a um exemplar de askos de corpo mais baixo e alongado, com abertura lateralizada. **Castelo de São Jorge, 4670.** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 190. Desenho LIS/CSJ/017 da autoria de (Arruda & Sousa, 2019, p. 190).

MOL/001. Fragmento de parede e arranque de gargalo. Apresenta fina banda reservada na superfície externa, seguida de uma grinalda composta de elementos vegetalistas sobrepintados a branco. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. *Monte Molião.* Bibliografia: Arruda, *et alii.*, 2011, p. 15-16.

TAV/014. Fragmento de bordo e arranque de garganta. Bordo de lábio espessado e ligeiramente esvasado. **Tavira, S/N.** Bibliografia: Barros, 2005, fig. 10, nº 8. Desenho da autoria de (Barros, 2005), adaptado.

Escala 1:2

1322 *Ibidem*).

4.2.20. Lucerna

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR** /	219	**PT15-MAR**	-
MÉRTOLA	**MER** /	111-113	**PT18-MER**	**XXXVII**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV** /	019	**PT15-TAV**	**XXXVII**

Os trabalhos de síntese tipológica de R. H. Howland[1323] sobre as lucernas gregas da Ágora de Atenas e de Oscar Bronner[1324], relativo às lucernas identificadas nas escavações de Corinto, constituem a base das considerações que agora tecemos.

Em Portugal foram identificados fragmentos de lucernas gregas exclusivamente em Castelo de Castro Marim, Mértola e Tavira. No primeiro local , foi possível recolher um fragmento apenas, ainda que o mesmo, devido às suas reduzidas dimensões, não permita a reconstituição gráfica ou classificação. Corresponde a uma pequena porção do bico e do reser vatório de um exemplar totalmente revestido de verniz negro.

Figura 19. Lucerna de Castelo de Castro Marim. Fotografia de autor.

Figura 20. Fragmento de Lucerna identificado em Tavira. Fotografia de autor.

1323 (Howland, 1958).
1324 (Broneer, 1930).

O conjunto de produções áticas de Mértola integra três fragmentos de lucernas, tendo sido possível proceder à observação de dois destes exemplares. O terceiro fragmento é mencionado em artigo da Ana Margarida Arruda, Pedro Barros e Virgílio Lopes (1998), onde se refere a existência de um fragmento de parede, não ilustrado, que não permite classificação tipológica e cronológica. Os restantes dois exemplares (MER/100 e MER/101) correspondem a dois bordos com arranque de bico. A pequena dimensão dos fragmentos não permite o estabelecimento de uma atribuição tipológica mais precisa. O exemplar (MER/100) pertence uma lucerna de paredes altas, com canelura pronunciada na separação entre o bordo e a parede. Apresenta bico largo e estreito, semelhante às lucernas do tipo 25 (A e B) estabelecido pelo estudo do conjunto da Ágora de Atenas[1325] e ao tipo VII de Corinto[1326], datadas de meados do século IV a.n.e. O exemplar (MER/101), corresponde igualmente a uma lucerna de paredes altas. O bordo é plano e revirado para o interior. Exibe duas caneluras no disco Assemelha-se à forma 23 A da Ágora de Atenas e à forma VI de Corinto. Ambas datam a sua produção entre o terceiro quartel do século V a.n.e. e o primeiro quartel da centúria seguinte.

Por último, no Museu da Lucerna, em Castro Verde, foi possível ter acesso a um fragmento de lucerna recolhido no decurso das escavações arqueológicas conduzidas em Tavira. Corresponde ao bico e ao arranque do reservatório de um exemplar desta forma, apresentando uma decoração simples composta de uma canelura a delimitar o disco. Não conservando as paredes do reservatório, não é possível propor um enquadramento tipológico mais preciso para este exemplar, podendo, contudo, tratar-se de uma lucerna de paredes altas, semelhante às identificadas em Mértola.

CATÁLOGO

MAR/219. Fragmento do bico e reservatório. O fragmento apresenta-se totalmente revestido de verniz negro, ainda que muito deteriorado na superfície interna. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, com manchas de tonalidade acastanhada, espesso, aderente e pouco brilhante. Altura conservada: 0,28 cm. **C. mar. 1988 Corte 03 Quadr. E 06 Nível 01 2842**. Bibliografia: Arruda, 1997. Não ilustrado.

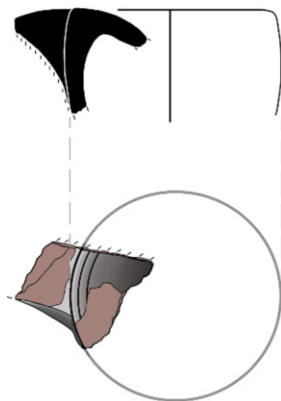
MER/110. Fragmento de parede de reservatório e bico. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Exibe decoração composta de duas molduras presentes no disco. Pasta de cor cinzenta e tonalidade alaranjada, pouco compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Diâmetro de bordo: 6,8 cm, espessura de parede: 0,4 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal. Bibliografia:** Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 142, fig. VIII nº3.

MER/111. Fragmento de reservatório e arranque do bico. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Exibe canelura na separação entre o bico e o reservatório. Pasta de cor laranja e tonalidade rosada, pouco compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 142, fig. VIII nº4.

MER/ 112. Fragmento de parede e arranque do fundo. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor rosa e tonalidade acinzentada, compacta e bem depurada. Verniz negro, pouco aderente e baço. Espessura máx.:0,7 cm. **Mértola/ 1995/ Casa Pardal.** Bibliografia: Arruda, Barros & Lopes, 1998, p. 142-143). Não ilustrado (não constava no conjunto de cerâmicas observado.).

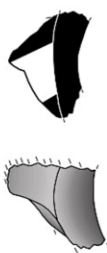
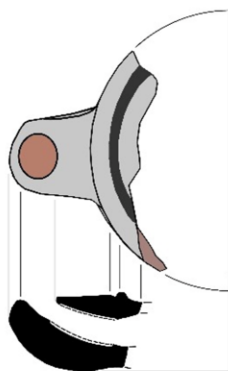
TAV/019. Fragmento de parede e bico. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Exibe canelura a delimitar o disco. Pasta de cor laranja, pouco compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, muito espesso e pouco brilhante. **Tavira- S/N**.

1325 (Howland, op. cit.).

1326 (Broneer, op. cit.).

MER/100

MER/101

TAV/019

Escala 1:2

4.2.21. Fragmentos Decorados de Forma Indeterminada

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
ALCÁCER DO SAL Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires	**SAL /**	050	**PT18-SAL**	-
ALCOUTIM Castelo da Vila	**ALC/CV /**	001	**PT15-ALC**	**XXXVIII**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR /**	220-228	**PT15-MAR**	**XXXVIII**
MONTE MOLIÃO	**MOL /**	004-005	**PT15-MOL**	-
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV /**	012-013	**PT15-TAV**	-

Na fachada atlântica da Península Ibérica foi possível identificar catorze fragmentos de cerâmica ática de verniz negro, correspondendo a fundos e paredes decorados na superfície interna com motivos estampilhados e incisos. Não foi possível identificar a que tipo exato de vasos pertenceriam, correspondendo, no entanto e de forma segura, a formas abertas. Do conjunto, nove são procedentes de Castelo de Castro Marim (MAR/220-228); um foi identificado no Castelo da Vila, em Alcoutim (ALC/CV/001); dois foram recolhidos no arqueossítio de Monte Molião (MOL/004 e MOL/005); e dois foram identificados em Tavira (TAV/012-013).

CATÁLOGO

SAL/050. Fragmento de fundo. Apresenta decoração na face interna composta de um cír- culo central inciso, palmetas unidas por caulículos e vestígios de banda de óvalos. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, 084**. Bibliografia: Gomes, 2007, fig. 8.

ALC/CV/001. Dois fragmentos com colagem entre si, correspondendo a fundo**.** A superfície interna apre- senta decoração composta de vestígios de uma palmeta de onze pétalas, núcleo central e volutas. Na extremidade conservada do fragmento é possível identificar vestígios de estrias delimitadas, inferiormente, por um círculo concêntrico inciso. A face externa do fundo apresenta círculos concêntricos em verniz negro e em reserva, alternados. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz negro, de tonalidade acinzentada no fundo interior, pouco aderente, espesso e pouco brilhante. **C.Alcoutim I15**

MAR/220. Fragmento de fundo. Decorado com vestígios de três palmetas presentes na superfície externa. Palmetas com volutas, de pétalas curtas. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas/esverdeadas, aderente, espesso e baço. Possível correspondência com o taller «Sec-3» da embarcação «El Sec». **C. mar. 1983-1989 Recolha de Superfície 2822.** (Arruda 1997, p.138).

MAR/221. Fragmento de parede. Decorado com três linhas de estrias e palmetas unidas caulículos. Palme- tas estreitas, de pétalas curtas, despegadas, com volutas e sem núcleo central. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **C. mar. 1983-1989 Recolha de Superfície 2823.** (Arruda 1997, p. 138).

MAR/222. Fragmento de fundo. Decorado com banda de óvulos delimitada por círculo inciso. Vestígios de caulículos. Pasta de cor laranja, dura, compacta e muito depurada. Verniz vermelho, muito deteriorado, pouco aderente e espesso. C. Mar. 1984 Corte 01 Quadrado E 04 Nível 03 4601.

MAR/223. Fragmento de fundo. A superfície interna é decorada com banda de óvulos delimitada por círculos incisos. Palmetas de pétalas longas. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente pouco espesso na superfície exterior e brilhante. C. Mar. 2002 Setor 01 [0373] 4186.

MAR/224. Fragmento de parede, próximo do fundo. A superfície interna é decorada por círculo inciso e vestígios de pétalas de uma palmeta. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz aderente, espesso e brilhante. C. Mar. Sup. 3185.

MAR/225. Fragmento de parede. A superfície interna encontra-se decorada com banda de óvulos, delimitadas por círculos concêntricos incisos. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. C. Mar. Sup. Sem n.º 19.

MAR/226. Fragmento de parede. É decorado na superfície interna com palmeta. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz aderente, espesso e brilhante. C. Mar. Sup. 2824.

MAR/227. Fragmento de parede. A superfície interna encontra-se decorada com estrias alongadas. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. C. Mar. Sup. 2825.

MAR/228. Fragmento de parede. Decorado na superfície interna com vestígio de círculo e palmeta com volutas. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Não ilustrado. C. Mar. 2002 Setor 01 [0392] 5421.

MOL/004. Fragmento de fundo. Apresenta decoração estampilhada na face interna, composta de vestígios de três palmetas agregadas de forma radial. As palmetas apresentam sete pétalas, volutas e núcleo central. São delimitadas por vestígios de uma banda de estrias. Foi sugerida, com reservas, a classificação deste fragmento como bolsal. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espero, aderente e brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, *et alii.*, 2011, pp. 15-16. Não ilustrado.

MOL/005. Fragmento de fundo. Apresenta decoração estampilhada na face interna, sendo percetível vestígios de três palmetas, uma das quais completa. As palmetas apresentam onze pétalas, volutas e núcleo central. São igualmente visíveis vestígios de caulículos que uniriam estes elementos. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, *et alii.*, 2011, pp. 15-16. Não ilustrado.

TAV/012. Fragmento de fundo de forma indeterminada. Na face externa apresenta círculos concêntricos em verniz negros e reservados, apresentados de forma alternada. Na face interna conserva decoração estampilhada em forma de óvalos. Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 8, nº 5.

TAV/013. Fragmento de fundo, arranque de pé e arranque de parede, de forma indeterminada. Na face externa apresenta círculos concêntricos em verniz negros e reservados, apresentados de forma alternada. Na face interna conserva decoração estampilhada em forma de óvalos. Bibliografia: Barros, 2005, Fig. 8, nº 6.

Estampa previamente publicada: Arruda, Ferreira & Sousa, 2022.

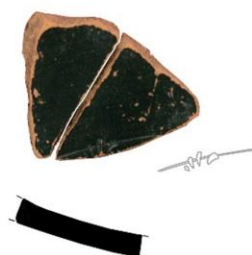
ALC/CV/001

MOL/004

MAR/220

MAR/221

MAR/222

MAR/223

MAR/224

MAR/225

MAR/226

MAR/227

MAR/228

Escala 1:2

4.2.22. Fragmentos Não Decorados de Forma Indeterminada

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTRO VERDE Neves-Corvo	**COR/CI** /	000	**PT18-SAL**	**XXXIX**
MESAS DO CASTELINHO	**CAS** /	007-008	**PT18-CAS**	**XXXIX**
MONTE MOLIÃO	**MOL** /	007	**PT15-MOL**	**XXXIX**
SANTA OLAIA	**OLA** /	002	**PT16-OLA**	**XXXIX**

Formam parte deste grupo, cinco exemplares para os quais não foi possível determinar uma correspondência tipológica precisa. Um deles é procedente de Castro Verde, estando atualmente em exposição no Museu da Lucerna. Apresenta pasta muito depurada e vestígios de verniz negro na face externa. De pequeníssima dimensão, destinar-se-ia certamente a conter líquidos nobres (perfumes, óleos, essências, entre outros), podendo genericamente classificar-se como unguentário. As características morfológicas que regista aproximam-no da forma anforisco, sem, no entanto, apresentar a base típica deste tipo de peças. Não se tendo identificado nenhum paralelo próximo para esta peça, foi classificada como forma indeterminada.

No arqueossítio de Mesas do Castelinho foram recuperados dois fragmentos de bordo, para os quais não foi possível determinar com segurança a que forma pertenceriam. Apresentam ambos verniz negro nas faces interna e externa, sugerindo uma possível correspondência às formas abertas, possivelmente uma taça. A classificação como jarra, em particular para o fragmento CAS(007), é igualmente admissível. Atendendo à dificuldade de integração também destes exemplares considerados de forma indeterminada

Figura 21. Vaso de Castro Verde. Fotografia de autor.

Em Santa Olaia, além do fragmento de kratêr de figuras vermelhas já mencionado, foi também recolhido um exemplar ático conservando bordo e arranque de parede, totalmente revestido de verniz negro. Apresenta bordo reto, de lábio ligeiramente espessado na face interna. Dada a impossibilidade de desenhar este exemplar, não foi possível determinar com segurança a que forma pertenceria, tendo por isso sido classificado como forma indeterminada.

Por último, regista-se um fragmento de parede procedente de Monte Molião que, não obstante corresponder a uma forma indeterminável, apresenta um possível grafito na face externa cuja excecionalidade obriga à integração do seu desenho na presente tese. O referido grafito compõe-se da inscrição incisa de caracteres gregos, tendo sido realizada num momento posterior à cozedura do vaso[1327].

CATÁLOGO

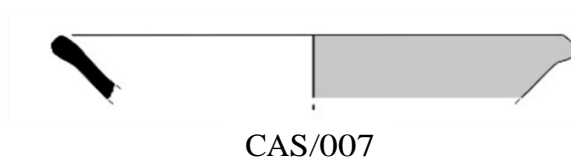
COR/CI/000. Parte inferior com base e parede. Pasta de cor bege com manchas acinzentadas, pouco compacta e bem depurada. Verniz muito deteriorado, presente apenas na face externa. Verniz negro, pouco espesso e pouco aderente. **Corvo1/ Sem referência**.

CAS/007. Fragmento de bordo de forma indeterminada. Bordo ligeiramente esvasado e espessado. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. **Mesas do Castelinho / Campanha 7 (1995) / Setor A2 / U.E. [1] / nº 4158.** Bibliografia: Estrela, 2012, catálogo de materiais II, nº 3227; Arruda, 1997, p. 95).

CAS/008. Fragmento de bordo de forma indeterminada. Bordo espesso, revirado para fora, de perfil oval. Pasta de cor laranja clara, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Não permite determinar diâmetro. Apresenta pequenas incrustações na superfície externa. **Mesas do castelinho/Campanha 6 (1994) / Setor A1 / U.E. [230] / Ambiente XII/ 3227**. Bibliografia: Estrela, 2012.

MOL/007. Fragmento de parede de pequeníssima dimensão. Apresenta possível grafito na face externa do vaso. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e deteriorado. **Monte Molião.** Bibliografia: Arruda, et alii., 2011, pp. 1-16.

OLA/002. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a bordo e arranque de parede. Bordo reto, apresenta lábio ligeiramente espessado. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Santa Olaia – 93 STOLAIA A1S120-1**.

EST. XXXIX. FRAGMENTOS NÃO DECORADOS DE FORMA INDETERMINADA

Escala 1:2

1327 (Arruda, *et alii.*, 2011, pp. 15-16).

4.2.23. Fragmentos Não Decorados de Forma Indeterminável

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS
ALCÁCER DO SAL Colina do Castelo	**SAL /**	109, 113, 115, 121, 132, 137, 138	**PT18-SAL**
ALCÁÇOVA DE SANTARÉM	**SAN /**	010	**PT18-SAN**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR /**	229-278	**PT15-MAR**
CASTELO DE SERPA	**SER /**	001	**PT18-SER**
CASTELO DOS MOUROS	**SIN /**	001	**PT17-SIN**
CASTRO DE PENICES	**PEN /**	001	**PT11-PEN**
CASTRO DO A. COTO DA PENA	**CCP /**	001	**PT11-PEN**
CERRO DA ROCHA BRANCA	**CRB /**	008	**PT15-CRB**
CASTRO GRANDE DE O NEIXÓN	**CGN /**	001-002	**ES11-CGN**
FARO Centro Histórico	**FAR /**	006-007	**PT15-FAR**
GARVÃO	**GAR /**	001	**PT18-GAR**
QUINTA DO ALMARAZ	**ALM /**	003	**PT18-ALM**
MÉRTOLA	**MER /**	114-148	**PT18-MER**
MESAS DO CASTELINHO	**CAS /**	009	**PT18-CAS**
MONTE MOLIÃO	**MOL /**	008-011	**PT15-MOL**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV/CDA /** **TAV/PF /** **TAV/CG /** **TAV /**	001 002 001 015	**PT15-TAV**

Para 113 fragmentos de paredes e fundos revestidos de verniz negro não foi possível determinar a forma a que pertenceriam. A generalidade apresenta pequena dimensão e pastas e engobes muito deteriorados. Não conservam qualquer elemento decorativo, podendo, alguns destes, corresponder à parte não decorada de exemplares de figuras vermelhas. Considerando a sua importância enquanto elementos passíveis de indicar um enquadramento cronológico para os contextos em que foram identificados, entendemos pertinente mencioná-los e descrevê-los sumariamente. Atendendo à sua pequena dimensão e à ausência de elementos passíveis de classificação tipológica, como bordos e pés, abstemo-nos de apresentar o de- senho destas peças.

SAL/109. Fragmento de pequena dimensão de parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Setor I. Inventário: 2521**.

SAL/113. Pequeno fragmento de parede. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, aderente, espesso e depurado. Verniz negro de tonalidade esverdeada, espesso, aderente e brilhante (com brilho metalizado). Espessura máx. conservada: 0,31 cm. **Setor D. Inventário: 2506**.

SAL/115. Fragmento de fundo de pequeníssima dimensão. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, aderente, espesso e depurado. Verniz negro de tonalidade esverdeada, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,37 cm. **Setor D. Inventário: 2505**.

SAL/121. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e pouco brilhante. **Setor B. Inventário: 2529**.

SAL/132. Fragmento de pequeníssima dimensão de fundo, arranque de parede e arranque de pé. O fundo externo apresenta círculo concêntrico reservado. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor C. Inventário: 2071**.

SAL/137. Fragmento de fundo e arranque de pé. Na face externa do fundo apresenta círculos reservados e em verniz negro, apresentados de forma alternada. A face interna encontra-se muito deteriorada. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Setor F, Desmonte de estrutura. Inventário: s/n.**

SAL/138. Fragmento de pequena dimensão de parede. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Espessura máx. conservada: 0,4 cm. **Setor D. Inventário: 2508**.

SAN/010. Fragmento indeterminado de pequena dimensão. Pasta de cor laranja clara, dura, compacta e bem depurada. Verniz negro, espesso, pouco aderente e pouco brilhante. A marcação com a indicação da proveniência não é legível.

MAR/229. Fragmento de parede de taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, de boa qualidade. **C. mar. 2002 Setor 01 [0538] 5420.**

MAR/230. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2003 Setor 01 [0064] 10126.**

MAR/231. Fragmento de parede de possível taça. Apresenta uma curvatura pouco pronunciada, podendo corresponder à forma *Skýphoi*. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas esverdeadas na superfície interior e avermelhadas na superfície exterior. Verniz aderente e pouco espesso. **C. mar. 1985-1988 5383.**

MAR/232. Fragmento de parede e arranque de fundo correspondendo a uma taça. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. A superfície interna apresenta verniz negro, aderente, espesso e brilhante. A superfície externa exibe verniz vermelho com manchas negras, pouco aderente e pouco espesso. **C. mar. 2002 Setor 01 [0389] 5841.**

MAR/233. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2003 Setor 01 [0707] 13490.**

MAR/234. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. Sn0017.**

MAR/235. Fragmento de parede de pequena dimensão, correspondendo a possível de taça. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2003 Setor 01 [0670] 10123.**

MAR/236. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor bege, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e baço. **C. mar. 2003 Setor 01 [0648] 11709.**

MAR/237. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz acinzentado, aderente e espesso. **C. mar. 2003 Setor 01 [0605] 12138.**

MAR/238. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 2003 Setor 01 [0684] 11626.**

MAR/239. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 2002 Setor 01 [0592] 6060.**

MAR/240. Conjunto de fragmentos de parede possivelmente pertencentes à mesma peça. Forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso, brilhante, de boa qualidade. Apresenta uma linha em reserva na superfície exterior. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0035] 770; 772; 773; 774.**

MAR/241. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. Setor 01 [0591] 6097.**

MAR/242. Fragmento de parede e arranque de pé. Muito deteriorado e fraturado. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0526] 6251.**

MAR/243. Fragmento de fundo de forma indeterminada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada Verniz negro com manchas acastanhadas, aderente, pouco espesso e com brilho metalizado. O verniz apresenta-se muito deteriorado, particularmente no fundo externo. **C. mar. 2002 Setor 01 [0588] 6039.**

MAR/244. Fragmento de fundo e arranque de pé de forma indeterminada. O fundo externo apresenta-se em reserva. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 2003 Setor 01 [0684] 11625.**

MAR/245. Fragmento de forma indeterminada. Pasta e cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante, com ligeiro brilho metálico. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0014] 1349.**

MAR/246. Fragmento de parede e arranque de fundo de forma indeterminada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas na superfície externa, aderente, espesso e pouco brilhante. **C. mar. 2003 Setor 01 [0691] 11703.**

MAR/247. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor laranja clara. Verniz negro, aderente, espesso, de boa qualidade. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 04 Nível 03 2848.**

MAR/248. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [SUP] 1350.**

MAR/249. Fragmento de pequena dimensão correspondendo a parede de forma indeterminada. Encontra-se em avançado estado de deterioração. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 1983-1989 Recolha de Superfície 3622.**

MAR/250. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 2002 Setor 01 [0526] 6090.**

MAR/251. Dois fragmentos pertencentes à mesma peça, correspondendo a parede de forma indeterminada. Apresenta uma linha reservada, na superfície externa junto à zona de fratura do fragmento, com cerca de 1 mm de espessura. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas de tonalidade acinzentada. Verniz aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0530] 6105.**

MAR/252. Fragmento de pequena dimensão de forma indeterminada. Não conserva espessura. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0588] 6083.**

MAR/253. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente, de boa qualidade. **C. mar. 2002 Setor 01 [0450] 6013.**

MAR/254. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 05 Nível 01 2853.**

MAR/255. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. B 06 Nível 02 2844.**

MAR/256. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. B 06 Nível 02 2828.**

MAR/257. Fragmento de parede de possível taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, de tonalidade acinzentada na superfície interior, aderente, espesso e baço. **C. mar. 2003 Setor 01 [0744] 11630.**

MAR/258. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura e compacta e depurada. Verniz cinzento, aderente e pouco espesso. **C. mar. 2003 Setor 01 [0617] 11629.**

MAR/259. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01.1 [0014] 1348.**

MAR/260. Fragmento de fundo de forma indeterminada. A superfície externa apresenta-se reservada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 1628.**

MAR/261. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, de brilho ligeiramente metalizado. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. D 04 Nível 01 2849.**

MAR/262. Fragmento de parede de forma indeterminada. Não conserva espessura. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0609] 7958.**

MAR/263. Fragmento de parede de pequena dimensão de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3971.**

MAR/264. Fragmento de pequena dimensão, de parede, próxima do arranque de fundo. Forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0098] 8010.**

MAR/265. Fragmento de parede de pequena dimensão de forma indeterminada. Não conserva espessura. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0389] 5843.**

MAR/266. Fragmento de parede de pequena dimensão de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 06 Nível 01 2838.**

MAR/267. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege e tonalidade amarelada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante, com ligeiro brilho metalizado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0526] 6089.**

MAR/268. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2001 Setor 01 [0143] 3137.**

MAR/269. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 1986 Corte 01 Quadr. E 01 Nível 06 2854.**

MAR/270. Fragmento de parede de pequena dimensão de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0478] Limpeza de Perfil 5424.**

MAR/271. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. **C. mar. 2002 Setor 01 [0592] 6019.**

MAR/272. Fragmento de pequena dimensão de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 04 Nível 03 2846.**

MAR/273. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. mar. 2000 Setor 01 [0037] 0905.**

MAR/274. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. Mar. 1986 Corte 03 Quadrado D 03 Nível 04 2847.**

MAR/275. Fragmento de fundo de forma indeterminada. Pasta de cor laranja e cinzento, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Apresenta o fundo externo em reserva, decorado com círculos concêntricos em verniz negro. **C. Mar. Sup. 5384.**

MAR/276. Fragmento de parede de forma indeterminada. Pasta de cor bege, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0292] 2149.**

MAR/277. Fragmento de pequena dimensão de fundo de possível taça. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado D 04 Nível 01 9079.**

MAR/278. Fragmento de parede e possível arranque de fundo. O fundo exterior apresenta-se envernizado. Apresenta uma banda em reserva, na superfície interior, na ligação da parede ao fundo. Pasta de cor bege e tonalidade alaranjada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **C. Mar. 2002 Setor 01 [0478] 6064.**

SER/001. Fragmento indeterminado de cerâmica de fabrico ático. Apresenta-se revestido de verniz negro. **Castelo de Serpa- S/N.** Bibliografia: Soares & Braga, 1986, p. 177-196.

SIN/001. Fragmento de parede. Totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor alaranjada, bem depurada. Bibliografia: Cardoso, 1997-1998, pp. 169-187.

PEN/001. Fragmento de pequena dimensão, indeterminado. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja e verniz negro. Atualmente com paradeiro desconhecido. Bibliografia: Queiroga, 1992.

CCP/001. Fragmento de pequena dimensão, muito deteriorado de forma indeterminada. Apresenta vestígios de verniz negro na face externa, não sendo percetível se estamos perante um exemplar de figuras vermelhas ou verniz negro. Coto da Pena- S/N. Bibliografia: Silva, 1986.

CRB/008. Fragmento indeterminado, totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja clara. Verniz negro, espesso e brilhante.

CGN/001. Fragmento de parede de pequena dimensão. Apresenta vestígios de engobe negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Bibliografia: Castro Grande de O Neixón, campanha de 2007, U. E. [001].

CGN/002. Fragmento de parede de pequena dimensão. Apresenta vestígios de engobe negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Bibliografia: Castro Grande de O Neixón, campanha de 2007, U. E. [001].

FAR/006. Fragmento de forma indeterminada. Mencionado em (Barros, 2005, p. 935), não ilustrado. Não observado no âmbito do presente estudo.

FAR/007. Fragmento de forma indeterminada. Mencionado em (Barros, 2005, p. 935), não ilustrado. Não observado no âmbito do presente estudo.

GAR/001. Fragmentos indeterminados, de fabrico ático, totalmente revestidos de verniz negro. Apresentam-se muito fragmentados e deteriorados. A pequena dimensão dos fragmentos conservados não permite sugerir uma classificação tipológica para estas peças. Não sendo conhecido o número total de fragmentos e considerando a impossibilidade de determinar a sua forma, foram considerados, no âmbito do presente estudo, como um único exemplar, salvaguardando assim a existência de produções gregas identificadas neste arqueossítio. Bibliografia: Arruda, 1997, p. 94.

ALM/003. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a fundo. **Almaraz/ Quadrado U45/3**. Bibliografia: Barros e Soares, 2004, p. 339.

MER/114. Fragmento de pequena dimensão, de parede e arranque de asa. Asa de perfil oval. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, pouco espesso e brilhante. Forma aberta. **Mértola/ Biblioteca Municipal/ U.E. [57].**

MER/115. Parede e arranque de fundo e pé. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, pouco espesso e brilhante. Forma aberta. **Mértola/ 1999/Casa Pardal.**

MER/116. Fragmento de parede. Pasta de cor cinzenta, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Forma aberta. **Mértola/ 1996/ 3L –Nível1c (C.X.).**

MER/117. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor cinzenta, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Forma aberta. **Mértola/ 1980/ 6B – Nível 1B.**

MER/118. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente, espesso e brilhante. Forma aberta. Mértola/ 1985/ Casa Pardal (CII C. 1).

MER/119. Fragmento de arranque de asa e arranque de parede. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Forma aberta. **Mértola/ 1985/4M/151**.

MER/120. Fragmento de fundo. Na face externa exibe ponto central e círculo concêntricos. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e brilhante. Forma aberta. Mértola/ 2005/ Biblioteca Municipal/ Sem referência.

MER/121. Fragmento de fundo. Na superfície externa, ponto central e círculo em verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Forma aberta. Mértola/ 2005/ Biblioteca Municipal/U.E. [124].

MER/122. Fragmento de fundo e arranque de pé de pequena dimensão. Exibe banda em reserva na ligação do pé à parede, na face externa. Pasta de cor laranja clara, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Forma aberta. **Mértola/ 1985/ 7C –Nível 1b.**

MER/123. Fragmento de fundo. Na face externa, exibe círculo concentro e ponto central sobre fundo reservado. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700.

MER/124. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 1981/ 5C – Nível 1b.

MER/125. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a parede, arranque de fundo e arranque de pé. Apresenta o fundo externo em reserva na face externa banda em reserva na ligação do pé à parede. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro com manchas avermelhada, aderente, espesso e brilhante. Forma aberta. **Mértola/1981/1981/ 5B – Nível 1c.**

MER/126. Fragmento de pequena dimensão, indeterminado. Apresenta superfície interna em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/1995/ Casa Pardal.

MER/127. Fragmento de parede. Não conserva espessura. Pasta de cor bege e tonalidade cinzenta, pouco compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/1995/ Casa Pardal/ C.III.**

MER/128. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/1995/ Casa Pardal.

MER/129. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor rosa e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ 1995/ K.P [?].

MER/130. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1995/ Casa Pardal.

MER/131. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1989/ A1. SIV.2/ P-115.

MER/132. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Mértola/ Sem número.

MER/133. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Mértola/ 1988/ 4M – Nível 1b.

MER/134. Fragmento de parede e arranque de fundo. Pasta de cor laranja e tonalidade cinzenta, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1987/ Casa Pardal/ RS.**

MER/135. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. Mértola/1995/ Casa Pardal.

MER/136. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muto brilhante. **Mértola/ 1985/ 5D – Nível 1c.**

MER/137. Fragmento de fundo. Pasta de cor laranja, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1987/ sem referência**.

MER/138. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ sem referência**

MER/139. Fragmento de parede. Pasta de cor laranja e tonalidade cinzenta, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1990/ 6M – Nível 1c**.

MER/140. Fragmento de parede de forma aberta. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Totalmente revestido de verniz negro. **Mértola/ 1985/ Galeria B/ 700.**

MER/141. Fragmento de parede de forma aberta. Pasta de cor laranja e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. Totalmente revestido de verniz negro. Mértola/1985/ Galeria B/ 700.

MER/142. Fragmento de parede de pequena dimensão. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Mértola/ 1982/ 3A/ 150**.

MER/143. Fragmento de corpo. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro/ vermelho, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 1995/ Galeria B/ 700**.

MER/144. Fragmento de parede de pequena dimensão. Pasta de cor bege, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e pouco brilhante. **Mértola/ 1997/8C – Nível 1e.**

MER/145. Fragmento de parede de pequena dimensão. Pasta de cor laranja, pouco compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ sem ano/ 1B/ 504.**

MER/146. Fragmento de parede de pequena dimensão. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz vermelho, aderente, espesso e pouco brilhante. **Mértola/2002/ Rua 15 de Abril/ Sondagem XV/ U.E. [402]**.

MER/147. Fragmento de parede de pequena dimensão, totalmente revestido de verniz negro. Pasta da cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 1985/ 4A/700.**

MER/148. Fragmento de parede totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja claro, muito compacta e pouco depurada. Verniz vermelho com manchas acastanhadas, pouco aderente, pouco espesso e pouco brilhante. Mértola/1992/Quinta Feio.

CAS/009. Fragmento de parede de pequena dimensão. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa. Pasta de cor bege, de tonalidade acinzentada, compacta e depurada, sendo visíveis minúsculas particular de mica. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Mesas do Castelinho/ Campanha 6 (1994) / Setor A1/ U.E. [188] / Ambiente XII.

MOL/008. Fragmentos de parede de pequena dimensão. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada, sendo visíveis minúsculas particular de mica. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, et alii., 2011, pp. 15-16.

MOL/009. Fragmentos de parede de pequena dimensão. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada, sendo visíveis minúsculas

particular de mica. Verniz negro, pouco espesso, aderente e pouco brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, et alii., 2011, pp. 15-16.

MOL/010. Fragmentos de parede de pequena dimensão. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada, sendo visíveis minúsculas particular de mica. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, et alii., 2011, pp. 15-16.

MOL/011. Fragmentos de parede de pequena dimensão. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro nas faces interna e externa. Pasta de cor laranja, compacta e depurada, sendo visíveis minúsculas particular de mica. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. **Monte Molião**. Bibliografia: Arruda, et alii., 2011, pp. 15-16.

TAV/CDA/001. Fragmento de pequena dimensão de parede. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente e espesso. **CDA 23 [104] INV.150** Bibliografia: Ribeiro, 2016, p. 13; 52.

TAV/PF/004. Fragmento de parede possivelmente pertencente a taça Cástulo. Apresenta-se totalmente envernizado. Pasta de cor laranja e tonalidade rosa, compacta e depurada. Verniz negro de tonalidade acinzentada, espesso e aderente. **PF. Sond. 7 UE [7029] Saco 1598.** Bibliografia: Simão & Pinto 2009, p. 69.

TAV/CG/001. Fragmento de parede e arranque de fundo. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro com manchas vermelhas; brilhante, aderente e espesso. O verniz apresenta-se muito deteriorado na superfície interna e as zonas de fractura apresentam abundantes incrustações. **MMT0001206 Saco 1222** Bibliografia: Covaneiro & Cavaco, 2003.

TAV/015. Fragmento de Fundo. A superfície interna apresenta-se totalmente revestida de verniz negro; a superfície externa exibe círculos concêntricos em verniz negro e reservados, alternados, e ponto central. Pasta de cor laranja clara, muito depurada. Verniz negro, muito brilhante, espesso e aderente. O fragmento foi desassociado do seu contexto arqueológico de origem durante o processo de tratamento laboratorial dos materiais. Possivelmente proveniente de Corte Real, Netos, Palácio da Galeria ou Banco Nacional Ultramarino. **TAV. Recolha de Superfície**.

4.2.24. Asas de Forma Indeterminada

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS
ALCÁCER DO SAL Colina do Castelo	**SAL /**	126, 128, 130, 133, 136	**PT18-SAL**
CASTELO DE CASTRO MARIM	**MAR /**	229-309	**PT15-MAR**
CERRO DA ROCHA BRANCA	**CRB /**	003	**PT15-CRB**
CHÕES DE ALPOMPÉ	**ALP /**	003	**PT18-ALP**
LISBOA – Colina do Castelo de São Jorge	**LIS/CSJ /**	020-021	**PT17-LIS**
MÉRTOLA	**MER /**	149 - 165, 167	**PT18-MER**
MESAS DO CASTELINHO	**CAS /**	009	**PT18-CAS**
TAVIRA Colina de Santa Maria	**TAV/BNU /**	006	**PT15-TAV**

Nos conjuntos de cerâmica grega estudados, foram recolhidos 60 fragmentos de asas que não permitem um enquadramento tipológico preciso. Entre elas, distinguem-se as que pertencem a skyphoi/bolsais das que correspondem a taças (de variante e técnica decorativa indeterminada). Estas últimas estão claramente em maioria, acompanhando a tendência de predomínio da forma taça sobre todas as restantes formas. Entendemos que a desnecessário incluir o desenho destes fragmentos, mencionando, sempre que possível a sua correspondência ao grupo dos skyphoi/bolsais ou das taças.

CATÁLOGO

SAL/126. Fragmento de asa possivelmente pertencente a uma taça. Apresenta a face interna em reserva. Pasta laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito brilhante. **Setor A. Inventário: 2081**.

SAL/128. Fragmento de asa possivelmente pertencente a uma taça. Asa de perfil oval. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, negro, aderente, pouco espesso e pouco brilhante. **Setor J. Inventário: 2114**.

SAL/130. Fragmento de asa. Asa de perfil oval. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, compacta e depurada. Verniz negro, pouco espesso, aderente, com ligeiro brilho metalizado. **Setor Disperso. Inventário: 2073**.

SAL/133. Fragmento de asa possivelmente pertencente a uma taça. Asa de perfil oval. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz muito deteriorado, de cor negra. **Setor I. Inventário: 2070**.

SAL/136. Pequeno fragmento de asa possivelmente pertencente a uma taça. Asa de perfil oval. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Setor: **Setor F. Inventário: s/n.**

MAR/279. Fragmento de asa de skyphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3968.**

MAR/280. Fragmento de asa de perfil oval e configuração reta, podendo corresponder a skyphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente e pouco espesso. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0526] 6038.**

MAR/281. Fragmento de asa de perfil oval alongado podendo corresponder a skýphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0572] 6085.**

MAR/282. Fragmento de asa de perfil oval alongado podendo corresponder a skýphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 3744.**

MAR/283. Fragmento de asa de perfil oval e configuração reta, podendo corresponder a um skýphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 3735.**

MAR/284. Fragmento de asa de perfil oval e configuração reta, podendo corresponder a um skýphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas. O avançado estado de deterioração do verniz não permite identificar áreas em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 6022.**

MAR/285. Fragmento de asa de secção oval alongada podendo corresponder a skýphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro com manchas avermelhadas, aderente e espesso. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 1983 Corte 01 Quadr. E 03 Nível 04 2840.**

MAR/286. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a asa de forma indeterminada. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado, não permitindo confirmar se o interior se encontra em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0503] 6014.**

MAR/287. Fragmento de asa de perfil oval e configuração retilínea podendo corresponder a skýphos ou bolsal. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso, aderente e brilhante. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. Não ilustrado. **C. mar. 1983 Corte 01 Quadr. E 03 Nível 04 2836.**

MAR/288. Fragmento de asa possivelmente pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e deputada. Verniz negro, muito deteriorado. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0503] 6023.**

MAR/289. Fragmento de asa de secção oval alongada, pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0902.**

MAR/290. Fragmento de asa pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e muito deteriorado. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. E 06 Nível 01 2841.**

MAR/291. Fragmento de asa de secção oval. pertencente a uma taça Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0881.**

MAR/292. Fragmento de asa de secção oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz vermelho, aderente e pouco espesso. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 9082.**

MAR/293. Fragmento de asa pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 1064.**

MAR/294. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2003 [SUP] 10198.**

MAR/295. Fragmento de asa de perfil tendencialmente retangular, pertencente a uma taça. Pasta de laranja, dura e compacta. Verniz negro com manchas acinzentadas e avermelhadas. Apresenta a parte interior da asa em reserva Não ilustrado. **C. mar. 2003 Setor 01 [0679] 11712.**

MAR/296. Fragmento de asa de perfil oval, pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 1987 Corte 03 9083.**

MAR/297. Fragmento de asa de perfil oval, pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, espesso e aderente. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 1984 Corte 01 Quadr. E 02 2832.**

MAR/298. Fragmento de asa de secção oval, pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. O avançado estado de deterioração do verniz não permite confirmar a existência de áreas em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0581] 6073.**

MAR/299. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor bege e tonalidade amarelada, dura, compacta e depurada. Verniz negro com manchas avermelhadas, muito deteriorado. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar.2000 Setor 01 [0089] 0880.**

MAR/300. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, espesso e aderente. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 1987 Corte 03 Quadr. C 06 Nível 01 2839.**

MAR/301. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0385] 5899.**

MAR/302. Fragmento de pequena dimensão de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente, espesso e baço. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 1988 Corte 03 Quadr. E 06 Nível 01 2851.**

MAR/303. Fragmento de asa de secção triangular pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0360] 3967.**

MAR/304. Fragmento de asa pertencente a uma taça. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. Mar. 1987 Corte 03 Quadrado D 04 Nível 01 9081.**

MAR/305. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, espesso e aderente. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2000 Setor 01 [0089] 0882.**

MAR/306. Fragmento de asa pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e pouco depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante, de brilho ligeiramente metalizado. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. mar. 2002 Setor 01 [0618] 6188.**

MAR/307. Fragmento de asa pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, espesso e aderente. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2000 Setor 01 [SUP] 0906.**

MAR/308. Fragmento de pequena dimensão correspondendo a asa pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, dura, compacta e depurada. Verniz negro, pouco aderente e espesso. Apresenta-se totalmente envernizado. Não ilustrado. **C. mar. 2003 Setor 01 [0716] 10098.**

MAR/309. Fragmento de asa de secção oval pertencente a uma kylix. Pasta de cor laranja, dura e compacta. Verniz negro, aderente e espesso. Apresenta a parte interior da asa em reserva. Não ilustrado. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0816] 10082.**

CRB/004. Fragmento de asa. Apresenta espessura e curvatura concordante com a forma taça. Aparente estar completamente revestida de verniz negro, não obstante não conservar verniz em algumas áreas. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro, muito deteriorado.

ALP/003. Fragmento de pequena dimensão, correspondendo a asa de possível taça. **Chões de Alpompé/ 1967 / recolha de Superfície.** Bibliografia: Arruda et alii. 2018, p. 214.

LIS/CSJ/020. Fragmento de asa de forma indeterminada. Asa de perfil oval. **Castelo de São Jorge, Sala 3 [31].** Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 191.

LIS/CSJ/021. Fragmento de asa de forma indeterminada. Asa de perfil oval. Castelo de São Jorge, V2 [24]. Bibliografia: Arruda & Sousa, 2019, p. 191.

MER/149. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. A face interior da asa foi deixada em reserva. Pasta de cor laranja, compacta e depurada. Verniz negro de boa qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **Mértola/ 2006/ Biblioteca Municipal/ U.E. [226].**

MER/150. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade acinzentada, compacta e depurada. Verniz negro com manchas acinzentadas, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/ 2006/ biblioteca Municipal/ Sondagem junto à U.E. [188], U.E. [225].**

MER/151. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Asa de perfil oval. A face interna apresenta-se em reserva. Pasta de cor laranja claro, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **M/1992/7M(?)- Nível 1b (IV 5).**

MER/152. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Asa de perfil oval. Apresenta o interior reservado. Pasta de cor bege, compacta, e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. **M/1985/GB/700**.

MER/153. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Apresenta o interior reservado. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, de qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. **M/1985/GB/700**.

MER/154. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor bege e tonalidade rosada, compacta e bem depurada. Verniz negro, com manchas acinzentadas, aderente, espesso e muito brilhante. **M/1985/GB/700**.

MER/155. Fragmento de asa e arranque de parede. Asa de perfil oval pertencente a uma taça. O interior da asa apresenta-se reservado. Pasta de cor laranja, claro, compacto e bem depurada. Verniz negro, com manchas acinzentadas e azuladas, aderente, pouco espesso e pouco brilhante. **M/1985/GB/700**

MER/156. Fragmento de parede e arranque de asa. pertencente a uma taça. Exibe área entre as asas em reserva. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, espesso e brilhante. **Mértola/1981/ 5C/ 151.**

MER/157. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Apresenta a face interior reservada. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. **ME/1980/1E**

MER/158. Fragmento de asa de possível skyphos. Asa fina, de perfil oval. O interior da asa apresenta-se reservado. Pasta de cor laranja claro, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. **M/1985/3A/700**.

MER/159. Fragmento de asa e arranque de parede de possível taça. O avançado estado de deterioração do fragmento não permite determinar áreas em reserva. Pasta de cor laranja clara, compacta e bem depurada. Verniz negro, muito deteriorado, pouco aderente, espesso e pouco brilhante. **Mértola/ 1982/6A/161.**

MER/160. Fragmento de asa e arranque de parede de possível taça. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e brilhante. Totalmente revestida de verniz negro. **M/01/3E/CONT.01-05**.

MER/161. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Totalmente engobado. Pasta de cor laranja e tonalidade bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, pouco espesso e brilhante. **M/1985/GB/700.**

MER/162. Fragmento de asa de forma indeterminada. Asa de perfil alongado. Apresenta-se totalmente revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja clara, de tonalidade bege, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Indeterminada. **M/1984/– Nível 1b (Ñ)**.

MER/163. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Total revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, deteriorado, aderente, espesso e muito brilhante. Indeterminada. **M/1987/3E/100**.

MER/164. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Total revestida de verniz negro. Pasta de cor laranja, compacta e bem depurada. Verniz negro, aderente, pouco espesso e baço. **M/1985/GB/700.**

MER/165. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Apresenta-se totalmente revestido de verniz negro. **Mértola/ 1985/ 4ª/ 700.**

MER/167. Fragmento de asa de perfil oval pertencente a uma taça. Pasta de cor laranja, compacta e bom depurada. Verniz negro, de grande qualidade, aderente, espesso e muito brilhante. Total engobada. **M/1995/CP**.

TAV/BNU/006. Fragmento de asa. Asa de perfil ovalado, ligeiramente oblíqua em relação ao bojo. Pasta de cor laranja e tonalidade avermelhada, compacta e muito depurada. São visíveis minúsculas partículas de mica. Verniz muito deteriorado, negro com manchas acastanhadas, baço, pouco aderente e pouco espesso. Não ilustrado. **BNU Q.1 Setor W Camada 2** Bibliografia: Maia et alii. 2003, 258, fig. 77.

CAS/005. Fragmento de asa de possível skýphos. Pasta de cor bege, compacta e depurada. Verniz negro, aderente, espesso e muito brilhante. **Mesas do Castelinho/ Campanha 4 (1992) / Setor A1/ U.E. [12**

4.3. ÂNFORA

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO SÍTIO	INDIVIDUO(S)	CATÁLOGO DE SÍTIOS	ESTAMPA
CASTELO DE CASTRO MARIM	MAR /	310-314	PT15-MAR	XL
CASTRO DE ROMARIZ	ROM /	002-005	PT11-ROM	XL
MÉRTOLA	MER /	113	PT18-MER	XL
MONTE BEIRÃO	BEI /	001	PT18-MER	XL

Os testemunhos de ânforas gregas são pouco frequentes, quer na fachada atlântica, quer na Península Ibérica de uma forma geral. No atual território português registam-se exclusivamente onze fragmentos desta forma, correspondendo possivelmente a nove exemplares. São provenientes do arqueossítio algarvio de Castelo de Castro Marim (MA/310 a MAR/314), de Mértola (MER/113) e Monte Beirão, ambos integrados na região do Alentejo, e, por último, do Castro de Romariz (ROM/002 a ROM/005), localizado mais a Norte.

No primeiro local mencionado, registam-se exemplares de origem ática (MAR/312 a MAR314), coríntia (MAR/310) e possivelmente um fragmento oriundo de Quios (MAR/311)[1328]. Os testemunhos de produção ática correspondem todos a ânforas «a la brosse», exibindo uma fina camada de revestimento de verniz negro na face externa, aplicado de forma não uniforme, tal como é característico deste tipo de recipientes anfóricos. Dos três fragmentos de ânfora deste tipo, apenas um foi identificado num contexto conservado da Idade do Ferro, datado por outras materialidades do século V a.n.e.[1329]. Este conjunto é complementado de dois outros exemplares, cujas características se distanciam das produções anfóricas áticas[1330]. O primeiro diz respeito a um fundo (MAR/311) de características formais e fabrico semelhante às produções anfóricas procedentes de Quios, integrando o tipo «P» do naufrágio de El Sec[1331]. O segundo fragmento

1328 Os dados apresentados integram um trabalho atualmente em curso, da autoria de Ana Margarida Arruda, da signatária do presente estudo e de Elisa de Sousa.

1329 (Arruda, Ferreira & Sousa, 2019).

1330 A atribuição cronológica e tipológica dos exemplares de ânfora identificados é desde logo sugerida por Ana Margarida Arruda, num trabalho em curso, com coautoria da signatária da presente obra e de Elisa de Sousa.

1331 (Arribas *et alii*., 1986, pp. 465-468), Proposta apresentada em Arruda, Ferreira & Sousa, 2019.

(MAR/310), um bordo de lábio pendente, assemelha-se ao tipo C do referido naufrágio[1332], classificação que deve ser entendida com reservas Outras atribuições são igualmente sugeridas por Ana Margarida Arruda, destacando-se o tipo MGS III de Vandermersch (1994) e o tipo B de Corinto, sublinhando a ausência de caneluras, típicas deste tipo de produções coríntias.

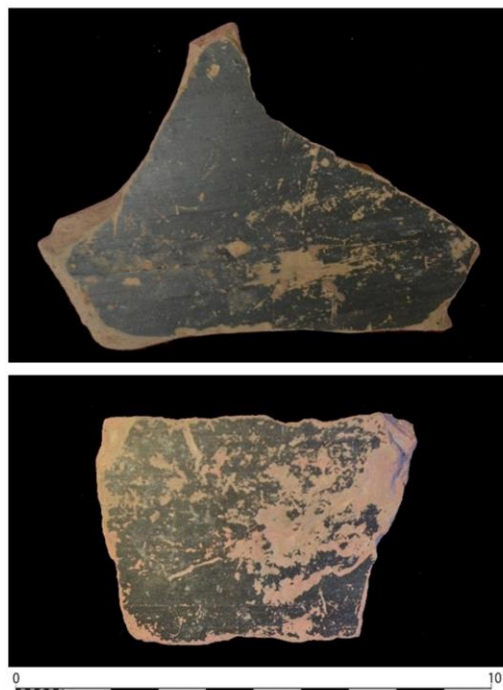



Figura 22. Ânforas «a la brosse» de Castelo de Castro Marim e Mértola.

De Monte Beirão é procedente o exemplar de ânfora grega mais completo e o primeiro deste tipo identificado no território em estudo. Corresponde à parte inferior da parede e à base de uma ânfora com características que se aproximam do tipo N de El Sec[1333], de fabrico sâmio.

Igualmente no Alentejo, em Mértola, foi recolhido um fragmento de parede de uma possível ânfora grega, não obstante a pequena dimensão do fragmento colocar as necessárias reservas quanto à classificação apresentada. O exemplar apresenta a face interna reservada e a superfície externa revestida de engobe negro fino, semelhante às ânforas «a la brosse». Possui pasta com cerne de cor cinzenta e extremidades de cor rosada. Foi recuperado no decorrer das intervenções arqueológicas no Rossio do Carmo, fora do recinto amuralhado, na sondagem III, unidade estratigráfica [131]. Estas ânforas, concebidas para o transporte de azeite, são produzidas desde o século VI a.n.e., registando-se frequentemente na Península Ibérica em contextos datados do século V e IV a.n.e.[1334]. Regista-se a sua presença, entre outros locais, em Huelva, destacando-se os abundantes conjuntos recuperados na Calle Tres de Agosto, Calle Puerto e Calle Méndez Núñez[1335], e em Cerro Macareno[1336], onde estão datados da segunda metade do século V a.n.e.

A Norte, no castro de Romariz foram igualmente identificados quatro fragmentos correspondendo possivelmente à parede de duas ou três ânforas do tipo «sos»[1337]. Possuem uma pasta homogénea, muito depurada, e a superfície externa encontra-se totalmente revestida de engobe de cor negra com tonalidade acastanhada. Este tipo de ânfora, produzido na Ática Calcídia, Erétria, e nas ilhas Pitecusas, em Itália,

1332 (Arribas *et alii.*, op. cit., pp. 420- 422).

1333 (Arribas *et alii.*, op. cit.).

1334 (Rouillard, 1991).

1335 (Rufete Tomico, 1990).

1336 (Pellicer, Escacena & Bendala Galán, 1983, fig. 80).

1337 (Centeno, 2011).

reporta-se aos séculos VIII a VI a.n.e.[1338]. estando já identificados um número considerável de testemunhos na P.I. com origem na Ática e em centros produtores da costa Jónia[1339], ainda que nem sempre seja possível estabelecer esta distinção. Merecem destaque, pela maior quantidade de indivíduos, os conjuntos recolhidos em Huelva[1340] e Málaga, designadamente em Toscanos[1341], Cerro de Villar[1342] e Calle San Agustín[1343]. Os referidos materiais associam-se a estratos datados a partir de 700 a.n.e., no caso de Toscanos, e entre 650-500 a.n.e., nos restantes contextos. A verificar-se a classificação dos fragmentos do Castro de Romariz como ânforas do tipo «sos», a integração do Noroeste Peninsular nas rotas de comércio de produtos gregos recuará assim à segunda metade do século VII/século VI a.n.e., altura em que chegam os primeiros exemplares de cerâmica ática de figuras negras ao Sul do atual território português.

CATÁLOGO

MAR/310. Fragmento de bordo de ânfora de Tipo C de El Sec. Pasta de cor bege esverdeado, dura e compacta. **C. Mar. 1985 Corte 01 Quadrado D03 Nível 04 4550.** Bibliografia: Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso. Não ilustrado.

MAR/311. Fragmento de fundo de ânfora de Tipo P de El Sec. Pasta laranja, dura e compacta. **C. Mar. 2003 Setor 01 [0744] 14924.** Bibliografia: Arruda, ferreira & Sousa, trabalho em curso. Não ilustrado.

MAR/312. Dois fragmentos de parede de corpo de ânfora ática "à la brosse". Pasta de cor laranja, dura e compacta. Engobe negro, pouco espesso, mas aderente. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0060] 761.** Bibliografia: Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso. Não ilustrado.

MAR/313. Fragmento de parede de corpo de ânfora ática "à la brosse". Pasta de cor laranja acinzentada clara, dura e compacta. Engobe negro, pouco espesso, mas aderente. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0109] 1700.** Bibliografia: Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso.

MAR/314. Fragmentos de parede de corpo e colo de ânfora ática "à la brosse". Pasta de cor laranja, dura e compacta. Engobe castanho, pouco espesso, mas aderente. **C. Mar. 2000 Setor 01 [0078] 4541.** Bibliografia: Arruda, Ferreira & Sousa, trabalho em curso.

ROM/002. Fragmento de parede de corpo de ânfora SOS. Apresenta pasta homogénea de cor castanho (marrón) e tonalidade rosada. Pasta dura, compacta, muito depurada e com minúsculas partículas de mica. A superfície externa encontra-se totalmente coberta de um verniz espesso, de cor negro-acastanhado. **ML.ROM 81 II (06).** Bibliografia: Centeno & Oliveira, 2008; Centeno, 2011.

ROM/003. Fragmento de parede de corpo de ânfora SOS. Apresenta pasta homogénea de cor castanho (marrón) e tonalidade rosada (no exterior) e alaranjada (no cerne). Pasta dura, compacta, muito depurada e com minúsculas partículas de quartzo. A superfície externa encontra-se totalmente coberta de um verniz espesso, de cor negra. **ML.ROM 81 II (06).** Bibliografia: Centeno & Oliveira, 2008, Centeno, 2011.

ROM/004. Fragmento de parede de corpo de ânfora SOS. Apresenta pasta homogénea de cor castanho (marrón) e tonalidade rosada (no exterior) e alaranjada (no cerne). Pasta dura, compacta, muito depurada e com minúsculos grãos de quartzo. A superfície externa encontra-se totalmente coberta de um verniz espesso, de cor negra. **ML.ROM 81 II (06).** Bibliografia: Centeno & Oliveira, 2008, Centeno, 2011.

1338 (Shefton, 1982, p. 339).

1339 (Cabrera Bonet, 1985)

1340 (Cabrera Bonet, 1985, p. 50, Lâm. III; Cabrera Bonet, 1994a, p. 251, fig. 6; Amo Del 1976, p. 42-43, lâm. 5; Rouillard, 1991, p. 740-741, 2.2.5.58)

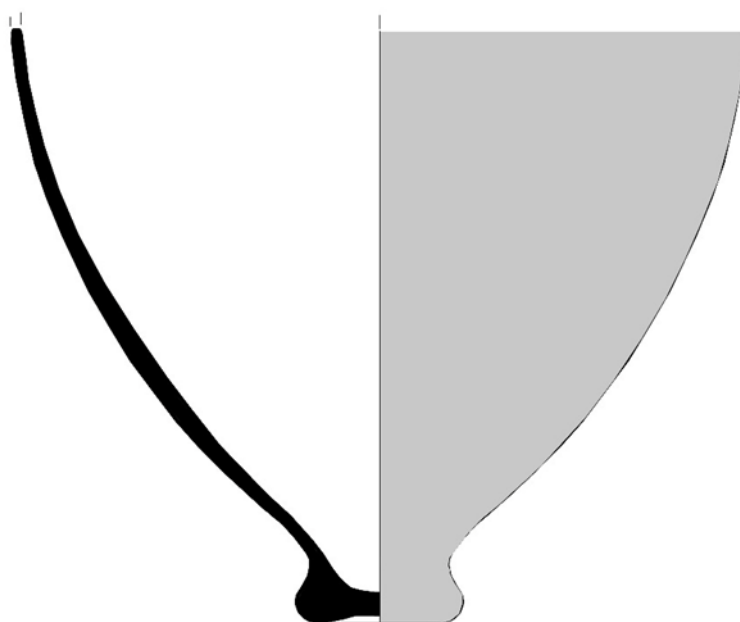
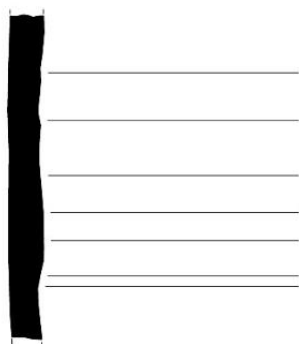
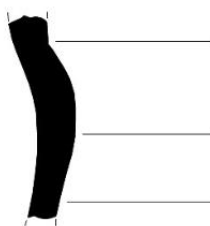
1341 (E.g. Niemeyer, 1979, p. 248, lâm. 9; 1985, p. 28-32; Rouillard, 1991, p. 695, 2.2.5.58, Blázquez, 1975, CXIII, lâm. 113 B),

1342 (Cabrera Bonet, 1994b, p. 108).

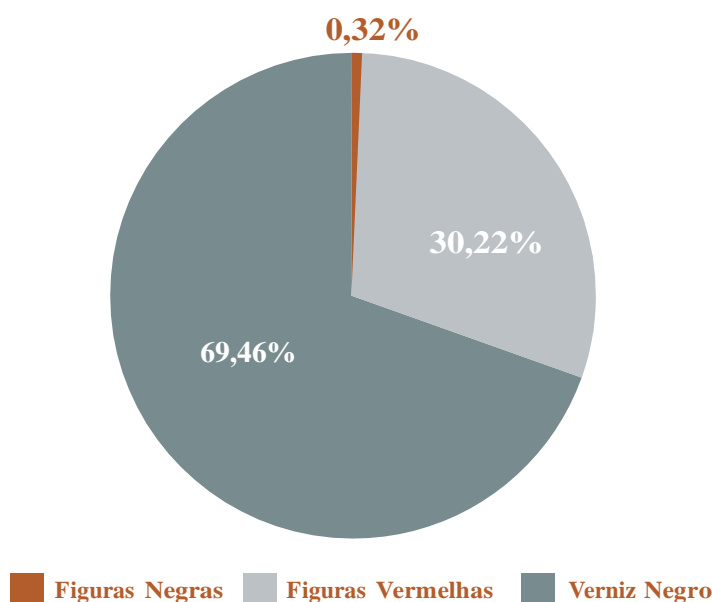
1343 (Recio, 1990, p. 144; Gran Aymerich, 1988, p. 211, Fig. 9).

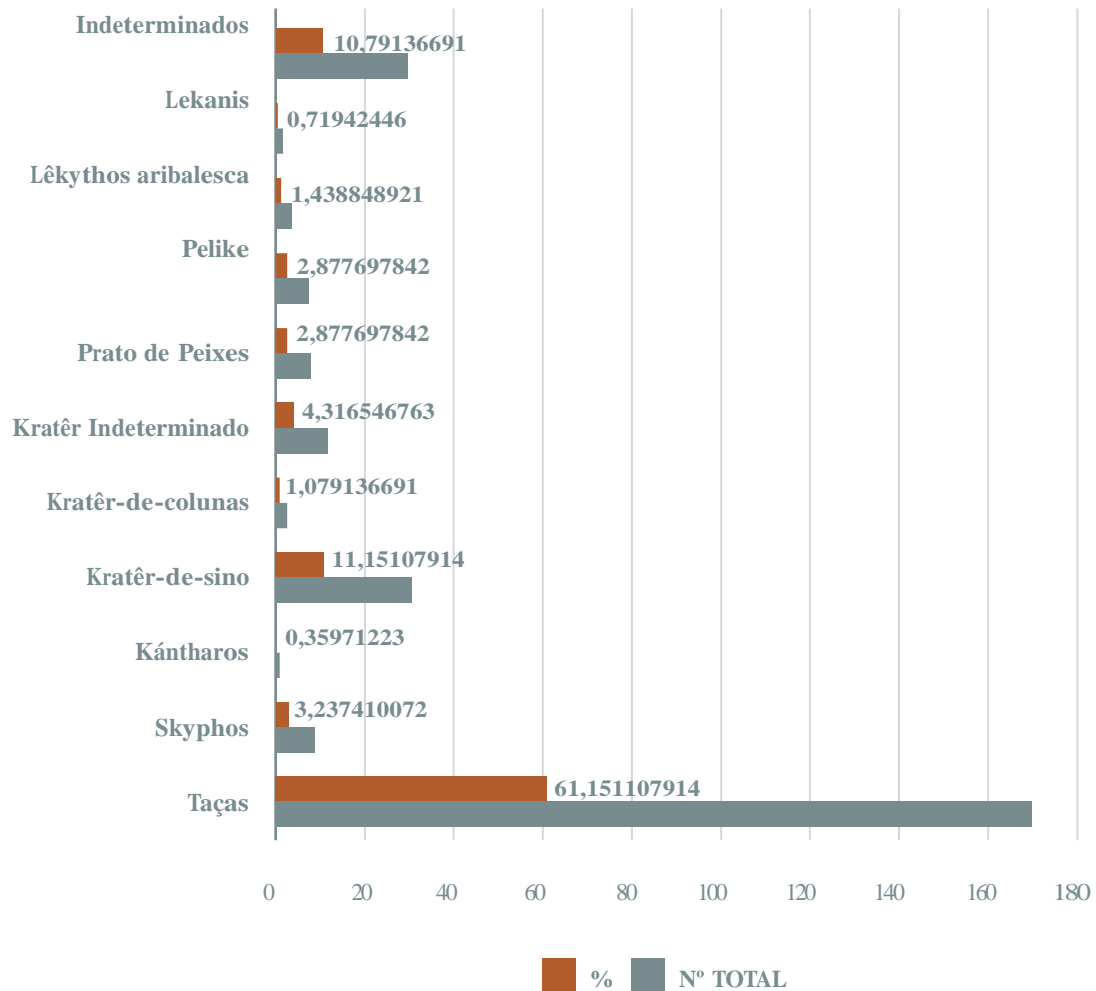
ROM/005. Fragmento de parede de ânfora SOS. Apresenta pasta homogénea de cor castanho (marrón) e tonalidade rosada (no exterior) e bege (no cerne). Pasta dura, compacta, muito depurada e com minúsculos grãos de quartzo. A superfície externa encontra-se totalmente coberta de um verniz espesso, de cor negra-castanha.ML.ROM 91 XIV C7 (04). Bibliografia: Centeno & Oliveira, 2008; Centeno, 2011.

MER/113. Fragmento de parede. Apresenta a face interna reservada. Pasta com cerne de cor cinzenta e extremidades de cor rosada. Pasta muito compacta e pouco depurada. Verniz negro, muito deteriorado, aderente, espesso e pouco brilhante. Rossio Carmo/ 2001/ Sondagem III/ U. E. [131]. Inédita.

BEJ/001. Conjunto de fragmentos com colagem entre si, correspondendo à parte inferior de uma ânfora, conservando o bico e uma parte significativa do bojo. Monte Beirão 1/ sn. Bibliografia: Beirão & Gomes, 1980; Beirão, 1986, fig. 7a.. Desenho BEI/001 da autoria de Beirão & Gomes, 1980.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da última centúria foram identificados, um pouco por toda a fachada atlântica da Península Ibérica, produtos cerâmicos gregos que testemunham uma importante vertente do intercâmbio cultural estabelecido e que nos permitem caracterizar a fisionomia e as várias fases cronológicas do comércio destes bens. O número de exemplares identificados é, também ele, bastante considerável, registando-se 930 exemplares de origem grega, encontrados em 48 arqueossítios localizados entre o litoral algarvio e a costa da Galiza. Com exceção de onze fragmentos de ânfora de distintas proveniências e três fragmentos de origem coríntia, a cerâmica grega corresponde a produções áticas de figuras negras, de figuras vermelhas e de verniz negro[1344].

Como se observa no quadro e histograma [1], as cerâmicas gregas de época arcaica, dos finais do século VII a inícios do V a.n.e., estão pouco representadas, contabilizando-se apenas três fragmentos do período coríntio médio e um fragmento ático de figuras negras, que correspondem a cerca de 0,32% do total recenseado. Formam parte deste conjunto, dois fragmentos de vasos vertedouros procedentes de Castelo de Castro Marim e da Quinta do Almaraz e um arýballos identificado igualmente neste último local.

Os dados disponíveis sugerem que estes dois vasos coríntios terão chegado ao ocidente peninsular num contexto de abastecimento de produtos orientalizantes às colónias fenícias do Sul da Península Ibérica, cuja presença está já arqueologicamente bem documentada. Além destes, testemunha-se a aquisição uma taça de faixas da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, datável entre finais do século VI e inícios do V a.n.e., que testemunha o início da importação das formas abertas, uma clara preferência registada no território em estudo.

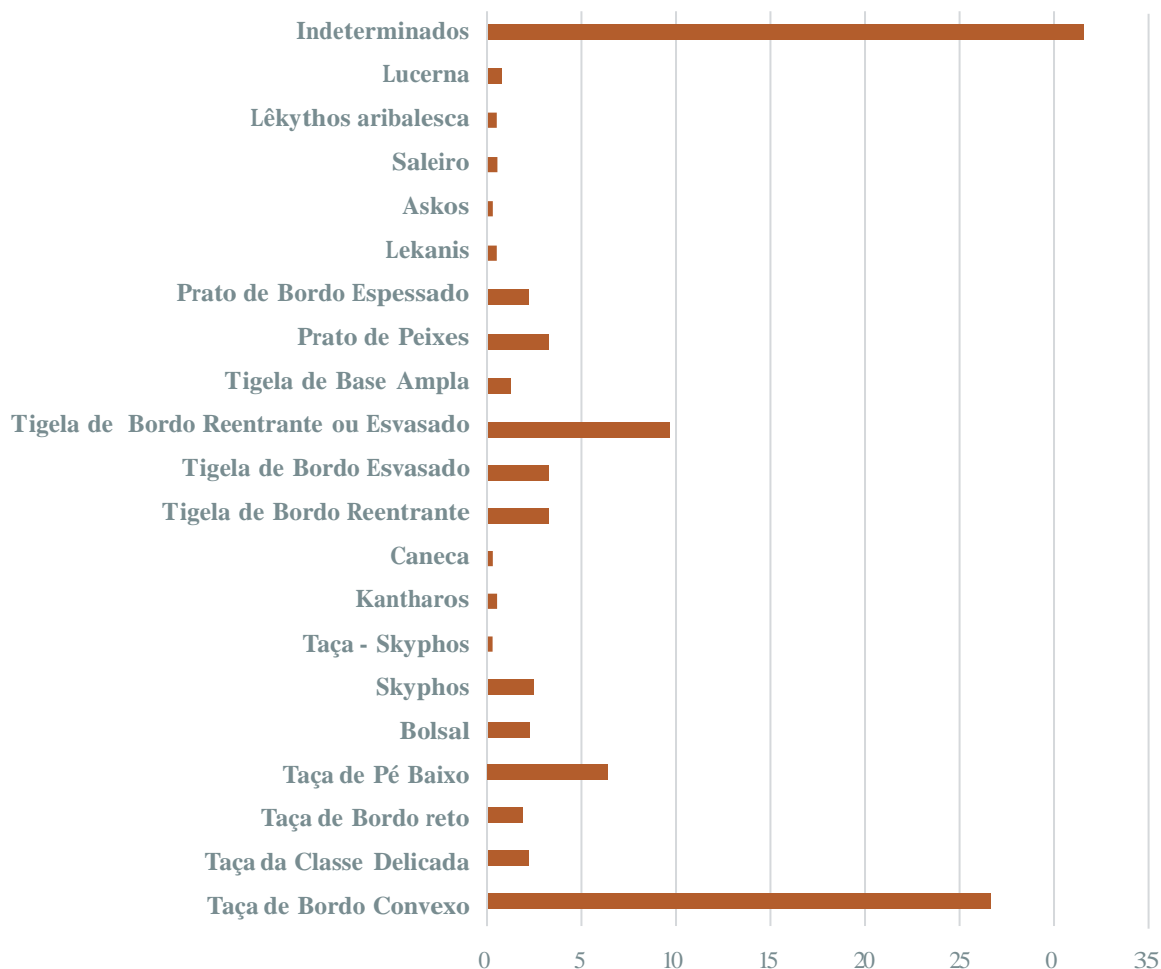
1344 Deste arqueossítio provêm mais cerâmicas gregas ainda em estudo.

Após um hiato de aproximadamente um século, entre a 2ª metade do século V a.n.e. e a centúria seguinte, começam a difundir-se as cerâmicas áticas de figuras vermelhas representadas por uma dezena de formas distintas. Estas cerâmicas foram sendo paulatinamente importadas ao longo de 100 anos, estando representadas por cerca de 30,22% do total. Destas são maioritárias as taças e os krâteres, com 61,15% e 16,55%, respetivamente.

Quadro [1]
Número de entradas de catálogo por Forma e Arqueossítio

	Período Arcaico Fig. Negras			**Período Clássico** Figuras Vermelhas												
	Vasos vertedouro	Aryballos	Taça de Faixas	Taça de Pé Baixo	Skýphos/ Taça-skýphos	Kántharos	Kratêr-de-Sino	Kratêr-de-colunas	Kratêr Indeterminado	Prato de Peixes	Pelike	Lêkythos Aribalesca	Lekanis	Formas Indeterminadas	**Número toral de entradas de catálogo de exemplares de figuras vermelhas**
Castelo de Castro Marim	1			37	2						2	1		4	46
Alcoutim				1											1
Tavira				4		1	1		1			2		1	10
Faro					1										1
Cerro da Rocha Branca				3											3
Ilhéu do Rosário															
Monte Molião					1									1	2
Quinta da Queimada															-
Cabeça de Vaiamonte															-
Castelo Velho Sáfara				5											5
Cabeço da Azougada				27			1								28
Castelo de Moura				2	1		2								5
Cabeço Redondo															-
Castelo de Serpa															-
Mértola				21	1		2	2	2			1			29
Alto Castelinho Serra															-
Beja				5					1						6
Cerro Furado					1		1								2
Castro Verde															-
Mesas do Castelinho				1											1
Monte Beirão															-
Garvão				3											3
Alcácer do Sal			1	40	2		14			7	3				66
Alcáçova de Santarém				6			1		2						9
Cabeço Guião															-
Chões de Alpompé				2											2
Fernão Vaz															-
Povoado de Chibanes															-
Lisboa				6	1		2	1	1		1		2	2	16
Quinta do Almaraz	1	1													-
Castelo dos Mouros															-
Conímbriga										1					1
Santa Olaia							1								1
Castro de Romariz				1											1
Morro da Sé, Porto									1						1
Crasto de Palheiros							1								1
Castro de Penices															-
Castro do M. das Ermidas															-
Castro do C. de Faria									4						4
Castro de S. Lourenço							1								1
Santo Estevão da Facha				4			3				2			23	32
Castro do A. C. da Pena															-
Castro de Fozara							1								1
C.G. de O Neixón															-
Castromao															-
Campa Torres															-
Elviña															-
Recarea															-
TOTAL	2	1	1	170	9	1	31	3	12	8	8	4	2	30	278

Período Clássico
Verniz Negro

	Taça	T. Classe	T. Bordo	T.de Pé	Bolsal	Skýphos	Taça-skyphos	Kántharos	Caneca	Tigela B. reentrante	Tigela B. esvasado	Tigela B. reen. /esv.	Tigela base ampla	Prato de Peixes	Prato B.	Lekanis	Askos.	Saleiro	Lekythos aribalesca	Lucerna	Ânfora	Indeterminado/Asa	**Número toral de entradas de catálogo de exemplares de verniz negro**
Castelo de Castro Marim	65	8	5	16	5	7		3	1	2	12	25	5	14	2	1		1		1	5	90	268
Alcoutim																						1	1
Tavira	9					3						2		1			1			1		7	24
Faro												2	1	1					1			2	7
Cerro da Rocha Branca					1							1		1								2	5
Ilhéu do Rosário										1													1
Monte Molião								1									1					7	9
Quinta da Queimada											2												2
Cabeça de Vaiamonte				1															1				2
Castelo Velho Sáfara																							-
Cabeço da Azougada	2				1	1					1					1							6
Castelo de Moura										1	1				1								3
Cabeço Redondo				2																			2
Castelo de Serpa																						1	1
Mértola	24		2	10		3	1			7	3	21	2	4	2				1	3	1	65	149
Alto Castelinho Serra	2																						2
Beja					1																		1
Cerro Furado																							-
Castro Verde	61			9		1												1				1	73
Mesas do Castelinho			1	1		1												1				3	7
Monte Beirão																					1		1
Garvão																						1	1
Alcácer do Sal	4	6	4	2	5						2	9			9			1				12	54
Alcáçova de Santarém																						1	1
Cabeço Guião					1																		1
Chões de Alpompé																						1	1
Fernão Vaz	1																						1
Povoado de Chibanes												1											1
Lisboa	2				1							1					1					2	7
Quinta de Almaraz																						1	1
Castelo dos Mouros																						1	1
Conímbriga																							-
Santa Olaia																						1	1
Castro de Romariz																					4		4
Morro da Sé, Porto																							-
Crasto de Palheiros																							-
Castro de Penices																						1	1
Castro do M. das Ermidas																1							1
Castro do C. de Faria																							-
Castro de S. Lourenço																							-
Santo Estevão da Facha																							-
Castro do A. C. da Pena																						1	1
Castro de Fozara																							-
C.G. de O Neixón																						2	2
Castromao																						1	1
Castro Santa Tegra																						1	1
Elviña																						2	2
Recarea																						1	1
TOTAL	170	14	12	41	15	16	1	3	1	11	21	62	8	21	14	3	2	4	3	5	11	201	648

Na transição dos finais do século V e inícios do IV a.n.e. dá-se um considerável aumento das cerâmicas áticas de verniz negro, com 69,46% do total. Estas produções com cerca de duas dezenas de formas distintas (contando as suas variantes), são maioritariamente representadas por taças de pé baixo, em particular as de bordo convexo, e por tigelas de bordo esvasado e reentrante, com testemunhos abundantes em vários contextos.

A cerâmica de figuras vermelhas é, como mencionado, menos abundante quando comparada com as produções revestidas de verniz negro, com exceção de dois contextos funerários. Referimo-nos à necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, que regista uma presença maioritária de exemplares decorados de figuras vermelhas, e ao arqueossítio de Cerro Furado, com a presença exclusiva de cerâmica de figuras vermelhas[1345].

Como observámos, no que refere à dispersão geográfica, encontramos cerâmica grega em toda a fachada atlântica. São, no entanto, maioritárias as cerâmicas encontradas nas áreas litorais e nas zonas de influência de grandes rios, tirando partido do acesso facilitado a esses territórios através dos cursos fluviais. Esta distribuição sugere um abastecimento e difusão costeira, por via marítima e fluvial, complementado por curtos trajetos terrestres que permitiam o acesso a áreas mais interiores.

Os arqueossítios que mais precocemente são abastecidos por cerâmica grega correspondem a Almaraz, Castro Marim e Alcácer do Sal, revelando a existência de rotas fragmentadas que não obedeciam a um

1345 Deste arqueossítio provêm mais cerâmicas gregas ainda em estudo.

percurso natural e espectável de navegação (no sentido norte/sul e este/oeste), mas antes ao contacto com áreas estratégicas deste território[1346].

A partir da transição do século V a.n.e. dá-se um aumento exponencial dos arqueossítios com a presença de cerâmica grega, aumentando igualmente o número de fragmentos. Neste território, o Sul destaca-se como o grande consumidor deste tipo de produtos, com um número muito avultado desta cerâmica, quando comparado com o restante território português. A disseminação da influência orientalizante em toda a fachada atlântica sugere uma dinâmica de comércio distinta da anteriormente enunciada. A fundação de novos povoados que registam cerâmica grega nos estratos arqueológicos mais antigos terá certamente a sua origem num quadro de prosperidade económica, percetível através do grande número de produtos exógenos que chegam a este território, a par do aumento demográfico. Sendo o século IV a.n.e., o momento de maior intensidade no comércio de bens orientalizantes, verifica-se um aumento no número de locais geograficamente vocacionados para participar e tirar partido das redes comerciais já estabelecidas, como de alguns arqueossítios estudados situados ao longo das vias marítimas e fluviais, em áreas favoráveis ao controlo da navegação.

Em locais previamente povoados, como Castro Marim e Tavira, ocorre neste período uma profunda reestruturação urbanística que traduz um fenómeno de crescimento (económico e de outras índoles) deste espaço, verificado através da intensa chegada de importações. Aos bens tradicionalmente conhecidos acrescentam-se novos produtos, quer na forma de bens manufaturados, quer na qualidade de produtos alimentares, estes últimos transportados através do recurso a ânforas[1347].

No que concerne às estratégias de povoamento das populações deste território, destaca-se a aparente uniformidade verificada entre os núcleos urbanos da Idade do Ferro. Regra geral, os povoados sidéricos que importam materialidades exógenas obedecem a uma tipologia concreta, assente na implantação na orla costeira, em pequenas elevações que proporcionam o domínio visual da paisagem e o controlo das vias marítimas e dos acessos a áreas localizadas em territórios mais interiores. Não obstante esta tipologia de implantação acarretar vantagens defensivas e, em alguns casos, a exploração de variados recursos (piscícolas, agrícolas, etc.), deverá levar-se em conta a vantagem que garantem ao desenvolvimento de atividades comerciais. Este objetivo de facilitar e controlar a realização de trocas comerciais, quer entre regiões próximas, quer com territórios distantes, poderá ter estado na origem da fundação de alguns dos povoados estudados. Como já referimos, estes povoados localizam-se igualmente em locais favoráveis ao controlo das vias aquíferas e em rotas de penetração para áreas interiores, semelhantes aos modelos de implantação territorial fenícios situados na costa de Málaga e na Andaluzia Ocidental[1348].

Os dados compilados neste estudo, permitem corroborar a ideia de uma menor concentração de bens forâneos, nomeadamente de cerâmica grega, com valores que raramente ultrapassam uma dezena de fragmentos, por norma um ou dois indivíduos. Não obstante, a todos os sítios com presença orientalizante confirmada chegam produtos com características semelhantes, verificando-se dinâmicas de importação análogas[1349]. Relativamente às áreas mais interiores, os dados disponíveis sobre a influência orientalizante são muito escassos, desconhecendo-se as dinâmicas de ocupação deste território e o peso real da sua influência.

Com poucas exceções, a cerâmica grega até à data encontrada na fachada atlântica está muito fragmentada. Esta situação condiciona grandemente a sua classificação e dificulta a determinação da sua forma e cronologia. Esta frágil condição resulta do facto dos fragmentos serem, regra geral, encontrados em contextos de *habitat*, onde são usados de forma intensiva, no quotidiano, em ambientes domésticos, como loiça de mesa. A exceção a esta tendência verifica-se nos contextos funerários e votivos. A necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, a necrópole do Cerro Furado, em Beja e o santuário da Azougada, em Moura, são disso exemplo. É destes locais que provêm os conjuntos de cerâmica grega melhor conservados, incluindo peças inteiras.

Os vasos importados, com um reportório formal reduzido, apresentam pastas e vernizes de qualidade inferior, espelhando uma tendência já verificada em território espanhol[1350], relacionada com o abastecimento de produtos de características particulares destinadas exclusivamente aos mercados periféricos. A

1346 Esta problemática foi largamente abordada por Ana Margarida Arruda (2017, p. 126), sublinhando a referida investigadora diversas possibilidades interpretativas.

1347 (Arruda, 2005).

1348 (Aubet, 2009, pp. 311-316).

1349 (Arruda, 2003, p. 54).

1350 (Cabrera Bonet & Perdigones, 1996).

decoração presente nos exemplares de figuras vermelhas, pouco cuidada, pouco variada e restrita às obras de não mais do que seis pintores ou Grupos de Pintores, concorrem igualmente para esta tese. O conjunto apresenta-se assim bastante homogéneo, predominando os recipientes concebidos para serem utilizados à mesa, para beber e comer. Além destes, regista-se um número considerável de kratêres, particularmente recorrentes no Noroeste Peninsular, traduzindo assim a preferência destas comunidades por peças mais elaboradas, de maiores dimensões e profusamente decoradas.

Abordando o impacto e alcance da importação destes produtos, tudo indica que a chegada de vasos gregos foi acompanhada de significativas alterações nos hábitos sociais. A identificação de formas que procuram reproduzir os protótipos gregos, produzidas regionalmente, reflete a plena aceitação destas produções forâneas.

A geografia das importações parece testemunhar a existência de centros de articulação de territórios/agentes de intercâmbio comercial, como Castro Marim ou Tavira, recebendo estes produtos exógenos e redistribuindo-os para áreas mais interiores. De igual forma, permitiriam a chegada de matérias-primas e outros bens desde o interior ao litoral, facilitando o seu escoamento para destinos mais distantes. Por outro lado, Castro Marim e Tavira seriam, numa outra escala, eles próprios recetores de produtos oriundos das colónias redistribuidoras como Ampúrias e, da região mais próxima do litoral atlântico, Cádis. Esta complexa teia de mercados, de aparente feição piramidal e hierarquizada e assente na existência de pontos costeiros redistribuidores, facilitaria e promoveria a realização de trocas inter-regionais. Esta dinâmica de fluxos comerciais resultaria de uma necessidade económica, continuada no tempo, não tendo, no entanto, como condição obrigatória o estabelecimento de qualquer tipo de unidade política. Efetivamente, não é possível determinar que tipo de relações se estabeleceram entre estes vários territórios, desconhecendo-se se obedeciam a um sistema hierarquizado, em que um ou mais se sobrepusesse política ou economicamente sobre os demais, ou se os diferentes núcleos urbanos da Idade do Ferro assumiriam uma posição político-administrativa autónoma, regulando-se a si próprios e às suas atividades económicas. A semelhança na realidade material e nos sistemas de povoamento parecem aproximá-los cultural e socialmente. Seriam abastecidos pelos mesmos agentes comerciais, podendo existir contactos entre eles, não obstante cada núcleo urbano poder ter uma área própria de exploração territorial e comercial. Como sublinhamos igualmente que as referidas relações comerciais entre regiões/mercados só foram possíveis graças à boa acessibilidade garantida pelos cursos fluviais[1351].

Como têm vindo a ser acentuado, consta-se uma forte ligação do Sul do território atualmente português com a região gaditana, sobretudo no que diz respeito aos bens comercializados, sugerindo-se a sua integração no âmbito político e económico daquela cidade[1352], com consequências inclusivamente de carácter demográfico[1353].

No respeitante aos recetores destes produtos exógenos, é revelante sublinhar que são, eles próprios, também agentes de comércio, que recebem bens em troca de outros, estabelecendo, com um maior ou menor peso, as condições e as mais-valias destas transações. Esta participação indicia a existência de indivíduos, dentro dos grupos sociais, que conduzem o desenrolar desta atividade económica beneficiando financeiramente dela. Se considerarmos que este desenvolvimento das trocas comerciais poderá ter potenciado a criação de riqueza e restruturado socialmente estas povoações, contribuindo para o apuro da divisão de trabalhos e incentivando uma possível hierarquização de estatuto social e riqueza de um destes grupos, poderemos atribuir a esta atividade comercial um fenómeno de progressiva complexidade e hierarquização social[1354]. Este processo, com início no século VII a.n.e. e desencadeado pela presença de comerciantes de origem fenícia e/ou grega na fachada atlântica da Península Ibérica, ganha dimensão nos séculos seguintes, acompanhando o crescimento das relações comerciais e do volume de trocas realizado. Estamos assim perante um possível fenómeno de reorganização económica.

A importação em maior escala de produtos importados pressupõe igualmente que estamos perante uma região com um significativo poder de compra expresso na propriedade de riqueza e/ou recursos passíveis de constituírem moeda de troca nas transações comerciais. Poder-se-á pensar em recursos mineiros, provenientes de áreas interiores, de recursos agropecuários ou recursos relacionados com a exploração do

1351 (Escacena Carrasco & Belén Deamos, 1994; Arruda, 1997).

1352 (Sousa & Arruda, 2010, p. 951). É usado como base para estas considerações o estudo macroscópico das pastas identificadas nos sítios arqueológicos de Castro Marim, Faro e Monte Molião, devidamente confirmadas pelas análises de geoquímica e transformação térmica das argilas do Algarve (Trindade, 2007).

1353 É usado o termo «gaditanização», originalmente adotado por G. Chic García (2004), como termo que melhor descreve este fenómeno comercial.

1354 Esta perspetiva é desde logo defendida por Ana Arruda (2003, p. 55).

mar e atividades derivadas (pescas, conservas, sal, etc.)[1355]. No primeiro caso, assume pertinência a aptidão de recursos mineiros da região. Os dados arqueológicos disponíveis até ao momento revelam a existência de minas em Caveira, Neves-Corvo, São Domingos, e ainda Pego de São Domingos, Cerro da Mina e Conceição e Soalheirões[1356]. A presença de escórias de ferro, em quantidades significativas, e chumbo em vários dos arqueossítios mencionados, indiciam uma intensa atividade de transformação de metais[1357].

O contacto com produtos importados, veículos de cultura, contribuiu para a introdução e assimilação de hábitos exógenos. Naturalmente que, quanto mais facilitado é o acesso a estes bens (pela proximidade geográfica a centros redistribuidores e capacidade de aquisição), maior o seu impacto na alteração de hábitos dos seus compradores[1358]. Veja-se o caso de um fragmento de um possível ponderal proveniente de Castro Marim. A verificar-se esta classificação, estaríamos possivelmente perante um sistema métrico de influência oriental, implementado neste local em finais do Século VII a.n.e.[1359] (*).

As transformações geopolíticas verificadas no decurso do século IV a.n.e., tiveram como consequência direta uma quebra na chegada dos produtos cerâmicos áticos. A diminuição da oferta, traduziu-se na proliferação, em outras áreas do Mediterrâneo, de centros oleiros dedicados à produção de cerâmicas que obedecem à estética helenística. É neste particular contexto que devemos explicar o início da comercialização e a proliferação da cerâmica de tipo Kuass que surge em grandes quantidades no Círculo do Estreito de Gibraltar, a partir de finais do século IV a.n.e. De engobes acinzentados, acastanhados e avermelhados, imitam os protótipos formais da cerâmica ática de verniz negro, sendo por isso, plenamente integradas nos circuitos comerciais do mundo mediterrâneo ocidental. No território atualmente português, a cerâmica do tipo Kuass regista-se, entre outros locais, em Castelo de Castro Marim[1360], em Faro[1361], Tavira[1362], Cerro da Rocha Branca[1363], Monte Molião[1364], Mértola[1365], Castelo Velho de Sáfara[1366], Chibanes[1367], Santarém[1368] e na Quinta da Queimada[1369], todos eles local de procedência de peças áticas (*).

Nos sítios arqueológicos de Faro, Monte Molião e muito possivelmente na Quinta da Queimada, as cerâmicas do tipo Kuass são provenientes de estratos que assentam diretamente sob o substrato geológico e/ou convivendo com cerâmicas áticas. Verificamos a mesma associação nos sítios arqueológicos de Carteia[1370] e em Castillo de Doña Blanca[1371], onde se regista a presença residual de produtos cerâmicos áticos até ao último quartel do século IV a.n.e, convivendo igualmente com produções do tipo Kuass. Esta associação revela-nos importantes dados sobre as dinâmicas de importação de bens no atual território algarvio. Por um lado, enquadra esta região entre os locais de ocupação sidérica que mais tardiamente deixam de receber cerâmicas áticas, contrariando a tendência de declínio registada na importação deste tipo de produtos, que se faz sentir a partir de 350 a.n.e. Por outro lado, espelha uma tendência verificada em outros locais da Península Ibérica, assente no longo período de amortização da cerâmica ática, particularmente verificado em contextos de natureza votiva e funerária (*).

1355 (Jurado, 1987; Escacena Carrasco, 1994).

1356 (Pereira, 2008, p. 29).

1357 Foi possível identificar um conjunto de 1652,13 gr de escória de ferro. (Pereira, 2008, p. 126).

1358 (Arruda, 1997; Blech, 2001).

1359 (Vilaça, 2003b, p. 272).

1360 (Arruda, 1997, 1999-2000, 2000, 2001).

1361 (Freitas, 2005).

1362 (Maia, 2004).

1363 (Gomes, 1993).

1364 (Freitas, 2005).

1365 (Rego & Guerreiro & Gómez, 1996).

1366 (Soares, 2001).

1367 (Freitas, 2005).

1368 (Arruda, 2000, pp. 6-173).

1369 (Sousa & Arruda 2010, p. 970).

1370 (Bendala Galán, *et alii.*, 1994).

1371 (Niveau de Villedary & Mariñas, 2000).

Ainda que tradicionalmente se associe a presença de vasos gregos maioritariamente a contextos de *habitat*[1372], exceção feita às necrópoles de Alcácer do Sal, Quinta da Queimada, Cerro Furado, e ao santuário de Cabeço da Azougada, o estudo das condições de achamento destes materiais testemunha uma realidade distinta. Não obstante, uma percentagem considerável de exemplares gregos provir de contextos de revolvimento, deposição secundárias ou de intervenções arqueológicas espacialmente limitadas que não permitem a determinação da natureza dos espaços escavados, verifica-se um número crescente de vasos gregos identificados recintos com funcionalidades religiosas. Registamos esta associação de forma evidente no complexo arqueológico de Castro Verde, em Corvo I e Neves I e II, e no depósito votivo de Garvão. Em Tavira, registam-se igualmente testemunhos da utilização de vasos gregos nos poços votivos do Antigo Parque das Festas e Palácio da Galeria e no sopé do Convento da Graça, associando-se possivelmente neste último local, a espaços de enterramento de populações exógenas. Em Castelo de Castro Marim, destaca-se o depósito de cariz votivo [0089], onde foi identificado um número muito considerável de taças produzidas na segunda metade do século V a.n.e. Também Cabeço Redondo, ainda que não se forma consensual, tem vindo a ser interpretado como espaço de enterramento, no qual os vasos gregos poderiam associar-se a um consumo ritualizado. Em Beja, verificamos igualmente a presença de fragmentos áticos em recintos de possível funcionalidade religiosa, destacando-se o «ambiente 3», interpretado como altar ritual doméstico, onde estas produções surgem associadas a duas esculturas coroplásticas representando um equídeo e a cabeça de um carneiro. A referida associação dos vasos gregos a contextos de natureza votiva testemunha não só a ligação orgânica entre as áreas de áreas de *habitat* e de culto entre as comunidades sidéricas da fachada atlântica da Península Ibérica, como acentua o cariz de exceção e de estatuto associado à utilização dos vasos gregos. Ainda que em determinados arqueossítios onde os conjuntos de cerâmica grega são mais abundantes, seja admissível a sua utilização como loiça de mesa, estarão seguramente ligados a rituais de comensalidade, associados a celebrações e ritos, como veículo de reafirmação religiosa e social (*).

(*) Este parágrafo reproduz um excerto do artigo previamente publicado: Ferreira, 2020a, pp. 1169-1170.

1372 (*VGP*, 2007).

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (1995). *Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros.* Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

AA.VV. (2008). *Castelo de São Jorge*. Lisboa: Núcleo Museológico/ EGEAC.

Abad Vidal, E. (1998). *Excavación arqueológica en la parcela nº 24 del castro de la Isla de Toralla (Vigo), Informe inédito depositado en el Servizo de Arqueoloxía de la Xunta de Galicia.* Santiago de Compostela.

Aboal, R., & Castro, V. (Edits.) (2006). *O castro de Montealegre (Moaña, Pontevedra).* Noia: Ed. Toxosoutos.

Acuña Castroviejo, F. (1976). La cultura en la Galicia romana. *La Romanización de Galicia. Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos* 16, pp. 63-76. A Coruña: Ediciós do Castro.

Adroher Auroux, A. M., Sánchez Moreno, A., & De La Torre Castellano, I. (2016). Cerámica ática de barniz negro de Iliberri (Granada, España). Análisis crono-estadístico de un contexto cerrado, *Portugalia, Nova Série*, vol. 37, pp. 5-38. Porto: DCTP-FLUP.

Alarcão, J. (1985). Sobre a Romanização do Alentejo e Algarve. A propósito de uma obra de José d' Encarnação. *Arqueologia, 11.* Porto: GEAP.

Alarcão, J. (Coord.) (1996). *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Alarcão, J. (2004). In Território Colimbrie: Lugares Velhos (e alguns deles deslembrados do Mondego, *Trabalhos de Arqueologia*, nº 38. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Alarcão, J., & Alarcão, A. (1964). Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz, *Revista de Guimarães, 84,* pp. 80-120.

Alarcão, A., & Correia, V. H. (1994). Cerâmicas comuns da Idade do Ferro. Em *Idade do Ferro: Catálogo* (pp. 99-102). Figueira da Foz: Câmara Municipal de Figueira da Foz/ Museu Municipal.

Alarcão, J., & Étienne, R. (Edits.) (1974-1979). *Fouilles de Conímbriga, Mission Archaeologie Fraçaise au Portugal*. Paris: Museu Monográfico de Conímbriga.

Alarcão, J., & Étienne, R. (1977). L'Architecture, *Fouilles de Conimbriga*, 1. Paris: Diffusion E. de Boccard.

Alarcão, J., *et alii*. (1976). Céramiques diverses et verres, *Fouilles de Conimbriga*, 6. Paris: Diffusion E. de Boccard.

Alarcão, J., *et alii*. (1979). Trouvailles diverses – conclusions générales, *Fouilles de Conimbriga - Mission Archaeologie Française au Portugal*, 7. Paris: Diffusion E. de Boccard/ Museu Monográfico de Conímbriga.

Alcalá-Zamora, L. (2003). La Necrópolis ibérica de Pozo Moro, *Bibliotheca Archaeologica Hispana* 23, Madrid.

Almagro Basch, M. (1951). *Ampurias. Historia de la ciudad. Guía de las excavaciones.* Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Almagro Basch, M. (1952). Las inscripciones ampuritanas, griegas, ibéricas y latinas. *Monografias Ampuritanas* II. Barcelona.

Almagro Basch, M. (1953). Las necrópolis de Ampurias, *Monografías Ampuritanas* III, *Vol.* I. *Introducción y necrópolis griegas.* Barcelona.

Almagro Basch, M. (1955). Las necrópolis de Ampurias, *Vol.* II. *Necrópolis romanas. Las necrópolis indígenas. Monografias Ampuritanas* III. Barcelona.

Almagro Basch, M. (1964). Excavaciones en la Palaiápolis de Ampurias, *Excavaciones arqueológicas en España 27.* Madrid.

Almagro Gorbea, M. (1977). La iberización de las zonas orientales de la Meseta, *Ampurias 38-40*, pp. 93-156.

Almeida, C. A. (1973-1974). Influências meridionais na cultura castreja. *Revista da Faculdade de Letras. História*, série I, vol. 04/05, p. 201.

Almeida, C. A. (1982). Castelo de Faria: Campanha de Escavações de 1981. *Barcellos-Revista, nº1*, pp. 79-88.

Almeida, C. A. (1985). Barcelos. Castelo de Faria - 1982, 1983. *Informação arqueológica 5*, pp. 50-52.

Almeida, C. A., *et alii.* (1981). Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha. *Arquivo de Ponte de Lima, nº 3*, pp. 5-90.

Almeida, C. B. (2005). A exploração do sal na costa portuguesa a Norte do Rio Ave. Em *Da Antiguidade Clássica à Baixa Idade Média - I Seminário Internacional sobre o sal português* (pp. 137-170). Porto: Instituto de História Moderna da Universidade do Porto.

Almeida, C. B. (2006). O castro de São Lourenço Vila Chã (Esposende). Em *A Cultura Castrexa Accións e estratexias para o seu aproveitamento socio-cultural. Actas do Seminario Final, Mondariz Balneario, 22 e 23 de xuño de 2006* (pp. 67-92). Galicia: Xunta de Galicia.

Almeida, C. B., & Cunha, R. C. (1997). *O Castro de S. Lourenço Vila Chã - Esposende.* Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

Almeida, C. B., & Almeida, A. P. (2008). *Castro de S. Lourenço - Esposende.* Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

Almeida, J., & Araújo, L. (2009). Escaravelhos egipcíos em Portugal. *Cadmo 19*, pp. 97-130.

Almeida, S. O., *et alii.* (2011). Cerâmica da II Idade do Ferro de Aeminium - R. Fernandes Tomás 72/74 (Coimbra, Portugal), *Conimbriga, vol. 50,* pp. 33-57. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Alves, A. C. (1996). *Causas e Processos da Dinâmica Sedimentar na Evolução Actual do Litoral do Alto Minho*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga. Edição policopiada.

Amaro, C. (1993). Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa, *Estudos Orientais, Lisboa,* IV, pp. 183- 192.

Amaro, C. (2002). Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. Em *De Olisipo a Lisboa. A casa dos Bicos* (pp. 11-27). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Amaro-Rodríguez, E., *et alii.* (2015). Primeros ensayos para la caracterización de uso de la cerámica de la Edad del Hierro del NW Ibérico. Em C. Oliveira, R. Morais, & Á. Morillo Cerdán (Edits.), *ArchaeoAnalytics - Chromatography and DNA analysis in archaeology*. Esposende: Município de Esposende.

Amo Del, M. (1976). Restos materiales de la población romana de Onuba, *Huelva Arqueológica II*, pp. 13-43.

Antunes, A. S. (2005a). A Idade do Ferro na Serra de Portel: entre o litoral atlântico e o interior peninsular. Em *Bronce Final y Edad del Hierro en la Península Ibérica. Primeras Jornadas Científicas de Jóvenes Investigadores* (pp. 279-296). Salamanca.

Antunes, A. S. (2005b). *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana.* Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Edição Policopiada.

Antunes, A. S. (2008). Castro" Da Azougada (Moura, Portugal): Percursos do Pós-Orientalizante no Baixo Guadiana, *Anejos de AEspA XLVI*, pp. 327-351.

Antunes, A. S. (2009). Um conjunto cerâmico da Azougada: em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana, O *Arqueólogo Português - Suplemento 5.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Antunes, A. S., *et alii.* (2012). Serpa entre a Idade do Ferro e a Época Moderna. Breve leitura dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Castelo. Em A*ctas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. 18, 19 e 20 de novembro de 2010* (pp. 441-464). Almodôvar.

Aquilué, X. (Ed.) (1999). Intervencions arqueològiques a Sant Martí d'Empúries (1994-1996), *Monografies Emporitanes - De l'assentament precolonial a l'Empúries actual,* 9. Girona.

Aquilué, X., *et alii.* (2000). Les ceràmiques gregues arcaiques de la Palaiàpolis d'Empúries, Em P. Cabrera Bonet & M. Santos (Edits.), *Ceràmiques jònies d'època arcaica. Centres de producció i comercialització al Mediterrani Occidental, Actas de la Mesa Redonda (Empúries, 26-28 de mayo de 1999), Monografies Emporitanes*, 11, pp. 285-346. Barcelona.

Aranegui, C., *et alii.* (1993). *La nécropole ibérique de Cabezo Lucero (Guardamar del Segura, Alicante).* Madrid-Alicante: École des hautes études hispaniques Casa de Velázquez, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, Diputación Provincial de Alicante.

Araújo, M. F., *et alii*. (2004) - EDXRF study of prehistoric artefacts from Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal), *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research B.* 203, pp. 741-746. Amsterdam.

Arcelin, P., & Truffeau-Libre, M. (1998). La quantifications des céramiques. Conditions y protocole. *Bibracte, 2.*

Arribas, A., *et alii*. (1987). *El barco de El Sec (costa de Calvià, Mallorca). Estudio de los materiales*. Mallorca: Ayuntamiento de Calvià, Universitat de les Illes Balears.

Arruda, A. M. (1984a). Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983. *Clio/Arqueologia, 1*, pp. 245-248. Lisboa: INIC.

Arruda, A. M. (1984b). Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1984. *Clio/Arqueologia, 1*, pp. 249-254. Lisboa: INIC.

Arruda, A. M. (1984c). Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim: sua integração no contexto do turismo regional. Em *Actas do 3º Congresso sobre o Algarve* (vol. I, pp. 45-49). Montechoro: Racal Clube.

Arruda, A. M. (1986a). Castro Marim na Idade do Ferro. Em *Actas do 4º Congresso do Algarve* (vol. I, pp. 33-38). Montechoro: Racal Clube.

Arruda, A. M. (1986b). Castelo de Castro Marim. *Informação Arqueológica, 8*, pp. 32-34. Lisboa.

Arruda, A. M. (1993). A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular, *Estudos Orientais, 4*, pp. 193-214. Lisboa.

Arruda, A. M. (1994). A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente Mediterrânico. Em *Lisboa Subterrânea – Catálogo da Exposição* (pp. 52-57). Lisboa: Electa/ Museu Nacional de Arqueologia/ Lisboa Capital Europeia da Cultura '94.

Arruda, A. M. (1995). Panorama das importações áticas em Portugal, H*uelva Arqueológica (Actas do Simpósio: Iberos y Griegos: Lecturas desde la diversidad. Ampúrias, 1991* (13, 1, pp. 129-154). Huelva: Diputación Provincial de Huelva.

Arruda, A. M. (1996). Particularidades, especificidades e regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal: aproximação a um modelo explicativo. Em F. & J. Encarnação (Edits.), *Hispania pré-romana* (pp. 37-50). Salamanca: Universidade de Salamanca.

Arruda, A. M. (1997a). *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica.* Lisboa: Ed. Colibrí.

Arruda, A. M. (1997b). Conimbriga: Fouilles de 1988-89, 2. Les travaux sur le forum. Em *Itinéraires Lusitaniens, trente années de collaboration arqueologique luso-française* (pp. 13-33). Paris: Diffusion de Boccard.

Arruda, A. M. (1999-2000). Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.), *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 5-6. Barcelona: Laboratorio de Arqueología/ Universidad Pompeu Fabra.

Arruda, A. M. (2000a). As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a. C. Em M. E. Aubet & M. Barthélemy (Edits.), *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos: Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995*. (vol. 2, pp. 727-735). Madrid-Cádiz: Servicio de Publicaciones/Universidad de Cádiz.

Arruda, A. M. (2000b). Los fenicios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro e sur de Portugal, *Cuadernos de Estudios Mediterráneos.* Barcelona.

Arruda A. M. (2000c). *Fenícios e Mundo Indígena no Centro e Sul de Portugal (séc. VIII-VI a. C): em torno às histórias possíveis.* Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Edição policopiada.

Arruda, A. M. (2001). A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4, 2, pp. 207-291. Lisboa.

Arruda, A. M. (2002). Los Fenícios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro de Portugal (siglos VIII-VI a.C.), *Cuadernos de Arqueologia Mediterránea*, 5-6. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona.

Arruda, A. M. (2003). A Idade do Ferro no Castelo de Castro Marim através das importações cerâmicas. Em *Xelb, Actas do 1º Congresso de Arqueologia do Algarve* (vol. 4, pp. 70-88). Silves: Câmara Municipal de Silves.

Arruda, A. M. (2005a). O 1º Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século, *O Arqueólogo Português*, 4 (23), pp. 9-156.

Arruda, A. M. (2005b). Orientalizante e pós-orientalizante no Sudoeste Peninsular: Geografias e Cronologias. Em Celestino & Jiménez Ávila (Edits.), *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterraneo Occidental. Anejos de AEspA XXXV* (pp. 277-304). Mérida.

Arruda, A. M. (2005c). A Idade do Ferro em Portugal: leituras de Jorge de Alarcão. Em *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão* (pp. 75-98). Coimbra-Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

Arruda, A. M. (2006). Castelo de Castro Marim. Em N. Bicho (dir.), *A pré-história do Algarve*, (pp. 193-199). Tomar: CEIPHAR.

Arruda, A. M. (2007a). A Idade do Ferro do Sul de Portugal. Estado da investigação. *Madrider Mitteilungen, 42*, pp. 114-139.

Arruda, A. M. (2007b). A Idade do Ferro no Algarve: velhos dados (e outros mais recentes) e novas histórias. Em *Xelb, Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Arqueologia do Algarve - Percursos de Estácio da Veiga* (7, pp. 116-130). Silves: Câmara Municipal de Silves.

(VGP) Arruda, A. M. (2007c). Cerâmicas gregas encontradas em Portugal. Em M. H. Rocha Pereira (Ed.), *Vasos gregos em Portugal - Aquém das colunas de Hércules* (pp. 135-149). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.

Arruda, A. M. (2008a). Fenícios e púnicos em Portugal: problemas e perspectivas. Em J. P. Vita, & J. Á. Zamora (Edits.), *Nuevas perspectivas II: la arqueología fenicia y púnica en la Península Ibérica* (pp. 13-23). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.

Arruda, A. M. (2008b). O Baixo Guadiana durante os séculos VI e V a.n.e. Em J. Jiménez Ávila (Ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA, XLVII* (pp. 307-325). Madrid: CSIC.

Arruda, A. M. (2009). Phoenician colonization on the Atlantic coast of the Iberian. Em Dietler, & López Ruiz (Edits.), *Colonial Encounters in Ancient Iberia.* Chicago: University Press.

Arruda, A. M. (2012). O Algarve na Rota Atlântica do Comércio Romano. Em B. M. Serrano, & G. C. Andreotti (coord.), *La etapa neopúnica en Hispania y el Mediterráneo centro occidental: identidades compartidas* (pp. 413-424). Sevilha: Universidade de Sevilha.

Arruda, A. M. (2018). A Idade do Ferro. Em A. Matias (Ed.), Santarém. Carta Arqueológica Municipal (pp. 112-117). Santarém: Câmara Municipal de Santarém / Museu Municipal de Santarém.

Arruda, A. M. (2019). A cerâmica grega de época arcaica do território actualmente português. [Archaic Greek pottery from Portugal], *Archivo Español de Arqueología*, 92 pp. 19-25.

Arruda, A. M., & Almeida, R. R. (1998). As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém, *Conímbriga*, 37, pp. 201-231.

Arruda, A. M., & Almeida, R. R. (1999). Importações de vinho itálico para o território português: contextos, cronologiase significado. Em *Économie et territoire en Lusitanie romaine* (pp. 307-337). Madrid: Casa de Velazquez.

Arruda, A. M., & Catarino, H. (1982). Cerâmicas da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém, *Clio/Arqueologia*, 4, pp. 35-40.

Arruda, A. M., & Celestino Pérez, S. (2009). Arquitectura religiosa em Tartessos. Em Mateus, Celestino, Pizzo & Tortosa (Edits.), *Santuarios, Oppida y Ciudades: Arquitectura Sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental - Anejos de AEspA*, (vol. XLV, pp. 29-77). Mérida: CSIC.

Arruda, A. M., & Freitas, V. (2008). O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e, *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos AEspA* (XLVII, pp. 429-446). Madrid: CSIC.

Arruda, A. M., & Lopes, M. C. (2012). Dois vasos gregos da necrópole do Cerro Furado (Baleizão, Beja, Portugal), *O Arqueólogo Português, Serie V, núm. 2*, pp. 405-415.

Arruda, A. M., & Sousa, E. (2015). Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal), *Trabajos de Prehistoria*, 72:1, pp. 176-187.

Arruda, A. M., & Sousa, E. (2019). The Greek pottery in the Tagus estuary. Em R. Morais, D. Leão, D. Pérez, & D. Ferreira (Edits.), *Greek Art. Studies in honour of Sir John Boardman on the occasion of his 90th birthday*, (pp. 187-195). Oxford: Archaeopress Publishing Ltd.

Arruda, A. M., & Vilaça, R. (2006). O Mar Greco-Romano antes de Gregos e Romanos: Perspectivas a partir do Ocidente Peninsular. Em F. Oliveira, P. Thiercy, & R. Vilaça (Edits.), *Mar Greco-Latino* (pp. 31-58). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Arruda, A. M., Bargão, P., & Sousa, E. (2005). A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 8. Nº 1. pp. 177-208.

Arruda, A. M., Barros, P., & Lopes, V. (1998). Cerâmicas áticas de Mértola, *Conímbriga, 37*, pp. 122-149.

Arruda, A. M., Covaneiro, J., & Cavaco, C. (2008). A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça (Tavira). Em *Xelb, Actas do Encontro Arqueologia no Algarve* (n.º 8. vol. I, pp. 141-160). Silves: Museu Municipal de Arqueologia/ Câmara Municipal de Silves.

Arruda, Ana M.; Ferreira, Daniela; & Sousa, Elisa de (2020). *A cerâmica grega do Castelo de Castro Marim (Estudos & Memórias, 13)*. Lisboa: UNIARQ.

Arruda, A. M., Vallejo Sanchez, J., & Freitas, V. T. (2000). As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia, 3, 2*, pp. 25-59.

Arruda, A. M., *et alii*. (2006). A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à época romana. Em *Actas do Simpósio internacional de Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal Arqueológica*, (vol. 13, pp. 153-176). Setúbal.

Arruda, A. M., *et alii*. (2008). Monte Molião (Lagos). Resultados de um projecto em curso, Em *Xelb*, (8, pp. 161-192). Silves: Museu Municipal de Arqueo- logia/ Câmara Municipal de Silves.

Arruda, A. M., *et alii*. (2011). Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal), *Revista de Arqueologia*, L, pp. 5-32. Coimbra.

Arruda, A. M., *et alii*. (2013). A cronologia relativa e absoluta da ocupação sidérica do Castelo de Castro Marim, *Saguntum, 45*, pp. 101-114.

Arruda, A. M., *et alii*. (2017). O Cabeço Guião (Cartaxo, Portugal). Um sítio da Idade do Ferro do vale do Tejo. Em S. Celestino Pérez, & E. Rodriguez (Edits.), *Território comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo em época tartésica - Anejos del ArchEspArq*, (LXXX, pp. 319-361). Madrid.

Arruda, A. M., *et alii*. (2018). Chões de Alpompé (Vale de Figueira, Santarém): Lendas e Narrativas, *Spal, 27, 2*, pp. 201-227.

Arteaga, O., Schulz, H. D., & Roos, A. M. (2008). Geomorfología dialéctica en la bahía de Cádiz, *RAMPAS*, 10 (Geoarqueología y proceso histórico en la bahía de Cádiz), pp. 21-116.

Arteaga, O., Hoffmann, G., Schubart, H., & Schulz, H. D. (1987). Investigaciones geológicas y arqueológicas sobre los cambios de la línea costera en el litoral de la Andalucía mediterránea. Informe preliminar (1985), *AAA*, 1985/II: Actividades sistemáticas. Informes y memorias, pp. 117-122.

Asensio, D., Cela, X., & Ferrer, C. (1996). Els materials ceràmics del poblat ibèric del Castellet de Banyoles (Tivissa), Col·lecció Salvador Vilaseca de Reus, *Pyrenae* 27, pp. 163-191. Barcelona.

Aubet, Mª. E. (2009). *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Bellaterra.

Avelino, A. (2012). *A ocupação romana no estuário do rio Arade. Seminário de Investigação.* Faro: Universidade do Algarve.

Avelino, A. (2015). *Achados arqueológicos subaquáticos no Algarve: As atividades comerciais entre a Idade do Ferro e Período Romano*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia – Especialização em Teoria e Métodos da Arqueologia. Edição policopiada.

Ayán Vila, X., Criado Boado, F., & González Pérez, L. (2012). *Escavación arqueolóxica no Castro Grande de Neixón (Boiro, A Coruña). Campaña 2007.* Santiago de Compostela.

Aýan Vila, X., *et alii.* (Coord.) (2008). Os castros de Neixón (Boiro, A Coruña) II: de espazo natural a paixage cultural, *Serie Keltia 40*. Noia: Toxosoutos.

Bádenas de la Peña, P., & Olmos, R. (1988). La nomenclatura de los vasos griegos en castellano: propuestas de uso y normalización, *Archivo Español de Arqueología*, vol. 61, nº 157-158, pp. 61-80.

Barberà Farras, J. (1964-1965). La cerámica barnizada de negro del poblado ilergeta Tossal de les Tenalles de Sidamunt (Lérida), *Ampurias*, XXV-XXVII, pp. 135-163. Barcelona.

Barberà Farras, J., & Mata, E. (1982-1983). *El poblat ibèric de la Penya del Moro (Sant Just Desvern, Barcelonès). Excavacions 1982-1983.* Barcelona: Generalitat de Catalunya.

Barberà Farras, J., & Sanmartí Grego, E. (1987). *Arte griego en España.* Barcelona: Ed. Polígrafa.

Barberà Farras, J., *et alii.* (1979). *Quaderns de Treball 1 – La Penya del Moro de Sant Just Desvern (Barcelona).* Barcelona: Institut de Prehistòria i Arqueologia de la Diputació Provincial de Barcelona / Departament de Prehistòria i Arqueologia de la Universidad Autónoma de Barcelona.

Bargão, P. (2015). As ânforas pré-romanas da Alcáçova de Santarém. Em *Actas do VI Congreso Internacional de Estudos Fenício Púnicos* (vol. II., pp. 748-755). Lisboa: UNIARQ.

Barros, L. (1998). *Introdução à Pré e Proto História de Almada.* Almada: Câmara Municipal de Almada.

Barros, L. (2001). Quinta do Almaraz: o princípio de Almada Cidade. *Anais de Almada* 4, pp. 11-24.

Barros, L., & Henriques, F. (2002a). A última fase de ocupação do Almaraz. Em *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada 20-23 de fevereiro de 1997. Monografias – Arqueologia* (pp. 97-107). Almada: Câmara Municipal de Almada; Divisão de Museus.

Barros, L., & Henriques, F. (2002b). Almaraz, primeiro espaço urbano em Almada. Em *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada 20-23 de Fevereiro de 1997. Monografias – Arqueologia* (pp. 295-311). Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus.

Barros, L., & Soares, A. (2004). Cronologia absoluta para a ocupação orietalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal), *O Arqueólogo Português*, 4 *(22)*, pp. 333-352.

Barros, P. (2003). As cerâmicas áticas de Tavira. Em *Tavira: território e poder* (pp. 73-75). Tavira: Câmara Municipal de Tavira, Museu Nacional de Arqueologia.

Barros, P. (2005). As cerâmicas áticas no circuito do estreito do extremo Ocidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira. Em *El periodo Orientalizante. Actas del III Simposio de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de AEspA. II* (vol. 35, pp. 931-945). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida/CSIC.

Barros, P. (2008). Mértola durante os séculos VI e V a.C. Em J. Jiménez Ávila (Ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de Archivo Español de Arqueología* (XLVI, pp. 399-414). Mérida: CSIC.

Barros, P. (2010) Mértola entre os séculos VI e III a.C., *Mainake - Los Púnicos de Iberia: Proyectos, Revisiones, Síntesis, 32-1*, pp. 417-436. Málaga.

Barros, L., Cardoso, J. L., & Sabrosa, A. (1993). Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada, *Estudos Orientais* 4, pp. 143-181.

Batalha, L., & Barros, L. (2018). Alguns elementos novos sobre Almaraz, *Cira Arqueologia*, nº 6, pp. 50-70. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal.

Beazley, J. D. (1932). The little Master Cups. *Journal of Hellenic Studies 52* (1932), pp. 167-204.

Beazley, J. D. (1951). *The Development of Attic Black Figure.* Berkeley/ Los Angeles/ Oxford: University of

California Press.

Beazley, J. D. (1956). *Attic Black-figure Vase Painters.* Oxford: The Clarendon Press.

Beazley Archive Classical Art Research Centre and The Beazley Archive: www.beazley.ox.ac.uk, Oxford.

Beirão, C. M. (1972a). Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país. Em *Actas das II Jornadas Arqueológicas, AAP* (vol. I, pp. 193-222). Lisboa.

Beirão, C. M. (1972b). *Relatório das prospecções arqueológicas feitas nos concelhos de Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Loulé. [Projecto Prospecções Arqueológicas feitas nos concelhos de: Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Loulé., Investigação ad hoc, 1971/ 1972*. Edição policopiada.

Beirão, C. M. (1986). *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal - 1er Age du Fer.* Paris: Diffusion de Boccard.

Beirão, C. M., & Correia, V. H. (1991). A cronologia do povoado de Fernão Vaz, *Conimbriga*, 30, pp. 5-11. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras.

Beirão, C. M., & Gomes, M. V. (1980). *A Idade do Ferro no sul de Portugal. Epigrafia e cultura.* Lisboa: MNAE.

Beirão, C. M., & Gomes, M. V. (1983). A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes), *O Arqueólogo Português*, 4, 1, p. 207-266. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Beirão, C. M., & Gomes, M. V. (1985). Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. Em *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas – Lisboa, 1980* (pp. 465-499). Salamanca: Ed. Universidade de Salamanca.

Beirão, C. M., *et alii*. (1985). Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português, 4, 3,* pp. 45-135. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Beirão, C. M., *et. alii*. (1987). Um depósito votivo da II Idade do Ferro, no Sul de Portugal. Em J. Gorrochategui, J. L. Melena, J. Santos (Edits.), *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria-Gasteiz, 6-10 Mayo 1985) - Veleia. Vitoria-Gasteiz. 2-3, 1985-1986* (pp. 207-221). Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.

Belén, M., *et alii* (1977). Excavaciones en los Cabezos de San Pedro y la Esperanza. Em *Dedicado a los orígenes de Huelva - Huelva Arqueologica III* (pp. 113-401). Huelva.

Bendala Galán, M., *et alii*. (1994). Proyecto Carteia: Primeros resultados, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia de la Universidad Autónoma de Madrid*, 21, pp. 81-116.

Berrocal-Rangel, L. (1992). *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Complutum Extra, 2. Madrid: Editorial Complutense.

Berrocal-Rangel, L. (1994). Oppida y Castros de la Beturia Céltica. Em M. Almagro Gorbea & A. M. Martin (Edits), *Castros y Oppida en Extremadura. Complutum Extra, 4*. Madrid: Editorial Complutense.

Blánquez, J. (1995a). La necrópolis ibérica del Salobral (Albacete). Em *El Mundo Ibérico: Una nueva imagen en los albores del año 2.000* (pp. 258-266). Toledo: Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha.

Blánquez, J. (1995b). La necrópolis tumular ibérica de El Salobral (Albacete), *Homenaje a Ana María Muñoz Amilibia, Verdolay 7,* pp. 199-208. Murcia.

Blánquez, J. (2000). Conjunto de vasos áticos del silicernio de Los Villares (Albacete). Em P. Cabrera Bonet & C. Sánchez (Edits.), *Los griegos en España. Tras las huellas de Heracles*, pp. 411-412. Madrid: Ministerio de Cultura.

Blázquez, J. M. (1975a). *Tartessos y los orígenes de la colonización fenicia en occidente*. Salamanca.

Blázquez, J. M. (1975b). Cástulo I, *Acta Arqueológica Hispánica 8*. Madrid.

Blech, M. (2001). Tartessos. Em *Hispania Antiqua* (pp. 305-348). Mainz: Denkmäler der Frühzeit.

Blot, M. L. (2003). Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portuga, *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Boardman, J. (1974). *Athenian Black Figure Vases*. London: Thames and Hudson.

Boardman, J. (1975). *Athenian Red Figure Vases: the Archaic Period*. London: Thames and Hudson.

Bombico, S. (2009). *Para uma valorização dos Itinerários Comerciais Romanos do Alto-Império no Atlântico – O papel do Património Cultural Subaquático*. Universidade de Évora.

Bonet, H. (1995). *El tossal de Sant Miquel de Llíria. La antigua Edeta y su territorio*. Valencia: Diputación de Valencia.

Bonet, H., & Mata, C. (2002). *Puntal dels Llops: un fortín edetano*. Valencia: Diputación de Valencia.

Borja Barrera, F., & Ramos Muñoz, J. (1993). Las costas Atlanticas de Cadiz Durante los ultimos 30.000 Años. Paleoclimas e impacto antropico, *Cuardenos de Geografía*, nº 4, pp. 13-29.

Bouza Brey, F. (1957). O castro de Alobre e os contactos entre a Bretaña e a Galicia na época romana. Em *Homenaxe a Florentino López Cuevillas* (pp. 73-110). *Vigo.*

Braga, J., & Soares, A. M. (1981). Indícios de uma ocupação da segunda Idade do Ferro no Castelo de Serpa, *Arqueologia, 4*, pp. 116-123. Porto.

Broneer, O. (1930). *Corinth IV, II «Terracotta lamps»*, Cambridge.

Buxeda, J., Cau, M. A., & Gracia, F. (1999). Caracterización arqueométrica de la cerámica ática del palacio--santuario de Cancho Roano (Zalamea de la Serena, Badajoz), *Trabajos de Prehistoria 56, núm. 1*, pp. 157-168. Madrid.

Cabré, J. (1920). La necrópolis de Tútugi. Objetos exóticos o de influencia oriental en las necrópolis turdetanas, *Sociedad Española de Excursiones* 28, pp. 226-255. Madrid.

Cabré, J., & Motos, F. (1920). *La necrópolis ibérica de Tútugi (Galera, provincia de Granada), Memoria de las excavaciones practicadas en la campaña de 1918*. Madrid: Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades.

Cabrera Bonet, P. (1985). Nuevos fragmentos de ceramica griega de Huelva. Em M. Picazo, & S. Enric, *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica. Taula Rodona amb motiu del 75è Aniversari de les Excavacions d'Empuries. Monografies Emporitanes VII* (pp. 43-57). Barcelona: Diputació de Barcelona, Institut de Prehistòria i Arqueologia.

Cabrera Bonet, P. (1986). Los griegos en Huelva: los materiales griegos. Em *Homenaje a Luis Siret 1934-1984* (pp. 575-583). Sevilla: Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.

Cabrera Bonet, P. (1987). Consideraciones en torno a la cerámica ática de fines del siglo V en Extremadura, *Oretum* 3, pp. 216-221. Ciudad Real.

Cabrera Bonet, P. (1988-1989). El comercio foceo en Huelva: cronología y fisionomia. Em A. J. Fernández Jurado (Ed.), *Tartessos y Huelva - Huelva Arqueologica 10-11 (3)* (pp. 41-100). Huelva.

Cabrera Bonet, P. (1994a). Comercio internacional mediterráneo en el siglo VIII a.C., *Archivo Español de Arqueología* 67, pp. 15-30. Madrid.

Cabrera Bonet, P. (1994b). Importaciones arcaicas del Cerro del Villar, Guadalhorce (Guadalhorce-Málaga). Em P. Cabrera Bonet, R. Olmos, & E. Sanmartí Grego (Coords.), *Iberos y griegos: lecturas desde la diversidad, Simposio Internacional celebrado en Empúries (3-5 de abril de 1991), Huelva Arqueológica XIII-1* (pp. 98-121). Huelva.

Cabrera Bonet, P. (1995). Cerámicas griegas en Tartessos: su significado en la costa meridional de la Península Ibérica desde Málaga a Tartessos 25 años después. Em *Actas del Congreso conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular* (pp. 387-399). Jerez de la Frontera.

Cabrera Bonet, P., & Olmos, R. (1985). Die Griechen in Huelva, Zum Stand der Diskussion. *Madrider Mitteilungen 26,* pp. 61-74. Mainz.

Cabrera Bonet, P., & Olmos, R. (2017). Cerámicas griegas en la Península Ibérica, un hito en la historia de la arqueología española. Em X. Aquilué, P. Cabrera Bonet, & M. Orfila (Edits.), *Homenaje a Glòria Trias Rubiés. Cerámicas griegas de la Península Ibérica: cincuenta años después 1967-2017* (pp. 31-43). Barcelona.

Cabrera Bonet, P., & Perdigones, L. (1996). Importaciones áticas del siglo V a.C. del Cerro del Prado (Algeciras, Cádiz), *Trabajos de Prehistoria* 53 (2), pp. 157-165. Madrid.

Cabrera Bonet, P., & Sánchez, C. (Edits.) (1994). Importaciones griegas en el sur de la Meseta. Em P. Cabrera Bonet, R. Olmos, & E. Sanmartí Grego (Coords.), *Iberos y griegos: lecturas desde la diversidad, Simposio Internacional celebrado en Empúries (3-5 de abril de 1991), Huelva Arqueológica* (XIII-1, pp. 355-376). Huelva.

Cabrera Bonet, P., & Sánchez, C. (Edits.) (2000). *Els grecs a Ibèria. Seguint les passes d Hèracles /Los griegos en España. Tras las huellas de Heracles*. Barcelona/Madrid.

Calado, M. (2008). *Olisipo pré-romana. Um ponto da situação*. Lisboa: Apenas.

Calado, D., & Gomes, M. V. (2006). Quinta da Queimada (Lagos): a necrópole da II Idade do Ferro, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (2), pp. 171-175.

Calo Lourido, F., & Soeiro, T. (1986). Excavacions Arqueoloxicas no Castro de Baroña (Porto do Son, A Coruña). Campañas de 1980-1984, *Arqueoloxía/ Memorias*, 6. Galicia: Xunta de Galicia; Consellería de Cultura e Benestar Social; Dirección Xeral de Cultura e Património Histórico/ Artistico.

Caravale, A., & Toffoletti, I. (1997). *Anfore Antiche conocerle e identificarle*. Rome: Isituto di Recerche Ecologiche ed Economiche.

Carballo Arceo, L. (1987). Castro da Forca. Campaña 1984, *Arqueoloxia/ Memorias, 8*. Santiago.

Cardoso, J. L. (1990). A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do Estuário do Tejo, *Estudos Orientais* I, pp. 119-134.

Cardoso, J. L. (1997-1998). O povoado do bronze final do Castelo dos Mouros (Sintra), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 7 (1997/1998), pp. 169-187.

Cardoso, J. L. (2004). A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio A. C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História Regional, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12. Oeiras.

Cardoso, J. L. (2005). Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro no Nordeste português. *Portugália*, XXVI, pp. 65-75.

Cardoso, J., & Gradim, A. (2011). *Dez anos de trabalhos arqueológicos em Alcoutim. Do Neolítico ao Romano.* Alcoutim: Câmara Municipal.

Cardoso J. L., & Sousa, Mª. J. (2014). O Bronze Final na serra de Sintra, *Estudos Arqueologicos de Oeiras*, 21, p. 361-374. Oeiras.

Carpenter, T. H. (1989). *Beazley Addenda. Additional references to ABV, ARV2 and Paralipomena*, 2ed. Oxford.

Carreras, P. (2017). A propósito de un fragmento de tapadera de Lekanis procedente del poblado ibérico de Mas Castellar de Pontós (Girona), *Boletín Ex Officina Hispana 8, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania*, pp. 10-11. Madrid: SECAH.

Carriazo J. de M., & Raddatz, K. (1960). Primicias de un corte estratigráfico en Carmona, *Archivo Hispalense*, pp. 333-462.

Casas, J. (2001). Mas Gusó-Puig Moragues (Bellcaire d Empordà). Materials indígenes del període de transició bronze-ferro, importacions gregues i les seves imitacions occidentals, *Cypsela 13*, pp. 165-198. Girona.

Casas, J., & Soler, V. (2000). Materials arcaics del jaciment de Mas Gusó (Bellcaire d'Empordà. Em P. Cabrera Bonet, & M. Santos (Coord.), *Ceràmiques jònies d'època arcaica. Centres de producció i comercialització al Mediterrani Occidental, Actas de la Mesa Redonda (Empúries, 26-28 de mayo de 1999), Monografies Emporitanes* (Vol. 11, pp. 347-360). Barcelona.

Catarino, H. (2012). O Castelo Velho de Alcoutim: minas e vestígios de metalurgia, *Conímbriga*, pp. 119-149.

Cavaco, C. (1976). *O Algarve Oriental: as vilas, o campo, o mar.* Faro: Gabinete de Planeamento da Região do Algarve.

Celestino Pérez, S. (1994). Los altares en forma de “lingote chipriota” de los santuarios de Cancho Roano, *Revista de Estudios Ibéricos*, 1, pp. 291-309. Madrid.

Celestino Pérez, S. (2012). La toréutica y la orfebrería griegas en Iberia. Em X. Aquilué, & P. Cabrera Bonet

(Coord.), *Iberia Graeca. El legado arqueológico griego en la península Ibérica* (pp. 103-110). Girona.

Celestino Pérez, S., *et alii.* (1996) *El palacio-santuario de Cancho Roano 5-6-7. Los sectores oeste, sur y este.* Madrid.

Centeno, R. (2011). *O Castro de Romariz (Aveiro, Sta.Maria da Feira).* Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Centeno, R., & Oliveira, A. J. (2008). *Roteiro do Museu Convento de Lóios.* Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Centeno, R., Morais, R., & Soeiro, T. (2014). A propósito da cerâmica cinzenta fina polida do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira - Portugal). Em R. Morais, A. Fernández, & M. J. Sousa, *As produções cerâmicasde imitação na Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II* (pp. 291- 308). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

Chic Garcia, G. (2004). La gaditanización de Hispania. Las industrias alfareras y conserveras fenício-púnicas de la Bahía de Cádiz. Em *XVI Encuentros de Historia y Arqueologia* (pp. 39-62). San Fernando: Caja Sur Publicaciones.

Cisneros, Mª. I., *et alii.* (2000). Cerámicas griegas arcaicas en la bahía de Málaga. Em P. Cabrera Bonet, & M. Santos (Coord.), *Ceràmiques jònies d'època arcaica. Centres de producció i comercialització al Mediterrani Occidental. Actas de la Mesa Redonda (Empúries, 26-28 de mayo de 1999), Monografies Emporitanes* (Vol. 11, pp. 189-205). Barcelona.

Clark, A. J., *et alii.* (2002). *Understanding Greek Vases: a guide to terms, styles, and techniques.* Getty Publications.

Coelho, C. (2000). A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, nº1, pp. 207-225. Lisboa.

Cook, R. M. (1997 3ª ed.). *Greek Painted Pottery*. Routledge.

Corbett, P. (1949). Attic Pottery of the Later Fifth Century from the Athenian Agora, *Hesperia* 18, pp. 298-351.

Correia, V. (1925). Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal, *Biblos.*, 1 (7), p. 347-363. Coimbra.

Correia, V. (1928). Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em 1926 e 1927, *O Instituto*, 4ª série, 75, p. 190-201. Coimbra.

Correia, V. (1930a). Alcácer do Sal. Esboço de uma monografia, *Biblos*, 1 (7), p. 40-59. Coimbra. Correia, V.

(1930b). As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal, *Biblos,* 6 (7-8), p. 504-509. Coimbra. Correia, V. H.

(1990). A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península, *TAE, 30-31*, pp. 177-192.

Correia, V. H. (1993). Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego, *Estudos Orientais*, 4, pp. 229-283.

Correia, V. H. (1995a). The Iron Age in Central Portugal andthe emergence of urban centres. Em B. Cunliffe, & S. Keay (Edits.), *The Early Urbanization in Ibéria*. Oxford: University Press.

Correia, V. H. (1995b). A Transição entre o período orientalizante e a Idade do Ferro na Béturia Ocidental (Portugal), *Cuadernos Emeritenses, 9 Celtas y Turdulos*. Mérida: Museo Nacional deArte Romano.

Correia, V. H. (1999). Fernão Vaz. Balanço da Investigação Arqueológica, *Vipasca, Arqueologia e história*, nº 8. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel/Unidade Arqueológica de Aljustrel.

Correia, S., & Oliveira, J. (1988). *Rua do Sembrano – Beja*. IPPC. Edição policopiada.

Correia, S., & Oliveira, J. (1991). *Rua do Sembrano – Beja*. IPAAR. Edição policopiada.

Correia, S., & Oliveira, J. (1993). *Intervenção arqueológica Rua do Sembrano 1992-1993*. IPAAR. Edição policopiada.

Correia, S., & Oliveira, J. (1994). Intervenção arqueológica na Rua do Sembrano – Área urbana de Beja.

Campanhas de 1988 a 1990. Em *Actas das V Jornadas Arqueológicas* (vol. I. pp. 195-202). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Corvo, A. (2008). Tavira litoral, território em mudança. Em J. Queiroz, & R. Manteigas, *Tavira, patrimónios do mar* (pp. 17-33). Tavira: Câmara Municipal de Tavira/ Museu Municipal de Tavira/ Palácio da Galeria.

Costa, A. I. M. (1910). Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Appendice- Homem Protohistórico, Idades do Bronzee do Ferro no Castro de Chibanes, *O Archeologo Português*, 1ª Série, 15, pp. 55-83. Lisboa.

Costa, T. (2010). *O Castelo Velho de Safara (Moura): Elementos para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Covaneiro, J., & Cavaco, S. (2003). Tavira Islâmica. Uma aproximação à vida quotidiana. Em *Tavira. Território e Poder* (pp. 163-167). Tavira: Câmara Municipal de Tavira, Museu Nacional de Arqueologia.

Covaneiro, J., & Cavaco, S. (2005). Casas Islâmicas da Cerca do Convento da Graça – Tavira, *Arqueologia Medieval*, n.º 9, pp. 79-82.

Covaneiro, J., Cavaco, S., & Freitas, V. (2012-2013). Materiais cerâmicos pré-romanos provenientes do sítio da Bela Fria (Tavira), *Promontoria*, ano 10, nº 10, pp. 195-216.

Criado Boado, F., & Ayán Vila, X. (2004). *Sondaxes e escavación arqueolóxica no Castro Grande de O Neixón (Boiro, A Coruña). Memória Técnica*. CSIC.

Criado Boado, F., Ayán Vila, X., & González Pérez, L. (2007). *Escavación arqueolóxica no Castro Grande de Neixón (Boiro, A Coruña). Campaña 2007. Memoria Técnica.* Santiago de Compostela: USC.

Cuadrado, E. (1963). Cerámica ática de barniz negro de la necrópolis de El Cigarralejo, em Mula (Murcia), *Arch. de Prehist. Levantina*, X, pp. 97-164.

Cuadrado, E. (1987). La necrópolis Ibérica de El Cigarralejo (Mula, Murcia), *Bibliotheca Praehistoria Hispanica* XXIII. Madrid.

Cura, M. (2006). El jaciment del Molí d'Espígol (Tornabous-Urgell). Excavacions arqueològiques 1987-1992, *Monografies 7*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, Museu d'Arqueologia de Catalunya--Barcelona.

De Hoz García-Bellido, M. P. (2012). La epigrafía griega en Iberia. Em X. Aquilué, & P. Cabrera Bonet (Coord.), *Iberia Graeca. El legado arqueológico griego en la Península Ibérica* (pp. 92-102). Girona.

De Hoz García-Bellido, M. P. (2014). *Inscripciones griegas de España y Portugal, Bibliotheca Archaeologica Hispana 40*. Madrid. Real: Academia de la Historia.

Delgado, M. (1971). Cerâmica campaniense em Portugal. Em *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (pp. 403-420). Coimbra: Ministério da Educação Nacional.

Dias, J. M., Rodrigues, A. & Magalhães, F. (1997). Evolução da linha de costa, em Portugal, desde o último máximo glaciar até à ctualidade: síntese dos conhecimentos, *Estudos do Quaternário*, 1, pp. 53-66. Lisboa: APEQ.

Díaz García, M. (2008). Noves evidències de l'urbanisme romà i ibèric a l'àrea portuària de la ciutat: les intervencions al solar número 18 del carrer Jaume I de Tarragona, *Tribuna d'Arqueologia 2007*, pp. 169-194. Barcelona: Generalitat de Catalunya.

Dinis, A. P. (1993). *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto.* Edição policopiada.

Dinis, A. P. (1993-94). Artefactos em bronze do Castro de Penices (Vila Nova de Famalicão). Abordagem aos métodos de análise em paleometalurgia, *Cadernos de Arqueologia, Série II, 10-11*, pp. 181-201.

Diogo, A. (1993). Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompé (Santarém). Em *Actas do encontro Os fenícios do território português, Estudos Orientais* (vol. 4, pp. 229-283).

Domínguez Monedero, A. J. (2012). Las fuentes clásicas griegas y su relación con Iberia. Em X. Aquilué, & P. Cabrera Bonet (Coord.), *Iberia Graeca. El legado arqueológico griego en la península Ibérica* (pp. 25-34). Girona.

Domínguez Monedero, A. J., & Sánchez, C. (2001). *Greek Pottery from the Iberian Peninsula: archaic and classical Periods*. Brill.

Escacena Carrasco, J. L. (1994). Acerca dela producción de sal en el Neolítico Andaluz. Em J. Campos, J. A. Pérez, & F. Gómez (Edits.), *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana* (pp. 91-118). Huelva.

Escacena Carrasco, J. L., & Belén Deamos, Mª. (1994). Economía y sociedad en la Turdetania de los siglos V-IV a. C., *Huelva arqueológica*, Nº 14, pp. 137-160.

Estrela, S. (1998). Monte Molião, Lagos – intervenção arqueológica de emergência (1998) e abertura do debate sobre a gestão do património em sítios arqueológicos ameaçados, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2:1, pp. 199-234. Lisboa.

Estrela, S. (1999). O património arqueológico classificado em perigo: o exemplo da negligência em Monte Molião - Lagos e a necessidade urgente do debate e de ações práticas de salvamento e dinamização. Em *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vol. I, pp. 81-99). Porto: Associação para o Desenvolvimento e Cooperação em Arqueologia Peninsular.

Estrela, S. (2010). *Os níveis fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os contextos arqueológicos na (re)construção do povoado.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Fabião, C. (1992). O passado proto-histórico e romano. Em *História de Portugal. Antes de Portugal* (vol. I, pp. 79-300). Lisboa.

Fabião, C. (1996). O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte), *A cidade: revista cultural de Portalegre, 11 (Nova Série)*, pp. 31-80. Lisboa: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre.

Fabião, C. (1998). *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa (3 vols.). Edição policopiada.

Fabião, C. (2001). Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I Milénio a.C.: materiais da Cabeça de Vaiamonte, Monforte. Em L. Berrocal Rangel, & P. Gardes (Edits.), *Os Púnicos no Extremo Ocidente* (pp. 197-228). Lisboa.

Fabião, C. (2002). Chões de Alpompé. Em *De Scallabis a Santarém* (pp. 149-152). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Fabião, C. (2003). O Serro do Cavaco (Tavira). Em *Tavira. Território e poder* (pp. 77-81). Tavira: Câmara Municipal de Tavira, Museu Nacional de Arqueologia.

Fabião, C., & Guerra, A. (1996). A cerâmica campaniense do Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil), *OPHIUSSA* 1. Lisboa: Ed. Colibri/ Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa.

Fabião, C. *et alii*. (2007). *Mesas do Castelinho, Almodôvar. Relatório de Campanha 18 - 2006*. Lisboa. Policopiado.

Fariña Busto, F. (1991). Dos notas a propósito de Castromao (Celanova, Orense), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 39, pp. 57-71.

Fernández Gil y Casal, J. (1916). Apuntes arqueológicos, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 68, pp. 29-46.

Fernández Gómez, J. H. (1992). *Excavaciones en la Necrópolis del Puig des Molins (Eivissa). Las campañas de D. Carlos Román Ferrer: 1921-1929*. Eviissa.

Fernández Jurado, J. (1984). La presencia griega arcaica en Huelva. Em *Monografias Arqueológicas-Colleción Excavaciones en Huelva, 1.* Huelva: Servicio de Arqueologia, Excma. Diputacion Provincial de Huelva.

Fernández Jurado, J., & P. Cabrera Bonet (1987). Comercio griego en Huelva a fines del siglo V a. C. Em P. Rouillard & Mª.-C. Villanueva-Puig, *Revue des Études Anciennes. Tome 89, 1987, n°3-4. Grecs et Ibères au IVe siècle avant Jésus-Christ* (pp. 149-159). Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

Fernandez Jurado, J., & P. Cabrera Bonet (1989). Comercio griego en Huelva a fines del siglo V aC. Em *Grecs et ibères au IV e siècle avant Jésus-Christ, Commerce et iconographie, (Table Ronde Bordeaux 16-18 de decembre de 1986), Revue des Études Anciennes* (vol. LXXXIX 3-4, pp. 149-159). Bor-

deaux.

Fernández Jurado, J., Maluquer, J., & Picazo, M. (1987). *Corpus Vasorum Antiquorum*. Museu *d'Eivissa 1*.

Fernández Jurado, J., Rufete, P., & García Sanz, C. (1994). Cerámicas griegas del solar nº 5 de la C/ M. Núñez de Huelva. Em P. Cabrera Bonet, R. Olmos, & E. Sanmartí Grego (Coords.), *Iberos y griegos: lecturas desde la diversidad, Simposio Internacional celebrado en Empúries (3-5 de abril de 1991), Huelva Arqueológica* (XIII-1, pp. 67-96). Huelva.

Fernandez Jurado, J., *et alii*. (1989). Excavación en el solar 9-11 de la calle Tres de Agosto de Huelva, *Anuario Arqueológico de Andalucía III*, pp. 250-254. Sevilla.

Fernández-Miranda, M., & Olmos, R. (1986). *Las ruedas de Toya y el orígen del carro en la Península Ibérica, Catálogos y Monografías 9*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.

Fernández Ochoa, C., & Caballero Klink, A. (1988). El horizonte histórico de La Bienvenida y su posible identificación con la antigua Sisapo. *I Congreso de Historia de Castilla-La Mancha, tomo IV, Romanos y Visigodos: Hegemonía cultural y cambios sociales (Ciudad Real, 1985)*, (pp. 201-210). Ciudad Real.

Ferreira, D. (2012). *Memória coletiva e formas representativas do (espaço) religiosos. O contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto de ocupação romana da Beira Interior*. Dissertação apresentada em 2012, à Universidade do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Ferreira, D. (2019). A Cerâmica Grega na Fachada Atlântica da Península Ibérica. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras. (445 p.). Tese apresentada à Universidade Complutense de Madrid para obtenção do grau de Doutor. Policopiada.

Ferreira, D. (2019). Cerâmica grega no Norte de Portugal. In E. Ferrer Albelda (Ed.). *La ruta de las Estrímnides: Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad - Colección Gahia*, 4 (pp. 521-548). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá; Universidad de Sevilla. ISBN 978-84-17729-31-8 (UAH)| ISBN 978-84-472-2923-9 (US), Depósito Legal: M-36152-2019.

Ferreira, D. (2020a). Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro. In J. M. Arnaud, C. Neves, & A. Martins (Coords.). *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão* (pp. 51-61). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. ISBN: 978-972-9451-89-8 (AAP); ISBN: 978-989-8970-25-1

Ferreira, D. (2020b). Materiais em contexto: cerâmica grega no Noroeste da Península Ibérica. Estudo de casos. In R Centeno, R. Morais, T. Soeiro, & D. Ferreira (Coords.). *Cultura Castreja: Identidade e Transições. Atas do Congresso Internacional* (pp. 63-89). Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira/ Museu Convento dos Lóios. Depósito Legal: 477062/20

Ferreira, D. (2022). *Os Deuses foram honrados: o contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto da ocupação romana da Beira Interior Portuguesa*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras. (223 p.). ISBN : 978-989-9082-09-0 | DOI : https://doi.org/10.21747/978-989-9082-09-0/deu

Figueiral, I., Sanches, M. d., & Cardoso, J. L. (2017). Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal, 3rd -1st millenium BC): From archaeological remains to ordinary life, *Estudos do Quaternário 17*, pp. 13-28. Braga: APEQ.

Filipe, V. (2010). As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar), *Revista Portuguesa de Arqueologia* 13, n.º1, pp. 57-87. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Fletcher, D., Pla, E., & Alcácer, J. (1965). La Bastida de les Alcusses (Mogente, Valencia), vol. 1, *Serie Trabajos Varios 24*. València.

Frankensteien, S. (1997). *Arqueología del colonialismo. El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*. Barcelona: Crítica.

Freitas, V. T. (2005). *A cerâmica de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, comsumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Gamito, T. J. (1988a). Social complexity in Southwest Iberia. 800-300 B.C. The case of Tartessos, *BAR International Series 439*. Oxford.

Gamito, T. J. (1988b). O concelho de Moura na Proto-História. Em *Moura na época romana. Catálogo* (pp. 7-30). Moura.

Gamito, T. J. (1994). Policia Judiciária, *Informação Arqueológica* 9, pp. 115-117.

Garcés, I. (2001). Els sons del ferro a la Noguera. La cultura ibèrica. Em *La Noguera antiga. Des dels primers pobladors fins als visigots* (pp. 116-137). Balaguer: Museu d'Arqueologia de Catalunya, Museu de la Noguera, Ajuntament de Balaguer.

García Cano, J. M. (1982). *Cerámicas griegas de la región de Murcia*. Murcia: Universidad de Murcia.

García Cano, J. M. (1989). Kantharos de la clase Saint Valentin en Murcia. Contribución a su estudio en la Península Ibérica. Em *XIX Congreso Nacional de Arqueología, Castelló 1987* (pp. 527-537). Zaragoza.

García Cano, J. M. (2003). La colonización griega en Murcia. Estado actual tras veinte años de investigaciones. Em *Estudios de Arqueología dedicados a la profesora Ana María Muñoz Amilibia* (pp. 249-268). Universidad de Murcia.

García Cano, J. M., & Gil, F. (2009). *La cerámica ática de figuras rojas: talleres y comercio (siglo IV a.C). El caso de Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. Murcia.

García Cano, J. M., & Page, V. (1988). La cerámica ática de figuras rojas de la necrópolis de La Senda, Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla), *Anales de Prehistoria y Arqueología 4*, pp. 125-135. Murcia.

García Cano, J. M. (1982). *Cerámicas griegas de la región de Murcia*. Murcia: Universidad de Murcia.

García Cano, J. M. (1989). Kantharos de la clase Saint Valentin en Murcia. Contribución a su estudio en la Península Ibérica. Em *XIX Congreso Nacional de Arqueología, Castelló 1987* (pp. 527-537). Zaragoza.

García Cano, J. M. (2003). La colonización griega en Murcia. Estado actual tras veinte años de investigaciones. Em *Estudios de Arqueología dedicados a la profesora Ana María Muñoz Amilibia* (pp. 249-268). Universidad de Murcia.

García Cano, J. M., & Gil, F. (2009). *La cerámica ática de figuras rojas: talleres y comercio (siglo IV a.C). El caso de Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. Murcia.

García Cano, J. M. (1982). *Cerámicas griegas de la región de Murcia*. Murcia: Universidad de Murcia.

García Cano, J. M. (1989). Kantharos de la clase Saint Valentin en Murcia. Contribución a su estudio en la Península Ibérica. Em *XIX Congreso Nacional de Arqueología, Castelló 1987* (pp. 527-537). Zaragoza.

García Cano, J. M. (2003). La colonización griega en Murcia. Estado actual tras veinte años de investigaciones. Em *Estudios de Arqueología dedicados a la profesora Ana María Muñoz Amilibia* (pp. 249-268). Universidad de Murcia.

García Cano, J. M., & Gil, F. (2009). *La cerámica ática de figuras rojas: talleres y comercio (siglo IV a.C). El caso de Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. Murcia.

García Cano, J. M. (1982). *Cerámicas griegas de la región de Murcia*. Murcia: Universidad de Murcia.

García Cano, J. M. (1989). Kantharos de la clase Saint Valentin en Murcia. Contribución a su estudio en la Península Ibérica. Em *XIX Congreso Nacional de Arqueología, Castelló 1987* (pp. 527-537). Zaragoza.

García Cano, J. M. (2003). La colonización griega en Murcia. Estado actual tras veinte años de investigaciones. Em *Estudios de Arqueología dedicados a la profesora Ana María Muñoz Amilibia* (pp. 249-268). Universidad de Murcia.

García Cano, J. M., & Gil, F. (2009). *La cerámica ática de figuras rojas: talleres y comercio (siglo IV a.C). El caso de Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. Murcia.

García Cano, J. M., & Page, V. (1988). La cerámica ática de figuras rojas de la necrópolis de La Senda, Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla), *Anales de Prehistoria y Arqueología 4*, pp. 125-135. Murcia.

García Martín, J. M. (2002). El plat de peix àtic de figures roges, Mas Castellar de Pontós (Alt Empordà). Un complex arqueològic d'epoca ibèrica (excavacions 1990-1998), *Série Monografica del Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona* 21, pp. 302-305. Girona.

García Martín, J. M. (2003). *La distribución de cerámica griega en la Contestania Ibérica: el puerto comercial de La Illeta dels Banyets*. Alacant.

García y Bellido, A. (1936). *Los hallazgos griegos en España*. Madrid: Centro de Estudios Históricos. García

y Bellido, A. (1948). *Hispania graeca*. Barcelona: Instituto Español de Estudios Mediterráneos. García-

Bellido, A., & Mora, G. (Edits.) (1997). Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania. Em *Actas del II Encuentro Peninsular de Numismática antigua* (pp. 101-110). Porto/ Madrid: CSIC.

Gaspar, J. (1993). *As regiões portuguesas*. Lisboa: Ministério do Planeamento e da Administração do Território.

Gibson, C., Correia, V. H., Burgess, C., & Boardman, S. (1998). Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal): a preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993, *Journal of Iberian Archaeology*, pp. 189-244.

Girão, A., & Bairrão Oleiro, J. (1953). Geografia e campos fortificados romanos, *Boletim do Centro de Estudos Geográficos 7*, pp. 77-80.

Gomes, A. *et alii.* (2003). Castelo de São Jorge - Balanço e perspetivas dos trabalhos arqueológicos, *Património Estudos*, 4, pp. 214-223. Lisboa.

Gomes, F. B. (2017). Un conjunto de cerámicas áticas inéditas de la necrópolis de Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal), *Revista Onoba 5*, pp. 45-58. Huelva.

Gomes, H. F. (2012). *O vidro pré-romano no Norte de Portugal. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa.* Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Gomes, J. (2016). *Ossonoba entre a Idade do Ferro e Roma. Estudo decerâmica de tradição púnico-turdetana do sítio do Quintal da Judiciária, Faro (Séculos III-I a.C.).* Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Algarve. Edição policopiada.

Gomes, M. V. (1983). El «smithing god» de Azougada (Moura), *Trabajos de Prehistoria 40*, pp. 199-220.

Gomes, M. V. (1990). O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smithing gods ou deuses ameaçadores. Em *Presenças orientalizantes em Portugal. Da préhistória ao período romano. Estudos Orientais,* (I, pp. 52-105). Lisboa.

Gomes, M. V. (1993). O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). Em A. Tavares (Ed.), *Actas do Encontro Os Fenícios no território português. Estudos Orientais* (vol. IV, pp. 73-107). Lisboa.

Gomes, M. V., Cardoso, J. L., & Alves, F. J. (1995). *Levantamento arqueológico do Algarve: Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal.

Gomes, M. V., Gomes, R., & Beirão, C. (1986). O Cerro da Rocha Branca (Silves): Resultados preliminares de três campanhas de escavações. Em *Actas do 4º Congresso do Argarve* (pp. 77-83). Silves.

Gonçalves, D. (2009). *Estudo da Evolução de uma Área de Extracção de Areias na Margem Algarvia.* Dissertação de Mestrado em Engenharia Geológica apresentada à Universidade de Aveiro. Edição policopiada.

Gonçalves, D., Costa, A. M., & Angelucci, D. (2007). *Cremações da Necrópole do Cerro Furado (Baleizão/ Beja)*. Lisboa: IPA.

Gonçalves, V. S. (1989). Megalitismo e metalurgia do cobre no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada, 2 vols. *Estudos e Memórias*, 2. Lisboa: CAII/ UNIARQ, INIC .

González Ruibal, A. (2003). *Arqueología del Primer Milenio a.C. en el Noroeste de la Península Ibérica*. Tesis Doctoral. Departamento de Prehistoria, Universidad Complutense de Madrid. Edição policopiada.

González Ruibal, A. (2006/2007). Galaicos. Poder y comunidad en el noreste de la Península Ibérica, 1200 a.C. - 50 d.C., *Brigantium, 18-19*. A Coruña.

González Ruibal, A., Rodríguez Martínez, R., & Ayán Vila, X. (2010). Buscando a los púnicos en el Noroeste, *Mainake, XXXII* (I), pp. 577-600.

Gouvêa, A. M. (1938). *Algarve (Aspectos Fisiográficos).* Lisboa.

Gracia Alonso, F. (2003). Las cerámicas áticas del palacio-santuario de Cancho Roano. Em S. Celestino Pérez (Ed.), *Cancho Roano VIII. Los materiales Arqueológicos* (I, pp. 23-194). Mérida: Instituto Arqueológico de Mérida.

Gracia Alonso, F. (2005). Las cerámicas griegas en el área occidental de la Península Ibérica entre los siglos VI y V a.C. El conjunto de materiales del palacio-santuario de Cancho Roano (Zalamea de la Serena, Badajoz). Em S. Celestino Pérez, & J. Jiménez (Edits.), *El período orientalizante. Anejos de Archivo Español de Arqueología* (Vol. 35, pp. 1173-1198). Mérida: CSIC.

Gradim, A., *et alii.* (2012). O castelinho dos mouros (Alcoutim): um edifício republicano do Baixo Guadiana, no período de fundação da Lusitânia romana, *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, vol, LXX, pp. 45-64.

Graells, R., & Garcés, I. (2016). Reflexions sobre els il·lergets a partir d'un fragment de cràter àtic de figures roges trobat al Tossal de la Sal (Juneda, les Garrigues, Lleida), *Revista d'Arqueologia de Ponent 26,* pp. 189-194. Lleida.

Gran Aymerich, J. (1987). Céramiques grecques du Ve et IVe s. av. J. C. de Málaga (Campagnes de fouilles 1980-1986). Em *Grecs et ibères au IV e siècle avant Jésus-Christ, Commerce et iconographie, (Table Ronde Bordeaux 16-18 de decembre de 1986), Revue des Études Anciennes* (vol. LXXXIX 3-4, pp. 69-177). Bordeaux.

Gran Aymerich, J. (1988). Cerámicas griegas y etruscas de Málaga. Excavaciones de 1980 a 1986, *Archivo Español de Arqueología* 61, pp. 201-222. Madrid.

Grilo, C. (2007). A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja, *Vipasca. Arqueologia e História*, 2ª série, 2, pp. 261-268. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

Guerra, A., & Fabião, C. (2010). Mesas do Castelinho (Almodôvar): um exemplo de urbanismo falhado no sul da Lusitânia. Em J. G. Gorges & T. Nogales Basarrate (Edits.), *VII Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine. Naissance de la Lusitanie romaine (I av. - I ap. J.C.) Toulouse, 8-9 novembre 2007* (pp. 459-488). Mérida/ Toulouse: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida/ Université Toulouse Le Mirail.

Haspels, C. (1936). *Atic Black-figured Lekythoi*. Paris.

Henriques, S. (2006). *A cerâmica cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz (Almada, Cacilhas).* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Hernández Hernández, F. (1981). Cerámica con decoración «a peine», *Trabajos de Prehistoria*, 38, pp. 317-326.

Hidalgo Cuñarro, J. M. (1978). Importantes hallazgos en el castro "A Cidade" de Caneiro (Fozara Ponteareas), *El Museo de Ponteareas*, 12, pp. 61-68.

Hidalgo Cuñarro, J. M., & Costas Goberna, F. (1978). Importantes hallazgos en el castro 'A cidade' de Caneiro (Fozara, Ponteareas). *El Museo de Ponteareas, 32,* pp. 59-63.

Hidalgo Cuñarro, J. M., & De La Peña Santos, A. (2000). Los contactos entre el área galaica y el Mediterráneo durante la Prehistoria reciente. Em M. E. Aubet Semmler (Coord.), *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos: Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995, vol. II* (pp. 807-813).Cádiz.

Howland, R. H. (1958). *Greek lamps and their survivals. The Athenian Agora IV.*, Princeton: The American School of Classical Studies at Athens.

Infantini, L. (2012). *Paisagem Pré-Histórica Submersa da Baía de Armação de Pêra*. Dissertação de Mestrado em Geomática – Ramo Análises de Sistemas Ambientais apresentada à Universidade do Algarve. Edição policopiada.

Jehasse, J., & Jehasse, L. (1973). *La nécropole pré-romaine d'Aléria (1960-1968).* Paris: Editions du CNRS.

Jiménez Ávila, F. J. (1997). Cancho Roano y los complejos monumentales post-orientalizantes del Guadiana, *Complutum 8*, pp. 141-159. Madrid.

Jiménez Ávila, F. J. (2002). *La Toréutica Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid.

Jiménez Ávila, F. J. (2004). La necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz): Elementos para una revisión Cronológica de las Necrópolis de la 1ª Edad del Hierro del Sur de Portugal, Em *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste* (pp. 106-114). Faro.

Jiménez Ávila, F. J. & Ortega, J.(2004). La cerámica griega en Extremadura, *Cuadernos Emeritenses 28*. Mérida.

Jully, J. J. (1976a). Les importations attiques dans la Neapolis d'Ampurias du VIe s. au IVe s., *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* LIV-1, pp. 25-51. Bruxelles.

Jully, J. J. (1982-1983). *Céramiques grecques ou de type grec et autres céramiques en Languedoc Mediterranéen, Roussillon et Catalogne, VIIe-IVe s. avant notre ère et leur contexte socio-culturel, Annales littéraires de l'Université de Besançon, 275,* I-III. Besançon.

Kalb, P., & Höck, M. (1988). *O povoamento pré-histórico de Alpiarça,* 17, pp. 193-200. Porto:GEAP.

Lamboglia, N. (1951). Ceramica presigillata a Ventimiglia, a Minorca e in Sicilia, *ArchEspArq, 24,* pp. 35-41.

Lamboglia, N. (1954). La cerámica ibérica negli strati di Albintimilium nel territorio ligure e tirrenico, *Rivista di Studi Liguri*, XXX, 2, pp. 83-125.

Lane, A. (1948). *Greek Pottery*. London: Faber and Faber.

Le Beau, B. (1994). A Brief Archaeo-metallurgical Survey at Mesas do Castelinho, Almodôvar, Portu-gal, in July 1992. *Em Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1993)*, (Vol. 2, pp. 291-294). Lisboa.

Lima, J. F. (1942). *Monografia arqueológica do concelho de Moura*. Moura.

Lima, J. F. (1943a). O Castro da Azougada. História da sua descoberta e explorações". Em *Jornal de Moura* 810 e 811/ Reedição em (1981) E*lementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura* (pp. 176-196). Moura.

Lima, J. F. (1943b). Da arqueologia. Influência Grega no Castro da Azougada. *Em Jornal de Moura* 810 e 811/ Reedição em E*lementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura* (pp. 308-311). Moura.

Lima, J. F. (1951). Aspectos da romanização no território português da Bética, *O Arqueólogo Português* (2ª série) I, pp. 171-211.

Lima, J. F. (1984). *Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura*. Moura: Biblioteca Municipal.

Lima, J. F. (1988, 2ª ed). *Monografia arqueológica do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal.

Lopes, Mª. da C. (2003). *A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IVLIA*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

López Castro, J. L., *et alii*. (1987-1988). La colonización fenicia en el estuario del Almanzora. El asentamiento de Cabecico de Parra de Almizaraque (Cuevas de Almanzora, Almería), C*uadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada* 12-13, pp. 157-169. Granada.

López Pardo, F. (2000). El empeño de Heracles (La exploración del Atlántico en la Antigüedad), *Cuadernos de Historia*, 73. Madrid.

Lorenzo Fernández, X. (1956). Cerámicas castrexas pintadas, *Revista de Guimarâes,* LXVI *(1-2),* pp. 125-38.

Losada Diéguez, A. (1943). Objetos procedentes de las excavaciones de Montealegre (Domayo), *El Museo de Pontevedra, 2,* pp. 101-105.

Luengo Martínez, J. Mª. (1954-1955). Noticia sobre las excavaciones del Castro de Elviña —La Coruña, *Noticiario Arqueológico Hispánico*, vol. III e IV, pp. 90–101. Madrid.

Luís, L. (2003). *As cerâmicas campanienses de Mértola.* Lisboa: MNA.

Macías, S. (1994). Escavações arqueológicas no castelo de Moura. Primeiros resultados. Em J. M. Campos Carrasco, J. A. Pérez Macías, F. Goméz (Edits.), *Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste. Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana (Huelva e Niebla, 25 a 27 febrero de 1993)* (pp. 673-705). Huelva: Unversidad de Huelva.

Macías, S.; Gaspar,V.; & Valente, J. (2016). *Castelo de Moura. Escavações Arqueológicas 1989-2013*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

Maia, M. (1974a). 1ª Campanha de Escavações Realizada no Cerro do Castelo do Manuel Galo (Mértola) Uma possível Fortaleza Romana. Em *Actas das II Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1972)* (Vol.II, pp. 139-155). Lisboa: AAP.

Maia, M. (1974b). Fortaleza Romana do Monte Manuel Galo (Mértola). Em *Actas do III Congresso de Arqueológia (Portoa, 1973)* (Vol. I, pp. 325-331). Porto.

Maia, M. (1978). Fortalezas Romanas do Sul De Portugal, *Zephyrus, XVIII-XXIX*, pp. 279-285. Salamanca: Universidad de Salamanca Salamanca.

Maia, M. (2000). Tavira fenícia. O território para ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C. Em *Fenicios y Territorio. Actas del II Seminario Internacional sobre temas fenícios* (pp. 121-150). Alicante: Instituto Alicantino de Cultura "Juan Gil-Albert".

Maia, M. (2003a). O Bronze Final Pré-Fenício no Concelho de Tavira. Em *Tavira. Território e poder.* Tavira: Câmara Municipal de Tavira, Museu Nacional de Arqueologia.

Maia, M. (2003b). Fenícios em Tavira. Em *Tavira. Território e poder* (pp. 57-72). Tavira: Câmara Municipal de Tavira, Museu Nacional de Arqueologia.

Maia, M. (2006) – A Barbacã da Muralha de Tavira, *Xelb. Actas do Encontro Arqueologia no Algarve*, n.º 6. vol. I, pp. 41-50. Silves.

Maia, M., & Maia, M.ª (2001). *Carta Arqueológica da Freguesia do Cachopo*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira.

Maia, Mª. (1987). Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal, *Veleia, 23,* pp. 223-242.

Maia, Mª. (1988). Neves II e a «facies» cultural de Neves Corvo, *Arquivo de Beja,* 2, 3, pp. 23-42.

Maia, Mª. (2004). Tavira Turdetana, porto do "Círculo do Estreito" nos finais do séc. V a.C. Em *Conferencia Internacional: Historia de la Pesca en el Ámbito del Estrecho, Puerto de Santa Maria*.

Maia, Mª. (2008a). Tavira e o mar, na Antiguidade. Em J. Queiroz, & R. Manteigas, *Tavira, patrimónios do mar* (pp. 59-67). Câmara Municipal de Tavira, Museu Municipal de Tavira, Palácio da Galeria.

Maia, Mª. (2008b). Reflexões sobre os complexos arquitectónicos de Neves-Corvo, na região central do Baixo Alentejo, em Portugal. Em J. Jiménez Ávila (Coord.), Sid*ereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante* (pp. 353-364). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Maia, Mª. (2008c). *Relatório das sondagens arqueológicas realizadas pela Associação Campo Arqueológico de Tavira, no "Parque das Festas", antigo horto/logradouro do Palácio da Galeria*. Madrid.

Maia, Mª., & Corrêa, J. A. (1985). Inscripción en escritura tartéssica (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis, 16,* pp. 243-274. Sevilha.

Maia, Mª, & Maia, M. F. (1986). *Arqueologia da área mineira de Neves Corvo: trabalhos realizados no triénio 1982-84.* Castro Verde: Somincor.

Maia, Mª., & Maia, M. F. (1996). Arqueologia do couto mineiro de Neves Corvo. Em M. Rego (Ed.). *Mineração do Baixo Alentejo* (pp. 83-93). Castro Verde.

Maia, Mª., *et alii*. (Coord) (2003). *Tavira – território e poder. Catálogo*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, Museu Nacional de Arqueologia.

Maluquer, J. (1983). *El santuario protohistórico de Zalamea de la Serena, Badajoz. II, 1981-1982. Programa de investigaciones protohistóricas 5.* Barcelona.

Maluquer de Motes, J. (1981). El santuário protohistorico de Zalamea la Serena, Badajoz. Em *Programa de investigaciones Protohistóricas*. Barcelona.

Maluquer de Motes, J. (1987). *La Necrópolis paleoibérica de Mianes en Santa Bárbara (Tarragona).* Barcelona.

Maluquer de Motes, J., Picazo, M., & Martín, A. (1984). *Corpus Vasorum Antiquorum, Musée Monographique d'Ullastret, Espagne fasc. 5*. Barcelona.

Mancebo Dávalos, J. (1994). Las cerámicas grises a torno orientalizantes de la cuenca baja del Guadalquivir. Em J. M. (Ed.), *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana (Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Sudoeste, Huelva, Niebla, 1993* (pp. 351-373). Huelva.

Mantas, V. (2000). *Portos Marítimos Romanos*. Lisboa: Academia da Marinha.

Martín Ruiz, J. A., & García Carretero, J. R. (1997-1998). Las cerámicas griegas procedentes del Cerro del Castillo (Fuengirola, Málaga), *Mainake* XIX-XX, pp. 71-87. Málaga.

Martín Ruiz, J. A., Martín Ruiz, J. M., & García Carretero, J. R. (1995). Las copas tipo cástulo del Cerro del Castillo (Fuengirola, Málaga). Una aportación al estudio de su distribución en el área del Estrecho. Em E. Ripoll, & M. F. Ladero (Edits.), *Actas del II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar.* (pp. 273-286). Madrid.

Martín Valls, R., & Delibes De Castro, G. (1978). Hallazgos Arqueologicos en la Provincia de Zamora (V). *BSAA, XLIV*, pp. 322-346.

Martínez, J. M. (2008). Últimas aportaciones a la presencia fenicia y cartaginesa en Occidente. Arquitectura y Urbanismo. *Gerión 26-2*, pp. 9-73.

Mataloto, R. (1999). As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora), *Revista de Guimarães. Volume Especial – Actas do Congresso de Proto-história Europeia no centenário da Morte de Martins Sarmento*, Vol. I, p. 333-362.

Mataloto, R. (2004). *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no 1.º Milénio a.C. do Alentejo Central.* Lisboa.

Mateus, B. (2010). *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Trabalhos de Arqueologia. Terreiro do Parguinho n.º 2 a 4. Tavira.*

Matos, J. L. (1996). A Romanização inicial, os mares e os rios. Em *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro* (pp. 331-338). Lisboa: Colibri.

Mattoso, J., Daveau, S., & Belo, D. (1997). *Portugal - O sabor da Terra.* Lisboa: Círculo de Leitores.

Maya González, J. L. (1988). La cultura material de los castros asturianos, *Monografías de Estudios de la Antigüedad 3-4.* Barcelona.

Maya González, J. L. & Cuesta Toribio, F. (Edits.) (2001). *El Castro de la Campa Torres. Período Prerromano.* Gijón: VTP Editorial/ Ayuntamiento de Gijón.

Mayet, F., & Silva, C. T. (1997). L'établissement phénicien d'Abul (Alcácer do Sal). Em *Itineraires Lusitaniens (pp. 255-271).* Paris: Diffusion de Boccard.

McPhee, I., & Trendall, A. D. (1987). *Greek Red-figured Fish-plates*. Vereinigung d. Freunde Antiker Kunst.

Mederos Martín, A., & Ruiz Cabrero, L. A. (2004-2005). Un Atlántico Mediterráneo. Fenicios en el Litoral Portugués y Gallego, *BYRSA - Rivista Semestrale Di Arte, Cultura e Archeologia del Mediterraneo Púnico*, pp. 351-409.

Melo, A. *et alii*. (2005). Práticas Metalúrgicas Na Quinta Do Almaraz (Cacilhas, Portugal): Vestígios Orientalizantes. Em A. M. Arruda (Ed.) *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, Vol.2. Lisboa: UNIARQ.

Miró, J. (1989). Ánforas arcaicas en el litoral catalán: un estudio acerca de las primeras importaciones de vino en Catalunya, *Archivo Español de Arqueología 62*, pp. 21-70. Madrid.

Miró, J. (2006). La ceràmica àtica de figures roges de la ciutat grega d'Empòrion, *Monografies Emporitanes 14.* Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya-Empúries.

Molina, F. *et alii.* (1983). La Motilla de las Cañas (Daimiel, Ciudad Real). Campaña de 1983. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada 8*, pp. 301-324. Granada.

Moore, M. (1997). *Attic red-figured and white-ground pottery. The Athenian Agora, Results of excavations conducted by The American School of Classical Studies at Athens, vol. XXX*. Princeton, New Jersey.

Moore, M. & Philippides, M.Z.P. (1986). *Attic Black-Figured Pottery (Athenian Agora) Volume XXIII. American School of Classical Studies;* Volume XXIII edition (November 21, 1986).

Morais, R., Arruda, A. M., Ferreira, D., & Sousa, E. (2017). Uma simbiose perfeita: gregos e fenícios nas Hespérides Ocidentais Atlânticas. Em X. Aquilué, P. Cabrera Bonet, & M. Orfila (Edits.), *Homenaje a Glòria Trias Rubiés. Cerámicas griegas de la Península Ibérica: cincuenta años después (1967-2017)* (pp. 254-262). Barcelona.

Morel, J. P. (1972). La céramique archaïche de Velia et quelques problémes connexes. Em Enric Sanmartí i Grego, & Eduardo Ripoll Perelló (Coord.), *Simposio internacional de colonizaciones* (pp. 139-158). Barcelona.

Morel, J. P. (1978). A propos de céramiques campaniennes de France et d´ Espagne, *Archéologie en Languedoc*, 1, pp. 149-168.

Morel, J. P. (1981). *La Céramique Campanienne. Les Formes, 2 vols.* Rome: École Francaise de Rome.

Moscati, S. (1994). I fenici in Portogallo, *RendLinc* 5, pp. 473-83.

Nabais, M., & Soares, R. (2017). Zooarchaeological evidence from the Iron Age site of Castro da Azougada (Moura, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia, 20,* pp. 61-69.

Naveiro López, J. L. (1982). As Ánforas romanas de A Coruña (II), *Brigantium*, vol. 3, pp. 63-74. Boletín del Museo de Historia de A Coruña.

Naveiro López, J. L. (1991). El comercio antiguo en el NW peninsular. *Monografías Urxentes do Museu, 5*.

Niemeyer, H. G. (1979). Toscanos, Campañas de 1973 y 1976 (con apéndice sobre los resultados de la Campaña de 1978), *Noticiario Arqueológico Hispánico 6*, pp. 219-258. Madrid.

Niemeyer, H. G. (1985). Cerámica griega en factorías fenicias. Un análisis de los materiales de la campaña de1967 en Toscanos (Málaga). Em M. Picazo, & S. Enric, *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica. Taula Rodona amb motiu del 75è Aniversari de les Excavacions d'Empuries. Monografies Emporitanes VII* (pp. 27-36). Barcelona: Diputació de Barcelona, Institut de Prehistòria i Arqueologia.

Nieto, X., & Santos, M. (2007). El barco de la Cala Sant Vicenc (Pollença, Mallorca), en el contexto del comercio griego de Occidente. Em J. Pérez Ballerter & G. Pascual (Edits.), *Comercio, redistribución y fondeaderos. La navegación a vela en el Mediterráneo* (pp. 69-184). Valencia.

Nieto, X., & Santos, M. (2008). *El vaixell grec arcaic de Cala Sant Vicenç.* Girona.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. Mª. (2000). El poblado de las Cumbres (Castillo de Doña Blanca): urbanismo y materiales del s. III a. C. Em M. Barthélemy & Mª. Eugenia Aubet Semmler (Coord.), *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos: Cádiz, 2 al 6 de octubre de 1995* (vol. 2, pp. 893-903). Cádis.

Noguera, J. (1998). Evolució del poblament a la foia de Móra (Ribera d'Ebre, Tarragona) des del bronze final a l'ibèric ple: anàlisi i evolució del territori, *Citerior* 2, pp. 97-127. Tarragona.

Nunes Da Ponte, T. R. (2000). Cerâmicas Áticas de Garvão (Ourique): Dois Novos Fragmentos, *Arquivo de Beja , vol. XIII, Série III.*

Nunes Da Ponte, T. R. (2010). 15 anos de intervenção arqueológica em Garvão. Em *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (vol.1, pp. 331-346). Almodovar.

Nunes Da Ponte, T. R. (2012). Em torno às ocupações Antigas de Garvão. Dissertaçao de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.

Olaio, A. (2015). Ânforas da Idade do Ferro na Quinta do Almaraz (Almada). Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Olaio, A. (2018). O Povoado da Quinta Do Almaraz (Almada, Portugal) no Âmbito da Ocupação no Baixo Tejo durante o 1º Milénio a.n.e.: Os Dados do Conjunto Anfórico. SPAL 27.2 (2018): pp. 125-163.

Olcina, M., & Ramón, J. J. (Edits.) (2009). *Huellas griegas en la Contestania Ibérica. Catálogo de la exposición en el Museo Arqueológico de Alicante (abril-octubre 2009).* Alicante.

Oliveira, C. F. (2006). *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e.).* Lisboa: Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Oliveira, C. F. (2011). O Castelo de Castro Marim durante a etapa final da Idade do Bronze. Em J. J. Ávila (Ed.), *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA, XLVII* (pp. 345-362). Madrid: CSIC.

Oliveira, S. (2005). *Evolução recente da linha de costa no troço costeiro Forte Novo – Garrão (Algarve).* Lisboa: Universidade de Lisboa.

Olmos, R. (1977a). La cerámica ática del Cabezo de San Pedro. Em M. Belen, M. Fernandez Miranda, & J. P. Garrido (Edits.), *Los orígenes de Huelva. Excavaciones en los Cabezos de San Pedro y la Esperanza, Huelva Arqueológica III* (pp. 377-394). Huelva.

Olmos, R. (1977b). La Kylix de Medellín. Un ensayo de interpretación iconográfica y comercial, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos LXXX 4*, pp. 867-889. Madrid.

Olmos, R. (1979). Estudio sobre la cerámica ática del estacar de Robarinas (Cástulo, Jaén). Em J. M. Blázquez (Coord.), C*astulo II. Excavaciones Arqueológicas en España (105)* (pp. 398-404). Madrid: Ministerio de Cultura.

Olmos, R. (1982). La cerámica griega en el Sur de la Península Ibérica: La aportación de Huelva. Em *I Focei dall Anatolia all Oceano. Colloque Velia et les Phocéens: Bilan des recherches dix ans après (Napoli 1981), La Parola del Passato* (Vol. 37, pp. 393-406). Nápoles.

Olmos, R. (1984). Interprétations ibèriques des vases grecs: le IV e.s. av JC, Ancient Greek and Related Pottery. Em *Proceedings of the International Vase Symposium, Amsterdam 12-15 april 1984* (pp. 218-223). Amsterdam.

Olmos, R. (1986). Los griegos en Tartesos: replanteamiento arqueológico-histórico del problema. Em *Homenaje a Luis Siret (1934-1984)* (pp. 584-600). Sevilla: Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.

Olmos, R. (1987). Comastas en Tartesos. En torno a la iconografia del vino y la danza simposíaca en la península ibérica. Em *Homenaje a Francisco Rodríguez Adrados* (pp. 683-696). Madrid: Ed. Gredos.

Olmos, R. (1993-1994). Cerámica griega del castillo de Fuengirola (Málaga), *Mainake XV-XVI*, pp. 109-114. Málaga.

Olmos, R. (1994). La cerámica griega. Em *Excavaciones Arqueológicas en España 171* (pp. 231-242). Madrid: Ministerio de Cultura.

Olmos, R., & Cabrera Bonet, P. (1980). Un nuevo fragmento de Clitias en Huelva, *Archivo Español de Arqueología 53*, pp. 5-11. Madrid.

Olmos, R., & Garrido, J. P. (1982). Cerámica griega en Huelva. Un informe preliminar. Em *Homenaje a Sáenz de Burruaga* (pp. 243-264). Badajoz: Diputación Provincial de Badajoz.

Olmos, R., & Griño, B. (1982). La patera de Santiesteban del Puerto (Jaén). Em *Estudios de Iconografía I. Catálogos y Monografías 6*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.

Olmos, R., & Picazo, M. (1979). Zum Handel mit griechische Vasen und Bronzen auf der Iberischen Halbinsel. *Madrider Mitteilungen 20*, pp. 184-201. Madrid.

Olmos, R., Tortosa, T., & Iguácel, P. (1992). La sociedad ibérica a través de la imagen. Em R. Olmos (Coord.) (pp. 33-167). Madrid: Ministerio de Cultura, Madrid.

Orton, C., Tyers, P., & Vince, A. (1993). *Pottery in Archaeology.* Cambridge: Cambridge University Press.

Osório, M., & Silva, A. (1994). Intervenção arqueológica municipal no Porto. Resultados, problemas e potencialidades. Em *Actas do 2º Encontro de Arqueologia Urbana* (pp. 87-102). Braga.

Pachón Romero, J., Carrasco Rus, J., & Aníbal González, C. (2007). Realidad imitada, modelo imaginado, o revisión de las tradiciones orientalizantes en tiempos ibéricos, a través de la crátera de columnas de Atalayuelas (Fuerte del Rey /Torredelcampo, Jaén), *Antiqvitas*, nº 18-19, pp. 17-42.

Page Del Pozo, V. (1984). Imitaciones de influjo griego en la cerámica ibérica de Valencia, Alicante y Murcia. *Iberia Graeca, Serie arqueológica, 1*. Madrid.

Paixão, A. C. (1983). Alcácer do Sal. *Informação Arqueológica, 3,* pp. 55-59.

Pallarés Salvador, F. (1974). El pecio del Sec y su significación histórica. Em Enric Sanmartí Grego, & Eduardo Ripoll Perelló (Coord.), *Simposio internacional de colonizaciones* (pp. 211-217). Barcelona.

Palma, Mª. F. (2009) *Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local*. Tese de mestrado. Edição Policopiada.

Palma, Mª. F. (2016). Arqueologia urbana na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola, *Arqueologia Medieval 13*. Edições Afrontamento.

Paris, P. (1904). *Essai sur l'art et l'industrie de L'Espagne primitive*, Paris.

Patiño, M. J. (1995). Estado actual de la investigación sobre la cerámica griega en Castilla-La Mancha. Em *Actas del Primer Congreso de Historia de Castilla-La Mancha* (pp. 301-307). Toledo.

Paulo, D., & Beja, N. (2002). *Relatório de Progresso/2001. Sondagens no Museu de Faro*.

Paulo, D., & Beja, N. (2003). *Relatório de Progresso/2002. Sondagens no Museu de Faro*.

Paulo, L. C. (2006). *Tavira Islâmica. A Cidade e o Território*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Paz Viruet, A. (2016). Contactos comerciales entre las culturas púnicas y castreñas de la Peninsula Ibérica en la Edad del Hierro. Investigatión Arqueológica realizada y Estado de la Cuestión. Em R. Cordeiro Macenlle, & A. Vázquez Martínzez (Edits.). *Estudo de Arqueoloxía Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores* (pp. 127-144). Santiago de Compostela.

Pellicer Catalán, M. (1964). Excavaciones en la necrópolis púnica Laurita del Cerro de San Cristobal (Almuñecar, Granada). Em *Excavaciones Arqueológicas de España 17*, Madrid: Dirección General de Bellas Artes, Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas.

Pellicer Catalán, M. (1978). Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Ceno Macareno (Sevilla), *Habis 9*, pp. 365-400.

Pellicer Catalán, M. (1982). Las ceramicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronologia según el Cerro Macareno (Sevilla), *Madrider Beitilige*, 8, pp. 371-402.

Pellicer Catalán, M. (2000). El Proceso orientalizante en el Occidente Ibèrico, *Huelva Arqueológica, 16*, pp. 89-134.

Pellicer, Catalán, M., Escacena, J. L., & Bendala Galán, M. (1983). El Cerro Macareno, *Excavaciones Arqueológicas en España, 124*.

Pimenta, J. (2005). *As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Pimenta, J., & Arruda, A. M. (2014). Novos dados para o estudo de Chões de Alpompé (Santarém), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, pp. 375-392.

Pereira, A. R., Dias, J. M., & Laranjeiras, M. M. (1994). Contribuições para a geomorfologia e dinâmicas litorais em Portugal, *Rel*. n.º 35, pp. 75 -89. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Pereira, G. R. (2011). *Dinâmicas Culturais e Influências Meridionais no NW Peninsular: Intercâmbios Púnicos entre os Séculos VI e III a.C.* Tese e Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.

Pereira, I. (1993). Figueira da Foz, Santa Olaia, *Estudos Orientais*, 4, pp. 295-304.

Pereira, I. (1996). Santa Olaia. Em J. A. (coord.), *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a.C.* (pp. 60-65). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Pereira, I. (1997). Santa Olaia et le commerce atlantique. Em *Itineraires Lusitanens* (pp. 209-253). Paris: Diffusion de Boccard.

Pereira, I. (2009). As actividades metalúrgicas na Iª e IIª Idade do Ferro em Santa Olaia - Figueira da Foz, *Conimbriga XLVIII*, pp. 61-79.

Pereira, I. (2012). Santos Rocha e o estudo da Idade do Ferro em Portugal. Em R. Vilaça, & S. Pinto, *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu tempo,* (pp. 115-131). Figueira da Foz: Casino Figueira.

Pereira, T. (2008). *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto*. Tese de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Edição policopiada.

Pérez Macías, J.A. (1996). *La metalurgia extractiva prerromana en Huelva*. Huelva.

Picazo, M. (1977). *La cerámica ática de Ullastret*. Barcelona.

Picazo, M., & Rouillard, P. (1976). Les skyphos attiques à decor reservé et surpeint de Catalogne et du Languedoc, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XII, pp. 7-25.

Pimenta, J., M. Calado, & M. Leitão (2005). Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8-2, pp. 313-334.

Pinto, D. (2003). Os artefactos metálicos do Crasto de Palheiros (Murça, Trás-os-Montes) e suas relações com a Proto-história peninsular. Em *Actas do Encuentro de Jóvenes Investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica (Salamanca)*, pp. 107-126. Salamanca.

Pinto, D. (2011). *O Crasto de Palheiros. Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica. vol. I e II*. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra.

Pinto, M. & Simão, I. (2009). *Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico. Antigo Parque de Festas, Tavira. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos.*

Pita, R. (1956). Mormur, Balaguer (Lérida), *Noticiario Arqueológico Hispanico III-IV*, p. 291. Madrid.

Pons, E. (Dir.) (2002). Mas Castellar de Pontós (Alt Empordà), Un complex arqueològic d'època ibèrica (excavacions 1990-1998), *Sèrie Monogràfica del Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona 21*. Girona.

Pons, E. *et alii.* (2016). El complex arqueològic ibèric de Mas Castellar de Pontós (Alt Empordà). Les campanyes d'excavació 2014-2015. Em *Tretzenes Jornades d'Arqueologia de les Comarques de Girona* (pp. 111-120). Banyoles.

Ponsich, M. (1969). Les céramiques d'imitation: la campanienne de Kouass. Région d'Arcila-Maroc, *AEA 42*, pp. 56-80.

Ponte, M. S. (1985). Algumas fibulas de Alcácer do Sal, *O Arqueologo Português, 4, 3*, pp. 137-153.

Presedo Velo, F. (1982). La necrópolis de Baza, *Excavaciones Arqueológicas en España., 119*.

Principal, J. (2000). Panorama de la vajilla ática durante el S.IV a.C. en la Cataluña occidental. Em *La céramique attique du IV e siècle en Méditerranée Occidentale, Actes du colloque internacional organisé par le Centre Camille Jullian, (Arles. 7-9 de décembre 1995)* (pp. 217-224). Nápoles.

Puig, A. M., & Martín, A. (2006). La colonia grega de Rhode (Roses, Alt Empordà), *Sèrie Monogràfica 23*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona.

Py, M., Adroher Auroux, A. M., & Sanchez, C. (2001). Corpus des céramiques de l'Âge du Fer de Lattes (fouilles 1963-1999), *Lattara, 14*.

Queiroga, F. (1987). Corte Estratigráfico no Castro de Penices, *Boletim Cultural, 7*, pp. 3-22.

Queiroga, F. (1992). *War and Castros. New aproaches to the northwestern Portuguese Iron Age.* Oxford: Oxford University.

Queiroga, F. (2015). As cabanas do Castro de Penices, e a evolução da arquitectura doméstica dos castros, *Portugália, Nova Série, vol. 36*, pp. 263-276.

Ramil González, E. (1999). Ortigueira, entre a cultura dos castros e a etapa alto medieval. Em VV.AA., *Historia de Ortigueira* (capítulo III, pp. 41-74). A Coruña: Ed. Vía Láctea.

Ramon Torres, J. (1995). *Las anforas fenicio-punicas del Mediterranèo central y occidental*. Barcelona.

Real, L. *et alii*. (1985-1986). Escavações Arqueológicas no Morro da Sé, *Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto 2ª Série*, pp. 28-31.

Recio, A. (1990). La cerámica fenicio-púnica, griega y etrusca del sondeo de San Agustín (Málaga), *Monografías 3*. Málaga: Servicio de Publicaciones Diputación Provincial de Málaga.

Rego, M., Guerrero O., & Gómez, F. (1996). Mértola: una ciudad mediterránea en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana. Em *Actas de las I Jornadas Transfronterizas sobre la Contienda hispano-portuguesa* (pp. 119-132). Aroche: Biblioteca de Estudios Arochenos.

Rey Castiñeiras, J. (1992). *Yacimientos castreños de la Vertiente Atlántica: análisis de la cerámica indígena*. Tesis doctoral publicada en microficha (nº 185). Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, Universidade de Santiago de Compostela.

Rey Castiñeira, J. (2005). La metalurgia castreña. Em A. C. Silva & P. Castiñeira Rey (Edits.), *Arte e Cultura castrexa de Galicia e Norte de Portugal* (Vol. 2). A Coruña.

Rey Castiñeira, J. (2014). A olaria castreja de tradição Minho. Em R. Morais, A. Fernández & M. J. Sousa (Coord). *Monografias Ex Officina Hispana II – As produções cerâmicas de imitação na Hispania*, Tomo I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ribeiro, E., & Ferreira, O. (1971). Acerca dos vasos com "janelas triangulares" do castro do Cerro Furado (Guadiana), *Revista de Guimarães, 81, 3-4*, p. 255-260. Guimarães.

Ribeiro, O. (1963). *Portugal, o Mediterrâneo e oAtlântico. Esboço de relações geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Ribeiro, C. A. & Santos, F. P. (2017). *Calçada D. Ana - 23, Tavira. Relatório Final de Tabalhos Arqueológicos*. Tavira.

Rich, A. (1873). *Dictionnuire de antiquités romaines et grecques*. Paris. 1873.

Richter, G. M. A., & Milne, M. J. (1935). *Shapes and Names of Athenian Vases*. Metropolital Museum.

Ripoll. E. (1983). *Els grecs a Catalunya*. Barcelona.

Ripollès, P. P. (2012). La numismática griega en Iberia: Cecas y circulación monetaria. Em X. Aquilué, & P. Cabrera Bonet (Coord.), *Iberia Graeca. El legado arqueológico griego en la Península Ibérica* (pp. 74-81). Girona.

Rocha, A. d. S. (1905-1908). Memórias e explorações arqueológicas II. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira, *Portugália 2*, pp. 302-356.

Rocha, A. d. S. (1909). Necrópole luso-romana do Molião, *Boletim da Sociedade Archaeologica, 3*, pp. 103-104.

Rocha, A. d. S. (1971). Estações Pré-Romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira, *Memórias e explorações Arqueológicas, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, Vol. 2.*

Rocha-Pereira, Mª H. R. (1962). *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Rodríguez Corral, J. (2008). Galicia Púnica, *Clío: Revista de Historia 80*, pp. 48-57.

Rodríguez Corral, J. (2009). *A Galicia Castrexa, Lóstrego*. Santiago de Compostela.

Rodríguez Pérez, D. (2019). La vida social de la cerámica ática en la península ibérica - la amortización de las copas Cástulo de tipo antiguo, *Archivo Español de Arqueología* 2019, 92, pp. 71-88.

Rouillard, P. (1975). *Les coupes attiques à Figures Rouges du IV s. en Andalusie.* (Vol. 11). Paris: Melanges de la Casa de Velazquez.

Rouillard, P. (1978). Les céramiques peintes de la Grèce de l´Est et leurs imitations dans la Péninsule Ibérique: Recherches preliminaires. Em *Les Céramiques de la Gréce de l´Est et leur Diffusion en Occident* (pp. 274-286). Paris-Nápoles.

Rouillard, P. (1985). Les Céramiques Grecques Archaiques et Classiques en Andalousie: Acquis et Approches. Em M. Picazo, & E. Sanmarti, *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica. Taula Rodona amb motiu del 75è Aniversari de les Excavacions d'Empuries. Monografies Emporitanes VII* (pp. 37-42). Barcelona: Diputació de Barcelona, Institut de Prehistòria i Arqueologia.

Rouillard, P. (1988-1989). Les vases grecs d' Alcácer do Sal (Portugal), *O Arqueólogo Português*, s.4, vol 6/7, pp. 43-108 Lisboa.

Rouillard, P. (1990). Les amphores massaliètes de l'embouchure de l'Ebre à l'Andalouisie. Em M. Bats (Dir.), *Les amphores de Marseille grecque, Chronologie et diffusion (VIe-Ier. s.av.J.C.), Actes de la table-ronde de Lattes (11 mars 1989), Études massaliètes* (Vol. 2, pp. 179-181). Aix en Provence.

Rouillard, P. (1991). *Les grecs et la Péninsule Ibérique du VIII au IV aoècle avant Jésus-Christ*. Paris: Diffusion de Boccard.

Rouillard, P. (2010). La cerámica griega en la necrópolis de Cabezo Lucero. Em L. Abad (Ed.), *Guardamar del Segura: Arqueología y Museo* (pp. 114-121). Alicante.

Rouillard, P., & De La Torre Castellano, I. (2014). Les coupes à tige attiques de Zacatin (Grenade); premières réflexions sur un lot de vases du IV e.s. av. J.-C), *Bastetania 2*, pp. 1-15. Baza-Granada.

Rouillard, P., De La Torre Castellano, I. & Sánchez Moreno, A. (2017). Las cerámicas griegas áticas de Fguras rojas de Zacatín (Granada, España), *Archivo Español de Arqueología* 90, pp. 271-298. Madrid.

Rouillard, P., *et alii.* (1992). *Cabezo Lucero, necrópolis ibérica, Catálogo de la Exposición.* Alicante.

Rovira, J., & Batista, R. (1987). *Memòria de les excavacions al Turó de Montgròs, el Brull.* Barcelona: Generalitat de Catalunya.

Rufete Tomico, J. (1990). Excavación arqueológica realizada en el solar nº8 de la calle Méndez Núnez, *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1987, III, pp. 280-284.

Rufete Tomico, P. (2001). El final de Tartessos y el período turdetano en Huelva, *Huelva Arqueológica 17*, pp. 3-204. Huelva: Diputación Provincial de Huelva.

Rufete Tomico, P. (2009). El Castrejón, un asentamiento de época romana republicana, *Huelva Arqueológica*, pp. 5-43.

Ruivo, J. (1999). Moedas do acampamento romano-republicano dos Chões de Alpompé (Santarém). Em R. Centeno, M. García-Bellido, & G. Mora (Edits.), *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania. Actas del II Encuentro Peninsular de Numismática antigua* (pp. 101-110). Madrid: CSIC.

Sanches, M. d. (1988). *Contribuição para o Estudo da Pré-história Recente do Planalto Mirandês. Trabalho apresentado no âmbito das provas públicas de aptidão pedagógica e capacidade científica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sanches, M. d. (1996). O Crasto de Palheiros – Murça. Notícia preliminar das escavações de 1995 e 1996. Em P. Bueno Ramírez, & R. Balbín Behrmann, *Actas do IIº Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 24 a 27 de setembro de 1996), II* (pp. 389-399). Zamora.

Sanches, M. d. (2000-2001). O Crasto de Palheiros - Murça. Do Calcolítico à Idade do Ferro, *Portugália, Nova Série, XXI-XXII*, pp. 5-40. Porto: Departamento de Ciencias e Técnicas do Património.

Sanches, M. d. (2003). Crasto de Palheiros-Murça. Reflexão sobre ascondições de estudo e interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica no Norte de Portugal. Em S. O. Jorge, *Recintos murados da pré-história recente. Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas. Mesa Redonda Internacional* (pp. 115-148). Porto: FLUP, DCTP, LCR, CEAUCP.

Sanches, M. d. (2006). Crasto de Palheiros-Murça (Northern Portugal). Considerations on the study and interpretation of a Prehistoric Mega-Constrution. Em *Journal of Iberian Archaeology, 6* (pp. 117-145). ADECAP.

Sanches, M. d. (2007). Cronologia absoluta e relativa da construção, uso e condenação do Crasto de Palheiros: uma exposição sintética. Em S. O. Jorge, A. M. Bettencourt, & I. Figueiral, *A concepção das paisagens e dos espaços na arqueologia da Península Ibérica. Actas do 4º congresso nacional de arqueologia peninsular - 2004* (pp. 107-120). Centro de Estudos do património da Universidade do Algarve.

Sanches, M. d. (2008). *O Crasto de Palheiros – Fragada do Crasto Murça – Portugal.* Murça: Câmara Municipal de Murça.

Sanches, M. d. (2016). Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros.A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal. Em R. Vilaça, & M. Serra, *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas* (pp. 85-125). Coimbra: FLUC, CEPBA, Palimpsesto - Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.

Sanches, Mª. J. & Pinto, D. (2005). O Crasto de Palheiros (Norte de Portugal). Notas sobre um povoado proto-histórico em Trás-os-Montes. Em *Actas do colóquio "O Castro - um lugar para habitar", Penafiel, 5-6 de novembro. Cadernos do Museu*, nº11 (pp. 41-61). Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.

Sánchez Fernández, C. (1981). La cerámica ática de Ibiza en el Museo Arqueológico Nacional, *Trabajos de Prehistoria, 38*, pp. 281-315.

Sánchez Fernández, C. (1987). Algunas observaciones sobre la cerámica atica de Ibiza. Em M. Picazo, & E. Sanmarti, *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibérica. Taula rodona amb motiu del 75è. Aniversari de les excavacions d'Empúries (Empúries, 18-20 de març 1983), Monografies Emporitanes, VII* (pp. 83-85). Barcelona.

Sánchez Fernández, C. (1989). Algunas consideraciones sobre el comercio de cerámica ática en Cástulo (Linares, Jaén): siglos V y IV a.C.. Em *Grecs et Ibères au IVe siècle avant Jésus-Christ. Commerce et iconographie, (Table Ronde Bordeaux 16-18 decembre 1986), Revue des Études Anciennes LXXXIX 3-4* (pp. 161-168). Bordeaux.

Sánchez Fernández, C. (1991). *El comercio de productos griegos en Andalucía Oriental en los siglos V y IV a.C. Estudio tipologico e iconográfico de la cerámica.* Madrid.

Sánchez Fernández, C. (1992a). *El comercio de productos griegos en Andalucía Oriental. Siglos V-IV a.C. Estudio tipológico e iconográfico de la cerámica,* Col. tesis doctorales nº 1495/92, Madrid.

Sánchez Fernández, C. (1992b). Las copas tipo Cástulo en la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria, 49,* pp. 327-333.

Sánchez Fernández, C. (1992c). Imágenes de Atenas en el mundo ibérico: análisis iconográfico de la cerámica ática del siglo IV a.C. hallada en Andalucía Oriental, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte 4*, pp. 23-34. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.

Sánchez Fernández, C. (1993). Las cráteras áticas procedentes de Galera (Granada) en el Museo Arqueológico Nacional, *Boletín Museo Arqueológico Nacional XI,* pp. 25-54. Madrid.

Sánchez Fernández, C. (1996). Códigos de lectura en iconografía griega hallada en la Península Ibérica. Em F. J. Martinez (coord.), *Al otro lado del espejo. Aproximación a la imagen ibérica* (pp. 73-84). Madrid.

Sánchez Fernández, C. (2000a). Los pintores del Grupo de Telos. Em *La céramique attique du IV siècle en Méditerranée occidentale* (pp. 35-46). Nápoles: Centre Jean Bérad.

Sánchez Fernández, C. (2000b). Vasos griegos para los príncipes ibéricos. Em P. Cabrera Bonet, & C. Sánchez Fernández (Edits.), *Tras las huellas de Heracles, Catálogo de la Exposición* (pp. 179-193). Madrid: Museo Arqueológico Nacional.

Sanmartí, E. (1978). La cerámica campaniense de Emporion y Rhode, *Monografies Emporitanes, IV*, 2 vols. Barcelona.

Sanmartí, E. (1988). Datación de la muralla griega meridional de Ampurias y caracterización de la facies cerámica de la ciudad en la primera mitad del siglo IV a. de J.C. Em *Colloque Grecs et Ibères (Bordeaux 1986), Revue des Études Anciennes (REA) X* (pp. 99-137). Bordeaux.

Sanmarti, E. & Nolla, J. M. (1986). Informe preliminar sobre l'excavacio d'una torre situada a ponent de la ciutat grega d'Empuries. Em *Protohistoria Catalana, 6e Coloqui lnternacional d Arqueologia de Puigcerda* (pp. 159-191). Barcelona.

Sanmarti, J., Alvarez, R., & Asensio. D. (1995). La cerámica ática del yacimiento del Turó del Vent (Llinars del Vallès, Vallès Occidental, Barcelona) conservada en el Museu Municipal Joan Pla i Gras., *Verdolay 7,* pp. 187-197. Murcia.

Sanmartí Grego, E., *et alii.* (1986). *Las estructuras griegas de los siglos VI y IV a. de J. C., halladas en el sector sur de la Neápolis de Ampurias (campaña de excavaciones del año 1986).* Barcelona: Generalitat de Catalunya.

Schubart, H. (1975). Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel, Text. *Madrider Forschungen* 9, Vol 1. Berlin: Walter de Gruyter & Co. / Deutsches Archaologisches Institut. Abteilung Madrid.

Schüle, W. (1969). Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel. *Madridder Forschungen* 3. Berlin.

Seixas, M. T. (1996). *Cerâmica proto-histórica do Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha). Análises Físicas e Químicas.* Tese de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.

Shefton, B. B. (1982). Greeks and Greeks Imports of the Iberian Peninsula. The archaeological evidence. Em *Phoniker in Westen*. Koln.

Shefton, B. B. (1995). Greek imports at the extremities of the Mediterranean, West and East: reflections on the case of Iberia in the fifth century BC. Em B. Cunliffe, & S. Keay (Edits.), *Social complexity and the development of towns in Iberia. From the Copper Age to the Second century AD.* (pp. 127-156). Oxford: Oxford University Press.

Silva, A. C. (1986). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal.* Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

Silva, A. C. (2007, 2ª ed.). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal.* Paços de Ferreira: Câmara Municipal.

Silva, A. C., & Gomes, M. V. (1992). *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, C. T. (2001). A Idade do Ferro na região do Baixo Sado: contribuições recentes, *Discursos [Em linha]: língua, cultura e sociedade,* nº especial (fev. 2001), pp. 79-100.

Silva, C. T. da & Soares, J. (1997). Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996, *Estudos Orientais, 6,* p. 33-66. Lisboa.

Silva, C. T. da & Soares, J. (2012). Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C.. Em I. C. Fernandes, & M. T. Santos (Coord.), *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela.

Silva, C. T. & Soares, J. (2014). O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura, *Setúbal Arqueológica,* vol. 15, pp. 105-172.

Silva, C. T., *et alii*. (1980-1981). Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979), *Setúbal Arqueológica* 6-7, pp. 149-218.

Siret, L. (1906). *Villaricos y Herrerías. Antigüedades púnicas, romanas, visigóticas y árabes.* Madrid: Arráez Editores y Ayuntamiento de Cuevas de Almanzora, Almería.

Smith, P. (1985). Restos de la Edad del Hierro en Matienzo, *Altamira* 45, pp. 45-66.

Soares, A. M. (2001). O Castelo Velho de Safara. Notícia preliminar, *Vipasca, 10*, pp. 57-64.

Soares, A. M. (2005). *Variabilidade do "upwelling" costeiro durante o Holocénico nas margens atlânticas ocidental e meridional da Península Ibérica.* Faro: Faculdade de Ciências do Mar e do Ambiente, Universidade do Algarve.

Soares, A. M. (2011). Upwelling, efeito de reservatório, radiocarbono: construção de cronologias absolutas e inferências paleoambientais. Em A. M. S. Bettencourt, M. I. C. Alves, & S. Monteiro-Rodrigues (Edits.), *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular* (p. 11-21). Braga: APEQ/CITCEM.

Soares, A. M., & Arruda, A. M. (2016). A cronologia de radiocarbono para a Idade do Ferro Orientalizante no território português. Uma leitura crítica dos dados arqueométricos e arqueológicos. Em *Iber-Crono Actas del congreso de Cronometrías para la Historia de la Peninsula Ibérica, 17-19 de Octubre 2016*. Barcelona.

Soares, A. M., & Braga, J. (1986). Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa. 1º Encontro de Arqueologia da Região de Beja, 17-19 de Janeiro de 1986, *Arquivo de Beja, 2, 3,* pp. 167-198. Beja.

Soares, A. M., Araújo, M. F., & Cabral, J. M. P. (1985). O Castelo Velho de Safara: Vestígios da Prática da Metalurgia, *Arqueologia, 11,* pp. 87-94. Porto.

Soares, A. M., Araújo, M. F., & Valério, P. (2005). Um novo vestígio da prática da metalurgia no Castelo Velho de Safara (Moura), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, nº. 2, pp. 215-224.

Soares, R. M. (2012). O *Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura).* Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Soares, R. (2017). A cerâmica grafitada e o seu contexto, entre a margem esquerda do Guadiana e a Serra de Aracena, *ONOBA, 5*, pp. 171-193.

Soares, J., & Silva, C. T. da (1986). Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. Em *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)* (pp. 87-101). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

Solier, Y. (1969). Note sur les potiers pseudo-campaniens Nikias et Ion, *Revue Archéologique de la Narbonnaise*, 2, pp. 29-48.

Sousa, E. M. (1996). Cerâmicas ditas campanienses e de imitação conservadas no Museu Regional de Sintra, *Conimbriga*, 35, p. 37-58. Coimbra.

Sousa, E. (2009). *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*. Lisboa: Uniarq.

Sousa, E. (2014). *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Sousa, E., & Arruda, A. M. (2010). A Gaditanização do Algarve, *Mainake*, Vol. XXXII (II), pp. 951-974. Málaga: Universidad de Málaga.

Sousa, E. & Arruda, A. M. (2018). A I Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém (Portugal): os resultados da campanha de 2001, *Onuba 6*, pp. 57-95.

Sousa, E., & Pimenta, J. (2014). A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. Em R. Morais, A. Fernández, M. Sousa (Edits.), *As Produções cerâmicas de Imitação na Hispânia I*, (pp. 267-279). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sousa, E. & Serra, M. (2006). Resultados das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos), *Xelb* 6, 1, pp. 5-20.

Sousa, Mª. J. de (2015). Uma habitação do século XI/XII sob a Muralha do Castelo dos Mouros de Sintra – Evidências Arqueológicas de um contexto doméstico. Em *X Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves, Outubro de 2015.

Sparkes, B. A., & Talcott, L. (1970). *The Athenian Agora, volume XII. Black and plain pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C.* Princeton: The American School of Classical Studies at Athens.

Suárez Otero, J. (2004). Cipo de Toralla y posible altar púnico de Alcabre, siglos V-II a.C.. Em *Vigo, Museo Quiñones de León y Museo do Mar de Galicia, Hasta el confín del mundo: diálogos entre Santiago y el mar,* 40. Vigo: Xunta de Galicia.

Suárez Otero, J., & Fariña Busto, F. (1990). A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra); definición e interpretación de un yacimiento castreño atípico. Apuntes para un estudio de los intercambios protohistóricos en la costa atlántica peninsular, *Mitteilungen 31*, pp. 309-337.

Talcott, L. (1935). Attic Black-glazed stamped ware and other pottery from a fifth century well, *Hesperia* 4, pp. 477-523.

Teixeira, R., & Fonseca, V. (2009/2010). *Intervenção Arqueológica. Requalificação do espaço público no Morro da Sé, Porto. Relatório Final*. Matosinhos: Arqueologia & Património Lda.

Trindade, M. J. F. (2007): Geoquímica e mineralogia de argilas da bacia algarvia: transformações térmicas. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro. Edição policopiada.

Torres Ortiz (2001). Los fenicios en el Sudoeste de la Península Ibérica. La colonización Fenícia de Occidente. Estado de la investigación en los inícios del siglo XXI. Em *Actas de las XVI Jornadas de Arqueología fenício-púnica* (pp. 49-68). Ibiza.

Trías de Arribas, G. (1967-1968). *Cerámicas griegas de la Península Ibérica*. Valencia: William L. Bryant Foudation.

Trías de Arribas, G. (1987). El Sec: la cerámica ática de figuras rojas. Em *Grecs et ibères au IV e siècle avant Jésus-Christ. Commerce et iconographie, Table Ronde Bordeaux 16-18 decembre 1986, Revue des Études Anciennes LXXXIX 3-4* (pp. 21-49). Bordeaux.

Ure, P. N. (1934). *Aryballoi & Figurines from Rhitsona in Boeotia. An Account of the Early Archaic Pottery and the Figurines, Archaic and Classical, with Supplementary Lists of the Finds of Glass, Beads, and Metal, from Excavations made by R.M. Burrows and P.N.Ure in 1907, 1908, 1909 and by P.N. and A.D. Ure in 1921 and 1922*. Cambridge.

Valente, G. E Soares, R. (no prelo). A Idade do Ferro no Castelo de Moura: resultados das sondagens para instalação do Posto de Recepção ao Turista, Em *IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular.*

Valério, P. *et alii.* (2003). Archaeometallurgical Studies of Prehistorical Artefacts from Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal). Em *Proceedings of the International Conference Archaeometallurgy in Europe* (vol. 1. pp. 327-336). Milão: Associazione Italiana di Metallurgia.

Vallet, G., & Villard, F. (1964). *Mégara Hyblaea, 2: La céramique archaique (École française de Rome, Mélanges d' archéologie et d'histoire, Suppléments 1).* Paris: E. de Boccard.

Vasconcelos, J. L. (1915). *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*, pp. 184 – 188. Lisboa: Imprensa Nacional.

Vasconcelos, J. L. (1918). Pelo Sul de Portugal, *O Arqueólogo Português*, 23, pp. 104-138.

Vasconcelos, J. L. (1924). Figuras de bronze antigas do Museu Ethnologico Português: Toiro de bronze de Safara, *O Archeólogo Português, 1, 26,* pp. 19-42. Lisboa.

Veiga, E. (1910). Antiguidades Monumentaesdo Algarve, *O Archeologo Português,* XV, pp. 211-233. Lisboa.

Viana, A., Formosinho, J., & Ferreira, O. V. (1952). Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião, *Revista de Guimarães*, 62, 1-2, pp. 133-142. Guimarães.

Viana, A., Ferreira, O. Da V., & Serralheiro, Pe. A. (1956). Apontamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar. Em *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol daAssociação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, VIII, (pp. 461-470). Coimbra.

Villanueva, M. C. (1986). À propos des lécythes attiques à figures noires en provenance de la Péninsule Ibérique. Quelques remarques d'iconographie dionysiaque. Em *Revue des Études Anciennes (REA) LXXXVIII* (pp. 359-377). Bordeaux.

Vives y Escudero, A. (1917). *Estudio de arqueología Cartaginesa: La necropoli de Ibiza.* Madrid: Blass.

Wachsmann, S., *et alii.* (2009). The Palaeo-Environmental Contexts of Three Possible Phoenician Anchorages in Portugal, *The International Journal of Nautical Archaeology*, pp. 221-253.

Williams, C. K., & Fisher, J. E. (1972). Corinth, 1971: Forum Area, *Hesperia* 41, pp. 143-184

Zbyszweski, G., Ferreira, O. da V., & Santos, C. (1968). Acerca do campo fortificado de Chões de Alpompé (Santarém), *O Arqueólogo Português III-2,* pp. 49-57.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ARV² - D. Beazley, Attic Red-Figure Vase-Painters, 2nd edition, Oxford 1963.

CVA - *Corpus Vasorum Antiquorum*.

Paralip - J. D. Beazley, Paralipomena. Additions to Attic Black-Figure Vase-Painters and Attic Red-Figure Vase-Painters, Oxford 1971.

VGP - Arruda, A. M. (2007c). Cerâmicas gregas encontradas em Portugal. Em M. H. Rocha Pereira (Ed.), Vasos gregos em Portugal - Aquém das colunas de Hércules (pp. 135-149). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.